MIKE TYSON

mike

a verdade nua e crua

AUTOBIOGRAFIA

Contém fotos exclusivas

Benvirá

MIKE TYSON

a verdade nua e crua

MIKE TYSON

a verdade nua e crua

MIKE TYSON
COM LARRY SLOMAN

Benvirá

Copyright © 2013, Tyrannic Literary Company LLC
Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB
Título original: *Undisputed Truth*

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Luiza Del Monaco e Paula Carvalho
Edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix

Tradução: Irina de Plato, Pedro Barros, Renata Bottini, Roberto Candido Francisco, Thais Rocha
Preparação: Eloíza Rodrigues / Tikinet
Revisão: Otavio Corazzim, Glaiane Q. Campos e Cristiane Yagasaki / Tikinet
Diagramação: Carlos Eduardo Chiba e Maurício Marcelo / Tikinet
Capa: Bruno Sales
Imagem de capa: AFP/Getty Images

Conversão eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T988m
Tyson, Mike, 1966-
Mike Tyson: a verdade nua e crua / Mike Tyson, Larry Sloman ; tradução Roberto Candido Francisco … [et al.]. - 1. ed. - São Paulo : Saraiva, 2014.
recurso digital : il.

Tradução de: Undisputed truth
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-0220-973-2 (recurso eletrônico)

1. Tyson, Mike, 1966-. 2. Boxe - Estados Unidos. 3. Boxeadores - Estados Unidos - Biografia. I. Sloman, Larry. II. Título.

14-10583 CDD: 927.9683

CDU: 929:796

1ª edição, 2014
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva S/A Editores Livreiros. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à
Benvirá, um selo da Editora Saraiva
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

545.097.001.001

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Sumário

PRÓLOGO
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
EPÍLOGO E PÓS-ESCRITO AO EPÍLOGO
CADERNO DE FOTOS
SOBRE O LÉXICO

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

PASSEI A MAIOR PARTE das seis semanas entre minha condenação por estupro e minha sentença viajando pelo país e me encontrando com todas as minhas inúmeras namoradas. Foi a minha maneira de me despedir delas. E, quando eu não estava com elas, dispensava todas as mulheres que se ofereciam a mim. Onde quer que eu estivesse, sempre havia mulheres que se aproximavam de mim e me diziam: "Vamos lá, eu não vou dizer que você me estuprou. Você pode vir comigo. Deixo você filmar". Mais tarde, percebi que esse era o jeito que elas tinham de dizer "Nós sabemos que você não fez aquilo". Mas eu não entendia dessa forma. Eu ficava indignado e revidava com uma resposta grosseira. Mesmo que estivessem dizendo aquilo para me apoiar, eu estava magoado demais para perceber. Eu era um cara ignorante, insano e amargurado – ainda tinha muito que amadurecer.

Mas um pouco da minha raiva era compreensível. Eu era um garoto de 25 anos de idade que teria de encarar 60 anos de prisão por um crime que não cometi. Vou repetir aqui o que disse perante o grande júri, durante o julgamento, no meu sentenciamento, na minha audiência de condicional, depois que saí da prisão… e vou continuar a repetir até o dia em que for enterrado: eu não estuprei Desiree Washington. Ela sabe disso, Deus sabe disso, e ela tem de arcar com as consequências de suas ações pelo resto da vida.

Meu promotor de lutas, Don King, continuou me garantindo que eu iria me livrar dessas acusações. Ele me disse que estava trabalhando nos bastidores para fazer o caso desaparecer. Além disso, ele tinha contratado Vince Fuller, o melhor advogado que honorários de 1 milhão de dólares podiam comprar. Vince, por acaso, era apenas o advogado tributário do Don. E Don

provavelmente ainda lhe devia dinheiro. Mas eu sabia desde o começo que não seria tratado com justiça. Não estava sendo julgado em Nova York ou em Los Angeles; estávamos em Indianápolis, Indiana, historicamente um dos redutos da Ku Klux Klan. A juíza do meu caso, Patricia Gifford, era uma ex-promotora de crimes sexuais conhecida como "a Juíza Enforcadora". Eu tinha sido considerado culpado por um júri de "pares", dos quais só dois eram negros. Outro membro negro do júri tinha sido liberado pela juíza depois de um incêndio no hotel onde os jurados estavam hospedados. Ela o dispensou por causa de seu "estado de espírito". Sei!

Mas, na minha cabeça, eu não tinha pares. Eu era o peso-pesado campeão mais jovem da história do boxe. Era um titã, a reencarnação de Alexandre, o Grande. Meu estilo era impetuoso, minha defesa inexpugnável, e eu era feroz. Era incrível como minha baixa autoestima e meu enorme ego como lutador podiam me levar a delírios de grandeza. Mas, depois do julgamento, esse deus entre os homens tinha de levar seu rabo preto de volta ao tribunal para receber sua sentença.

Antes disso, tentei alguma intervenção divina. Calvin, meu grande amigo de Chicago, me contou sobre uma mulher praticante de magia negra que poderia lançar um feitiço para me livrar da cadeia.

"Você mija num jarro, em seguida coloca cinco notas de 100 dólares dentro dele, depois deixa o jarro debaixo da sua cama durante três dias; aí você leva o jarro para ela, e ela vai orar por você sobre ele", Calvin me disse.

"Aí, a feiticeira vai pegar a pilha de notas mijadas de dentro do jarro, vai lavar todas elas e em seguida vai às compras. Você ia se importar se alguém te desse uma nota de cenzinho mijada?", perguntei ao Calvin. Eu tinha fama de jogar dinheiro fora, mas aquilo era demais até para mim.

Depois, alguns amigos tentaram me levar até um sacerdote vodu. Mas eles me apresentaram um cara de terno. Não parecia um voduzeiro nem a pau. Aquele imbecil deveria estar usando uma daquelas batas coloridas. Eu sabia que o cara não era de nada. Ele nem ao menos tinha planejado uma cerimônia. Simplesmente

escreveu uma merda num pedaço de papel e tentou me convencer de uma besteira qualquer. Queria que eu me besuntasse com um óleo esquisito, rezasse e bebesse uma água especial. Mas, porra, eu costumava beber Hennessy. Não tinha a menor chance de eu aguar meu Hennessy.

Então resolvi arranjar um sacerdote de santeria para fazer uma dessas merdas de curandeiro. Nós fomos ao tribunal uma noite com um pombo e um ovo. Deixei o ovo cair no chão enquanto o pássaro era solto, e gritei: "Estamos livres!" Uns dias depois, coloquei meu terno cinza de risca de giz e fui para o tribunal.

Após a leitura do veredito, meus advogados de defesa tinham feito um memorando para ser apresentado em meu favor antes da sentença. Era um documento impressionante. O dr. Jerome Miller, diretor clínico do Instituto Augustus, na Virgínia, e um dos maiores especialistas do país em criminosos sexuais adultos, me examinou e concluiu que eu era "um jovem sensível e ponderado, com problemas relacionados mais a déficits de desenvolvimento do que patológicos". Ele estava convencido de que, com psicoterapia regular, meu prognóstico no longo prazo seria muito bom. E concluiu: "A pena de prisão vai atrasar ainda mais o processo e muito provavelmente vai fazê-lo regredir. Eu recomendo fortemente que sejam consideradas outras opções com potencial tanto para dissuasão quanto para tratamento". Naturalmente, os agentes da condicional que prepararam o documento da sentença deixaram esse último parágrafo fora da súmula, mas estavam ávidos para incluir a opinião da acusação: "Uma avaliação dessa ofensa e desse criminoso leva o investigador-chefe do caso, um experiente detetive de crimes sexuais, a concluir que o réu tende a cometer crime semelhante no futuro".

Meus advogados prepararam um adendo com 48 testemunhos atestando meu caráter, de pessoas tão diferentes quanto meu diretor do ensino médio, meu assistente social do norte de Nova York, a viúva de Sugar Ray Robinson, minha mãe adotiva (Camille), meu hipnoterapeuta do boxe e seis namoradas minhas (e suas mães), que escreveram relatos comoventes de como eu tinha sido um perfeito cavalheiro com elas. Uma das minhas primeiras namoradas de

Catskill até escreveu à juíza: “Esperei três anos para ter relações sexuais com o senhor Tyson, e nenhuma vez ele me forçou ao que quer que fosse. Essa é a razão de eu amá-lo, porque ele ama e respeita as mulheres”.

Mas, claro, sendo Don quem era, ele tinha de exagerar. Conseguiu que o reverendo William F. Crockett, o Grão-Mestre Cerimonial Imperial do Santuário Místico dos Nobres da Antiga Ordem Árabe-Egípcia das Américas do Norte e do Sul, escrevesse uma carta em meu favor. O reverendo escreveu: “Rogo-vos que o poupem do encarceramento. Embora eu não tenha falado com Mike desde o dia de seu julgamento, recebi a informação de que ele não diz mais blasfêmias nem vulgaridades, que tem lido a Bíblia diariamente, rezado e treinado”. Claro, era tudo balela. Ele nem sequer me conhecia.

Então foi a vez de Don escrever uma carta pessoal e sincera à juíza. Pelo seu relato, se poderia pensar que eu tinha descoberto uma cura para o câncer, tinha um plano de paz para o Oriente Médio e cuidava de gatinhos doentes. Falou sobre meu trabalho na Fundação Make-A-Wish, visitando crianças doentes. Informou à juíza Gifford que todo ano, no Dia de Ação de Graças, a gente doava 40 mil perus para os necessitados e os famintos. Contou sobre a vez em que nos encontramos com Simon Wiesenthal e fiquei tão tocado que doei uma grande soma de dinheiro para ajudá-lo a caçar criminosos de guerra nazistas. Acho que o Don esqueceu que a Klan odiava tanto judeus quanto negros.

Isso continuou por oito páginas, com Don puxando meu saco eloquentemente. “É muito incomum para uma pessoa de sua idade se preocupar com seus semelhantes, ainda mais com o profundo senso de compromisso e dedicação que possui. Essas são qualidades divinas, qualidades nobres de amor, generosidade e altruísmo. É um filho de Deus: uma das pessoas mais gentis, sensíveis, carinhosas, amorosas e compreensivas que eu já conheci em 20 anos de experiência com lutadores de boxe.” Porra, Don é quem deveria ter proferido as alegações finais em vez do meu advogado. John Solberg, relações públicas do Don, foi direto ao ponto em sua carta à juíza Gifford. “Mike Tyson não é um canalha”, escreveu.

Eu podia até não ser um canalha, mas eu era um babaca arrogante. Fui tão arrogante no tribunal durante o julgamento que de maneira nenhuma eles iam pegar leve comigo. Mesmo no momento de desgraça, não fui uma pessoa humilde. Fiz todas aquelas coisas que escreveram naqueles relatos – dar dinheiro e perus às pessoas, zelar por elas, cuidar dos fracos e enfermos – porque eu *queria ser* essa pessoa humilde, não porque eu *era* essa pessoa. Queria desesperadamente ser humilde, mas eu não tinha uma gota de humildade sequer no meu corpo.

Assim, armados com todos os depoimentos atestando meu caráter, nós comparecemos novamente ao tribunal da juíza Patricia Gifford em 26 de março de 1992 para ouvir minha sentença. Testemunhas foram autorizadas, e Vince Fuller começou o processo chamando ao banco Lloyd Bridges, diretor-executivo do Riverside Residencial Center, em Indianápolis. Minha equipe de defesa estava argumentando que, em vez da pena de prisão, minha sentença deveria ser suspensa e eu deveria cumprir liberdade condicional numa casa de recuperação, onde eu pudesse combinar a terapia pessoal com a prestação de serviços à comunidade. Bridges, um pastor ordenado, administrava exatamente um programa desses e testemunhou que eu certamente seria um excelente candidato para sua instituição.

Mas a assistente da promotoria fez Bridges revelar que recentemente havia ocorrido quatro fugas de sua casa de recuperação. E, quando ela conseguiu fazer o pastor admitir que tinha me entrevistado na minha mansão em Ohio e que a gente tinha pago sua passagem aérea, aquela ideia morreu na praia. Então, a questão era quanto tempo a Juíza Enforcadora me deixaria preso.

Fuller se aproximou do banco. Era hora de fazer sua mágica de milhões de dólares. Em vez disso, o que vi foram seus truquezinhos baratos de costume. “Tyson chegou aqui com excesso de bagagem. A imprensa o tem difamado. Não passa um dia sem que a imprensa relembre seus erros. Este não é o Tyson que conheço. O Tyson que conheço é um homem sensível, atencioso e zeloso. Ele pode ser aterrorizante no ringue, mas isso acaba quando termina a luta.” Bem, isso estava longe de ser o hiperbólico Don King, mas até que

não estava ruim. Só que Fuller tinha acabado de passar todo o julgamento me retratando como um animal selvagem, um sujeito bronco, interessado unicamente na satisfação sexual.

Na sequência, Fuller passou a falar sobre minha pobre infância e minha adoção pelo lendário treinador de boxe Cus D'Amato.

"Mas há uma tragédia nisso", enfatizou. "D'Amato só tinha foco no boxe. Tyson, o homem, era secundário para Cus D'Amato em sua busca pela grandiosidade de Tyson no boxe". Camille, companheira de Cus por muitos anos, ficou indignada com sua declaração. Era como se Fuller estivesse mijando no túmulo de Cus, meu mentor. Fuller falou e falou, mas estava tão desarticulado quanto tinha estado durante todo o julgamento.

Agora era a minha vez de me dirigir ao tribunal. Levantei-me e fiquei atrás da tribuna. Eu realmente não tinha sido preparado corretamente e sequer tinha qualquer anotação. Mas tinha na mão um pedaço de papel daquele babaca voduzeiro. E sabia uma coisa: eu não ia pedir desculpas pelo que se passou no meu quarto de hotel naquela noite. Pedi desculpas à imprensa, ao tribunal e às outras concorrentes do Miss América Negra, onde conheci Desiree, mas não pelas minhas ações no meu quarto.

"Minha conduta foi meio grosseira. Concordo com isso. Eu não estuprei ninguém. Não tentei estuprar ninguém. Sinto muito." Então olhei para Greg Garrison, o promotor – ou perseguidor, no meu caso.

"Minha vida pessoal foi encarcerada. Fui magoado. Tudo isso foi um grande pesadelo. Não vim aqui para implorar por misericórdia, senhora. Espero o pior. Fui crucificado. Fui humilhado em todo o mundo. Fui humilhado socialmente. Estou feliz por todo o apoio que recebi. Estou preparado para enfrentar o que quer que a senhora determine."

Sentei-me de novo atrás da mesa da defesa, e a juíza me fez algumas perguntas sobre ser um modelo de comportamento para as crianças. "Nunca me ensinaram como lidar com a minha condição de celebridade. Não digo às crianças que é certo ser como o Mike Tyson. Os pais são melhores como modelos de comportamento."

Agora, a acusação tinha a palavra. Em vez do caipira Garrison, que argumentou contra mim durante o julgamento, foi seu chefe, Jeffrey Modisett, o procurador do Condado de Marion, que se apresentou. Falou durante dez minutos, dizendo que homens com dinheiro e fama não devem receber privilégios especiais. Em seguida, leu uma carta de Desiree Washington. “Nas primeiras horas da manhã de 19 de julho de 1991, ocorreu uma agressão a meu corpo e minha mente. Fui fisicamente subjugada a tal ponto que meu eu mais íntimo me foi arrancado. No lugar daquilo que fui durante 18 anos, resta agora uma sensação de frio e vazio. Não sou capaz de falar o que o futuro me reserva. Só posso dizer que todos os dias depois de ter sido estuprada têm sido uma luta para aprender a confiar de novo, para sorrir da maneira que eu sorria e para reencontrar a Desiree Lynn Washington que foi roubada de mim e das pessoas que me amam em 19 de julho de 1991. Nas ocasiões em que fiquei com raiva pela dor que meu agressor me causou, Deus me concedeu a sabedoria para ver que ele estava psicologicamente doente. Embora em certos dias eu chore ao ver a dor em meus próprios olhos, sou também capaz de piedade para com meu agressor. Foi e ainda é o meu desejo que ele seja reabilitado.”

Modisett guardou a carta. “Desde a data de sua condenação, Tyson ainda não entendeu. O mundo está de olho agora para verificar se existe uma justiça única. É sua responsabilidade admitir seu problema. Curem esse homem doente. Mike Tyson, o estuprador, precisa ficar fora das ruas.” E então recomendou que eu cumprisse de oito a dez anos de cura atrás das grades.

Foi a vez de Jim Voyles falar a meu favor. Voyles era o advogado local contratado por Fuller para atuar como conselheiro local. Era um grande cara, compassivo, inteligente e engraçado. Dos meus advogados, era o único com quem eu tinha uma conexão. Além do mais, Jim era amigo da juíza Gifford e um cara despretensioso, que poderia agradar ao júri de Indianápolis. “Vamos com esse cara”, eu disse a Don no início do meu julgamento. Voyles teria me conseguido algum benefício, mas Don e Fuller o fizeram de bobo. Não o deixaram fazer coisa alguma. Simplesmente o excluíram. Jim

ficou frustrado também. Descreveu sua função a um amigo como "um dos carregadores de lápis mais bem pagos do mundo". Mas agora ele estava finalmente argumentando no tribunal. Falou veementemente a favor da reabilitação em vez do encarceramento, mas não lhe deram bola. A juíza Gifford já tinha tomado sua decisão.

Ela começou me cumprimentando por meu trabalho comunitário, meu tratamento de crianças e meu "compartilhamento de recursos". Mas então começou um discurso retórico sobre "estupro durante encontro", dizendo que esse era um termo que detestava. "Nós podemos dar a entender que está certo seguir em frente e fazer o que se quer fazer, se você conhece ou está saindo com uma mulher. A lei é muito clara em sua definição de estupro. Ela não menciona nada sobre o caso de réu e vítima terem alguma relação entre si. O 'encontro', no estupro durante encontro, não ameniza o fato de que ainda é estupro."

Minha mente estava vagando durante esse discurso. Realmente não tinha nada a ver comigo. A gente não estava num encontro; era apenas, como o grande comediante Bill Bellamy diria, sexo casual. Nada mais. Mas então voltei a prestar atenção.

"Sinto que há o risco de ele reincidir por causa de sua atitude", a juíza disse olhando para mim. "O senhor não tinha nenhum antecedente. O senhor recebeu diversos dons, mas cometeu um erro." Fez uma pausa.

"Pela primeira acusação, eu o sentencio a dez anos", disse.

"Puta do caralho", resmunguei bem baixinho. Comecei a me sentir paralisado. Essa era a acusação de estupro. *Que merda!, talvez eu devesse ter bebido aquela água vodu especial*, pensei.

"Pela segunda acusação, eu o sentencio a dez anos." Don King e meus amigos no tribunal engasgaram de forma audível. Essa acusação foi por ter usado meus dedos. Cinco anos por cada dedo. "Pela terceira acusação, eu o sentencio a dez anos." Essa foi por usar minha língua. Durante 20 minutos. Foi provavelmente um recorde mundial – a cunilíngua mais longa realizada durante um estupro.

"As sentenças serão executadas simultaneamente", continuou. "Eu aplico uma multa de 30 mil dólares. Suspendo quatro desses 30

anos e o coloco em liberdade condicional por quatro anos. Durante esse tempo, o senhor entrará em um programa psicanalítico com o dr. Jerome Miller e realizará cem horas de trabalho comunitário com jovens delinquentes."

Nesse momento Fuller se manifestou e argumentou que eu deveria ser libertado sob fiança até que Alan Dershowitz, o famoso advogado de defesa, preparasse minha apelação. Dershowitz estava lá no tribunal, observando o pronunciamento da sentença. Assim que Fuller terminou seu argumento, Garrison, o vaqueiro caipira, tomou a palavra. Muita gente diria mais tarde que fui vítima de racismo, mas acho que caras como Modisett e Garrison estavam naquela mais para aparecer do que por qualquer outra coisa. Eles realmente não se preocupavam com o resultado legal final, pois só tinham na cabeça o desejo de verem seus nomes nos jornais e de serem figurões.

Então Garrison se levantou e alegou que eu era um "estuprador violento culpado, que poderia repetir o crime. Caso o réu não seja afastado da sociedade, a gravidade do crime será negligenciada, a qualidade da aplicação da lei será rebaixada, outras pessoas inocentes serão expostas e um homem culpado poderá continuar com seu estilo de vida".

A juíza Gifford concordou. Sem fiança. O que significava que eu iria direto para a prisão. Gifford estava prestes a bater o martelo e encerrar os trabalhos quando houve um tumulto no tribunal. Dershowitz havia se levantado abruptamente, pegado sua pasta e saído ruidosamente do tribunal resmungando: "Vou me empenhar para que a justiça seja feita". Houve certa confusão, mas então a juíza bateu o martelo na mesa. E estava tudo acabado. O xerife do condado veio para me levar em custódia. Levantei-me, tirei o relógio e o cinto e os entreguei, junto com minha carteira, para Fuller. Duas amigas minhas na primeira fila dos espectadores estavam chorando incontrolavelmente. "Nós amamos você, Mike", falaram soluçando. Camille se levantou e veio até nossa mesa. A gente se abraçou como forma de nos despedir. Então o xerife conduziu Jim Voyles e eu para fora do tribunal pela porta dos fundos.

Eles me levaram para baixo, para o posto de expedição. Fui revistado, colheram minhas impressões digitais e passei por todo o processo habitual. Havia uma multidão de repórteres esperando do lado de fora, cercando o carro que me levaria para a prisão.

"Quando a gente sair, lembre-se de manter seu paletó sobre as algemas", Voyles me aconselhou. Ele estava falando sério? Lentamente, o entorpecimento estava passando e a fúria me dominando. Eu deveria ter vergonha de aparecer com algemas? Essa é minha medalha de honra. Se eu esconder as algemas, serei um cuzão. Jim pensou que esconder minhas algemas me impediria de sentir vergonha, mas *isso* teria sido a vergonha. Eu tinha de ser visto com aquele aço em mim. Fodam-se todos os outros, as pessoas têm de me ver algemado. Eu estava indo para a escola dos guerreiros.

A gente saiu do tribunal e seguiu para o carro, e levantei meus punhos algemados com orgulho. Sorri, cínico, como se dissesse: "Dá para acreditar nessa merda?". Minha foto algemado saiu na primeira página dos jornais de todo o mundo. Entrei no carro da polícia, e Jim se espremeu ao meu lado no banco traseiro.

"É, menino da porteira, agora é só você e eu", brinquei.

Eles nos levaram para um centro de avaliação para determinar o nível da prisão para a qual eu seria enviado. Eles me deixaram nu, mandaram que me abaixasse e fizeram uma revista de cavidade. Então me deram alguma merda parecida com um pijama e chinelos. Depois me despacharam para o Centro de Juventude de Indiana, em Plainfield, uma instalação para criminosos dos níveis 2 e 3. Quando cheguei ao meu destino final, estava tomado pela raiva. Eu iria mostrar a esses filhos da puta como cumprir pena. Do meu jeito. É engraçado, mas levei muito tempo para perceber que justamente aquela juizinha branca que me mandou para a prisão pode ter salvado minha vida.

1

A GENTE TINHA TRETA com uns caras chamados The Puma Boys. Isso foi em 1976, eu morava em Brownsville, no Brooklyn, e esses caras eram da minha vizinhança. Naquela época, eu estava andando com uma gangue da Rutland Road chamada The Cats, um bando de caras caribenhos de Crown Heights, perto dali. Nós formávamos uma quadrilha de roubo, e alguns amigos nossos da gangue tiveram uma pendenga com os Puma Boys; então nós fomos para o parque para dar cobertura. A gente não costumava andar com armas, mas, como eles eram nossos amigos, roubamos um monte de merda: algumas pistolas, uma Magnum.357 e um rifle longo M1 com baioneta, da Primeira Guerra Mundial. Nunca se sabe o que se pode encontrar quando se invade a casa dos outros.

Então, fomos andando pelas ruas segurando nossas armas, e ninguém veio para cima de nós, nenhum policial estava por perto para nos parar. Nós não tínhamos nem uma sacola para colocar aquele rifle enorme, por isso a gente se revezava, cada um carregando o rifle por alguns quarteirões.

"Ei, lá vai ele!", disse meu amigo haitiano Ron. "O cara com tênis Puma vermelho e gola alta vermelha." Ron tinha visto o cara que a gente estava perseguindo. Quando começamos a correr, a grande multidão no parque se abriu em duas, como Moisés dividindo o Mar Vermelho. Foi uma coisa boa que fizeram, porque, *bum!*, um dos meus amigos abriu fogo. Todo mundo desembestou quando ouviu o disparo.

Continuamos andando, e percebi que alguns dos Puma Boys tinham se protegido entre os carros estacionados na rua. Eu estava com o rifle M1 e me virei rapidinho, quando vi um cara grande com uma pistola apontada para mim.

“O que diabos você está fazendo aqui?”, disse para mim. Era meu irmão mais velho, Rodney. “Cai fora daqui, porra.”

Continuei andando, saí do parque e fui para casa. Eu tinha 10 anos de idade.

COSTUMO DIZER QUE EU era a ovelha negra da família, mas, pensando bem, vejo que, na verdade, fui um garoto gentil durante a maior parte da minha infância. Nasci no Hospital Cumberland, na parte de Fort Greene pertencente ao Brooklyn, Nova York, no dia 30 de junho de 1966. Minhas lembranças mais antigas são de estar no hospital – eu estava sempre doente, com problemas no pulmão. Uma vez, para receber um pouco de atenção, meti meu polegar no Drano, um solvente de limpeza para desentupir canos de esgoto, e, em seguida, coloquei o dedo na boca. Fui levado às pressas para o hospital. Lembro que minha madrinha me deu uma arma de brinquedo quando eu estava lá, mas acho que a quebrei na mesma hora.

Não sei muita coisa sobre minha história familiar. Minha mãe, Lorna Mae, era de Nova York, mas nasceu mais para o sul, na Virgínia. Uma vez, meu irmão foi visitar a região onde minha mãe foi criada e disse que lá não havia nada, a não ser gente morando em *trailers*. Então, na verdade, sou um negão de *trailer*. Minha avó Bertha e minha tia-avó costumavam trabalhar para uma senhora branca na década de 1930, época em que a maioria dos brancos não queria saber de negros trabalhando para eles. Bertha e a irmã ficaram tão gratas àquela senhora, que as duas deram o nome de Lorna a suas filhas, em homenagem a ela. Com o dinheiro do seu trabalho, Bertha mandou os seus filhos para a faculdade.

Talvez eu tenha recebido o gene do nocaute da família da minha avó. A prima da minha mãe, Lorna, me contou que o marido da senhora para quem Bertha trabalhava costumava espancar sua mulher, e Bertha não gostava nada daquilo. E ela era uma mulher grandalhona.

“Não coloque as mãos nela”, Bertha disse a ele.

Ele achou que minha avó estava brincando, e então ela lhe deu um soco e o homem caiu de bunda no chão. No dia seguinte, viu Bertha lá e disse: “Bem, como vai, senhorita Price?”. Ele parou de bater na sua esposa e se tornou um homem diferente.

Todo mundo gostava da minha mãe. Quando nasci, ela trabalhava como carcereira na Casa de Detenção Feminina, em Manhattan, mas estava estudando para ser professora. Estava indo para o quarto ano da faculdade quando conheceu meu pai. Como ele ficou doente, ela teve de abandonar os estudos para cuidar dele. Para uma pessoa com tanta educação, ela não tinha lá muito bom gosto para homens, não.

Não sei muita coisa sobre a família do meu pai. Na verdade, realmente não conheci muito o meu pai, ou o homem que me disseram que era meu pai. Na minha certidão de nascimento consta que meu pai era Percel Tyson. O único problema é que meu irmão, minha irmã e eu nunca conhecemos esse cara.

Disseram para nós que nosso pai biológico era Jimmy “Curlee” Kirkpatrick Jr., mas ele mal aparece na história. Conforme o tempo passava, eu ouvia comentários de que Curlee era cafetão e que costumava extorquir garotas. Então, de repente, começou a chamar a si mesmo de “Diácono da igreja”. É por isso que toda vez que ouço alguém se referindo a si próprio como reverendo digo: “Reverendo-barra-Cafetão”. Quando se pensa nisso mais a fundo, vê-se que esses caras religiosos têm o mesmo carisma de um cafetão. São capazes de levar qualquer pessoa na igreja a fazer o que eles quiserem. Então, para mim, é sempre “Sim, Bispo-barra-Cafetão”, “Claro, Reverendo-barra-Cafetão”.

De tempos em tempos, Curlee ia de carro até onde a gente morava. Ele e minha mãe nunca se falavam, ele só buzinava e a gente descia para se encontrar com ele. As crianças se amontoavam em seu Cadillac e a gente pensava que iria passear em Coney Island ou Brighton Beach, mas ele só dirigia ali por perto mesmo, durante alguns minutos, e depois voltava para o nosso prédio, dava um dinheirinho para a gente, dava um beijo na minha irmã, um aperto de mão em mim e no meu irmão, nada mais que isso. Quem sabe eu voltasse a vê-lo dali a um ano.

Primeiro, morei em Bed-Stuy, no Brooklyn. Era um bairro proletário decente na época. Todo mundo se conhecia. Tudo normal, mas nada tranquilo. Toda sexta e sábado, minha casa parecia Las Vegas. Minha mãe organizava uns carteados e convidava todas as amigas, muitas delas eram de vida fácil. Mandava seu namorado Eddie comprar uma caixa de bebida, eles botavam água nas garrafas para render mais e vendiam em doses. A cada quarta rodada de cartas, o vencedor tinha de dar uma caixinha para a casa. Minha mãe cozinhava umas asas de frango. Meu irmão se lembra que, além das prostitutas, havia gente de gangues e detetives. Todo tipo de gente ia lá.

Quando minha mãe tinha algum dinheiro, ela esbanjava. Era uma grande facilitadora e sempre convidava as amigas para ir para casa, e um monte de homens também. Todo mundo ficava bebendo, bebendo, bebendo. Não fumava maconha, mas seus amigos sim, e ela é quem fornecia drogas a eles. Ela só fumava cigarros Kool 100. As amigas da minha mãe eram prostitutas, ou ao menos mulheres que dormiam com homens por dinheiro. Nada de alto nível, nem mesmo do nível da rua. Elas passavam para deixar os filhos em nossa casa antes de ir atender os clientes. Quando vinham pegá-los, às vezes elas tinham sangue na roupa, então minha mãe ajudava a limpar. Cheguei em casa um dia e havia um neném branco lá. *Que porra é essa?*, pensei. Mas minha vida era bem assim.

Meu irmão Rodney era cinco anos mais velho que eu, então a gente não tinha muita coisa em comum. Era um cara estranho. Nós éramos negros do gueto, e ele era tipo um cientista: tinha um monte de tubos de ensaio e estava sempre fazendo experiências. Ele tinha também coleções de moedas. Eu sempre pensava: “Isso é coisa de branco”.

Uma vez, ele foi ao laboratório de química do Instituto Pratt, uma faculdade perto de casa, e conseguiu alguns produtos químicos para fazer uma experiência. Poucos dias depois, quando ele saiu, entrei de fininho em seu quarto e coloquei água nos tubos de ensaio; a vidraça de trás estourou e começou um incêndio no quarto. Ele teve de colocar um cadeado na porta depois disso.

Eu brigava muito com Rodney, mas era coisa típica de irmão, a não ser pelo dia em que o cortei com uma navalha. Ele tinha me agredido por algum motivo e, depois, foi dormir. Minha irmã Denise e eu ficamos vendo uma daquelas novelas de médico, e estavam fazendo uma operação. “A gente poderia fazer isso, e Rodney poderia ser o paciente. Você seria o médico, e eu, a enfermeira”, disse minha irmã. Então, nós enrolamos a manga da camisa dele e começamos a “preparar” seu braço esquerdo. “Bisturi”, falei, e minha irmã me entregou uma navalha. Eu o cortei um pouco, e ele começou a sangrar. “Precisamos de álcool, enfermeira”, comentei. Ela me passou o álcool, e eu derramei sobre seus cortes. Ele acordou gritando e berrando com a gente, nos perseguiu pela casa toda, e eu me escondi atrás da minha mãe. Ele ainda tem as cicatrizes até hoje.

Tivemos alguns bons momentos juntos também. Uma vez, meu irmão e eu estávamos andando pela Atlantic Avenue, e ele disse: “Vamos para a fábrica de *donuts*”. Ele já tinha roubado alguns *donuts* daquele lugar antes, e acho que queria me mostrar que podia fazer aquilo de novo. Então, chegamos perto da fábrica, e o portão estava aberto. Ele entrou e pegou algumas caixas de rosquinhas, mas alguma coisa aconteceu que o portão fechou e ele ficou preso lá dentro, e os seguranças começaram a vir. Daí ele me entregou os *donuts* e corri para casa com elas. Minha irmã e eu ficamos sentados na varanda de casa e nos empanturramos. Nossos rostos ficaram brancos com o pó do açúcar.

Nossa mãe estava em pé, ao nosso lado, conversando com uma vizinha. “Meu filho passou no teste para a Brooklyn Tech”, falou, gabando-se para a amiga. “Ele é um estudante tão excepcional, é o melhor aluno da classe.”

Bem nessa hora, uma viatura de polícia estacionou com Rodney dentro. Os policiais iam deixá-lo em casa, mas, assim que ele ouviu nossa mãe se vangloriando do bom filho que era, disse a eles para seguir em frente. Os agentes o levaram direto para o Centro Juvenil Spofford, um reformatório. Minha irmã e eu, felizes da vida, acabamos com aqueles *donuts*.

Eu passava a maior parte do tempo com minha irmã Denise. Ela era dois anos mais velha que eu e era querida por todos no bairro.

Se você fosse amiga dela, ela seria sua melhor amiga. Mas, se fosse sua inimiga, era melhor mudar de calçada. Fazíamos bolos de lama, assistíamos a luta livre e filmes de caratê e íamos até o empório com nossa mãe. Era uma vida agradável, mas, quando eu tinha apenas 7 anos de idade, nosso mundo virou de ponta-cabeça.

Por causa de uma recessão, minha mãe perdeu o emprego, e acabamos despejados do nosso belo apartamento em Bed-Stuy. Levaram todos os nossos móveis e os colocaram na calçada. Meus irmãos e eu tivemos de sentar sobre eles para que ninguém os levasse enquanto minha mãe procurava um lugar para ficarmos. Eu estava lá, sentado, e algumas crianças da vizinhança se aproximaram, dizendo: “Mike, por que é que seus móveis estão aqui?”. Nós apenas dissemos que estávamos de mudança. Então, alguns vizinhos viram a gente lá e trouxeram uns pratos de comida para nós.

Fomos parar em Brownsville. Era notável a diferença. As pessoas falavam mais alto e eram mais agressivas. Era um tipo de lugar horrível, barra pesada e nojento. Minha mãe não estava acostumada a conviver com esses tipos de negros agressivos, e ela parecia intimidada, assim como meu irmão, minha irmã e eu. Tudo era hostil, nunca houve um momento tranquilo por lá. Policiais estavam sempre dirigindo com as sirenes ligadas, ambulâncias sempre vindo pegar alguém, armas sempre disparando, pessoas sendo esfaqueadas e janelas sendo quebradas. Um dia, meu irmão e eu fomos assaltados bem em frente ao nosso prédio. Costumávamos ficar vendo os caras atirando uns nos outros. Parecia algo saído de um velho filme do Edward G. Robinson. A gente ficava lá assistindo e dizia: “Uau, isso está acontecendo na vida real”.

Toda a vizinhança também era um antro de libidinagem. Muitas pessoas pareciam ser bem desinibidas por lá. Não era incomum ouvir gente na rua falando: “Chupa meu pau”, “Come minha boceta”. Era um tipo de ambiente bem diferente do meu antigo bairro. Um dia, eu estava na rua, um cara me arrastou, me levou para um prédio abandonado e tentou me molestar. Nunca me senti realmente seguro naquelas ruas, e depois de um tempo, não estávamos seguros nem mesmo dentro do nosso apartamento. As

festas da minha mãe acabaram quando fomos para Brownsville. Minha mãe fez alguns amigos, mas ela não era tão enturmada como em Bed-Stuy. Foi então que ela começou a beber de verdade. Nunca mais arranjou outro emprego, e me lembro de esperar naquelas longas filas do centro de assistência social com minha mãe. A gente esperava horas e horas; então, quando a gente chegava bem na frente do guichê, já eram 5 horas em ponto, e eles fechavam a merda na nossa cara, como nos filmes.

Continuamos sendo despejados em Brownsville também, e isso acontecia com certa frequência. De vez em quando, a gente arranjava um lugar decente, e ficava dormindo por um tempinho na casa de alguma amiga ou namorado da minha mãe. Mas na maior parte do tempo, cada vez que a gente se mudava, as condições pioravam – de pobres para muito pobres e, enfim, para a merda total. Finalmente, fomos morar em prédios condenados, sem aquecimento, sem água, talvez nem eletricidade. No inverno, nós quatro dormíamos na mesma cama para nos mantermos aquecidos. Ficávamos lá até que algum cara viesse nos expulsar. Minha mãe fazia de tudo para nos manter sob um teto; e isso muitas vezes significava dormir com alguém de quem ela realmente não estava a fim. Era assim que as coisas eram.

Ela nunca nos levaria para um albergue de desabrigados, então a gente ficava se mudando de um lugar para outro. Foi muito traumático, mas o que se podia fazer? É isso que odeio em mim mesmo, e que aprendi com a minha mãe – não há nada que não se faça quando se quer sobreviver.

Uma forte lembrança dessa época é do pessoal da assistência social entrando no apartamento para procurar homens embaixo da cama. No verão, a gente ia pegar as refeições gratuitas. Eu dizia a eles: “Tenho nove irmãos”, e então eles colocavam mais comida. Eu sentia como se tivesse ido para a guerra e recebido uma recompensa. Eu ficava muito orgulhoso de levar comida para casa. Conseguem imaginar essa merda? Eu abria a geladeira e via o sanduíche de mortadela, a laranja e as caixinhas de leite. 20 caixinhas. Eu convidava os outros para comer: “Você quer algo para comer, meu irmão? Tá com fome? A gente tem comida”. Agíamos

como se tivéssemos pagado por tudo aquilo com dinheiro suado, mas era comida grátis.

Eu era um filhinho da mamãe quando jovem. Meus irmãos tinham seus próprios quartos, mas eu sempre dormi com minha mãe. Uma vez, ela transou com um homem enquanto eu estava na cama dela. Deve ter pensado que eu estava dormindo. Tenho certeza de que isso teve impacto sobre mim, mas as coisas eram assim. Só fui chutado para o sofá quando seu namorado Eddie Gillison entrou na história. Eles tiveram um caso de amor realmente anormal. Acho que é por isso que meus relacionamentos eram tão estranhos. Eles bebiam, brigavam e fodiam, terminavam, depois bebiam, brigavam e fodiam um pouco mais. Estavam realmente apaixonados, apesar de ser um amor bem doentio.

Eddie era um cara baixo e robusto da Carolina do Sul, empregado numa fábrica de lavanderias automáticas industriais. Não tinha ido muito longe nos estudos, e, quando meu irmão e minha irmã passaram para a quarta série, ele já não conseguia ajudá-los na lição de casa. Eddie era um cara controlador, e minha mãe era uma mulher muito controladora também, por isso, volta e meia a casa virava um inferno. Havia sempre algum tipo de briga, e os policiais chegavam e diziam: “Ei, amigo, vai dar uma volta no quarteirão”. Às vezes, todos nós acabávamos entrando na briga. Um dia, minha mãe e Eddie estavam tendo uma discussão feia e chegaram às vias de fato. Pulei entre os dois para defender minha mãe e tentar contê-lo, e *pow!*, ele me deu um murro no estômago e eu caí. Pensei: *Puta, cara, não acredito nessa merda*. Eu era apenas um garotinho! É por isso que nunca encostei um dedo em nenhum um de meus filhos. Não quero que pensem que sou um monstro quando ficarem mais velhos. Mas, naquela época, bater num garoto era a coisa mais normal do mundo, ninguém se importava. Agora é crime, você vai para a cadeia.

Eddie e minha mãe brigavam por qualquer coisa – outros homens, outras mulheres, dinheiro, orgulho. Eddie não era nenhuma flor que se cheire. Quando minha mãe tinha amigos em casa, todos enchendo a cara, e ela desmaiava de tanto beber, ele comia as amigas dela. E então eles brigavam. O bicho pegava, e o esquema

era bárbaro; um ia para cima do outro de arma na mão e xingando: "Seu filho da puta, vai se foder" e "Vem, sua nega, chupa meu…" A gente ficava gritando: "Mamãe, para, não!". Uma vez, quando eu tinha 7 anos, eles estavam brigando, e Eddie deu um soco nela que arrancou seu dente de ouro. Minha mãe colocou uma panela grande de água para ferver. Falou para meus irmãos entrarem debaixo da colcha, mas eu estava tão entretido com um programa de luta livre na tevê, que não escutei o que ela disse. Minha mãe foi tão rápida, que passou por nós e não aconteceu nada; então voltou para o quarto e, naquele instante, minha irmã e meu irmão já estavam preparados, escondidos debaixo da colcha. Eddie estava sentado do meu lado, e de repente ouvi um *tchibum!*, a panela com água fervendo atingiu Eddie na cabeça. Um pouco de água espirrou em mim, e aquilo doeu.

"Aaaaaai!" Eddie correu gritando e saiu para o corredor. Corri logo atrás dele. Ele se virou e me agarrou. "Oh, baixinho, baixinho, aquela cadela acertou você também?", perguntou. "Sim, a cadela me acertou, ela me acertou!" Trouxemos Eddie de volta para o quarto e tiramos sua camisa; seu pescoço e suas costas e um lado do seu rosto estavam cobertos de bolhas. Ele parecia um réptil. Então nós o colocamos no chão, em frente ao pequeno ar-condicionado de janela, e minha irmã sentou ao lado dele. Ela pegou um isqueiro e esterilizou a ponta de uma agulha, e então estourou as bolhas, uma por uma. Minha irmã e eu estávamos chorando, e dei a ele uma dose de bebida para animá-lo.

Refletindo melhor sobre essa questão, sempre pensei em minha mãe como a vítima na maioria das situações, e, na verdade, Eddie batia nela para valer. Tenho certeza de que as feministas achariam a reação dela excelente, mas pensei: *Como você pôde fazer isso com alguém que supostamente é seu namorado?* Isso me fez perceber que minha mãe não era nenhuma Madre Teresa de Calcutá. Fez umas coisas graves, e ele ainda ficou com ela. Na verdade, ele foi até a loja comprar a ela uma bebida depois que o queimou. Então, vejam, ele a recompensou por aquilo. É por isso que eu era sexualmente tão desajustado.

Cresci nesse tipo de ambiente. Pessoas apaixonadas rachando suas cabeças e sangrando como cães. Elas se amam, mas se esfaqueiam. Puta merda, eu ficava em casa morrendo de medo da minha família. Estou crescendo em meio a mulheres duronas, mulheres que brigam com homens. Assim, acabei não achando que brigar com uma mulher era tabu, porque as mulheres que eu conhecia seriam capazes de te matar. Era preciso lutar contra elas, senão iriam te esfaquear ou te matar, ou então iriam trazer alguns homens para tirar vantagem de você e bater em você, porque achavam que você era um bosta.

Se por um lado eu ficava com medo de ficar em casa, por outro também ficava com medo de sair de lá. Nessa época, eu estava frequentando a escola pública, e isso era um pesadelo. Eu era um garoto gorducho, muito tímido, quase afeminado de tão tímido, e tinha a língua presa. As crianças costumavam me chamar de "Frutinha", porque eu estava sempre com minha irmã; é que minha mãe tinha me dito para ficar sempre perto da Denise, porque era mais velha do que eu e devia cuidar de mim. Também me chamavam de "Cara Imundo" ou "Filho da Puta Imundo", porque eu não sabia nada sobre higiene naquela época. Não tínhamos água quente para tomar banho, e, se o gás não estivesse ligado, não podíamos sequer esquentar água. Minha mãe tentou me ensinar alguma coisa sobre isso, mas mesmo assim não me empenhava muito. Ela costumava pegar sabão e encher um balde com água quente e me lavar. Mas, quando se é um garoto, a higiene não é uma preocupação. Acabei aprendendo alguma coisa nas ruas com os garotos mais velhos. Com eles, conheci Brut, Paco Rabanne e Pierre Cardin.

Minha escola ficava bem na esquina do nosso prédio, mas às vezes minha mãe desmaiava de tanto beber na noite anterior e não me acompanhava até a escola. Aí os garotos sempre me batiam e me chutavam. Ficavam falando, tipo: "Cai fora, neguinho, você é um filho da puta nojento". Eu sempre era maltratado. Eles me davam socos na cara, e eu saía correndo. Nós íamos para a escola, e eles zoavam da gente; depois, a gente voltava para casa, e eles sacavam

uma arma e roubavam qualquer trocado que tivéssemos. Era barra pesada, garotos roubando a gente no nosso próprio prédio.

Ter de usar óculos na primeira série foi, verdadeiramente, um momento decisivo na minha vida. Minha mãe me levou para ser examinado e descobriram que eu estava quase sem visão, então ela me fez usar óculos. Eles eram horríveis. Um dia, eu estava saindo da escola na hora do almoço para ir para casa, e levava algumas almôndegas do refeitório embrulhadas num papel-alumínio para mantê-las quentes. Um cara se aproximou e me disse: "Ô, você tem um dinheiro aí?". Respondi: "Não". Então, começou a enfiar as mãos nos meus bolsos e me revistou, tentando roubar a porra das minhas almôndegas. Resisti: "Não, não, não!". Eu até deixava os valentões tomarem meu dinheiro, mas minha comida, nunca. Fiquei debruçado sobre elas como um escudo humano, protegendo minhas almôndegas. Aí ele começou a me bater na cabeça e, em seguida, pegou meus óculos e os enfiou no tanque de gasolina de um caminhão. Corri para casa, mas ele não conseguiu pegar minhas almôndegas. Eu deveria ter dado um pau naqueles caras, mas tinha tanto medo, porque eles eram tão descarados e sem noção, que imaginei que deviam saber algo que eu não sabia. "Não me bate, me deixa em paz, para!", eu dizia. Ainda me sinto um covarde até hoje por causa daquele *bullying*. Era um sentimento selvagem ser indefeso daquele jeito. É algo impossível de esquecer. O dia em que o cara pegou meus óculos e os enfiou naquele tanque de gasolina foi o último em que fui para a escola. Aquele foi o fim da minha educação formal. Eu tinha 7 anos, e nunca mais voltei para a escola.

Depois disso, eu só ia para a escola tomar café da manhã e depois saía. Ficava dando voltas no quarteirão por algumas horas. Aí voltava para o almoço e saía. Quando as aulas terminavam, ia para casa. Um dia, durante a primavera de 1974, três caras vieram para cima de mim na rua e começaram a apalpar meus bolsos. "Tem dinheiro?", perguntaram. Respondi que não. Aí me disseram: "Todo o dinheiro que a gente achar vai ser nosso". Então começaram a virar meus bolsos do avesso, mas não tinha nada. Então disseram: "Aonde você está indo? Quer voar com a gente?"

"O que é isso?", perguntei.

Então, nós andamos até a escola, e eles me fizeram pular a cerca e jogar algumas caixas de leite para eles. Começamos a andar por alguns quarteirões, e depois me disseram para entrar num prédio abandonado.

"Epa, não sei, não", hesitei. Eu era um menininho fracote contra três. Mas acabei entrando com eles, e me disseram: "Vai para o telhado, baixinho". Não sabia se eles iam me matar. Subimos até o telhado e vi uma caixinha com alguns pombos dentro. Os caras estavam construindo um pombal, e eu me tornei o garotinho faz-tudo deles, o escravinho bocó. Logo descobri que, quando os pombos voavam, muitas vezes pousavam em algum outro telhado, porque estavam preguiçosos e em péssimas condições. Eu teria de descer, ver em que telhado eles pousaram, descobrir um caminho para o prédio e, em seguida, subir no telhado e espantar as aves.

Na manhã seguinte, voltei ao edifício. Os garotos estavam no telhado, me viram chegando e começaram a atirar tijolos em mim. "Filho da puta, o que você tá fazendo aqui? Tá querendo roubar nossos pombos, porra?", falou um deles. Epa, espera aí, eu achei que aquele era meu novo lar.

"Não, não, não", respondi. "Eu só queria saber se vocês precisam de mim para ir até a loja para vocês ou para procurar seus pombos."

"Você tá falando sério?", perguntou. "Sobe aqui, baixinho", e me mandaram até a loja para comprar cigarro. Eles eram um bando de moleques de rua malvados, mas não me importava em ajudá-los porque eu estava encantado com os pombos. Era muito legal ver centenas deles voando em círculos no céu e depois voltando e descendo no telhado.

A partir de então, eu perseguia os pássaros todos os dias, mas achava isso muito divertido. Eu gostava de ficar perto das aves e até gostava de ir ao *pet shop* comprar alpiste. Aqueles caras eram durões, e meio que gostavam de mim por eu ser pau para toda obra. Durante toda a minha vida eu tinha me sentido desajustado, mas, ali no telhado, me sentia como se estivesse em casa. Tinha nascido para fazer aquilo.

Soltar pombos para voar era um grande esporte no Brooklyn. Todos o praticavam, desde chefes da máfia até garotinhos do gueto.

É inexplicável: simplesmente entra no seu sangue. Aprendi a lidar com eles, aprendi suas características. Então, acabou sendo algo em que me tornei um tipo de mestre, e eu tinha orgulho de ser tão bom naquilo. Todo mundo soltava seus pombos para voar ao mesmo tempo, e o objetivo do jogo era tentar capturar os pombos dos outros caras. Eram como cavalos de corrida. Quando já entrou no sangue, nunca mais sai. A partir daquele dia, onde quer que eu fosse morar, sempre construía um pombal e criava pombos.

Um dia, os caras e eu estávamos no telhado lidando com os pombos e um cara mais velho subiu lá. Seu nome era Barkim, e era amigo de um dos irmãos desses caras. Quando percebeu que seu amigo não estava lá, nos pediu para dizer ao amigo para encontrá-lo à noite num baile no centro recreativo do bairro. Os bailes eram festinhas para adolescentes, só que aquela merda não era algo do tipo que você vê nos quadrinhos do Archie. À noite, até mudavam o nome do lugar de centro recreativo para The Sagittarius. Todos os vigaristas e traficantes iam para lá, os malandros da vizinhança que roubavam casas, batiam carteiras, tomavam correntes de ouro e perpetravam fraudes com cartão de crédito. Era um antro de perversidade.

Então, naquela noite fui até o centro. Eu tinha 7 anos, e não sabia nada sobre vestir-se bem. Não sabia que deveria ir para casa, tomar um banho, trocar de roupa e me vestir para impressionar e, em seguida, ir para o clube. Foi isso que os outros caras que estavam tratando dos pombos fizeram. Mas fui direto do pombal para o centro recreativo, vestindo a mesma roupa fedida com toda aquela bosta de pombo em mim. Pensei que os caras estariam lá e me aceitariam como um deles, já que eu estava espantando aqueles malditos pássaros dos outros edifícios para eles. Mas, assim que entrei, os caras ficaram falando: “Que cheiro é esse? Olha esse filho da puta nojento, fedido”. Todo mundo começou a rir e a me provocar. Eu não sabia o que fazer, foi uma experiência traumatizante, todo mundo me provocando. Fiquei chorando, mas também estava rindo, porque queria me enturmar. Acho que Barkim viu como eu estava vestido e teve pena de mim. Ele se aproximou de

mim e disse: “Ô, baixinho. Cai fora, caralho. Me encontra amanhã no telhado às 8 da manhã”.

Na manhã seguinte, eu estava lá na hora marcada. Barkim veio e começou a me passar um sermão. “Você não pode sair parecendo uma porra de um mendigo de rua. Que merda você tá fazendo, cara? Nós somos máquinas de fazer dinheiro.” Ele falava rápido, e eu tentava compreender cada palavra. “A gente vai arranjar dinheiro, baixinho. Você tá preparado?”

Fui com ele e invadimos uma casa. Ele me disse para entrar pelas janelas que eram muito pequenas para ele, e fui e abri a porta. Depois que a gente já estava lá dentro, ele passou a revirar as gavetas e arrombou o cofre, realmente limpou tudo. A gente pegou aparelhos de som, discos, joias, armas e dinheiro vivo. Depois do roubo, me levou à Delancey Street, na cidade, e me comprou algumas roupas, uns tênis bacanas e um casaco de pele de ovelha. Naquela noite, fui a uma balada com ele, e um monte daquelas pessoas que riram de mim da outra vez estava lá. Eu estava usando meu casaco novo e calças de couro. Ninguém sequer me reconheceu, era como se eu fosse uma pessoa diferente. Foi incrível!

Barkim foi o cara que me iniciou no crime. Antes daquilo nunca tinha roubado nada. Nem um pedaço de pão, nem um doce, nada. Eu não tinha tendências antissociais, não tinha coragem. Mas Barkim me explicou que as pessoas sempre tratam com respeito quem está bem vestido. Quem está na última moda e tem as melhores coisas é um cara legal. Tem *status*.

Barkim me levou a um rinque de patinação na Utica Avenue, onde conheci uns caras chamados de Rutland Road Crew. Eram jovens, talvez com 12 anos de idade, mas se vestiam como homens crescidos. Capas de gabardine, sapatos de couro de jacaré, peles de coelho, chapéus Stetsons de abas grandes. Usavam roupas de grifes como Sergio Valente, Jordache e Pierre Cardin. Fiquei impressionado. Barkim me disse como conseguiam aquilo tudo – aqueles caras eram batedores de carteira, ladrões de joias e assaltantes. Eram apenas crianças. Estavam na escola pública e tinham relógios, anéis e correntes. Dirigiam motos. As pessoas os

chamavam de bandidos, mas para a gente eles eram os caras da grana. A porra era louca.

Barkim começou a me apresentar para as pessoas na rua como seu "filho". Ele era apenas alguns anos mais velho que eu, mas isso era um linguajar de rua que alertava as pessoas para não me desrespeitarem. Queria dizer: "Este é o meu filho nas ruas, somos uma família, assaltamos e roubamos. Ele é minha maquininha de fazer dinheiro. Não fode com esse neguinho, não". Agora, as pessoas que o respeitavam *tinham* de me respeitar também. Ele me ensinou com quais pessoas eu deveria ter cuidado, em quais não poderia confiar porque roubariam minhas coisas. Minha vida me lembrava a de Oliver Twist, com o cara mais velho, Fagin, ensinando todas aquelas coisas. Comprava um monte de roupas para mim, mas não me dava lá muito dinheiro. Ele ganhava alguns milhares de dólares nos assaltos e me dava uns duzentinhos. Mas, aos 8 anos, 200 era um monte de dinheiro. Às vezes, me deixava pegar emprestada por alguns dias alguma joia que tinha roubado.

Eu elevei minha criminalidade a outro nível com o Rutland Road Crew. Eles eram em sua maioria caribenhos de Crown Heights. Barkim conhecia o grupo mais antigo, The Cats. Comecei a sair com o RRC, a divisão júnior deles. Me envolvi em seus pequenos assaltos a casas. A gente ia para a escola, tomava café da manhã e depois pegava o ônibus e o trem e começava a roubar durante o horário escolar. A partir de então, comecei a me sentir parte de algo. Éramos todos iguais, pelo menos enquanto a gente desse nossa contribuição ao lucro dos roubos.

Certas pessoas podem ler algumas das coisas de que estou falando e me julgar como um adulto, me chamando de criminoso, mas fiz essas coisas há mais de 35 anos. Eu era apenas uma criança à procura de amor e aceitação, e foi nas ruas que encontrei as duas coisas. Foi a única educação que tive, e aqueles caras foram meus professores. Os bandidos mais velhos até me diziam: "Você não deveria fazer isso. Vá para a escola". Mas eu não queria ouvi-los, mesmo que tivessem respeito na rua. Eles nos diziam para ficar na escola, mas ao mesmo tempo estavam roubando. Todos os caras me respeitavam porque eu era uma maquininha de fazer dinheiro.

Quebrava o galho para meus amigos que precisavam de um pouco de dinheiro. Comprava bebida e comida para todos nós e comecei a comprar pombos. Se você tivesse bons pássaros, as pessoas te respeitavam. Além disso, era um barato roubar as coisas e, em seguida, sair e comprar roupas. Via como todo mundo me tratava quando eu chegava bem vestido, com meu casaco de carneiro de primeira tosquia e meu tênis Puma. Eu tinha até uma roupa de esqui, com os óculos de proteção amarelos, mesmo sem nunca ter pisado numa pista de esqui em toda minha vida. Não sabia soletrar a merda da palavra “Adidas”, mas sabia como as suas roupas me faziam sentir.

Um dos caras do Rutland me ensinou a abrir fechaduras. Se achar uma chave que se encaixa no buraco, você continua movimentando a chave e ela desgasta o cilindro, e então você consegue abrir a porta. Eu falava tipo “Porra!”. Cara, quando a gente abria algumas daquelas portas, encontrava prataria, joias, armas e maços de dinheiro, a gente ficava tão feliz que chorava e ria ao mesmo tempo. A gente não conseguia pegar tudo. Não tinha como andar na rua com toda aquela merda, então a gente enchia nossas mochilas com o máximo de coisas roubadas possível.

Um dia, meu amigo Curtis e eu estávamos roubando uma casa. As pessoas que moravam lá eram do Caribe e o Curtis também. A casa estava um breu, e então ouvi: “Quem é? É você, querida?”. Pensei que fosse o Curtis brincando, tentando me assustar. Aí eu disse: “Estou tentando encontrar uma arma e o dinheiro. Procura o cofre, tá bom?”. “O quê, amorzinho?” Percebi então que não era o Curtis. Era o cara que morava lá, e estava deitado no sofá. Corri para a porta. “Curtis, tem alguma coisa errada nessa merda. Vamos sair daqui, alguém tá aqui dentro”, eu disse. Mas o Curtis era perfeccionista. Quis trancar a porta em vez de apenas fugir. Saí correndo daquela merda. O dono da casa abriu a porta e acertou o Curtis em cheio na cara, que apagou na hora. Pensei que estivesse morto. Foi só um ano depois que o vi novamente. Estava vivo, mas seu rosto estava todo arrebentado, ele se ferrou mesmo. É, a nossa vida era barra pesada.

Quando a gente roubava prataria ou joias, ia para a Sal's, uma loja na esquina da Utica com a Sterling. Eu era uma criança, mas eles me conheciam de entrar lá com os caras mais velhos. Os caras da loja sabiam que eu trazia coisas roubadas, mas eu sabia que não podiam me enganar porque eu conhecia o preço das merdas naquela época. Eu sabia o que queria.

Às vezes, a gente estava nas ruas e, se fosse hora do almoço e encontrasse uma escola, a gente entrava, ia direto para o refeitório, pegava uma bandeja, entrava na fila e começava a comer. Também era uma boa hora para ver alguém com anéis ou colares que nós quiséssemos roubar. Então, a gente terminava de comer, colocava a bandeja de volta, ficava perto da porta, pegava o anel e corria para fora.

Nós queríamos estar sempre bem vestidos nas ruas, porque normalmente, se você é um garotinho negro na cidade, com cara de mendigo e sujo, as pessoas o tratam mal. Assim, nós nos vestíamos para parecer meninos bonzinhos e inofensivos. Usávamos mochilas escolares e oculozinhos de grau, além de uniforme de escola católica, com calças boas e camisas brancas, o traje escolar completo.

Depois de mais ou menos um ano nessa vida, comecei a fazer assaltos sozinho. Não era assim tão lucrativo, mas perambular pelas ruas e roubar na base da trombada era mais emocionante do que roubar casas. Pegava as joias das senhoras e alguns policiais corriam atrás de mim, ou aqueles que chamávamos de heróis tentavam intervir e salvar o dia. Mais riscos por menos dinheiro, mas eu adorava a emoção. Geralmente, era preciso um parceiro para ser um trombadinha bem sucedido. Às vezes, nem era planejado, mas encontrava um conhecido e fazia uma parceria.

Às vezes, descobria que havia concorrência de outro trombadinha. Entrava num ônibus e podia ser que já existisse alguém no ônibus esperando para bater a carteira das pessoas, e isso acabava chamando mais atenção. Isso era conhecido como "acordar o ônibus". O ônibus estava tranquilo antes de entrar, mas, assim que subia, o motorista disparava o alerta: "Senhoras e senhores, alguns jovens acabaram de entrar no ônibus. Cuidado com seus bolsos. Eles

vão tentar roubar vocês". Aí descia na próxima parada, mas o trombadinha que estava lá também saía e vinha atrás de você.

"Seu filho da puta, você acordou o ônibus." E, se fosse um cara mais velho, podia te espancar e tomar seu dinheiro ou as joias que você tinha roubado.

Os caras não gostavam de ir bater carteira comigo porque eu não era tão paciente nem tão bom quanto eles. Nunca fui muito sutil, tipo "vou chegar junto e engambelar esse neguinho na cara dura". Eu era muito melhor em atacar as pessoas de surpresa por trás.

Qualquer cara forte conseguia pegar alguém de surpresa. Mas o truque era ser mais esperto do que eles. A maioria dos caras pensava: *Estão ligados em mim, vou cair fora*. Mas eu não. Uma senhora podia ficar o dia todo com a mão em cima da carteira, e a gente ficava ali, olhando, olhando, e ela nunca tirava a mão de lá. A gente a seguia e depois se afastava, mas deixava um garotinho a vigiando. E ela acabava baixando a guarda por alguns segundos, ia fazer alguma coisa, e ele, *vapt!*, pegava a carteira. Aí dava no pé. E, antes que a gente saísse, dava para ouvir um grito angustiante: "Aaaaahh, meu dinheiro! Cadê meu dinheiro?!". Era bem louco. A gente estava cagando e andando.

O movimento mais simples era arrancar a corrente de ouro do pescoço de alguém. Costumava fazer isso no metrô. Eu sentava perto da janela. Isso no tempo em que era possível abrir as janelas dos vagões do metrô. Eu abaixava algumas janelas e, em seguida, o trem parava e outros passageiros entravam e vinham sentar perto da janela. Eu saía do vagão e, assim que o trem começava a se mover devagarinho, enfiava o braço pela janela abaixada e dava um guento na corrente. As pessoas gritavam e olhavam para mim, mas não podiam sair do trem. Eu consertava o fecho, ficava com a corrente por uns dias, na estica e me exibindo, e então vendia antes que os caras mais velhos tomassem de mim.

Embora eu estivesse começando a ter cara de garoto mais velho, nunca conseguia ficar com as meninas naquela época. Gostava de meninas, mas naquela idade eu não sabia como dizer para elas que gostava delas. Uma vez, estava olhando umas garotas pulando corda, e eu queria ir lá brincar com elas; então comecei a provocá-

las e, sem mais nem menos, essas meninas da quinta série me deram um pau. Eu estava brincando, mas elas estavam levando a sério, e fui pego de surpresa. Só levei a sério e resolvi revidar quando já era tarde demais. Nessa hora, alguém veio e separou a briga, mas elas já tinham levado a melhor. Eu realmente não queria briga.

Não foi nenhuma surpresa para minha mãe e minha irmã que eu estivesse roubando e fazendo coisas antissociais para levar dinheiro para casa. Elas viam as roupas bacanas que eu usava, e eu trazia comida – pizza, Burger King e McDonald's. Minha mãe sabia que eu estava fazendo algo que não era bom, mas na época ela sabia que já era tarde demais. As ruas tinham me pegado. Achava que eu era um criminoso e que iria morrer ou nunca viria a ser merda alguma na vida. Ela provavelmente já tinha visto aquilo antes, garotos como eu naquela situação. Roubava qualquer coisa de qualquer um. Eu não tinha limites.

Minha mãe preferiria pedir. Ela me envergonhava um pouco, porque era muito honesta. Estava sempre pedindo dinheiro, esse era o jeito dela. Dei a minha irmã um monte de dinheiro para a casa, para ajudar minha mãe. Às vezes, eu dava 100 dólares para minha mãe, e ela não me pagava. Não me respeitava muito. Eu dizia: "Você me deve uma grana, mãe". E ela simplesmente replicava: "Você me deve sua vida, menino. Não vou pagar nada".

Os garotos maiores do bairro sabiam que eu estava roubando, então tomavam meu dinheiro, minhas joias, meus sapatos, e eu ficava com medo de contar para a minha mãe. Não sabia o que fazer. Eles me batiam e roubavam meus pombos, e sabiam que não seriam punidos por me enquadrar. Barkim não tinha me ensinado a lutar. Só me ensinou a me vestir com roupas bonitas e a me safar de enrascadas. Geralmente, quando alguém ficava gritando comigo ou atrás de mim na rua, eu simplesmente largava minhas coisas e corria. Eu estava sofrendo *bullying* de novo, mas dessa vez eu era um alvo certo.

Durante a infância, sempre quis ser o centro das atenções. Queria ser o cara falando merda: "Sou o mais casca grossa por aqui", "Tenho os melhores pombos". Eu queria ser esse cara de rua, o malandro cheio de conversa, mas era muito tímido e desajeitado.

Quando tentava falar assim, alguém me dava um tapa na cabeça e dizia: “Cala a sua boca, neguinho”. Mas, quando me meti na minha primeira briga de rua, senti como era bom se deleitar com a bajulação do público.

Um dia, fui a um bairro em Crown Heights para roubar uma casa com um cara mais velho. Encontramos 2.200 dólares em dinheiro vivo, e ele me deu 600 paus. Aí fui a um *pet shop* e comprei 100 dólares em pombos. Eles foram colocados numa caixa, e o dono da loja me ajudou a levá-la até o metrô. Quando saí da estação, pedi para alguém do meu bairro me ajudar a arrastar a caixa até o prédio abandonado onde eu estava escondendo meus pombos. Mas esse cara contou para uns garotos do bairro que eu tinha todas aquelas aves. Daí, um cara chamado Gary Flowers e uns amigos dele começaram a surrupiar meus pássaros. Minha mãe viu que eles estavam mexendo nos pombos e me avisou; aí saí correndo para a rua e os enfrentei. Assim que eles me viram chegando, pararam de pegar os pássaros, mas Gary ainda tinha um deles embaixo do casaco. A essa altura, um monte de gente começava a se juntar ao nosso redor.

“Me devolve meu pombo”, gritei.

Gary tirou o pombo do casaco.

“Você quer o pombo? Você quer essa porra de pombo?”, provocou. Aí simplesmente torceu o pescoço da ave e a atirou em mim, espalhando sangue por todo meu rosto e pela camisa.

“Bate nele, Mike”, um dos meus amigos incitou. “Não fica com medo, não. Parte para cima dele.”

Antes, eu sempre tinha sido cagão demais para brigar seja lá com quem fosse. Antigamente, havia um cara mais velho no bairro, chamado Wise, que tinha sido boxeador da Police Athletic League. Ele costumava fumar maconha com a gente e, quando ficava doidão, começava a boxear com a sombra. Eu ficava olhando aquilo, e ele me dizia: “Chega aí, vamos”. No entanto, nunca lutei com ele nem de brincadeira. Mas me lembrava do seu estilo.

Então decidi. “Foda-se.” Meus amigos ficaram chocados. Eu não sabia o que estava fazendo, mas dei alguns socos selvagens, e um deles acertou Gary, que caiu. Wise saltitava enquanto boxeava com

a sombra; por isso, depois que derrubei Gary, comecei a saltitar feito um retardado. Na hora me pareceu maneiro fazer aquilo. Quase todo o quarteirão estava assistindo ao meu momento de glória. Todo mundo começou a gritar e a me aplaudir. Foi uma sensação incrível, ainda que meu coração estivesse quase saltando pela boca.

"O neguinho tá dando pulinho, mano!", um cara gozou. Eu estava tentando fazer a dança com os pés do Ali, só que sem sucesso. Mas me senti bem em me defender por conta própria e gostei da adrenalina que é ver todo mundo me aplaudindo e cumprimentando. Acho que, por baixo da timidez, sempre fui um cara explosivo e divertido.

Comecei a ganhar um outro nível de respeito nas ruas. Em vez de "O Mike pode brincar com a gente?", perguntavam a minha mãe: "O Mike Tyson pode brincar com a gente?". Outros caras traziam seus manos para lutar comigo e apostavam dinheiro no resultado. Agora eu tinha outra fonte de renda. Eles vinham de outros bairros. Eu ganhava bastante também. Mesmo quando perdia, os caras que tinham me batido diziam: "Porra! Você só tem 11 anos?". Foi assim que todo mundo começou a me conhecer no Brooklyn. Eu tinha fama de enfrentar qualquer um, até homens adultos. Mas nós não seguíamos as regras do Marquês de Queensberry, do boxe profissional, na rua. Se eu desse um pau em alguém não significava necessariamente que tinha acabado. Se ele não conseguia me vencer numa luta, usava outra estratégia, e às vezes voltava com alguns amigos para me bater com bastões de beisebol.

Foi então que comecei a me vingar um pouco pelas porradas que tinha tomado dos valentões. Eu podia estar andando com alguns amigos e ver um cara que tinha me batido e me intimidado anos atrás. Ele podia até entrar numa loja que eu ia atrás dele, arrastava o merda para a rua e começava a socá-lo sem dó. Nem precisava dizer aos meus amigos o motivo, só precisava falar: "Odeio aquele filho da puta ali". Então, eles entravam na briga também, rasgavam suas malditas roupas e arregaçavam sua cara. Aquele cara que tomou meus óculos e os jogou no tanque de gasolina? Apanhou de mim na rua que nem um cão por ter me humilhado. Ele pode ter esquecido, mas eu nunca esqueci.

Com essa nova confiança na minha capacidade de me garantir sozinho, minha criminalidade aumentou vertiginosamente. Fui ficando cada vez mais descarado. Comecei até a roubar no meu próprio bairro. Achei que era o que os outros faziam, não entendia as regras das ruas. Pensei que todo mundo jogava limpo, porque eu certamente parecia jogar limpo com todo mundo. Não sabia que havia certas pessoas com quem simplesmente não se brinca.

Eu morava num prédio e roubava todo mundo que morava lá. Eles nunca percebiam que o ladrão era eu. Algumas dessas pessoas eram amigas da minha mãe. Elas descontavam seus vales da assistência social e às vezes compravam algumas bebidas, aí iam visitar minha mãe, beber e se divertir um pouco. Eu ia para o meu quarto, subia pela escada de incêndio, invadia os apartamentos delas e roubava tudo. Então, quando a tiazinha voltava para a casa dela, descobria o roubo e corria de volta gritando: “Lorna, Lorna, levaram tudo. Levaram a comida das crianças, levaram tudo!”.

Depois que elas saíam, minha mãe entrava no meu quarto.

“Sei que você fez alguma coisa, não fez, menino? O que foi que você fez?”

Eu dizia: “Mãe, não fui eu, não. Pode olhar”, porque eu pegava a comida e as outras coisas e malocava no telhado, e meus amigos e eu pegávamos tudo mais tarde.

“Como é que eu poderia ter feito alguma coisa? Tava bem aqui no quarto, não fui para lugar nenhum.”

“Bom, se você não fez, aposto que sabe quem fez, seu ladrão”, minha mãe gritava. “Você não passa de um ladrão. Nunca roubei nada na minha vida. Não sei de onde você veio, seu ladrão.”

Meu Deus. Podem imaginar ter de ouvir essa merda da sua própria mãe? Minha família não tinha nenhuma esperança em relação a mim. Achavam que minha vida seria uma vida de crimes. Nenhum dos meus familiares fazia aquele tipo de coisa. Minha irmã vivia me dizendo: “Que tipo de passarinho não voa? O preso! O preso!”.

Estava com a minha mãe uma vez visitando sua amiga Via. O marido de Via era um daqueles caras cheios de grana que gostam de se mostrar. Ele foi dormir, e tirei a carteira do seu bolso e peguei o

dinheiro. Quando acordou, bateu muito na Via, porque achava que ela tinha roubado o dinheiro. Todo mundo no bairro começou a me odiar com todas as forças. E os que não me odiavam tinham inveja de mim. Mesmo os manos malandros. Eu tinha colhões.

A sensação era incrível. Não me importava em agarrar alguém pela corrente de ouro e arrastar escada abaixo com a cabeça batendo, *bum!, bum!, bum!*. Eu me importo? Não, eu preciso da corrente. Não sabia nada sobre compaixão. Por que deveria? Ninguém nunca tinha demonstrado a menor compaixão por mim. A única compaixão que eu tinha era quando alguém baleava ou esfaqueava um dos meus amigos durante um assalto. Aí eu ficava triste.

Mas mesmo assim continuava a merda toda. Sentia que não iam me matar; que isso não podia acontecer comigo. Simplesmente não conseguia parar. Eu sabia que havia uma chance de ser morto, mas não me importava. Eu não achava, mesmo, que iria viver até os meus 16, então por que não pegar pesado? Meu irmão Rodney disse a alguém recentemente que achava que eu era o cara mais corajoso que ele conhecia. Mas não me considero corajoso. Eu tinha amigos corajosos, amigos que levariam um tiro pelas suas joias, relógios ou motos. Eles não davam de graça quando eram assaltados. Aqueles caras gozavam do maior respeito no bairro. Não sei se eu tinha coragem, mas testemunhei o que é coragem. Sempre pensei que eu era muito mais louco do que corajoso. Atirava nas pessoas em plena rua enquanto minha mãe olhava a paisagem pela janela. Eu tinha o miolo mole. Rodney achava que isso era coragem, mas na verdade era falta de cérebro. Eu era um cara de extremos.

Todo mundo que eu conhecia estava nessa vida. Até os caras que tinham empregos estavam fazendo umas correrias por fora. Traficavam drogas ou roubavam. Esse mundo era como uma máquina de luta, onde os policiais eram os bandidos e os ladrões e traficantes eram os mocinhos. Se você não ferisse alguém, ninguém falava com você. Seria rotulado de careta. Se fizesse coisas do mal, então era um cara legal. Alguém te incomodou, eles vinham brigar por você. Eles sabiam que você era um dos caras. Eu era tão fodidão

que todos os escrotos desprezíveis e engraçadinhos sabiam meu nome.

ENTÃO AS COISAS COMEÇARAM a tomar grandes proporções. Comecei a entrar em contato íntimo com a polícia. Levar um tiro em Brownsville não era grande coisa. Virava-se numa esquina e vinham uns caras correndo e atirando em outros caras. Nunca se sabia quando a merda ia acontecer. Outras gangues passavam de moto e *bum!, bum!*, atiravam em alguém. A gente conhecia o território de cada bando, por isso sabia que não deveria ir a certos lugares.

Mas a história é outra quando a polícia começa a atirar em você. Um dia, uns trutas e eu estávamos passando pela joalheria da Amboy Street, quando vimos o joalheiro carregando uma caixa. Peguei a caixa, e começamos a correr. Quando chegamos perto do nosso quarteirão, ouvimos pneus de carro cantando e uns gambés a paisana saíram correndo do carro e, *bum!, bum!*, começaram a atirar em nós. Aí escapei para um prédio abandonado em que a gente costumava dar um tempo e que eu sabia que estava vazio. Conhecia aquele prédio como a palma da minha mão. Sabia como me esconder entre as paredes ou ir para o telhado, passar por um buraco e chegar até as vigas acima do teto. Então fiz isso. Subi no topo do telhado e fiquei olhando pelo buraco, e eu podia ver qualquer um que estivesse no andar de baixo.

Vi os policiais entrarem no edifício. Começaram a andar pelo lugar com armas em punho, e um deles caiu num buraco no chão.

"Puta merda, esses moleques tão me deixando puto da vida de ter que vir atrás deles num lugar desses", falou. "Vou matar esses filhos da puta."

Ficava ouvindo os policiais brancos falarem e ria comigo mesmo. O edifício estava muito fodido para os policiais subirem até o outro andar porque os degraus estavam desmoronando. Mas havia uma chance de eles olharem para cima e me ver escondido lá nas vigas e atirar na minha bunda. Pensei em pular para o telhado do lado, já que era o do meu prédio, mas era um salto de três metros.

Meu amigo que morava no meu prédio estava no nosso telhado. Eu estava agachado, porque não queria deixar que os policiais do lado de fora me vissem, mas meu amigo estava me dando a fita tintim por tintim.

“Fica calmo, Mike. Eles saíram do prédio, mas ainda tão te procurando. Tem um monte de carros da polícia lá embaixo”, relatou.

Fiquei esperando uma eternidade naquele telhado.

“Vazaram, Mike, vazaram”, meu amigo finalmente falou.

Então desci, mas esperei lá dentro um pouco mais. Meus amigos foram dar uma olhada em torno do quarteirão, para ter certeza de que os policiais não estavam escondidos por ali.

“Dá mais um tempo aí, Mike”, meu amigo disse. Por fim, falou que eu podia sair. Foi um milagre sair daquela situação. A caixa de joias que roubamos tinha uns relógios caros, medalhões, braceletes, diamantes, rubis. Demorou duas semanas para a gente se livrar de toda aquela merda. Tivemos de vender algumas lá no bairro mesmo e depois ir a uma parte diferente da cidade para vender outras peças.

Com todas as trombadas que dei por aí, é um pouco irônico que minha primeira prisão tenha sido por causa de um cartão de crédito roubado. Eu estava com 10 anos de idade. É claro que eu aparentava ser muito jovem para ter um cartão, por isso arranjava um cara mais velho para ir até a loja e lhe dizia para comprar algumas coisas para mim e algo para ele também. Então nós vendíamos o cartão para outro cara mais velho.

Mas, uma vez, estávamos numa loja na Belmont Avenue, uma loja de bairro, e tentamos usar o cartão. Estávamos vestidos de forma impecável, só que não parecíamos velhos o suficiente para ter um cartão de crédito. Nós escolhemos umas roupas e tênis, levamos tudo para o balcão e demos o cartão à caixa. Ela pediu licença para ir aos fundos por um segundo e fez uma chamada. De repente, ela tinha cortado o cartão ao meio e, em segundos, a polícia chegou e nos prendeu.

Eles me levaram para a delegacia do bairro. Como minha mãe não tinha telefone, eles foram buscá-la e a levaram para a delegacia.

Ela entrou gritando comigo e começou a me arrebentar ali mesmo. Quando cheguei aos 12 anos de idade, essa passou a ser uma ocorrência comum. Eu tinha de ir ao tribunal por causa dessas detenções, mas não ia para a cadeia porque era menor.

Eu odiava quando minha mãe chegava à delegacia e me batia. Depois, ela e seus amigos ficavam bêbados, e ela falava sobre como tinha me espancado. Eu ficava encolhido no canto, tentando me proteger, e ela me batia. Aquilo foi uma merda traumatizante. Até hoje olho para os cantos de qualquer sala em que eu esteja e tenho de olhar para o outro lado porque me lembra de todas as surras que minha mãe me deu. Ela não achava nada demais me bater na mercearia, na rua, na frente dos meus colegas de escola ou no tribunal. Os policiais certamente não se importavam. Uma vez, eles tinham de preencher um B. O. sobre mim, e minha mãe chegou com tudo e me deu um pau tão feio que eles até deixaram para lá.

Batia em mim até quando eu estava com a razão, às vezes. Uma vez, quando eu tinha 11 anos, eu estava jogando dados na esquina, enfrentando um cara que tinha uns 18 anos. Estava com a mão quente naquele dia, e meus amigos estavam apostando em mim. Perdi duzentinhos, mas acertei o número seis vezes consecutivas. Levei 600 paus do dinheiro dele.

"Joga mais uma vez. Agora vale meu relógio", falou.

Bum!, eu acertei o 4-5-6.

"Que beleza!", provoquei. "Passa o relógio."

"Quer saber? Eu não vou te dar nada, não", falou, e ainda tentou roubar o dinheiro que tinha ganhado dele. Comecei a mordê-lo. Acertei-o com uma pedra e começamos o arranca-rabo. Umas amigas da minha mãe viram a muvuca e correram para nosso apartamento.

"Seu filho está brigando com um homem adulto", disse uma delas.

Minha mãe veio que nem um raio. Todos os outros homens adultos que lá estavam nos deixaram brigar porque queriam o dinheiro deles. Se esse cara não pagasse, ninguém mais iria pagar. Minha mãe chegou no meio da briga e pulou em mim, agarrou minhas mãos, deu um tapa em mim e me jogou para baixo.

“Por que você está brigando com esse homem?”, gritou. “O que você fez para ele? Sinto muito, senhor”, disse ao cara.

“Ele tentou pegar de volta o dinheiro dele”, reclamei.

Minha mãe pegou meu dinheiro e o deu ao homem e bateu na minha cara.

“Sinto muito, senhor”, falou.

“Vou te matar, seu filho da puta”, gritei quando ela me puxou para longe.

Mereci cada surra que levei. Eu só queria ser um dos garotos legais, o garoto da rua que usava joias e tinha dinheiro no bolso. Eu não estava lá muito afim de garotas na época, mas gostava de ter as roupas e receber toda a atenção.

Naquela altura, minha mãe estava desistindo de mim. Era bem conhecida no bairro e sabia falar com eloquência quando precisava. Seus outros filhos tinham a capacidade de aprender a conviver com os outros, mas aí havia eu. Era o único que não sabia ler nem escrever. Não conseguia aprender aquelas coisas.

“Por que você não consegue fazer isso?”, perguntava para mim. “O que tem de errado com você?”

Ela deve ter pensado que eu era retardado. Quando era criancinha, tinha me levado a um monte de lugares na Lee Avenue para passar por avaliações psicológicas. E, quando jovem, falava em voz alta comigo mesmo. Acho que isso não era normal nos anos 1970.

Uma vez caí no sistema judicial, e o tribunal me mandou para uma escola de educação especial de loucos. Educação especial era como a prisão. Deixavam você lá trancado até que fosse hora de ir para casa. Traziam de ônibus todas as crianças antissociais e as malditas crianças malucas. Tinha-se de fazer o quer que te mandassem fazer, mas eu me irritava e brigava com as pessoas, cuspia na cara delas. Eles nos davam passes de ônibus para ir e voltar da escola; então eu roubava os passes das crianças e depois apostava com elas. Eu roubava até os professores e ia para a escola no dia seguinte vestindo os bagulhos novos que tinha comprado com o dinheiro deles. Fazia um monte de merda ruim.

Disseram que eu era hiperativo, então começaram a me dar Amplictil. Pularam a Ritalina e foram direto para o grande A, que é o que davam para os filhos da puta dos neguinhos de sangue ruim nos anos 1970. Amplictil era uma viagem. Eu ficava lá sentado olhando para alguma coisa, mas não conseguia me mover, não conseguia fazer nada. Tudo ficava legal; dava para ouvir tudo, mas eu simplesmente estava fora de sintonia, como um zumbi. Não pedia comida, só traziam na hora certa. Perguntavam: "Você precisa ir ao banheiro?". E eu respondia: "Ah, sim, eu preciso". Eu nem sabia quando tinha de ir ao banheiro.

Quando eu tomava aquela merda, eles me mandavam para casa. Eu ficava em casa brisando, vendo o programa *Rocky & Bullwinkle*. Minha mãe achava que algo estava errado com seu menininho, mas eu era apenas uma porra de um garoto mau para caralho. Eles me diagnosticaram errado, provavelmente me foderam um pouco, mas nunca levei para o lado pessoal quando erraram o diagnóstico. Sempre achei que coisas ruins aconteciam na minha vida porque algo estava errado comigo.

Além dos zumbis e das crianças loucas, eles enviavam criminosos para as escolas de educação especial. Agora todos os criminosos de diferentes bairros tinham a chance de conhecer uns aos outros. Íamos para a Times Square dar umas trombadas e víamos todos os caras da nossa escola, todos vestidos de pele de ovelha e roupas extravagantes, com dinheiro no bolso e fazendo a mesma coisa. Eu estava na Times Square em 1977, só passeando, quando vi uns caras do meu antigo bairro, Bed-Stuy. Estávamos conversando quando vi que um deles tinha agarrado a bolsa de uma prostituta. Ela ficou furiosa e jogou uma xícara de café quente no meu rosto. Os policiais começaram a vir em nossa direção, e meu amigo Bub e eu demos no pé. Corremos para um cine pornô para nos esconder, mas logo depois a prostituta entrou lá com os policiais.

"Foram eles", apontou para Bub e para mim.

"Eu? Eu não fiz merda nenhuma", reclamei, mas os policiais nos escoltaram para fora e nos colocaram no banco traseiro da viatura.

Mas a madame louca não estava satisfeita. Enfiou o braço pela janela traseira e arranhou meu rosto com suas unhas compridas de

quenga.

Eles nos levaram para a delegacia do centro. À medida que a gente se afastava da Times Square, vi meus amigos de Bed-Stuy, aqueles que fizeram a merda toda, olhando da rua. Eu tinha sido preso várias vezes, por isso estava acostumado com aquilo. Mas, quando os agentes olharam minha ficha, viram que eu simplesmente tinha tido prisões demais; portanto, iria direto para o reformatório de Spofford.

Eu tinha ouvido histórias de horror sobre Spofford – gente sendo espancada por outros detentos ou pela equipe –, então eu não estava nada animado por estar indo para lá. Eles me deram algumas roupas e uma cela individual, e eu fui dormir. Pela manhã, eu estava aterrorizado. Não tinha ideia do que ia acontecer naquele lugar. Mas, quando fui ao refeitório para o café da manhã, foi como uma reunião de classe. Imediatamente vi meu amigo Curtis, aquele cara com quem eu tinha roubado a casa e que tinha sido arregaçado pelo dono. Então comecei a ver todos os meus velhos parceiros.

"Fica frio", disse para mim mesmo. "Todos os seus trutas estão aqui."

Depois dessa primeira vez, eu entrava e saía de Spofford como se fosse nada. Spofford virou um tipo de colônia de férias para mim. Durante uma das minhas visitas, fomos todos levados para a sala de convivência para assistir a um filme sobre Muhammad Ali chamado *The Greatest*. Quando acabou, todos nós aplaudimos e ficamos embasbacados quando o próprio Ali subiu ao palco. Ele parecia gigantesco. Não precisou nem abrir a boca – logo que o vi aparecer, pensei: *Quero ser aquele cara*. Ele conversou com a gente e foi inspirador. Eu não tinha ideia do que ia fazer da minha vida, mas sabia que queria ser como ele. É engraçado, as pessoas não usam essas palavras mais. Se veem uma grande luta, podem até dizer: "Quero ser um lutador de boxe". Mas ninguém mais diz: "Quero ser como ele". Não existem muitos Alis. Bem naquele momento, decidi que queria ser grande. Não sabia o que faria, mas decidi que queria que as pessoas olhassem para mim da mesma forma que olhavam para Ali.

Não me entenda mal. Não saí de Spofford e mudei da água para o vinho. Eu ainda era um pequeno rato de esgoto. Minha situação em casa estava degringolando. Depois de todas aquelas prisões, escolas especiais e medicamentos, minha mãe, definitivamente, não tinha mais nenhuma esperança em relação a mim. Acho que ela nunca tinha tido desde a minha infância. Só sei que um daqueles médicos – um babaca racista, um cara que disse que eu era retardado e fodido da cabeça – roubou a esperança que a minha mãe ainda podia ter em relação a mim bem naquele momento. E roubaram todo amor ou segurança que eu poderia ter tido.

Nunca vi minha mãe feliz comigo ou orgulhosa de mim por algo que fiz. Nunca tive a chance de conversar com ela e conhecê-la de verdade. Profissionalmente, isso não veio a ter efeito algum sobre mim, mas emocional e psicologicamente foi esmagador. Estar com meus amigos e ver suas mães os beijando. Nunca tive isso. Pode-se pensar que, se ela me deixou dormir na sua cama até os 15 anos, é porque gostava de mim, mas a verdade é que estava bêbada o tempo todo.

Como agora eu estava no sistema prisional, as autoridades decidiram me mandar para casas assistenciais para me endireitar. Eles pegavam um bando de garotos incorrigíveis, abusados, maus e doidos, juntavam todos e os jogavam numa casa com pessoas que eram pagas pelo governo para nos aceitar. A coisa toda era uma enganação. Não iria durar mais de dois dias ali. Eu simplesmente fugiria.

Uma vez, eu estava numa casa assistencial em Brentwood, Long Island. Liguei para casa e reclamei para minha mãe que não tinha nenhuma erva lá, então ela fez Rodney comprar um pouco e entregá-la para mim. Sempre foi uma facilitadora.

Com o tempo, fui enviado para Mount Loretto, uma instituição em Staten Island, mas nada poderia me mudar. Agora eu estava batendo carteiras de caras na Balsa de Staten Island. Nunca se sabe de que tipo de pessoa se está roubando. Às vezes, roubava o cara errado, um filho da puta cabuloso, e ele quer porque quer seu dinheiro de volta. Ele simplesmente começa a chegar junto em todo mundo.

“Quem pegou meu dinheiro, porra?”, o cara gritou.

Ele começou a bater em todo mundo ao seu redor, toda a balsa teve de saltar sobre o filho da puta. Meu amigo era a pessoa que tinha batido sua carteira, e ele chutou a bunda do meu amigo, mas não sabia que ele era o autor do crime. Descemos do barco e ficamos todos rindo porque tínhamos conseguido o dinheiro. Apesar das lágrimas e da dor, até meu amigo estava rindo. Aquele cara teria nos chutado para fora do barco se soubesse que a gente estava com seu dinheiro. Fico com medo hoje em dia só de pensar no tipo de vida que eu levava na época. Meu Deus, ele teria nos matado, com certeza era violento a esse ponto.

Fui solto do reformatório de Staten Island no início de 1978, e voltei para Brownsville. Eu sempre ouvia dizer que muitos amigos meus estavam sendo mortos por ninharias como joias ou algumas notas de 100 dólares. Eu estava ficando um pouco preocupado, mas nunca parei de assaltar e roubar. Via os caras mais velhos, em quem me espelhava, subirem na vida, mas também via os trancos que levavam. Vi serem espancados sem dó nem piedade porque estavam sempre passando as pessoas para trás. Mas, ainda assim, nunca paravam, isso estava em seu sangue.

O bairro foi ficando cada vez mais ameaçador, e eu me tornando cada vez mais odiado. Eu tinha apenas 11 anos de idade, mas às vezes caminhava pelo bairro, na minha, e um dono de prédio ou comerciante me via andando, pegava uma pedra ou algo assim e atirava em mim.

“Bastardinho ladrão, filho da puta”, gritavam.

Eles me viam com roupas bonitas e sabiam que eu era o neguinho que os roubava. Certa vez, eu estava passando em frente a um prédio e parei para conversar com um amigo, nisso apareceu um tal de Nicky com uma espingarda de caça e seu amigo com uma pistola. Seu amigo sacou a pistola, e Nicky encostou a espingarda no meu pênis.

“Olha, neguinho, se eu ficar sabendo que você tem subido na porra daquele telhado de novo, vou te foder. Se algum dia eu der de cara com você neste bairro de novo, vou atirar nas suas bolas”, disse.

Eu nem sabia quem era aquele cara, mas ele evidentemente sabia quem eu era. Dá para acreditar que eu simplesmente estava acostumado a ter pessoas aparecendo na minha frente e folgando comigo desse jeito?

Poucos meses antes de completar 13 anos, fui preso novamente por apropriação indébita. Eles tinham esgotado todos os lugares nos arredores de Nova York para onde poderiam me mandar. Não sei que tipo de teste diagnóstico científico usaram, mas decidiram me mandar para a Tryon School for Boys, uma instituição para menores infratores localizada no norte do estado de Nova York, a cerca de uma hora a noroeste de Albany.

Minha mãe ficou feliz que eu iria para o norte do Estado. Nessa época, vários homens adultos tinham começado a ir a minha casa me procurar.

“Seu irmão é um filho da puta escroto. Vou matar seu irmão”, diziam para minha irmã.

“Ele é apenas um garoto”, respondia. “Não é como se tivesse comido sua esposa ou algo assim.”

Imagine só, com 12 anos de idade, e homens adultos vindo até sua casa te procurar? Não é uma bela merda? Dá para culpar minha mãe por ter perdido todas as esperanças em mim?

2

O FATO DE TEREM me mandado para o reformatório estadual não foi legal. Eu estava com os meninos grandes agora. Pegavam mais pesado que os caras de Spofford. Mas Tryon não era um lugar ruim. Havia um monte de casas rústicas enormes por lá, e era possível caminhar ao ar livre, jogar basquete e ir até a quadra de esportes. Mas arranjei problemas logo de cara. Eu vivia com raiva. Tinha uma atitude péssima. Era agressivo e mostrava a todos que era do Brooklyn e que não levava desaforo para casa.

Um dia, eu estava indo para a aula, quando um cara passou por mim no corredor. Ele estava dando uma de durão, como se fosse um assassino, e viu que eu estava segurando meu chapéu na mão. Então ele começou a puxá-lo e continuou andando. Eu nem o conhecia, e encarei a atitude dele como desrespeito. Sentei na classe e pelos 45 minutos seguintes só pensei em como iria matar aquele cara por ter puxado meu chapéu. Quando a aula acabou, saí e o vi com seus amigos na porta.

Esse é o cara, Mike, pensei. Cheguei perto dele – ele estava com as mãos nos bolsos, olhando para mim como se não tivesse preocupação nenhuma no mundo, como se eu tivesse esquecido que ele tinha puxado o meu chapéu 45 minutos atrás. Então, parti para cima dele cheio de fúria.

Eles me algemaram e me mandaram para Elmwood, que era uma grande casa de confinamento para crianças incorrigíveis. Elmwood era assustadora. Havia uns funcionários caipiras parrudos lá. Toda vez que via alguém de lá, estava andando algemado e com escolta de duas pessoas.

Nos fins de semana, todos os garotos de Elmwood que tinham ganhado créditos desapareciam por algumas horas e depois voltavam com nariz quebrado, dentes rachados, boca arrebentada,

costelas machucadas – arregaçados. Eu achava que estavam apanhando da equipe da casa, porque naquela época ninguém iria ligar para o Departamento de Saúde ou para o Serviço Social se os funcionários estivessem batendo nas crianças. Mas, quanto mais eu conversava com esses caras detonados, mais percebia que estavam felizes.

"É, cara, a gente quase pegou ele, foi quase", eles riam.

Eu não tinha ideia do que estavam falando, mas depois me contaram. Estavam aprendendo boxe com o senhor Stewart, um dos conselheiros. Bobby Stewart era um cara irlandês fortão, com uns 80 quilos, que tinha sido boxeador profissional. Foi campeão nacional de veteranos de boxe. Eu estava no fundo do poço quando membros da equipe me disseram que havia um ex-campeão de boxe ensinando os garotos a lutar. Os membros da equipe que me falaram sobre Stewart eram muito bons comigo, e eu queria conhecê-lo porque achei que ele seria bom comigo também.

Estava no meu quarto uma noite, e ouvi uma batida alta e intimidadora na porta. Abri a porta, e era o senhor Stewart.

"E aí, cuzão, ouvi falar que você quer falar comigo", rosnou.

"Quero ser lutador", falei.

"Os outros caras também querem, mas eles não têm colhões de treinar para ser lutadores", ele disse. "Quem sabe, se você se endireitar, deixar de ser babaca e mostrar um pouco de respeito por aqui, eu trabalhe com você."

Então, realmente comecei a me esforçar. Acho que sou o cara mais estúpido do mundo quando se trata de coisas de escola, mas, para lutar com Stewart, consegui me tornar um estudante exemplar e dizer "Sim, senhor" e "Não, senhora" para todos – nada menos do que um cidadão-modelo. Levei um mês, mas finalmente ganhei os créditos suficientes. Todos os outros garotos vieram ver para crer se eu conseguiria dar um cacete nele. Eu estava superconfiante de que iria demolir Stewart e que todo mundo iria ficar pagando pau para mim.

Imediatamente comecei debulhando e dando um monte de socos, e ele se protegendo. Estava socando e espancando quando, de

repente, ele se aproximou sutilmente e, *bum!*, me acertou bem no estômago.

Botei para fora tudo o que tinha comido nos últimos dois anos. *Que merda foi essa?*, fiquei pensando. Eu não sabia nada sobre boxe até então. Agora sei que, quando se toma uma porrada no estômago, perde-se a respiração só por alguns segundos, e então ela volta. Eu não sabia disso na época. Pensei realmente que não seria capaz de respirar de novo e que morreria. Eu estava tentando respirar desesperadamente, mas tudo o que conseguia fazer era vomitar. Foi horrível.

"Levanta e anda que isso passa", bradou.

Depois que todo mundo foi embora, me aproximei dele verdadeiramente humilde. "Desculpe-me, senhor, você pode me ensinar a fazer isso?", perguntei. Fiquei pensando que, quando eu voltasse para Brownsville e acertasse um filho da puta no estômago daquele jeito, ele iria cair e eu iria direto nos bolsos dele. Minha mente estava focada nesse tipo de coisa na época. Stewart deve ter visto alguma coisa em mim, porque depois de nossa segunda sessão ele me perguntou: "Será que você gostaria de fazer isso para valer?". Aí, comecei a treinar regularmente com ele. E, após nossos treinos, eu voltava para meu quarto e lutava com minha sombra a noite inteira. Comecei a ficar muito melhor. Não fiquei sabendo disso na época, mas, durante uma de nossas sessões de sparring, acertei Bobby com um jab – um soco curto e direto –, quebrei seu nariz e quase o derrubei. Como ele tinha a semana seguinte de folga, tratou de ficar em casa até melhorar.

Após alguns meses de exercícios, liguei para minha mãe e coloquei Bobby para falar com ela. "Conta para ela, conta para ela", disse. Eu queria que ele dissesse quanto eu estava me saindo bem. Só queria que ela soubesse que eu podia fazer alguma coisa. Achei que ela poderia acreditar em mim se uma pessoa branca lhe dissesse. Mas minha mãe disse ao Bobby que tinha dificuldade em acreditar que eu tinha mudado. Achava que eu era incorrigível.

Pouco depois disso, Bobby me veio com uma ideia. "Quero levar você para conhecer um lendário treinador de boxe chamado Cus D'Amato. Ele pode te levar para um outro nível."

“Que diabos tá acontecendo aqui?”, perguntei. Eu não confiava em ninguém além de Bobby Stewart naquela época. Agora, ele iria me mandar para outra pessoa?

“Apenas confie no homem”, Bobby me disse.

Então, num fim de semana de março de 1980, Bobby e eu fomos de carro até Catskill, em Nova York. A academia do Cus era uma sala de reuniões adaptada que ficava em cima da delegacia de polícia da cidade. Como não havia janelas, eles tinham algumas lâmpadas antigas para fornecer luz. Notei que havia cartazes nas paredes e recortes de alguns dos rapazes do bairro que estavam indo bem.

Cus era exatamente o que se espera de um treinador de boxe durão. Era baixo e troncudo, careca e visivelmente forte. Também falava duro e era extremamente sério – enfim, um sujeito de cara amarrada.

“Como vai? Sou Cus”, disse, se apresentando. Tinha um forte sotaque do Bronx. Ele estava com um treinador mais jovem chamado Teddy Atlas.

Bobby e eu entramos no ringue e começamos o treino. Comecei forte, realmente batendo em Bobby. Nós normalmente teríamos três assaltos, mas, no meio do segundo assalto, Bobby me acertou no nariz com um par de direitas e comecei a sangrar. Na verdade não machucou, mas o sangue se espalhou por toda a minha cara.

“Já é suficiente”, disse Atlas.

“Mas, senhor, por favor, deixe-me terminar este assalto e lutar mais um. É o que costumamos fazer”, implorei. Queria impressionar Cus.

Acho que eu tinha conseguido. Quando saímos do ringue, as primeiras palavras de Cus para Bobby foram: “Esse é o campeão mundial dos pesos-pesados”.

Logo após a sessão de treino, fomos almoçar na casa de Cus. Ele morava numa grande casa vitoriana branca num terreno de dez hectares. Dava para ver o rio Hudson da varanda. Havia árvores imponentes na frente e grandes roseiras ao lado da casa. Eu nunca tinha visto uma casa daquela na minha vida.

Assim que a gente sentou, Cus me disse que não podia acreditar que eu tinha apenas 13 anos de idade. E, então, me disse como seria meu futuro. Ele nem tinha me visto treinar por mais de seis minutos, mas disse aquilo de uma forma que parecia algo inscrito na pedra.

"Você esteve esplêndido", falou. "Você é um grande lutador." Foi elogio após elogio. "Se ouvir o que tenho a dizer, posso fazer de você o mais jovem campeão dos pesos-pesados de todos os tempos."

Porra, como ele poderia saber aquela merda? Pensei que fosse um pervertido. No mundo de onde vim, as pessoas fazem essas merdas quando querem fazer algo pervertido com você. Eu não sabia o que dizer. Nunca tinha ouvido alguém dizer coisas boas sobre mim antes. Só queria ficar por perto do velho porque gostava do jeito como ele fazia eu me sentir. Depois percebi que isso nada mais era do que a psicologia do Cus. Dava a um homem fraco um pouco de força, e ele ficava viciado.

Eu estava animado na viagem de volta a Tryon. Estava sentado com um monte de rosas da casa do Cus em meu colo. Nunca tinha visto rosas de verdade antes, só na televisão, mas queria algumas porque pareciam tão requintadas. Queria ter algo de bom para levar de volta comigo, então perguntei se podia levar algumas delas. Eu me senti tão bem com o cheiro das rosas e as palavras de Cus ecoando em meus ouvidos, era como se todo meu mundo tivesse mudado. Naquele momento, eu sabia que ia ser alguém.

"Acho que ele gostou de você", Bobby disse. "Se você não for babaca e cuzão, isso vai acabar bem." Eu sentia que Bobby estava feliz por mim.

Voltei para Tryon e coloquei as rosas na água. Cus tinha me dado uma enorme enciclopédia de boxe para ler e não dormi durante a noite – simplesmente devorei o livro inteiro. Li sobre Benny Leonard, Harry Greb, Jack Johnson. Pirei naquilo. Eu queria ser como aqueles caras, pois eles pareciam não ter regras. Trabalhavam duro, mas no tempo livre só ficavam de boa, e eram vistos como deuses.

Comecei a ir malhar na casa de Cus todo fim de semana. Eu treinava com Teddy na academia e depois ficava na casa do Cus. Havia outros lutadores que viviam lá com Cus e sua companheira,

uma doce senhora ucraniana chamada Camille Ewald. Quando comecei a entrar na casa, eu roubava dinheiro da carteira do Teddy. Ei, espera aí, você está pensando que essa merda vai embora assim fácil só porque alguma merda boa está acontecendo? Eu tinha de arranjar dinheiro para comprar bagulho. Eu ouvia o Teddy dizer para o Cus: “Só pode ser ele”.

“Não é ele”, Cus respondia.

Fiquei animado com o boxe, mas só tive certeza de que lutar boxe era o que eu queria fazer por toda a minha vida depois de assistir pela primeira vez a uma luta entre Leonard e Duran na tevê da casa do Cus, num fim de semana. Uau, pirei naquela luta, foi tão contagiante. Os dois estavam tão imponentes e mortais, dando socos muito rápidos. Parecia uma coreografia, como se os dois estivessem seguindo um roteiro. Fiquei simplesmente embasbacado. Nunca tive aquela sensação novamente.

Quando comecei a frequentar a casa do Cus, nem mesmo ele me deixava boxear. Depois que eu terminava de malhar com Teddy, Cus sentava comigo e a gente conversava. Ele falava sobre meus sentimentos e emoções e sobre a psicologia do boxe. Ele queria alcançar meu eu mais profundo. Conversávamos muito sobre os aspectos espirituais do esporte. “Se não tiver o guerreiro espiritual dentro de você, nunca será um lutador. Não importa quão grande e forte seja”, disse. Nós conversávamos bastante sobre conceitos bem abstratos, mas ele conseguia se fazer entender. Cus sabia falar a minha língua. Ele tinha crescido em bairros problemáticos e tinha sido um garoto das ruas também.

A primeira coisa que o Cus falou foi sobre o medo e como superá-lo.

“O medo é o maior obstáculo para a aprendizagem, mas também é seu melhor amigo. O medo é como o fogo: se aprender a controlá-lo, o fará trabalhar para você. Se não aprender a controlá-lo, ele vai destruir você e tudo ao seu redor. Como uma bola de neve numa colina, você pode pegá-la e arremessá-la, ou fazer o que quiser com ela antes que comece a rolar, mas, a partir do momento que ela rolar colina abaixo e se tornar enorme, vai esmagar e matar você. Portanto, jamais permita que o medo se desenvolva e aumente sem

controle, porque, se não fizer isso, não vai ser capaz de atingir seu objetivo ou salvar sua vida.

"Pense numa corça atravessando um campo aberto. Ao se aproximar da floresta, de repente, seu instinto lhe diz que existe perigo, pode haver um leão ali. Assim que isso acontece, a natureza aciona seu modo de sobrevivência, em que as glândulas suprarrenais injetam adrenalina na corrente sanguínea, fazendo o coração bater mais rápido, o que permite ao corpo realizar proezas extraordinárias de agilidade e força. Se normalmente a corça pode saltar a 5 metros de distância, a adrenalina permite que o primeiro salto seja de 12 ou 15 metros, o suficiente para escapar do perigo iminente. Com o ser humano não é diferente. Quando confrontado com uma situação de intimidação ou medo de se ferir, a adrenalina acelera o coração. Sob a influência das glândulas suprarrenais, as pessoas podem realizar proezas extraordinárias de força.

"Acha que sabe a diferença entre um herói e um covarde, Mike? Bem, não há diferença alguma entre um herói e um covarde naquilo que sentem. É o que *fazem* que os torna diferentes. O herói e o covarde sentem exatamente a mesma coisa, mas é preciso ter a disciplina para fazer o que um herói faz e para evitar fazer o que o covarde faz.

"Sua mente não é sua amiga, Mike. Espero que saiba disso. Você tem de lutar com sua mente, controlá-la, colocá-la em seu devido lugar. Tem de controlar suas emoções. A fadiga no ringue é 90% psicológica. É apenas a desculpa de um homem que quer desistir. Na noite antes de uma luta, você não vai dormir. Não se preocupe, o outro cara também não. Você vai para a pesagem, ele vai parecer muito maior e mais calmo do que você, mas por dentro ele está com medo. Sua imaginação vai conferir a ele habilidades que ele não tem. Lembre-se, o movimento alivia a tensão. No momento em que o sino toca e vocês entram em contato um com o outro, de repente seu adversário parece uma pessoa qualquer, porque agora a sua imaginação se dissipou. A luta em si é a única realidade que importa. Você tem de aprender a impor sua vontade e a assumir o controle sobre essa realidade."

Eu podia ouvir Cus falar horas e horas. E ouvia. Cus conversava comigo sobre a importância de agir de forma intuitiva e impessoal e de uma maneira relaxada, evitando que todas as minhas emoções e sentimentos bloqueassem o que eu sabia intuitivamente. Ele me contou que estava conversando sobre isso uma vez com o grande escritor Norman Mailer.

"Cus, você não sabe, mas você é adepto do zen", Mailer disse a Cus, e em seguida lhe deu um livro chamado *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. Cus costumava ler esse livro para mim. Ele me disse que tinha realmente experimentado o mais alto nível de distanciamento emocional em sua primeira luta. Estava treinando numa academia na cidade e queria ser um lutador profissional. Vinha socando o saco pesado durante uma semana ou duas, quando seu empresário lhe perguntou se queria boxear com alguém. Entrou no ringue e seu coração batia que nem um tambor, então a campainha tocou e o outro cara partiu para cima dele, espancando-o. Seu nariz estava inchado, seu olho travado, ele estava sangrando. O cara perguntou se ele queria um segundo assalto, e Cus disse que ia tentar. Foi lá, e, de repente, sua mente se separou do seu corpo. Ele estava se observando a distância. Os socos que lhe acertavam pareciam vindos de longe. Ele mais os percebia pela mente do que os sentia fisicamente.

Cus me disse que, para ser um grande lutador, é preciso sair da sua mente. Ele me fazia sentar e dizia: "Transcenda. Tenha foco. Relaxe até se ver olhando para si mesmo. E me avise quando chegar lá". Aquilo foi muito importante para mim. Geralmente sou muito levado pelo emocional. Mais tarde, percebi que se não me separasse dos meus sentimentos dentro do ringue iria afundar. Podia acertar um cara com um soco forte e, em seguida, ficar com medo se ele não caísse.

Cus levou essa experiência de estar fora do corpo um passo adiante. Ele separava sua mente de seu corpo e, em seguida, visualizava o futuro. "Tudo fica calmo, e eu, do lado de fora, vejo a mim mesmo", ele disse. "Sou eu, mas não sou, como se minha mente e meu corpo não estivessem conectados, mas na realidade estão. Recebo uma imagem em minha mente de o que vem a seguir.

Consigo realmente ver a imagem, como uma tela. Posso pegar um lutador que está apenas começando e posso ver exatamente como ele vai se sair. Quando isso acontece, posso assistir a uma luta de um cara e saber tudo dele, posso até ver as engrenagens em sua cabeça. É como se eu fosse o próprio cara, estivesse dentro dele."

Ele chegou a afirmar que poderia controlar os acontecimentos usando a mente. Cus treinou Rocky Graziano quando ele ainda era um amador. Uma vez, Cus estava no corner de Rocky quando ele estava tomando um vareio. Depois de ser derrubado duas vezes, Rocky voltou para o corner e queria desistir. Mas Cus o incentivou a voltar para o assalto seguinte e, antes que Rocky pudesse jogar a toalha, Cus usou sua mente para impulsionar seu braço a dar um soco que acertou o cara, fazendo ele cair, e o juiz parou a luta. Esse era o grande cara que estava me treinando.

Cus acreditava realmente que, em sua mente, é preciso ser o indivíduo almejado. Se quisesse ser o campeão mundial dos pesos-pesados, deveria começar a viver a vida de um campeão dos pesos-pesados. Eu tinha só 14 anos, mas acreditava de verdade na filosofia do Cus. Sempre treinando, pensando como um gladiador romano, em perpétuo estado de guerra em sua mente, mas no exterior aparentando estar calmo e relaxado. Ele estava praticando e me ensinando a lei da atração mesmo sem saber.

Cus também era ótimo em autossugestão. Ele tinha um livro chamado *O domínio de si mesmo pela autossugestão consciente*, escrito por um farmacêutico e psicólogo francês chamado Émile Coué, que dizia a seus pacientes que repetissem para si mesmos, várias e várias vezes: "Todos os dias, em todos os sentidos, vou ficar cada vez melhor". Cus disse que repetia essa frase quando teve catarata agressiva num olho e que ela o tinha feito melhorar.

Ele me fez modificar as afirmações conforme minha própria situação. Então ele me fazia dizer várias vezes durante todo o dia: "Eu sou o melhor lutador do mundo. Ninguém pode me derrotar. O melhor lutador do mundo. Ninguém pode me derrotar". Eu adorava fazer aquilo, adorava me ouvir falar de mim.

O objetivo de todas essas técnicas era aumentar a confiança do lutador. Confiança era tudo. Mas, para obter essa confiança, é

preciso testar a si mesmo e se colocar na linha. A coisa não vem por osmose, do nada. Vem da mentalização constante e consistente, que ajuda a desenvolver a confiança que se deseja possuir.

Cus explicou tudo isso para mim já nas primeiras semanas em que estávamos juntos. Ele me deu todo o plano. Me deu uma missão: eu seria o mais jovem campeão dos pesos-pesados de todos os tempos. Eu não sabia disso na época, mas depois de uma de nossas primeiras longas conversas, Cus confidenciou a sua companheira: "Camille, foi por ele que estive esperando toda minha vida".

Eu estava perto de poder voltar para o Brooklyn em liberdade condicional, quando Bobby Stewart veio me ver um dia.

"Não quero que você volte para o Brooklyn. Tenho medo que você possa fazer alguma besteira e ser morto ou fazer algo e ser preso novamente. Quer morar com o Cus?"

Eu também não queria voltar. Estava buscando mudanças em minha vida. Além disso, gostava da forma como aquelas pessoas falavam comigo e faziam eu me sentir bem, sentir como se fosse parte da sociedade. Então conversei com minha mãe sobre morar com Cus.

"Mãe, quero ir lá para treinar. Quero ser um lutador. Posso ser o melhor lutador do mundo." Cus tinha mexido muito com minha mente. Era só disso que ele me falava, o quanto eu poderia me tornar grande, como melhorar a mim mesmo, dia após dia, em todos os sentidos. Toda aquela merda de autoajuda.

Minha mãe se sentiu mal por eu ir embora, mas assinou os documentos de permissão. Talvez achasse que tinha falhado como mãe.

Então, fui morar com Cus, Camille e os outros lutadores da casa. Fiquei sabendo mais e mais sobre Cus, porque a gente tinha longas conversas depois que eu treinava. Ele ficava tão feliz quando eu lhe contava minhas histórias de pouca sorte na vida. Ele ficava ligado como uma árvore de Natal. "Conta mais", dizia. Eu era o cara perfeito para sua missão – lar desfeito, mal-amado e desamparado. Eu era duro, forte e sorrateiro, mas ainda era uma folha em branco. Cus queria que eu assumisse minhas deficiências. Ele não fazia eu me sentir envergonhado ou inferior por causa da minha criação.

Adorava o fato de eu ter um grande entusiasmo. “Entusiasmo” – Cus me ensinou essa palavra.

Ele podia entender minha situação porque teve uma vida dura também. Sua mãe morreu muito cedo. Ele tinha perdido a visão de um olho numa briga de rua quando era um garotinho. Seu pai morreu nos braços dele quando era rapazinho. Um policial tinha assassinado seu irmão favorito.

Cus realmente só trabalhou em emprego careta por um ano em sua vida, e então saiu porque comprou brigas com seus colegas de trabalho. Mas passava bastante tempo ajudando as pessoas do seu bairro, resolvendo seus problemas, quase como um assistente social não oficial. Ele tinha muito prazer em ajudar os outros. Ajudou a acabar com a corrupção política em seu bairro quando La Guardia estava concorrendo para prefeito de Nova York como um reformador. Fez isso ao enfrentar um dos caras corruptos que tinham apontado uma arma para ele. Cus era destemido. E também era amargo.

“Defendi o mais fraco minha vida toda”, disse Cus. “Muitos dos meus problemas vieram de defender os oprimidos. Algumas pessoas que ajudei não mereciam. Muito pouca gente vale a pena salvar.”

Cus era totalmente indiferente à cor das pessoas. O melhor amigo de seu pai era negro. Quando estava no Exército, no sul do país, ele tinha uma equipe de boxe. Quando viajavam, nenhum hotel aceitava seus lutadores negros, então ele ia dormir nos parques com seus pupilos.

Ele também era um socialista de carteirinha. Admirava Che, Fidel, o casal Rosenberg. Quando falava sobre o caso Rosenberg, eu o provocava. “Ah, vai, Cus. Isso não tá certo. Eles eram culpados”, eu dizia. “Ah, então tá”, ele rugia. “Você tá falando isso agora, mas, quando eles trouxerem a escravidão de volta, quero ver se você vai conseguir dizer quem era culpado ou não. Pode crer que eles também tão planejando trazer a escravidão de volta, tá bom?”

Seu maior inimigo era Ronald Reagan. Reagan ia falar na tevê, e Cus esgoe-lava com toda a força dos seus pulmões: “MENTIROSO, MENTIROSO, MENTIROSO, MENTIROSO!!!”. Ele era maníaco. Estava sempre

falando sobre quem é que devia morrer. “Um homem morre pela forma como vive”, dizia.

Um dia, Cus me disse: “Quando você ganhar um monte de dinheiro, vai poder realmente ajudar todas as pessoas que já foram importantes na sua vida. Poderia ajudar as igrejas de negros”. Ele achava que as igrejas de negros eram as melhores redes sociais de base para pessoas negras. Amava o reverendo Martin Luther King. Cus viu todo seu dinheiro ir embora ajudando as pessoas.

“O dinheiro é algo para se jogar da parte traseira dos trens”, me dizia. “O dinheiro significa segurança, e para mim segurança significa morte, então nunca me preocupei com grana. Todas as coisas que valorizo não poderiam ser compradas com dinheiro. Nunca fiquei impressionado com o dinheiro. Muitas pessoas erradas são podres de ricas, logo a associação não é boa. Não que eu fosse descuidado com dinheiro. Dei grana para pessoas em dificuldades, e não acredito que isso seja desperdício de dinheiro.”

Também não acreditava em pagar impostos para um governo de direita. Ele declarou falência quando devia 200 mil dólares em impostos federais.

Como Cus entrou no boxe era em si um mistério. De repente, ele apareceu do nada e disse: “Sou treinador de boxe”. Ninguém nunca tinha ouvido falar dele. Não sabia nada sobre contratos nem lutadores, mas alegou que era empresário. Então acabou empresário e treinador de um jovem peso-pesado promissor, chamado Floyd Patterson, que também era um garoto pobre que cresceu no Brooklyn. Na época, o boxe era dominado por um grupo chamado IBC, o International Boxing Club, de propriedade de empresários ricos, que tinham o controle sobre a promoção das lutas de campeonato. Mas Cus decidiu enfrentar o IBC ao levar Floyd aos campeonatos. Ele estava indo contra a máfia, porque Frankie Carbo, um soldado da família Lucchese, estava mancomunado com o IBC. Cus ajudou a quebrar o esquema do IBC, e Carbo acabou na cadeia por conspiração, extorsão e agenciamento sem licença.

Depois de um tempo, Cus ficou de coração partido quando Roy Cohn, um advogado de direita, roubou Patterson dele, prometendo ao boxeador recémconvertido ao catolicismo um encontro com o

cardeal Spellman, de Nova York. Cus nunca mais colocou os pés dentro de uma igreja católica. Depois disso, ele foi desenvolvendo uma paranoia séria. Alegou que alguém tentou empurrá-lo para a frente de um vagão do metrô. Parou de frequentar bares, porque estava com medo de que alguém pusesse droga em sua bebida. Ele chegou até mesmo a costurar os forros dos bolsos para que ninguém pudesse colocar drogas dentro deles, a fim de armar para cima dele. Depois disso, mudou-se para Catskill.

Ele era paranoico até em casa. Ninguém podia entrar em seu quarto, e até armava um esquema com alguns fósforos em sua porta, para que pudesse ver se alguém tinha entrado lá enquanto ele estava fora. Se me visse perto do quarto dele, dizia: "O que você tá fazendo aí?".

"Moro aqui em cima, Cus. Eu moro aqui", respondia.

Uma vez, eu, Tom Patti e Frankie, dois outros pugilistas que viviam na casa, saímos. Cus não confiava em ninguém com relação a chaves, porque a gente podia perdê-las e depois algum estranho poderia entrar na casa. Quando chegamos em casa e batemos na porta, não houve resposta. Olhei pela janela e Cus tinha pegado no sono em sua poltrona favorita, com a tevê bem alta, porque ele era meio surdo. Tom percebeu que a melhor hora de bater era quando o programa ia para o comercial e havia alguns segundos de silêncio. Então, exatamente naquele momento, todo mundo bateu na janela e gritou: "Cus! Cus!". Num milésimo de segundo, Cus fez meia-volta e ficou em posição, curvado sobre a cintura, com a mão esquerda em guarda, pronto para dar um golpe com a direita e nocautear o intruso. Todo mundo caiu no chão de tanto rir.

Em outra ocasião, um sparing que estava hospedado lá saiu de fininho durante a noite para ir até a cidade. Tom e eu acordamos cedo pela manhã e íamos descer para tomar o café. Olhamos para a sala de estar e Cus estava no chão rastejando, como se faz no Exército, com seu rifle na mão. O cara tinha voltado para casa e batido na janela, e Cus provavelmente pensou que era alguém do IBC atrás dele. Tom e eu passamos por cima dele e entramos na cozinha para pegar nosso cereal.

Eu poderia contar muitas e muitas histórias sobre Cus, ele era uma figura única e multifacetada. Mas a melhor descrição de Cus que já ouvi foi numa entrevista que o grande escritor Gay Talese deu a Paul Zuckerman, um jovem que estava pesquisando para escrever um livro sobre Cus.

"Ele era um guerreiro romano 2 mil anos atrasado. Guerreiros gostam da guerra, precisam da guerra, esse é o ambiente em que se sentem mais em casa. Em tempos de paz, acham que são homens inquietos e inúteis. Gostam de agitar muito. Cus, assim como o General Patton, só se sentia vivo quando havia confusão, intriga, uma sensação de batalha iminente. Sentia-se mais envolvido com ele mesmo nessa hora, suas terminações nervosas e sua inteligência ficavam mais ativadas, e ele se sentia mais realizado quando estava num estado de agitação. E, se não havia agitação, tinha de criá-la ou estimulá-la. Se havia fogo brando, tinha de atiçar as chamas para se sentir plenamente vivo. Isso lhe dava tesão. Era um cara ativo, precisava de ação."

Cus era um general e eu, seu soldado. E nós estávamos prontos para ir à guerra.

EU ERA UM NEGUINHO inútil entupido de Amplictil, diagnosticado como retardado, e esse tiozinho branco me pega e infla o ego. Cus uma vez me disse: "Mike, se você estivesse com um psiquiatra e ele perguntasse: 'Você está ouvindo vozes?' Você vai dizer que não, mas são as vozes que estão lhe falando para dizer não, é ou não é?". Cus era um cara muito profundo. Ninguém nunca me fez mais consciente como homem negro. Ele foi duro e frio, explicando isso para mim como um negro amargo faria. "Eles acham que são melhores do que você, Mike", dizia. Se visse alguém com uma Ferrari ou um Rolls-Royce, ele olhava para mim e dizia: "Você poderia conseguir isso. Ficar rico não é a coisa mais difícil do mundo. Você é tão superior a essa gente. Eles nunca poderiam fazer o que você é capaz de fazer. Você tem isso dentro de si. Você acha que eu iria te dizer isso se você não tivesse isso dentro de si? Eu

provavelmente poderia te tornar um lutador melhor, mas nunca um campeão".

Opa. Eu que sempre me achei um bosta, minha mãe me disse que eu era um merda e ninguém nunca tinha dito algo bom sobre mim. E aí vem esse cara dizendo: "Aposto que, se você tentar, pode ganhar um Oscar. Você seria tanto bom ator quanto bom boxeador. Quer ser piloto de corrida? Aposto que seria o melhor piloto de corrida do mundo, você é mais inteligente e mais durão do que esses caras. Pode conquistar o que quiser. Jamais diga 'não posso'. Você não pode dizer 'não posso'".

Quando eu estava desanimado, como de costume, Cus massageava minha mente com pensamentos de um mundo exótico, cheio de grandes tesouros. Tudo o que ele dizia era estranho para mim, mas eu gostava de ouvir aquilo.

"Tudo o que você tem a fazer é me escutar", dizia. "Pessoas da realeza vão saber seu nome. Tá escutando o que eu estou te dizendo, rapaz? O mundo inteiro vai saber quem você é. O seu nome de família vai imperar. As pessoas vão respeitar sua mãe, sua família, seus filhos. Quando você entrar num lugar, as pessoas vão levantar e te ovacionar."

Cus não permitia que eu falhasse. Quando eu ficava desanimado, sentindo vontade de desistir, ele não parava de me estimular. Sempre dizia: "Meu trabalho é descascar camadas e mais camadas de entulho que estão inibindo sua verdadeira capacidade de crescer e alcançar seu potencial". Ele estava me descascando, e como doía! Eu ficava gritando: "Me deixa em paz!". Ele torturava a minha mente. Quando eu treinava com um sparring mais experiente e minha mente dizia que eu estava cansado, e por isso não desferia socos no cara que ficava lá só me intimidando, Cus vinha conversar comigo sobre isso, me fazendo enfrentar meus medos. Ele era perfeccionista. Eu ficava batendo no saco pesado com combinações de golpes, e Cus ficava lá em pé, observando. "Tá bom. Tá bom. Mas ainda não tá perfeito", dizia, com seu forte sotaque do Bronx.

Cus queria que eu fosse o lutador mais cruel que Deus já criou, alguém que matasse as pessoas de susto antes mesmo de entrar no ringue. Treinou-me para ser totalmente feroz, no ringue e fora dele.

Na época, eu precisava disso. Eu era tão inseguro, tinha tanto medo. Era tão traumatizado por causa das pessoas que me provocavam quando eu era mais jovem. Eu simplesmente odiava a humilhação de ser intimidado. Esse sentimento fica com você pelo resto da vida. É simplesmente um sentimento muito ruim, sem solução. É por isso que eu sempre projetava para o mundo ser um filho da puta mau e feroz. Mas Cus me deu confiança para que eu jamais tivesse de me preocupar em ser intimidado novamente. Eu sabia que ninguém jamais ia se meter numa briga comigo.

Cus era muito mais do que um treinador de boxe. Incutiu tantos valores em mim. Era como um guru, sempre dizendo coisas que me faziam pensar.

"Não importa o que alguém diga, não importa a desculpa ou explicação, tudo o que uma pessoa faz no final é o que ela pretendia fazer o tempo todo."

Ou: "Não sou um criador. O que faço é descobrir e revelar. Meu trabalho é pegar a centelha e atiçá-la. Alimentar a chama até se tornar uma labareda trovejante".

Ele podia transmitir sabedoria nas situações mais corriqueiras. Camille era bastante rígida quanto aos garotos fazerem suas tarefas domésticas. Eu odiava fazer essas tarefas, estava muito focado no boxe. Um dia Cus chegou e me disse: "Sabe, Camille realmente quer que você faça suas tarefas. Estou cagando se você fez ou deixou de fazer, mas você deve fazê-las porque isso vai te tornar um boxeador melhor". "Como é que tirar o lixo vai me tornar um boxeador melhor?", falei, zoando. "Porque fazer uma coisa que você odeia fazer como se gostasse de fazê-la é um bom condicionamento para alguém que aspira à grandeza." Depois daquilo, Camille nunca mais precisou me lembrar de fazer as minhas tarefas domésticas.

Um dia, Cus me chamou para a sala onde estava sentado.

"Você tem medo de pessoas brancas?", perguntou, de repente. "Você é desse tipo? Conheci lutadores negros que tinham medo de bater nos brancos. É bom que você não seja um deles." Foi engraçado. Cus dizendo na minha cara para eu não ficar intimidado, e eu ficando intimidado com o modo como ele me disse para não ficar intimidado.

Cus estava sempre muito sério, nunca sorrindo. Não me tratava como um adolescente. Sempre me fez sentir como se tivéssemos uma missão a cumprir. Treinando dia após dia, pensando só numa coisa e mais porra nenhuma. Ele me deu um propósito. Eu nunca tinha sentido aquilo antes, a não ser quando estava pensando em roubar.

De vez em quando, aconteciam coisas que faziam nossa meta parecer muito mais palpável. Uma vez, Wilfred Benitez veio treinar em Catskill. Fiquei de quatro, que nem tiete. Eu já tinha visto Benitez lutar na televisão, e era alguém que não poderia deixar de ser visto. Era como se ele tivesse um radar: socava as pessoas com os olhos fechados. Verdadeiramente um mestre. E trouxe com ele seu cinturão de campeão. Tom Patti, um dos outros boxeadores de Cus, estava lá comigo. Benitez pegou uma maleta com o cinturão dentro e me deixou tocá-lo. Era como olhar para o Santo Graal.

"Pô, Tommy, olha isso, é o cinturão, cara", falei. "Tenho que arranjar um desses agora. Vou treinar pesado. Se eu ganhar, nunca mais vou tirar o cinturão."

Eu estava tão feliz de estar na presença de Benitez. Ele me inspirou, me fez querer me tornar mais comprometido e dedicado.

Foi também graças a Cus que consegui falar com Ali. Em outubro de 1980, todos nós fomos de carro até Albany para assistir à transmissão em circuito fechado de Ali tentando reconquistar seu título de Larry Holmes. Ali tomou um vareio. Cus ficou puto da vida; eu nunca o tinha visto tão irritado antes. Após a luta, ele ficou com cara de paisagem, pois teve de dar entrevistas e apertar as mãos das pessoas; mas, quando voltamos para o carro, dava para sentir a energia negativa. A gente não disse uma palavra durante os 45 minutos de viagem até Catskill.

Na manhã seguinte, o assistente de Ali, Gene Kilroy, ligou e colocou Ali na linha para falar com o Cus.

"Como é que você me deixa aquele vagabundo bater em você? Ele é um vagabundo, Muhammad, um vagabundo… Não, ele é um vagabundo. Não me venha com essa, é um vagabundo. Por que deixou aquele vagabundo bater em você daquele jeito?", bradou Cus.

Eu estava ouvindo a conversa de Cus, e, toda vez que ele dizia a palavra “vagabundo”, aquilo batia fundo em mim. Comecei a chorar. Esse não foi um dia bom na minha vida.

Aí Cus, mais uma vez, massageou meu ego.

“Tenho um jovem garoto negro aqui comigo. É um menino, mas vai ser campeão mundial dos pesos-pesados. O nome dele é Mike Tyson. Fala com ele para mim, Muhammad, por favor. Quero que você fale para ele me ouvir.”

Cus me passou o telefone.

“Sinto muito pelo que aconteceu com você”, falei. Eu estava um pouco passado.

“Eu estava doente”, Ali me disse. “Tomei um remédio e isso me deixou fraco, e foi assim que Holmes me venceu. Vou ficar bem, vou voltar e vencer Holmes.”

“Não se preocupe, campeão”, falei. “Quando eu ficar grande, vou pegar ele para você.”

Muitas pessoas pensam que Ali era meu boxeador favorito. Mas devo dizer que era Roberto Duran. Eu sempre vi Ali como elegante e articulado. E eu era pequeno, feio e tinha problema de fala. Quando via Duran lutando, via que ele era apenas um cara de rua. Dizia coisas para os adversários como: “Chupa meu pau, porra, seu filho da puta. Da próxima vez, você vai para o necrotério”. Depois de ter vencido Sugar Ray Leonard naquela primeira luta, foi até onde Wilfred Benitez estava sentado e disse: “Vai se foder. Você não tem fibra nem colhões para me enfrentar”.

Cara, esse cara sou eu, pensei. Era isso o que eu queria fazer. Ele não tinha vergonha de ser quem era. Eu me identifiquei com ele como ser humano. Conforme minha carreira progredia e as pessoas começavam a me elogiar por ser selvagem, eu ia percebendo que ser chamado de animal era o maior elogio que poderia receber de alguém. Quando voltei para a cidade, ia ao Victor’s Café porque ouvi dizer que o Duran aparecia por lá. Eu ia e ficava sentado numa mesa sozinho, olhando para as fotos de Duran penduradas na parede. Eu estava vivendo o meu sonho.

Fiquei triste quando Duran desistiu durante a revanche No Más com Leonard. Cus e eu assistimos a essa luta em Albany, e fiquei tão

louco da vida que chorei. Mas Cus sacou tudo. “Ele não vai fazer isso uma segunda vez”, previu.

QUANDO FUI MORAR NA casa do Cus, logo fui entrando no fluxo do seu repertório. Ele começou a me treinar pesado todos os dias. Nunca tive o privilégio de desfrutar do boxe como um esporte ou como algo que se faz por diversão. Cus era um cara radical, e eu também. Eu queria ser Aquiles logo, logo. Sou o tipo de cara que as pessoas zoam. “Não dá uma corda para o neguinho, senão ele vai querer virar caubói.” Eu era o garoto que não tinha um fio de esperança. Mas, se você me der um vislumbre de esperança, me der corda, já era: alcanço as estrelas.

Cus normalmente tinha de acordar os lutadores de manhã, e, quando ele se levantava para fazer isso, eu já tinha voltado da minha corrida. Era ele quem costumava pôr a mesa para o café da manhã, mas comecei a fazer isso depois de voltar da corrida. Ele ficava louco. “Quem pôs a minha mesa?”, bradava. Ficava chateado por eu mostrar mais dedicação do que ele. Depois, Cus me preparava o café da manhã. Jogava uma porrada de bacon na frigideira, umas 20 tiras ou mais, e em seguida fritava os ovos na gordura do bacon. Eu não bebia café, só chá. Ele fazia isso todas as manhãs, mesmo quando estava bravo comigo.

Acho que nós dois percebemos que estávamos numa corrida contra o tempo. Cus estava com seus 70 anos, não era mais nenhum frangote, por isso ficava constantemente empurrando todo aquele conhecimento para dentro de mim. Empurra, empurra, empurra toda essa merda para dentro. Se você continuar empurrando, vai aprender, a menos que seja um idiota. Acabei me tornando muito hábil no boxe, mas minha maturidade, minha capacidade de pensar como um ser humano, não acompanhou minha capacidade no ringue. Não era como se eu estivesse indo para a escola e eles estivessem construindo meu caráter para fazer de mim um bom e produtivo membro da sociedade. Não, eu estava fazendo aquilo para me tornar campeão mundial dos pesos-pesados. Cus estava ciente disso. “Meu Deus, eu gostaria de ter mais tempo com você”, dizia.

Mas aí completava: “Estou na luta há 60 anos e nunca vi ninguém com o nível de interesse que você tem. Você está sempre falando em lutar”.

Eu era radical. Se a neve nos impedia de sair, Cus me treinava em casa. À noite, no meu quarto, eu ficava acordado horas e horas, praticando boxe com a sombra. Tinha de me sair bem, minha vida dependia disso. Se não conseguisse me sair bem, seria apenas um merdinha inútil. Além disso, eu estava fazendo aquilo por Cus também. Ele tinha tido uma vida difícil, com muitas decepções. Então, lá estava eu para defender o ego e o orgulho daquele velho carcamano, comedor de espaguete. Quem diabos eu pensava que era?

Quando não estava treinando, eu ficava vendo filmes antigos de luta durante, pelo menos, dez horas por dia. Esse era o meu barato no fim de semana. Eu os assistia sozinho, no andar de cima, a noite toda. Aumentava o volume, e o som viajava por toda a casa antiga. Aí Cus aparecia: “Que diabos você tá fazendo?”.

“Só vendo filmes.”

“Ô, meu, você tem que ir para cama. As pessoas querem dormir”, dizia. Então ele descia as escadas, e eu o ouvia resmungando: “Nunca vi um garoto assim. Assistindo filmes a noite toda, acordando todos os condenados nessa casa”.

Às vezes, a gente via os filmes de luta juntos, e Cus me dava dicas sobre como eu poderia vencer Dempsey, Jeffries, Louis.

Eu era tão focado que, às vezes, até ia dormir com as luvas calçadas. Era um animal, sonhando com Mike Tyson sendo um grande lutador. Sacrificava tudo por esse objetivo. Nenhuma mulher, nenhuma comida. Eu tinha um distúrbio alimentar: na época, era viciado em comida. Além disso, eu estava passando pela puberdade. Estava ficando com acne, meus hormônios estavam em fúria, tudo o que eu queria fazer era tomar sorvete, mas não podia perder de vista o objetivo. Conversava com Cus sobre meninas, e ele fazia pouco caso, dizendo que eu iria ter todas as mulheres que sempre quis. Uma vez, eu estava de cara amarrada.

“Cus, eu nunca vou ter namorada, né?”

Cus mandou alguém sair e voltaram com um daqueles bastões de beisebol em miniatura, e ele me deu de presente.

"Vai ter tantas namoradas que vai precisar disso para afastá-las de você."

Então, minha vida se resumia a punheta e treino, punheta e treino. Eu pensava que, depois de me tornar campeão, poderia conseguir tantas namoradas e tanto dinheiro quanto precisasse.

Na academia, Cus tinha algumas técnicas bem incomuns e pouco ortodoxas. Algumas pessoas riam do estilo que ele ensinava, mas era porque realmente não o entendiam. Chamavam esse estilo de "esconde-esconde". Era bastante voltado para a defesa. Você fica com as duas mãos em frente ao rosto, quase como se estivesse só se defendendo e esperando pelo momento certo. Suas mãos e cotovelos movimentam-se com você; então, quando o cara dá o soco, você o bloqueia ao mesmo tempo que avança, e aí contra-ataca.

A ofensiva de Cus começava com uma boa defesa. Achava de suma importância seu lutador não ser atingido. Para ensinar a desviar dos socos, usava um saco de pancada *slip bag*, um saco de lona cheio de areia, pendurado com uma corda. O objetivo era se movimentar em torno dele se esquivando, movendo a cabeça para evitar que batesse em você. Fiquei realmente bom nisso.

Depois, usamos uma coisa chamada Willie, em homenagem ao lutador Willie Pastrano. Era uma estrutura envolta por um colchão coberto de lona. Tinha um desenho de um torso sobre ele. O corpo estava dividido em diferentes zonas, e cada zona tinha um número associado a ela. Os números ímpares eram socos de mão esquerda, os números pares, de mão direita. Então, Cus punha uma fita cassete com ele falando as várias sequências de números. Aí, você ouvia "cinco, quatro" e imediatamente desferia um golpe de esquerda no corpo e um uppercut de direita no queixo. A ideia era que, quanto mais se repetisse essas ações em resposta aos números, mais elas se tornariam instintivas e automáticas e não seria possível pensar conscientemente nelas. Depois de um tempo, conseguiria dar socos com os olhos fechados.

Cus achava que os lutadores eram atingidos por golpes de direita porque ficavam parados e com as luvas muito baixas. Então, me

ensinou a me movimentar em U, e não apenas para cima e para baixo. Ele me fazia ficar em movimento constante: para os lados, para a frente e para os lados e para a frente ao mesmo tempo. Quando eu estava golpeando, Cus acreditava que alcançaria o efeito máximo nos socos quando fizesse dois socos parecerem um. Quanto mais próximo conseguisse chegar desse efeito, maior seria a probabilidade de que a combinação de socos resultasse em nocaute.

Ainda que enfatizasse a defesa, Cus sabia que lutadores defensivos podiam ser entediantes.

Cus sempre dizia: "O boxe é entretenimento, logo, para ser bem sucedido, um lutador não deve apenas vencer, mas também vencer de forma empolgante. O boxeador deve dar socos com más intenções". Ele queria que eu fosse um contra-atacante agressivo, forçando meus adversários a golpear ou a correr. Cus estava sempre tentando manipular o adversário no ringue. Quando se fica escapando de seus golpes, eles ficam frustrados e perdem a confiança. E, então, estão perdidos. Esquive-se do soco e contra-ataque. Mova-se e bata ao mesmo tempo. Force a definição da luta. Ele achava que socos curtos poderiam ser mais fortes do que socos longos. Achava que socar forte não tinha nada a ver com alguma coisa física, tudo era emocional. Emoção controlada.

Cus contratou os melhores sparrings para me ensinar. O meu favorito era Marvin Stinson. Acho que era um ex-atleta olímpico. Ele tinha sido o principal parceiro de treino de Holmes, e depois Cus o trouxe para trabalhar comigo. Ele foi um mestre incrível para mim, me ensinando a me movimentar e dar socos. Quando terminou nosso primeiro treino, ele me puxou de lado e me deu suas luvas de corrida, porque fazia muito frio de manhã quando eu ia correr, e viu que eu não tinha um par.

Minhas sessões de treino eram uma guerra total. Antes de lutarmos, Cus me puxava de lado e falava: "Não pega leve, vai lá e dá o máximo. Você pode fazer tudo o que aprendeu e fazer tudo em velocidade máxima. Quero que quebre as costelas desses caras".

Quebrar as costelas? Do sparring? Ele queria me preparar para os caras que eu ia enfrentar e com certeza queria que quebrasse as costelas dos meus adversários numa luta real. Quando Cus

encontrava um bom sparring para mim, ele os tratava de forma especial porque sabia que me rendiam bons treinos. Sempre os pagou muito bem. Mas isso não garantia que iriam ficar. Muitas vezes, um cara vinha e acertava antecipado um treino de três semanas. Mas, depois da primeira sessão, a gente voltava para a casa e ele tinha ido embora. Ficavam tão indignados por tomarem uma surra homérica que nem sequer se preocupavam em levar suas coisas. Quando isso acontecia, Tom e eu íamos direto para o quarto deles e remexíamos suas roupas, sapatos e joias. Quanto a gente estava com sorte, achava um estoque de erva ou pelo menos um par de sapatos que servia.

Às vezes, Cus trazia um lutador profissional para ser meu sparring. Quando eu tinha 16 anos, trouxe Frank Bruno para Catskill. Bruno tinha 22 na época. Nós fizemos uma sessão de treino de dois assaltos. Antes que eu começasse treinar com um lutador experiente, Cus o chamava de lado.

"Olha, sei que ele é apenas um menino, mas não pega leve, não. Estou te avisando agora, vai lá e dá o máximo", dizia.

"Ok, Cus", respondiam. "Eu vou trabalhar com o garoto."

"Ei, escuta aqui! Não trabalhe com ele. Dê seu máximo."

A gente lutava para ferir as pessoas, não lutava apenas para ganhar. Conversávamos horas e horas sobre ferir pessoas. Isso é o que Cus incutiu em mim. "Você vai estar mandando uma mensagem para o campeão quando estiver lutando, Mike", Cus me dizia. "Ele vai estar te observando." Mas nós também íamos mandar uma boa mensagem para os treinadores, os empresários, os promotores e todo o mundinho do boxe.

Além de assistir a velhos filmes de luta, eu devorava qualquer coisa escrita sobre os grandes lutadores. Logo depois que fui morar na casa do Cus, eu estava lendo a enciclopédia de boxe e comecei a rir ao ler sobre um campeão que só manteve seu título por um ano. Cus olhou para mim com seus olhos penetrantes e frios e disse: "Um título por um ano vale mais a pena do que uma vida inteira de obscuridade".

Quando comecei a estudar a vida dos grandes pugilistas antigos, vi muita semelhança com o que Cus estava ensinando. Eles eram

todos uns filhos da puta cabulosos. Dempsey, Mickey Walker, todos eram maus, até mesmo Joe Louis, apesar de introvertido. Eu me treinei para ser perverso. Costumava caminhar para a escola folgando com todo mundo. No fundo, sabia que eu tinha de ser daquele jeito porque, se falhasse, Cus iria se livrar de mim, e eu iria morrer de fome.

Cus me deu um livro chamado *In This Corner…!*, que eu não conseguia parar de ler. Vi como os lutadores lidavam com as emoções, como se preparavam para as lutas. Aquele livro me deu *insights* muito superiores sobre a psicologia dos seres humanos. O que me impressionou foi o quanto os lutadores de antigamente trabalhavam pesado, como eram ávidos. Li que John L. Sullivan treinava correndo oito quilômetros e, em seguida, caminhava de volta os oito quilômetros e treinava por 20 assaltos. Ezzard Charles dizia que só corria de quarto a seis quilômetros por dia e treinava boxe por seis assaltos. Pensei: *Caramba, Sullivan treinava mais na década de 1880 do que esse cara na década de 1950*. Então comecei a andar seis quilômetros até a academia, treinava e depois caminhava de volta para casa. Comecei a imitar os caras da velha escola do boxe porque eles levavam a coisa a sério. E tiveram carreiras longas.

Cus ficava doido de tanto eu perguntar o tempo todo sobre os lutadores de antigamente. Sei que ele queria falar sobre boxe, mas acho que eu exagerava às vezes. Li todos os livros de Cus sobre boxe, por isso, quando sentávamos em volta da mesa da sala de jantar e Cus começava a contar aos outros caras a história do boxe e tropeçava em algum nome ou data, eu terminava a frase para ele.

"Esse cara sabe tudo", dizia sobre mim. "Ele age como se tivesse estado lá."

Eu levava a sério minha leitura da história porque aprendi muito com os lutadores antigos. O que tenho de fazer para ser como esse cara? Que disciplina esse outro cara possuía?

Cus me contava o quanto eles eram perversos e maus fora do ringue, mas, quando entravam nele, ficavam relaxados e calmos. Eu ficava animado ouvindo Cus falar sobre os lutadores antigos, vendo que ele os tinha em tão alta conta. Eu queria muito que alguém falasse daquele jeito sobre mim. Queria fazer parte daquele mundo.

Assistia às lutas na tevê e via os boxeadores socando de cara feia e corpo sarado e queria que fosse a minha cara e o meu corpo.

A gente conversava sobre todos os grandes. Adorei Jack Johnson. Que cara corajoso! Foi realmente o primeiro homem com orgulho negro. E eu admirava sua arrogância. Ele foi parado por dirigir com excesso de velocidade na virada do século, a multa era, tipo, 10 dólares, e ele deu 20 ao policial, dizendo: "Por que você não pega esses 20, já que vou voltar desse mesmo jeito que estou indo?".

Ele era um mestre da manipulação. Quando estava treinando, enrolava o pênis antes de colocar suas calças coladas para fazê-lo parecer maior e dar aos caras brancos um complexo de inferioridade. Humilhava os adversários durante as lutas. Foi o primeiro a falar merda, o primeiro provocador. "Vou te dar 10 mil dólares se conseguir cortar meu lábio", dizia. Ria na cara dos adversários durante um assalto, falava com sua mulher branca e lhe dizia quanto a amava, isso enquanto detonava o cara com quem estava lutando. Era um cara que eu gostaria de ter conhecido. Falava várias línguas e ia às festas das famílias reais da Rússia e da Inglaterra.

Dempsey foi o primeiro campeão de milhões de dólares. Trouxe o *showbiz* e o *glamour* para o boxe. Identifiquei-me com ele mais do que com qualquer outro, porque era um cara realmente inseguro, estava sempre com medo, mas sempre superou esses sentimentos para alcançar seus objetivos.

Cus gostava mais de Henry Armstrong. Ele atacava constantemente seus adversários e os deixava para baixo. "Ataque constante, sem trégua", Cus me contou. "Mover a cabeça com uma boa defesa, é isso que Armstrong fazia. Quebrava a vontade do oponente, destruía seu moral, tornava suas motivações uma mentira."

Tornava suas motivações uma mentira? Nossa. Aí Cus olhava fixamente para mim.

"Se você me ouvir, vai reinar com os deuses. Vê como está interessado e fala sobre todos aqueles lutadores antigos? Quando for campeão, se me ouvir, a única razão pela qual as pessoas teriam ouvido falar desses caras é porque você teria falado sobre eles. Você

vai suplantar todos eles. Vai fazer esquecerem de todos. Eu assistia a Jack Dempsey quando era menino. Conheci esses caras, apertei a mão deles. Eles não são o que você é. Você é um gigante, é um colosso entre os homens."

Eu acreditava nessa merda. Mas toda essa conversa sobre dedicação, disciplina e trabalho duro não foi suficiente para me impedir de voltar para o Brooklyn, dar minhas trombadas e cometer meus assaltos. Eu estava sendo duas caras. Uma hora, estava em Catskill e era o coroinha; depois ia até o Brooklyn e virava o diabo. Graças a Deus, não fui preso. Isso teria partido o coração de Cus.

CUS SABIA COMO ME fazer sentir que eu podia conquistar o mundo, mas também sabia como fazer eu me sentir um merda. Às vezes, me dizia: "Você permite que sua mente o domine". Esse era seu código secreto para dizer: "Você é um merdinha medíocre. Você não tem disciplina suficiente para ser um dos grandes nomes". Os grandes nomes conseguiam fazer as melhores lutas de sua vida mesmo se alguém tivesse acabado de sequestrar seu filho ou matar sua mãe. Os grandes são completamente independentes de suas emoções. Não apenas boxeadores são assim, mas também os artistas. Alguns dos lendários artistas sobre os quais li podiam estar com problemas e, ainda assim, serem capazes de ir lá e ter um desempenho recorde. Eles não conseguiam sequer andar, mas tinham muita disciplina e determinação. Às vezes, iam diretamente da arena para um hospital. Eu queria ser um daqueles lutadores e artistas.

Desde a primeira noite em que fui morar com Cus, ele começou a quebrar meu espírito rebelde, a ver até onde poderia ferrar comigo sem motivo. Ele vinha até meu quarto e dizia: "O que você fez na escola hoje, o que fez? Bem, você tinha que fazer alguma coisa, afinal esteve na escola o dia todo. O que aprendeu? Onde está seu dever de casa? Você tem dever de casa hoje?". Os outros caras na casa sempre diziam que Cus me favorecia, mas não sabiam o que ele ficava falando para mim quando a gente estava sozinho.

Eu estava sempre lutando com meu peso. Na minha mente, eu era um porco gordo, embora ninguém notasse isso olhando para mim. Quando treinava, colocava Albolene sobre os meus poros e usava uma roupa de plástico durante uma ou duas semanas, só retirando à noite, quando estava no banho quente, para que pudesse perder mais um pouco de peso suando. Então, eu ia para a cama, acordava na manhã seguinte, colocava a roupa de novo.

Meu peso era outra coisa com a qual Cus implicava. “Você tá ficando bundudo”, dizia. “Você está perdendo o interesse, né? Você não quer mais fazer isso, né, Mike? É muito difícil para você, né? Pensou que a gente estava de brincadeira aqui, não pensou? Achou que estava de volta a Brownsville correndo e brincando, hein?” Imagine ouvir isso. Quando estava prestes a saborear um pouco de sorvete que eu só me permitia tomar no fim de semana, ouvia tudo isso. “Não são muitas pessoas que conseguiriam fazer isso, é por isso que são tão especiais. Nossa, realmente achei que você conseguiria.”

Às vezes, Cus me repreendia e eu não tinha a mínima ideia do porquê. Ele me criticava agressivamente, rebaixava meu moral. “Você nunca vai conseguir chegar ao ápice do nosso objetivo com esse seu comportamento e atitude infantis.” Às vezes, eu simplesmente gritava: “Odeio todo mundo aqui!”. Cus estava me destruindo.

Eu respondia a seus comentários positivos dizendo coisas como: “Vou fazer tudo o que puder fazer para vencer. Daria minha vida para ser campeão, Cus”. E, em vez de dizer “Você vai conseguir, Mike”, ele tinha de simplesmente me atropelar sem dó: “Tenha cuidado com o que pede, pois pode conseguir”.

Ele criticava até minhas roupas. Nos feriados, às vezes eles recebiam alguns convidados, a irmã de Camille ou outra pessoa. Eu vestia calças bacanas, uma camisa com um colete e usava uma gravata que Camille me ajudava a colocar. Ficava lá sentado de boa, e todas as senhoras ficavam dizendo: “Hum, você está muito bem vestido, Mike”. E aí Cus entrava na sala.

“Por que está vestido assim? Suas calças estão tão agarradas que suas bolas e sua bunda estão saltando da roupa. O que há de errado com você?”

Camille me defendia, mas Cus não queria nem saber.

“Não quero ouvir sua opinião sobre isso. Camille, por favor. Ok? Não há nada de decente nas roupas que ele está usando.”

Cus nunca me xingava com palavrões como “filho da puta”. Ele só me chamava de “fracote” e de “vagabundo”. Isso era o equivalente no boxe a me chamar de negão sujo, um inútil de merda. Aquilo me fazia chorar como um bebê. Ele sabia que, se me dissesse aquilo, quebrava meu moral.

Eu estava recebendo tantas mensagens conflitantes do Cus, que estava ficando inseguro sobre como ele realmente se sentia em relação a mim como boxeador. Uma vez, Tom Patti e eu estávamos saindo da academia e Cus se atrasou por um minuto. Então saltei para o banco de trás e me agachei.

“Diz para o Cus que voltei andando para casa, porque, assim que ele entrar no carro, quero que você pergunte a ele como realmente se sente a meu respeito.” Tom concordou. Cus entrou no carro.

“Onde o Mike se meteu?”, perguntou.

“Acho que ele vai ficar na cidade”, Tom respondeu.

“Bem, vamos indo. Depois ele consegue encontrar o caminho de volta para casa.” Então o carro começou a andar, e eu estava deitado na parte de trás, sussurrando para o Tom, já que o Cus era meio surdo e não conseguia ouvir nada.

“Ô, Tom. Pergunta para o Cus se ele acha que bato pesado”, pedi.

“Ei, Cus, você acha que os socos do Mike são fortes?”, perguntou Tom.

“Fortes! Deixa eu te dizer uma coisa, o cara dá um soco tão forte, que ele poderia derrubar uma parede de tijolo. Não só bate forte como bate de forma eficaz. Pode derrubar um lutador com qualquer uma das mãos”, respondeu Cus.

“Pergunta para o Cus se ele acha que posso realmente ser alguém no futuro”, sussurrei.

Tom repetiu a pergunta.

“Tommy, se Mike mantiver a cabeça no lugar e focar no objetivo traçado, ele vai se tornar um dos maiores lutadores, se não *o* maior lutador da história do boxe.”

Fiquei emocionado ao ouvir aquilo. Nessa hora, já estávamos na casa. Conforme fomos saindo do carro, Cus me viu deitado no banco de trás.

“Você sabia que ele tava lá atrás, né?”, perguntou ao Tom.

Tom se declarou inocente.

“Não me vem com essa conversa fiada. Você sabia que ele tava lá atrás, sim. Vou te contar, hein! Vocês tão me saindo uns belos de uns fanfarrões.”

Cus não achou engraçado, mas a gente achou.

O engraçado é que ele não conseguia controlar as próprias emoções. Cus era apenas um homem muito amargo que queria vingança. Roy Cohn, o cardeal Spellman, esses caras o perseguiam em suas noites de sono. J. Edgar Hoover? “Oh, eu gostaria de poder meter uma bala na cabeça dele, que é o que ele merece.” Estava constantemente falando em matar pessoas, e alguns desses caras já estavam mortos! Mas ele os odiava. Uma vez, eu disse algo elogioso sobre Larry Holmes, e Cus enlouqueceu.

“O que quer dizer? Ele não é nada. Você tem que desmontar aquele homem. Esse é o nosso objetivo, desmantelar esse homem e tomar seu campeonato. Ele não chega a seus pés.”

Às vezes, Cus rugia simplesmente como um animal para as pessoas na tevê. Ninguém imaginava que ele fosse um velho feroz, mas era. Ele odiava com todas as forças aqueles que não eram seus escravos. Estava sempre em estado de confrontação. Na maior parte do dia, andava por aí, resmungando: “Ah, esse filho de uma puta. Oh, não posso acreditar que esse cara de, sabe quem, e tal e tal. Que filho da puta”.

A pobre Camille dizia: “Calma, calma, Cus. Sua pressão está ficando muito alta”.

Cus comandava a casa com mão de ferro, mas o engraçado é que na verdade a casa era de Camille. Cus não tinha dinheiro algum. Ele nunca realmente se importou com dinheiro. Camille queria vender a casa, pois era muito cara para manter, mas Cus a convenceu a ficar com ela. Disse-lhe que a casa ia virar um ninho de bons lutadores e as coisas iriam melhorar. Ele estava perdendo a esperança, até que eu apareci.

Acho que Cus pensou que em mil anos jamais conseguiria outro campeão, embora ele ainda tivesse esperança. A maioria dos homens que apareciam por lá era de lutadores experientes que queriam se afastar das garotas e das tentações da cidade. Além disso, ninguém gostava do estilo de boxe de Cus na época. Achavam ultrapassado. Então, apareci lá sem saber nada, uma folha em branco. Cus ficou feliz. Eu não conseguia entender por que aquele homem branco estava tão feliz por minha causa. Ele olhava para mim e simplesmente ria, ria histericamente. Ficava no telefone e dizia às pessoas: “O raio caiu em mim duas vezes. Tenho outro campeão peso-pesado”. Eu nunca tinha feito sequer uma luta amadora na minha vida. Não tenho a menor ideia de como, mas, de alguma forma, ele viu isso em mim.

3

NUNCA VOU ESQUECER MINHA primeira luta amadora. Foi numa pequena academia do Bronx de propriedade de um ex-boxeador de Cus, chamado Nelson Cuevas. O lugar era um inferno. Era no segundo andar de um edifício que ficava bem ao lado da linha elevada do metrô. Os trilhos ficavam tão perto que era possível colocar a mão para fora da janela e quase tocar no trem. Essas lutas eram chamadas de *smokers*, porque o ar era tão carregado de fumaça de cigarro que mal dava para ver o cara em pé na sua frente.

As *smokers* eram lutas não autorizadas, o que basicamente significava que eram ilegais. Não havia paramédicos ou ambulâncias de plantão do lado de fora. Se a plateia não gostasse do seu desempenho, eles não vaiavam, apenas lutavam entre si para mostrar como se faz. Todo mundo que comparecia estava bem vestido, na estica, quer fossem bandidos ou traficantes de drogas. E todo mundo apostava nas lutas. Lembro que perguntei a um cara: "Você me paga um cachorro quente se eu vencer?". As pessoas que apostavam e ganhavam dinheiro com você costumavam lhe comprar alguma coisa para comer.

Bem antes da minha luta, estava com tanto medo que quase saí fora. Fiquei pensando em toda a preparação que tinha feito com Cus. Mesmo depois de todas as sessões de treino, eu ainda estava totalmente intimidado pela ideia de lutar com alguém no ringue. E se eu falhar e perder? Já tinha estado em um milhão de brigas nas ruas do Brooklyn, mas esse era um tipo de sentimento totalmente diferente. Não se conhece o cara com quem se vai lutar, não existe nenhuma treta com ele.

Eu estava lá com Teddy Atlas, meu treinador, e disse a ele que ia descer até uma loja por um minuto. Desci e sentei no meio-fio, perto da escada do metrô. Por um instante, pensei em pegar o maldito

trem e voltar para Brownsville. Foi então que todos os ensinamentos de Cus passaram a fluir na minha mente: comecei a relaxar, meu orgulho e meu ego voltaram a se incendiar. Me levantei e caminhei de volta para a academia. Agora era para valer.

Eu ia lutar contra um cara grande, um porto-riquenho com um enorme penteado afro. Ele tinha 18, quatro anos mais velho do que eu. Lutamos duro por dois assaltos, mas aí, no terceiro, eu o derrubei na lona e emendei outro soco que, literalmente, fez seu protetor voar até a sexta fileira da plateia. Ele apagou total.

Fiquei em êxtase. Foi amor à primeira luta. Eu nem sabia como comemorar. Então pisei nele. Ergui os braços no ar e dei um passo sobre o filho da puta de bruços.

"Sai de cima dele! Que porra você tá fazendo, pisando no cara?", bradou o árbitro. Cus estava em Catskill esperando pelo relatório perto do telefone. Teddy ligou para ele e disse o que havia acontecido; Cus ficou tão animado, que fez seu amigo Don, que tinha ido com a gente, contar sua versão dos fatos na manhã seguinte.

Continuei lutando nos *smokers* toda semana. No vestiário, havia um monte de garotos olhando uns aos outros. Dizia a eles meu peso e quantas lutas tinha. Geralmente, dizia que era mais velho do que os meus 14 anos. Não havia muitos garotos de 14 anos com 90 quilos, por isso eu sempre lutava com caras mais velhos.

Os *smokers* eram muito importantes para mim, muito mais do que para o resto dos garotos. Do meu ponto de vista, nasci no inferno e, toda vez que ganhava uma luta, dava um passo para fora dele. Os outros lutadores não eram tão pobres como eu. Se eu não tivesse tido esses *smokers*, provavelmente teria morrido na sarjeta.

Teddy até entrava em ação nessas lutas. Estávamos na academia de Nelson uma noite quando um cara empurrou Teddy, ele socou o cara no rosto, e Nelson pulou no meio. Teddy pegou um dos troféus que estavam lá, que tinha uma base de mármore maciço com um lutador de estanho em cima, e começou a martelar a cabeça do cara. Se a polícia tivesse chegado naquela hora, ele seria acusado de tentativa de homicídio. Teddy estava sempre se metendo em briga. Não sei se estava me defendendo ou se os outros caras tinham

ciúmes porque ele tinha o melhor lutador lá, mas o fato é que ele nunca foi esperto o bastante para dar o braço a torcer para quem quer que fosse. Íamos para Ohio, e lá ia o Teddy… brigar com algum dos outros treinadores.

Começamos a ir para *smokers* de toda a região nordeste. Antes de entrarmos no carro, Cus vinha falar com a gente.

"Vou falar com uns amigos para assistirem à luta. Vou ficar esperando perto do telefone. Espero que, quando me ligarem, estejam falando de você, empolgados e delirantes", disse. Nunca me esqueci disso. "Empolgados e delirantes". Isso me deixava alvoroçado, e eu ficava ligado durante todas as seis horas de viagem de carro. Não relaxava nem por um minuto. Eu não via a hora de entrar no ringue e começar a bater nos filhos da puta. Certa vez, um cara veio para a luta com a esposa e seu bebezinho, e eu o nocauteei sem dó.

Cus foi ver minha quinta luta, num *smoker* em Scranton. Eu ia lutar contra um cara chamado Billy O'Rourke no Centro da Juventude Católica. Billy tinha 17 anos, e eu disse que tinha também porque era uma luta pró-amadora. Antes de começarmos, Cus foi até O'Rourke e disse.

"O meu rapaz é um assassino. Não quero ver você se machucar."

Aquela foi minha luta mais dura até então. No primeiro assalto, fiquei derrubando o cara, e esse garoto branco psicopata louco continuou levantando. E não apenas se levantava, como vinha para cima. Quanto mais eu o derrubava, mais ele se levantava e arrebentava minha cara. Eu tinha espancado o cara no primeiro assalto, mas o segundo foi simplesmente uma guerra. A gente ia lutar três assaltos, e Teddy não queria correr o risco de uma decisão errada dos árbitros.

"Olha, você vive falando em ser grande e em todos aqueles lutadores loucos, e você quer ser um grande lutador, ok? Agora chegou a hora. Vai lá e continua dando jabs e movendo a cabeça."

Levantei do banquinho, fui lá e derrubei O'Rourke duas vezes no terceiro assalto. Ele estava todo sangrando. No final da luta, me pegou contra as cordas. Mas, *bum!, bum!, bum!*, revidei, e lá foi ele beijar a lona. A multidão foi ao delírio. Aquela foi a luta da noite.

Cus ficou satisfeito com meu desempenho, mas disse: “Mais um assalto, e ele teria derrubado você”.

Em maio e junho de 1981, fui batalhar meu primeiro título de campeonato – a Junior Olympics. A essa altura, eu provavelmente já tinha umas dez lutas. Primeiro, era preciso vencer o torneio local; em seguida, o regional; e então competir no Colorado pelo título nacional.

Ganhei todos os locais e regionais; então Teddy e eu voamos para o Colorado, enquanto Cus tomou um trem, porque tinha medo de avião. Quando entrei no vestiário, lembrei-me de como todos os meus heróis haviam se comportado. Os outros garotos viriam até mim e estenderiam a mão para apertar a minha, e eu iria apenas desdenhar e virar as costas para eles. Estava interpretando um papel. Alguém estava falando, e eu ficava encarando. A filosofia de Cus era manipular o adversário provocando nele caos e confusão, enquanto você permanecia calmo no processo. Eu causava tamanho caos, que alguns dos outros lutadores davam uma olhada em mim e perdiam suas lutas para não terem de lutar comigo mais tarde. Venci todas as minhas lutas por nocaute no primeiro assalto. Ganhei o ouro nocauteando Joe Cortez em oito segundos, um recorde que eu acredito estar aí até hoje. Eu estava no meu caminho.

Tornei-me um herói local depois que ganhei aquela medalha de ouro. Cus adorava a atenção que eu estava recebendo. Ele amava os holofotes. Mas fiquei pensando como tudo isso era louco. Eu tinha apenas 15 anos de idade, e metade dos meus amigos de Brownsville estavam mortos, exterminados. Eu não tinha muitos amigos em Catskill. Não estava interessado na escola. Cus e eu já tínhamos estabelecido o que queríamos realizar, então me dedicar à escola parecia um desvio daquela meta. Não me importava com o que me ensinavam, mas tinha vontade de aprender. Então Cus me incentivava a ler alguns livros de sua biblioteca. Li Oscar Wilde, Charles Darwin, Maquiavel, Tolstói, Dumas e Adam Smith. Li um livro sobre Alexandre, o Grande. Eu adorava história. Ao ler textos de história, aprendia coisas sobre a natureza humana, sobre o coração dos homens.

Não me envolvia em grandes problemas na escola, a não ser quando levava suspensão por bater em alguns alunos. Lá eu não me sentia à vontade. Certos alunos me zoavam, mas ninguém se metia comigo. Cus tinha dito ao diretor do colégio, o senhor Bordick, que eu era especial e que deveriam ser feitas concessões a mim. O senhor Bordick era um homem fino, e, sempre que havia um problema lá, Cus ia até a escola fazer sua gesticulação italiana de merda com as mãos, e eu então voltava para a escola. Depois das aulas, eu ia para casa e então para a academia às 5 da tarde, e ficava lá durante duas horas. À noite, lia livros de boxe, via filmes ou conversava com Cus. Nos fins de semana, me levantava às 5, corria alguns quilômetros, comia, tirava uma soneca e depois voltava para a academia ao meio-dia. Durante a semana, eu ia e voltava da escola correndo.

Eu acabava correndo ainda mais, graças ao meu guardião controlador, Cus. Um dia, eu estava num baile da escola, que estava programado para terminar às 10 da noite. Disse ao Cus que estaria em casa às 11. Todo mundo ia dar rolê depois do baile, então liguei para Cus e disse que provavelmente chegaria em casa um pouco tarde porque estava esperando um táxi.

"Não, Mike, vem para casa já, deixa o táxi para lá e vem na corrida. Não posso ficar acordado esperando você", resmungou. Como eu já disse, Cus não confiava em dar as chaves da casa porque temia que a gente pudesse perdê-las. Eu estava de terno e sapatos maneiros, mas Cus me queria em casa *imediatamente*.

"Cara, tenho de ir", disse aos amigos. Todo mundo sabia que quando Cus ligava, eu tinha de ir embora. Por isso, vazei de lá.

Um dia, eu estava chegando bêbado e zoado de uma balada com uns amigos e, quando estavam parando o carro para me deixarem em casa, vi Cus pela janela do carro, dormindo em sua cadeira, esperando eu chegar.

"Vira o carro. Me leva para sua casa. Não quero nem ver o Cus", falei. Toda vez que eu chegava tarde, ele me comia o rabo. Tentava subir a escada de fininho, mas ela era velha e instável, e eu pensava: *Merda, tô ferrado*. Voltava para casa depois do cinema, ao qual ele

tinha me dado permissão para ir, e lá estava Cus me esperando para o interrogatório.

"O que você fez? Com quem você saiu? Quem são eles? De onde são suas famílias? Quais são seus sobrenomes? Você sabe que tem de treinar amanhã."

Cus até tentou me casar quando eu estava na nona série. Comecei a sair com uma garota do bairro chamada Angie. Cus adorava ela. Seria possível pensar que ele iria desencorajar o relacionamento, alegando que poderia desviar a minha atenção dos treinos, mas na verdade Cus achava que namorar firme com ela seria bom para mim. Para ele, o namoro me deixaria mais calmo e iria realmente me ajudar a me concentrar no boxe. Eu não queria nada sério com Angie. Queria viver o estilo de vida extravagante dos meus heróis, boxeadores como Mickey Walker e Harry Greb. Eles bebiam, tinham muitas mulheres e uma boa vida. Mas Camille estava ligada na intenção do Cus.

"Não se atreva a dar ouvidos a Cus sobre essa história de casar", ela me disse. "Saia com quantas meninas quiser e depois escolha a melhor de todas."

Um dia me meti numa briga na escola, e Cus teve que ir até lá botar panos quentes. Quando voltou, me fez sentar para conversar.

"Você vai ter de ir embora daqui se continuar a agir dessa maneira." Simplesmente desabei e desandei a chorar.

"Por favor, não me manda embora", soluçava. "Eu quero ficar."

Eu realmente amava o ambiente familiar que ele tinha me dado. E estava loucamente encantado por Cus. Ele foi o primeiro homem branco que não só não me julgou, mas também queria bater na cara de alguém se a pessoa dissesse alguma coisa desrespeitosa em relação a mim. Ninguém tinha mais poder sobre mim do que aquele cara. Ele alcançava meu córtex. Toda vez que terminava de conversar com ele, eu tinha de ir queimar energia, lutando com a sombra ou fazendo abdominais, ficava muito frenético. Eu começava a correr e ficava chorando, porque queria fazê-lo feliz e provar que todas as coisas boas que ele ficava dizendo sobre mim estavam certas.

Acho que Cus se sentiu mal por ameaçar me mandar embora e me fazer chorar naquele dia, porque começou a me abraçar. Aquela foi a primeira demonstração física de afeto vinda de Cus que vi. E a única. Mas o momento em que chorei foi quando Cus realmente soube que tinha me conquistado. A partir daquele momento me tornei seu escravo. Se ele me dissesse para matar alguém, eu mataria. Estou falando sério. Todo mundo achava que eu estava lá com aquele cara italiano velho e gentil, mas eu estava lá com um guerreiro. E adorei cada minuto. Fiquei feliz em ser o soldado de Cus; isso me deu um propósito na vida. Gostava de ser o cara que completa a missão.

Comecei a treinar ainda mais pesado, se é que isso era possível. Quando chegava em casa vindo da academia, eu tinha de rastejar para subir as escadas. Seguia até o banheiro do terceiro andar. Cus enchia a pequena banheira de louça com água estupidamente quente e em seguida despejava alguns sais de Epsom dentro dela.

"Fique aí dentro quanto tempo você conseguir", Cus dizia.

Então eu sentava lá e ficava queimado, mas, na manhã seguinte, meu corpo estava muito melhor e eu podia ir malhar de novo. Nunca me senti tão glorioso na minha vida. Eu tinha uma missão precisa e estava focado nela, nunca fraquejei diante dela. Não consigo nem explicar esse sentimento para outras pessoas.

Quando todos os outros lutadores deixavam a academia e iam sair com suas namoradas, vivendo suas vidas, Cus e eu voltávamos para casa e traçávamos nosso plano. Falávamos em ter casas em todas as partes do mundo. Cus dizia: "A palavra 'não' será como uma língua estrangeira para você. Você não vai entender o conceito de 'não'".

Eu achava que era injusto com o resto dos lutadores que tentavam ganhar o campeonato porque fui criado por um gênio que me preparou. Esses outros caras queriam ganhar dinheiro e dar uma vida boa para sua família. Mas, graças a Cus, eu queria a glória, e queria consegui-la à custa do sangue deles. Mas eu era inseguro. Queria a glória, queria ser famoso, queria que o mundo olhasse para mim e me dissesse que eu era bonito. Eu era uma porra de um moleque gordo e fedido.

Cus me fez acreditar que o cinturão verde e dourado do Conselho Mundial de Boxe era algo pelo que valia a pena morrer, e não pelo dinheiro. Eu costumava perguntar a Cus: “Qual a importância de ser o maior lutador de todos os tempos? Esses caras estão quase todos mortos”.

“Presta atenção. Eles estão mortos, mas estamos falando deles agora, não estamos? É uma questão de imortalidade. De seu nome ser conhecido até o fim dos tempos”, disse.

Cus era tão dramático. Era como um personagem de *Os três mosqueteiros*.

“Temos de esperar pelo nosso momento, como crocodilos na lama. A gente não sabe quando a seca virá e os animais terão de migrar através do Saara. Mas a gente vai esperar. Meses, anos. Mas ela virá. E as gazelas e os antílopes vão atravessar a água. E quando vierem, a gente vai mordê-los. Tá ouvindo, filho? A gente vai mordê-los tão forte que, quando gritarem, o mundo inteiro vai ouvir.”

Ele estava levando aquilo a sério, e eu também. Cus estava me usando para se vingar do mundinho do boxe. Eu queria estar envolvido com aquilo até o pescoço. Era como *O Conde de Monte Cristo*. Estávamos em busca da nossa vingança.

Quando Cus percebia que eu estava realmente com ele, ficava feliz. Mas, em seguida, ficava simplesmente paranoico. Eu ficava sentado na sala de estar lendo um livro e Cus ficava andando por ali com seu roupão e vinha até mim.

“É, você vai me deixar também. Eles vão te levar para longe. Você vai me deixar como todo mundo”, dizia, sem mais nem menos.

Eu não sabia se ele estava jogando um jogo mental comigo ou apenas sentindo pena de si mesmo.

“Você tá louco, Cus? O que você tá falando?”

Eu nunca falava com ele assim. Essa foi provavelmente a única vez que o chamei de louco.

“Você sabe o que quero dizer. Alguém vai lhe dar algum dinheiro e você simplesmente vai embora. Isso aconteceu comigo toda a minha vida. Investi tempo preparando lutadores e as pessoas os roubaram de mim.”

Ir embora? Eu mataria alguém que o separasse de mim. Floyd Patterson o havia deixado, mas eu estava num nível diferente. Só queria ficar com ele e Camille, minha nova família. Nada mais de vida sofrida.

"Você é louco, Cus", falei, e ele saiu andando.

EM NOVEMBRO DE 1981, Teddy, eu e outros dois lutadores fomos de carro até Rhode Island para um *smoker*. Durante todo o trajeto, fiquei pensando no que eu ia fazer com o filho da puta quando chegasse lá. Eu vinha lendo Nietzsche e achava que era um super-homem. Então, fiquei mentalizando como ia incendiar a plateia e como todas as pessoas me aplaudiriam quando eu arrebentasse aquele cara. Iludido, eu acreditava que a multidão jogaria flores a meus pés. Eu só tinha 15 anos, mas ia lutar contra um cara chamado Ernie Bennett, campeão local, que tinha 21. Aquela ia ser minha última luta amadora antes de me tornar profissional.

Nós entramos no lugar, que estava cheio de pessoas feias e mal vestidas. Estava tão lotado que parecia que eu estava de volta aos cortiços de Brownsville. Mas eu estava cagando para isso. A energia deles me fortalecia. Teddy disse: "Vai para a balança". Aí tirei a camisa e a calça, fiquei só com a roupa de baixo. Eu estava realmente sarado. Subi na balança e todos correram para cima de nós e nos cercaram.

"É o Tyson. É ele", ouvi as pessoas dizerem.

Eu estava em pé na balança e comecei a ficar nervoso. Aqueles caras eram de gangues, eram durões de verdade, e eu não era do bairro deles. Mas aí me lembrei de todos aqueles filmes que assistia. Jack Johnson ficava na balança com uma multidão ao seu redor. Sempre me visualizei naquela posição. Então ouvi todos os sussurros e assobios. "Esse é o cara que nocauteou todo mundo em apenas um assalto na Junior Olympics", disseram.

Meu modo de pensar à maneira de Cus despertou. Eu fazia parte da nobreza. Era um grande gladiador, pronto para a batalha.

"Ei, campeão!" Aqueles caras sorriam para mim. Mas eu simplesmente olhava para eles com desprezo, tipo, "Vai se foder, tá

olhando o quê?”.

Minha pesagem deu em torno de 86 quilos.

“Ah, você é muito pesado”, disse o treinador de Bennett. Ele era quase surdo-mudo, mas era possível entender suas palavras.

“Mas nós vamos lutar contra ele. Vamos lutar contra qualquer um”, o cara disse.

“Não sou qualquer um”, desdenhei.

O lugar estava lotado. Havia pelo menos 3 mil pessoas lá. Entramos no ringue, e foram nove minutos consecutivos de destruição. Até hoje, as pessoas ainda falam daquela luta. A multidão não parava de aplaudir, mesmo durante o descanso de um minuto entre os assaltos eles ainda ficavam aplaudindo. Éramos como dois *pit bulls*. Ele era bastante ágil, experiente e sabia se esquivar; mas aí, *pá!*, encaçapei ele na porrada pelas cordas. Lutei duro contra aquele cara, até o fim. Foi o melhor desempenho da minha vida.

Mas, aí, deram vitória a Bennett. Foi um roubo descarado. Fiquei perturbado. Comecei a chorar. Nunca havia perdido uma luta antes. No vestiário, o treinador surdo-mudo veio falar comigo. Eu ainda estava chorando.

“Você é apenas um menino”, disse. “O meu rapaz teve muitas e muitas lutas. Estávamos lutando com tudo o que temos. Você é melhor do que o meu lutador. Não desista. Você vai ser campeão um dia.”

Isso não fez eu me sentir melhor. Chorei durante toda a viagem para casa. Queria muito mesmo vencer aquele cara. Chegamos em casa, e eu tinha de entrar no chuveiro e depois ir direto para a escola. Mas Teddy deve ter ligado para Cus porque ele estava me esperando. Pensei que Cus ia ficar bravo comigo por desapontá-lo, mas ele tinha um largo sorriso no rosto.

“Ouvi dizer que você foi muito bem. Teddy disse que o cara era afiado e experiente”, falou. “Ei, Mike, tira o dia de folga. Você não precisa ir para a escola hoje.”

Mas de jeito nenhum que eu não iria à escola. Aquele cara tinha me deixado com um olho roxo e eu queria mostrar o símbolo da minha coragem.

Não deixei aquela derrota controversa me derrubar. Continuei lutando nos *smokers* e vencendo cada um dos meus adversários por nocaute. Cus começou a ir a mais lutas minhas. Ele vibrava quando eu agia de forma arrogante e ostentava um ar imperioso. Cus também era bem arrogante. Uma vez, eu ia lutar contra um cara de 24 anos que era o campeão invicto da sua região desde que tinha 16.

Antes da luta, um dos oficiais de boxe locais veio até nós.

"Cus, o homem que vocês vão enfrentar é grande, forte e assustador", disse.

Cus não piscou um olho.

"O negócio do meu garoto é colocar homens grandes, fortes e assustadores no seu devido lugar."

Assim que ouvi aquilo, meu coração pegou fogo. Fiquei tão frenético, que queria lutar com aqueles caras antes de entrarmos no ringue.

Uma vez, não tomei banho nos três dias que antecederam uma luta. Tudo que pensava era em machucar meu adversário. Não sabia coisa alguma sobre meus adversários naqueles *smokers*, não havia vídeos para ver, nem aparições deles na tevê. Então, sempre imaginava que as pessoas que eu enfrentaria em combate seriam as pessoas que tinham me intimidado quando eu era mais jovem. Era hora da retribuição. Ninguém jamais zoaria comigo novamente.

Sempre que eu demonstrava um pouquinho de humanidade numa luta, Cus ficava louco comigo. Um adversário podia resolver apertar minha mão antes da luta, num gesto de espírito desportivo. Se eu apertasse, Cus ficava puto.

A única demonstração de compaixão que ele não criticava era quando eu ia ajudar meu adversário a se levantar depois de nocauteá-lo. Dempsey fazia isso o tempo todo. Levantava seu oponente vencido, levava-o de volta ao seu corner, abraçava-o e lhe dava um beijo. Isso exatamente depois de tentar estripá-lo. Então eu os levantava e lhes dava um beijo. "Você está bem? Amo você, meu irmão." Era quase humilhante para eles.

Cus não gostava que eu comemorasse meus nocautes. Nada de cumprimentos nem dancinhas.

“Você tem praticado isso por dois anos e está agindo como se estivesse surpreso que aconteceu?”, perguntava.

Para Cus, meus adversários eram alimento. Sustento. Algo que precisava comer para viver. Se eu me saísse bem numa luta, Cus me recompensava. Roupas e sapatos bacanas. Quando ganhei um dos campeonatos de juniores, ele me comprou dentes de ouro. Quando coloquei meu ouro nos anos 1980, a maioria das pessoas pensava: “Ih, criminosos usam dentes de ouro. Tome cuidado”. Mas Cus adorou a ideia, porque todos os lutadores dos velhos tempos colocavam dentes de ouro para comemorar seu sucesso.

Pode-se pensar que, com todos aqueles nocautes e o título do campeonato de juniores, Cus tinha pouco a criticar. Não o Cus. Ele sempre me tratou como uma mocinha na frente das pessoas, mas por trás, de portas fechadas, não era bem assim. Eu ficava sozinho com ele na casa e ele me controlava.

“Sabe, você estava com a mão baixa. Com todo o respeito, se aquele cavalheiro fosse um pouco mais profissional, um pouco mais calmo, ele teria te acertado um belo soco.”

Isso depois que eu tinha nocauteado o cara! Todo mundo tinha me parabenizado pelo meu nocaute de direita. Cus não disse que eu teria sido nocauteado. Disse que ele teria me acertado! Ele colocava na minha cabeça aquela ideia de ser acertado por aquele soco o dia todo. Aí, depois de alguns dias, ele falava a mesma merda de novo.

“Lembra, depois da luta, que eu lhe disse que o cara teria atingido você…”

AI, AI, AI…

O negócio do Cus era a manipulação, a guerra psicológica. Acreditava que 90% do boxe era psicológico, e não físico, vontade, e não habilidade. Então, quando eu estava com 15 anos, ele começou a me levar a um hipnoterapeuta chamado John Halpin, com um consultório no Central Park West, Nova York. Eu me deitava no chão do escritório de John, e ele passava por todas as fases de relaxamento: sua cabeça, seus olhos, seus braços e suas pernas, todos ficando pesados. Assim que eu ficava sob sua influência, ele me dizia tudo o que Cus queria que me dissesse. Cus escrevia as sugestões num pedaço de papel, e John as recitava em voz alta.

“Você é o maior lutador do mundo. Não estou dizendo isso porque estou tentando fazer você acreditar que é algo que não é. Estou dizendo isso porque você pode realmente fazer isso, é o que você realmente nasceu para fazer.”

Halpin nos mostrou um método em que podemos nos colocar em estado hipnótico a qualquer hora que quisermos. Quando voltávamos para Catskill, me deitava no chão ou no meu quarto e Cus ficava sentado ao meu lado. Eu começava a relaxar e a entrar em estado hipnótico, e Cus falava. Às vezes, falava generalidades, como quando dizia que eu era o melhor lutador do mundo, mas, às vezes, eram especificidades do boxe.

“Seu jab é como uma arma. Você desfere socos que são ferozes, com más intenções. Você tem uma mão direita maravilhosa. Você não tem realmente acreditado nisso, mas agora vai. Você é um flagelo de Deus. O mundo vai saber seu nome a partir de agora até a era do esquecimento.”

Era uma merda realmente profunda. E eu acreditava.

Às vezes, Cus me acordava no meio da noite e fazia suas sugestões. Outras vezes, nem precisava falar, eu podia sentir suas palavras entrando na minha mente telepaticamente.

Tornei-me focado na hipnose. Eu achava que era um método secreto que ia me ajudar. Algumas pessoas podem pensar que aquilo era loucura, mas eu acreditava em tudo que Cus me dizia. Abracei aquilo religiosamente. Cus era o meu deus. E esse velhinho branco estava me dizendo que eu era o máximo. Por que eu tinha de ser o melhor que já existiu?

AGORA QUE EU ERA um gladiador e um deus entre os homens, parecia um pouco humilhante ter de ir para o colégio. Então, no outono de 1981, me meti em problemas na escola Catskill High. Um professor, um verdadeiro caipira ignorante, começou a discutir comigo e jogou um livro em mim. Levantei e arrebentei a cara dele na frente de todos os alunos. Fui suspenso. Aí Cus me pegou, nós marchamos para o escola e enfrentamos o diretor Stickler e o

professor. Pode-se pensar que Cus era Clarence Darrow se tivesse visto a maneira como me defendeu.

"Você mantém sua palavra de que simplesmente deixou o livro cair, e ele bateu no Mike por acidente?", disse Cus, interrogando o professor. "Mas se, como você diz, você derrubou o livro, como ele poderia ter sido impulsionado pelo ar e ter chegado até o Mike? Ele teria inofensivamente caído no chão sem causar qualquer dano a ninguém."

Cus andava pela sala fazendo paradas repentinas e apontando dramaticamente para meu professor, como se ele fosse a parte culpada.

Eles finalmente cederam e me deixaram parar de frequentar a escola com a condição de que eu tivesse um tutor. Cus ficou magoado por eu ter abandonado os estudos, ele tinha planejado me fazer uma grande festa de formatura. No caminho para casa, depois da reunião no colégio, dei uma olhada rápida para Cus e disse: "Vamos. Estou pronto para ir treinar".

Ele só me olhou e disse: "Vamos lá".

JUNHO DE 1982 CHEGOU, e era hora de defender meu título da Junior Olympics. Até então minha reputação tinha certamente me precedido. Os pais tiravam seus filhos do torneio por medo de que fossem lutar contra mim. John Condon, que fazia parte dos torneios Golden Gloves, não me deixava competir. "Vi você lutar. Você é mau demais. Não posso deixá-lo lutar contra esses garotos. Você iria destroçá-los."

Minha segunda Junior Olympics começou bem. Estávamos no Colorado, e nas preliminares nocauteei todos os adversários. Então chegou a hora das finais, e eu teria de defender meu título. Foi quando a pressão me afetou. Assim que vi todas aquelas câmeras, minhas inseguranças começaram a aflorar. Havia diversos oficiais de boxe experientes dizendo coisas ótimas sobre mim. Achei maravilhoso, mas pensei que tudo acabaria porque eu era sujo, imundo. Mesmo assim, certamente não queria decepcionar Brownsville. Cus tinha me dito muitas vezes que, se eu o ouvisse,

quando minha mãe andasse pelas ruas de Brownsville, as pessoas carregariam as compras do mercado para ela.

Eu não conseguia lidar com toda aquela pressão. Antes das finais, Cus me puxou de lado.

“Mike, este é o mundo real. Você vê todas essas pessoas?”, e apontou para todos os oficiais de ringue, os repórteres, os oficiais na arena. “Quando perde, não gostam mais de você. Se não é espetacular, não gostam mais de você. Todos costumavam gostar de mim. Pode acreditar, quando eu tinha os meus 50 anos, mulheres jovens e bonitas me perseguiam por todo lugar. Agora que sou um homem velho, ninguém mais aparece”, disse Cus.

Dez minutos antes da luta, tive de sair para tomar um ar. Teddy foi comigo.

“Apenas relaxe, Mike, apenas relaxe”, disse.

Eu desabei. Comecei a chorar descontroladamente. Teddy colocou os braços em torno de mim.

“É só mais uma luta. Na academia, você conseguiu lutar com lutadores melhores do que esse cara”, disse, tentando me consolar.

“Eu sou Mike Tyson…”, falei, soluçando, “todo mundo gosta de mim.”

Eu não conseguia completar uma frase coerente. Estava tentando dizer que, se eu perdesse, ninguém jamais iria gostar de mim de novo. Teddy me confortou e me disse para não deixar meus sentimentos levarem a melhor.

Quando entrei no ringue, meu adversário estava esperando por mim. Era um cara branco de 1,98 chamado Kelton Brown. Eu me recompus, invoquei minha coragem. Fomos para o centro do ringue para receber as instruções, e cheguei tão em cima da cara dele com meu olhar malévolo, que o árbitro teve de me empurrar para trás e me dar uma advertência antes mesmo de a luta começar. O gongo soou e fui para cima dele. Dentro de um minuto, eu estava lhe dando uma surra tão magistral, que seu corner jogou a toalha. Eu era então bicampeão da Junior Olympics.

Depois que minha mão foi levantada, o comentarista de tevê veio me entrevistar no ringue.

“Mike, você deve estar muito satisfeito com a forma como sua carreira progrediu até agora.”

“Bem, posso dizer ‘Sim, estou’. Estou aqui com garotos, mas tenho a mesma idade e sou mais focado do que eles. Sou mais disciplinado. Aprendi primeiro a lidar com meus problemas mentalmente, e depois fisicamente. Essa é uma vantagem que tenho sobre eles mentalmente.”

“Como você se sentiu no final da luta depois de derrotar Brown?”

“Fui lá fazer o meu trabalho. Não tenho nada de ruim a dizer sobre o meu adversário. Ele fez um bom trabalho. Apenas encarou alguém de um nível um pouco acima do dele. Eu o parabenizo por seus esforços”, eu respondi.

Quando voltei ao leste, fui para minha casa em Brownsville. Todo mundo no bairro tinha me visto na tevê nocauteando Kelton Brown. Um monte de caras que costumavam me intimidar vieram me ver na rua.

“Ei, Mike, precisa de alguma coisa? Se precisar de mim, é só dizer”, ofereciam-se.

Eles costumavam chutar meu saco, mas agora estavam puxando ele.

Mas a plateia que eu realmente queria era a minha mãe. Queria compartilhar meu entusiasmo com ela.

“Ô, mãe, sou o maior lutador do mundo. Não há um homem vivo que possa me vencer.”

Minha mãe, que estava morando num prédio úmido, velho e torto, ficou apenas me olhando enquanto eu falava de mim como se fosse um deus.

Ela disse: “Você se lembra de Joe Louis? S*empre* há alguém melhor, filho”.

Olhei fixamente para ela.

“Isso nunca vai acontecer comigo”, falei, friamente. “Eu sou aquele que é melhor que todos os outros. Eu sou esse cara.”

Eu estava falando sério, porque era nisso que a lavagem cerebral do Cus tinha me feito acreditar. Minha mãe nunca tinha me visto daquele jeito antes. Antes, eu era asqueroso e estava sempre

procurando uma maneira de levar a melhor. Agora tinha orgulho e dignidade. Antes, o meu corpo cheirava a erva e bebida. Agora meu corpo estava bombado, e eu estava limpo. Pronto para enfrentar o mundo.

"Não existe um homem no mundo que possa me vencer, mãe. Você vai ver, seu filho vai ser campeão do mundo", falei, me gabando.

"Você tem de ser humilde, filho. Você não é humilde, não é humilde…", disse, balançando a cabeça negativamente.

Tirei de dentro de uma maleta os recortes com reportagens e fotos minhas ganhando medalhas de ouro e entreguei a ela.

"Aqui, mamãe. Leia essas coisas sobre mim."

"Depois eu leio", respondeu.

Ela não conversou mais comigo pelo resto da noite. Ficava só no "hum hum". Simplesmente olhava para mim com preocupação, tipo: "O que esses brancos estão fazendo com você?".

Então voltei para Catskill e estava me sentindo no topo do mundo. Lá eu era um garoto de classe média-alta mimado. Poucos meses depois, Cus veio me dizer que minha mãe estava doente. Não me contou os detalhes, mas a assistente social tinha descoberto que minha mãe estava com câncer terminal. No mesmo dia em que Cus me disse isso, minha irmã me ligou.

"Vai visitar a mamãe", falou. "Ela não está passando bem."

Eu já tinha ido ver minha mãe algumas semanas antes de minha irmã ligar; ela tinha tido um tipo de derrame cerebral, e um olho estava com a pálpebra caída, mas eu não sabia que era câncer. O único câncer que eu conhecia era o meu signo astrológico. Sabia que alguma coisa andava errada, mas não imaginava que tinha a ver com morte.

Quando cheguei ao hospital, tive um grande choque. Minha mãe estava deitada na cama, gemendo. Estava bem catatônica. Só de olhar para ela, me dava uma dor. Seus olhos estavam fundos e dava para ver os ossos do seu crânio através da pele; ela tinha perdido muito peso. O lençol tinha caído e seus seios estavam parcialmente à mostra. Então a beijei e a cobri. Não sabia o que fazer. Nunca tinha visto ninguém com câncer, só em filmes, então esperava ver

algo como “Bem, eu amo você, mas não tenho mais jeito, Johnny”. Pensei que fosse ter a oportunidade de conversar com ela e dizer adeus antes de ela morrer, mas ela nem sequer estava consciente. Então saí do quarto do hospital e nunca mais voltei.

Toda noite eu voltava para o apartamento e dizia a minha irmã que tinha visto a mamãe e que ela parecia bem. Eu simplesmente não queria lidar com a cena do hospital, era doloroso demais. Então saí numa onda de roubos. Acabei encontrando Barkim e outros bandidinhos que eu conhecia do bairro, e roubamos algumas casas.

Uma noite antes de sairmos para roubar um lugar, mostrei ao Barkim um álbum de fotos que eu tinha trazido de Catskill. Havia fotos minhas com Cus e Camille, fotos minhas com todos aqueles garotos brancos na escola.

Barkim não parava de falar naquelas fotos.

“Ô, Mike, isso tá me deixando cabreiro. Eles tão te tratando mal lá? Te chamam de ‘neguinho’?”

“Não, eles são como se fossem minha família. O Cus ia matar você se dissesse isso de mim”, falei.

Barkim balançou a cabeça negativamente.

“O que você tá fazendo aqui, Mike?”, perguntou. “Volta para lá com os brancos. Porra, cara, os brancos gostam de você. Você não vê isso, não, mano? Cara, eu queria ter uns brancos que gostassem assim de mim. Volta lá, cara. Não tem merda nenhuma aqui para você.”

Fiquei pensando no que ele disse. Lá estava eu, um bicampeão nacional, ainda roubando casas porque ninguém muda hábitos da noite para o dia. Toda noite eu ficava bebendo, fumando pó de anjo, [1] cheirando cocaína e indo às baladas do bairro. Qualquer coisa para tirar minha mãe da cabeça.

Minha irmã sempre me dizia: “Você veio aqui para ver a mamãe. Não fique perdendo tempo, você não está aqui para brincar”.

Uma noite, Barkim foi buscar sua garota, e nós três estávamos andando por um dos conjuntos habitacionais de Brownsville e vimos alguns dos meus velhos amigos jogando dados. Barkim tinha amizade com eles também, mas não parou para conversar, apenas continuou andando. Fui até lá cumprimentá-los e eles me disseram

“E aí, Mike?”, mas estavam agindo de modo esquisito. “A gente se fala depois”, disseram. Eu podia sentir no ar que algo muito ruim tinha acontecido, alguém tinha morrido, ou um monte de merda tinha sido tomada de alguém.

Mais tarde descobri que aconteceram algumas disputas pelo poder no bairro e que, quando a poeira baixou, Barkim estava no topo. Ele tinha todos os carros, as meninas, as joias e as armas porque passou a dominar o negócio de droga no bairro. O ambiente da rua tinha mudado totalmente desde que eu tinha saído de lá. A droga tinha entrado pesado, e as pessoas estavam morrendo. Caras com quem a gente costumava sair estavam matando uns aos outros por território e dinheiro.

Até que um dia minha irmã chegou em casa. Eu estava de ressaca, mas ouvi a chave na porta, então fui abrir e, assim que a porta abriu, *pá!*, ela me deu um soco bem na cara.

“Por que você fez isso?”, perguntei.

“Por que não me disse que a mamãe morreu?”, gritou.

Não queria dizer a minha irmã “que eu não ia ao hospital. Era muito doloroso ver que a mamãe se tornara apenas uma sombra do que costumava ser”, porque minha irmã teria me matado; em vez disso, falei: “Ora, não queria que você sofresse. Não queria que você soubesse”. Eu era fraco demais para lidar com aquilo. Minha irmã era a pessoa mais forte da família. Era boa em lidar com a tragédia. Não consegui nem mesmo ir com ela reconhecer o corpo. Meu primo Eric que foi.

O enterro da minha mãe foi patético. Ela tinha guardado um dinheiro para um jazigo em Linden, New Jersey. Nós estávamos em apenas oito pessoas lá – eu, meu irmão, minha irmã, meu pai Jimmy, o namorado da minha mãe Eddie e três amigas delas. Eu estava usando um terno que tinha comprado com parte de um dinheiro roubado. Ela só tinha um caixão de papelão, e não havia dinheiro suficiente para uma lápide. Antes de deixarmos a sepultura, falei: “Mãe, prometo que vou ser um bom rapaz. Vou ser o melhor lutador de todos os tempos, e todo mundo vai ouvir falar no meu nome. Quando pensarem em Tyson, não vão pensar em Tyson Foods ou Cicely Tyson,[2] vão pensar em Mike Tyson”. Disse isso a ela

porque era o que Cus tinha me contado sobre o nome Tyson. Até então, a única relação de nossa família com a fama era que nós tínhamos o mesmo sobrenome que Cicely. Minha mãe adorava Cicely Tyson.

Depois do enterro, permaneci em Brownsville por algumas semanas, só ficando chapado. Uma noite, encontrei aqueles amigos que estavam jogando dados algumas noites antes. Eles me disseram que Barkim tinha sido morto.

"É, eles pegaram o seu truta", um deles me disse. "Achei que tinham te pegado também, porque, da última vez que te vi, você estava com ele e depois não te vi mais."

A morte de Barkim teve um grande impacto sobre mim. Ele foi o cara que me iniciou nos roubos, fazendo de mim seu filho da rua. E ele tinha acabado de me dizer para sair de Brownsville e voltar para a minha família branca. E não só ele. Todos os meus amigos do bairro tinham grandes expectativas em relação a mim e Cus. Cus iria me levar longe.

"Fica colado no cara branco, Mike. A gente não é nada, não volta mais aqui, não. Não quero ouvir besteira nenhuma, nego. Você é a única esperança que a gente tem. A gente nunca vai chegar a lugar nenhum, Mike. A gente vai morrer aqui em Brownsville. Antes de morrer, a gente tem que dizer para todo mundo que a gente dava uns rolês com você, que você era nosso mano."

Eu estava ouvindo variações disso em todos os lugares aonde ia. Levavam a sério. Para os meus amigos, Brownsville era inferno. Todos desejavam ter uma oportunidade de sair de lá, como eu tinha feito. Eles não conseguiam entender por que eu queria voltar para Brownsville, mas voltei porque estava tentando descobrir quem eu realmente era. Minhas duas vidas eram tão divergentes e, no entanto, me sentia em casa em ambos os mundos por diferentes razões.

Um dia, ouvi alguém bater na minha porta; era a sra. Coleman, minha assistente social. Ela tinha vindo levar o meu rabo preto de volta para o norte do estado porque tinha me esquecido da vida naquele período em que fiquei assaltando e roubando. Era para eu ter voltado para a casa de Cus três dias depois do enterro da minha

mãe. A sra. Coleman era uma senhora gentil, que veio dirigindo por mais de duas horas desde Catskill para me buscar. Ela apoiava o Cus e achava que o boxe era um direcionamento positivo para mim. Eu ainda estava grogue, então lhe disse que não ia voltar para Catskill. Ela me informou que, se eu quisesse ficar no Brooklyn, ela teria de fazer uma papelada, a polícia iria me levar sob custódia e ela iria me colocar em algum lugar em Nova York. Eu sabia que o que ela estava falando era baboseira, pois eu já tinha 16 anos e, legalmente, não precisava responder a ninguém, mas acabei voltando para o norte do estado com ela. Olhei meu apartamento e vi como minha mãe tinha vivido na pobreza e no caos, e aí pensei em como ela morreu. Isso mudou toda a minha perspectiva sobre como eu iria levar minha vida a partir de então. Poderia ser curta, mas eu faria de tudo para garantir que fosse gloriosa.

Quando voltei para Catskill, Cus realmente me ajudou a superar a morte da minha mãe. Ele me contou sobre o dia em que seu pai morreu. Cus estava em casa com ele, e seu pai gritava de dor. Ele não podia ajudá-lo porque não sabia o que fazer. Cus me ajudou a ficar forte de novo. Nessa época, havia um boxeador sul-africano branco, chamado Charlie Weir, que era um forte candidato ao título dos médios juniores. Ele e sua equipe vieram para Catskill para treinar com Cus. Isso foi durante o *apartheid*, e Cus lhes disse: "Nós temos um menino negro aqui. Ele é parte da nossa família. Você tem de tratá-lo com respeito. Da mesma forma que você trata Camille e eu, é assim que deve tratá-lo".

Foi incrível. Ninguém nunca lutou por mim daquela maneira. Charlie e sua equipe estavam pagando para treinar com Cus e, geralmente, quem paga para treinar no espaço alheio conduz o espetáculo. Mas Cus os colocou no devido lugar. E Cus falava daquele jeito em casa também.

"Escuta aqui, nós somos sua família agora, ok? E você é nosso menino agora. E vai trazer muito orgulho para esta família. Orgulho e glória."

Nós três sentávamos em volta da mesa da sala de jantar, e Cus dizia: "Olhe o seu filho negro, Camille. O que você acha disso?".

Camille se levantava, vinha até mim e me beijava.

MAS NOSSA PEQUENA CENA idílica foi interrompida um mês depois. Estraguei tudo. Cus estava tendo problemas com o meu treinador, Teddy Atlas. Eles estavam brigando por causa de dinheiro. Teddy tinha se casado recentemente com uma moça de uma família que Cus não gostava muito, por isso, quando Teddy precisava de dinheiro, Cus não lhe dava muito. Teddy estava passando por dificuldades, então queria que eu me tornasse profissional para que pudesse pegar a parte dele dos meus ganhos. Mas me tornar profissional não estava nos planos de Cus na época, por isso era de conhecimento geral que Teddy iria deixar Cus e que tentaria me levar com ele. E não havia a mínima chance de que eu deixasse Cus.

Mas então fiz algo que acabou levando Cus a se livrar de Teddy. Eu já conhecia as cunhadas do Teddy antes mesmo dele. Costumávamos ir todos juntos à escola e éramos amigos. As meninas estavam sempre flertando comigo, mas nunca tive nada de sexual com elas. Um dia, eu estava dando um rolê com sua cunhada de 12 anos e peguei na bunda dela. Eu realmente não tinha intenção de fazer nenhuma coisa diabólica, estava apenas brincando e peguei de bobeira na bunda dela, e não deveria ter feito aquilo. Foi simplesmente uma coisa idiota que fiz. Não pensei direito. Não tinha trato social com as meninas porque Cus me mantinha na academia o tempo todo. Quando fiz aquilo, me arrependi imediatamente. Ela não me disse nada, mas eu sabia que aquilo devia tê-la incomodado.

Mais tarde, naquela noite, meu parceiro de treino me levou até a academia para treinar com Teddy. Saí do carro e Teddy estava esperando por mim. Ele parecia furioso.

“Mike, vem aqui. Quero falar com você”, disse.

Fui até lá, ele sacou uma arma e a segurou contra minha cabeça.

“Seu filho da puta, jamais encoste um dedo na minha cunhada…”

Ele disparou a arma para o ar, bem perto do meu ouvido. O som foi tão ensurdecedor, que pensei que podia ter realmente atirado na minha orelha. E então Teddy correu. Eu teria corrido também, até porque a academia ficava em cima de uma delegacia de polícia.

Sempre que Teddy fala sobre esse incidente, ele faz parecer que me caguei de medo. A verdade é que aquela não foi a primeira vez que alguém apontou uma arma para a minha cabeça, mas também não fiquei falando coisas como: "Vai lá, atira em mim, seu filho da puta". Fiquei com medo. Aliás, demorou um pouco para minha audição voltar. Mas simplesmente percebi que tinha feito uma merda federal. Teddy era um cara de quem eu realmente gostava. Fiquei puto apesar disso, e posso ter dito a algumas pessoas que iria dar o troco nele, mas eu nunca faria nada para machucar Teddy. Ele me ensinou a lutar, estava lá desde o início.

Camille ficou furiosa com Teddy. Queria que Cus prestasse queixa para que ele fosse preso, mas Cus não faria isso. Ele sabia que Teddy estava em liberdade condicional por outro problema e que teria ido direto para a cadeia. Algum tempo depois, Teddy e sua família se mudaram de volta para Nova York.

Tudo aquilo foi culpa minha. Simplesmente sinto muito por tudo que aconteceu. Depois que Teddy saiu, comecei a trabalhar com Kevin Rooney, outro boxeador que Cus tinha transformado em treinador. Rooney e Teddy eram amigos de infância, e foi Teddy quem apresentou Kevin para Cus. Eu ainda me lembro de como as emoções ficavam à flor da pele quando as coisas aconteciam daquela maneira.

EU ME SENTIA BEM desenvolvido na época em que comecei com Rooney. Normalmente, quando os caras ganhavam títulos de torneio, ficavam exigentes, querendo escolher onde ou com quem iam lutar. Eu não. Eu lutava contra qualquer um em qualquer lugar: em sua cidade natal, seu quintal. Cus dizia para mim: "Lute com eles em suas salas de estar, e suas famílias podem até ser os árbitros". Eu só queria lutar e não tinha medo de nada. Ia lutar em Chicago, Rhode Island, Boston, em qualquer lugar. E as pessoas diziam: "Esse é o Tyson, ele venceu a Junior Olympics duas vezes".

Em dezembro de 1982, sofri minha primeira derrota em um torneio. Estava lutando nos campeonatos amadores dos Estados Unidos, em Indianápolis, e meu adversário era Al Evans. Eu estava

com 16 anos; ele tinha 27 e era um boxeador duro e muito experiente.

Fui para cima dele no primeiro assalto e disparei um monte de socos. Fiz o mesmo no segundo assalto. Eu o estava espancando de um lado para o outro. No terceiro, eu estava um pouco maluco, e ele respondeu com um gancho de esquerda que me fez cair. Levantei na hora e parti para cima de novo. Dessa vez, ele me derrubou com um de direita. Levantei, comecei a persegui-lo novamente e escorreguei. Foi o fim, o árbitro parou a luta. Eu não estava realmente machucado, poderia ter prosseguido com a luta. Do corner, Cus ficou gritando com o árbitro.

Fiquei arrasado. Eu queria ganhar todos os torneios. Gostava da maneira como o campeão era tratado depois de vencer. Queria sentir aquilo, estava viciado naquele sentimento.

Cus deve ter pensado que aquela derrota tinha abalado minha confiança e minha vontade, porque, quando voltamos para Catskill, ele me passou um pequeno sermão.

“Olhe para os campeões sobre os quais você leu em todos aqueles livros. Em algum momento no início de suas carreiras um bom número deles sofreu derrotas por nocaute. Mas eles nunca desistiram. Eles persistiram. É por isso que você está lendo sobre eles. Os que perderam e desistiram, bem, seus demônios vão segui-los até o túmulo, porque tiveram a chance de enfrentá-los e não o fizeram. Você precisa enfrentar seus demônios, Mike, ou eles vão persegui-lo pela eternidade. Lembre-se: fique sempre atento em como você encara suas lutas, porque a maneira como você encara as lutas será a maneira como você leva sua vida.”

Venci minhas seis lutas seguintes, e depois lutei pelo torneio National Golden Gloves contra um cara chamado Craig Payne. Espanquei Payne por todo o ringue durante três assaltos com muito pouca resistência dele. Por isso eu estava confiante quando o oficial passou por mim com o grande troféu ao entrar no ringue. Craig e eu estávamos cada um de um lado do árbitro, e ele segurando nossas mãos à espera da decisão. Comecei a levantar minha outra mão em comemoração, quando notei o oficial dando um sinal de “joinha” para Craig.

“E o vencedor da divisão peso-superpesado é… Craig Payne.”

Fiquei atordoado. A plateia explodiu em vaias. Procure essa luta no YouTube e assista. Fui roubado. Após a luta, Emanuel Steward, o grande treinador de Detroit que tinha Payne em seu programa, me disse que ele definitivamente pensou que eu tinha ganhado. Cus ficou irritado com a decisão, mas também ficou feliz em ver que eu poderia lidar com aquele tipo de competição. Ele sabia que tínhamos vencido moralmente, embora isso não fizesse eu me sentir melhor. Fiquei chorando feito um bebê por um bom tempo após a luta.

Eu não tinha tempo para mau humor. Voltei direto para a academia e comecei a treinar para mais torneios. Em agosto de 1983, ganhei a medalha de ouro no torneio Concacaf Sub-19. Ganhei de novo em 1984. Nesse mesmo ano, ganhei a medalha de ouro no torneio National Golden Gloves ao vencer Jonathan Littles no primeiro assalto. Eu tinha lutado com Littles em 1982 nas classificatórias da Junior Olympics, e ele tinha sido o único adversário que tinha chegado ao segundo assalto comigo. Agora era hora de começar a me preparar para as classificatórias das Olimpíadas.

Durante meus treinos para os Jogos Olímpicos, o comentarista de boxe Alex Wallau veio até Catskill para fazer uma reportagem sobre Cus e eu. A certa altura, nos pediram para sentar na sala de estar e falar um sobre o outro. Cus estava usando um terno cinza conservador e uma camisa esporte xadrez. Eu estava vestindo calças, uma camisa e um boné branco Kangol maneiro.

Alex perguntou a Cus como era trabalhar comigo e Cus desandou num interessante discurso em fluxo de consciência.

“Toda a minha vida estive pensando no desenvolvimento de um lutador perfeito. Para mim, uma pessoa pode realizar isso. Reconheci a qualidade de um futuro campeão porque ele sempre foi capaz de elevar o nível e superar seus parceiros de treino. Ensinei-lhe movimentos como os do caratê, de modo que o corpo faria ajustes durante uma luta, mesmo que seu adversário não exigisse isso. Ele pode dar um golpe com a velocidade da luz, surpreendendo completamente seus adversários. Desde o começo, ele tem uma

tremenda velocidade, coordenação e senso intuitivo de tempo, o que geralmente vem só depois de dez anos de lutas, porque nos velhos tempos era costume lutar boxe todos os dias.

"Não começo a ensinar até eu descobrir se eles são receptivos. Converso bastante para descobrir que tipo de pessoa é. Por exemplo, nós somos hoje uma soma total de cada ato e cada feito. Assim, no caso do Mike, nós conversamos, e tento descobrir quantas camadas dele tenho de descascar em termos de experiência, prejudicial ou não, até chegar ao homem em si e depois expô-lo para que não só eu o veja, mas para que ele também possa ver. A partir desse ponto, o progresso é mais rápido."

"Quando se desfez das camadas de Mike Tyson, o que encontrou?", perguntou Alex.

Cus hesitou. "Encontrei o que pensei que iria encontrar: basicamente uma pessoa de bom caráter, capaz de fazer o necessário para ser um grande lutador ou campeão do mundo. Quando reconheci isso, meu trabalho seguinte era fazê-lo ciente dessas qualidades, porque, a menos que ele as conhecesse tão bem quanto eu, isso não iria ajudá-lo muito. A capacidade de aplicar a disciplina, de fazer o que precisa ser feito não importa como se sinta por dentro, em minha opinião, é a definição de um verdadeiro profissional. Acho que Mike está se aproximando rapidamente dessa condição, desse ponto importante, ou seja, do que considero que Mike deva fazer para se tornar o maior lutador do mundo. E, pelo que sabemos – tirando acontecimentos imprevistos, se isso continuar sem quaisquer interrupções e se conseguirmos o parceiro de treino e tudo o mais que isso implica –, ele pode entrar para a história como um dos maiores que já tivemos, se não o maior que já existiu."

Fiquei tão feliz em ouvir Cus falar de mim. Em seguida, Alex perguntou a Cus se era difícil para um homem da sua idade trabalhar com um lutador tão jovem.

"Costumo dizer a ele, e sei que ele não sabe o que quero dizer, mas vou lhe dizer agora o que quero dizer. Se ele não estivesse aqui, eu provavelmente não estaria vivo hoje. O fato de ele estar aqui, fazendo o que está fazendo, e fazendo tão bem e ter melhorado como tem melhorado, me dá a motivação e o interesse em me

manter vivo, porque eu acredito que a pessoa morre quando não quer mais viver. A natureza é mais esperta do que pensamos. Pouco a pouco, vamos perdendo nossos amigos com quem nos importamos e vamos perdendo nosso interesse, até que, finalmente, dizemos: 'Que diabo estou fazendo aqui? Não tenho razão alguma para seguir em frente'. Mas, com o Mike aqui, tenho uma razão. Ele me dá a motivação, e vou ficar vivo e vou vê-lo se tornar um sucesso, pois não vou partir até que isso aconteça porque, quando eu me for, ele não só vai saber como lutar, não só irá entender muitas coisas, mas também vai saber como cuidar de si mesmo."

Caramba. Aquilo era simplesmente Cus colocando a porra da pressão sobre mim novamente. Sei que ele acreditava que eu poderia dar conta do recado, mas ele também acreditava que eu não acreditava que poderia.

Aí eles me perguntaram sobre meu futuro e meus sonhos.

"Os sonhos são apenas para quando se está começando. Tem-se um sonho para forçar a motivação. Eu só quero estar vivo daqui a dez anos. As pessoas dizem que vou ser um lutador de milhões de dólares. Bem, sei o que sou, e isso é o que conta mais do que qualquer outra coisa, porque as pessoas não sabem pelo que passo. Acham que nasci assim. Não sabem o que passei para chegar a esta forma."

"Pelo que você passou?", perguntou Alex.

"O treinamento. O boxe é a parte fácil. Quando se entra no ringue para lutar, é um passeio. Mas quando se entra na academia, é preciso fazer certas coisas várias e várias vezes até ficar dolorido e ouvir sua mente dizer: 'Não quero mais fazer isso'. Eu expulso isso da minha mente. Neste momento em particular, estou nos amadores e é tudo divertido, troféus, medalhas, mas sou como você, quero ganhar dinheiro quando se trata de ser profissional. Gosto de cortes de cabelo caros, gosto de usar roupas caras, ouro, joias e tudo mais. Para continuar com esse tipo de vida, é preciso ganhar dinheiro da maneira certa. Não se pode pegar uma arma e entrar num banco. Pode-se muito bem ganhá-lo de uma forma que te faça se sentir bem consigo mesmo fazendo algo que gosta."

Trabalhar tão duro me deixou amargo. Eu nunca tinha sofrido aquele tipo de privação e ainda tinha de levantar no dia seguinte e fazer tudo de novo. Trabalhei duro para aqueles Jogos Olímpicos.

Os oficiais da equipe dos Estados Unidos não me deixavam competir no meu peso natural, porque Cus tinha brigado com os caras do boxe olímpico. A briga começou quando queriam que eu lutasse na equipe norte-americana em uma luta na República Dominicana, mas Cus não me deixou ir porque nós não poderíamos usar Kevin nos nossos treinos. Eu teria de usar o pessoal deles. Ele também não queria que eu fosse porque temia que rebeldes revolucionários pudessem tentar me sequestrar.

Para se vingar do Cus, eles lhe disseram que eu teria de lutar na categoria abaixo de 91 quilos. Eu estava lutando com cerca de 98 na época, então entrei num jejum. Vestia aquelas roupas de plástico de novo e as usava durante todo o dia. Adorei, me senti um verdadeiro lutador por ter de perder peso para poder lutar. Eu estava tão iludido, pensei que estava fazendo um grande sacrifício.

Eu tinha uma agenda intensa de preparação para as classificatórias dos Jogos Olímpicos. Em 12 de agosto de 1983, entrei no Ohio State Fair National Tournament. No primeiro dia, consegui um nocaute em 42 segundos. No segundo dia, dei um soco que arrancou os dois dentes da frente do meu adversário e o deixou apagado durante dez minutos. Aí, no terceiro dia, o então campeão do torneio se retirou da competição.

No dia seguinte, fomos para Colorado Springs para o Campeonato Nacional dos Estados Unidos. Quando cheguei lá, quatro dos seis lutadores caíram fora da competição. Minhas duas vitórias foram por nocautes no primeiro assalto.

Em 10 de junho de 1984, finalmente consegui uma chance de ir aos Jogos Olímpicos. Minha luta de classificação foi contra Henry Tillman, um boxeador mais velho e mais experiente. No primeiro assalto, quase o fiz atravessar as cordas na porrada. Aí ele se levantou e eu o persegui pelos dois assaltos seguintes. Mas, no boxe amador, a agressividade não é recompensada, e o nocaute valia tanto quanto um leve jab estapeado. Quando anunciaram a decisão, eu não podia acreditar que tinham dado a vitória a Tillman. Mais

uma vez, a multidão também não concordou com o resultado e começou a vaiar.

Eu odiava aquelas lutas amadoras. “Somos boxeadores aqui”, diziam os engomadinhos.

“Bem, eu sou um lutador, senhor. Meu objetivo é lutar”, eu respondia.

Todo o mundinho do boxe amador me odiava. Eles não gostavam da minha atitude arrogante de Brownsville. Mesmo eu me comportando bem, ainda dava para ver a arrogância de Nova York estampada. E, se não gostavam de mim, o Cus, então, eles desprezavam. Ele podia ser tão destemperado que algumas vezes me envergonhava. Eu nunca o deixava perceber, sempre ficava lá e o ouvia confrontar aqueles caras, mas ficava totalmente envergonhado pelo modo como falava com eles. Ele era muito vingativo e sempre estava em busca de vingança. Não conseguia viver sem inimigos, então os criava. Às vezes eu pensava: *Droga, não dava para eu ter me associado a um cara branco que não fosse tão brigão?* Eu achava que estava escapando daquela vida ensurdecedora em que as pessoas brigavam e berravam com todas as forças de seus pulmões. Mas, com Cus, eu constantemente me lembrava de que não tinha escapado.

Tive a chance de vingar minha derrota para Tillman um mês depois, no Olympic Box-Offs. Mais uma vez o pressionei por três assaltos e, dessa vez, ele fez ainda menos do que na primeira luta. Até Howard Cosell, que estava fazendo os anúncios para a ABC e que tinha pensado que Tillman tinha ganhado por pontos na nossa primeira luta, teve de admitir que eu tinha melhores chances de levar a decisão.

Eu tinha certeza de que tinha ganhado e, quando o árbitro levantou o braço de Tillman novamente, fiquei atordoado. Não podia acreditar que dariam a Till-man duas decisões furadas. Mais uma vez, toda a plateia começou a vaiar os árbitros. Cus ficou furioso. Começou a xingar e tentou dar um soco num dos oficiais olímpicos norte-americanos. Kevin Rooney e outros oficiais tiveram de segurá-lo. Eu era tão egocêntrico na época, que pensava que todas essas coisas com o Cus tinham a ver comigo. Quando fiquei

mais velho, entendi que aquela era uma história que na verdade tinha cerca de 30 anos. Aqueles eram os seus demônios, e realmente tinham pouco a ver comigo.

Tinha tudo a ver com enganar e roubar a glória de Cus. Eu nem sabia até pouco tempo atrás que ele tinha mandado um amigo nosso chamado Mark – que trabalhava para o FBI – para o escritório da Procuradoria dos Estados Unidos em Albany para investigar as decisões favoráveis a Tillman.

Surtei depois das duas decisões a favor de Tillman. Peguei os troféus de vice-campeão que me deram e os joguei no chão e os quebrei. Mesmo assim, Cus me mandou para as Olimpíadas, para morar com a equipe olímpica. As Olimpíadas foram em Los Angeles naquele ano. Ele disse que eu deveria simplesmente ir até lá e desfrutar da experiência. Arranjou dois ingressos para cada luta, mas, como eu tinha um passe, vendi no câmbio negro. E as Olimpíadas não foram uma perda de tempo total para mim. Havia uma estagiária realmente bonita que trabalhava no comitê olímpico dos Estados Unidos. Todos os boxeadores e treinadores estavam dando em cima dela, mas fui eu quem a conquistou. Ela gostou de mim. Depois de todos aqueles anos de privação, foi bom finalmente fazer sexo.

Mas mesmo transar não tirou a decepção e a dor que eu sentia por terem me roubado meu sonho olímpico. Quando as Olimpíadas terminaram, voei de volta para Nova York, mas não fui direto para Catskill. Fiquei na cidade. Eu estava realmente deprimido. Uma tarde, fui para a 42nd Street ver um filme de caratê e, antes de começar, fumei um baseado.

Comecei a ficar chapado e me lembrei da vez em que Cus tinha me pegado com maconha. Foi logo depois de eu ter ganhado meu segundo título da Junior Olympics. Outro boxeador da casa tinha ciúmes de mim e me dedurou. Antes que eu tivesse a chance de me livrar da prova, Cus tinha mandado Ruth – a senhora alemã da limpeza – para meu quarto, e ela achou a erva.

Cus estava furioso quando cheguei em casa.

“Essa deve ser da boa, Mike. Sei que deve ser da boa porque você simplesmente abandonou 400 anos de escravos e camponeses para

fumá-la."

Ele me destruiu naquele dia. Fez eu me sentir como um negrinho do Pai Tomás. E ele odiava esse tipo de gente. Realmente sabia como me fazer descer ao meu nível.

Então, eu estava sentado no cinema, me lembrando disso e me afundando mais e mais na depressão. Comecei a chorar. Quando o filme acabou, fui direto para a estação de trem e voltei para Catskill. Durante toda a viagem de volta, eu sabia que tinha de me lançar imediatamente num treinamento completo para lutas profissionais. Eu tinha de ser espetacular quando me tornasse profissional. Conforme fui chegando mais perto de Catskill, comecei a falar sozinho.

"Eles nunca vão ver ninguém como Tyson. Ele irá transcender o jogo. Estará no panteão dos grandes lutadores, ao lado de John L. Sullivan, Joe Louis, Benny Leonard, Joe Gans e o resto. Tyson é magnífico."

Eu falava de mim mesmo na terceira pessoa. Até para mim mesmo.

Eu estava completamente alvoroçado quando desci daquele trem e peguei um táxi para a casa de Cus. O mundo estava prestes a ver um lutador como nunca se tinha visto antes. Com todo o respeito, e sem ser arrogante, tinha consciência da minha futura proeminência como boxeador naquele momento. Sabia que nada poderia me deter e que seria o campeão com tanta certeza quanto sei que a sexta-feira vem depois da quinta. Não perdi uma luta sequer nos seis anos seguintes.

4

DEPOIS DESSAS DUAS DERROTAS para o Tillman, eu não era exatamente o cara mais interessante no mundo do boxe. Cus tinha planejado que eu ganhasse a medalha de ouro nas Olimpíadas, para então começar minha carreira com um contrato de tevê lucrativo. Não deu certo. Nenhum promotor profissional estava interessado em mim. Ninguém do boxe acreditava no estilo "esconde-esconde" do Cus. E um monte de gente acreditava que eu era muito baixo para ser um peso-pesado eficiente.

Acho que toda esse blá-blá-blá afetou Cus. Uma noite, eu estava tirando o lixo, e ele, arrumando a cozinha.

"Cara, queria que você tivesse um corpo como o do Mike Weaver ou do Ken Norton", disse, sem mais nem menos. "Porque aí você seria realmente intimidador. Você teria uma aura ameaçadora. Eles não têm o temperamento, mas o físico de um homem intimidador. Você poderia paralisar os outros lutadores de medo só pela sua aparência."

Aquilo me deu um nó na garganta. Até hoje, quando reconto essa história, ainda fico com um nó na garganta. Fiquei ofendido e magoado, mas não ia dizer isso para o Cus, porque aí ele diria: "Ah, você tá chorando? Você é o quê? Um nenenzinho? Como é que vai aguentar uma grande luta se não tem resistência emocional?".

Sempre que eu mostrava minhas emoções, ele as desprezava. Então, segurei as lágrimas.

"Não se preocupa, não, Cus", disse, com um ar arrogante. "Você vai ver. Um dia, o mundo inteiro vai ter medo de mim. Quando mencionarem meu nome, vão suar frio, Cus."

Foi naquele dia que me tornei o Iron Mike; virei 100% aquele cara. Embora estivesse ganhando quase todas as lutas de forma empolgante, emocionalmente eu não estava dando o máximo para

ser o animal que Cus esperava que eu fosse. Depois daquela conversa sobre minha baixa estatura, tornei-me aquele animal. Cheguei até a fantasiar que, se eu de fato matasse alguém dentro do ringue, isso acabaria intimidando a todos. Cus queria um campeão antissocial, então incorporei os vilões do cinema, como Jack Palance e Richard Widmark. Mergulhei de cabeça no papel do sociopata arrogante.

Mas, antes, arranjei um Cadillac. Cus não podia arcar com minhas despesas enquanto estávamos construindo minha carreira, então ele tratou de fazer seu amigo Jimmy Jacobs e o sócio dele, Bill Cayton, conseguirem a grana. Jimmy era um cara incrível. Era o Pelé do handebol e, na época em que viajava pelo mundo fazendo o circuito do handebol, começou a colecionar filmes raros de luta. Foi então que conheceu Bill Cayton, também colecionador, e os dois fundaram a Big Fights, Inc. Eles monopolizaram o mercado de filmagem de lutas, e depois Cayton ganhou uma fortuna vendendo essas lutas para a ESPN. Cus morou com Jimmy durante dez anos quando ainda estava em Nova York, portanto eram bons amigos. Na verdade, Cus tinha um plano secreto de treinar Jimmy como lutador, e sua primeira luta, amadora ou profissional, seria com Archie Moore, para disputar o título de meio-pesado com ele. Jacobs treinou pesado com Cus durante seis meses, mas a luta nunca aconteceu porque Archie desistiu.

Cus nunca gostou do Cayton. Achava que ele era muito sovina. Eu também não gostava dele. Jimmy tinha uma bela personalidade extrovertida, enquanto Cayton era um sujeito distante e afetado. Havia muitos anos que Jimmy e Cayton gerenciavam a carreira de lutadores, entre eles Wilfred Benitez e Edwin Rosario; por isso, apesar de não gostar de Cayton, Cus prometeu aos dois que seriam meus empresários quando eu me tornasse profissional.

Acho que Cus viu em Jimmy e Bill investidores que não interfeririam no meu desenvolvimento e que deixariam ele cuidar totalmente da minha educação. Até então, eles já tinham investido mais de 200 mil dólares em mim. Quando voltei das Olimpíadas, Jimmy disse a Cus que queria me comprar um carro novo. Acho que os dois estavam com medo que eu abandonasse Cus e fosse para

outro treinador, tirando eles da história. É claro que eu nunca faria isso.

Cus estava bravo porque achava que eu não merecia. Afinal, não voltei para casa com nenhuma medalha de ouro. Mas ele me levou para uma concessionária do bairro. Cus estava tentando me convencer a levar um Oldsmobile Cutlass, porque não era muito caro.

"Nã, nã, quero um Cadillac, Cus", falei.

"Mike, tô te falando…"

"Se não for um Cadillac, não quero carro nenhum", teimei.

Consegui o carro, e nós voltamos para casa dirigindo o carro novo e o estacionamos no celeiro. Eu não tinha carteira de motorista nem sabia dirigir, mas, quando Cus me enchia muito o saco, eu pegava a chave, corria para o celeiro, entrava no carro, me trancava lá dentro e ficava ouvindo música.

Em setembro de 1984, assinei dois contratos, um com Bill Cayton e outro com Jimmy Jacobs. Cayton tinha uma agência de publicidade e me propôs um contrato de sete anos como seu agente pessoal, me representando em comerciais e propagandas de produtos. Diferente dos 10% ou 15% normais, Cayton ficava com um terço. Mas nem li as cláusulas, só assinei. Umas semanas depois, assinei o contrato com o Jimmy, e ele se tornou meu empresário. Um contrato normal de quatro anos, dois terços para mim, um terço para Jimmy. Então eles concordaram em dividir os lucros dos contratos um com o outro. Cus assinou o contrato de gerenciamento também. Embaixo da sua assinatura se lia: "Cus D'Amato, conselheiro de Michael Tyson que deverá dar o aval definitivo em todas as decisões que envolvam Michael Tyson". Agora eu tinha um time de empresários oficial. Sabia que Cayton e Jimmy eram caras bastante experientes com a mídia e que sabiam como organizar as coisas. E, com Cus tomando todas as decisões sobre boxe e escolhendo a dedo meus adversários, eu estava pronto para começar minha carreira profissional.

Com cerca de uma semana de treinos, sumi durante quatro dias. Tom Patti finalmente me encontrou. Estava sentado no meu Caddy.

"Por onde você andou, Mike?", perguntou.

“Não preciso dessa merda”, desabafei. “O pai da minha namorada Angie é gerente da loja de departamentos J. J. Newberry. Ele pode me arranjar um emprego de 100 mil dólares. Tenho esse Caddy. Vou vazar”, falei.

A verdade é que eu estava nervoso com o fato de ser lutador profissional.

“Mike, você não vai ganhar cem pilas só porque namora a filha dele”, disse.

“Posso fazer várias coisas”, falei.

“Cara, você não tem muita opção. É melhor voltar para a academia, ganhar a luta e ir em frente.”

Voltei para a academia no dia seguinte. Assim que superei o nervosismo, fiquei orgulhoso de me tornar um lutador profissional com apenas 18 anos. Eu tinha um ótimo time comigo. Além de Kevin Rooney, havia Matt Baranski. Matt era um cara incrível, um tático metódico. Kevin era aquele que rugia na sua cara.

Nós discutimos sobre me dar um apelido. Jimmy e Bill não achavam necessário, mas Cus queria me chamar de “Terror Moreno”, em homenagem a Joe Louis, o “Bombardeiro Marrom”. Achei legal, mas nunca pegou. No entanto, prestei homenagem a outros heróis meus. Fiz uma pessoa colocar uma tigela na minha cabeça e raspar ao redor para me deixar com o corte do Jack Dempsey. Então decidi partir para o estilo espartano, aquele que todos meus heróis antigos tinham; sem meias e sem roupão. Queria levar esse estilo de volta à principal categoria do boxe.

Minha primeira disputa profissional foi em 6 de março de 1985, em Albany. Meu adversário era um cara chamado Hector Mercedes. A gente não sabia nada sobre ele; então, na manhã antes da luta, Cus ligou para alguns treinadores e donos de academia de boxe em Porto Rico para ter certeza de que o cara não seria uma caixinha de surpresas. Na noite da luta, eu estava nervoso, mas, assim que vi o cara no ringue, soube que ia ganhar. Sabia que, nas minhas primeiras lutas, Cus me arranjaria uns adversários mais fracos para aumentar minha confiança.

Eu estava certo. Pararam a luta no primeiro assalto, quando ataquei Hector até deixá-lo ajoelhado no canto do ringue. Eu estava

animado, mas, no vestiário, Cus apontou todas as minhas falhas. “Você tem de deixar suas mãos mais levantadas. Suas mãos estavam bobas”, falou.

As duas lutas seguintes também foram em Albany, que era praticamente minha cidade natal. Um mês depois de Mercedes, lutei com Trent Singleton. Entrei no ringue e me curvei para os quatro cantos da arena, então levantei os braços para o público, como um gladiador. Não levou muito tempo para derrubá-lo três vezes. O árbitro parou a luta. Fui para o corner dele, dei um beijo nele e passei a mão em sua cabeça.

Eu ia lutar de novo dentro de um mês, e tudo o que fazia entre uma luta e outra era correr, treinar e boxear. Era só isso que Cus queria que eu fizesse. Boxear, boxear, boxear, treinar, treinar, treinar.

No dia 23 de maio lutei com Don Halpin, um adversário muito mais experiente. Ele resistiu três assaltos, enquanto eu alternava uma posição convencional com um southpaw,[1] praticando e ganhando experiência no ringue. No quarto assalto, marquei Halpin com uma de esquerda e uma de direita, e ele já estava caindo quando o acertei com um gancho de direita. Ele ficou no chão por um bom tempo, até que finalmente o levantaram. Cus, é claro, achou que não ataquei o corpo o suficiente e que não me movi lateralmente. Mas, até aí, Jacobs e Cayton estavam muito empolgados como meu estilo.

Comecei a atrair torcedores nessas lutas. Eles começaram a aparecer com pequenas placas, como nos jogos de beisebol. Uma dessas dizia: “GOODEN É O DOUTOR K, MAS MIKE TYSON É O DOUTOR KO”.[2] Comecei a atrair muitas tietes também, mas não me aproveitava das investidas delas. Estava muito apaixonado por mim mesmo para pensar em outra pessoa. Na verdade, Cus achava que eu estava exagerando um pouco. Ele achava que eu deveria sair mais. Então ia para Albany e saía com uns amigos de lá.

Praticamente não ganhei dinheiro com essas primeiras lutas. A renda da minha primeira luta foi para o promotor, mas Jimmy me deu 500 dólares. Desses 500, ele pegou 50 dólares para dar para o Kevin e colocou 350 no banco para mim; saí de lá com 100. Eles

estavam mais preocupados em divulgar meu nome do que ganhar dinheiro nessas primeiras lutas. Jimmy e Cayton foram os primeiros agentes de luta a fazer pequenos filmes divulgando meus nocautes e mandar fitas de vídeo para todos os jornalistas de boxe do país. Eles foram muito inovadores nisso.

Meu desempenho era sensacional, mas parecia que Cus estava ficando cada vez mais emburrado. Às vezes eu pensava que ele me achava um puxa-saco. Eu tentava ser educado com as pessoas que conhecia, e dizia "Sim, senhora", "Não, senhor", e Cus pegava no meu pé.

"Por que fica falando assim com eles? Acha que eles são melhores do que você? Todos eles são impostores", dizia. Então, quando eu agia como o deus que ele dizia que eu era, me olhava com nojo.

"Você gosta que as pessoas te admirem, né? Caras como o Cayton te dizendo que você é ótimo…"

Acho que ele só precisava de alguém em quem descontar. Meu dia dependia de que lado da cama o Cus ia acordar. Nessa época, eu já tinha tirado carteira de motorista e comecei a levá-lo para várias reuniões e palestras.

Em 20 de junho, pouco antes do meu aniversário de 19 anos, lutei com Ricky Spain em Atlantic City. Essa foi minha primeira luta fora de Albany, mas Cus já tinha me mandado para assistir a grandes lutas por todo o país, para me familiarizar com as arenas.

"Faça dessa arena sua casa, conheça essa arena, conheça esse lugar como a palma da sua mão", dizia. "Você vai viver aqui por muito tempo, então trate de se acostumar." Quando saía com lutadores famosos, também me levava junto. Cus me punha sentado com os caras num restaurante, para que eu me familiarizasse e nunca ficasse intimidado com um lutador.

Eu estava muito animado por lutar em Atlantic City e com transmissão pela ESPN. Meu adversário também estava invicto, com um cartel de 7-0 e cinco nocautes. Fui apresentado como "Arruaceiro Mirim", e não sei quanto ao "mirim", mas o fato é que derrubei Spain duas vezes no primeiro assalto e o árbitro parou a luta.

Jimmy e Cayton estavam tentando conseguir um espaço fixo para mim na ESPN, mas Bob Arum, que promovia as lutas, disse-lhes que os organizadores não estavam tão impressionados assim com meu talento. Aquilo deixou Cus puto da vida. Ele odiava os organizadores do Arum e, depois de mais uma luta, Cus nunca mais trabalhou com ele.

Mas todo esse lance político não me interessava. Eu não via a hora de chegar o dia da minha luta seguinte. Seria em Atlantic City de novo, em 11 de julho. Ia lutar com John Anderson, um caipira grandalhão de West Virginia, que também tinha um cartel de 4-0. Essa luta também foi transmitida pela ESPN, e eu o derrubei algumas vezes no segundo assalto, ele voltou para seu corner e o médico interrompeu a luta.

Aumentei meu cartel para 6-0 na luta seguinte, com Larry Sims, mas deixei Cus muito puto com o que aconteceu. Sims era muito escorregadio e difícil, um desses lutadores espertinhos. Então, no terceiro assalto, virei canhoto e o nocauteei com um soco retumbante. Depois, no vestiário, Cus veio me questionar.

"Quem te ensinou essa merda de southpaw? Talvez fique difícil te conseguir lutas agora", disse. "Ninguém quer lutar com southpaws. Você vai destruir tudo o que eu criei." Cus odiava southpaws.

"Me desculpe, Cus." Não é uma merda? Lá estava eu me desculpando por um nocaute espetacular.

Voltei ao ringue um mês depois e acabei com Lorenzo Canady em um assalto; três semanas depois enfrentei Mike Johnson em Atlantic City. Quando nos alinhamos para as instruções, Johnson parecia muito arrogante, como se me odiasse profundamente. Em questão de segundos, ele estava no chão depois de um gancho de esquerda no rim, e, quando levantou, lancei uma de direita espetacular, tão forte, que seus dentes da frente foram parar no bocal. Eu sabia que levaria um tempo para ele se recompor. Kevin entrou no ringue, e nós ficamos rindo e comemorando como dois menininhos arrogantes. Eu estava tipo: "Ha, ha. Saca só esse negro fracote, Kevin".

Agora eu tinha 8-0 com oito nocautes, e Jimmy e Cus estavam usando todos os seus contatos na imprensa para conseguir mais divulgação para mim. Eu ia para Nova York almoçar com Jimmy e seus amigos dos jornais. A gente paparicava muito a imprensa. Também comecei a ser mencionado em colunas de fofocas porque eu frequentava lugares badalados, como o restaurante Columbus, no Upper West Side. Fiquei amigo do grande fotógrafo Brian Hamill e de seu irmão Pete, um escritor mundialmente famoso, e eles começaram a me apresentar para todas as celebridades. Pete me levava ao bar, e nós sentávamos com Paulie Herman, um dos proprietários e o rei de Nova York na época. Para mim, parecia que era mais celebridade do que as próprias celebridades. Todo mundo queria ficar perto de Paulie, sentar com ele, pedir favores. Eu achava que ele era um chefão da máfia ou algo assim.

Nunca se sabia quem iria encontrar no Columbus. Às vezes, Pete me deixava lá com Paulie. Quando eu me tocava, David Bowie, Mikhail Baryshnikov e Drew Barrymore, essa criancinha, estavam sentados na nossa mesa. Eu pensava comigo: *Isso é foda. Melhor manter a compostura.* Aí, Robert De Niro e Joe Pesci chegavam e sentavam. Nós estávamos sentados conversando e, quando me toco, o Paulie dizia: "Ei, Mike, vamos para outro lugar" e, *bum!*, cinco minutos depois estou na casa da Liza Minnelli, sentado de boa no sofá com Raul Julia.

Não demorou muito, e eu conhecia todas as figuras de Nova York. Estando entre eles, percebi que algo especial tinha morrido um pouco antes de eu entrar em cena. Era algo tão poderoso, ainda dava para senti-lo na música de Elton John, Stevie Wonder e Freddie Mercury. Era visível que eles haviam frequentado um lugar especial que não existia mais.

Mas conhecer todas essas supercelebridades não gerou uma sensação de satisfação. Isso só aconteceu quando eu conheci o lutador Bruno Sammartino. Quando criança, eu era um grande fã de luta livre. Adorava Sammartino, Gorilla Monsoon, Billy Graham. Uma noite, fui a uma festa e lá conheci Tom Cruise, que ainda estava no começo da carreira. Nesse mesmo evento, vi Bruno Sammartino. Fiquei completamente fascinado, o tempo todo o

encarando. Enfim, alguém nos apresentou, e ele não fazia ideia de quem eu era, mas aí comecei a lhe contar todas as grandes lutas dele que eu tinha visto, contra gente como Killer Kowalski, Nikolai Volkoff e George "o Animal" Steele. Eu, com minha mente desequilibrada e megalomaníaca, pensava: *Isso é um sinal da minha grandeza. Meu herói está aqui comigo. Eu vou ser grande como ele e ser campeão*.

Cus não estava gostando nem um pouco que eu passasse cada vez mais tempo em Manhattan. Quando eu ia para a cidade, passava a noite no sofá de Steve Lott, o braço direito de Jimmy Jacobs. Steve era um drogado exemplar, e ele me levava para lugares como o Nautilus Club e outros por onde circulavam garotas lindas. Na época, eu estava empenhado em ganhar o cinturão, então não estava me divertindo com mulheres ainda. Tentava ser um cara legal, não ir longe demais. Meu ponto fraco era a comida. Steve era um ótimo cozinheiro, e, quando eu voltava da balada, ele esquentava umas sobras de comida chinesa para um lanchinho noturno. Voltava para Catskill depois de alguns dias, e Cus ficava furioso.

"Olha sua bunda. Você está ficando bundudo", ele balançava a cabeça.

Minha luta seguinte foi meu primeiro desafio de verdade. Em 9 de outubro, lutei contra Donnie Long em Atlantic City. Long superou as expectativas tanto com James Broad, um peso-pesado durão, quanto com John Tate, o ex-campeão peso-pesado da WBA, a Associação Mundial de Boxe. Eu sabia que seria bom para minha imagem se acabasse com ele logo de cara. Long estava confiante, dizendo para Al Bernstein, da ESPN que ele conseguiria superar meus socos. Chamavam Long de "o Mestre do Desastre", mas sua noite se tornou desastrosa assim que o gongo soou. Fui para cima dele rápido e feroz, e o derrubei em segundos com uma investida de esquerda. Pouco depois, um uppercut de direita o derrubou e então acabei com ele com uma combinação de uppercut com a direita e gancho com a esquerda. Levei menos de um minuto e meio para vencer.

Depois da luta, Al Bernstein veio me entrevistar.

“Hoje de manhã, eu achava que Donnie Long seria um adversário razoavelmente difícil para você. E não foi!”, disse Al.

“Bem, foi o que te perguntei hoje cedo; se eu o nocauteasse em um ou dois assaltos, ainda iria considerá-lo um adversário difícil?”

“Achei que ele seria, mas acho que não foi”, respondeu.

“Ah, tá, *agora* ele não foi…”, brinquei.

“Não, ele era um adversário difícil, só estou dizendo que, para você, aparentemente, ele não foi, porque você o derrotou.”

“Eu sabia desde o começo, mas os outros não sabiam que ele era um blefe, não tinha chance. Um monte de gente veio ver, Jesse Ferguson veio ver, os Fraziers vieram ver. Todos vocês vêm e tomam uma na cara, porque Mike Tyson está aí, ele está esperando vocês, podem vir que levarão uma na cara.”

Naqueles tempos, eu estava focado até demais, não vivia na realidade. Numa entrevista para a *Sports Illustrated*, falei: “O que mais me incomoda é estar no meio de gente que gosta de se divertir para valer, com festas e coisas assim. Isso te deixa mais delicado. Pessoas que só estão interessadas em se divertir não conseguem nada”. Eu me considerava melhor do que pessoas delicadas e festeiras. Queria estar naquele mundo de celebridades da Columbus, mas estava lutando contra a tentação de me divertir.

Ainda não estava fazendo sexo. A última vez que eu tinha transado foi com aquela estagiária nas Olimpíadas. Não que não quisesse fazer sexo, é que eu era muito travado com mulheres. Não sabia como me aproximar. “Ei, oi, quer transar?”, não sabia como dizer isso. Mais ou menos nessa época, eu faria uma luta preliminar no Madison Square Garden. Minha fama me precedia, e o adversário não apareceu. Então saí do Garden e fui para um puteiro na 42nd Street. Sabia da existência desse lugar desde quando era um menino que perambulava pela Times Square.

Entrei no muquifo e sentei numa cadeira na antessala. Havia uma tevê enorme passando pornografia. As garotas vinham até você, sentavam do seu lado e perguntavam: “Quer fazer amor?”. Se você recusasse uma, vinha outra. Eu era o cara mais novo por lá, então elas me acharam meio fofo. Escolhi uma cubana bonita, e nós fomos para um quarto nos fundos.

Freud faria um belo workshop sobre aquela situação. Lá estava eu, pronto para focar minha agressão e espancar meu adversário no ringue, mas a luta é cancelada, aí saio e vou transar. Eu estava muito excitado. Durante a transa, as costas dela começaram a doer. Disse: “Ei, precisamos parar. Distendi alguma coisa nas minhas costas”. Eu ainda não tinha acabado, então pedi meu dinheiro de volta. Ela mudou de assunto e me pediu a camiseta do Edwin Rosario que eu estava usando. Como suas costas doíam muito para continuarmos, ela sugeriu: “Vamos conversar”. Conversamos por um tempo, e ela acabou devolvendo a minha camiseta.

Depois disso, Cus começou a acelerar o ritmo. 16 dias após a luta com Long, lutei com Robert Colay. Lancei dois ganchos de esquerda; errei o primeiro, mas o segundo o apagou. A luta acabou em 37 segundos. Uma semana depois, lutei com Sterling Benjamin em Latham, Nova York. Derrubei-o com um gancho de esquerda curto e, depois da contagem até oito, acertei um enxame de socos no corpo e uppercuts demolidores. Ele se esborrachou na lona. O árbitro parou a luta. A plateia estava enlouquecida. Virei para eles, colocando as luvas nas cordas de cima, com as palmas para cima, e os saldei como um gladiador.

Mas eu tinha coisas mais importantes na cabeça do que a minha 11ª vitória profissional. Cus estava muito doente. Já estava doente quando fui morar com ele e Camille. Estava sempre tossindo, mas eu percebi que a situação piorou quando não viajou com a gente para algumas das minhas lutas. Ficou em casa nas lutas com Long e Colay, mas foi para Latham me ver lutar com Benjamin. Era um velho italiano teimoso demais para perder uma luta em seu quintal. Não acreditava em médicos, e foi um dos primeiros defensores das vitaminas e daquilo que hoje chamamos de “medicina alternativa”, e também da terapia nutricional.

Eu sabia que Cus estava doente, mas na minha cabeça ele aguentaria até me ver campeão, porque nós vivíamos falando disso. Ele estaria vivo para me ver virar um sucesso. Mas, quando falávamos a sós, às vezes ele dizia: “Talvez eu não esteja mais aqui, então preste atenção”. Achava que ele só dizia isso para me assustar,

para me forçar a andar na linha. Cus sempre dizia coisas para me deixar apreensivo.

Ele foi hospitalizado em Albany, mas Jimmy Jacobs o transferiu para Mount Sinai, no centro de Nova York. Fui visitá-lo com Steve Lott. Cus estava sentado na cama tomando sorvete. Conversamos por alguns minutos, e então ele pediu que Steve saísse do quarto para falar comigo a sós.

Foi neste momento que ele me disse que estava morrendo de pneumonia. Eu não conseguia acreditar no que estava me dizendo. Ele não parecia gravemente doente. Estava fortão. Tinha energia e entusiasmo. Estava tomando sorvete. Ele parecia tranquilo, mas comecei a surtar.

"Não quero continuar essa merda sem você", falei, sufocando as lágrimas. "Não vou."

"Bem, se você não lutar, vai perceber que as pessoas podem voltar do túmulo, porque vou vir te assombrar para o resto da sua vida." Aceitei, e então ele segurou minha mão.

"O mundo precisa te ver, Mike. Você vai ser o campeão do mundo, o maior que há", falou.

Então Cus começou a chorar. Foi a primeira vez que o vi chorar. Achei que estava chorando porque ele não iria me ver virar o campeão mundial dos pesos-pesados depois de tudo o que passamos juntos. Mas logo percebi que ele estava chorando por Camille. Esqueci completamente que tinha outra parceira que, para ele, era mais importante do que eu. Contou que se arrependia de não ter se casado com Camille por causa dos impostos, que não queria passar dívidas para ela.

"Mike, só me faça um favor", pediu. "Não esquece de tomar conta da Camille."

Saí do quarto em estado de choque. Eu estava morando no apartamento do Steve, e Jimmy morava no mesmo prédio. Mais tarde, nesse mesmo dia, Jimmy veio me encontrar para ir com ele ao banco depositar um cheque de 120 mil dólares devido às minhas últimas lutas. Meu nome estava nos jornais, eu era capa da *Sports Illustrated* e estranhos me paravam na rua para me desejar sorte. Eu estava por aí, arrogante, bonitão. Conhecia todas as garotas do

banco, e geralmente eu dava em cima delas e elas davam em cima de mim.

Mas, pouco antes de entrarmos no banco, Jimmy parou.

"Cus não passa desta noite, Mike. Disseram que ele só tem algumas horas de vida."

Comecei a chorar como se fosse o fim do mundo. E era. Meu mundo desabou. Todas as garotas do banco ficaram olhando para mim.

"Algum problema?", o gerente veio nos perguntar.

"Acabamos de saber que um amigo nosso, muito querido, está morrendo, e Mike está bem mal", respondeu Jimmy. Ele ficou calmo e impassível. Bem assim, *pum!*, sem nenhuma emoção, do jeito que Cus o treinou para ser. Enquanto isso, eu ainda estava chorando como um soldado perdido numa missão sem comandante. Acho que nunca mais voltei àquele banco, fiquei muito constrangido.

O enterro de Cus foi no norte do estado. Fui um dos carregadores do caixão. Todos do mundo do boxe vieram. Foi tão triste. Tudo que a minha mente desequilibrada conseguia pensar era que eu tinha de vencer por ele. Faria de tudo para ganhar aquele título para garantir o legado de Cus. Comecei a sentir pena de mim mesmo, pensando que, sem Cus, minha vida seria uma merda. Camille parecia tranquila, mas, quando voltamos para casa, choramos juntos.

Logo após o enterro, Jim Jacobs organizou uma cerimônia em memória de Cus em sua antiga academia, o Gramercy Gym, na cidade. Todos os luminares estavam lá. Norman Mailer disse que a influência de Cus no boxe fora tão grande quanto a de Hemingway sobre os jovens escritores americanos. Gay Talese disse que foi uma honra ter conhecido Cus.

"Ele me ensinou tantas coisas, não só boxe, que era uma arte e podia ser dominada, mas coisas da vida, que não são tão fáceis de dominar", disse Pete Hamill.

Jim Jacobs acertou em cheio em seu discurso. "Cus D'Amato era veementemente contrário à ignorância e à corrupção no boxe. Cus era impiedoso com os inimigos, mas compreensivo, compassivo e incrivelmente tolerante com os amigos."

Depois da morte de Cus, fechei-me emocionalmente. Fiquei realmente malvado. Estava tentando me provar, mostrar que era homem, não um moleque. Uma semana depois do enterro, fui para o Texas lutar com Eddie Richardson. Jimmy e Cayton não me deixaram nem lamentar. Levei uma foto de Cus. Eu ainda falava com ele, todas as noites.

"Vou lutar com um cara chamado Richardson amanhã, Cus", comentei. "O que acha que eu deveria fazer?"

Embora eu ainda estivesse na ativa, tinha perdido o ânimo, a fé em mim mesmo. Perdi toda a energia para fazer algo de bom. Acho que nunca superei realmente a morte dele. Também fiquei furioso quando morreu. Estava tão amargo. Se tivesse ido ao médico antes, poderia estar vivo para me proteger. Mas ele ficou com sua teimosia, não se tratou, morreu e me deixou sozinho para esses animais do mundo do boxe se aproveitarem. Depois que Cus morreu, não me importei com mais nada. Estava lutando basicamente pelo dinheiro. Não tinha um sonho. Seria bom ganhar o título, mas só queria tomar um vinho, me divertir, cair na farra e ficar chapado.

Mas antes arrebentei Richardson. Com o primeiro soco que dei, de direita, ele foi direto para a lona. Aguentou por mais um minuto, mas o acertei com um leaping de esquerda e, como ele era bem alto, foi parar no outro lado do ringue.

Conroy Nelson, que tinha perdido o título canadense para Trevor Berbick anos atrás, era o próximo. Ele ainda era o segundo melhor dos pesos-pesados no Canadá e era um cara forte, experiente, um daqueles com corpão de Adônis. Todos os promotores achavam que esse era o cara que finalmente iria me pôr à prova. No primeiro assalto, só trabalhei o corpo dele. Ele quase caiu duas ou três vezes com as pancadas no corpo. Então, quando o segundo assalto começou, *bum!, bum!, bum!*, no corpo dele e, depois, um overhead de direita quebrou seu nariz e um gancho de esquerda no queixo o mandou beijar a lona. Quando o árbitro parou a luta, desfilei no ringue, me deliciando com a ovação dos fãs da minha cidade, com os braços erguidos.

Minha luta seguinte foi no Felt Forum, no Madison Square Garden, no dia 6 de dezembro. Todos meus amigos de Browsville vieram. Mas eu estava muito centrado para parar e pensar sobre estar em Nova York e me divertir. Eu não via a hora de vencer essas lutas e ter uma chance de conquistar o título pelo Cus. Meu adversário aquela noite foi Sammy Scaff. Minha entrevista depois da luta durou mais que a própria luta. Scaff era um lutador desajeitado do Kentucky com 113 quilos, e eu o peguei com dois ganchos incríveis de esquerda na cabeça, que deixou uma máscara de sangue no seu rosto e seu nariz, desfigurado. Depois da luta, John Condon, o chefe do setor de boxe do Madison Square Garden, que estava fazendo as vezes de comentarista esportivo, me perguntou como era um dia típico na vida de Mike Tyson.

"Mike Tyson é só um lutador que se esforça muito e que leva uma vida pessoal bem entediante. Qualquer um que diga 'queria estar no seu lugar', e há centenas de pessoas que dizem isso, não sabe nem um décimo dela. Se estivessem no meu lugar, chorariam que nem criancinhas. Não aguentariam."

Voltamos para Latham para a luta seguinte. Era o evento principal, e a arena estava lotada de fãs meus. O adversário era Mark Young, um sujeito mal-encarado. Quando veio até o centro do ringue para as instruções, pude sentir sua energia. Deve-se olhar o adversário de cima durante as instruções, mas isso não quer dizer nada, é só fachada. Na verdade, sente-se a energia do espírito dele, da alma dele, e então se volta para o corner e fica, tipo, "Puta merda" ou "Esse cara é um merdinha". Aquela noite fiquei "Puta merda, esse cara veio para lutar". Kevin também sentiu isso.

"Acerta ele com jabs fortes e mova a cabeça", Kevin disse. "Não esquece de mover a cabeça, ele veio para lutar."

O gongo soou, e ele veio voando. Mas ele era maluco, e comecei a dar jabs fortes e movimentar a cabeça. Em pouco mais de um minuto, ele deu uma direita desgovernada, virei contra ele e lancei um uppercut esquivo e feroz com a direita e, *bum!*, ele subiu no ar e caiu de cara na lona. Ray Mancini era o comentarista esportivo da tevê, e elogiou a minha técnica, mas achava que já estava na hora

de meus empresários me apresentarem alguém em condições de me enfrentar.

Mas Jimmy continuou com seu plano. Duas semanas depois, eu estava em Albany lutando contra Dave Jaco. Ele tinha um cartel respeitável de 19-5, com 14 nocautes, incluindo um nocaute técnico contra Razor Ruddock. Era um cara branco, alto e magrelo. Não parecia lá grande coisa, mas era forte. Eu o derrubava, mas ele continuava levantando. Pararam depois do terceiro knockdown no primeiro assalto.

Naquela noite, comemorei a vitória com alguns amigos. No dia seguinte, lá pelas 8 da manhã, bati na porta de Camille. Ela abriu, eu entrei e sentei. Não disse nada.

"Como você foi?", perguntou Camille.

"Fui bem, mas eu estava procurando alguém que não estava lá", respondi, e lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. "Cus não estava lá. Todo mundo me diz que estou indo bem, estou indo bem, mas ninguém me diz quando vou mal. Para Cus, não importava quanto eu ia bem, sempre via alguma coisa de errado."

Na entrevista para a *Sports Illustrated* daquela semana, falei com mais detalhes sobre o que eu estava sentindo.

"Sinto muita falta de Cus. Ele era o meu chão. Agora que todo o nosso trabalho está começando a dar certo, mas quem se importa? Gosto do meu trabalho, mas não estou feliz sendo vitorioso. Luto com tudo, dou meu melhor, mas quando acaba não há nenhum Cus para me dizer como fui, nenhuma mãe para mostrar meus recortes de jornais."

Deixei os sentimentos de lado e me mantive ocupado. Em 24 de janeiro de 1986, lutei contra Mike Jameson. Era um irlandês grandalhão que tinha vencido Tex Cobb e Michael Dokes por decisão dos árbitros. Levei cinco assaltos para pará-lo, porque ele era um veterano esperto e sabia quando me segurar. Foi uma luta chata. O adversário seguinte usou ainda mais essa tática. Em 16 de fevereiro, enfrentei Jesse Ferguson em Troy, Nova York. A luta foi transmitida pela ABC, minha primeira aparição na tevê nacional. Ferguson tinha se tornado o campeão da ESPN quando derrotou Buster Douglas cinco meses atrás. Eu estava vendo Ferguson andar

pela arena depois de ganhar o campeonato e queria muito desafiá-lo pelo cinturão. Lutei nas preliminares.

Eu sabia que seria uma luta difícil. Durante as instruções, ele nem me olhou nos olhos. Tinha uma postura muito humilde e submissa. Mas, como não detectei nem um pingo de medo ou intimidação em sua energia, não acreditei nessa balela de humildade, no medo de me olhar nos olhos. Senti que ele não via a hora de me esmurrar.

Eu tinha a vantagem de lutar em casa – em mais de um sentido. Jimmy tinha preparado o terreno para minha primeira aparição nacional. Ele nos fez usar luvas de 227 gramas, mais leves do que o normal. A gente iria lutar num ringue menor do que o normal. E todos os oficiais estavam do nosso lado.

Comecei a luta com um ataque brutal no corpo, mas Ferguson foi esperto o suficiente para se segurar em mim. Isso continuou pelos quatro primeiros assaltos, mas no quinto consegui levá-lo para o canto e emendei um uppercut de direita, quebrando seu nariz. Ele conseguir sobreviver naquele assalto, mas, no sexto, estava em apuros de novo. Então, ele se segurou em mim na maior cara dura e ignorou completamente a ordem do árbitro de separar. Isso pegou tão mal, que o árbitro parou a luta. Ironicamente, uma desqualificação teria acabado com minha onda de nocautes. Mas, no dia seguinte, a comissão de boxe local mudou o resultado para nocaute técnico.

Quando falei com os repórteres depois da luta, comecei uma controvérsia. Quando me perguntaram sobre acabar com o Ferguson depois de tê-lo atingido com um uppercut, respondi: “Eu queria acertá-lo no nariz mais uma vez, para que o osso do nariz afundasse no seu cérebro… Eu sempre ouvia os diagnósticos dos médicos. Diziam que, quando o nariz afunda no cérebro, as chances de ele levantar logo de cara são impossíveis”.

Os repórteres riram, mas acho que só de nervoso. O que falei para eles era o que Cus me dizia, palavra por palavra. Acho que não falei nada de errado. Cus e eu sempre discutíamos a ciência de machucar os outros. Eu queria ser um campeão mal-encarado, malvado. Costumava ver esses personagens de quadrinhos na tevê,

os X-Men e um dos meus favoritos, Apocalypse. Apocalypse dizia: “Não sou malvado, apenas sou o que sou”. Cayton e Jacobs queriam que eu fosse amigável com todos, sociável, mas eu sabia que um homem amigável com todos era um inimigo para si mesmo.

No dia seguinte, a merda estourou por causa do meu comentário. Jornais de Nova York tinham grandes manchetes, como: “Este é o verdadeiro Tyson, um bandido?”. Um repórter chegou a ligar para uma de minhas antigas assistentes sociais, a senhora Coleman, e ela me aconselhou a ser um homem, não um animal. Mas não me importei. Tinha um trabalho a fazer. Eu não seria o Mike Tyson campeão dos pesos-pesados sendo um cara legal. Eu ia vencer em nome do Cus. Meus adversários tinham de saber que pagariam com a vida ou sua saúde se me desafiassem.

Jimmy e Cayton tentaram me calar depois daquilo. Contrataram Steve Lott para me dizer o que falar depois de uma luta. Jimmy até demitiu o cara das relações públicas porque ele tinha mandado aquela declaração para as agências de notícias. Logo depois daquela luta, Jimmy convidou alguns repórteres escolhidos a dedo para jantarem com a gente. Ed Schuyler, da Associação da Imprensa, estava lá, e ele achava que Cayton e Jimmy estavam desesperados para me garantir um título antes que eu arranjasse encrenca de verdade. Mas não era isso. Acho que só queriam botar a mão na grana o quanto antes. Não respeitavam minha missão.

Cayton e os outros queriam apagar a história de garoto criado no Brooklyn e me dar uma imagem positiva. Cus sabia que isso era baboseira. Eles estavam tentando me reprimir me forçando a aceitar os seus padrões. Eu queria que as pessoas vissem o animal dentro de mim.

Fomos comemorar depois da luta com Ferguson. Eu bebia muito naquela época. Não durante o treino, mas, assim que a luta terminava, era hora do porre. Era um alcoólatra inveterado. Mas eu bebia longe dos olhos da mídia do centro da cidade. Comemorávamos em Albany, no September, bar de um amigo meu. Era o nosso reduto. Às vezes apareciam uns caras de Manhattan, de Boston ou Los Angeles. Eles vinham a trabalho e davam uma de fodões, querendo pisar na gente, os coitadinhos do norte do estado;

então a gente quebrava a cara deles. Eu não queria lutar com ninguém e ser processado, mas havia gente brigando no meu lugar. Eu instigava, dizendo umas merdas, tipo: “Dá um chute nesse filho da puta. Quem ele tá pensando que é?”.

Minha luta seguinte foi com Steve Zouski em 10 de março, no Nassau Coliseum. Zouski nunca tinha sido derrubado em lutas anteriores, mas acertei vários uppercuts no terceiro assalto e o nocauteei. Mas não fiquei satisfeito com meu desempenho. Acontece que eu tinha caído da escada do meu pombal na casa da Camille e fiz um corte na orelha. Zouski bateu na minha orelha algumas vezes e ela estourou durante a luta, e isso começou a afetar meu equilíbrio. Na entrevista depois da luta, fiz menção a outros problemas.

“Não gostei do meu desempenho”, falei a Randy Gordon, que estava cobrindo a luta. “Estou tendo de lidar com vários problemas pessoais.”

Cayton depois disse para a imprensa que eram problemas de namoro, mas isso era um absurdo. Eu nem tinha namorada na época. Estava deprimido porque vários amigos de Brownsville estavam sendo mortos. Era brutal. Amigos matando uns aos outros por dinheiro.

Depois da luta, um oficial viu que eu tinha um grande inchaço na orelha. Então, no dia seguinte, Jimmy pediu para um especialista me examinar, que percebeu a infecção na minha cartilagem. Ele me internou imediatamente no Mount Sinai, no Upper East Side, pois estava com medo que eu perdesse a orelha se ela não fosse tratada. Deixaram-me internado durante dez dias para fazer tratamento duas vezes por dia numa câmara hiperbárica onde aplicavam antibióticos na cartilagem.

Os médicos do Mount Sinai me disseram que seria bom eu sair para tomar um pouco de ar fresco. Então, todos os dias depois do meu segundo tratamento, às 3 da tarde, Tom Patti e meu amigo de infância Duran vinham me buscar numa limusine ou então a gente descia a pé a Times Square e ficava por lá perambulando e tirando fotos com todas as prostitutas e com os caras que tiravam e vendiam fotos de turistas com cobras em volta do pescoço. Estávamos nos

divertindo muito, caindo na farra a noite inteira. Eu voltava para o hospital às 4 da manhã, e as enfermeiras surtavam. “Isso aqui não é um hotel, é um hospital.” Quando mostrava para os médicos as fotos com a prostituta e a cobra, eles também surtavam. “Não, não, não dissemos que era para você sair a noite inteira, e sim para descer e sentar no Central Park, olhar os pássaros e os esquilos e respirar um ar fresco.”

Isso foi quase dois meses antes da minha luta com James Tillis no norte de Nova York. Quando chegou a hora da luta, eu estava fora de forma por causa da minha doença e porque estava bebendo e farreando demais. A luta durou dez assaltos, e fiquei satisfeito por ter ganhado por decisão dos jurados. Derrubei-o uma vez, o que provavelmente contou a meu favor, mas foi o adversário mais difícil que enfrentei até aquele momento. Ele bateu tanto em meu corpo, que eu nem conseguia andar depois da luta. Tive de ficar no hotel. Não consegui nem dirigir de volta para casa. Naquela noite descobri o que é lutar. Muitas vezes durante a luta, eu quis tanto cair só para ter um alívio, mas continuei a agarrar e a me segurar nele, tentando recuperar o fôlego.

No dia seguinte, Jimmy Jacobs entrou no modo exagero. Ele disse para a imprensa: “A luta foi um apenas um degrau para ele. Agora vemos que ele consegue ir além”. Ele era mestre em manipular a imprensa, sem falar no público. Ele e Cayton planejaram uma campanha de publicidade que nunca se viu antes. Nenhum ator no mundo teve esse tipo de cobertura antes. Todo mundo faz isso hoje, mas naquela época eles foram pioneiros.

Menos de três semanas depois, lutei com Mitch Green no Garden. Ele era um louco do caralho. Tentou me afetar antes da luta dizendo ao *Daily News* que eu tinha 19, mas parecia ter 40. Quando Marv Albert perguntou se Green estava me incomodando, respondi: “Mitch Green é um bom lutador, mas não está num nível eloquente para me perturbar. Então, não me incomoda, não”.

Essa foi minha primeira luta sob meu novo contrato com a HBO que o Jimmy e o Cayton tinham negociado. Foi emocionante lutar pela primeira vez na grande arena do Madison Square Garden. Mas não dava para perceber pela entrevista antes da luta na HBO.

Quando me perguntaram se eu estava me divertindo com minha recente fama e riqueza, fechei a cara e insisti. “As pessoas não gostariam de estar no meu lugar. ‘Uau, consigo ganhar dinheiro’, dizem. Mas se tivessem de passar por certas coisas que tenho passado, elas chorariam. É muito deprimente. Todo mundo quer alguma coisa. Assim como você está dando duro na academia, existem pessoas que estão dando duro para te separar da sua grana”. Era eu dando uma de Cus. Era de se esperar que eu estivesse mais animado, afinal aquela seria minha primeira vez como principal atração do Garden.

Green era um lutador respeitado na época. Tinha ganhado quatro vezes o Golden Gloves e estava invicto até perder o título da United States Boxing Association para Trevor Berbick, em 1985. Mas eu sabia que iria derrotá-lo assim que entrei no ringue. Não senti nenhuma energia ameaçadora da parte dele. A luta demorou, mas foi tudo bem. Depois da luta com Tillis, eu queria ficar mais confortável com dez assaltos. Sabia que ele não conseguiria me machucar se eu trabalhasse a minha resistência. Ganhei todos os assaltos, e não foi uma luta chata. Uma hora, dei um soco que arrancou seu bocal e a ponte com alguns dentes presos. Ele tomou várias faltas. Eu estava tão relaxado, que, entre o oitavo e o nono assalto, quando Kevin estava literalmente grudado na minha cara matraqueando sem parar, me dizendo para bater mais, dei um beijinho em seu rosto.

Depois da luta, voltei a ser o arrogante de sempre.

“Sem querer me gabar, mas essa luta foi muito fácil. Me recuso a perder no ringue. Não admito que ninguém cruze meu caminho”, declarei à imprensa.

Reggie Gross era meu próximo adversário. Ele era um lutador durão, que chamavam de “o Espírito de Porco” porque tinha tirado do sério alguns lutadores bons, como Bert Cooper e Jimmy Clark, um grande atleta olímpico americano. A luta quase não aconteceu porque eu estava sofrendo com uma crise séria de bronquite aquela semana. Tive bronquite a vida inteira e já estava acostumado com ela, mas aquela crise me pegou. Então me levaram ao médico no dia da luta.

“Sinto muito, mas vão ter que adiar a luta, ele está bem doente”, disse o médico.

“Posso falar com o senhor um momento, por favor?”, pediu Jimmy. Então, quando vi a cara do Jimmy, fiquei sabendo que ia para o ringue lutar. No primeiro assalto, eu estava atacando Gross com uma rajada de socos, e ele se defendendo. De repente, ele decidiu trocar socos, o que foi bom para mim. Deu vários socos violentos, e eu me esquivei; aí, o derrubei com um gancho feroz de esquerda e o derrubei de novo com uma sucessão de socos. O árbitro parou a luta porque Gross estava com os olhos vidrados. Reggie reclamou, e o árbitro respondeu: “Você nem consegue andar e quer lutar?”.

Meus dois adversários seguintes pareciam de nível bem inferior. Provavelmente Jimmy e Cayton queriam que eu tivesse mais nocautes de um assalto depois das duas decisões por juízes. Foi o que aconteceu na luta com William Hosea, mas levei dois assaltos para nocautear Lorenzo Boyd. Minha direita supersônica na costela, seguida rapidamente de um uppercut estrondoso de esquerda, deixou a plateia de queixo caído. Duas semanas depois, chamei a atenção de todos ao demolir Marvis Frazier, filho de Joe, em 30 segundos. Eu o encurralei, acertei-o com um jab e acabei com ele com meu soco favorito: um uppercut de direita. Ele parecia bem machucado, então corri para ajudá-lo a se levantar. Gosto de Marvis, é uma pessoa maravilhosa.

Algumas semanas antes havia acabado de completar 20 anos, e o plano era eu me tornar o mais novo campeão dos pesos-pesados até o final de 1986. Enquanto Jimmy e Cayton estavam negociando para isso, me botaram para lutar contra Jose Ribalta em Atlantic City, no dia 17 de agosto.

Ribalta era um lutador decidido que, diferentemente de Green e Tillis, me deu um trabalho danado. E ele parecia disposto a não ser nocauteado. Derrubei-o no segundo e depois no oitavo assalto, mas ele levantou. No décimo, caiu uma terceira vez e, quando se levantou, eu o encurralei nas cordas e o árbitro parou a luta.

Além de ter ganhado o respeito da plateia e dos comentaristas por sua determinação, Ribalta também conseguiu estragar minha

noite. Depois da luta, eu tinha um encontro com uma bela estudante da Penn State University que conheci no centésimo aniversário da Estátua da Liberdade. Essa moça foi comigo até meu quarto e começou a me acariciar, mas eu me retraí com dor.

"Ei! Por favor, não faça isso, não. Não é nada pessoal, mas é bom você ir agora. Só estou precisando de um pouco de paz", falei. Ela foi muito compreensiva e voltou para a república onde morava; mas nós compensamos no encontro seguinte.

Ela esteve na luta e viu o martírio que aguentei. Eu nunca tinha passado por nada parecido. Sentia-me enjoado com todas as pancadas que Ribalta me deu, mesmo horas depois da luta. Ribalta e Tillis foram os únicos caras que fizeram eu me sentir daquele jeito. Nunca mais senti aquele tipo de dor de novo. Lembro de todos aqueles livros que tinha lido sobre grandes lutadores e de como tinham sentido que suas cabeças estavam quase decepadas depois de certas lutas, então concluí que aquilo fazia parte da minha trajetória.

As negociações da luta pelo título estavam esquentando, e Jimmy decidiu que eu devia lutar em Vegas para me acostumar com o lugar antes de lutar pelo título lá, no final do ano. Ficamos na casa do dr. Bruce Handelman, um amigo de Jimmy. Comecei a treinar na academia de Johnny Tocco, uma academia das antigas, maravilhosamente bagunçada e sem nenhum conforto, nem mesmo ar-condicionado. Tocco era um cara incrível, que fora amigo de Sonny Liston. Havia fotos de Johnny com todos os grandes lutadores de outrora nas paredes.

Um dia, eu estava no vestiário, pronto para uma sessão de treino, quando me bateu o desespero. Disse para Kevin que eu não gostava de Vegas e queria voltar para casa. Na verdade, eu estava ansioso com a luta. Se não vencesse Ratliff, eu não me classificaria para lutar com Trevor Berbick.

Kevin saiu e foi falar com Steve Lott. Então Steve pensou consigo mesmo: *OQCF?* ou *O que Cus faria?* Steve veio até o vestiário e tentou ser positivo. "Você é a estrela do *show*. Vai acabar com esse cara em dois assaltos. Vai ser fantástico. Se você não gosta daqui, não precisamos voltar nunca mais depois da luta, o que você acha?"

Steve sempre teve um jeito encantador de lidar com as situações. Claro, eu não ia a lugar nenhum, só estava desabafando. Mas ele não sabia o que Cus teria feito. Cus teria olhado para mim e dito: "O quê? Você está com medo desse cara? Ele é um merda. Luto com ele em seu lugar".

Então, no dia 6 de setembro, enfrentei Alfonzo Ratliff, ex-campeão mundial dos cruzadores. Não achava que ele fosse melhor do que Ribalta, mas certamente não era um merda; era um adversário difícil. Aparentemente, os apostadores de Vegas não pensavam como eu, porque não estavam apostando na luta em si, e sim se a luta duraria mais ou menos que cinco assaltos. Dá até para achar que fui eu que inventei esse tipo de apostas de boxe. É que antes de mim não existia. Elevei o nível da operação.

O gongo soou, e Ratliff veio voando. Ele fez Mitch Green parecer aqueles praticantes de marcha atlética. Pegou tão mal, que até os caras da HBO fizeram piada. "Será que ele vai usar a bicicleta de 10 ou 12 marchas no segundo assalto?", provocou Larry Merchant.

Ele tentou lutar para valer no assalto seguinte, mas não durou muito. Eu o derrubei com um gancho de esquerda e depois o ataquei com vários socos quando ele levantou.

"Sua bicicleta tem um pneu furado", brincou Merchant. Quando Jimmy entrou no ringue depois da luta, comentou a corrida de Ratliff. "Eu senti a brisa dele", respondi.

Tinha virado oficial. Eu ia lutar contra Trevor Berbick pelo título no dia 22 de novembro de 1986. Eu tinha mais de dois meses de folga entre as lutas, e Jimmy e Cayton decidiram me fazer rodar o circuito dos programas de entrevistas para promover a luta e minha carreira. Comecei a aparecer no *Nightlife*, de David Brenner. David era um ótimo sujeito, que me tratou com o maior respeito. Previu que eu seria o próximo campeão dos pesos-pesados, mas, por mais gentil que fosse, foi muito mais importante para mim quando seu outro convidado, o grande ex-campeão Jake LaMotta, fez a mesma previsão.

"Sem dúvida, o próximo campeão mundial dos pesos-pesados", disse Jake, me abraçando. "E, se ele não fizer a coisa certa, vou

espancá-lo. Continue firme, amigo; você vai ser como Joe Louis, Marciano, talvez até melhor."

Fiquei nas nuvens quando ouvi aquilo.

Então Brenner fez uma pergunta a Jake, e sua resposta foi bastante profética.

"Digamos que Mike vire campeão. Que conselho você daria a ele?"

"O melhor conselho que posso dar é que se mantenha ocupado e faça de conta que está preso por alguns anos", Jake disse. "Fique longe do lixo que existe por aí. Lixo é o que não falta por aí."

"Por que só lixo?", perguntei.

"Infelizmente, caras como eu e você, nós atraímos lixo", respondeu.

Fui ao *The Joan Rivers Show*. Adorei Joan e o marido, Edgar. Os dois me deixaram confortável. Senti que a energia dos dois era verdadeira. Foi um dos melhores momentos da minha vida. Durante a entrevista, Joan perguntou se eu tinha uma Adrian, como no filme *Rocky*.

"Nenhuma namorada", respondi.

"Quando você está treinando, deixa o sexo de lado?", perguntou.

"Não."

"Então, é que meu marido sempre me diz que está treinando", Joan caiu na gargalhada.

Também apareci no *The Dick Cavett Show*, e Dick fez uma pequena demonstração de *aikido* em mim. Pediu que eu o segurasse pelos pulsos.

"O fundador do *aikido* tem 87 anos e consegue se soltar das mãos do homem mais forte do mundo", disse, e fez um movimento e escapou de mim.

"Mas nenhum assaltante vai te segurar assim", retruquei.

Eu era muito sedutor nesses programas, como Jimmy e Bill queriam que eu fosse. Mas eu não queria isso. Queria ser o vilão. Queria me espelhar em Jim Brown, o jogador de futebol americano. Quando comecei a frequentar bares na cidade, conheci alguns antigos jogadores de futebol americano que jogaram com Jim Brown. Falavam dele como se fosse um ser mítico.

“Olha, se ele aparecesse por aqui e alguma coisa não estivesse legal – o cheiro do lugar, a música que estivesse tocando, o volume da conversa das pessoas –, se alguma coisa não estivesse legal na cabeça dele, ele começaria a destruir tudo.”

Ouvi isso e fiquei pensando: *Caralho, eu queria ser um porra louca desses e ter gente falando assim de mim. Se o Jim te destruiria porque não gostou do cheiro do lugar, tenho de chegar e matar um filho da puta aqui.*

Como o dia 22 de novembro estava chegando, comecei a treinar para valer. Treinei por um mês em Catskill, e então nos mudamos para Vegas. Logo no começo, Jimmy e Cayton me deram uma fita de vídeo da luta de Berbick contra Pinklon Thomas, a luta que ele ganhou e se tornou campeão. Assisti e passei minhas impressões para o Jimmy.

“Essa fita estava em câmera lenta?”, perguntei.

Parecia arrogante, mas é que eu realmente achava que minha hora tinha chegado. Na minha mente perturbada, todos os grandes lutadores de antigamente e os deuses da guerra desceriam para ver eu me juntar a eles. Dariam sua bênção, e eu me juntaria ao grupo. Ainda ouvia Cus na minha cabeça, mas não de uma forma mórbida, só encorajadora.

“Este é o momento para o qual nós te treinamos desde os 14 anos. Nós treinamos isso milhares de vezes. Você consegue lutar com esse cara de olhos fechados.”

Eu sabia que Berbick era um lutador decidido, forte e agressivo, porque ele foi o primeiro homem a lutar 15 assaltos com Larry Holmes na defesa de um título. Larry tinha nocauteado todos os outros. Eu só queria dizimar Berbick. Assim, todos me levariam a sério, porque naquela época todo mundo achava que eu estava lutando com frangotes, diziam que não era um lutador de verdade, só estava vencendo lutas fáceis, então, por isso, meu objetivo era dizimá-lo. Queria detonar Berbick em um assalto – queria machucá-lo de verdade.

Kevin e Matt Baranski estavam tão confiantes quanto eu. Estávamos pegando fogo. E eu em mais de um sentido. Faltava um dia para a luta, quando olhei a minha cueca e percebi uma secreção.

Estava com gonorreia. Não sabia se eu tinha pegado de uma prostituta ou de uma moça bem suja. Estávamos de novo na casa do dr. Handleman, que me deu uma injeção de antibiótico.

Mais tarde, naquele dia, Steve Lott e eu fomos alugar umas fitas de vídeo.

"Mike, o que acha que Cus diria desse cara, Berbick?", perguntou.

Essa era a forma que o Steve usava para me colocar no lugar do Cus, para que eu pensasse como ele. O que Steve não sabia era que eu não precisava pensar como Cus. Eu tinha Cus na minha cabeça.

"Ele diria que esse cara é um fracote", respondi. "Um bundão."

Fui muito babaca durante a pesagem. Fiquei olhando feio para Berbick sempre que conseguia vê-lo. Ele veio me cumprimentar, mas virei as costas para a mão estendida. Quando o vi olhando para mim, provoquei: "Que porra você tá olhando?". Então disse que ia nocauteá-lo em dois assaltos. Ele posava com o cinturão, e eu gritava: "Aproveita para segurar o cinturão. Você não vai ficar com ele por muito mais tempo. Ele vai para a cintura de um verdadeiro campeão". Fui muito desrespeitoso e grosseirão. Por algum motivo, eu não gostava de Berbick naquela época. E mais, eu queria aquele cinturão. Aquele monstro de olhos verdes se estabeleceu.

Eu também estava furioso porque o treinador de Berbick, Angelo Dundee, estava se gabando que Berbick iria me dar uma surra. Cus sempre teve muita inveja de Dundee, que tinha treinado Ali, porque ele tinha toda a atenção da mídia. Cus achava que ele não merecia.

"Berbick sabe como acabar com Tyson", disse para a imprensa. "Trevor está muito ansioso com o fato de que, finalmente, não vai precisar ir atrás, pois Tyson vai estar ali na frente dele. Trevor sabe golpear o corpo muito bem e tem 23 nocautes em seu cartel. Ele está confiante, e eu também. Acho que ele vai parar Tyson nos últimos assaltos".

Não consegui dormir na noite antes da luta. Eu ficava muito no telefone, falando com garotas de quem gostava, mas nunca tinha tido sexo. Tentei me distrair da luta, perguntando o que elas estavam fazendo, mas tudo o que queriam saber era da luta do dia

seguinte. Então, levantei e comecei a boxear com a sombra, no quarto.

No dia da luta, comi macarrão à 1 da tarde. Às 4, comi bife. Então, mais macarrão às 5. No vestiário, comi uma barra de Snickers e tomei suco de laranja.

Então Kevin enfaixou minhas mãos e colocou as luvas. Era hora de entrar no ringue. Estava gelado na arena, e por isso Kevin cortou uma toalha e enrolou no meu pescoço. Eu estava com o short preto que eu tinha começado a usar algumas lutas atrás. Tive de pagar uma multa de 5 mil dólares porque Berbick também usava preto, mas não me importei. Eu queria aquele visual sombrio.

Eu era o desafiante, então precisei entrar primeiro. Estava tocando uma música do Toto durante minha entrada, mas em minha mente só ouvia aquela canção do Phil Collins, "In the Air Tonight": "Consigo senti-lo vindo no ar hoje à noite, oh, Senhor / E eu estive esperando esse momento por toda a minha vida, oh, Senhor".

Atravessei as cordas e comecei a andar pelo ringue. Olhei para a plateia e vi Kirk Douglas, Eddie Murphy e Sylvester Stallone. Uns minutos depois, Berbick entrou com roupão e capuz pretos. Ele estava projetando arrogância e confiança, mas eu sabia que era só pose, ilusão. Sabia que aquele cara não ia morrer pelo cinturão.

Muhammad Ali foi apresentado ao público, e veio até mim.

"Acabe com ele por mim", Ali me disse.

Cinco anos atrás, Ali foi derrotado por Berbick e se aposentou depois da luta, então eu estava mais do que satisfeito em obedecer.

"Isso vai ser fácil", garanti a Muhammad.

Finalmente chegou a hora da luta. O gongo soou, e o árbitro Mills Lane nos colocou em ação. Fui atrás de Berbick e comecei a atacá-lo com tiros fortes. Eu não conseguia acreditar que ele não estava se movendo nem usando jabs; estava parado bem na minha frente. Lancei um soco de direita na sua orelha esquerda, tentando estourar o tímpano. Lá para a metade do assalto, fiz ele cambalear com uma direita forte. Comecei um enxame de ataques e, no final do primeiro assalto, Berbick parecia meio tonto. Ele tinha levado uns socos muito, muito bons.

Voltei para meu corner e sentei. Por causa dos antibióticos, eu estava pingando feito um picolé no verão. Mas não me importei: eu estava lá para acabar com Berbick. Além disso, me lembrava de um dos meus heróis, Kid Chocolate, que lutou com sífilis o tempo todo.

"Movimenta a cabeça, não esquece o jab", disse Kevin. "Você está mirando muito na cabeça. Ataca o corpo primeiro."

Dez segundos de segundo assalto foram suficientes para eu acertá-lo com uma direita; Berbick caiu, mas se levantou na hora e veio para cima de mim. Ele estava tentando revidar, mas seus socos eram inúteis. Faltando cerca de um minuto para o fim do assalto, dei um soco de direita no corpo em vez de um uppercut, e então apliquei um uppercut, mas errei. Dei uma de esquerda e acertei sua têmpora. Foi uma reação atrasada, mas ele caiu. Nem senti o soco, mas foi muito efetivo. Ele tentou levantar, mas então caiu de novo, e percebi que seu tornozelo estava todo dobrado.

Nem a pau ele vai conseguir levantar no tempo da contagem, pensei.

Eu estava certo. Ele tentou se levantar, cambaleou pelo ringue e caiu de novo. Conseguiu enfim se levantar, mas Mills Lane o abraçou e o dispensou. Foi isso. Eu era o campeão dos pesos-pesados mais jovem da história.

"Acabou, é isso, e nós temos uma nova era no boxe", disse Barry Watkins, o locutor da HBO.

"Mike Tyson fez o que Mike Tyson costuma fazer. E isso é lutar", acrescentou Sugar Ray Leonard.

"Com L maiúsculo", completou Watkins.

Eu estava muito entorpecido, não conseguia sentir nada. Estava consciente do que estava acontecendo ao redor de mim, mas eu estava dormente. Kevin me abraçou. José Torres veio falar comigo.

"Não consigo acreditar, cara. Sou campeão mundial com 20 anos de idade, porra", comentei. "Essa merda não é real. Campeão mundial com 20 anos. Sou uma criança, uma criança, caralho."

Jimmy entrou no ringue e me deu um beijo.

"Acha que Cus teria gostado disso?", perguntei. Jimmy sorriu.

Don King, cujo filho era o empresário de Berbick, veio me parabenizar. Olhei para a plateia e comecei a me sentir arrogante. É,

nós conseguimos, pensei. *Eu e Cus conseguimos*. Então comecei a falar com Cus.

"Nós conseguimos, provamos que todos esses caras estavam errados. Aposto que Berbick não acha que sou baixo demais, não é?" Então percebi que Cus provavelmente teria odiado a forma como lutei.

"Tudo o que você fez foi puro lixo", ouvia ele falando em minha cabeça. "Mas o final foi tão impressionante, que é tudo o que as pessoas vão lembrar."

Era hora das entrevistas pós-luta. Eu tinha de homenagear Cus. Eu era o melhor lutador no mundo na época, e eu era sua criação. Cus precisava estar ali. Ele teria vibrado ao me ver dar o troco em todos os que acharam que ele era um farsante. Ele teria dito: "Ninguém pode derrotar meu garoto. Ele tem só 20 anos, mas ninguém no mundo pode derrotá-lo".

"Esse é o momento que esperei minha vida inteira desde que comecei no boxe", falei quando a coletiva de imprensa começou. "Berbick era muito forte. Nunca me passou pela cabeça que fosse tão forte quanto eu… Cada soco que eu lançava era com más intenções. Meu recorde vai durar pela eternidade, ninguém nunca vai quebrá-lo. Quero viver para sempre… Eu me recusei a perder… Eu teria que ser carregado morto para perder. Vim para destruir e ser campeão mundial dos pesos-pesados, e consegui. Quero dedicar essa luta a meu grande mentor Cus D'Amato. Tenho certeza de que ele está lá em cima, olhando para cá e conversando com todos os grandes lutadores e dizendo que o garoto dele conseguiu. Achava que ele era um branquelo louco… era um gênio. Tudo o que ele disse que aconteceria aconteceu."

Alguém me perguntou quem seria meu próximo adversário.

"Não me importo com quem eu lute agora", respondi. "Se quero ser o melhor, então tenho que lutar com todo mundo. Quero lutar com todo mundo."

Até Dundee me elogiou depois da luta.

"Tyson faz combinações que eu nunca tinha visto antes. Fiquei impressionado. Trabalhei com Ali e Sugar Ray Leonard, mas estou vendo uma combinação de três socos de Tyson que não perde para

ninguém. Onde já se viu um cara lançar uma direita no rim, ir para o meio com um uppercut, e então dar um gancho de esquerda?"

Fiquei a noite inteira com o cinturão. Usei no saguão do hotel, usei na festa, usei quando fui beber mais tarde com Jay Bright, meu colega de quarto na casa de Cus; com o filho do Bobby Stewart; e com Matthew Hilton, um lutador. Fomos para um boteco em Las Vegas chamado The Landmark, atravessando a rua do Hilton. Ninguém estava lá, mas nós sentamos e bebemos a noite toda. Eu estava bebendo vodca pura, e fiquei bêbado de verdade. No final da noite, Matthew apagou, e eu fui para a casa de várias garotas diferentes, mostrando meu cinturão. Não fiz sexo com nenhuma delas, só ficava com elas por um tempo, e então eu saía e ligava para outra garota, para ir até a casa dela. Foi uma loucura. É preciso entender que eu só tinha 20 anos. E, quando se para para pensar, muitos dos meus amigos ainda tinham 15 ou 16 anos. Não era uma diferença tão grande de idade, mas agora, de repente, como eu era o campeão mundial, todo mundo esperava que eu fosse um cara completamente equilibrado por causa do título e o que ele representa. Mas eu era só um moleque se divertindo.

E eu estava perdido. Quando ganhei o cinturão, eu era uma alma completamente destruída porque não tinha nenhum rumo. Não tinha mais o Cus. Tinha de ganhar o cinturão por Cus. Nós íamos fazer isso ou morrer. Não havia como eu sair daquele ringue sem o cinturão. Todo o sacrifício, sofrimento, dedicação; todos os dias, de todas as formas, eu só queria aquilo. Quando finalmente voltei para meu quarto de hotel naquela manhã, me olhei no espelho vestindo o cinturão e percebi que eu tinha completado minha missão. Agora eu estava livre.

Mas, aí, lembrei uma coisa que Lênin escreveu num dos livros de Cus: "Liberdade é algo perigoso. Nós a controlamos bem de perto". Essa foi uma afirmação que eu deveria ter levado em conta nos anos que se seguiram.

5

“O MEU NOME É Mike Tyson. Sou lutador profissional. O boxe é um esporte solitário. As sessões de treino, a preparação física e principalmente as corridas me dão tempo de sobra para pensar. Uma das coisas em que mais penso é como as drogas são ruins e como elas prejudicam as pessoas. Bem, nós podemos nos livrar das drogas se cada um de nós, um por um, decidir dizer “não”. É uma pequena palavra, mas com um grande significado. DIGA NÃO ÀS DROGAS!”

Esse foi um anúncio de utilidade pública que fiz para a Agência de Repressão às Drogas dos Estados Unidos, para ser exibido logo antes da minha primeira luta de defesa do meu título em 1987. Também fiz desses anúncios para o estado de Nova York. Eu aparecia batendo num saco pesado, e então virava para a câmera e dizia: “É isso aí, fique longe do crack para que você possa vencer”.

A ironia de tudo isso é que, enquanto filmava esses anúncios, eu estava financiando o negócio de crack do meu amigo Albert, em Brownsville. Mais ou menos na época em que Cus morreu, comecei a dar para Albert 5 mil dólares aqui, 20 mil dólares ali, só para que ele não tivesse de trabalhar para outra pessoa. Eu não era seu sócio e nunca quis nenhum retorno sobre os investimentos, só estava preocupado com sua segurança. Albert e eu tínhamos crescido, assaltado e roubado juntos. Não queria que ele se preocupasse se um dos traficantes para quem trabalhava chegasse e dissesse: “Cadê o meu?”. O tráfico de drogas em Brownsville nos anos 1980 era como a escravidão em 1820. A vida de quem trabalhava para esses caras não valia nada. Não havia como parar quando se tinha o lance desses caras na mão. Assim, no momento em que apertava a mão do cara e aceitava o acordo, a pessoa se tornava propriedade dele.

Pensei em trazer Albert para trabalhar para mim, mas caras como ele eram muito antissociais. Não passa pela cabeça deles dar

um rolê a qualquer hora, e não carregar nenhum bagulho, ser capacho ou lamber o saco só porque sou campeão. Ninguém ia mandar nele. A única coisa que conhecíamos em Brownsville era violência, até mesmo com pessoas que amávamos. Albert era barra-pesada demais para fazer parte do meu séquito. Ele não ia ficar, tipo: "Sim, senhora, como vai? Posso ajudar?". Caras como ele ficam bravos à toa e não sabem controlar as próprias emoções. Então preferia dizer: "Aqui. Pega essa grana".

Mas meu plano não funcionou. Um jovem turco que estava na cola do Albert acabou atirando nele e em mais alguns amigos em 1989. Só tinham 20 anos naquela época, e junto com eles havia um de 16 anos que também queria viver o sonho. A Mercedes, as garotas e o *status* mataram todos. Na época houve várias mortes. Banquei muitos enterros.

FIZ DUAS COISAS ASSIM que voltei para Nova York depois de ganhar o título. Fui até Catskill e mostrei meu cinturão para todo mundo. Eu o usei para sair durante umas três semanas, às vezes até dormia com ele. Um dia, entrei na cozinha e pedi para Jay Bright sair de carro comigo. Havia mais uma pessoa para quem eu queria mostrar o cinturão. Jay foi dirigindo, então passamos numa loja de bebidas e dei um dinheiro para ele comprar uma garrafa grande de champanhe Dom Pérignon. Em seguida, fomos visitar o túmulo de Cus. Quando chegamos perto da lápide, estávamos ambos chorando. Nós dois fizemos uma pequena oração e então abrimos a garrafa, cada um tomou um grande gole e despejei o resto do champanhe no túmulo de Cus; deixei a garrafa vazia na grama, e fomos embora.

A segunda coisa que fiz foi ir até New Jersey e cuidar do túmulo da minha mãe. O namorado dela, Eddie, tinha morrido atropelado logo antes da minha luta com Berbick e foi enterrado ao seu lado. Fiz a exumação dos dois, e eles foram colocados em belas urnas de bronze, depois eu comprei para ela uma lápide enorme, de mais de dois metros, para que sempre que as pessoas viessem ao cemitério soubessem que ali estava a mãe do Mike Tyson.

Nessa altura, eu já tinha me mudado para meu próprio apartamento no prédio do Jimmy e do Steve Lott. Provavelmente, para que pudessem ficar de olho em mim, já que eu era a galinha dos ovos de ouro deles. Eu realmente queria sentir o prazer de ser campeão. Foi a primeira vez que tínhamos escolhido um objetivo e passado por todo o sangue, suor e lágrimas para cumpri-lo. Agora eu podia figurar ao lado de Jow Louis e Ali. Eu queria ter prazer nisso, mas sentia culpa e vazio. Cus não estava lá para curtir comigo ou me orientar. Pela primeira vez em anos, eu não tinha objetivo nem desejo de fazer nada. Talvez fosse diferente se eu tivesse uma companheira ou um filho. Todos os meus amigos já tinham filhos, mas estive muito ocupado lutando.

Eu também me sentia uma farsa. Jimmy e Bill estavam decididos a apagar Brownsville da minha vida e me dar uma boa imagem. Mas Brownsville fazia parte daquilo que eu era, minha personalidade e meu barômetro. Era a essência importante que Cus queria que eu mantivesse. Eles me fizeram participar de todos esses anúncios antidrogas e posar para pôsteres do Departamento de Polícia de Nova York, mas todo mundo sabia que eu era um criminoso. Vim de uma casa de detenção. Agora de repente eu era um cara legal? Não, era um filho da puta negro, falso, de alma branca.

Eu me sentia um macaco treinado. Tudo o que eu fazia era criticado, tudo tinha de ser premeditado. Ia a programas de entrevistas, e eles não queriam que eu usasse joias caras. Steve chegou a pedir que eu tirasse as pulseiras de ouro. Eu não queria viver com restrições assim. Não me tornei o campeão mundial dos pesos-pesados para ser um cara certinho e bonzinho.

Jimmy e Cayton queriam que eu fosse outro Joe Louis, e não um Ali ou um Sonny Liston. Queriam que eu fosse um herói, mas eu queria ser um vilão. Um vilão sempre é lembrado, mesmo quando não é melhor do que o herói. Embora o herói o mate, é ele quem faz do herói um herói. O vilão é imortal. Além disso, eu sabia que a imagem de herói do Joe Louis era fabricada. Na vida real, ele gostava de cheirar cocaína e transar com um monte de garotas.

Eu queria as pessoas se curvando a meus pés, me servindo, queria ter de afastar as mulheres de mim. Cus disse que eu estaria

fazendo isso, mas não era o que estava acontecendo. Deveria ser a minha vez no ringue agora. Mas eu ainda estava na arquibancada, não me deixavam entrar no ringue.

Quando me mudei para o meu apartamento, Steve me deu um aparelho de som incrível, que custou uns 12 mil dólares, e levou um pau do Jimmy por gastar tanto dinheiro comigo. Mais tarde, naquele ano, Jimmy e eu estávamos andando pelas lojas do Forum Shops at Caesars, quando eu vi um relógio.

"Usa seu cartão, me compra aquele relógio", falei.

"Nem fodendo", Steve disse.

"Por que não? Você sabe que te pago", retruquei.

"Nem fodendo, o Jim me mata", concluiu.

Foi então que os meus demônios me disseram: "Esses caras brancos não se importam comigo como Cus se importava".

Eu gostava de Jimmy, mas ele sempre estava tentando me manter na linha.

"Mike, você precisa fazer isso, senão essa empresa multimilionária vai nos processar". Então nós tínhamos de fazer uma luta ou um comercial. Eu ainda era um pirralho imaturo. No meio das gravações de um comercial, minha vontade era dizer: "Não quero fazer essa merda. Quero ir para Brownsville dar um rolê com meus amigos".

Voltava para Brownsville quase todas as noites em que eu não estava treinando. Era tratado como um rei lá. Literalmente. Quando meus amigos jamaicanos viam minha limusine chegar, sacavam suas armas.

"Estão atirando em homenagem a você, Mike, uma salva de tiros, negão!", dizia um deles.

E me davam uma salva de tiros. *Bum! Bum! Bum!*

Às vezes, eu estava andando na rua com uns amigos e via um cara que tinha me maltratado anos atrás. Meus amigos não sabiam que eu tinha treta com ele, mas eles percebiam só pela forma como o cara me olhava que não tinha nenhum amor entre a gente.

"Você conhece aquele filho da puta que tá te olhando? Quem é essa putinha?", perguntava um dos meus amigos.

Eu nem precisava responder.

“O que é que tá olhando, filho da puta?”, provocava meu amigo. E era para valer. Acabavam com o cara. Eu tinha de pedir para deixarem o cara em paz.

Assim que comecei a ganhar muito dinheiro com o boxe, fiquei conhecido como o “Robin Hood do gueto”. As pessoas que não me conheciam faziam um grande alarde sobre eu voltar para Brownsville e ficar distribuindo meu dinheiro. Mas não era assim. Pessoas que vinham de onde eu vim tinham a responsabilidade de cuidar dos amigos mesmo que se passassem 20 anos. Então, se eu saísse, ganhasse uma grana preta e voltasse, sentia o dever de dividir com os amigos que não estavam tão bem. Eu pegava grana no escritório do Cayton e distribuía notas de 100 dólares em maços de mil. Eu costumava levar cerca de 25 mil em dinheiro vivo comigo e saía distribuindo para meus amigos quando os encontrava. Dizia para comprarem um terno sob medida e então íamos para a balada naquela noite.

Eu nem tinha de conhecer as pessoas para quem dava dinheiro. Parava meu carro e distribuía notas de 100 dólares para vagabundos e moradores de rua. Eu juntava um bando de moleques de rua e os levava para o Lester’s Sporting Goods, onde comprava tênis novos para todos. Mais tarde, descobri que Harry Houdini fez a mesma coisa quando começou a fazer sucesso. Acho que é isso que gente pobre faz quando fica rica de uma hora para outra. Não sentem que merecem aquilo. Eu me sentia assim às vezes, porque esquecia quanto de trabalho duro havia em minha carreira.

Aquele era um bairro oprimido para caralho, infestado de drogas, gangues, sexo e sujeira. E eu pertencia àquele buraco, sabe? Só dar dinheiro para as pessoas não resolvia o problema delas, mas pelo menos elas ficavam mais felizes.

Sempre que estava distribuindo dinheiro, eu fazia questão de ir atrás de todas as senhoras que foram amigas da minha mãe. Eu ficava com um amigo no carro e dirigia para certo conjunto habitacional onde sabia que vivia uma velha senhora; meu amigo esperava no carro, e eu saía, batia na porta dela e lhe dava uma grana. Depois, fazia a mesma coisa de novo e de novo. Não me achava nobre fazendo isso. É algo que tinha a obrigação de fazer.

Talvez eu acreditasse que aquela era a forma de expiar meus pecados e comprar minha passagem para o céu. Acho que eu estava procurando redenção.

Eu ficava deprimido à beça, mas sempre tinha amigos em Brownsville que não me deixavam ficar assim. Sentava lá e reclamava de como a vida estava uma barra, e um cara, que prefiro não dizer quem é, olhava para mim.

"Ah, tá barra? Quem você matou ultimamente, Mike? Em que casa você entrou e amarrou todo mundo, hein, Mike?"

Sempre que eu tinha algo negativo para falar sobre mim, ele dizia: "Não tem nada de ruim em você, Mike. Você é um homem bom. Você não é daquele tipo que esquece de onde veio só porque ganhou um monte de dinheiro. Se você não fosse um homem bom, a gente já teria te botado num porta-malas, Mike".

Muitos amigos meus de Brownsville acabaram presos em Coxsackie, que não era muito longe de Catskill. Eu tinha estudado com a maior parte das pessoas que trabalhavam lá na prisão; então, quando ia visitar meus amigos na cadeia, eu não ia para a sala das visitas, ficava na cela deles, porque conhecia o diretor do presídio e todos os guardas. Eu dava os sapatos dos meus pés, as joias do pescoço, e os guardas faziam vista grossa. Uma vez, quando eu estava andando pela área das celas, vi Little Spike, do Bronx, que tinha sido preso comigo em Spofford. Já não era mais tão pequeno; virara um monstro.

"Ô, Mike. Como vai, cara? O que anda fazendo?", gritou.

Ele achou que eu tivesse sido pego de novo e que estavam me levando para uma cela.

Eu estava vivendo essa vida dupla maluca. Um dia, visitava amigos na prisão; no outro, saía com Rick James. Eu tinha visto Rick algumas vezes antes, mas a primeira vez que realmente nos falamos foi numa festa depois da estreia de um filme. Estávamos numa boate enorme, talvez umas mil pessoas estivessem lá, mas você logo se nota Rick James. Ele me chamou.

"Ei, Mike, vem tirar uma foto com a gente."

Ele estava posando com Eddie Murphy e Sylvester Stallone. Rick tinha acabado de levar uma grana preta do Hammer, que o plagiou

em “U Can’t Touch This”. E, assim, Rick estava de volta.

Voltei a encontrá-lo no saguão de um hotel na Sunset Boulevard. Eu estava relaxando, sentado do lado de fora com Ricky Schroder e Alfonso Ribeiro, de *Um maluco no pedaço*. Ricky tinha uns 17 anos, e Alfonso, talvez uns 16. Mas estávamos lá sentados bebendo, e eis que olho para frente e vejo um conversível Corniche Rolls-Royce parar e Rick sair de dentro dele. Ele estava usando uma camisa chamativa com uma gravata, mas a gravata estava solta, sem nó, e a camisa desabotoada. Veio até nós, me cumprimentou e então olhou para Alfonso, e aí, *pá!*, bateu forte no peito do rapaz.

“Me dá essa porra de cerveja”, disse, pegando a cerveja do Alfonso.

“Rick, ele é uma criança, você não pode bater nele assim”, reclamei.

Ele pegou a garrafa e bebeu.

“E aí, negão?”, me cumprimentou.

Rick estava pouco se fodendo. Eddie Murphy e seu irmão, Charles, têm uma história ótima sobre Rick James. Certa vez, Rick estava na casa de Eddie trabalhando em uma música com ele. Aí, eu cheguei lá, e Eddie veio falar comigo.

“Mike, esse neguinho fica colocando os pés nas minhas cadeiras”, disse Eddie. A casa do Eddie era impecável, tudo lá tinha de estar perfeito. E Rick estava colocando os pés fedorentos nas cadeiras, e eles pediram que parasse, mas Rick estava cagando e andando.

“Vai se foder. Eu faço o que quiser”, bradou.

Então o Charlie, irmão de Eddie, chegou no Rick.

“Seu filho da puta, ninguém tá de brincadeira aqui, não”, disse, começando a estrangular Rick para que parasse com aquilo.

Mas isso não deu muito certo com Rick, que se levantou e espanou a sujeira da roupa. E, quando o Charlie virou de costas para ele, Rick o chamou.

“Ei, Charlie.”

Charlie virou, e, *pá!*, Rick bateu nele tão forte que dava para ver a marca “RJ” do enorme anel de diamante do Rick na cara de Charlie.

No dia seguinte, fui de novo até a casa do Eddie, e ele e Charlie estavam discutindo por que Prince e seus caras tinham lhes dado um vareio no basquete. Prince estava de saltos altos e, mesmo assim, estava encestando todas.

Mas, se eu tivesse de confiar em alguém para me orientar no mundo das celebridades, esse alguém teria de ser Anthony Michael Hall, entre todos. Quando eu estava começando a ficar famoso, antes de ser o campeão, saía muito com ele. Hall era o cara. Foi o primeiro cara que conheci que tinha dinheiro de celebridade. E ele estava queimando tudo, com limusines em todo lugar. Era muito generoso. Então, quando bati o Caddy, saí e comprei uma limusine porque eu tinha visto como era incrível quando a gente andava na do Michael.

Usei aquela limusine para ir à a festa de *réveillon* do Eddie Murphy em 1987, em sua mansão em New Jersey. A festa estava cheia de celebridades, como AL B. Sure!, Bobby Brown, Run-D.M.C. e Heavy D. Eu, apesar de arrogante, ainda era um pouco tímido. Mas não tímido o suficiente para deixar de juntar três garotas na limusine e levá-las para meu apartamento em Manhattan.

Meus dias de abstinência haviam acabado. Eu era um radical em tudo que fazia, inclusive sexo. Quando comecei a comer mulheres, a porteira abriu. Baixa, alta, sofisticada, feia, da alta sociedade, garota de rua: meu critério era estar respirando. Mas eu ainda não tinha xaveco e, na maior parte das vezes, não sabia como me aproximar de mulheres.

Quando ia a Brownsville, visitava um amigo de infância que se tornara cafetão. A gente sentava numa limusine novinha em folha e ficava só jogando conversa fora, quando, de repente, ele parava e saía do carro.

“Vai atrás de um cliente, caralho”, gritava para uma garota na calçada. “Tá vendo aquele filho da puta lá na esquina? Que caralho ele tá fazendo com essas putas?”

E aí voltava para o carro.

“Essas putas precisam de direção, mano”, dizia. “Elas se distraem muito fácil. Preciso de um cão-guia para guiar essas putas.”

Certa vez, fui visitá-lo às 4 da matina.

“Que porra você tá fazendo aqui, Mike?”, perguntou.

Eu nunca disse que queria comer uma puta dele antes, mas ele não me deixou nem falar.

“Caralho, cai fora, Mike, tá bom? Você é Mike Tyson. Não vai ficar fodendo essas vagabas nojentas.”

Às vezes, eu ficava com meus velhos amigos de roubo. Até então, eles tinham suas Mercedes e pareciam estar tão bem quanto eu. Ficávamos rindo, nos divertindo numa boate, e uma mulher linda passava com um cara. Começava a conversar com ela, e meus manos ficavam ao redor, barrando o homem dela. Ah, eu não valia nada. Gorilas estúpidos, ignorantes e armados, meus amigos ficavam olhando para o cara, tipo: *O que você pensa que tá fazendo, negão?*. Enquanto isso, outro cara dizia para a garota: “É bom você ser legal com meu amigo, entendeu? Ou vou matar a porra do seu marido”. Os anos 1980 eram isso. Era assim que se fazia em Brownsville.

Nunca conversei com garotas em Brownsville. Elas tinham medo de mim porque eu era muito grosseiro quando mais novo e tinha uma atitude bem ruim. As garotas do meu bairro sempre conseguiam ver quem eu era. Eu era sem jeito com elas. Era mais fácil conhecer garotas no meu mundo de brancos. Eu as conhecia nos ensaios fotográficos ou elas vinham me entrevistar, ou eram as modelos com quem eu fotografava. Ser o campeão me fez um pouco mais confiante com mulheres, mas também as tornou bem mais atiradas. Então isso me fez sentir que não havia problemas em fazer certas coisas. Tipo, se elas estivessem me abraçando, eu achava que não havia problemas em apertar a bunda delas e beijá-las, porque aos 20 anos eu não pensava muito. Eu realmente acreditava que toda mulher que se aproximava queria fazer sexo comigo. Antes de ser “Mike Tyson”, ninguém queria nada comigo. Como eu não era particularmente hábil com mulheres, sempre que transava com uma, tentava vê-la de novo.

Eu ainda não tinha os instrumentos para decifrar as intenções femininas. Mulheres lindas davam em cima de mim, mas eu era ridículo. Em vez de dizer: “Ei, vamos para o meu carro” ou “Vamos passar um tempo no meu apartamento”, eu convidava a garota para ir ao cinema no dia seguinte. Então, ia para casa e me masturbava

pensando nela. Eu podia tê-la ali no quarto, bastava dizer: “Por que não vem aqui agora?”. Uma vez, fiquei conversando com uma garota durante horas e horas, até que ela finalmente disse: “Ei, sabe, vou entrar num carro e ir agora mesmo para o seu apartamento”. Na minha mente, ficava: *Graças a Deus. Ah, graças a Deus*. Passei um odorizador por todo canto, mesmo a minha casa estando limpa, e peguei camisinhas e uns filmes pornôs. Tudo estava pronto. Fiquei muito feliz.

Eu curtia com celebridades mais velhas no Columbus, que viam que as garotas gostavam de mim e diziam: “Por que não a traz para o meu hotel para jantarmos?”. Viam que eu não era muito esperto com garotas. Quando as garotas começaram a dar em cima de mim no Columbus, passei a levá-las para o andar de baixo, onde ficavam os banheiros. O lugar estava sempre lotado, e todo mundo via a gente transando. E, então, quando voltávamos, as costas da garota estavam sujas do chão do banheiro. Paulie dizia: “Ô, Mike. Elas estão ficando todas sujas”.

Depois que comecei, não conseguia mais parar. Fiquei muito comodista. Levava dez mulheres de uma vez para meu quarto de hotel em Las Vegas. Quando tinha de descer para uma coletiva de imprensa, levava uma e deixava as outras no quarto para quando eu terminasse. Às vezes, eu ficava pelado, colocava o cinturão e transava com uma garota. Sempre que tinha uma parceira disposta, eu queria fazer isso. A parte maluca é que eu queria satisfazer todas delas. Isso era impossível, aquelas mulheres eram loucas. Depois de um tempo, fiz uma agenda de todas as garotas em diferentes cidades. Tinha as de Las Vegas, de Los Angeles, as da Flórida, as de Detroit. Ah, cara, para que fazer aquilo?

Saí completamente da linha. Eu estava gastando rapidinho toda a minha energia, treinando muito e me divertindo outro tanto – bebendo, transando e brigando com a mulherada a noite inteira. Coisas imbecis que se faz quando se é uma criança com um pouco de grana.

Fui apresentado para algumas pessoas que estavam no topo do mundo da moda. Eu jantava com a nobreza da alta sociedade internacional, e estava saindo com uma modelo na época, mas meu

amigo Q ficou bravo com ela por causa de dinheiro. “Esquece ela, Mike. Vou te apresentar talvez a mulher mais bonita do mundo. É só uma adolescente agora, mas logo, logo vai ser a modelo mais bem paga. É melhor você dar em cima dela agora porque ela não vai falar com ninguém daqui a alguns anos.”

Q me convidou para uma festa em que essa garota estaria. Era um apartamento incrível, na Quinta Avenida. A gente estava de boa, até que Q traz a modelo para me conhecer. Ela era tudo que Q tinha dito e, além disso, tinha um sotaque inglês maravilhoso. Dava para perceber que ela tinha controle de tudo. Começamos a conversar, e ela sabia quem eu era, parecia intrigada comigo.

Trocamos telefones, e no dia seguinte procurei o pedaço de papel que ela tinha me dado. Encontrei. Ela tinha escrito “Naomi Campbell” junto com seu número.

Quando me dei conta, estávamos namorando. Não conseguíamos ficar longe um do outro. Ela era um tipo de pessoa muito ardente e física. Tínhamos muito em comum. Ela foi criada por mãe solteira, que trabalhou duro para conseguir guardar dinheiro e mandá-la para uma escola particular na Inglaterra. Naomi foi uma dama privilegiada a vida inteira.

A gente brigava muito. Eu sempre estava com outras garotas, e ela não gostava disso. Não acho que nós dois éramos feitos um para o outro, mas gostávamos muito de estar um com o outro. Ela era muito focada na própria carreira. Era uma pessoa incrível e enérgica. E brigava por mim. Se eu me metia em confusão, lá estava ela para me apoiar, não tinha medo de briga. Ela também não deixava ninguém falar mal de mim. Era só uma garotinha tentando achar o seu lugar; na verdade, nós dois éramos, e o mundo estava nos devorando. Nós ainda não sabíamos nada da vida, ou pelo menos eu não. Mas, dentro de alguns anos, ela estaria no topo do mundo, e ninguém seria páreo para ela. Poderia ter qualquer homem no planeta. Sua presença era forte demais. O mundo todo se rendeu a ela.

Mas eu não estava pronto para me envolver só com uma mulher. Então, além das mulheres com quem eu fazia sexo casual, comecei a sair com Suzette Charles. Suzette ficou em segundo lugar no

concurso Miss América, que acabou assumindo o título quando Vanessa Williams teve de desistir depois que umas fotos dela nua foram publicadas na revista *Penthouse*. Suzette era uma mulher gentil, madura e um pouco mais velha que eu.

Mas o que eu queria fazendo malabarismos para ter todas essas mulheres? Não consigo me imaginar fazendo isso hoje. Ir para a casa de alguém, e quando ficar de saco cheio, ir para a casa de outra e passar um tempo lá. E, no final da noite, depois de visitar duas ou três mulheres, voltar para casa e ligar pedindo para alguém passar a noite comigo. Isso é um estilo de vida maluco, mas todos ao meu redor, na época, diziam que era normal, porque eu estava cercado de celebridades que faziam a mesma coisa.

O fato é que, em pouco tempo, eu tinha ido da seca à fartura de mulheres. E então adicionei mais uma ao banquete: conheci Robin Givens. Eu estava na Inglaterra, na cama com uma garota britânica, e estávamos com a tevê ligada ao fundo. Estava passando *Soul Train*, e, quando me virei para olhar a tela, vi uma garota negra linda no programa.

"Quem é essa garota?", perguntei para a gatinha em minha cama.

Ela não sabia. Comecei a prestar atenção, e disseram que os convidados eram o elenco de *Head of the Class*. Liguei para meu amigo John Horne em Los Angeles, que telefonou para o agente da Robin. Combinamos de jantar em Los Angeles assim que eu voltasse para os Estados Unidos. Fui com Rory Holloway, um velho amigo de Catskill. Nós nos encontramos no Le Dome, um bom restaurante na Sunset Boulevard. Eu sempre estava atrasado, e achava que todo mundo deveria esperar por mim, mas devia ter notado que algo aconteceria assim que entrei no restaurante e Robin estava sentada com a irmã, a mãe e o assessor de imprensa.

Eu também não sabia que Robin e a mãe dela, Ruth, estavam atrás de uma grande celebridade negra para Robin desde que ela se formara na faculdade. Senti uma forte energia sexual nela, um tipo de química. Ela conta que, naquela noite quando nós dois estávamos sozinhos, eu caí no sono no colo dela e babei nela. Acho que é assim que se conquista uma mulher: baba-se nela.

Depois de ter visto o modo de operação de Robin e sua mãe, percebi que Ruth era adepta do alpinismo social, investindo na filha para que ela pudesse ser, ou se casasse com, uma pessoa importante. De certa forma, elas foram se infiltrando no programa do Cosby e conseguiram abrir caminho para ficar na casa dele em Los Angeles.

Eu definitivamente não queria colocar nenhum dinheiro no bolso dela, mas ler a versão que Robin conta de nosso tempo juntos é como ler a pior história de romance/terror imaginável. Na descrição que fez dos primeiros dias que passamos juntos em Los Angeles, ela fala da época em que a mãe e a irmã foram para o Japão e nós dois ficamos sozinhos.

"Não sei o que você está tentando fazer ou qual é a desse garoto, mas não sei quem você quer ferir", disse-lhe a mãe. "Às vezes, acredito que seja a mim, porque você acha que exijo demais, e outras vezes acho que a você mesma, por causa da sua promessa, por não conseguir atender a minhas expectativas. Mas sei de uma coisa, se você brincar com fogo, vai se queimar, e grave minhas palavras, algumas coisas são perigosas demais para se brincar."

Isso parece um filme ruim da sessão da tarde. O que a mãe dela provavelmente disse foi: "Vamos meter nossas garras nesse cara. É para isso que te treinei todos esses anos. Não funcionou com Eddie Murphy nem com Michael Jordan, então vamos tentar com esse negão".

"Mãe, do que você tá falando?"

"Trabalhei muito duro para ver você jogar tudo fora…"

"Mãe, a gente só estava se divertindo. Você não acha que mereço me divertir um pouco?"

Ruth, a "Rude", agia como se eu fosse um sanguessuga tentando passar a mão no dinheiro que vinha do *Head of the Class*, o que não dava para pagar nem um mês do meu aluguel. Eles não tinham nada até eu entrar na jogada. Eram duas cambalacheiras quebradas. Eram só fachada.

Em seu livro, Robin insinua que nós não dormimos juntos, mas eu comi ela na primeira ou na segunda noite em que ela veio ao meu hotel. Ela diz que nós passeamos no shopping e brincamos com filhotes no *petshop* durante horas. Dá para me imaginar numa porra

de um shopping, eu, o campeão mundial dos pesos-pesados? Que caralho eu estaria fazendo num shopping?

A verdade é que eu não estava acariciando filhotes com ela, eu estava apresentando Robin a traficantes de heroína. Uma noite, a gente estava andando em Manhattan, na Sexta Avenida e 41st Street e, quando passamos pelo Bryant Park, vi um traficante que conhecia de Brownsville. Fui até lá e lhe cumprimentei, e Robin ficou chocada por eu conhecer o cara. Tenho certeza de que ela estava morrendo de vergonha de estar perto de alguém assim; ela era muito artificial. Na época, ela simplesmente não ficava à vontade perto de gente normal. É que, para mim, o traficante de heroína do meu bairro era uma pessoa normal.

Fazia três meses que eu estava inativo, o tempo mais longo na minha carreira até aquele ponto. Quer dizer, inativo no ringue. Agora era hora de conquistar outro cinturão. James "Quebra-Ossos" Smith era o campeão da Associação Mundial de Boxe, e eu o desafiei para uma luta em Las Vegas no dia 7 de março.

Não entrei na luta nos meus 100%. Eu estava com um pouco de dor, por causa de um nervo comprimido no pescoço que me incomodava fazia anos. Mas entrei no ringue como se fosse o dono do pedaço. Achava que o ringue era minha casa, que era onde eu morava, e ficava completamente à vontade dentro dele. Mas eu ainda não era um lutador maduro.

Meu ego estava fora de controle. Eu me sentia o próprio John McEnroe. *Foda-se, quem se importa?* Eu tinha muito respeito por ele. Era um monstro, e era assim que eu me sentia. Achava que tinha direito a tudo no mundo do boxe, e, se algo me fosse negado, iam ter de se ver comigo.

Entrei no ringue primeiro. Quando Quebra-Ossos entrou e nós nos encaramos, não senti nenhuma ameaça. Sabia que se fosse bem esquivo, ele não conseguiria me acertar. Era um lutador bom e forte. Nocauteou vários caras, mas seria difícil para ele me acertar.

A luta começou, e, no segundo assalto, a estratégia de Quebra-Ossos era óbvia. Ele ia me segurar ou se afastar de mim. A plateia começou a vaiar logo no segundo assalto, e, no final dele, o árbitro Mills Lane tirou um ponto de Quebra-Ossos por segurar. Eu estava

feliz que ele estava me segurando, porque eu estava com uma dor tremenda por causa do nervo comprimido, e aquela poderia ter sido uma noite feia para mim. Não conseguia ficar confortável, me contraí de dor a luta inteira. Meu equilíbrio foi para os quiabos. Mas Quebra-Ossos propociou uma noite tranquila. A única vez que tentou atacar foi dez segundos antes de acabar a luta. Venci todos os assaltos.

Fui criticado depois da luta com Quebra-Ossos, mas o que eu poderia ter feito? Ele simplesmente não queria lutar. Quando eu estava no programa da BBC pouco depois da luta, tive de me defender.

"Estamos todos decepcionados com essa luta, e acho que você também", o apresentador disse.

"Eu estava lutando com um homem muito forte, mas ele não veio para lutar. Ele se segurou tão forte em mim, que era quase impossível me separar. Não dava para acreditar. Ele estava lutando pelo título mundial dos pesos-pesados; era a hora de dar o melhor de si, de sair para a luta", falei.

"Admiramos sua dignidade dentro e fora do ringue, mas, uma ou duas vezes na luta contra o Quebra-Ossos, você deixou isso de lado um pouquinho entre os assaltos", ele disse. Ele estava se referindo a alguns desentendimentos nos intervalos.

"Não, não, pelo contrário. Eu estava tentando trazê-lo para a luta. Teria feito de tudo. Teria sapateado no meio do ringue. Falava: 'Vamos, lute'. As pessoas estavam pagando mil dólares por um lugar perto do ringue. Você tem de entreter o público, dar a eles um *show* que valha o ingresso."

Depois da luta, recebi 750 mil dólares adiantados da Nintendo para usar minha imagem num jogo de boxe chamado *Mike Tyson's Punch-Out!!* Como nunca fui de jogar *videogames*, não fiquei muito animado com isso. Eu só queria lutar, todo o resto era estranho para mim.

Comecei a ficar alienado de tudo com todas essas merdas de celebridades. E, sem Cus, eu não tinha mais ninguém com quem conversar. Alex Wallau me entrevistou para um programa da ABC, *Wide World of Sports*, e comentei: "Eu costumava deixar sentimentos

estranhos guardados dentro mim, e Cus e eu falávamos sobre eles. Agora, quando aparecem, só ficam guardados dentro de mim". E isso era um sinal claro de estar próximo de perder o controle.

Fui reservado quando me perguntou da situação com as garotas, mas ele não desistia.

"Vai me dizer que não tem um monte de garotas atrás do campeão mundial dos pesos-pesados?"

"Elas não me querem, querem a minha grana. Me olho no espelho todos os dias e sei que não sou nenhum Clark Gable. Eu queria encontrar uma garota que me conhecesse quando eu era pobre e me achasse um cara legal. Cus nunca me disse que seria assim; ele me disse que eu ganharia muito dinheiro, teria muitas mulheres e seria feliz. Mas nunca me disse que a vida seria assim."

Eu era um desajustado de Brownsville que, de uma hora para outra, estava recebendo toda aquela adoração. Era uma coisa maluca. E, logo, logo, iria ficar mais maluca ainda. É que eu estava me apaixonando por Robin. Lembro o momento exato também.

Estávamos andando pela Wilshire Boulevard, em Westwood. Robin estava me provocando por alguma coisa, ela me bateu e saiu correndo. Corri atrás e, quando eu estava a ponto de alcançá-la, ela desviou o corpo para o lado, e eu continuei em frente e caí; fui literalmente escorregando pela rua como se estivesse entrando na base de um rebatedor. Havia carros vindo, mas eu estava indo tão rápido que parecia que tinha sido atirado de um estilingue. Assim que consegui parar, dei um jeito de me recompor na minha melhor pose de dançarino de *break*. Eu estava com uma roupa bem cara, que ficou detonada com a queda. Fiquei muito envergonhado, mas mantive a pose. Fiquei lá falando com ela por alguns segundos, como se nada tivesse acontecido. Robin não parava de rir. Achava a coisa mais engraçada que já tinha visto. Foi ali que me apaixonei por ela. Mais tarde, percebi que aquele incidente foi uma metáfora de todo o nosso relacionamento. Ela me provocava, fazia um movimento esquivo, e eu caía na jogada dela. Era xadrez, e eu era o peão dela.

Mas como eu poderia esperar ser sofisticado nas questões do coração? Robin foi meu primeiro relacionamento sério, a não ser

por Naomi, que, aliás, ficou puta da vida quando descobriu meu caso com Robin. Antes disso, eram só uns malabarismos com várias garotas que eu estava comendo e contando um monte de mentiras. É por isso que não minto mais – fui muito bom nisso. Provavelmente também por isso eu me esforçava tanto para me degradar. Era estranho eu ser o campeão e ter gente falando bem de mim. Isso fazia eu me sentir desconfortável por causa da minha baixa autoestima. Chegava a ser insuportável, e eu tinha de me repreender e parar. Todo mundo dizia coisas tão boas sobre mim, e isso ferrava com a minha cabeça. Precisava equilibrar as coisas. Eu não era um santo. Atirei em pessoas. Cus me programou para botar caras em coma em troca de uma boa macarronada. E todas as vezes que lutava e ganhava, era recompensado.

Então, talvez Robin fosse exatamente o que o médico prescreveria: uma bruxa manipuladora que me colocaria de joelhos. Perto dela, eu mais parecia um filhote de merda adestrado. "Tudo bem, por favor, por favor, pode roubar meu dinheiro, mas não tire a boceta de mim, por favor, por favor." Não me entendam mal. Eu não pensava só em sexo. Acho que eu tinha mais prazer na intimidade. Nem acho que era muito bom sexualmente naquele tempo. Uma vez, ouvi ela dizer que eu era bom na cama, mas eu não concordava. Eu era só um jovem apaixonado. Nunca tinha sentido isso antes.

Voltei para o ringue em maio. Dessa vez o adversário era Pinklon Thomas, um grande lutador. Demos uma coletiva de imprensa antes da luta. Eu estava no palco e vi Robin chegar com alguns atores do *sitcom* dela, e isso me deixou em êxtase. Eu estava me achando, posando para fotos, feliz da vida. Aquele momento foi algo totalmente diferente para mim, porque eu nunca estava feliz nessas coletivas de imprensa, eu sempre ficava olhando feio para todo mundo. A imprensa ficou confusa.

"O que aconteceu com Tyson?", indagou um repórter. Então viraram a cabeça e viram Robin, e logo entenderam.

"Não é à toa que ele está tão feliz", alguém disse.

Assim que disseram isso, o bicho pegou. Pinklon veio apertar minha mão, e entrei no modo Iron Mike. "Chupa meu pau", falei

para ele.

“Ah, então vai ser assim? Vai para o inferno”, respondeu.

“Seu nego burro ignorante. Não sabe que sou um deus? Você deveria estar de joelhos chupando meu pau por eu te dar a oportunidade de lutar comigo”, retruquei. Hoje sinto tanta vergonha de ter dito esse tipo de coisa.

Esperava que Robin não tivesse escutado aquilo. Puta merda, no instante em que ela entrou naquela sala, fiquei perdido. Ali estava eu, saltando do palco, indo até ela e seus colegas de elenco, fazendo o meu papel de negro tranquilo e inofensivo.

“Oi, gente. Tudo bem com vocês?”

Era desse tipo de falsidade que Cus falava. Eu tinha de ficar indo e voltando entre as besteiras megalomaníacas e besteiras inofensivas, e isso estava confundindo até mesmo minha cabeça. É duro tentar ser duas pessoas ao mesmo tempo.

“Eu vou te matar, seu negão filho da puta.”

“E então? Tudo bem com você, amor?”

Eu estava defendendo meus dois cinturões aquela noite; sentia-me animado, mas não superconfiante. Pinklon era um ex-campeão que só perdera uma única vez, para Trevor Berbick, e foi por pura sorte. Comecei muito bem e quase o nocauteei no primeiro assalto. Mas, no segundo, terceiro, quarto e quinto, ele passou a revidar. Deve ter vencido alguns desses assaltos. Ele tinha um jab forte, magistral, mas só estava dando socos leves e ganhando pontos.

Entre o quinto e o sexto assaltos, Kevin veio para cima de mim no canto.

“A gente vai para luta ou vai ficar de brincadeira, hein? Ou luta ou dança, cara.”

Antes do sexto assalto, eu disse a Kevin que o Thomas estava ficando cansado.

No sexto, abri com um gancho de esquerda devastador, que explodiu no queixo dele, mas ele era um lutador muito disciplinado e controlado, e agiu como se nem tivesse sido afetado. Mas eu tinha assistido a todos os grandes lutadores, Robinson, Marciano, e sabia que, se acertasse no lugar certo, ia machucar o oponente, não importa quão impassível seja a expressão do adversário. Assim, parti

para cima dele com tudo o que tinha, talvez um bombardeio de 15 socos, e o resultado foi um nocaute ressonante. Ele foi nocauteado para valer mas, quando caiu no chão, foi tão valente que tentou levantar. Mas eu via a dor no rosto dele e sabia que não conseguiria. Esse talvez tenha sido o nocaute mais agressivo da minha carreira. Era como bater no saco de pancadas, eu não estava preocupado com nada que vinha na minha direção. Mas prestei atenção na personalidade do cara. Toda aquela dor no rosto, e ainda estava tentando levantar. *Caralho. Quer mais?*

Apesar de ter ganhado a luta com um nocaute habilidoso, não fiquei satisfeito com meu desempenho no geral, e comecei a questionar as lutas que Jimmy e Cayton estavam escolhendo para mim. Cus queria trabalhar algumas coisas comigo antes de morrer. Mas esses caras não se importavam, me colocavam com qualquer um. Cus talvez achasse que a luta com Pinklon era muito prematura e teria me colocado para lutar com outra pessoa. Não me saí bem naquela luta, mesmo com um nocaute ressoante. Cus teria ficado bravo comigo. Mas eu não tinha mais isso. Não tinha de me preocupar com alguém comendo meu rabo no vestiário se não gostasse do que eu estava fazendo. Não tinha de ouvir ninguém. É fácil relaxar quando a gente não precisa se incomodar com nada.

Depois da luta com Thomas, tive mais tempo para Robin. Fazíamos sexo, mas não era apaixonado. Ela não é do tipo que chupa seus dedões e essas merdas. Era pragmática. Mas achava Robin uma garota adorável. Eu sempre saía com outras garotas e ela acabava me descobrindo. Eu não era muito esperto. Ela encontrava marcas de batom na braguilha do meu moletom.

E aí o bicho pegava.

“Vai se foder. Como pôde fazer uma coisa dessas? Ahhh”, gritava e me acusava, lançando socos e tentando me chutar no saco. Ela era implacável. Eu ficava frustrado e sentava um tapa nela, achando que isso ia acabar com a briga, mas não acabava. Ela revidava ainda mais. Ela não era uma garota como as de Brownsville, mas não a subestimem. Ela tinha participado de algumas brigas. Esses momentos me lembravam o relacionamento conflituoso que a minha mãe tinha com homens.

A verdade é que eu estava cansado das brigas. Das brigas com Robin e das lutas no ringue. O estresse de ser o campeão mundial e de precisar provar meu valor o tempo todo acabou me afetando. Eu estava no boxe desde os meus 13 anos. Fosse em uma luta ou numa sessão de treino, sempre brigava com caras muito mais experientes do que eu. Quando se vê um campeão treinando com um sparring ou até mesmo lutando com alguém, geralmente luta com um cara inferior a ele e com quem consegue lidar com facilidade. Mas meus sparrings constantemente tentavam me machucar. Essa era a instrução deles. Se não fizessem isso, seriam mandados para casa. Eu já entrava assustado nos treinos. Não saía para zoar, farrear, porque sabia que teria de lutar com um cara que, na última vez, me deixou com uma puta dor de cabeça. Não ia ficar no bar da esquina ou visitar uma garota. Ia para casa e entrava na banheira para me concentrar em como lutar com aquele cara no dia seguinte. Essa era a minha vida, e eu estava cansado dela.

Sempre fui um tanto deprimido, mas esse estresse só estava piorando as coisas. Estava de mau humor o tempo todo. Tinha de voltar para o ringue no dia 1° de agosto, por isso precisava começar a treinar quase sem nenhuma folga. Fui para Las Vegas e fiquei com saudades de casa. Senti falta de sair e me divertir em Albany, com Rory e outros amigos. A situação chegou a um ponto crítico pouco menos de um mês antes da luta com Tony Tucker. Aquela seria a maior luta da minha carreira, a luta para unificar os três títulos.

Um dia, na academia, chamei Steve Lott de lado.

“Vou me aposentar”, falei.

A pressão estava me afetando. Tufos e mais tufos do meu cabelo estavam caindo por causa do nervosismo. Eu estava pouco me lixando para conseguir o terceiro cinturão. Robin não era exatamente um pilar de estabilidade para mim: estávamos sempre brigando, terminando e voltando. Eu ficava estressado só de andar na rua. Uns caras me paravam e diziam que tinham apostado a vida em mim e que eu tinha de ganhar, senão eles perderiam a casa e a mulher os deixaria. Eu não queria decepcionar aquelas pessoas.

Acho que nunca pensei que era bom o suficiente para aquilo. Era inseguro demais para ser um campeão. Entre uma luta e outra,

confesso que frequentava uns inferninhos, no meio de Bumfuck, Florida, para me vangloriar, e uns filhos da puta apareciam com armas em punho. E eu ficava falando merda e caçando brigas. E usava aquele monte de diamantes. Eles deveriam ter me espancado e me roubado. Poderiam ter me matado. Louvado seja Alá que essas pessoas nunca me mataram. Poderiam me colocar em qualquer cidade de qualquer país, que eu sempre ia parar no buraco mais escuro. Às vezes, ia sozinho, sem nenhum segurança. Mas nunca fui baleado, e nunca fui esnobe. Sempre me senti mais seguro no gueto. As pessoas sempre me perguntavam: "Mike, você não tem medo de ir lá?". E eu respondia: "Caralho, tenho medo de andar na Strip de Las Vegas". Eu me sentia em casa lá. Via uma senhora acompanhada pelos filhos tarde da noite, num frio de rachar, e isso me lembrava minha mãe e eu.

Então, cerca de um mês antes da luta contra Tucker, sumi do treinamento e fui para Albany me divertir. Me diverti por duas semanas seguidas. Disse a meus amigos em uma balada que ia me aposentar. Mas Jimmy me telefonou e começou a me ameaçar. Todo mundo nos processaria se eu não lutasse. Eu deveria ter me aposentado naquela mesma hora, mas não tinha controle sobre minha própria vida. O que é que esses caras sabiam da minha vida? Jimmy achava que Robin pudesse fazer bem para mim, que ela me estabilizaria. Robin era melhor na arte de enganar do que Jim.

Voltei a treinar cerca de duas semanas antes da luta, mas as duas semanas em Albany prejudicaram a minha boa forma. No primeiro assalto, Tucker me acertou com um uppercut que me fez recuar. Todo mundo fez um alarde danado, mas não senti nada. Eu só havia cometido um erro. No quarto assalto, tomei o controle da luta e ganhei quase todos os assaltos seguintes. A luta foi longe. Enquanto esperávamos pela decisão, Tucker veio até Rooney e eu.

"Você é um lutador do caralho. Não se preocupe, vou te dar uma outra chance de lutar comigo", provocou.

"Você acha que ganhou?", perguntou Rooney. "Cai fora daqui."

Então Tony começou a orar para Jesus, mas não adiantou. Venci por decisão unânime. Porém eu não me senti feliz com isso. Naquela época, não me sentia bem com nada em minha vida. Larry Merchant

deve ter percebido isso enquanto me entrevistou para a HBO, depois da luta.

"Para um cara que acabou de se tornar campeão mundial absoluto, achei que você estaria mais animado."

"Enquanto eu cometer erros, não há como ficar feliz", respondi. "Sou um perfeccionista, e quero ser perfeito."

Depois daquela luta, Don King deu uma festa de "coroação" à fantasia para comemorar minha vitória nos três títulos. Eu nem queria ir, mas Jimmy disse que fazia parte dos negócios, e por isso compareci. Eu me sentia como parte de um *show* de horrores. Chuck Hull, o apresentador da luta, tinha vestido uma fantasia de inglês da Idade Média. Ele estava rodeado por seis caras fantasiados de guardas ingleses com trombetas de mentira, uniformes de veludo azul elisabetanos e chapéus de plumas. Introduziram duas "vítimas" minhas por um tapete vermelho, "Sir Quebra-Ossos" e "Sir Pinky". Então Hull falou.

"Ouçam, ouçam! Por ordem do povo do mundo do boxe, neste glorioso ano de 1987, é assim declarado que, em terras próximas e longínquas, um homem sobre todos se erguerá triunfante no ringue quadrado de quatro cantos da batalha, aqui proclamado o maior campeão mundial dos pesos-pesados."

Depois, Don King fez um de seus típicos discursos sem noção. Ele queria ser mais famoso que os lutadores. Em seguida, todos os executivos da HBO e promotores de lutas desfilaram pelo tapete vermelho. Um coral de crianças cantou. E chamaram celebridades, como Dennis Hopper e Philip Michael Thomas, para distribuir troféus para cada funcionário subalterno por lá. Quando chegou a vez de meu amigo Eddie Murphy entregar um troféu, ele improvisou: "O homem arrebentou todo mundo, e ele mesmo não ganhou nenhum troféu. Todos os brancos ganharam troféus. Eu não entendo".

Eles guardaram o melhor para o final. Vestiram um roupão de chinchila do Le Nobel em mim e fizeram Ali colocar uma coroa de joias em minha cabeça, decorada com "bugigangas, rubis e fabulosos penduricalhos", disse King. Deram-me um colar e um cetro de joias do Felix the Jeweler.

“Vida longa ao rei dos pesos-pesados!”, clamou Don. Me senti um palhaço de circo. Pediram que eu fizesse um discurso. Que caralho eu poderia dizer?

“Isso significa que vou ganhar prêmios maiores?”, brinquei. “É um prazer estar aqui. Vim de longe, estou ansioso em defender meu título o máximo que puder.” Eu me senti um completo babaca.

Eu tinha uma motivação a mais para a minha próxima luta. Ia lutar contra Tyrell Biggs em Atlantic City, no dia 16 de outubro. Eu ainda tinha inveja dele por ter a medalha de ouro olímpica que não consegui. Agora, os jornalistas de boxe estavam se voltando contra mim. Escreviam umas merdas, como o Biggs ser capaz de me derrotar. Wally Matthews, do *Newsday*, de Long Island, escreveu: “Há dúvidas quanto a Mike Tyson ser realmente bom”. Achavam que minhas atividades extracurriculares fora do ringue estivessem atrapalhando meu crescimento.

Uma semana antes da luta, fui entrevistado sobre isso.

“Nunca odiei de verdade ninguém, mas acho que odeio Tyrell Biggs”, falei. “Quero dar a ele uma boa lição, quero machucá-lo de verdade.” O que queria dizer é que minha vontade era destruir o queridinho da América. Eu queria ser o vilão, mas isso não significava que não queria a minha medalha de ouro. Além do mais, Biggs tinha me desrespeitado uma vez no aeroporto. Estávamos juntos no voo para as Olimpíadas de Los Angeles. Ele ia lutar, e eu só ia observar e me divertir. Então, um fã veio até nós para nos desejar boa sorte nos jogos.

“Quê? Você quer dizer boa sorte neste voo, e não nas lutas, certo? Ele não vai lutar nas Olimpíadas”, disse Biggs.

Guardei essas merdas em minha mente. Treinei muito. Estava disposto a acabar com ele. Eu nem gosto de falar dessa luta. Foram sete assaltos de retaliação implacável. Eu dava cotoveladas, socos baixos, batia nele depois que o gongo soava. Era meu lado negro, estúpido e ignorante, aparecendo, um lado do qual me envergonho. Prolonguei a “vingança” por sete assaltos. Eu era um jovem inseguro e queria ser especial às custas de outra pessoa.

“Eu podia tê-lo nocauteado no terceiro assalto, mas fiz isso bem devagar. Queria que ele se lembrasse disso por um longo tempo”,

falei aos repórteres depois da luta. “Quando eu estava batendo no corpo dele, ele emitia sons como os de uma mulher gritando.”

Eu estava sendo um imbecil.

Eu também tinha uma questão pessoal na luta seguinte. Desde que eu tinha 14 anos, Cus e eu falávamos sobre derrotar Larry Holmes. Ele tinha me dado um diagrama – acerte ele aqui com a direita, atrás do jab. Eu achava que faria parte da história do boxe desafiando Holmes e vingando a derrota do meu ídolo Ali, assim como Sugar Ray Robinson vingou Henry Armstrong ao derrotar Fritzie Zivic.

Três semanas antes da luta, Kevin me deu um toque.

“Holmes é um lutador melhor do que Biggs, e você treinou mais para o Biggs do que está treinando para essa”, falou. “Melhor se esforçar mais.”

Então eu me esforcei.

Fui para a coletiva de imprensa antes da luta, mas estava entediado. Eu sempre odiava aquelas coisas. Às vezes, acabava caindo no sono. Não havia nada que eu queria ouvir, só queria lutar. Não queria ter de passar por tudo aquilo. Don King iria falar todas aquelas merdas e besteiras, inventando aquelas porras de palavras. “O matrimônio de punhalgimites com delicimingacificação da iluminação, critação e emancipação.” Quem que queria ouvir essas merdas?

Mas nessa coletiva de imprensa decidi esnobar Holmes. Fui muito agressivo, e então Holmes ficou arrogante.

“Eu vou ficar para a história, e não Mike Tyson, ele vai ficar para a história como um filho da puta. Se por acaso ele ganhar a luta, no final da linha vai se autodestruir.” Acho que ele foi Nostradamus aquele dia.

Batemos todos os recordes de venda de ingressos. Todas as celebridades estavam lá – Jack Nicholson, Barbra Streisand, Don Johnson, Kirk Douglas.

Fiquei tão concentrado treinando no vestiário, que literalmente fiz um buraco na parede. Às vezes sou um animal. Vou de racional a irracional em um décimo de segundo. Eu não pretendia atravessar a parede com a mão, mas a acertei com um bom golpe. Eu estava me

aquecendo e sabia que a parede era bem sólida. Estava batendo nela e, então, *bum!*, minha mão a atravessou.

Algumas namoradas minhas estavam na luta. Robin estava lá, e Suzette Charles também. Mas fui esperto o suficiente para trazer outras garotas sem que meus empresários soubessem. Eu pegava dois ingressos para um cara, mas a filha dele era minha garota. Outra vinha com o irmão. Eu não prestava.

Fiz minha entrada sem música. Eu era só negócios. Levaram Ali para o ringue para cumprimentar a plateia. Ele veio para até meu corner. "Pega ele", falou.

O gongo soou, e fomos para cima um do outro. Eu estava derrotando Holmes em cada assalto. Ele não tinha treinado o suficiente, por isso estava com medo de atacar. No quarto assalto, eu estava nas cordas, e o árbitro disse: "Se separem". Assim que disse isso, fiz aquela combinação de dois socos que Cus costumava pedir. *Pá!, pá!*, e ele caiu. Levantou, mas estava machucado. Tudo o que eu tinha a fazer era tocá-lo, nem precisava socar seu queixo para cair. Fui com velocidade máxima para cima dele, mas ele estava se esquivando da maioria dos socos. Era muito difícil acertá-lo, porque seus braços eram tão longos que ele conseguia interromper os socos. Mas então ele cometeu o erro de tentar um uppercut e acabou preso nas cordas, e, *bam!*, eu o nocauteei. Tentei ajudá-lo a se levantar, mas o seu corner não me deixava chegar perto dele.

Então me inclinei e disse: "Você é um grande lutador. Obrigado".

"Você também é um grande lutador, mas vai se foder", respondeu.

"Vai se foder também, filho da puta", falei.

Na coletiva depois da luta, fui bem modesto.

"Se ele estivesse em sua melhor forma, eu não teria chance", comentei. Eu não tinha virado uma nova página e ficado humilde assim do nada. Estava citando Fritzie Zivic, o grande campeão, que disse isso depois de derrotar Henry Armstrong. Todo mundo acaba percebendo que estou sempre citando meus heróis, nunca sou eu falando.

Depois da luta, tive a honra de receber Barbra Streisand e Don Johnson no vestiário. Eu adorava Barbra. Ela também era do

Brooklyn.

“Acho seu nariz muito sexy, Barbra”, falei.

“Obrigada, Mike”, agradeceu.

Consegue me imaginar, um moleque de 20 anos, vivendo um sonho assim? Com a porra da Barbra Streisand vindo no vestiário me ver? Cus dizia que tudo o que visse na televisão eu poderia ter. E isso incluía mulheres. Robin não foi a única mulher que conheci assim. Se eu quisesse um carro exótico, podia ligar para qualquer lugar do mundo, e eles iriam personalizar o design do carro para mim e enviá-lo de navio.

Foi assim que comecei a comprar roupas. Além dos grandes lutadores antigos, eu costumava usar como modelos os gângsteres judeus durões. Caras como eu, que não têm identidade, imitam o modo de vida de outras pessoas. Se eu lesse que Joe Louis adorava champanhe, eu começava a tomar champanhe.

Eu estava aproveitando as vantagens de ser famoso. Via uma garota bonita e dizia: “Ei, vem cá, me fala uma coisa, você gosta desse carro?”. Podia ser uma Mercedes. E ela respondia algo do tipo: “Uau, esse carro é lindo”.

“Acha mesmo que esse carro é lindo?”

“Ah, cara, eu adoraria ter um carro desses”, ela diria.

“E eu adoraria ter você. Acho que uma troca justa se faz necessária, não? Vem comigo.”

Funcionava sempre.

Quando não estava treinando, eu acordava, abria uma garrafa de champanhe e pedia caviar, um pouco de salmão defumado e umas claras de ovo. Eu tinha duas lindas mulheres na cama e colocava Billie Holliday no estéreo. Estava vivendo num mundo de fantasia. Nunca precisava esperar na fila para entrar num restaurante ou numa balada. Eu namorava lindas modelos e saía com pessoas da alta sociedade. Esse era o mundo onde Cus queria que eu vivesse. Mas ele também queria que eu odiasse as pessoas desse mundo. Não é à toa que me sentia tão confuso.

Depois de um tempo, as vantagens da fama começaram a sumir e a dimensão do meu renome passou a ser um fardo. Nunca vou me esquecer de quando eu estava no começo da carreira profissional e

costumava sair com Pete Hamill e José Torres. Pete disse: “Vamos dar uma volta”. Então compramos sorvete e andamos até a Columbus Avenue.

“Aproveita isso agora, Mike”, dizia Pete. “Porque daqui a pouco você não vai mais poder fazer isso.”

Agora eu não podia mais sair sem estar rodeado de pessoas. Saía de fininho para uma balada antes de uma luta, e as pessoas que estavam lá começavam a me cacetear.

“Que porra tá fazendo aqui, Mike?”, diziam. “Nós vamos te ver semana que vem, filho da puta. É bom você ganhar. Não acredito que não tá treinando.”

Quando via uma garota bonita e perguntava para um cara: “Quem é aquela garota?”.

“Foda-se aquela vagabunda, Mike”, o cara respondia. “Não sei quem ela é, mas levo ela na luta, tá? Vai treinar, negão.”

Era pior ainda quando eu andava pelas ruas de Brownsville. Um monte de caras por lá não sabiam controlar as próprias emoções e perdiam a noção de respeito. Eu estava lá com uns caras, e chegava um estranho. “Ei, e aí, cara?”, dizia, amigavelmente.

Eu soltava aquelas papagaiadas de branco: “Oi, como vai?”, mas um dos meus amigos surtava.

“Ei, Mike, você conhecia ele?”

“Não.”

“Por que caralho você tava falando com ele?”

Eles não gostavam de ver nenhum homem puxando o saco de outro. Diziam para qualquer um que chegava em mim: “Sai da cola dele. Deixa ele em paz”.

As pessoas de Brownsville não gostavam de ter seu espaço invadido. Isso era estranho no gueto, mas, quando se é uma celebridade, faz parte da vida. Então eu estava em guerra comigo mesmo, com meus próprios instintos. Não me sentia à vontade comigo mesmo, como dizem as pessoas na reabilitação. Às vezes, a coisa ficava feia também. Mais de uma vez, eu ficava de mau humor e um fã insistente me perseguia.

“Eu te adoro, Mike. Me dá um autógrafo?”, insistia.

“Sai de perto de mim, seu desgraçado filho da puta”, eu respondia e o arrebentava. Para ser sincero, não fui feito para ser famoso.

Quando relembro essas histórias, não consigo acreditar em como eu era um monstro ignorante e grosseirão. Toda essa merda de fama deixa a pessoa vazia se não for controlada. Juntando a isso bebidas e garotas, o meu desempenho começou a ser afetado. Caras que eu deveria conseguir nocautear no primeiro assalto resistiam até o quinto, sexto, às vezes até mais. Não tinha como alguém ser um tiranossauro sexual e campeão mundial ao mesmo tempo. É preciso desistir conscientemente de um dos dois. Dá para fazer sexo em qualquer idade, mas não dá para ser um campeão mundial sempre. Mas fiquei com o sexo.

Eu era uma pessoa infeliz na época. Não conseguia entender por que alguém ia gostar da minha companhia. Nem eu queria a minha própria companhia. Acho que minha mãe passou a depressão dela para mim. Eu não sabia o que estava fazendo quando era campeão. Só queria ser como meus antigos heróis. Não me importava se eu ia morrer no dia seguinte. Me lembrava do livro que tinha lido sobre Alexandre, o Grande. Para ele, valia mais ter alguns anos de glória do que uma vida inteira nas sombras. Então, que me importava morrer? O que eu podia esperar da porra do futuro?

Eu tinha tudo o que queria, mas não estava feliz por dentro. O mundo exterior não me fazia mais feliz. Não sabia como conseguir ser feliz por dentro porque a felicidade, percebi depois, é um trabalho interno. Então, nesse estado de desespero, fiz a última coisa que deveria ter feito: eu me casei.

Casei-me com Robin porque ela estava grávida de três meses, e eu estava maravilhado com o fato de ser pai. Essa era a única razão. O problema é que Robin não me disse que estava grávida. Foi Jimmy Jacobs quem me disse. E ele ficou sabendo quando Ruth, mãe da Robin, ligou para contar a ele. Na época eu não sabia, é claro, mas era tudo mentira. Robin nunca esteve grávida. Mentira que eu deveria ter percebido só pelo fato de que a mulher com quem eu estava dormindo não me contou ela mesma que estava grávida.

Ainda alegou que teve um aborto espontâneo. Com cerca de sete meses de gravidez, ela não tinha ganhado nem um quilo, e de repente, quando vejo, ela estava na cama dizendo que tinha perdido o nosso bebê. Hoje, fico feliz por não ter tido um filho com ela, mas naquela época uma parte de mim queria ter um filho. De qualquer forma, ela não ia querer mesmo ter um filho meu. Ela teria morrido se tivesse um filho negro de cabelo crespo como eu.

Tudo que vinha daquelas duas mulheres era falso. Robin dizia para o mundo inteiro que tinha desistido de estudar medicina em Harvard para seguir a carreira de atriz; mas, quando uns repórteres foram checar, descobriram que o nome dela não constava em nenhum registro da universidade. Não importa quanto se diga que ama alguém, se for mentira, a mentira sempre volta para assombrar. Era isso que Robin e sua mãe eram. Fraudes, cambalacheiras, praticamente prostitutas. Ruth foi quem processou publicamente o grande Dave Winfield, do New York Yankees, por ter lhe passado herpes. E dá para notar que algo está errado quando se vai para a própria formatura da faculdade e é vaiada por todos os 129 colegas, como Robin foi.

Eu não sabia nada sobre essa coisa de alguém mentir que estava grávida. Não sabia que esse tipo de coisa acontecia. Tentei fazer a coisa honesta, mas acabei sendo uma imbecil. Eu era "El Imbecil". Talvez devesse ter sido um cuzão. Comigo não, violão. Lembra aquele velho programa, o *Maury Povich Show*, em que mulheres acusavam o cara e diziam: "Você é o pai dessa criança"? Eu deveria ter dito: "Nem vem, te encontro lá no Maury". Mas eu não era esse tipo de cara. Eu era o cara que colocava diamantes embaixo do travesseiro dela, mas nem isso a satisfazia. Então, em fevereiro de 1988, quando estávamos no jogo das estrelas da NBA, em Chicago, levei-a até a casa de um padre que eu conhecia, e ele nos casou ali mesmo. Nem perguntei se ela queria casar, foi uma coisa impulsiva. Ela se fez de tímida, e eu tive de dar uma leve pressionada, pelo menos foi isso que pensei. Robin aceitou, o padre Clements nos casou no corredor da casa dele, e depois fomos comemorar na boate de um amigo.

Quando voltamos para Nova York, Ruth já havia ligado para Jimmy e ameaçado nos levar até Las Vegas para nos casar caso não fôssemos imediatamente casados no civil em Nova York. Jimmy estava tentando atrasar isso para preparar um acordo pré-nupcial, mas eu estava tão empolgado, que nem me importei com acordo nenhum. Então fomos até a Prefeitura, conseguimos uma autorização e nos casamos legalmente. De cara, Ruth começou a falar em achar uma mansão para nós três vivermos. Robin tinha me dito que ela e a mãe formavam um pacote, mas sempre houve algo de estranho no relacionamento dela com a mãe. Era muito bizarro até para o séquito de Freud analisar. Não havia uma definição para aquilo. Robin não era do sexo certo para um complexo de Édipo. Acho que ela tinha complexo de “Édipa”.

6

MAIS OU MENOS NESSA época, conheci o lendário e mundialmente famoso escritor/cafetão Iceberg Slim. Queria tê-lo conhecido antes de me casar com Robin. Ele teria me botado nos eixos. Uma noite, eu estava num clube em Los Angeles e encontrei Leon Isaac Kennedy. Estávamos conversando, quando ele mencionou casualmente que Iceberg tinha lhe dito alguma coisa para ele.

"Com licença, você quer dizer Iceberg Slim, o escritor?", perguntei.

Leon disse que era amigo de Slim, e eu não conseguia acreditar. Achava que Iceberg era um personagem mítico. Tinha esse nome porque uma vez ele estava sentado no seu bar favorito, entupido de cocaína, quando alguém atirou no cara que estava do seu lado. A bala passou de raspão no amigo dele e atravessou o seu chapéu. Ele não se moveu, tirou o chapéu, olhou os buracos por onde a bala tinha passado e foi embora. Os amigos dele acharam que ele era tão frio que deveria se chamar Iceberg.

Então eu disse para Leon que queria conhecê-lo; ele veio me buscar no dia seguinte, e fomos até o apartamento de Iceberg. Ele morava num apê de bosta na parte podre de Crenshaw. Estava com uns 70 anos e vivia sozinho. Sentei e falei com ele durante sete horas direto. Falamos da sua vida e dos seus livros.

Eu achava que ele falaria como um cara de rua grosseiro, mas era erudito e parecia um nobre. Pronunciava cada sílaba corretamente. Eu estava pensando que ele tinha sido autodidata na prisão, que tinha aprendido aquelas palavras num dicionário, mas descobri que ele tinha feito faculdade antes de sair da linha. Mostrou-me suas fotos de bebê e de infância; era daquelas crianças fofas, adoráveis. Berg era uma pessoa extremamente interessante.

Não dava para imaginar que estava falando com alguém tão afundado no mundo das drogas.

A primeira coisa que lhe perguntei foi se ele era o melhor cafetão do pedaço.

"Não, nunca cheguei perto de ser o melhor cafetão. Só que eu era educado e sabia ler, escrever e criar essas histórias. E isso era praticamente tudo o que eu tinha. Os outros caras eram monstros", ele disse.

Ele me contou várias histórias de suas peripécias, mas ele estava num ponto da vida em que não tinha nenhum orgulho delas. Quando ficou mais velho, ele teve filhas, e aí resolveu sair de cena. Mas, enquanto esteve nessa vida, era cruel com suas garotas. Descobri mais tarde que ele repreendia suas putas de um jeito estranho. Ele dobrava um cabide de roupa, colocava num forno quente e batia nas quengas com aquilo. Ele era o cara que, se estava chovendo, dizia para suas garotas: "Sua puta, é melhor você andar entre as gotas de chuva e conseguir minha grana. E sem se molhar."

Berg não era do tipo feliz, sorridente, e não se mostrava animado com o fato de eu ter ido vê-lo. Acho que ele pensava que aquilo era algo normal. Ele era o Cafetão. Quando vemos esses cafetões com seus saltos altos e ternos de cores berrantes e tal, achamos que são palhaços, mas a confiança deles atinge os céus. Nós não entendemos como convencem essas garotas a fazerem o que fazem, mas está tudo na confiança que têm. Rimos desses caras, mas temos inveja deles. Como é que conseguem esse tipo de controle, obrigar mulheres a fazerem esse tipo de coisa e ainda por cima ganhar dinheiro desse modo?

Eu continuava a fazer peregrinações para ver Iceberg. Até o convidei para ir me ver numa luta, mas isso seria demais para ele. Antigamente, ele se vestia de forma impecável. Foi um dos primeiros a usar plastrão e o primeiro cara a usar abotoaduras francesas. Mas ele me disse que, se fosse aparecer numa luta minha, teria de tirar seu conjunto de couro do armário e que não tinha saco para isso. Ele tinha de manter o estilo. As pessoas tinham uma imagem dele, que esperavam que mantivesse. "Eu tenho de estar com calças de couro, e eu não estou a fim disso", ele disse. Eu,

respeitosamente, disse a ele que compraria o que ele quisesse, mas, sendo um cara de classe, recusou minha oferta.

Uma vez eu levei Don King, Rory e John Horne para ver Iceberg. Slim estava de pijama na cama, e nós sentamos aos seus pés feito criancinhas de escola, num velho sofá detonado. Estávamos prestando homenagem a Berg, e, se quiséssemos falar, tínhamos de levantar a mão. "Com licença, senhor Berg", e então fazíamos a pergunta. Isso deveria estar matando o arrogante do Don, ter de levantar a mão e ser autorizado.

Era a minha vez. "Senhor Berg, como funciona essa coisa da cafetinagem? Se consigo mandar numa garota e obrigar ela a fazer o que eu quiser, isso é cafetinagem?"

"Não, isso não é cafetinagem", Berg respondeu calmamente. "Cafetinagem é quando você está no controle de todos os elementos, tipo agora. Sei de tudo que está acontecendo. Cafetinagem não tem nada a ver com a mulher. A cafetinagem traz a mulher, atrai a mulher, e ela sabe o que fazer. Para que a cafetinagem a atraia, ela tem de estar nessa vida. Elas são magnetizadas; a cafetinagem é feita por magnestismo. Não tem nada a ver com obrigar mulheres a fazerem o que você quer, pois elas sabem o que fazer. Estão automaticamente nessa vida, são atraídas pelo magnetismo da cafetinagem, e é isso, tudo se abre para você. Elas lhe trazem dinheiro, tudo acontece. Todos esses jovens falando sobre o que estão fazendo e quem estão espancando. Não é assim. A mulher escolhe; isso é por escolha, e não por força."

A gente estava ouvindo isso e pensando: *Mas que caralho é isso?*

Mesmo de pijama, dava para sentir seu carisma. Ele sabia que nós estávamos lá para homenageá-lo e aprender com ele. A gente usava roupas feitas sob medida, que valiam milhares e milhares de dólares, e as melhores bolsas de couro, mas ele não estava nem um pouco impressionado conosco. Não havia nada de incomum no fato de estarmos lá.

Depois disso, antes de sairmos para uma balada para pegarmos umas garotas, íamos visitar o Berg e pedir sua bênção.

"E aí, Berg? A gente vai sair hoje à noite", eu dizia.

“Bem, seja cuidadoso, meu jovem. Não fique por aí deixando essas garotas tocarem em você. Sei que você é famoso e que é difícil para você. Provavelmente vai deixar que elas façam isso. Você não pode deixar, filho. Diga a elas: ‘Ei, ei, tire as mãos de mim. Qual é seu *pedigree*, meu bem? Cadê o seu homem? Não mexa em mim desse jeito, meu bem, por favor’. Todas elas ficam tentando te manipular, e você fica todo sorridente. Mike, isso não está certo. Entendo que você está levando vida de gente bonita, Mike, mas não pode deixar todas essas mulheres tocarem em você assim. Qual é seu problema, cara, você é anormal? Você deveria dizer a elas: ‘Eu poderia escolher você, mas antes eu quero ver seu homem. Ele é de alto coturno?’ Você tem de ver o *pedigree* dela. Se ela estiver com um cafetão porra-louca, com tênis de dois dólares, você não pode se sujar com ela.”

Berg parecia satisfeito nessa situação. Não havia nada nele que fazia parecer que estivesse inseguro. Ele vivia num edifício em ruínas que deveria valer uns 50 mil dólares, e eu era um milionário. Eu carregava mais dinheiro na minha mochila do que o valor do apartamento inteiro do Berg. Mas nós estávamos lá, prestando homenagem a ele. Antes de sair, aquele dia, falei para Don dar uma grana para o Berg. Ele deu uns 10 mil.

Outro dia, Iceberg começou a me passar um sermão.

“Mike, você é um cara perigoso. Vai sair daqui e ter problemas com mulheres a vida inteira, porque vai foder com tudo. E você quer dar a elas tudo muito rapidinho, quer dar a elas tudo o que tem. Você sempre vai ter problemas com as mulheres, garoto. Vejo que quer satisfazer todas as mulheres, e você sempre vai fracassar nisso. Você deixa que elas invadam sua mente. Você não é um mela-cueca, você tem de comer e vazar, já que é muito emotivo com as mulheres. Você sempre vai ter algum tipo de ligação com elas, ou elas vão ter uma ligação com você, porque você tem de satisfazer esse sentimento. E isso é muito perigoso. Perigoso para você. Você põe essa pressão em si mesmo, não se sente bem e não satisfaz mulher nenhuma. Isso é um problema com a sua mãe. É uma ligação que você tinha com sua mãe.”

Berg estava adoecendo, quase morrendo. Ele me disse que queria um daqueles caixões que ficam atrás de uma parede, acima da terra, para que insetos e baratas não chegassem até ele.

"Agora ouça, Mike, não quero ficar na terra, quero ficar na parede. Não quero baratas e insetos me comendo. Eu sou lindo, Mike. Não quero que comam meus olhos. Eu contribuí demais para o mundo, Mike."

Isso dá uma ideia de quanto os cafetões eram arrogantes. Um cafetão quer poder comparecer ao próprio enterro para saber quem foi lá. Ele não se importa em ter morrido, só quer saber se o mundo inteiro veio.

Então, dei a ele 25 mil dólares em dinheiro que estavam na minha mochila e disse, educadamente: "Bergie, cara, não se preocupe. Isso é para as paredes". Iceberg pegou o dinheiro e disse: "Uau, cara". Mas ele nunca disse: "Obrigado". É por isso que eu adorava ele. Mantinha a dignidade até o fim. Acho que ele esperava que eu dissesse "Obrigado" por ter dado meu dinheiro para ele. A maior parte dos cafetões não se importa com ninguém, mas eu sabia que ele se importava. Se eu não achasse que era uma boa pessoa, nunca teria dado dinheiro a ele.

CERCA DE UMA SEMANA depois que Robin e eu nos casamos, dormi em Catskill. Quando acordei, percebi que havia nevado muito, então liguei para Bill Cayton para avisá-lo que eu não conseguiria chegar até o centro. Ele queria que eu assinasse um novo contrato de agenciamento garantindo que, caso Jim ou Bill morresse, suas esposas recebessem suas partes dos benefícios. Não vi nada de mau nisso, mas o alarme disparou na minha cabeça quando Bill pediu para um chefe de polícia me levar de viatura até a cidade. Eles queriam muito que aquilo fosse assinado.

Jimmy e Bill estavam lá junto com José Torres, que ainda era diretor da confederação de boxe do estado de Nova York, e acho que ele estava lá para ajudar seus amigos Jimmy e Bill.

Minha próxima luta seria com Tonny Tubs, no Japão. Se eu achava que estava sendo tratado como celebridade nos Estados

Unidos, no Japão a coisa ultrapassava todos os limites. Houve uma histeria coletiva quando meu avião pousou, e fui engolido por milhares de fãs gritando. Nós éramos a primeira atração do Tokyo Dome, um novo estádio que comportava 65 mil torcedores. Uma hora depois de os ingressos começarem a ser vendidos, já tínhamos vendido cerca de 80% deles. O promotor japonês, senhor Honda, tinha escolhido a dedo Tony Tubbs como meu adversário, porque achava que Tubbs tinha mais chance de prolongar a luta até o máximo possível de assaltos e agradar o público. Don King até prometeu a Tony um bônus de 50 mil dólares se conseguisse chegar a menos de 106 quilos. Mas Tony estava enfrentando vários problemas e não conseguiu perder peso.

Robin estava comigo em Tóquio, e Larry Merchant a entrevistou logo antes da luta.

"A pergunta que não quer calar: como é que uma mulher que estudou no Sarah Lawrence College e medicina em Harvard acabou se apaixonando por um cara que se formou na escola da pancadaria?", ele perguntou.

"Nossa, eu também queria saber. Nós temos muito em comum. Famílias tradicionais. Foi meio que amor à primeira vista. Foi difícil no começo, mas conseguimos superar e nos casar."

Famílias tradicionais? Só se for para o Iceberg Slim. Mas Robin adorava aparecer.

A luta não durou muito. No primeiro assalto, fiquei observando Tubbs e me deixou feliz o fato de ele não tentar me agarrar. Seria difícil para ele correr com aquele peso. No segundo assalto, nós trocamos socos, e eu o acertei com uma de esquerda na têmpora. Então lancei vários socos violentos no corpo e, quando ele saiu das cordas, o nocauteei com um gancho de esquerda.

Quando Larry Merchant veio me entrevistar depois da luta, assumi o meu eu megalomaníaco.

"Eu me recuso a ser ferido, ser nocauteado. Eu me recuso a perder!"

No voo de volta para Nova York, Robin começou a tentar tomar as rédeas. Ela encurralou Bill Cayton, segundo o qual ela disse: "Eu sou a senhora Mike Tyson e estou no comando". Ela exigiu ver toda

a papelada referente a meus acordos com Bill e Jim. Se ela queria ver os documentos, tudo bem por mim. Se Jimmy estivesse lá, tenho certeza de que a situação teria sido tratada de forma mais tranquila. Ele era uma pessoa muito mais sociável do que Bill. Mas Jimmy não pôde ver a luta no Japão porque estava internado num hospital em Nova York. Ele tinha mentido para mim, dizendo que não poderia embarcar no voo porque estava tentando encontrar um filme raro de boxeadores negros da virada do século.

Ninguém tinha me contado que Jim estava gravemente doente, então, quando recebi uma ligação de Robin na minha limusine, poucos dias depois de a gente ter voltado para Nova York, fiquei perplexo.

"Michael, o Jimmy morreu", falou.

Fiquei arrasado. Conhecia Jimmy há muito tempo. Eu sentia que Cus tinha me confiado a Jimmy, que era muito próximo do Cus. Então, se Cus era como um pai para mim, Jimmy era como um irmão. Assim, dá para imaginar como me doeu ainda mais quando descobri que Jimmy sofria de leucemia linfoide crônica por mais de nove anos e tinha escondido isso de mim. E o que é pior, todo mundo tinha mentido para mim escondendo a doença dele. Por isso, talvez, aquela insistência de Bill em me arranjar uma escolta policial para assinar o contrato antes de ir para o Texas.

Voei para Los Angeles no dia seguinte para o enterro de Jim. Sem ele, os abutres já estavam rondando a carne fresca: eu. Don King estava lá, e acabamos sendo dois dos carregadores do caixão de Jim. Fiquei surpreso por Bill ter escolhido Don, porque ele estava tentando impedir Don de continuar a promover minhas lutas. Aposto que Don tinha enganado Bill, lhe dizendo que ajudaria a lidar comigo. Eu não era exatamente próximo de Cayton. Durante o enterro, Don e José Torres ficaram no fundo da capela, provavelmente tratando de negócios. Tenho certeza de que José estava tentando ser meu empresário, já que ele iria ficar sem trabalho em breve.

Enquanto eu estava no enterro, Robin e sua mãe estavam em Nova York, fazendo escândalo nos escritórios da Merrill Lynch, que cuidava das minhas finanças. Por coincidência, Bert Sugar, o grande

jornalista de boxe, também estava lá no escritório e viu Robin e a mãe gritando com o pessoal da Merril Lynch.

"Me dê meu dinheiro", exigiam. Quando meu executivo de contas se recusou, Robin o chamou de "filho da puta". Elas queriam sacar 5 milhões em dinheiro vivo para comprar uma mansão em New Jersey que a mãe de Robin tinha escolhido. Antes de ir para Los Angeles, Ruth me fez assinar um documento dando a Robin uma procuração para que pudesse sacar esse dinheiro. Na manhã do enterro, Robin me ligou do escritório da Lynch e colocou o executivo no telefone. Ele explicou que meu dinheiro estava aplicado em fundos de curto prazo isentos de impostos e com vencimento em 14 de abril. Os rendimentos dessas aplicações dariam para pagar quase todos os meus impostos de 1988, e era por isso que ele não queria sacar esse dinheiro. Depois de ter ouvido tudo isso, eu lhe disse para dar o dinheiro a elas. Eu estava apaixonado. Eu era El Imbecil.

Ruth achou uma bela casa para nós. Era em Bernardsville, New Jersey, a 48 quilômetros a oeste de Nova York, mas com o trânsito parecia estar a 500 quilômetros do centro. Era uma casa feita de pedra que tinha pertencido a um subsecretário de Estado de Franklin D. Roosevelt. Contratei uma moça espanhola para decorá-la, e nós escolhemos móveis luxuosos *top* de linha. Cada ambiente tinha um tema diferente – um era mediterrâneo, outro era vitoriano. Na época eu não sabia, mas Ruth estava sugerindo aos meus amigos que, se quisessem nos dar um presente de casamento, nós precisávamos de móveis. Agora dá para entender com que tipo de aproveitadoras estávamos lidando?

Eu não ficava muito tempo naquela casa. Quando Robin estava trabalhando, nós íamos para Los Angeles e ficávamos na casa dela lá. Mas, de vez em quando, a gente planejava uma festa. Tanto Ruth como Robin não suportavam meus amigos de Brownsville. Elas eram tão metidas, que não queriam se rebaixar a ponto de andar com gente do gueto. Robin tentou até alugar banheiros químicos para uma festa que nós demos porque não queria que meus amigos entrassem na casa para mijar.

No mesmo dia em que elas fizeram escândalo nos escritórios da Merrill Lynch, foram ao escritório do Cayton, exigindo ver todos os relatórios financeiros sobre mim. Agora que estávamos casados, era como se um botão de ignição tivesse sido apertado. Robin ficou mais exigente, nada a agradava. Ela e a mãe queriam ter cada vez mais controle sobre mim. Fiquei cansado daquilo e comecei a transar com mais e mais garotas diferentes.

Um dia, Robin, Ruth e eu estávamos no centro de Manhattan, num restaurante de comida *soul*; Robin colocou a mão no meu bolso para pegar o dinheiro da conta e acabou encontrando umas camisinhas. Ela ficou furiosa, mas Ruth não parecia nem um pouco incomodada. "Não, Robin, tudo bem, essas coisas acontecem no começo do casamento", disse. Acho que ela não queria irritar a galinha dos ovos de ouro. Saímos do restaurante, e Robin ainda estava brava; ela começou a dirigir e foi pela Varick Street para voltar a New Jersey pelo Holland Tunnel. Não que ela não fosse boa motorista, mas ela estava tão descontrolada que bateu o Bentley no carro a nossa frente.

O motorista do carro veio gritar com a gente que a mão dele tinha ficado estropiada, para resolver logo, dei 20 mil dólares em dinheiro para ele. Ele saiu correndo, a pé mesmo, direto para uma casa de apostas no turfe, a uma quadra de distância. Aí dois guardas rodoviários entraram em cena. Eu não queria que Robin ficasse em apuros, por isso assumi a culpa, dizendo que eu estava dirigindo. Eu estava tão apaixonado por ela na época. Um dos policiais parecia feliz em me ver. Eu podia ver a corrupção em seus olhos. Ele estava elogiando demais meu carro, quando meu cérebro começou a funcionar e concluí que ele aceitaria suborno. Ofereci o carro a ele, para que não fizesse o B.O.

"Não posso fazer isso", respondeu.

"Sim, você pode, sim", falei. "Você trabalha demais. Põe sua vida em jogo todos os dias. Você merece."

"O que vou fazer com um Bentley?", perguntou.

"Vender as partes", sugeri.

"Cara, não fala essas coisas", disse, como se já estivesse considerando a possibilidade.

A essa altura, Robin e a mãe dela já tinham fugido do local num táxi. Enquanto o policial estava considerando minha oferta, um segundo homem entrou em cena, alegando que a mão dele tinha sido quebrada no acidente. O policial foi para cima dele na hora.

"Só vou falar uma única vez: cai fora daqui!", disse ao homem.

Então deixei o carro lá e peguei um táxi para o escritório de Cayton. Liguei para a polícia. "Levaram a porra do meu Bentley. Tragam a porra do meu carro de volta!"

Foi recuperado no mesmo dia.

Depois de uns meses com Robin e a mãe dela, eu estava enlouquecendo. Liguei para Gene Kilroy, o braço direito de Ali.

"As duas estão me enlouquecendo. Elas me tratam como um escravo. A mãe fala comigo como se eu fosse o marido dela", reclamei.

Não era só a Robin e a mãe. Com Jimmy fora de cena, todo mundo estava disputando para conseguir me controlar. As duas tiveram uma reunião comigo, Bill e o advogado delas, Michael Winston. Levaram todos os relatórios financeiros, mas, como elas não entendiam nada, nós os mostramos para Don King. Era exatamente o empurrãozinho que faltava para Don começar a fazer a cabeça de Robin e Ruth contra Cayton. Afinal, Cayton estava tentando tirar Don de minhas futuras promoções.

A verdade é que eu estava alheio a todas essas intrigas que giravam ao meu redor. Em junho de 1988, aconteceu uma das maiores lutas da minha carreira: um confronto com Michael Spinks, que na cabeça de algumas pessoas era o campeão dos pesos-pesados. Ele tinha perdido seu cinturão do Conselho Internacional de Boxe quando desistiu da luta de unificação. Eu estava treinando para aquilo. Não estava interessado em ficar lendo contratos linha por linha. El Imbecil.

Todos seguimos para a Merrill Lynch e transferimos 10 milhões de dólares para outro banco, para que elas pudessem ter o privilégio exclusivo de emitir cheques com aquele dinheiro. Isso depois de ter gastado mais de meio milhão de dólares em joias, roupas e peles para as duas, além de 85 mil dólares em uma BMW para Robin.

Quando eu estava começando a gravar um comercial para a Diet Pepsi, Ruth parou as câmeras e deu uma prensa em Cayton. Ele concordou em reduzir sua parte de um terço para 25%. O que era uma coisa boa, na verdade, considerando que a maioria dos empresários só recebia 10% ou 15%.

No final de maio, Ruth fez seu cão de guarda, Winston, entrar com um processo para se livrar de Cayton como meu empresário. Eu não era muito contra aquilo. Depois que todos mentiram para mim sobre o estado do Jimmy, eu não conseguia mais confiar naqueles caras. Eu realmente sentia que precisava de um novo começo. A ideia de que eles podiam simplesmente me passar de Jimmy para Bill, como se eu fosse um bem, me deixava enojado. Eu estava completamente perdido. Ainda estava em dúvida sobre seguir lutando. Quando eu lutava, pensava em me aposentar, mas, quando não lutava, eu queria lutar. Minha cabeça estava fodida.

Toda essa pressão estava me afetando. Numa coletiva de imprensa com uns repórteres de boxe, comecei a perder o controle.

"Vocês arruínam a vida das pessoas; me sinto um bosta só de estar falando com vocês. Eu deveria estar pronto para arrancar a cabeça de vocês. Minha mulher, minha sogra, elas estão sendo reduzidas a pó. Quando estou no ringue, não tenho problemas. É fácil esquecer os problemas quando alguém está socando a sua cabeça. As pessoas do mundo da luta são muito ruins. Eu achava que os caras do meu bairro eram criminosos, mas esses daqui são de longe muito mais bandidos do que as pessoas do meu bairro. Não estão interessados no que tenho de melhor; dizem que estão, mas não estão. Eles falam 'Eu fiz isso e aquilo para você', mas não é verdade. Seja lá o que fizeram, fizeram para eles mesmos. Do que eu ganho, eles levam uma porcentagem maior."

Mais ou menos nessa época, liguei para Shelly Finkel, um dos poucos seres humanos do mundo do boxe.

"Shelly, acho que vou matar a Robin ou o Cayton."

Shelly ligou imediatamente para Cayton, dizendo que ele precisava conversar comigo e com Robin, mas Cayton disse a Shelly que eu é que deveria ir até ele. Ele não conseguia nem ao menos ser um amigo quando eu precisava.

Robin e sua mãe me controlaram desde o início. Tinham-me a seus pés, mas não aguentaram ficar e continuar com o casamento por muito tempo. Eu provavelmente era autoritário demais para elas. E elas provavelmente pensavam: *Se nós ficarmos só mais um pouquinho, a gente consegue o dinheiro, mas, Deus do céu, esse cara é muito louco*.

Então, foi aí que iniciaram o plano B.

No dia 13 de junho, duas semanas antes da minha luta com Spinks, Wally Matthews, do *Newsday*, recebeu uma ligação de uma certa Olga. Ela era a assistente de Ruth, a escrava dela, mas dizia ser a vice-presidente da suposta empresa da Ruth. Bem, ela tinha um escritório, vamos colocar dessa forma. Um escritório pago pelo principal acionista da empresa dela, Dave Winfield. Ela conseguiu esse dinheiro antes de processar Winfield por ter lhe passado herpes. Olga disse a Matthews que Ruth e Robin estavam sendo crucificadas pela imprensa, e ela queria esclarecer algumas coisas. Olga disse que abusei fisicamente de Ruth e de Robin. Mas reconhecia que não tinha sido proposital, já que eu não era muito civilizado.

Mas, como bom repórter, Wally disse a Olga que ele precisava de alguém para falar oficialmente sobre isso. Olga disse que voltaria a ligar. No dia seguinte, falou que Ruth e Robin não queriam que isso fosse gravado, mas aceitariam que fosse publicado. Wally disse que isso não era suficiente, que precisava citar alguém. Naquela noite, Olga ligou de volta e deu o número da irmã de Robin em Portugal, onde estava participando de um torneio de tênis. Ele ligou para Stephanie, que confirmou tudo. Disse que apareci bêbado no *sitcom* da Robin em Los Angeles, que quebrei as luzes, xinguei e bati em Robin na cabeça com o punho fechado. “Ele sabe como e onde bater nela sem causar nenhum dano de verdade.” É, como se eu fosse um mestre de kung fu. Mas Stephanie também acrescentou que não era culpa minha porque EU APENAS NÃO ERA MUITO CIVILIZADO.

Dessa vez, Wally achou que estava sendo tapeado. Era como se Olga e Stephanie estivessem lendo o mesmo roteiro. Então Ruth, a Rude, convidou Wally para ir até seu “escritório”. Ele foi lá, e estava tudo escuro e sombrio, como um convento de bruxas. Até as paredes eram escuras. Winston, o advogado/cachorrinho, estava lá, e disse a

Wally que ele não podia usar seu gravador. Mas o repórter era danado de esperto. Wally colocou a mão no bolso e ligou o gravador escondido. Ruth disse que ela iria a público com tudo isso por causa de Cayton. Queria me fazer entender o lado dos negócios para que Robin, nossos filhos e eu ficássemos confortáveis em matéria de dinheiro.

"Eu realmente aprendi a gostar do Mike", disse para Wally. "Claramente ele ama a Robin e a mim."

Mas Cayton, ela disse, tinha envenenado a imprensa contra ela, e aí passou a receber ameaças de morte e telefonemas obscenos. Ela continuou por uma hora, e, então, surpresa!, Robin apareceu no escritório/coventículo.

"Ah, mamãe, não sabia que você tinha companhia", falou. "Não sabia que a imprensa estava aqui."

Em questão de segundos, Robin estava chorando. Sim, choramingou, Mike havia batido nela.

"Então é verdade?", perguntou Wally.

"Você não pode me citar, isso deve ficar em *off*", respondeu Robin.

Mas aí ela continuou: "Mike mudou tremendamente desde que o conheci, há um ano e cinco meses. Realmente acho que Michael NÃO É MUITO CIVILIZADO. Ele só tem 21 anos e é um jovem de 21".

No dia seguinte, Wally ligou para onde eu estava treinando para obter minha resposta à história da minha mulher e da minha sogra. Ele deixou uma mensagem, e eu retornei a ligação.

"Qual o problema? O que é tão urgente? Estou fodido?"

Fiquei escutando enquanto Wally me contava das acusações de que abusei fisicamente de Ruth e Robin. É claro que neguei toda aquela merda. Mas então ele me perguntou como eu me sentia quanto à revelação da minha família.

"Me sinto ótimo. Você abriu meus olhos para um monte de coisas. Não se fala mal de uma pessoa, chama ela de babaca e depois diz que a ama. O que elas estão dizendo, basicamente, é que sou um inútil. Não consigo entender. Talvez eu só não seja o homem adequado para elas. Vou superar isso. Sempre supero as coisas."

Robin também foi ao noticiário das 5 da tarde de uma rádio de Nova York e afirmou que descobriu que 20 milhões de dólares tinham sumido das minhas contas. Também disse que detetives particulares estavam seguindo a mãe dela e que Cayton tinha oferecido 50 mil ao padre Clements para ajudar no nosso divórcio. E então, surpreendentemente, falou: "O Michael planejou tudo".

Mas que porra que eu fiz? Elas eram canalhas, sujas, imundas. Além de estarem atrás do meu dinheiro, acho que essas pessoas estavam tão apaixonadas por elas mesmas que queriam ser maiores do que eram. Queriam ser a face do produto, a minha face.

A matéria do Wally ia sair na edição de domingo do jornal; então, no sábado, as duas vieram até meu local de treinamento. Não queriam que eu lesse antes de me prepararem. Disseram que tinham sido mal interpretadas. E El Imbecil acreditou nelas.

"Daqui a dez anos Bill vai estar morto, mas eu continuarei com minha esposa", afirmei à imprensa. "Ele está tentando nos envergonhar, tentando fazer parecer que não controlo minha esposa e que elas são oportunistas." Robin estava lá e também falou o que achava: "Estão tentando nos destruir; estão mais preocupados sobre com quem dormi do que em perguntar sobre a carreira do Mike". Foi nesse dia que decidimos a respeito de Cayton.

"É uma víbora, um cara cruel", falei.

"Bill está acabado", Robin jurou.

Enquanto isso, Rude era citada em outro artigo: "Sou a mãe substituta dele, e não sua empresária. Sou a cola que mantém a minha família unida. Se eu caio, todos caem".

Eram umas vagabundas malucas. Enquanto isso, Don estava nos bastidores, esperando as duas fazerem o trabalho pesado de se livrar de Cayton para que ele pudesse entrar em cena. Chegou a me dizer que as duas iam jogar mais alto do que tinham em mãos. Ao mesmo tempo, José Torres ainda estava tentando entrar de mansinho na história e ser meu empresário. Eu realmente era a galinha dos ovos de ouro. Michael Fuchs, da HBO, me chamou de "uma caixa registradora de calças curtas". Acabei de uma vez por todas com a ideia de José ser meu empresário no *New York Post*, e aí ele conseguiu um acordo com a Time Warner para escrever um livro,

recebendo um adiantamento de 350 mil dólares, o que era uma boa grana na época. Quatro anos antes, José tinha prometido a Cus que escreveria um livro sobre como fui moldado em um campeão. José deveria ter dividido o dinheiro com Camille, mas acabou vendendo o livro para a editora como uma biografia autorizada por mim.

Assim, era com essas merdas que eu estava lidando antes da luta com Spinks. Na véspera da luta me perguntaram do circo que estava armado ao meu redor.

"Odeio todos eles: jornalistas, promotores, empresários, tevê a cabo, todo mundo. Estão pouco se fodendo para mim, para minha mulher; estão pouco se fodendo para o meu treinador, minha sogra, minha madrasta, meu irmão adotivo e meus pombos. Nada importa para eles além dos dólares, então não quero ouvir nada. Somos amigos… nada disso, não quero amigo nenhum, não existe isso de amizades pessoais. Posso me virar sozinho, não preciso de ninguém cuidando de mim. É tarde demais para esse teatro, envelheci demais. Tudo que preciso é de um treinador. Vou sair e ganhar milhões de dólares numa luta de rua."

Meu Deus, eu estava perdido. Falei em me mudar para Mônaco, qualquer lugar que fosse longe e onde eu fosse bem-vindo. Dei uma entrevista para Jerry Izenberg, um repórter veterano do *Star-Ledger*, de Newark. Ele viu quanto eu estava desesperado. Perguntou sobre o que eu pensava enquanto fazia minhas corridas matinais.

"Penso em Cus, em algumas das coisas que ele me disse e em como ele estava certo sobre algumas coisas. E como ele não está mais aqui para me ajudar. E então penso em certas coisas e me dou conta de como isso costumava ser mais divertido. Não se tratava de dinheiro naquela época. Éramos todos uma família. Nós estávamos juntos, mas então ele morreu de repente e tudo virou dinheiro, dinheiro, e eu não tenho ninguém com quem conversar."

E então agarrei Izenberg, encostei minha cabeça no peito dele e comecei a chorar descontroladamente. Chorei tanto que Jerry teve de ir até o camarim e trocar de camisa.

Mas todas essas distrações me deixaram mais focado no ringue, onde eu podia escapar de toda aquela merda. Eu estava nocauteando os caras a torto e a direito durante as sessões de treino.

Pouco antes da luta, voltei ao meu normal. Disse para o repórter do *Boston Globe*: "Vou quebrar Spinks. Vou quebrar todo mundo. Quando luto com alguém, quero destruir sua confiança. Quero roubar sua virilidade. Quero arrancar seu coração e mostrá-lo a ele. As pessoas dizem que isso é coisa de primata, mas sou um animal. E pagam 500 dólares para me ver lutar. Sou um guerreiro. Se eu não gostasse de boxe, seria um criminoso. Essa é a minha natureza".

Acho que eu estava afetando Spinks com toda essa falação.

"Um pouco de terror na vida é bom", disse à imprensa no final da coletiva antes da luta.

Eu estava completamente confiante para a luta com Spinks. Mas eu ainda não tinha o merecido respeito das pessoas, que acompanhavam as conquistas de Spinks no boxe há mais tempo do que as minhas. Antes da luta, enquanto caminhava por Nova York ou Los Angeles, uns caras vinham falar comigo.

"O Spinks vai te nocautear, negão. Ele vai acabar contigo."

"Você tá drogado?", perguntava. "Só sendo extraterrestre para acreditar nessa merda."

Eram pessoas que me odiavam.

Ouvi falar que Roberto Durán queria vir para a luta, e isso me deixou muito animado. Eu disse a Don para dar a ele dois ingressos e pedir que viesse até meu vestiário para eu poder conhecê-lo. Ele fez melhor. Durán veio até meu quarto de hotel no dia da luta. Fiquei tão feliz por conhecer meu herói, que sabia que ia ganhar depois daquilo. Ele estava com seu amigo Luis de Cubas, que começou a me dar conselhos, tipo: "Assim que soar o gongo, vai lá e acaba com ele".

"Cala a porra da sua boca", disse Durán. "Deixa o tempo correr, garoto. Usa o seu jab. Fica atrás do seu jab."

Na noite da luta, o pessoal do Spinks tentou foder com a minha cabeça. Butch Lewis, seu empresário, veio observar minhas luvas sendo enfaixadas.

"Não, não, você precisa tirar essa luva e enfaixar de novo", disse Lewis, depois que Kevin acabara de enfaixar. "Tem uma saliência na faixa."

"Vou fazer porra nenhuma. Vai se foder", falei.

“Eu não tenho medo de você”, Lewis disse. “Reenfaixa essa luva.”

“Eu sou Deus, não preciso fazer nada”, repreendi, com desprezo.

“Bem, você vai fazer isso, Deus”, respondeu Lewis.

“Vai se foder”, completou Rooney.

Por fim, chamamos Larry Hazzard, o dirigente de boxe de New Jersey, e Eddie Futch, treinador do Spinks, e eles aprovaram o enfaixamento. Mas eu estava puto.

Spinks entrou primeiro no ringue. Resolvi mexer um pouco com a cabeça dele, e por isso entrei na arena com música fúnebre. Subi lentamente no ringue. Olhei para o público como se quisesse matá-los. Eu queria criar uma atmosfera sombria de medo. Eu estava 100% consciente do público enquanto me movia. Estava com uma ideia fixa de projetar essa imagem de assassino. Por outro lado, também queria criar identificação com o público. Comecei a fazer minhas projeções fora do corpo, visualizando essa identificação, assim, quando eu entrasse no ringue, levantaria os braços, e a plateia iria ao delírio. Aí, eu veria a energia do meu adversário ir pouco a pouco pelo ralo.

Na primeira fila, Robin fez Winston apresentar um processo judicial para Cayton. Ela estava com um vestido decotado vermelho chamativo e foi sentar ao lado de Don. É claro que ele ficou feliz quando ela contou do processo. Norman Mailer estava na luta. Ele escreveu uma coisa interessante depois: “Tyson parecia tenso, não assustado, não preocupado, mas com uma ponta de cansaço, como se ele ainda tivesse um problema a ser resolvido.” Norman estava certo, mas eu tinha mais de um problema.

Assim que entrei no ringue e olhei para Spinks, vi que tinha de bater nele. Ele não olhava para mim durante as instruções. Enquanto esperávamos o gongo tocar, Kevin me disse que ele tinha apostado uma bela quantia que eu iria nocautear Spinks no primeiro assalto. Quando o gongo soou, fui direto para cima dele. Persegui-o por um tempo e nós trocamos socos, e eu via que ele não conseguia me machucar, nem sentia os socos dele. Em cerca de um minuto, coloquei ele nas cordas, acertei um uppercut de esquerda e o derrubei com uma direita no corpo. Foi a primeira vez que Spinks

beijou a lona em toda a carreira. Eu sabia que a luta tinha acabado naquela hora, porque tinha passado a semana inteira derrubando todos os meus sparrings com socos no corpo. E ele caiu com um soco que nem achei tão bom assim. Mas ele levantou, cumpriu os oito segundos em pé, e nós continuamos. Três segundos depois, ele lançou um soco descontrolado, soltei um uppercut de direita, e tudo acabou. Voltei para o meu corner com as mãos esticadas, palmas para cima. Todos os grandes lutadores faziam aquilo, era um gesto que demonstrava humildade, mas na minha cabeça eu era o melhor.

Na coletiva depois da luta, eu disse que podia derrotar qualquer homem no mundo e que, pelo que via, aquela poderia ser minha última luta. Eu estava sendo sincero naquelas duas afirmações. Eu definitivamente não queria lutar de novo até ter tudo em ordem na minha vida. Até então, eu já sabia que tinha de me livrar das duas e de meu time de agentes. Precisava de um novo começo.

Tivemos uma festa, e todas as celebridades compareceram – Stallone, Bruce Willis, Brigitte Nielsen. Eu estava andando pela sala quando vi minha irmã Denise aguardando numa mesa. *Ah, não, é melhor eu sair rapidinho porque sei que eu vou passar vexame de um jeito ou de outro*, pensei. Tentei sair de fininho, mas então ouvi o vozeirão dela: "Mike!". Continuei andando, fingindo que não a conhecia. "Mike! Mike, seu filho da puta, é melhor você vir aqui agora." Voltei para a mesa. "Mike, pega uma Diet Coke para mim. Rapidinho!", falou.

"Sim, Niecey", concordei. Eu, às vezes, a chamava assim. Algumas coisas nunca mudavam.

Minha irmã era uma pessoa incrível. Estava sempre preocupada comigo. Ela provavelmente queria espancar Robin e Rude, mas eu não queria que ela fizesse aquilo. Niecey era uma mulher simples. Ficava muito feliz em conhecer celebridades como Oprah Winfrey e Natalie Cole. E adorava me fazer passar vexame na frente delas, como ao me mandar buscar uma Diet Coke.

Quando eu estava em Los Angeles, a minha irmã telefonava. "Oi, Mike, estou precisando de um colchão."

"Ok, mando alguém comprar um para você", respondia.

“Ora, não conheço essa gente. Mike, você tem de vir aqui comprar.”

Meu amigo Shorty Black tinha um boteco fuleiro no Queens que minha irmã achava o melhor lugar do mundo. “Vou no Shorty essa noite”, dizia.

Eu me oferecia para levá-la no Bentley’s ou no China Club, ou em qualquer uma dessas boates concorridas da cidade, mas ela estava satisfeita com o Shorty’s.

Eu tinha dedicado a luta contra Spinks a Jimmy Jacobs. Depois, fiz minha parada habitual no túmulo do Cus. Depois de toda defesa de título, eu ia lá com uma garrafa grande de champanhe e comemorava com Cus. Ele adorava champanhe. Rooney gostava de me encher o saco sobre isso.

“Para de ficar largando essa bosta de garrafa no túmulo do Cus”, dizia. Toda vez que via uma garrafa de Dom Pérignon perto do túmulo, ele sabia que era minha.

As coisas ficaram ainda mais loucas depois dessa luta. Cayton estava indignado por ter sido processado, mas ninguém na imprensa achou que foi errado Jim e Bill me tratarem como um bem. Se alguém foi traído, fui eu. Sem Jim, eu não ia querer Cayton como empresário de jeito nenhum. E, se Cus estivesse vivo, Cayton já teria sido chutado há muito tempo. Cus nunca gostou do Cayton porque ele tinha trabalhado com o pessoal do Conselho Mundial de Boxe, inimigos mortais do Cus.

Ruth e Robin tinham escolhido Donald Trump como consultor, para aconselhá-las, mas isso acabou se mostrando uma péssima ideia. Ele não era um cara do boxe. Não sabia nada sobre negociação de prêmios, direitos acessórios, direitos internacionais e contratos com a tevê. Havia gente demais fazendo dinheiro comigo para deixar aquelas picuinhas continuarem por muito mais tempo. Em julho, Bill renegociou seu contrato e diminui para 20% sua comissão de empresário e 16% em patrocínios e comerciais. Todo mundo tinha se acalmado, e um dos motivos era o fato de meu prêmio pela luta com Spinks ter sido garantido por ações judiciais. Assim, eu estava com meu cheque de 10 milhões de dólares e Bill com seus 5 milhões.

Todos me pressionavam para voltar ao ringue, mas eu não estava com a mínima pressa. Era para ter lutado com Frank Bruno em Londres, mas, na coletiva para anunciar o acordo com Cayton, deixei todo mundo chocado.

"Acho que vou deixar passar a luta com Bruno e tirar umas seis ou oito semanas para relaxar. Não estou com vontade de lutar agora", falei.

Àquela altura, eu estava passando mais e mais tempo com Don King. Eu tinha ido para Cleveland em maio e ficado na casa dele por alguns dias. Don me fez assinar um contrato promocional, mas fizemos disso um segredo até a luta com Spinks. Ele tinha manipulado todos nós perfeitamente.

Naquele mesmo ano, Don me levou para ver um *show* do Michael Jackson. Don conhecia Michael e seu pai por conta de umas promoções que havia feito com eles, e por isso me levou ao camarim depois do *show*. Eu tinha conhecido Joe Jackson numa das minhas lutas porque ele gostava de apostar. Estávamos no camarim, e Michael estava sozinho, parado num canto, esperando seu carro chegar. Ninguém podia chegar perto dele. Mas ele viu que eu estava rodeado de gente querendo um autógrafo. Eu queria apertar sua mão antes que ele entrasse no carro, então me aproximei.

"Como vai, senhor Jackson? É um prazer conhecê-lo", falei.

Ele parou por um segundo e deu uma olhada em mim.

"Eu te conheço de algum lugar, não conheço?", perguntou.

Ele estava zoando comigo aquela noite, pois sabia quem eu era. Mas não consegui ficar puto, achei aquilo lindo. Fiquei com muita vontade de zoar alguém assim também.

Quando Don King foi para Nova York, no dia 16 de agosto, ele lançou a bomba de que eu tinha assinado um contrato promocional exclusivo com ele. Bill ficou louco da vida e ameaçou me processar. A essa altura, as duas já estavam fora da jogada. Elas perderam a chance de tomar posse do meu negócio. Então, colocaram em ação o plano B: fazer que eu parecesse algum tipo de monstro e conseguir um divórcio bem lucrativo. Durante o verão, Robin ficou dando entrevistas, falando que eu era violento com ela. Mas, quando os repórteres pediam provas, não conseguiam acreditar nas acusações

imbecis dela. Não gosto muito de falar mal das pessoas, e quem sabe agora elas talvez tenham mudado, mas naquela época eram as víboras mais baixas da galáxia.

O plano seguinte das duas era me internar em uma clínica psiquiátrica para que pudessem controlar minhas finanças. Rude continuou insistindo que eu visitasse um psiquiatra que ela conhecia, o dr. Henry McCurtis. Recusei. Então telefonaram para McCurtis e fizeram que ele prescrevesse lítio e Amplictil para mim. McCurtis disse a elas que eu estava sofrendo de depressão maníaca. Rude encarregou seu irmão Michael de me dar os medicamentos, mas ele achava que era bobagem. Primeiro, me dizia: "Mike, você quer tomar isso?". Depois passou a dizer: "Mike, não toma esses remédios, não. Eu não tomaria". Então, Ruth tentou convencer meu amigo Rory a cuidar para que eu tomasse meus medicamentos. Rude ligava todos os dias para ter certeza de que eu tinha tomado. Rory estava pouco se fodendo e, quando disse a Ruth que estávamos sem comprimidos, ela garantiu que ia enviar o mais rápido possível por FedEx.

Eu estava tomando álcool, e não comprimidos, quando me envolvi numa briga de rua com Mitch Green. Desde que eu o tinha derrotado, ele foi derrapando. Foi pego com drogas e preso por se recusar a pagar pedágio em pontes e por ter assaltado um posto de gasolina. O negão foi acusado de ter rendido o posto, amarrado o frentista, colocado o sujeito embaixo da caixa registradora e então recolhido o dinheiro dos clientes que vinham abastecer.

Eu estava numa balada no final de agosto, quando resolvi passar no Dapper Dan para pegar umas roupas que estavam fazendo para mim. Era uma jaqueta branca com a frase DON'T BELIEVE THE HYPE, nome de uma música do Public Enemy, nas costas. Também havia uns calções curtos, tipo Daisy Duke, de couro branco para combinar. Eu estava em forma na época e queria mostrar minhas pernas musculosas. Todo artista de *hip hop* e traficante estava comprando roupas do Dapper na época, e eles ficavam abertos até tarde. Então, fui lá e fiquei até as 4 da manhã. Não sou um cara do *hip hop* ou das drogas, mas sou um cara da rua, e todos ficávamos curtindo no Dapper Dan.

Comprar futilidades sempre me deixava feliz, eu me sentia bem. Mas meu humor foi radicalmente alterado quando aquele filho da puta do Mitch Green entrou escandalosamente na loja, sem camisa.

"Que porra tá fazendo aqui, sua bichona? Você e sua namorada Don King me foderam naquela luta. São tudo umas bichonas", começou a provocar. "Olha como você fala! É uma bichona!"

Eu estava vivendo naquela merda de "Ei, rapazeada" do mundo dos brancos e, ao mesmo tempo, ainda tentando conseguir patrocínio de grandes empresas, mas lá no fundo eu era um assassino sedento de sangue. Resolvi tentar e apelar para meu lado judeu retórico, que adquiri de homens de negócios como Jimmy Jacobs.

"Vamos, Mitch, pense no que está fazendo. Não acho que esse essas atitudes vão ser vantajosas para você a longo prazo, para a sua saúde. Você deve estar lembrado de que derrotei você quando nos encontramos no ringue", falei. "Sai daqui, agora."

"Você não me derrotou!", gritou. "Eu não tinha comida. Aquele filho da puta do Don King não me deu comida nenhuma."

Eu não queria continuar discutindo com ele porque realmente não queria matar aquele idiota. Aí peguei minhas roupas e me virei para ir embora. Eu já estava na calçada, mas aquele negão maluco me seguiu até lá, ainda reclamando e delirando. Então, tive uma luz. *Eu sou Mike Tyson, o campeão mundial absoluto dos pesos-pesados. Não tenho de engolir essas merdas*.

Ele pulou no meu pescoço e começou a se agarrar em mim. Olhei para baixo e percebi que ele tinha rasgado o bolso da minha camisa. Foi o limite. Mandei um murro no olho direito dele. Eu estava muito bêbado e não percebi que ele estava drogado com pó de anjo e que não conseguiria, portanto, revidar. Era como lutar com uma criança de 10 anos. Eu o arrastava pela rua e ele gritava. Ele lutou melhor no ringue do que naquela noite.

Eu estava socando e esmagando aquele cara, e ele estava cambaleando e oscilando de um lado para o outro como se fosse cair, mas não caía. Então, dei uma de Bruce Lee em *Operação Dragão*: lancei um chute giratório na sua bunda, e ele caiu. Meu

amigo Tom, que costumava me dar carona quando que eu ficava bêbado, tentou me afastar.

“Ô, Mike, acho que você matou esse negão”, falou.

“Bem, talvez ele não devesse ter mexido comigo”, eu disse. E, enquanto nos virávamos para voltar ao carro, o zumbi de *A noite dos mortos-vivos* aparece atrás de mim, como o Jason da porra de *Sexta-Feira 13*, e chuta as minhas bolas.

“Vai se foder, bichona!”

Aquilo não foi nada legal. Pulei no pescoço dele e comecei a socá-lo até o chão, e continuei batendo a cabeça dele no asfalto até ele ficar completamente apagado. Isso me deixou cansado, então voltei para o carro. Eu estava com um Corniche Rolls-Royce amarelo-canário. Valia uns 350 mil dólares em 1988. Entrei e esperei até o Tom pegar o volante.

“Vai logo, vamos cair fora daqui”, falei.

“Nem pensar, cara. Aquele negão maluco está embaixo da roda”, Tom disse.

Olhei para fora pela janela, e lá surgiu o Mitch de novo. Ele gritava, berrava e batia na janela. Então arrancou meu retrovisor. Devia valer umas 50 pilas. Aquilo me deixou puto para caralho.

Abri a porta, agarrei a cabeça dele e acertei nele meu soco clássico, o uppercut de direita. *Bum!* Mitch saiu voando no ar e caiu como uma boneca de pano, de cabeça. Qualquer um que tenha familiaridade com lutas de rua sabe que, quando sua cabeça bate no chão duas vezes, a primeira pancada derruba e a segunda acorda. Bem, Mitch bateu só uma vez, e uma coisa branca nojenta começou a sair de sua boca. Aí apareceu um bando de cafetões, putas e drogados, e todos fizeram: “Ooooooohhh”. Fiquei com medo. Achei mesmo que estivesse morto. Eu tinha arrebentado o osso ao redor de seu olho, quebrado seu nariz e algumas costelas, e um dos olhos ficaria fechado por um bom tempo, mas não me sentia satisfeito. Graças a Deus havia um grande público ali porque, senão, eu teria quebrado o pescoço do filho da puta e o matado. Não sou um bêbado legal.

Essa é a última vez que vou dar atenção a Mitch, pensei. Errado. Alguns dias depois, eu estava num encontro com uma africana

exótica gostosa chamada Egypt ou Somalia, ou algum país assim. Sabe, uma daquelas com turbantes e vestidos esvoaçantes? Estávamos almoçando em um café de rua que fazia você se sentir numa Paris Negra. Eu estava olhando para a rua e vi um cara enorme numa bicicleta de dez marchas.

Aquele não pode ser Mitch Green, porque eu sei que o filho da puta é um zumbi e não sai durante o dia, pensei comigo. Assim que ele ia virar na esquina, me viu e nossos olhares se cruzaram. Ah, merda! Ele virou a porra da bicicleta e foi até a garçonete, que mais parecia a Queen Latifah no filme *Febre da selva*.

"Aquele é o Mike Tyson?", perguntou.

"É, é o Mike Tyson", respondeu. "Ei, campeão", ela me gritou e apontou para Mitch. Me olhou como se dissesse: "Você cuida disso?".

Por que aquela garota fez aquilo? Por quê? Agora Mitch estava vindo até a minha mesa.

"Sua bichona. Você não acabou comigo. Você me deu um soco surpresa", disse.

"Ah, eu te bati uma vez e te fodi, amassei metade da sua cara, arrebentei seus dentes, quebrei suas costelas, e todas essas merdas com um soco só?"

Nós estávamos quase lutando de novo quando Egypt/Somalia colocou a mão sobre meu braço. Aquele que estava segurando a faca do bife. Eu não era vegano ainda.

"Fica tranquilo. Não entra nessa, cara. Você vale muito para nós. Isso é mais uma armadilha do homem branco. Você não vai cair nessa e acabar preso", falou.

Se eu já a tivesse comido, teria pulado e enfiado a faca naquele negão. Mas, como eu não tinha, deixei para lá e me livrei de Mitch. Ele voltou para sua bicicleta, mas fiquei sabendo que alguns amigos meus do bairro o seguiram e atiraram nele para assustá-lo. E não consegui nada com Egypt/Somalia.

Mas com certeza consegui um monte de publicidade por causa daquela luta. Tive de comparecer no tribunal no dia seguinte para responder às acusações por agressão simples, um delito leve. Além disso, eu tinha fraturado a mão naquele uppercut sem proteção, por

isso minha luta seguinte, com Bruno, foi adiada. Agora a mídia estava se voltando contra mim. Primeiro eles erguem e depois destroem você. O jogo é assim. Não importava se eu tinha sido agredido e desafiado por um cheirador de pó de anjo descontrolado. Todo mundo só queria saber por que eu estava no Harlem às 4 da matina. Estavam tentando voltar ao meu passado e caçar as merdas que fiz nos meus anos em Catskill, inventando histórias malucas sobre como episódios violentos foram abafados. Até meu brother Wally Matthews escreveu sobre mim no *Newsday*.

"Sendo campeão mundial absoluto dos pesos-pesados, milionário e um importante atleta que busca ser modelo para os jovens, especialmente jovens negros desprivilegiados, Tyson deveria pensar um pouco mais. É outra mancha em sua, cada vez mais suja, imagem pessoal."

Violento. Monstro. Antissocial. O que viria depois, paciente mental? Era exatamente isso que a dupla Robin e Rude queria. No dia 4 de setembro, eu estava em Catskill com Camille. Fazia tempo que não via Robin ou Rude, mas de tempos em tempos eu tomava as malditas pílulas que McCurtis prescrevera. Camille era contra, achava que aquilo me deixava dopado e introvertido. Eu meio que gostava daquela sensação de estar dopado, mas ela estava querendo muito uma segunda opinião médica. Enquanto eu estava por lá, Robin não parava de me ligar. "Por que você está aí? Por que não está com a gente?", essas merdas todas.

"Vai se foder, não quero mais falar com você. Quero o divórcio. Quero me matar", respondi um dia e desliguei. Eu estava muito mal e entrei no carro para ir até a cidade pegar umas coisas. Tinha chovido muito, e o acesso dos carros, que era de terra, estava todo enlameado. Para pegar a via principal era preciso dirigir uns 15 metros nesse caminho de acesso, fazendo uma curva de dez graus. Liguei meu belo BMW e acelerei, mas as rodas ficaram patinando na lama, assim acelerei mais ainda e o carro derrapou, indo na direção de uma árvore grande. Eu tinha originalmente planejado acertar a árvore para chamar atenção, mas nunca quis me matar de verdade. Sabia que o carro me protegeria. Minha cabeça bateu no volante, e, quando retomei a consciência, Camille estava sobre mim, me

estapeando e tentando fazer respiração boca a boca para me reanimar.

Ah, ótimo, meu teatrinho de "tentativa de suicídio" se virou contra mim. Eu não queria morrer nem me machucar, só queria atenção. Ainda amava Robin e queria que ela se sentisse mal por toda a dor que me causou. Até aquele momento, eu tinha a mentalidade de um viciado. Eu tomava o veneno e esperava meu inimigo morrer.

Como eu tinha perdido a consciência por um tempo, Camille chamou uma ambulância e me levaram para o hospital local de Catskill. Alguém deve ter ligado para Robin porque, um dia, no leito do hospital, comendo a comida chinesa que Jay me levava, Robin entrou correndo, seguida de uma equipe de cinegrafistas e outra ambulância. Ela ia me salvar – em tempo para o noticiário das 5.

"Viu que merda me fez fazer?", falei para ela, com desdém.

Os médicos disseram que eu tinha uma contusão no peito e traumatismo craniano, e assim fui transferido para o Hospital Presbiteriano de Nova York, no centro da cidade. É claro, Robin estava sempre na porra do meu lado, tentando dramaticamente afastar os fotógrafos, mas ficando no centro do enquadramento de suas câmeras. Quando cheguei ao hospital, Robin e sua mãe já tinham dado para a gerência uma lista de visitantes previamente aprovada, em que constavam Donald e Ivana Trump, Howard Rubenstein, o relações públicas, além dos advogados delas. Não eram exatamente meus amigos, mas meus amigos não iriam mesmo, até porque eu estava com as "Duas Terríveis".

No entanto, recebi uma visita inconveniente. Minha janela estava aberta, e ouvi um tumulto lá embaixo na calçada. Dei uma olhada e não consegui acreditar. Era a porra do Mitch Green, cercado pela mídia. Mitch estava sem camisa, boxeando no ar e gritando: "A princesa Tyson é uma bichona! Eu vou arrebentar a cara desse filho da puta". Eu não conseguia escapar daquele doido. Se existiu um negro parecido com o monstro de Frankenstein, esse era Mitch Green.

Só fui entender por que o cara de R. P. estava na minha lista de visitantes aprovados quando peguei o *Daily News* no dia seguinte.

Havia uma matéria grande de um repórter chamado McAlary, um rapaz que eu não conhecia, não era do boxe. Ele disse que meu acidente tinha sido uma tentativa séria de suicídio.

"Vou sair e me matar. Vou sair e bater o carro", ele afirmou que eu disse a Robin. Então, escreveu que uma semana antes do acidente eu ameaçara matar Robin. "Amigos" anônimos eram citados falando que eu comprei dois revólveres em Catskill para me matar. Givens aparecia preocupada na minha cabeceira enquanto eu dizia: "Sim, eu disse que ia fazer isso. E, assim que eu sair daqui, vou fazer de novo". McAlary escreveu que as duas estavam implorando para que eu fosse ver o dr. McCurtis, e "fontes afirmaram que McCurtis queria submeter Tyson a uma avaliação psiquiátrica".

BINGO. Não precisava ser aluno de medicina em Harvard para perceber que aquelas duas mulheres estavam tramando uma história de que eu era um psicopata fora de controle que deveria ser internado e que minha fortuna deveria ficar sob o controle delas.

McAlary ainda disse que eu estive doente todos esses anos e que antes eu tomava medicamentos, mas Cus os cortou porque ele só se importava em me ver lutar. Mentira pura. McAlary escreveu que apenas Trump, Rubenstein e Parcher, o advogado delas, entendiam de fato as minhas necessidades e estavam bem mais interessados no meu bem-estar do que na luta seguinte. A turminha de Robin deve ter vazado essa informação para os jornais. E Rude deve ter desenterrado aquelas merdas de que eu sabia bater em Robin sem deixar marcas, porque estava lá no artigo. É, sou um sofisticado Fu Manchu negro. Então eu, Mike Tyson, sabia como bater nas pessoas sem deixar marcas. Isso, claro, quando toda a minha carreira foi construída em cima de moer ossos. Quanto mais eu lia aquele artigo, mais percebia que as "Duas Rudes" estavam por trás de tudo. Acho que estavam tentando inventar um documento de divórcio, por crueldade mental, antes de mim.

McCurtis ficava ligando para Camille em casa, insistindo que ela me fizesse tomar os remédios. Alguns dias depois, voei para Moscou com Robin, a mãe e seu R. P., porque o *sitcom* dela ia ser filmado lá. Eu era fascinado pela história da Rússia, então decidi viajar para lá. Eu costumava ouvir Cus e Norman Mailer falar sobre Tolstói, assim

virei um grande admirador da cultura russa e de seus maiores lutadores.

Antes de sairmos, tivemos de responder algumas perguntas aos repórteres. Ridicularizei a história da tentativa de suicídio.

"Amo minha esposa, não bato nela, nunca vou deixá-la, e ela nunca mais vai me deixar." Eu estava no meu modo El Imbecil.

"Ninguém, mas ninguém vai acabar com nosso casamento", disse Robin. "Ainda estou nessa, amo Michael e vou cuidar dele. Michael me ama demais para se matar e me deixar sozinha."

É, ela ficaria nessa até conseguir sua grana.

Quando voltamos de Moscou, todas aquelas histórias de eu estar fora de controle começaram a vazar para a imprensa. Diziam que eu corria pelo hotel gritando e me pendurava numa prateleira alta, ameaçando me matar. Acho que eles esqueceram que estávamos na Rússia e que os policiais russos teriam quebrado minha cara se eu fizesse qualquer coisa de tipo. As duas bem que tentaram fazer que eu fosse preso na Rússia, mas não funcionou. Estávamos no saguão do hotel, e Robin e sua mãe começaram a gritar e a dizer para o segurança me prender. Ele veio até onde eu estava.

"Vem cá", ele me disse. "Não esquenta. Essas duas são lixo."

Ele puxou uma garrafa de vodca, e nós bebemos juntos.

Quando os repórteres americanos foram checar as histórias malucas de Robin, entrevistaram um dos produtores do seriado dela, e ele disse: "Mike foi um perfeito cavalheiro na Rússia".

Uma maquiadora do programa disse para uma amiga que as histórias sobre eu bater em Robin eram uma grande piada.

"Li todos os jornais que tinham declarações de Robin dizendo quanto ele a espanca. Faço maquiagem nela, eu a vejo. Não tem machucados nessa garota. Só não entendo como ela está se safando dessa história toda."

Alguns dias depois de termos voltado da Rússia, Ruth e Robin finalmente me arrastaram para o consultório do dr. McCurtis. Depois de mais ou menos uma hora com ele me dizendo quanto eu estava doente, comecei a acreditar. Ele tinha os diplomas na parede. Se eu lhe dissesse que ele era um lutador de bosta, ele iria me enfrentar? Agora eles me faziam acreditar que eu era maníaco-

depressivo. Era isso que ele ficava martelando. Olha, sempre soube que eu era um cara meio deprê, e às vezes minha fase maníaca era tão forte, que ficava acordado durante dias. Sempre fui assim, desde que nasci. Então me convenceram a tomar medicamentos e, em seguida, me expuseram para as câmeras.

"Nasci com essa doença, não consigo evitar. Talvez seja por isso que sou bem-sucedido no que faço. É como passar por uma metamorfose, mudando de muito, muito deprimido para muito, muito agitado, sendo que a fase de agitação é intensa demais. Sabe, sou contra drogas, mas é como ficar chapado e não conseguir dormir durante três ou quatro dias, ficando o tempo todo alucinado. Você não passa de um paranoico, é anormal", eu disse.

"Faz anos que ele está assim, e as pessoas têm ignorado isso até agora", interrompeu Robin. "Michael precisa de cuidados. Não dá para colocar um simples *band-aid* nisso. Pouco importa se ele vai lutar de novo, esse cara tem de viver o que lhe resta. Nós vamos fazer o tratamento juntos."

Agora que eu era um zumbi de novo, tomando aquelas pílulas, as "Duas Rudes", decidiram que Camille tinha de sair da história. Depois que Jimmy morreu, comecei a pagar as contas de Camille. Mas tanto Ruth quanto Robin foram dizer para ela que, como eu ia pagar todas as contas da casa, a casa deveria ser colocada no meu nome. Quando as duas me disseram isso, fiquei louco da vida. "Você tá louca, sua puta?", perguntei a Robin. No dia seguinte, Robin chamou Camille de novo e mandou que ela ficasse fora da minha vida. Eu não soube disso na época.

Todo mundo me pergunta sobre aquele infame programa *20/20*. Barbara Walters até recentemente ficava preocupada, pensando que foi ela quem acabou com nosso casamento. Se isso fosse verdade, eu queria que ela tivesse me entrevistado antes. O engraçado sobre esse programa é que descobri recentemente que não era para Robin aparecer nele. Havia uma sequência com Cayton, filmada no escritório dele. Em seguida, a equipe do programa veio até nossa casa para filmar a mim e as Rudes, separadamente. Quando a equipe estava para ir embora, Robin puxou Barbara no canto e lhe disse que ela, Robin, ainda não tinha dito a verdade.

Acho que Robin sabia que Barbara iria morder a isca.

Eu não fazia a mínima ideia do que ela iria dizer quando me colocaram atrás dela no sofá. Religaram as câmeras. Começou de forma inocente.

“Você tem diploma de nível superior, tem boa cultura, é atriz. Esse é um homem que largou o colegial e que foi para o reformatório. Vocês são muito diferentes, pelo menos na superfície. Por que você o ama?”, perguntou Barbara a Robin.

“Porque ele é inteligente, é gentil, ele tem esse lado incrivelmente gentil. Porque Michael me ama mais do que tudo no mundo. Sinto que ele precisa de mim, o que acho muito bom, eu gosto disso”, respondeu.

“É por isso que eu a amo, ela realmente acha que pode me proteger”, acrescentei. Dava para ouvir Cus gritando: “Desgraçado, falso!”.

“Não houve nenhum acordo pré-nupcial?”, perguntou Barbara.

“Por que deveria?”, retrucou Robin. “Nós nos casamos para ficarmos juntos para sempre. Sem nenhum plano de divórcio.”

Então Barbara me perguntou o que eu achava do que Robin tinha dito.

“Se você vai casar com alguém, você acredita na pessoa e é isso que é casamento, estar junto para o resto da vida. Tenho muitos milhões, minha esposa só precisa pedir, que ela tem tudo o que tenho. Se ela quiser agora mesmo, leve, ela pode ir embora agora, levar tudo o que tenho e simplesmente ir. Ela tem o direito de fazer isso; ela tem o poder de fazer isso. Ela ainda está aqui, ela tolera minhas merdas, e eu amo minha esposa.”

Então a temperatura mudou.

“Robin, algumas das coisas que nós lemos; que ele bate em você, que ele correu atrás de você e de sua mãe lá na Rússia. Que Mike tem um temperamento bem volátil. É verdade?”, perguntou Barbara.

“Temperamento extremamente volátil. Ele tem um lado assustador. Michael é intimidador, para dizer o mínimo. Acho que já faz um tempo que ele não consegue controlar o temperamento, e isso é assustador para mim, ou para minha mãe e para qualquer um ao redor, é assustador.”

Eu não estava usando drogas, mas me sentia como se estivesse.

"E o que acontece?", insistiu Barbara.

"Ele fica fora do controle, jogando coisas, gritando…"

"Ele bate em você?"

"Ele sacode, empurra e ameaça. Às vezes, acho que está tentando me assustar. Houve momentos em que eu sentia que poderia lidar com isso, e só recentemente fiquei com medo. Digo: com muito, muito medo. Michael é um maníaco-depressivo, ele é sim, e isso é um fato."

Conseguem me imaginar sentado lá, ouvindo minha esposa falando esse monte de merda, sabendo que milhões de pessoas iriam assistir? Dizer que nosso casamento foi "tortura, um inferno total, foi pior do que qualquer coisa que eu poderia imaginar". Eu estava furioso, mas tentei manter a calma. Aquela foi a traição final.

"Não sei o que Mike Tyson faria sem minha mãe. Ela foi a cola que nos manteve unidos", continuou Robin. "Se nós deixássemos Michael, eu sairia com o pacote, minha mãe, minha irmã, é assim que eu sou, ele sem dúvida ficaria sozinho, e não quero que isso aconteça. Ele ficaria tão, tão mal que acho que um dia ele poderia deliberadamente se matar ou machucar alguém. Isso com certeza aconteceria."

Eu não sabia o que dizer. Nunca tinha enfrentado nada daquela magnitude antes. Quando olho para trás, agora, não acredito que fiquei sentado lá sem dizer nada. Mas, então, se eu tivesse começado a esmurrar a porra da cara dela e perder o controle na frente das câmeras, era isso o que elas queriam. Então fiquei calmo. Sei que elas esperavam que eu fosse ficar louco na televisão e começariam a detonar comigo. Esse era o plano, acho. Mas se voltou contra elas.

Meus amigos estavam indignados com o que Robin fez comigo no programa. Eu estava recebendo centenas de ligações furiosas. Alguns dias depois, ainda me sentia bravo. Robin, Ruth e eu estávamos na casa de New Jersey, quando fiquei tão irritado que comecei a quebrar copos e pratos e jogar e destruir garrafas de champanhe. Olga estava lá e telefonou para a polícia. A polícia veio, e eu os recebi na entrada. Fui educado e disse que estava tudo bem, que só queria que me deixassem em paz. Aí os policiais se

dividiram: um ficou comigo, e o outro, com Robin. Ela mostrou a ele o estrago na cozinha. O policial que estava comigo disse que Robin estava preocupada comigo por causa do estrago que eu tinha feito na cozinha.

"Eu sou o dono dessa casa e de tudo aqui dentro", comecei a berrar. "Posso fazer o que quiser com minha propriedade. Se eu quiser quebrar alguma coisa, ninguém pode me impedir." Então peguei um enfeite de latão da lareira e joguei pela janela de vidro perto da porta de entrada. Logo depois, o amigo delas, McCurtis, ligou.

"Você quer falar com seu médico?", perguntou o policial.

Eu o ignorei e fui andando para o quarto ao lado. O bom doutor disse ao policial que Robin e a turminha dela deveriam sair da casa e que eu deveria ser internado para um exame psiquiátrico. Os policiais reuniram as mulheres e foram para a garagem pegar o carro delas, para que Robin pudesse ir até a delegacia prestar queixa. Corri para a garagem.

"Vão todos à merda. Vocês são todos lixo. Saiam da minha casa e vão se foder", gritei. Então entrei no meu Rolls-Royce e comecei a dirigir através de uma mata fechada que existia atrás de casa. Eu dirigia por uma estrada que não era nem pavimentada. Só queria ficar longe daquela gente.

No dia seguinte, Robin e a mãe foram para Los Angeles. Meu amigo Mark Breland, o boxeador, queria que eu fizesse as pazes com Bill Cayton e apertasse sua mão. Shelly Finkel e Cayton tinham feito uma lavagem cerebral em Mark. Disseram para ele que eu estava muito fodido, e o convenceram a vir falar comigo. Nós fomos lá, e Cayton estava muito preocupado com meu rótulo de maníaco-depressivo, então ele agendou uma consulta com o dr. Abraham Halpern, o diretor psiquiátrico do New York United Hospital Medical Center, em Port Chester, um dos melhores psiquiatras do mundo.

Halpern me examinou durante uma hora. Então, ligou e falou com Camille, Steve Lott e Bill Cayton. Ele tinha certeza de que eu não sofria de depressão maníaca. Tentou ligar para as duas Rudes, mas elas tinham desligado o telefone. Quando Halpern ligou para

McCurtis para ver por que ele tinha me diagnosticado como maníaco-depressivo, McCurtis começou a dar para trás. Disse que eu não era completamente maníaco-depressivo, era só um distúrbio de humor, algo que chamava de “síndrome do boxeador”. Essa era nova até para Freud.

Eu estava aliviado que um psiquiatra muito mais reconhecido tinha tirado todas as dúvidas sobre depressão maníaca, mas eu me perguntava por que Bill disse a Mark que estava ansioso para me ver. Ele realmente não tinha nada a dizer. Fui lá na esperança de que alguma coisa importante iria acontecer; então cheguei lá, e ele foi muito ambíguo quanto ao que queria me dizer. Meu relacionamento com Bill estava acabado.

Quando a tempestade acalmou, lá estava Don, em pé. Eu não tinha ilusões quanto a ele. Quando Robin costumava me perguntar sobre Don, eu dizia: “Olha, sei como controlar uma cobra. Esse cara é uma cobra, mas sei controlar uma cobra”. Don tinha seus pontos positivos. Desde que as mulheres foram para a costa oeste, Don me levou em cada um dos bancos e corretoras. Conseguiu que tirassem o nome de Robin de todas as contas e voltassem para o meu nome. Eram 15 milhões de dólares ali. Nós chegamos lá bem na hora de bloquear o pagamento de um cheque de 581.812,60 dólares que Robin tinha acabado de fazer para a Robin Givens Produções.

O pessoal do banco odiava tanto aquelas duas, que ficaram felizes em nos ajudar. Estávamos comemorando com o presidente do banco e todos os empregados – estourando champanhe e pedindo pizza. “Essas vacas que se danem”, nós todos gritamos e viramos o espumante.

7

PARA ROBIN E SUA mãe, a participação no programa *20/20* acabou sendo um tiro pela culatra. Depois que nos separamos, fui a um *show* de luta livre em Chicago e, quando entrei e me sentei, a plateia me aplaudiu de pé. As pessoas vinham me falar que achavam uma merda o que as duas tinham feito contra mim no programa da Barbara Walters. Também existia um caminhão de bocetas querendo demonstrar compaixão. Mulheres vinham me dizer: "Ai, nossa, não consigo acreditar nas coisas horríveis que aquela mulher fez para você. Por favor, me deixa te abraçar, chupar seu pau, me deixa cuidar de você". Eu respondia: "Não, senhorita, está tudo bem, não precisa, não. Está bem, está bem, senhorita, mas só uma chupadinha, não mais que isso". Aquele foi um ano totalmente maluco.

Fiquei muito traumatizado com aquela relação. Eram umas vacas interesseiras. Foi meu primeiro relacionamento, e eu só queria apagá-lo. O amor deixa uma ferida no coração, forma uma cicatriz feia, mas é preciso aproveitar a chance para crescer como ser humano. A vida é exatamente isso. E sempre havia os jornais para desabafar. Um cara do *Chicago Sun-Times* me perguntou sobre Robin e a mãe dela.

"Elas usam os negros, mas não gostam deles nem os respeitam. A maneira como falam deles, dá até para imaginar que estamos morando com a Ku Klux Klan", disse. "Elas achavam que eram da realeza. Ela e a mãe queriam muito ser brancas, é uma vergonha. E as duas ficavam tentando me afastar dos meus amigos de infância e me jogar naquele mundinho da *high society* delas."

A minha vida estava mudando em todas as frentes. Bill, tecnicamente, ainda era meu empresário, mas ele já era carta fora do baralho. Talvez as coisas tivessem corrido de modo diferente se

Jimmy estivesse vivo. Depois que ele morreu, ninguém mais conseguiu me impedir de fazer o que me desse na telha. Hoje, olhando para trás, vejo que Jimmy e Bill não eram pessoas más. Eles eram empresários, além de serem mais experientes do que eu. Mas, naquela época, eu estava com um monte de problemas para resolver, e eles bem que se aproveitaram disso. Eles eram malucos por controle. Mas, conforme fui amadurecendo, passei a querer minha libertação, queria fazer as coisas por conta própria. Não importava se eu ia conseguir ou não, só queria fazer as coisas do meu jeito.

E foi aí que me envolvi com aquele outro merda, Don King. Don é um cuzão desprezível, uma cobra rastejante. Ele, que deveria ser meu irmão negro, no final das contas, era só um desgraçado. Ele, que deveria ser meu mentor, só pensava em dinheiro. Era ganancioso demais. Eu achava que conseguiria lidar com alguém como King, mas ele me passou a perna. Aquele cara realmente me tirou do prumo.

Conheci Don por meio de Jimmy e Cayton. Por isso, se me envolvi com Don, em grande parte é por culpa deles. Pensando bem, Jimmy e aqueles caras deixaram que Don percebesse o ponto fraco deles em relação a mim. Eles trouxeram Don para o nosso negócio, e ele viu uma brecha. Sem querer ser prepotente, o negócio Tyson era grande demais para Jimmy e Bill; talvez até mesmo para Cus. Eles nunca tinham visto nada parecido comigo. Nunca antes na história do boxe alguém tinha ganhado aquela dinheirama toda num período tão curto de tempo. Não sei como Cus teria lidado com aquilo tudo. Eu era como uma puta muito gostosa e bonita, que todo mundo queria comer… Sabem o que estou dizendo, né? Foi assim que Don se aproximou de mim. Mas, se não fosse ele, teria sido Bob Arum ou qualquer outro.

Antes, quando Cus e Jim ainda estavam vivos, eu não me importava com essa gente. Depois, passei a pensar: *Quem me oferecer a maior bolsa, o que eu quiser, é com ele que eu vou.* Isso se tornou um jogo para mim. Todo mundo estava pensando em si mesmo, então também achei que deveria fazer a mesma coisa. Como todos meus amigos de infância estavam morrendo ou já tinham morrido mesmo,

resolvi me divertir um pouco. Não achava que ia viver muito. Eu era irritadinho demais. Bastava me pegar de mau humor para correr o risco de levar um tiro. Eu estava levando uma vida de fantasias, indo de um país para outro e dormindo com lindas mulheres desconhecidas. E eu estava começando a pagar o preço disso.

Don me dava liberdade para fazer o que eu queria. Ele cuidava das coisas e fazia acordos pelas minhas costas, mas eu não era a puta dele. Ele era um cara muito esperto, fazendo que eu acreditasse que éramos nós dois contra o mundo. "Homem negro, homem branco, homem negro, homem branco." Ele sempre estava jogando merda, dizendo que os cuzões brancos não eram bons, que estavam apenas querendo nos matar. E acabei acreditando em algumas merdas que ele falava. Levei aquilo a sério. Ele me contaminou.

Qualquer um que visse Don, com seu cabelo, sua boca imensa e seu estilo extravagante do gueto, logo percebia que ele era um doente filho da puta. Mas eu estava confuso naquela época. Brincadeiras à parte, se Cus estivesse vivo, ele teria se juntado a King para promover a minha carreira. Cus odiava Bob Arum, o rival de King. Não sei por quê. Eu não achava Arum pior que Don, mas Cus me dizia: "Ninguém pode ser pior que Arum".

Recebi um monte de críticas por trabalhar com Don. Uma noite, eu estava com meu amigo Brian Hamill na Columbus. De Niro estava lá, numa mesa, nós estávamos perto dele, e Brian bradava comigo por eu ter assinado um contrato com King.

"Que caralho você está querendo ao se envolver com Don King?", ele praticamente gritava. Brian não estava falando para De Niro, mas ele conseguia ouvir tudinho.

"Sabe quantos lutadores negros ele já roubou? Você conhece o histórico."

"Brian, tenho tanto dinheiro, que não dou a mínima…", falei.

E não me importava mesmo. Não sabia quanto tempo ia durar aquela aventura. Eu apenas vivia um dia de cada vez. Mas o fato é que eu adorava ser campeão e sentia que ninguém era mais apto para aquilo do que eu. Eu destruiria qualquer coisa que aparecesse no meu caminho. Quem quer que tivesse a mesma profissão e o mesmo peso estaria morto. Minha única tarefa era machucar

pessoas. Jim e Bill tentaram me desacelerar, mas Don gostava disso. Assim, quando comecei a andar com ele, *bum!*, o público passou a me ver de outra maneira. Agora eu era um cara mau.

Em outubro de 1988, fui com Don até a Venezuela para a convenção da Associação Mundial de Boxe, ou WBA. De lá, voamos até o México para o batizado do filho do Julio Chavez. Essa viagem foi uma verdadeira revelação para mim. A gente estava num passeio pelas pirâmides, quando um garotinho se aproximou pedindo dinheiro. Nossos guias disseram: "Não, Mike, não dê dinheiro a eles". Mas como não dar? Cem dólares não eram nada para mim, mas significavam muito para o garoto. Dei o dinheiro, e ele ficou muito agradecido. Pensei: *Uau, esse é um bom garoto*. Fiz um afago em seu cabelo, que estava duro como pedra. Aparentemente, fazia anos que ele não lavava o cabelo. Ele podia até machucar alguém com aquele cabelo. Daí, fomos até Culiacán, e vi mais crianças mendigando. Comprei umas roupas para um desses meninos e, quando vi, ele tinha trazido mais três amigos e, pouco depois, mais 20 primos estavam ao meu redor pedindo roupas. Foi por isso que gostei daquele garoto, ele não pensava só em si; sempre trazia amigos e parentes, e todas as vezes eu comprava coisas para eles.

Foi como no Brooklyn, quando comprei tênis para aqueles meninos de rua. Eu tinha muito dinheiro, e as roupas que comprei para os garotos mexicanos eram muito baratas. Eu sabia que, se não gastasse dinheiro com eles, meu destino seria o inferno. Quando saí de lá, havia um grupo de mais de 50 crianças bem-vestidas.

Antes de ir para o México, sentia um peso muito grande nos ombros. Nunca tinha conhecido ninguém mais pobre que eu. Não conseguia imaginar ninguém que fosse mais pobre do que eu tinha sido. Fiquei pasmo com a pobreza no México. Na verdade, fiquei louco da vida com eles por serem mais pobres que eu quando criança, porque não conseguia mais sentir pena de mim. Acima de tudo, meu sucesso surgiu da minha vergonha de ser pobre. A vergonha de ser pobre era a maior dor da minha vida.

Muitos problemas meus surgiram de eu achar que não merecia porra nenhuma depois de ter crescido no meio da pobreza. Cus sempre tentava me fazer transcender, me separar de meu ego, me

distanciar de minha própria mente. Mas era difícil. Eu merecia aquele carro, merecia aquela mansão, merecia aquela puta desgraçada. Quando comecei a andar com Don, senti necessidade de ter carros *top* de linha… coleções deles. Eu adquiri as melhores Lamborghinis, e um Hummer blindado que tinha sido de um príncipe saudita. Eu ia para Bristol, até a fábrica da Rolls-Royce, onde projetavam um carro sob medida para mim.

Cus não teria aprovado nada disso. Se um cara tinha um conversível, Cus já achava que ele era um porco egoísta. Eu via um carro bacana e dizia: "Caramba, que carro legal, Cus".

"Que nada, esse cara é um egoísta", ele dizia.

"Por que egoísta?", eu perguntava.

"Ele anda num carro de dois lugares para não ter de levar ninguém além dele e suas namoradas."

Cus tinha um furgão meio velho onde cabiam 12 pessoas. Ele era assim.

Daria para a gente fazer um belo *reality show* em 1988. Vou dizer uma coisa, com toda modéstia: fui eu quem começou com essa coisa de visual de ostentação, com minhas limusines alongadas e personalizadas e minha coleção de Rolls e Lamborghinis. P. Diddy e a rapaziada faziam uma força danada para ocupar nosso espaço, mas a gente que dava o tom. Iniciei as tendências que foram seguidas pelos atuais magnatas do *hip hop*. Fui o primeiro a comprar Rolls-Royces e Ferraris. Em 1985, que outro cara negro de vinte e poucos anos podia comprar esse tipo de carro… legalmente? E eu não tinha apenas um, não. Tinha uma frota deles. Aqueles astros promissores do *hip hop* costumavam dar festas depois das lutas. Eles nem sabiam o que era um Bentley. Achavam que era carro de velho. E, já nos anos 1980, eu reformava esses carros e enfiava Gucci e frigobar neles. Até cheguei a colocar uma banheira numa das minhas limusines. Sei que fui o primeiro a colocar um aparelho de fax num carro.

"Negócio fechado. Ok, nós estamos no carro. Mande por fax para mim."

A gente costumava comprar joias que custavam 2, 3 milhões de dólares. Eu presenteava uma garota com uma joia de um 1,5 milhão.

Depois das lutas, minha equipe saía com casacos de pele e Rolls-Royces alongados. Quando comprei aquela casa em Bernardsville, New Jersey, convidei meu amigo Eric Brow, que todos chamavam de EB, dizendo: “Ninguém tem meu estilo”. Todo mundo sentia inveja de mim porque eu costumava esfregar meu dinheiro na cara deles, ainda que eu compartilhasse. Se eu comia, todo mundo ao meu redor comia. Mas, ainda assim, tinham inveja. Em todas as minhas casas, tudo era Versace: a mobília, as paredes, os edredons, os lençóis, as toalhas, os cinzeiros, os copos e os pratos.

Conheci Versace através de uma jornalista italiana que veio me entrevistar em Catskill. Ela era uma mulher muito atraente, alguns anos mais velha do que eu, e nós fomos para cima e fizemos sexo – foi quando vi que a calcinha dela era da Versace.

“Sou modelo da marca”, ela me disse. “Posso arranjar a roupa que você quiser. Eu te apresento para ele.”

Versace era o melhor. Ele se dispunha a me enviar as roupas, mas eu era muito impaciente.

“Se você esperar, mando tudo de graça”, ele dizia.

“Me manda o que você puder, e eu compro o que eu puder, beleza?”, eu respondia.

Eu vivia uma fantasia. Ia para Paris ou Londres comprar roupas, e os vendedores saíam correndo das lojas.

“Campeão! Campeão!”, gritavam, tentando me atrair para dentro. Eu pegava o Concorde para encontrar uma garota, a gente caminhava pelas ruas, e a cidade toda parava. Precisavam, literalmente, nos arrastar para suas lojas, éramos muito assediados.

Em Las Vegas era pior. Eu ia até a loja da Versace no Caesars, e tinham de fechar o shopping. Eu cintilava com toda aquela atenção. Olhava as roupas e nem me passava pela cabeça dizer “Muito obrigado”, apenas encarava as pessoas na loja com uma expressão séria. Nem me preocupava em experimentar as roupas nos provadores. Simplesmente ficava de cueca no meio da loja. Ficava quase pelado na época, e centenas de pessoas ficavam me vendo experimentar roupas através dos vidros da loja. Via na multidão lá fora uma garota que me interessava, e dizia para um vendedor: “Deixe a moça entrar, por favor”.

E ela entrava.

“Você quer ficar aqui e me ajudar a escolher umas coisas? Está precisando de algo?”, eu perguntava. Quando terminava de fazer minhas compras, tinha deixado 300 mil dólares em dinheiro naquela visita. Versace ficava maluco comigo.

“Esse cara gasta dinheiro demais”, dizia a quem quer que estivesse com a gente. Mas ele não tinha o direito de falar isso. Gastava mais do que eu.

É engraçado fazerem tanto alvoroço com o fato de Kanye West vestir suas mulheres. Eu fazia o mesmo. Sempre gostei de vestir minhas garotas. Acho que tem relação com minha infância. Eu costumava ver minha mãe vestir as prostitutas que apareciam lá em casa. Ela colocava várias perucas e diferentes trajes nelas. E era isso que eu fazia. Não por ser meio chique, mas porque eu tinha esse costume de ver minha mãe fazer isso com as garotas. Até Don eu ensinei a se vestir. Ele se vestia que nem um traficante do filme *Super Fly*.

“Escuta aqui, negão, você não pode ficar perto da gente vestido desse jeito. Temos uma imagem a zelar, Don, nós somos negões da hora. Você parece um mendigo”, eu dizia a ele. “Você é um homem grande, deveria se vestir melhor. Versace é o futuro, Don.”

Toda a imagem do *rap* de gangues se formou em torno de mim. Eu levava aquela atitude para o mundo. Representava essa era. Até mesmo Don ficou maluco com a imagem que eu tentava representar na época. Mais para o fim de 1988, Don tentou dar uma suavizada na minha imagem, conseguindo que Jesse Jackson me batizasse em Chicago. Pura papagaiada. Depois do batismo, levei uma garota do coro para o hotel e a comi.

Na capa da revista *Jet*, estamparam uma foto minha dizendo que eu tinha renascido. “Lembrem-se disto: procurem Deus, não procurem as estrelas; pode-se alcançar apenas uma nuvem, onde não há nada. Procurem Deus, procurem apertar as mãos de Deus.” Pura bobagem. A única espiritualidade que eu tinha na época estava em meu pau.

No final da década de 1980, eu passava muito tempo em Los Angeles. Tinha um apartamento em Century City, perto de Wilshire.

Um amigo meu ia batizar seu barco e deu uma festa, e nessa festa conheci uma garota bonita chamada Hope. Ela e uma amiga haviam chegado mais para o fim da festa, quando a comida já tinha acabado. Eu estava sentado com um prato enorme de comida na mesa. Aí Hope chegou perto de mim e, sem mais nem menos, fez uma bela imitação de Andrew Dice Clay.

"Olha, se você pagar o jantar, minha amiga vai te chupar. Estamos morrendo de fome."

Aquilo foi hilário. Eu disse para puxarem uma cadeira e dividi meu prato com elas. Não me pareceu que Hope quisesse ir para a cama comigo, então nos tornamos grandes amigos. Ela tinha um monte de amigas, e eu dizia: "Hope, gosto muito daquela garota". Aí ela ajeitava as coisas para mim. Acabei me tornando um irmão mais velho para ela. Hope estava sempre tendo problemas com os homens. Eu olhava um cara e dizia para ela: "Hope, aquele cara é gay" ou "Esse cara nunca vai te dar a mínima bola". Eu era muito bom em perceber as pessoas. Com exceção das mulheres que pintavam em minha vida.

A gente acabou sendo unha e carne. Hope era universitária e não tinha muito dinheiro, por isso deixei ela ficar no quarto de hóspedes de meu apartamento. Mas éramos apenas amigos platônicos. Ninguém conseguia acreditar, porque Hope era muito gostosa.

"Mike, você está comendo ela. Sei que está", meus amigos diziam. "Eu te vi comendo aquela puta gorda feia, vai me dizer que não está traçando essa também."

Tornei-me superprotetor em relação a Hope. Um dos lugares que a gente mais gostava de frequentar era uma boate chamada RnB Live. Foi lá que Hope conheceu Wesley Snipes. Os dois começaram a namorar quando eu não estava na cidade. Quando voltei para Los Angeles, eu a encontrei chorando. Hope estava com o coração partido; Wesley não queria mais vê-la.

"Tá vendo, Hope, é nisso que dá se envolver com esse tipo de gente. Você precisa de um homem de verdade", falei.

Mas Hope não queria escutar isso. Ela preferia: "Por que você está chorando, Hope? Vou lá arrebentar a cara dele."

Como Hope não conseguiu o que queria de mim, ela disse: “Ah, e Wesley não entendia por que eu estava com você. Ele me perguntava: ‘O que você faz com um cara como Mike Tyson?’”.

Eu sabia que era mentira.

Alguns dias depois, eu pretendia encontrar Hope no RnB. Sentei perto dela e lhe perguntei como estavam as aulas, quando vimos Wesley Snipes entrar. Pedi licença e fui até ele. Wesley ergueu a cabeça e, assim que me viu, entrou em pânico.

“Mike, por favor, não machuca meu rosto, por favor. É com ele que ganho a vida”, disse.

“Escuta, cara, não esquenta com essa coisa com a Hope, não. Ela só está magoada.” E acabamos rindo da história.

Eu tinha enchido a cara de champanhe naquela noite; aí, vi Keenen Ivory Wayans e me deu vontade de lhe dizer uma coisa. Ele fazia uma imitação de mim no seu programa *In Living Color*.

“Ei, Keenen, posso falar com você um segundo?”, perguntei.

“Claro, Mike, o que está pegando?”

“Eu fiz alguma coisa para você ou sua família?”, perguntei.

“Não, por quê?”

“Porque você precisa parar de fazer essas porras de piadas sobre mim.”

Ele pediu várias desculpas. E as piadas sobre mim pararam. Esses comediantes falam um monte de merda no palco ou diante das câmeras, mas, quando me veem, querem ser amiguinhos.

Na mesma época em que eu andava com Hope, comecei a curtir a noite com um cara incrível chamado Kevin Sawyer. Ele tinha uma empresa de *pagers* em Los Angeles, e sua loja tinha virado um ponto de encontro de jogadores, malandros e cafetões. Jamie Foxx e Joe Torry trabalharam lá antes de ficarem famosos. Era um lugar de negócios. As pessoas entravam para comprar *pagers*, e eu estava lá jogando dados, usando as minhas roupas Versace e enormes relógios de diamante, com o Rolls-Royce estacionado do lado de fora.

Kevin era um mulherengo inacreditável. Era muito carismático, e as mulheres o adoravam, mesmo sendo gago. Kevin, meu amigo Craig Boogie e eu competíamos para ver quantas mulheres conseguíamos pegar em um dia. As aventuras sexuais na época eram

malucas. Eu conhecia garotas na rua, dizia “Vem, vamos lá”, e pronto. Estava numa boate e ficava passando a mão nas garotas, colocando minha língua em suas costas, lambendo a pele delas, e eu nem sabia quem eram. Mas eu levava essas garotas para casa e deixava meus amigos transarem com elas. Minha fama começou a se espalhar. Eu era o tipo de cara que até te levava para fazer compras, mas logo depois iríamos para casa fazer sexo.

Uma vez, eu estava passeando com Boogie pela Filadélfia. Estava lá treinando para a luta contra Buster Mathis Jr. Então vi uma garota bonita na rua. Nem precisei falar nada para ela; a garota simplesmente pulou para a traseira do carro.

“Aonde vamos?”, perguntou.

Outra vez, eu estava em Nova York dentro de um táxi com uma garota que tinha acabado de conhecer. Ela começou a tirar as roupas e a transar comigo ali no carro mesmo. Nem era uma limusine, era um táxi amarelo comum. Fiquei, tipo: “Opa, ok, vamos lá”.

Na minha cabeça, eu tinha nascido para fazer aquilo. Todos os meus heróis comiam um monte de mulheres. Alguém devia ter-me dito: “Isso vai acabar mal”. Mas não havia ninguém ali para dizer isso.

Comecei a fazer vídeos pornô em casa. Boogie dirigia a cena, colocava a câmera no lugar certo, se escondia no armário e assistia. Começaram a me chamar de “deslocador de útero” ou “esmagador de pélvis”. Eu mostrava as fitas para meus amigos e, depois, as destruía. Cara, se uma dessas fitas tivesse sido divulgada, o vídeo da Kim Kardashian seria censurado para menores.

Eu bebia muito naquela época e ficava curtindo baladas em tudo quanto é lugar. Eu tinha uma namorada em Chicago chamada Carmen. Uma garota católica bem legal, de família sólida – legal demais para andar com a gente. Uma noite, eu estava numa balada com ela e EB em que acabou rolando um concurso de garota mais sexy, e um cara desrespeitou Carmen. Não falei nada, mas estava furioso. Acho que o cara acreditou que só tinha brincado com Mike Tyson, mas eu o segui, meio sorrateiro, até o banheiro.

“Olha, cara, não ligo para boceta nenhuma. Mas nunca mais me provoque dessa maneira, carinha. Essa merda de campeonato não significa nada. A gente pode brigar aqui mesmo.”

O cara parecia apavorado. Naquele instante, EB e um segurança da boate apareceram no banheiro e me afastaram do cara. Eu estava bebaço, por isso saí rapidinho do recinto e entrei no carro. Naquela noite, eu estava com minha limusine alongada, aquela com a banheira no fundo. Pedi para o motorista me levar até o lado sul. EB ficou maluco quando percebeu que eu tinha ido embora da balada, e ligou para o telefone do motorista.

“Onde você está?”

“Estamos na 67 com…”, o motorista respondeu.

“Como assim? Nem *eu* vou para esses lados”, comentou EB, preocupado.

“O que o senhor quer que eu faça?”, perguntou o motorista.

“Volta para o Ritz-Carlton, eu vou estar lá”, respondeu.

Voltamos para o hotel. Eu não tinha percebido, mas uns 30 carros estavam seguindo minha limusine, todos repletos de mulheres. Estavam na nossa cola desde que saímos da boate. Quando saí do carro, na frente do Ritz, EB estava me esperando. Mas, primeiro, fui até cada um dos carros que nos seguiram, puxei um maço de dinheiro e atirei notas de 100 dólares para dentro.

“Que porra você está fazendo, Mike?”, perguntou EB.

“É só isso que elas querem. Dinheiro”, respondi.

Eu estava entrando no hotel, e o EB do meu lado.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntei.

“Estou te esperando”, respondeu.

“Não preciso de ninguém me esperando. Eu vim para este mundo por conta própria e vou sair dele por conta própria”, falei.

“Olha, pode reclamar o quanto quiser, mas tenho de passar esta noite aqui”, EB disse.

Já estávamos dentro do elevador para subir para os quartos, quando decidi ir ao restaurante porque estava com fome. Aí, veio um carinha branco e disse: “Desculpe-me, senhor Tyson, o restaurante está fechado”.

Peguei o cara pelo pescoço, levantei-o e disse: “Eu quero comer agora, não me trate como um neguinho”.

15 minutos depois, tínhamos uma bela refeição na nossa frente. Comi todo o meu prato e, depois, ataquei o prato de EB também. De repente, desabei.

“Cara, por que ela fez isso comigo?”

Eu ainda não tinha esquecido a Robin.

“Cara, pega leve”, disse EB.

“Aquela vaca. Eu a amava. Ela não precisava fazer isso comigo”, resmunguei.

Meu humor estava em queda livre, quando EB pegou o telefone e ligou para Mary, a mãe de Isaiah Thomas. Era uma senhora bonita. Mary me disse palavras de conforto e, alguns minutos depois, eu estava melhor.

Parecia que toda vez que eu saía os problemas ficavam de tocaia, me esperando. Às vezes, nem era minha culpa. Uma vez, em Nova York, peguei uma garota espanhola. Ela era policial de trânsito num conjunto habitacional do centro da cidade, mas eu sabia que, com alguns retoques, ela ia ficar deslumbrante. Então, dei um banho de loja nela, com algumas belas roupas novas, e ela ficou linda. Naquela noite, eu convidei ela e algumas amigas minhas para o China Club, uma boate popular na época, e pegamos uma mesa. Só eu e oito mulheres. Eu parecia um cafetão. Aí, como era de se esperar, um cara foi até a mesa para conversar com as garotas. Não agi como se isso fosse um problema, eu estava tranquilo. O cara nem estava falando com minha mina, a policial, mas, quando vi, ela se levantou rapidamente com as duas mãos para cima. “Pode parar! Não faça mais nada. Essas senhoritas não querem nada com você”, ela disse ao rapaz.

Fiquei olhando aquilo e pensando: *Que caralho está acontecendo?*

O cara voltou para a mesa ao lado, onde estava com alguns amigos, e todos riram daquela mulher. Logo em seguida, ela foi até a mesa rindo ainda mais alto, pegou o cara de jeito e, *bum!*, deu-lhe um chute na cabeça. Ela estava no modo de combate total.

Qualquer um iria imaginar que as garotas na mesa estavam felizes por serem defendidas por ela, mas, na verdade, estavam com

medo dela.

“Você precisa dizer para essa vaca cair fora, Mike”, falou uma amiga. “E se a imprensa ficar sabendo, Mike?”

“Meu bem, as pessoas estão com medo”, falei à policial. “É melhor você ir embora.”

Eu não conseguia acreditar naquilo. Ela socou e chutou a cabeça de um cara grandalhão, e ele e seus amigos não tinham feito nada. Ah, meu Deus.

Um dos motivos para eu achar que não viveria muito tempo era porque me considerava o cara mais malvado do mundo, tanto nos ringues quanto nas ruas. E, quando se adiciona álcool a esse ego gigantesco, tudo poderia acontecer. Eu me sentia como se estivesse sempre em uma missão, mas o que eu queria? Qual era o problema? Estava sempre de mal com o mundo. Sempre me sentindo vazio. Mesmo depois do México, sentia um peso nos ombros por ter sido pobre, por minha mãe ter morrido e por não ter tido uma vida em família. Ser o campeão do mundo só acelerou e intensificou esse sentimento.

Foi aí que criei o personagem Iron Mike, o monstro que a mídia logo assumiu e o mundo inteiro começou a temer, o cara capaz de levar as mulheres a deixar os maridos por uma noite e trair. A imagem do grande filho da puta era realmente embriagante, mas, por dentro, eu ainda era um bostinha – um garotinho assustado que não queria ser sacaneado.

Mas eu tinha de interpretar aquele papel, não sabia fazer outra coisa. Uma noite, eu estava no Bentley’s, uma boate de Nova York. Estava bêbado e me achando um cara durão. Estava pegando uma garota, e o marido dela não gostou nada disso. Ele sacou um revólver e apontou para mim.

“Vai, atira logo, filho da puta. Negão corno. Vou comer sua mulher”, falei.

Eu estava sendo estúpido, falando um inglês ruim para caralho. Alá é minha testemunha: sou grato pelo fato de o cara não ter tido coragem de me matar. Ele só ficou falando merda, mas não tinha colhões de atirar, estava só fazendo cena.

Quando fechei o contrato com Don, chamei dois amigos de Albany, Rory Holloway e John Horne, para trabalhar comigo. Eles sempre tentavam me afastar da galera do *rap* de gangues, mas eu adorava aquele pessoal. Na época, eles me ajudavam, entendiam minha dor. Uma vez, fui a uma boate em Los Angeles com John Horne e James Anderson, meu guarda-costas na época. Estávamos lá com Felipe, que era gerente da boate. Eu trocava umas ideias com o primo do Felipe, Michael. Quando entramos, alguém gritou: "Ei, Mike, quando você quiser um guarda-costas de verdade, vem pegar um em Long Beach Crips".

Horne se considerava um daqueles comediantes de *stand-up* e fez uma piadinha sobre passar certa vez com a sua esposa num bairro de Crip usando um macacão vermelho. Ele achou que os caras iam rir disso. Mas ele mal conseguiu terminar a frase.

"Você está mentindo. Você nunca passou no meu bairro usando qualquer porra vermelha." Bastou dizer isso, e o bicho pegou.

Todo mundo ficou nervoso, e ele e seus amigos puxaram os revólveres. "Vou pegar seu capanga, Mike, vou matá-lo", o cara disse. Eu não sabia o que fazer. Comecei a tentar falar algumas coisas para apaziguar os ânimos. Estendi a mão e disse: "Toca aqui, negão. Meu amigo pensa que é um comediante". E as coisas se acalmaram. Aquele cara, Tracy Brown, se tornou um dos meus melhores amigos. Era malucão. Cumpriu 15 anos e, depois, quando voltou para casa, foi assassinado. Era um irmão legal.

Eu sempre tinha de salvar Horne de encrencas. Era um cara arrogante. Uma noite, em Chicago, fomos a um jogo do Bulls. Walter Payton também foi, além de EB e John. Fomos na limusine alongada com a banheira no fundo, e usávamos nossos casacos de pele de marta branca. John e eu tínhamos ido ao banheiro, quando um baixinho apareceu querendo me cumprimentar. John apenas falou "Sai da frente" e o empurrou. O homem não gostou da humilhação e ficou bem irritado.

"Pede desculpas agora, e fica tudo bem, senão vai ter encrenca."

Eu logo entendi a situação. Um cara baixinho, valente daquele jeito, só poderia estar em grupo.

John também acabou sacando; pediu desculpas e cumprimentou o cara.

“Obrigado, senhor”, disse o baixinho. Depois, ele me cumprimentou e me beijou. Quando saímos do banheiro, o carinha veio cercado de uns 50 amigos.

“Nós te adoramos, campeão”, os caras gritaram para mim.

Eu disse a Horne que estava cansado de interferir para protegê-lo, cansado de consertar as coisas. Era eu que tinha de enfrentar armas na cara, que tinha de botar panos quentes, enquanto esses caras é que deviam estar me protegendo.

No início, eu era meu próprio guarda-costas. Mas isso não deu muito certo. Eu não podia ficar socando as pessoas só porque queriam um autógrafo num momento em que eu estava de mau humor. Foi aí que resolvi encontrar uns guarda-costas de verdade. Não para me proteger do público, mas para proteger o público de mim. Eu tinha um amigo chamado Anthony Pitts. Nós saíamos para curtir em Los Angeles. Sabia que ele seria um bom guarda-costas, porque certa noite estávamos no ginásio vendo um jogo do Lakers, quando um torcedor mal-educado, meio alcoolizado, tropeçou e bateu no Anthony, sem pedir desculpas. Anthony levantou e deu uma porrada naquele cuzão, que foi parar bem no meio da quadra. Pensei: “Puta merda!”. O jogo estava rolando, e aquele cara estava lá, desmaiado, dentro da quadra. A polícia apareceu para pegá-lo, e o jogo não parou!

Anthony viu que eu precisava de um guarda-costas de verdade quando estávamos numa boate no centro de Los Angeles. Eu estava lá com Anthony e meu amigo Johnny, um cara branco. Estávamos do lado de fora conversando com algumas garotas. Eu tinha atraído uma turma grande de lindas garotas quando ouvi alguém gritar: “Foda-se o Mike Tyson!”. De repente, todo mundo saiu correndo para a rua. Agarrei a garota com quem eu estava conversando e começamos a correr para minha limusine, quando escutei um estrondo. O cara tinha atirado na minha direção, mas acabou acertando a perna da garota. Eu era tão egoísta, que ainda tentei colocar a garota ferida dentro do meu carro e levá-la para cama. A amiga dela não parava de gritar: “Ela levou um tiro por sua causa,

Mike. É você que eles queriam pegar". Eu queria sair rapidinho dali, mas meu motorista não estava no volante. Olhei pela janela de trás, e vi que ele estava todo curvado, se escondendo na parte de trás. Foi aí que Anthony decidiu ser meu guarda-costas. Fomos embora e deixei a garota para trás. Senti-me muito mal por ela ter levado um tiro. Nem preciso dizer que ela nunca mais quis falar comigo.

Com esse monte de bebedeiras e farras, meu peso foi a 116 quilos em dezembro daquele ano. Minha luta seguinte seria contra Frank Bruno, mas só em fevereiro de 1989. E eis que, de repente, eu estava sem treinador. Kevin não saía das páginas dos jornais, sempre falando umas merdas contra mim, dizendo que eu não sabia o que fazia. Ele era ferrenhamente anti-Don e sempre pró-Cayton. Acho que esse ódio por Don o deixava cego. Foi Kevin quem se demitiu. Ele não queria ficar com a gente. Queria a equipe de Cayton de volta. Nós iríamos contratá-lo de volta pelo mesmo salário, mas ele não quis. E ainda me processou.

Então, contratei Jay Bright, meu colega de quarto em Catskill, para me treinar. Eu queria que Jay levantasse uma grana, porque ele era do ramo da família do Cus que morava no norte do estado. Também contratamos Aaron Snowell, que dizia ter treinado Tim Witherspoon. Tim me disse mais tarde que Snowell era apenas seu parceiro de corrida, que levava o balde para o ringue, mas não me importei com isso. Eu era um deus do pugilismo. Meus adversários deveriam morrer de medo só de pensar em lutar contra mim. Oh, Deus!

Antes de começarmos a treinar, havia algumas questões legais para resolver. Em janeiro, uma garota entrou com um processo de 1 milhão de dólares contra mim alegando que eu tinha agarrado sua bunda no Bentley's, uma boate a poucas quadras de meu apartamento em Manhattan. Anthony estava comigo nesse dia e me disse para falar que não eu tinha agarrado a bunda dela, e sim que eu estava atrás dela, então tropecei e fui parar em cima dela ao tentar impedir a queda. Anthony sempre inventava uma negação plausível. E ele sempre assumia a bronca por mim. Outra vez, estávamos no Bentley's e agarrei a bunda de uma garota; quando ela se virou, Anthony intercedeu.

“Não, não, fui eu, meu bem. Desculpe. Pensei que fosse minha ex-namorada”, disse. Essa ele conseguiu acalmar.

Mas a primeira queria me levar para os tribunais e pretendia que uma amiga sua, que estava com ela lá na boate, testemunhasse contra mim. Eu tinha visto a amiga no tribunal na véspera do dia em que ela iria depor contra mim. Assim, fui procurá-la e, por acaso, encontrei-a naquela noite com um amigo meu.

“Ei, você é a garota do processo”, disse, me aproximando.

“Não me enche”, ela disse.

“Ei, não quero te encher”, respondi, com calma. “Não estou bravo com você. Estou bravo com sua amiga. Não fiz nada para ela.”

Imaginei que, se eu comesse aquela garota, ela não poderia testemunhar contra mim no dia seguinte.

“Ei, amiga, não tem problema nenhum. Por que não vamos, nós dois, fazer um passeio no Rolls-Royce?” Minha estratégia deu certo. A garota não testemunhou.

Em janeiro, também precisei comparecer no tribunal para dar um depoimento no processo de Cayton contra Don King. Thomas Puccio, um advogado famoso, defendia Cayton. Puccio me indagou sobre o pagamento da luta contra Spinks, e eu lhe disse que não me lembrava de ter recebido o dinheiro. Quando Puccio provou que eu tinha recebido integralmente os 12 milhões de dólares, eu não me lembrava do que tinha feito com o dinheiro. Na época, eu nem tinha contador; simplesmente usava o contador de Don. Eu não tinha ninguém que me ensinasse a me proteger. Todos meus amigos dependiam de mim. Meus amigos eram todos fracassados.

Mas o depoimento ficou interessante quando Puccio me perguntou sobre Jimmy e o contrato de agenciamento revisado que eu tinha assinado pouco antes de sua morte.

“Eu confiava totalmente, implicitamente, completamente, e do fundo da minha alma, em Jim”, afirmei. “Assinei aquele contrato porque Jimmy me pediu. Sempre confiei nele, nunca imaginei que escutar Jimmy levaria a isso, me colocaria aqui na sua frente. Não entendia que Cayton era meu empresário, porque Jimmy, de alguma maneira, não sei por quê, me fez assinar aquilo. Como eu disse, confiava nele e assinei. Queria lutar em nome de Jim, eu o

adorava", falei. "Ele poderia ter me informado sobre o senhor Cayton ser meu empresário, mas ele não fez isso."

Mas Puccio não parava de me pressionar. Ele ficava me atormentando sobre alguns termos específicos do contrato com King. Eu não tinha a menor ideia do que estava no contrato. Acha que li aquela merda?

"Você está me estressando", respondi a Puccio.

A verdade era que eu estava mais interessado em dar em cima da jovem assistente de Puccio, Joanna Crispi. Eu lhe disse que sua bunda era bonita e continuei tentando chamar a atenção dela. Sinto muito que as pessoas tenham de ler isso. O que eu estava pensando? Não se pode fazer uma merda dessas. Mas eu fazia.

Meu próprio litígio com Robin ainda estava sendo julgado, mas isso não nos impedia de continuarmos a nos ver. Sempre que eu estava em Los Angeles, passava para uma rapidinha. Uma vez, fui até a casa dela na minha Lamborghini Countach. Bati na porta, e não havia ninguém. Isso era estranho. Então eu estava voltando para meu carro, quando vi Robin chegando em seu belo BWM conversível branco. Deveria ter reconhecido o carro, afinal eu é que tinha comprado aquela porra. *Legal, ainda posso dar uma foda,* pensei, mas aí vi uma silhueta branca, de cabelo loiro, no banco do passageiro. Que merda, devia ser uma das suas amigas de *Uma turma genial*. Mas olhei bem e notei que era um cara. Provavelmente, alguém que ela estava chupando. Eles pararam, saíram do carro e vi que o cara era Brad Pitt. Quando Brad me viu lá, em frente à casa, seu olhar era impagável. Ele parecia pronto para receber a extrema-unção. Pior, ele parecia chapado para caralho. E ficou tentando se salvar. "Cara, não me bate, não me bate. A gente só estava ensaiando um roteiro. Ela ficou o tempo todo falando de você."

"Por favor, Michael, por favor, Michael, não faça nada", Robin gritava. Ela estava morrendo de medo. Mas eu não ia bater em ninguém. Não queria ir preso por causa dela, só queria dar uma fodinha antes do divórcio.

"Volte mais tarde, Mike", ela disse. "Estarei em casa, volte mais tarde."

Foi isso. Brad foi mais rápido do que eu naquele dia, e então voltei no dia seguinte.

Aquela não foi a última vez que vi Robin. Enquanto eu treinava para a luta contra Bruno, Robin estava fazendo um filme B em Vancouver. Ela me ligava para pedir ajuda, dizendo que estava sendo seguida. Eu queria estar perto dela para protegê-la. Despistei meus seguranças e voei imediatamente para lá. Fiquei feliz por sair da cidade, pois a verdade é que eu estava cansado de treinar. Eu estava totalmente no modo romântico, e fui até o hotel levando uma garrafa enorme de Dom Pérignon na mão. De repente, eu me vi cercado por um enxame de repórteres e cinegrafistas. Robin havia armado para mim. Ela tinha dito à imprensa que era eu quem a vigiava. Eles se aglomeraram sobre mim, me perguntando por que eu a vigiava. Então agi por instinto. Transformei a garrafa de champanhe num porrete para fugir dali. Logicamente, assustei alguns repórteres e quebrei uma câmera muito cara, o que me tirou alguns bons centavos. Passei a noite com Robin, mas fiquei tão enojado com seu comportamento, que saí logo cedo. Esse foi o encerramento oficial de minha relação com ela.

NOSSO DIVÓRCIO FOI FINALIZADO no dia 14 de fevereiro. Irônico, né? Robin levou uma boa grana e pôde ficar com todas as joias que eu tinha lhe comprado, que valiam uma fortuna. Ruth, a Rude, pegou um pouco da bolada de Robin e abriu uma empresa de cinema independente em Nova York, chamada Never Blue Productions. Meu amigo Jeff Wald, produtor de Hollywood, tinha me recomendado Howard Weitzman para me representar. Ele era uma fera. A certa altura do processo, Robin tinha argumentado que um cheque gordo para ela mesma era verdadeiro porque estava escrito “presente de Mike Tyson” na linha inferior. Mas ela não sabia que o banco microfilmava todos os cheques. Assim, Howard fez uma ampliação do cheque original microfilmado, colocando-o numa cartolina enorme para mostrar ao tribunal que Robin tinha escrito aquela merda depois de o cheque ter passado pela compensação.

Robin também tentou ficar com minha Lamborghini. Ela pegou o carro, guardou-o na garagem e mandou alguém colocar blocos de cimento na frente da porta da garagem, de modo que não pudéssemos retirá-lo de lá. Mas isso não era problema para Howard. Ele contratou uns detetives particulares, ex-agentes da Mossad, que tiraram o carro de lá em 20 minutos, sem acordar ninguém.

Eu estava oficialmente livre de Robin, mas, em vez de animado, me sentia deprimido. Não queria mais ficar casado com ela, mas me senti humilhado pelo processo. Não me sentia uma pessoa por inteiro. Eu tinha enfrentado o lado escuro do amor – a traição – e sentia vergonha por ter sido exposto a milhões de pessoas. Foi a primeira vez que me senti vulnerável em relação a alguém. Era alguém por quem eu teria morrido, mas agora eu nem ligava mais se ela estava viva ou não. Como o amor muda para algo assim? Hoje, sou uma pessoa mais consciente, e, quando penso no que aconteceu naquela época, percebo que Robin e Ruth eram pessoas realmente deploráveis. Não havia nada que não fizessem por dinheiro, nada. Foderiam um rato, se preciso. Não havia limites – o dinheiro era divino para elas. Eram pessoas diabólicas.

Mas era hora de voltar a lutar. O mundo do boxe aguardava minha luta seguinte. Havíamos trazido toda a indústria do entretenimento de volta para o esporte. Os ingressos para minhas lutas ficavam esgotados no minuto em que eram anunciados. Todo mundo ia para Las Vegas a fim de curtir no MGM Grand. As pessoas ficavam como sardinhas em lata lá dentro. Surgiu um boato de que eu iria até o shopping no MGM Grand para gastar 250 mil na véspera da luta, e por isso um monte de sósias de Mike Tyson foram até lá. Eles passeariam no meu lugar, enquanto eu ficaria no quarto dormindo. Todo apostador, de qualquer lugar do mundo, estava lá. Bilionários, atores, atrizes, garanhões, todo mundo. Havia prostitutas sentadas lado a lado com senadores norte-americanos, próximos do ringue.

Mas eu estava fora de forma para lutar, principalmente no aspecto mental. Bruno podia ter me arrebentado. Eu simplesmente não me importava mais. Eu estava cansado de lutar. O sistema de Cus não estava mais na minha cabeça. Mas consegui fazer uma boa

luta. Numa coletiva de imprensa antes da luta, tentei parecer otimista.

"Estou feliz com meu retorno. Passei por muitos percalços recentemente, mas acho muito bom que uma pessoa passe por coisas assim. Na verdade, eu tinha passado por esse sofrimento antes, mas dessa vez a coisa se tornou pública", falei. "Sei que aprendi bastante sobre mim e tive de lidar com adversidades. Meu principal objetivo agora é voltar para o topo. Não importa se sou famoso ou reconhecido. Você não poderá estar no topo se não fizer as coisas direito, e pretendo voltar a fazer as coisas direito para retornar ao topo."

Mas os repórteres só queriam saber sobre meu romance de conto de fadas com Robin e sobre o que tinha acontecido.

"Bem, foi uma fase, eu me apaixonei, e posso me apaixonar novamente, mas não da mesma forma."

Demonstrei um pouco mais de ousadia conforme a luta se aproximava.

"As pessoas me veem como um 'coitadinho'. Isso me deixa irritado. Odeio piedade. Eu é que ferrei com tudo, cometi erros. 'Coitadinho' faz parecer que sou vítima. Não tenho nada de coitadinho."

Colocamos Rory e John Horne no Hilton algumas semanas antes da luta. Poucos dias depois, eles estavam desfilando com relógios de ouro e joias que adquiram nas lojas do hotel, mas a fatura fui eu que tive que pagar. E me disseram que os dois chegaram até a roubar toalhas do hotel.

Não treinei muito para a luta. Bruno tinha sido meu sparring quando eu tinha 16 anos, na academia do Cus, e eu sabia tudo sobre ele. Não precisava de estratégia para vencê-lo. Eu sabia que podia me defender dos seus jabs, e que seus socos não iriam me machucar. Na pesagem, Bruno tentou me meter medo com o olhar, e aí baixei o calção e mostrei meus pelos pubianos.

Quando a luta começou, eu me senti um pouco enferrujado, mas estava batendo com força. Derrubei Bruno com o primeiro soco. Depois fiquei meio desatento, tentando acertá-lo, e não previ sua velocidade. Ele me acertou com um gancho de esquerda e um direto

de direita. As pessoas fizeram um estardalhaço por eu ter ficado meio grogue com os socos, mas não foi nada demais. Não demorou muito e eu já estava a toda. Quase o nocauteei no finalzinho do segundo assalto. Depois disso, ele me segurava a cada soco que eu tentava dar. A um minuto do fim do quinto assalto, eu o fiz cambalear e, então, passei os 40 segundos seguintes perseguindo-o. Ele estava quase caindo e o pressionei contra as cordas, soltando um uppercut de direita devastador, e Richard Steele parou a luta. Ele estava nocauteado de pé.

Na entrevista pós-luta, provoquei meus adversários.

"Como se atrevem a me desafiar com suas técnicas primárias?", vociferei.

Estava citando Apocalypse, dos X-Men. Eu não passava de um garoto crescido, citando uma história em quadrinhos.

Minha luta seguinte foi marcada para julho, mas a HBO queria que eu assinasse um contrato vitalício. Eu era quase sempre o neguinho escravo. Precisavam de mim como se eu fosse o capataz da fazenda. Imagine a situação: um monte de engravatados disputando minha alma.

Comecei a treinar para a luta em Ohio. Eu tinha comprado uma casa bem perto da casa do Don. No dia 31 de maio, o pessoal da HBO foi conversar com Don sobre a proposta, mas eu não apareci porque tinha caído na gandaia na noite anterior.

King deu uma coletiva de imprensa e pintou um retrato cor-de-rosa de nossa relação.

"É uma questão de família, e, aí, a intimidade, a solidariedade, a união é que prevalecem. Mike sabe que precisa ser cada vez melhor. Meu dever é ser honesto com ele. Ele é o cara, preciso deixar que ele cometa seus erros", Don disse. "Ele tem de crescer como todo mundo, a questão é Mike crescer, e não vejo a hora de ele se tornar independente de mim."

O filho da puta estava só copiando Cus.

"Procuro não castrá-lo, nem decidir o que é certo ou errado para ele. Ele é que decide, não sou seu pai, mas tenho um coração de pai, coisa que muitos garotos no gueto não têm. Sei o que se passa com Mike Tyson, o que o atinge."

O que dizer desse cara? Ele não saberia a verdade nem se batesse de frente com ela. Se ele fala a verdade, é por acaso.

Eu não dei as caras na hora do almoço, e então eles começaram a reunião sem mim. Só apareci lá pelas 4 da tarde, usando uma calça de couro listrada de preto e branco que Dapper Dan tinha feito para mim.

Eu estava cagando e andando para aquela reunião. Ohio era uma chatice. Às vezes, me dava vontade de pegar uma arma e atirar nos carros da casa de Don. Um dos motivos de eu vir para Ohio era o fato de ter sido expulso de um monte de boates de Nova York. Eu fiz até o Paulie Herman ser expulso de sua própria boate. Paulie era coproprietário do China Club, e nós dois estávamos lá um dia quando aconteceu uma coisa entre mim e uma mulher. Acho que fui arrogante com uma garçonete, fiquei bravo porque ela estava demorando para trazer nosso champanhe. Ela me dedurou para o chefe, e ele foi até nossa mesa e nos colocou para fora. Aí fomos para o Columbus, que Paulie abriu para a gente ficar bebendo.

Hope passou um bom tempo em Ohio comigo. As garotas entravam e saíam de lá, e era legal ter Hope cuidando das coisas quando as outras iam embora. Eu costumava acordá-la no meio da noite, então ela fazia sanduíches e ficávamos batendo papo. Lembro que eu dizia a Hope: “Muita gente não sabe, mas não consigo preparar nem um sanduíche para mim”. Eu sempre tinha pessoas que faziam as coisas para mim. Essa temporada em Ohio foi um período de solidão e depressão.

Foi então que mais um dos meus supostos amigos me apunhalou pelas costas. Finalmente foi lançado o livro de José Torres sobre mim. Originalmente, deveria ser uma biografia autorizada, mas, quando me associei com Don, retiramos minha cooperação. Logo percebi que se tratava de um daqueles livros que contam tudo, cheio de sujeiras, mentiras e distorções sobre mim. No livro, havia um episódio em que nós estávamos supostamente caminhando e falando sobre mulheres e sexo, e Torres colocou na minha boca as seguintes palavras: “Gosto de ouvir as minas gritando de dor, de vê-las sangrando. Me dá prazer”. Nunca falei uma coisa dessas a respeito

de mulheres, e sim sobre meus adversários de ringue. Torres era um pervertido. O livro estava repleto de besteiras como essa.

Nem me preocupei em negar as histórias quando o livro foi lançado, só fiz um comentário sobre a traição de Torres. “Ele é teu amigo, está te abraçando, diz que te ama, que morreria por você, mas, como estou precisando de grana, vou te degolar e te deixar sangrando até morrer.”

Já que o assunto é sangue, foi nessa época que fiquei preocupado com a aids. Minha luta seguinte seria em Atlantic City, em 21 de julho. Parte da preparação era fazer um teste de aids. Como os boxeadores costumam sangrar, estavam tentando proteger os árbitros, os auxiliares e o oponente. Fiquei com medo de fazer o teste. Eu estava sempre dormindo com garotas safadas, e por isso achava que tinha aids. Vieram fazer o teste em mim, e recusei.

“Faça a porra do teste, Mike”, Don implorava. “Você não tem essa merda.”

“Como você sabe? Quais sintomas indicam que eu não tenho?”

O que Don não sabia era que um amigo meu de infância tinha morrido de aids. Ele e eu tínhamos feito sexo não protegido com a mesma garota. E ela também tinha morrido de aids. A gente costumava frequentar uma boate, e o leão de chácara sabia que eu era chegado na garota; então, toda vez que eu aparecia lá, ele só me olhava.

“E aí, Mike? Como tá indo? Parece que você está perdendo peso.”

Eu sabia que pelas minhas costas ele dizia para os outros que eu estava com aids.

Na época, a aids estava por todo lado. Um dos meus modelos de conduta na infância tinha contraído. Nós o chamávamos de Pop, nem sabíamos seu nome verdadeiro. Era um gay espalhafatoso, uns cinco anos mais velho que eu. Aquele cara sabia ganhar dinheiro, porque estava sempre bem-vestido, com peles, anéis e diamantes, e ninguém nas lojas sequer imaginava que ele pudesse roubar algo. Pop sempre saía com mulheres quando ia armar das suas. Não gostava de nos levar, porque nós íamos chamar a atenção. Mas era generoso, sempre dava alguma coisa para nós.

Minha luta seguinte seria contra Carl “a Verdade” Williams. Era um iniciante com um cartel de 12-1, e acho que ele não representava nenhuma ameaça para mim. Para atrair o interesse pela luta e levantar uma grana rápida, Don colocou uma linha 0900. Quando alguém ligasse, supostamente receberia informações exclusivas sobre mim em troca de dinheiro. Mas aquilo não passava de uma entrevista gravada que Don fez comigo.

“Se você ganhar de Carl Williams, com quem vai lutar a seguir?”

“Não sei”, respondi.

E as pessoas pagavam por aquela merda.

A luta em si durou menos do que aquela gravação do 0900.

Williams ficou o tempo todo dando jabs de esquerda, e eu, enquanto me esquivava, mandei um gancho de esquerda que acertou em cheio seu maxilar. Ele caiu e levantou, encostando-se nas cordas para recuperar o equilíbrio. O árbitro fez uma pergunta a ele, não gostou da resposta e parou a luta. O combate durou dois segundos a menos do que a luta contra Spinks. Fiquei surpreso quando o árbitro parou a luta. Não achei que Williams estivesse tão machucado. Mas, como eu disse a Larry Merchant depois da luta, eu teria acabado com ele. Eu sempre ficava mais perigoso quando meu adversário estava machucado.

Merchant me perguntou contra quem eu ia lutar em seguida e disparou uma lista de nomes que incluía Holyfield, Douglas e Dokes.

“Pode ser um, podem ser todos. Ninguém encosta em mim. Sou o melhor lutador do mundo”, falei.

“Don me falou que, se eu nocauteasse esse cara, ele me pagaria 100 mil dólares”, disse a Larry. Don se enfiou na frente da câmera. “Quando é que isso vai acontecer?”

“Na coletiva de imprensa após a luta”, respondeu.

“Ah, claro. Claro.” Fiquei empolgado. “A minha igreja vai fazer bom uso desse dinheiro”, falei.

Pegamos a grana e colocamos na bolsa. Craig Boogie e eu fomos até Mount Vernon logo depois da luta, para curtir com Heavy D e Al B. Claro! Ficamos na casa de Heavy com os seus pais durante algumas horas e depois fomos para o centro gastar aquele dinheiro nas nossas igrejas preferidas – primeiro, a Columbus e, depois, tudo

quanto é boate, do Harlem ao centro. Depois daquela luta, passei um mês em Nova York caindo na farra todas as noites.

É claro que ia direto para Brownsville e distribuía um pouco da dinheirama para meus amigos do gueto. Às vezes Brownsville é que vinha ao meu encontro. Eu estava subindo a Madison Avenue de limusine com meu velho amigo Gordy, quando olhei pela janela e vi um casal vestindo casacos de pele caríssimos andando rapidamente, perseguidos pelo gerente de uma das lojas caras da Madison.

"Ei, voltem aqui! Voltem aqui!", gritava o gerente.

Olhei melhor e percebi que era Pop acompanhado de sua amiga Karen. Gordy e eu caímos na gargalhada, pois mesmo com aids o Pop continuava aprontando das suas.

EU REALMENTE EXAGEREI NOS anos em que tivemos a equipe Tyson. Minha cabeça não estava funcionando de maneira lógica. Eu acreditava piamente ser um campeão bárbaro. "Se você não gosta do que digo, vou te destruir, te trucidar." Eu era Clóvis. Eu era Carlos Magno, era um cuzão malvado. Um dos meus guarda-costas começou a achar que o nome dele na verdade era "Cuzão", pois escutava o tempo todo "Cuzão, faz isso para mim", ou "Vamos lá, cuzão".

Em Ohio, era uma coisa selvagem. Todo mundo apanhava, por todo canto. Eu era esse tipo de líder. Ninguém levava tiro, nós estávamos apenas dando porrada. Eu me lembro de ter chutado a cabeça do Don King com tanta força, que EB disse que parecia que tinha saído uma poeira do cabelo afro dele.

Num domingo, disse a Don: "Cara, nunca vi 1 milhão de dólares em dinheiro vivo. Está na hora de você ir buscar para mim".

"Mas o banco está fechado, Mike!", Don respondeu.

"Você tem os contatos. Manda abrir o banco e vai buscar meu milhão de dólares! Quero ver isso em dinheiro vivo", avisei. Cara, eu estava chapado. Estava só inventando uma merda, encontrando um motivo para dar um chute na cabeça de Don.

"Não faz isso, Mike. Don vai te matar, o Don sabe como matar alguém", era o que todo mundo me dizia.

“Todo mundo tem medo dele?”, perguntei. *Pá!* Chute na cabeça dele.

Um dia, Ali e algumas outras pessoas estavam na casa de Don, em Las Vegas. Eu costumava ouvir histórias de que Ali, Larry Holmes e um monte de lutadores tinham medo de Don porque achavam que ele tinha o poder de matá-los. Eu os respeitava e queria que soubessem que não se devia ter medo de Don. Eu falava coisas deploráveis sobre ele, só para mostrar como ele era inofensivo. Não sei se foi essa a motivação real para eu arrebentá-lo. Eu era um jovem imaturo na época, e simplesmente senti vontade de fazer isso.

Rory e John chegaram para mim e disseram: “Mike, escuta, o cara tem uns sessenta e poucos anos. Se você continuar batendo nele, ele vai ter um traumatismo craniano. Ele pediu que a gente telefonasse para você para lhe dizer que ele não vai aparecer mais se continuar tomando porrada. Portanto, fica calmo”. Acabei me acalmando.

Todo mundo achava que eu era louco. Não estava treinando. Era balada demais. Mas, mesmo quase não tendo treinado nada, eu lutava com um cara e o nocauteava. Sabe, é possível que, naquele momento específico, eu fosse louco. Hoje, estou bem distante daquela pessoa. É alguma coisa como: “Bem, caralho, eu *fui* louco”.

Eu realmente acreditava que era o cara mais malvado do planeta. Dava porrada em Don King pensando em como foder John Gotti. Don ficava tentando me levar a um médico. Ele dizia: “Mike, você precisa frequentar um psiquiatra, mano. Tem alguma coisa aí que não está legal”. Ele conseguiu me fazer visitar o dr. Alvin Poussaint, que atendia Bill Cosby. Poussaint era um famoso professor de psiquiatria de Harvard. Era um cara bastante erudito. Ele me perguntou qual era o meu problema, e comecei a falar umas coisas malucas para ele. “Foda-se. Não me importo se estou vivo ou morto. Estou cagando para isso.” O cara era tão burguês e metido, que me virava o estômago. Mas ele viu a merda que era e deu no pé. Saiu correndo de casa e nunca mais voltou.

Quando penso nas coisas horríveis que Don fez comigo durante esses anos, ainda sinto vontade de matá-lo. Era um puta de um

mentiroso e traidor. Não é nem nunca foi um cara durão. Todas as coisas de durão que Don fez, ele teve de pagar alguém para fazer em seu lugar.

Eu não me importava com o que as pessoas pensavam de mim. Só vivia dia após dia da maneira que me desse na telha. Era como um caubói apostando a vida no pôquer. Queria ser o vilão, e tinha me tornado essa pessoa. A revista *Boxing Illustrated* publicou o artigo: "Mike Tyson estaria se tornando o mais malquisto peso-pesado da história?". Dave Anderson, do *New York Times*, escreveu uma coluna: "Quem pode parar Mike Tyson?". A imprensa estava ficando contra mim, e eu adorava isso. Eu irritava as pessoas. Precisava de mais gente para brigar.

A imprensa me desprezava. Eu cuspia neles, gritava com eles; eu era assim. Dizia-lhes: "Basta dizer um ai. Pode me processar, mas você vai ter que usar essa grana para comprar uma bosta de cadeira de rodas, com motorzinho e toalete, porque é lá que você vai ficar".

"Como é que você se atreve a falar comigo? Você nunca lutou um dia sequer na sua vida e fica aí julgando os outros. Quem você pensa que é? Nunca sentiu nos punhos um par de luvas. Aposto que foi o seu irmão que te arranjou emprego. Você só sabe beber e trair sua mulher. Não passa de um bosta de um inútil que escreve num jornal."

Don agendou a luta seguinte contra Razor Ruddock. Os hotéis norte-americanos não estavam a fim de pagar uma grana preta por aquela luta. Trump se sentiu ludibriado por meu último nocaute rápido contra Williams. Aí King encontrou um pessoal em Edmonton, no Canadá, disposto a pagar 2,6 milhões de dólares. A ideia era lutar no dia 18 de novembro. Mas, depois de curtir Nova York, fui para Los Angeles e voltei para a balada dia sim, outro também. Eu não estava muito interessado em lutar com Ruddock. Vi sua luta contra Michael Weaver, e o boxe dele foi brilhante ali. Mas Ruddock nunca mais lutou daquela forma de novo. Ele se tornou um artista do nocaute. Na luta anterior à minha, ele tinha caído no segundo assalto diante de "Quebra-Ossos" Smith e, depois, se levantou para aplicar um nocaute impressionante no sétimo.

Comecei a treinar para a luta em Las Vegas em setembro, mas não estava nem um pouco motivado. Não queria mais lutar. Nós mudamos para Edmonton no meio de outubro. Eu não estava treinando. Só queria dormir com mulheres. Nem tinha vontade de sair do quarto. Pedia para meus amigos pegarem uma garota qualquer e trazerem a moça até o meu quarto. Não importava a aparência dela, nem queria saber seu nome. Quando a gente acabava, ela ia embora e outra garota aleatória entrava. Por fim, pedi para Don inventar uma desculpa e adiar a luta. Usamos minha bronquite. Eu podia facilmente ter lutado tendo a doença, mas quando um médico via meus raios-X ficava preocupado. Então, cancelamos a luta no dia 26 de outubro e voltamos para Las Vegas. Don tinha encontrado um médico que confirmou que eu tinha pleurisia. Pleurisia? Que caralho é isso? Fiquei preocupado com a possibilidade de ser uma doença venérea.

Don passou a buscar um adversário mais fácil para mim. Decidiu me levar para o Japão em janeiro para enfrentar Buster Douglas, que ele achava que seria moleza. Aí ele fechou um acordo com o pessoal do Evander Holyfield e marcou uma luta contra ele em junho de 1990, no Trump Plaza. Eu levaria 25 milhões de dólares por aquela luta. Cayton, que oficialmente ainda era meu empresário, ficou feliz em saber.

Assim, voltei com tudo para as noitadas. Em novembro, tive a oportunidade de conhecer as maiores celebridades que se pode imaginar. Foi na comemoração do sexagésimo aniversário da carreira de Sammy Davis Jr. Eu me diverti demais. Conversei com George Burns e Milton Berle sobre Fanny Brice, Ruby Keeler e Al Jolson. George era tão velho, que realmente tinha trabalhado com Fanny. Fiquei curtindo com todo o Rat Pack. Aqueles caras gostavam mesmo de mim.

Mas conhecer aquele pessoal não foi tão interessante quanto conhecer meus ídolos do boxe. Entre todas as celebridades que encontrei na época, fiquei mais impressionado com Max Schmeling. Ele tinha oitenta e poucos anos. Foi fascinante conversar com ele sobre boxe. Falamos sobre Dempsey e Mickey Walker. Ele me disse que Joe Louis não tinha sido apenas o maior lutador, mas também

um grande homem. Quando Schmeling ficou sabendo que Louis estava falido, ele saiu da Alemanha e foi até o Harlem encontrar o lutador. Dá para imaginar um velho branco passando por todas as boates do Harlem em busca de Joe Louis? Quando o conheci, Schmelling estava bilionário, tinha todos os direitos da Pepsi na Alemanha. Mas o mais fascinante é que ele ainda adorava boxe. Aonde quer que fosse, ele levava consigo cópias de filmes de lutas antigas.

Eu adorava lutadores antigos. Quando fiquei sabendo que Joey Maxim, excampeão dos meio-pesados, trabalhava como porteiro num hotel de Las Vegas, passei a visitá-lo quase todas as semanas para conversar sobre sua carreira. Ele ficava chateado porque nunca era apresentado junto ao ringue quando estava presente nas grandes lutas do Hilton. Assim, convenci os organizadores a apresentá-lo a partir de então. Para mim, caras como Maxim não eram fracassados ou sem sorte. Eu o via como alguém maior que eu. Não me sentia um figurão que estava fazendo um favor a ele por nos encontrarmos. Eu ficava maravilhado por estar a seu lado. Estava muito feliz por poder vê-lo e tê-lo por perto. Depois do nosso primeiro encontro, quando cheguei em casa, chorei.

NO DIA 8 DE janeiro de 1990, embarquei no avião para Tóquio, reclamando como uma criança. Não queria lutar, só estava interessado em farra e comer mulheres. Quando embarcamos, eu tinha ganhado uns 13 quilos. King estava tão preocupado com meu peso, que chegou a me oferecer um prêmio caso eu recuperasse meu peso normal para a luta, que aconteceria em um mês.

Eu não via Buster Douglas como um verdadeiro desafiante. Nem me preocupei em assistir aos vídeos de suas lutas. Eu teria derrotado qualquer um daqueles que o nocautearam. Vi Douglas lutando pelo campeonato da ESPN quando eu ainda lutava nas preliminares, e ele foi derrubado por Jesse Ferguson, que eu tinha nocauteado na minha primeira luta pela ABC. Estava me sentindo como meus ídolos Mickey Walker e Harry Greb. Li que Greb era arrogante a ponto de dizer a seus adversários que não tinha treinado porque

“eles não valiam seu suor”. Aí resolvi seguir a sua ideia. Não treinei nada para a luta. Anthony Pitts estava lá: ele acordava logo cedo e ia correr com meu parceiro de treino Greg Page, mas eu não tinha vontade. Anthony me dizia que tinha visto Buster lá, suando a camisa, com ranho escorrendo pelo nariz, fazendo suas corridas.

Eu não podia comer, porque estava acima do peso e queria me recuperar para receber o prêmio do Don. Para isso, eu tomava uma sopa que deveria queimar gordura. E então vinham as garotas da limpeza como prato principal. Era irônico, porque, quando se vai para o Japão, as mulheres parecem muito tímidas e introvertidas, mas felizmente eu tinha encontrado umas japonesas nada convencionais. As pessoas me perguntavam se eu tinha aprendido alguma coisa sobre sexo com as mulheres japonesas, mas eu estava sem tempo para aprender. Não era um curso de educação sexual, tratava-se de um cara tentando aliviar o saco.

Eu nem tinha tempo para pagar as garotas pela foda. Mas eu dava caixinhas gordas para elas, porque estava com bastante daquele dinheiro deles, que parece de Banco Imobiliário. Acho que elas gostavam, porque sempre retornavam e traziam amigas.

“Minha amiga gostaria de conhecê-lo, senhor Tyson. Ela gostaria de nos acompanhar, senhor.”

Além de fazer sexo com prostitutas, eu me encontrava com uma jovem japonesa com quem eu tinha transado da última vez que estive no Japão para a luta contra Tony Tubbs. Naquela época, enquanto Robin saía para fazer compras, eu subia um andar para pular a cerca com ela.

Fizemos a mesma coisa dessa vez. Havia muita gente no meu andar, e eu não queria que Don, Rory, John ou Anthony soubessem do meu caso. Eles podiam assustá-la; ela ficava muito tímida quando era cercada de gente. Nos dois anos que se passaram desde que nos conhecemos, ela tinha amadurecido bastante.

Esse foi meu treinamento para a luta contra Douglas. De vez em quando, eu aparecia para fazer musculação e treinar luta. Eu treinava com Greg Page; dez dias antes da luta, um gancho de direita me pegou em cheio e caí.

“Que porra é essa?”, Greg me perguntou depois.

Alguns dias depois, Don abriu uma das sessões de treino para o público, ao custo de 60 dólares por pessoa. Naturalmente, nem vi a cor daquele dinheiro. Na época, eu nem sabia que ele estava cobrando por aquilo. Deveríamos treinar por dois assaltos, mas eu estava tão mal, que Aaron Snowell e Jay pararam a luta depois do primeiro e encerraram a sessão. Don ficou puto, pois queria levantar uma grana. Ele não sabia que eu estava tão fora de forma. Don não entendia nada de luta. Não sabia a diferença entre estar em forma ou fora de forma. Nem sabia amarrar uma luta de boxe.

Na véspera da luta, meu peso era 100 quilos, meu máximo para lutar até então. Mas mesmo assim recebi o prêmio. Nesse dia, também comi duas prostitutas ao mesmo tempo. E, depois, mais duas garotas, uma de cada vez, à noite.

Não estava percebendo, mas parece que Douglas estava bem motivado para ganhar naquela luta. Em julho de 1989, ele tinha renascido. E aí sua mulher o abandonou, sua mãe descobriu que tinha uma doença fatal; e, no início de janeiro, enquanto ele treinava, ela morreu. Eu não sabia nada disso, e não me importava. A HBO estava fazendo um alvoroço pelo fato de ele lutar em nome da mãe, mas minha arrogância na época era tamanha, que eu tinha vontade de dizer que ele se juntaria a ela naquela noite.

Lutamos às 9 da manhã, por causa da diferença do fuso horário em relação aos Estados Unidos. Metade da arena, com 63 mil assentos, estava vazia. Don era um péssimo promotor. Bastou eu me associar a ele, e a vaca foi para o brejo. Era uma nuvem negra.

Não era o Tyson de sempre que entrava no ringue dessa vez. Estava claro para todos os que assistiam que eu não queria estar ali de jeito nenhum. A luta começou, e lutei muito mal. Estava socando com toda força, porque sabia que, se o acertasse, ele não iria se levantar, não me importava o tamanho dele. Mas meu braço estava duro. Foi o menor número de socos que disparei em uma luta. Ele usava seu jab e sua envergadura para anular meu jogo, e aí, quando eu tentava acertar seu corpo, ele simplesmente me segurava. Douglas lutou muito bem naquela noite. Mas também sei que fui um alvo fácil. Eu nem sequer movia a cabeça.

Ele não ficou intimidado comigo. Na verdade, era ele quem socava depois que o gongo soava e nos intervalos. Era um jogo sujo, mas faz parte do boxe, todo mundo faz isso. Depois do terceiro assalto, voltei para meu corner, e ficou evidente que Aaron e Jay estavam preocupados.

"Você não está diminuindo a distância", dizia Aaron. "Você precisa entrar, você está parado ali."

Ah, caralho. Por que *você* não tenta entrar? A envergadura do cara era 30 centímetros maior que a minha.

"Volte a fazer o que sabe", falava Jay. "Vamos. Solte tudo."

É fácil dizer quando não é você que está sendo socado. Eu não tirava o olho do chão.

Douglas me bateu no quarto e no quinto assaltos. Durante o quinto, meu olho começou a inchar, mas, quando voltei para o corner, eles nem tinham um End-Swell, um aparelho de desinchar, para manter meu olho aberto. Não consegui acreditar quando encheram um negócio que mais parecia uma camisinha extragrande com água gelada para colocar em meu olho.

Eu estava me sentindo exausto no sexto assalto. Meu olho esquerdo estava totalmente fechado. Mas Buster também parecia cansado, principalmente quando começou o sétimo assalto. Mas eu não conseguia chegar nele. No oitavo, ele me deixou grogue e me prensou contra as cordas nos últimos 20 segundos. Naquele momento, eu estava à espera de um único soco. Ainda estava abalado pelos socos dele, não conseguia manter o foco, mas vi uma brecha. Durante toda a luta, sempre que eu via brechas, ele fugia, evitando que eu me aproximasse. Mas, naquele momento, ele também estava cansado e não conseguia se mover muito. Aí lancei meu famoso uppercut de direita, e ele caiu.

Foi aí que me ferraram. O controlador de tempo era japonês, e o árbitro era mexicano – falavam línguas diferentes e não conseguiram coordenar a contagem. Quando o árbitro estava no "cinco", Douglas já estava na lona fazia oito segundos. Ele teve uma contagem maior a seu favor. Foi azar. Sei que isso faz parte do boxe, mas sinto que fui prejudicado. A Associação Mundial de Boxe deveria ter ficado do nosso lado. Eu sabia que venceria, até porque

os caras com quem eu lutava não lutavam só contra mim, mas também contra os juízes. Don sempre dava um jeito de suborná-los. Pelo menos era isso que ele me dizia. Talvez tenha se esquecido de pagar o árbitro naquela noite.

Mas não quero tirar o mérito de Buster. Ele teve muita coragem e colhões naquela noite. Eu o acertei com um golpe incrível. A cabeça de qualquer outro teria sido arremessada para o espaço com aquele soco. Eu estava tão esgotado, que não consegui prever o nocaute no assalto seguinte. Douglas voltou forte. Quando começou o décimo, eu o acertei com um direto de direita no queixo, mas aí ele disparou uma batelada de socos na minha cabeça, começando com um uppercut de direita. Eu estava tão amortecido, que nem sentia os socos, só conseguia escutá-los. Perdi o equilíbrio. E caí.

Quando atingi a lona, meu protetor bucal saiu, e, enquanto o árbitro fazia a contagem, fiquei tentando ficar de pé e recuperar o protetor ao mesmo tempo. Eu estava agindo por puro instinto. Estava sem noção. O árbitro me abraçou quando chegou à contagem de "dez". Voltei para meu corner totalmente grogue. Fiquei mascando o protetor sem sequer saber o que era.

"O que aconteceu?", perguntei para a equipe.

"O árbitro fez a contagem e você perdeu, campeão", disse Aaron.

Eu sabia que era inevitável. Estava fodido desde o começo daquela luta. Não dei a entrevista pós-luta com a HBO, pois minha cabeça ainda estava latejando. Devo ter tido pelo menos uma concussão.

Em questão de minutos, Don já tinha marcado uma reunião com os dirigentes do Conselho Mundial de Boxe e da Associação Mundial de Boxe. Em seguida, ele convocou sua própria coletiva de imprensa.

"O primeiro nocaute eliminou o segundo nocaute", Don declarou. Jose Sulaiman, presidente do Conselho Mundial de Boxe, suspendeu o reconhecimento de qualquer um como campeão, pois o árbitro não tinha utilizado a contagem do controlador de tempo. O árbitro admitiu que tinha cometido um erro. Sulaiman imediatamente convocou uma revanche. Naquele instante, eu já estava consciente para participar da coletiva de imprensa. Coloquei

óculos escuros para esconder meu olho estropiado e fiquei segurando uma compressa de gelo no rosto inchado.

"Faz anos que vocês me conhecem, nunca fraquejo ou dou para trás. Eu nocauteei Douglas antes de ele me nocautear. Quero ser o campeão mundial. É isso que todos os garotos querem", falei.

Voltei para meu quarto. Não havia prostitutas dessa vez. Era estranho não ser mais o campeão mundial dos pesos-pesados. Na minha cabeça era um acaso. Eu sabia que Deus não maltratava animais pequenos, que raios só atingiam os bichos grandes, que esses são os únicos que incomodam Deus. Deus não se importa com os animais menores. Deus precisa importunar os animais grandes para eles que não fiquem arrogantes nos seus tronos. Deitei na cama sabendo que havia me tornado tão grande, que Deus estava com inveja de mim.

8

FOI UM LONGO VOO de volta de Tóquio. Meu olho ainda estava machucado, por isso eu estava usando aqueles enormes óculos escuros que Anthony Pitts me deu. Durante o voo conversei com Anthony.

"Então acho que você vai me deixar agora, né?" eu disse. O viciado dentro mim estava dizendo: "Estou acabado. Meu mundo acabou".

"Mike, nunca vou deixar você na mão", ele disse. "Você não pode me despedir e eu não posso ir embora, então estamos presos um ao outro. Olha, você vai ficar bem quando o inchaço diminuir."

Quando aterrissamos, fomos diretamente para a casa de Camille. Eu sou um sujeito esquisito, voltei para a minha base. Para casa com minha mãe. Na manhã seguinte, Anthony levantou às 7 da manhã e, quando desceu, eu já estava fazendo abdominais e flexões de braço.

"Ah, agora você quer treinar? Depois da porra da luta", ele disse.

"Cara, eu só estou tentando ficar focado", respondi.

Falei com Camille mais tarde. Ela estava na luta assistindo da primeira fila e achou que eu parecia atordoado.

"Você não deu nenhum soco mais incisivo", ela disse. "Parece até que você queria perder. Pode ser que você só esteja cansado disso."

Provavelmente ela estava certa. Eu acreditava na teoria de Cus de que a única coisa errada na derrota é quando não se aprende nada com ela. Cus sempre me dizia que lutar é uma metáfora da vida. Não importa se você está perdendo, mas o que você faz depois que perde. Você vai ficar para baixo ou vai dar a volta por cima e tentar de novo? Mais tarde, eu viria dizer que minha melhor luta tinha sido a luta com Douglas porque demonstrou que eu podia apanhar como um homem e reagir.

Assim, andei por Catskill, brinquei com meus pombos e li sobre os meus heróis. Como Tony Zale tinha voltado da luta com Rocky Graziano. Como Joe Louis voltou para demolir Max Schmeling. Como Ali voltou do exílio. Como Sugar Ray Robinson ficou enfurecido quando viu a palavra "ex" junto de seu nome. Meu narcisismo começou a funcionar de novo e comecei a pensar que eu era da mesma linhagem que esses caras. Para mim, era inevitável que eu iria recuperar aqueles títulos. Eu estava indo embora para algum lugar de indigentes para aprender esse ofício magistral e voltar e ser melhor, como naqueles grandes filmes de caratê dos Irmãos Shaw. Isso tudo não é uma enorme babaquice? Eu era apenas um rato de esgoto com mania de grandeza.

Enquanto isso, todo o mundo do boxe estava em polvorosa. Um dia depois da luta, todos os grandes jornais diziam que era detestável a hipótese de Douglas não ser reconhecido como o novo campeão. Assim que ele voltou para os Estados Unidos, Jose Sulaiman se retratou. E para Don só restou mendigar uma revanche imediata. Ele estava contando que Evander Holyfield, que era o desafiante obrigatório, receberia uma boa quantia para ficar de lado e me deixar lutar uma revanche. Mas o pessoal de Holyfield sabia que, se Evander batesse Buster, Don seria varrido da cena dos pesos-pesados.

E ainda havia os repórteres, que não podiam disfarçar a alegria por eu ter perdido. Aquele pequeno covarde asqueroso, Mike Lupica, do *Daily News* de Nova York, me via como uma encarnação de Satanás.

"Alguém que escorraça as mulheres e joga sobre os amigos, virando as costas para pessoas que o ajudaram a se tornar campeão, fazendo parecer que cães têm mais lealdade do que ele… Tyson era uma espécie de selvagem a quem a cultura confere tudo o que é normal, somente para que ele rejeite os dons e os doadores e retorne para a vida instintiva. O único fim para tal homem é a morte."

Uau!!! Eu adorei essa merda.

Senti tudo isso numa entrevista que fiz para a ESPN. Eles me perguntaram por que todo mundo estava tão fascinado com a minha vida.

“Acredito que muita gente quer ver minha autodestruição. Eles querem me ver um dia algemado e sendo levado para o carro de polícia, ou então indo para a cadeia. Como vocês viram no caso do filho de Marlon Brando. As pessoas adoram dizer: ‘Eu não falei? Bem que te disse que ele estava se encaminhando para isso’. Mas não estou na prisão, não estou mais em Brownsville, e superei todas as expectativas.”

Don me obrigou a dar algumas coletivas de imprensa e tentei fazer a melhor cara que podia, mas minha honestidade punha tudo a perder.

“Ninguém é invencível,” eu disse a eles. “Às vezes o cara só consegue destruir sua energia. Buster me chutou o traseiro. Não treinei para aquela luta. Não levei a luta a sério. Eu estava trepando com aquelas japonesas como se estivesse comendo pipoca. Você ia pensar que eu era Calígula se me visse lá no Japão.”

Em Los Angeles, a imprensa rachou o bico quando disse para eles como assisti à luta no vídeo depois de voltar para casa.

“Me sentei lá e disse para mim mesmo: ‘Ei, cara, esquiva!’. Mas na tela eu não esquivava. Gritava: ‘Esquiva, seu panaca!’. Mas o panaca não me ouvia.”

Um repórter me perguntou se eu tive vontade de me suicidar depois de perder o título.

“Ei, espera aí! Tenho um monte de dinheiro para gastar antes de me matar. Você tem de lidar com coisas como essa todos os dias. Eu chorei? Eu gostaria de poder chorar! A última vez que eu chorei foi quando saiu meu divórcio. Aí é quando você chora. Na verdade, posso contar uma coisa? Foi um alívio, isso sim. Libertei-me de uma baita pressão.”

O divórcio realmente me deixou fodido. Eu não gostaria de dizer isso; mas, para eu ter dito isso, significa que ainda estava fodido por causa dele.

As pessoas estavam tentando dar desculpas por mim, mas eu não estava querendo nada daquilo.

Até mesmo Larry Merchant, que nem sempre me respeitava, tentou colocar a culpa pela derrota no meu olho inchado quando me

entrevistou para um programa especial da HBO, uma semana depois da luta.

"Você tem outro olho. Use aquele e lute até o final", eu disse. "Meu coração ainda estava batendo."

Quando voltei de Los Angeles, fui direto para meu refúgio em Catskill. Só que agora meio mundo estava indo lá para tentar me entrevistar. Havia repórteres do Brasil, da Inglaterra, da Escandinávia e do Japão andando por Catskill e Albany, indo aos lugares que eu frequentava, como o September's. Tocavam a campainha, Camille ia atender e acabava brigando com eles.

"Não venham mais aqui, deixem o garoto em paz, ele é só uma criança pequena!" ela gritava. "Você deviam ter vergonha de si mesmos."

Buster Douglas venceu a luta, mas ninguém falava nele, as pessoas ficavam procurando só a mim. Eles até fizeram um vídeo de dança do meu nocaute e da hora em que eu fiquei atrapalhado com o protetor bucal. Era irônico. No meu subconsciente, eu queria perder a luta para cair fora daquela panela de pressão, mas nem mesmo aquilo funcionou.

"Agora não posso sair, sou uma prostituta nesse jogo", eu disse para um repórter. "Agora eu tenho de provar alguma coisa. De fato, hoje eu às vezes me pergunto se não sou maior do que era antes pelo fato de ter perdido."

No meio de toda essa confusão, minha irmã morreu. Denise era a única pessoa que não tinha medo de me colocar em xeque. Sempre foi minha protetora, até mesmo no momento de morrer. Ela era muito obesa, e seu marido me disse que ela tinha usado cocaína na noite anterior. Eu realmente espero que ela não estivesse fazendo isso porque estava deprimida por minha causa. Eu tive uma longa conversa por telefone com ela na noite antes de ela morrer.

"Vai falar com seu pai", ela me disse. "E, por favor, vai ver esse seu olho."

Denise sempre foi próxima de Jimmy, nosso pai biológico. Ela queria que Jimmy e eu começássemos a ter um relacionamento mais estreito. Minha irmã era realmente uma peça! Eu tentava lhe dar dinheiro, mas ela não gostava de aceitá-lo. Ela se sentia realmente

satisfeita com a vida dela no gueto. Ela nunca me deu nenhum motivo para preocupação.

Fiquei triste quando ela morreu, mas naquela época eu tinha me acostumado com a morte e a compreendia implicitamente. Fizemos o enterro dela no Brooklin, presidido pelo reverendo Al Sharpton. A gente zoava com o reverendo Al e gozávamos dele por ser gordo e ter uma imensa cabeleira, mas ele era um grande herói na nossa comunidade. Tínhamos orgulho dele. Se você tivesse visto de onde ele veio e visse onde ele está agora, teria de dizer que era um milagre. Na outra noite, vi um documentário na PBS sobre a história da Broadway em que Milton Berle falava sobre a infância pobre no Brooklyn. Ele disse que ter um emprego humilde que pagava uma merreca não era fracassar. Voltar para Williamsburg e Brownsville, isso que era fracassar. Aquilo me cortou fundo a alma.

Eu tinha que ir visitar meus amigos em Brownsville depois que perdi o título. Na verdade, eu não queria voltar lá com o rabo entre as pernas, mas meus amigos eram maravilhosos. Tudo era amor. Eu passava muito tempo com minha amiga Jackie Rowe. Nós dois costumávamos aprontar juntos quando eu era criança. Meus amigos e eu roubávamos um lugar e depois íamos para a casa de Jackie dividir o dinheiro. Jackie era uma grande pessoa, ousada, desafiadora, descaradamente provocadora, um tipo bem parecido com minha irmã. De fato, depois que Niecey morreu, ela começou a se intitular minha irmã.

A despeito de pensar que os deuses queriam que eu conseguisse meu título de volta, eu estava triste e envergonhado, duvidando de mim mesmo depois da derrota. Jackie estava sempre otimista.

“Você está louco, seu filho da puta?” ela gritava comigo. “Você sabe quem você é? Foi uma luta, Mike. Você perdeu. Grande coisa. Agora vamos adiante. Você é o melhor.”

“Você acha?” eu dizia.

“Sim senhor, eu sei que é assim. Você só não seguiu o protocolo: você não fez o que tinha de fazer.”

“Você está certa, você está certa”, eu disse.

Eu visitava Jackie e estacionava meu carro em frente ao apartamento dela, que era num dos conjuntos habitacionais do

centro de Nova York. Eu simplesmente ficava à vontade na casa dela, enquanto Jackie saía para comprar minha comida favorita. Eu ficava na janela dela chamando as garotas. Elas olhavam para cima antes de responder.

"Aquele não pode ser o Mike Tyson. É Mike Tyson? Mike! Mike!"

Quando a notícia se espalhou, correu tanta gente para fora que tiveram de colocar um cordão de isolamento em volta da minha Ferrari e isolar o quarteirão inteiro.

Às vezes eu ia com Jackie até o Harlem, e as pessoas ficavam malucas.

"Você ainda é o maior, campeão", gritavam. "Você pode ganhar de novo!"

Definitivamente, ganhei um pouco de conforto ficando no meio de toda aquela gente e vendo que ainda me amavam.

Don tinha assumido o compromisso de fazer minha volta a Las Vegas no dia 16 de junho de 1990, lutando contra Henry Tillman. Comecei a treinar em Nova York antes de ir para Las Vegas. Aquele meu caso da passada de mão na bunda já estava, aos poucos, despertando menos atenção, e eu ia ao tribunal e depois para o treino. Emile Griffith, o ex-campeão mundial, estava trabalhando com alguns lutadores na academia em que eu estava treinando. Um dia, ele disse uma coisa que me tremeu os ossos e me fez finalmente esquecer a derrota para Douglas.

Eu estava conversando com ele a respeito da minha derrota.

"É, eu realmente não fui nada bem naquela luta, né?", falei.

"Eu sei que o grande Mike Tyson não vai deixar que uma coisa como essa o desanime", disse o senhor Griffith.

Ah, cara. Aquelas poucas palavras mudaram completamente minha opinião sobre mim mesmo e sobre meu regresso. Não é uma loucura? Ouvir aquelas palavras me fez esquecer a derrota e pensar que eu era campeão de novo. Depois que ele disse aquilo, eu estava de volta.

Tivemos dois novos acréscimos à Equipe Tyson. Don tinha contratado Richi Giachetti como meu novo treinador-chefe. E Natalie Fears me deu meu primeiro filho, um menino que chamei de D'Amato.

Na metade de abril nos mudamos para Las Vegas para treinar. Mergulhei nisso como um maníaco. Eu levantava às 4 da madrugada para correr, malhava na academia, fazia sessões de treinos à tarde e depois andava duas horas de bicicleta no Las Vegas Athletic Club. George Foreman estava lutando na minha eliminatória e ele tinha uma coisa interessante a dizer sobre perder um título.

"Você tem vergonha de encarar todo mundo, especialmente os carregadores no aeroporto. Você não quer ver os motoristas de táxi porque, na sua cabeça, todos vão dizer alguma coisa. E você tem de se recuperar, então começa a gastar bilhões de dólares em carros, ternos, qualquer coisa que te faça parecer o melhor do mundo. Mike Tyson não vai dormir uma só noite até que tenha a oportunidade de lutar pelo título novamente e ganhá-lo. Ele não vai dormir até se redimir. Detesto ver um jovem passar por isso, mas é assim que as coisas são."

Na época, eu não concordava com George necessariamente. Minha megalomania era tanta que eu tinha certeza de estar predestinado a recuperar o título. Eu só tinha de treinar.

Na noite da luta com Tillman, eu estava preparado. Estou lutando com o cara que me bateu nos amadores. Era uma bela história de reconquista. O sujeito cai, e eu me recupero.

Mesmo ele sendo um medalhista de ouro olímpico e dono de um respeitável cartel de 20-4, as probabilidades eram 1-2 para um nocaute no primeiro assalto.

Não decepcionei os fazedores de apostas. Bem no início da luta, levei um soco pesado de direita que nem sequer me incomodou. Eu o desacelerei com um de direita no corpo e finalmente o peguei com um de direita na têmpora faltando ainda 24 segundos para terminar o assalto. Ele caiu de costas. Eu realmente não queria machucar Henry. Eu queria terminar aquilo bem rápido. Eu gostava bastante dele e estava satisfeito por ele ter ganhado um bom dinheiro. Tillman era um daqueles lutadores realmente grandes, só não tinha autoconfiança. Se ele tivesse acreditado nele mesmo, teria sido um lutador lendário: teria ido para o Hall da Fama.

Na coletiva de imprensa após a luta, Don estava sendo Don.

"Ele voltou, ele é o Poderoso Mike Tyson", ele gritava.

Eu sacudi o braço dele e lhe disse para calar a boca.

“Você sabe que voltou”, disse Don.

Eu falei um pouco sobre a luta e fiz alguns elogios a Henry, mas eu queria mesmo era falar sobre meu menino.

“Ele é tão lindo. Tem seis semanas e pesa quase 5,5 quilos. Já senta sozinho! Eu vivo para o meu filho.”

Alguns meses após a luta, o caso da bunda finalmente foi encerrado. Fui condenado por agressão e, para calcular a multa por danos morais, os advogados dela nos obrigaram a apresentar uma relação dos meus bens. Quando o advogado de Don apresentou a lista, descobrimos que Don ainda me devia 2 milhões de dólares da luta de Tóquio. Segundo o que foi apresentado, eu tinha ativos de 2,3 milhões de dólares em dinheiro, a casa de Jersey, que valia 6,2 milhões de dólares, a casa de Ohio e cerca de 1,5 milhão em carros e joias. Meus bens totalizavam 15 milhões de dólares, mas com todos os meus prêmios eu devia ter muito mais. Eu não sabia se eles estavam falsificando os relatórios financeiros por causa do processo ou se eu estava sendo surrupiado. De qualquer maneira, a indenização por danos morais que o júri concedeu para aquela mulher era um pouco menos do que o milhão de dólares que eles estavam pedindo. Eles deram a ela 100 dólares. Quando ouvi aquele veredito, fiquei em pé no tribunal, tirei uma nota de 100 dólares do bolso, passei a língua nela e grudei-a na minha testa. Acho que ela não queria dinheiro vivo.

Minha próxima luta de retorno devia acontecer em Atlantic City, no dia 22 de setembro. Eu ia lutar com Alex Stewart, um ex-lutador olímpico jamaicano que começou a carreira com 24 nocautes diretos. Sua única derrota tinha sido um nocaute técnico em oito assaltos para Evander Holyfield; ele estava dominando a luta até que se cortou, e Holyfield tirou vantagem daquele corte. Durante os treinos, eu fiz um corte acima do olho e precisei de 48 pontos para fechá-lo, por isso a luta foi adiada para 8 de dezembro.

Enquanto isso, a HBO estava pressionando para me contratar de novo. Seth Abraham pensou que tinha chegado a um entendimento com Don para uma série de dez lutas por 85 milhões de dólares. Mas Don deu para trás, argumentando que não queria Larry Merchant

cobrindo minhas lutas, porque Merchant sempre falava mal de mim. Depois da luta com Stewart, Don usou essa desculpa para ir para a Showtime. Pensei que o negócio da Showtime era melhor, só mais tarde fiquei sabendo que era melhor para Don, e não para mim.

Enquanto eu esperava para lutar com Stewart, Buster Douglas defendeu seu título contra Evander Holyfield. Eu sabia que Holyfield venceria. Douglas tinha ganhado muito peso e Holyfield era melhor lutador. Douglas simplesmente entregou os pontos. Ele recebeu poucos golpes e se deixou cair na lona. Ele bancou a prostituta por seus 17 milhões de dólares. Entrou na luta sem nenhuma dignidade ou orgulho para defender seu título. Ganhou o dinheiro, mas perdeu a honra. Você não pode ganhar honra, só pode perdê-la. Caras como ele, que só lutam por dinheiro, jamais irão se tornar lendas. Posso dizer que isso ainda afeta Buster até hoje. Anos mais tarde, encontrei com ele numa sessão de autógrafos de que nós dois participamos, e ninguém queria o autógrafo dele. Esse foi o cara que fez história por me bater, mas seu legado tinha sido reduzido a zero.

Na noite seguinte após a vitória, Holyfield anunciou que defenderia seu título contra George Foreman. Aquilo me deixou puto da vida. Todo mundo queria me sacrificar, me ofuscar, mas não conseguiam. Eu ainda era a maior estrela do mundo do boxe, maior do que qualquer um deles, mesmo sem um título.

Stewart e eu finalmente lutamos no dia 8 de dezembro em Atlantic City. A HBO estava tão decidida a me recontratar que eles até contrataram Spike Lee para fazer a vinheta que introduz a luta simplesmente para me apaziguar. Resolvi falar algumas merdas e deixar as pessoas putas.

“Tudo e todos estão contra nós”, eu disse. “Don e eu somos dois caras negros do gueto e nós fazemos e acontecemos, e as pessoas não gostam do que estamos falando. Não somos antibrancos preconceituosos, somos apenas a favor dos negros.”

Não levei aquela merda a sério. Eu estava só me divertindo alfinetando as pessoas.

“Estão sempre mudando as regras quando caras negros têm sucesso, o sucesso dos negros é inaceitável”, Don disse. Quando a

HBO projetou a vinheta para os repórteres, eles ficaram enojados. Missão cumprida.

Mas eu estava pagando o preço por minha associação com Don. Hugh McIlvanney, um famoso redator de esportes escocês, tinha atribuído a minha derrota para Douglas à minha relação com King.

"De todos os fatores que contribuíram para a queda de Tyson, talvez o mais prejudicial tenha sido sua aliança com Don King. King precipitou a decadência de praticamente todos os lutadores com quem esteve associado."

McIlvanney estava absolutamente certo. Don era como um veneno. Sua presença agredia os outros. Ele fazia isso de propósito. Todo mundo passou a me rejeitar depois que me envolvi com ele. Ele me deu rédeas soltas para satisfazer meu comportamento infantil e, como as pessoas viam que eu não procurava me afastar dele, passaram a ser contra tudo que eu tentava fazer.

Na coletiva de imprensa antes da luta, eu mais parecia um louco.

"Eu sou um campeão. Ser um campeão é um estado de espírito. Eu sempre vou ser campeão. Ser feliz é só um sentimento, como quando você está com fome ou com sede. Quando as pessoas dizem que você é feliz, essa é apenas uma palavra que alguém lhe deu para descrever um sentimento. Quando eu decidi atingir meus objetivos, desisti de qualquer meio de ser feliz, até mesmo de pensar em ser feliz."

Eu não sou um alegrão que vive numa fazenda. Não fui feito desse jeito.

Devo ter gostado de lutar no cassino de Trump em Atlantic City. Aquela foi minha terceira luta lá, e meu terceiro nocaute no primeiro assalto. Quatro segundos depois que a luta começou, acertei Stewart com a mão direita e ele caiu. Então eu o persegui pelo ringue e o derrubei novamente com uma de direita. Eu estava mesmo selvagem e, a certa altura, até perdi o alvo e caí na lona. Mas finalmente encurralei Stewart e o derrubei com uma de esquerda, faltando 33 segundos para terminar o assalto. Ainda estava funcionando a regra de três knockdowns, por isso eles pararam a luta.

Quando eles terminaram de examinar Stewart, fui até ele e o abracei.

"Não desanime. Você é um bom lutador. Lembre que fui derrotado por um vagabundo miserável."

Quando saí do ringue, Jim Lampley, o comentarista da HBO, veio me fazer algumas perguntas. Nas duas últimas lutas, eu tinha me recusado a falar com Larry Merchant no término da luta.

"Eu gostaria de agradecer a todos os meus fãs que estão assistindo na HBO por me apoiar por todos esses anos," interrompi. "Essa é a minha última luta para a HBO porque estou vendo que eles acham melhor assistir o Holyfield do que a mim."

A nova sensação na categoria dos pesos-pesados era um pugilista canadense chamado Razor Ruddock. Ele tinha lutado com Michael Dokes em abril de 1990, e as fitas daquele nocaute estavam circulando por todo o mundo do boxe. Acabei vendo a fita quando Alex Wallau, da ABC Sports, me mostrou uma cópia.

Dokes ficou à frente durante a luta e aí, *bum!*, Ruddock lhe deu um soco que resultou em nocaute. Foi um nocaute de tirar o fôlego, com momentos angustiantes e fantásticos.

"O que você acha?", Alex me perguntou.

Como eu era um trouxa na arte da manipulação, relaxei e fiquei frio.

"E daí? Eu não sou Michael Dokes. Ele vai ser um nocaute rápido, ele não é nada."

Mas, com Holyfield escalado para lutar com Foreman, eu tinha de me manter ocupado. Assim, Don me escalou para lutar com Ruddock em Las Vegas, no dia 18 de março de 1991.

Porra, essa gente aqui está tentando me matar. Estão mandando os grandes lutadores para me pegar, pensei.

Comecei a treinar duro no início de janeiro. Tom Patti, meu velho companheiro de casa quando Cus ainda vivia ali, frequentava meus treinos. Nós estávamos vendo tevê uma noite, quando apareceu uma das lutas de Ruddock, e foi então que notei uma falha nele.

"Vou matar esse cara", eu disse a Tom.

Vi que Ruddock dava socos perigosos, mas também notei que eu seria esquivo demais para ele. Ele não conseguiria me bater de maneira consistente.

Nossa luta quase começou uns dias antes da data marcada, na coletiva de imprensa do hotel Century Plaza, em Los Angeles. Nós estávamos fazendo o cara a cara para os fotógrafos, e eu disse ao Ruddock que ia fazer dele a minha puta. Razor tentou dar uma de valentão para cima de mim, mas Anthony Pitts o empurrou de volta. Falei: "Não, não. Deixa ele chegar mais perto, assim ele pode se expressar melhor". Eu sabia que podia vencê-lo numa briga de rua. Os guarda-costas de Razor queriam se meter, mas a coisa ficou por isso mesmo.

Assim, fomos ao aeroporto para tomar o avião de volta a Las Vegas. Acontece que Razor e sua turma iam embarcar no mesmo voo. Quando chegamos lá, vimos que Rory tinha esquecido o telefone no carro, então Anthony teve de ir pegá-lo com Isadore, nosso motorista. Anthony estava descendo os degraus para o estacionamento quando deu de cara com o pessoal de Ruddock, que vinha subindo. Eles barraram a passagem do Ant.

Ruddock tinha guarda-costas gêmeos, e um deles, chamado Kevin Ali, disse: "Ah, você pensa que é mau?". Ele mostrou o *walkie-talkie* para o Anthony. "Você está vendo para que essas coisas servem?" Então, ele partiu para cima do Anthony, que bateu nele. Mas Isadore, quando viu aquela confusão, subiu correndo as escadas e agarrou Anthony.

"Isadore, por que você está me segurando?", perguntou Anthony. "Você tem que segurar um desses filhos da puta."

Naquela altura do campeonato, a segurança do aeroporto tinha interrompido a briga. Quando Anthony voltou para a área de espera, ele me contou o que tinha acontecido. Assim que entramos no avião, vi que eles iriam sentar atrás de nós, então levei a minha turma para o fundo do avião. Fiquei atirando uvas em Ruddock durante o voo inteiro. Só para ter segurança, telefonamos e fizemos com que a equipe inteira, os treinadores, os sparrings, todo mundo, viesse nos encontrar no aeroporto, caso acontecesse alguma coisa, mas nada aconteceu.

Quando chegamos ao Mirage na noite da luta, eles nos colocaram em vestiários em frente um do outro, e Kevin Ali começou a insultar Anthony.

"Ei, cara, vou te dizer uma coisa", falou Anthony. "Não sou assassino, mas vou matar toda a porra da sua família, você, seu irmão, sua mãe, vou matar vocês todos, seus filhos da puta, não dou a mínima."

John Horne ouviu Anthony gritando e puxou ele de lado.

"Ô, cara, você não entra no ringue hoje à noite", ele disse. "Você fica fora dele. Porque, se Mike ganhar essa luta, eu sei que esses filhos da puta vão armar alguma coisa, portanto fica avisado."

Era uma noite fria em Las Vegas e íamos lutar ao ar livre, diante de uma multidão de 16 mil pessoas. Eu usava um conjunto de moletom verde com listras brancas e um boné de esqui no ringue. Fui o primeiro boxeador a usar roupas urbanas no ringue.

Ruddock parecia nervoso e estava hiperventilando. Ele estava com os caras importantes agora. Eu sabia que ele viria direto para cima de mim, estava tão nervoso. Alguns segundos depois que a luta começou, dei uma de direita e ele cambaleou. Ele voltou com alguns socos duros, mas, como eu já sabia, eu era esquivo demais para ele. No segundo assalto, ele veio com uma de esquerda, mas foi um golpe oblíquo, parecia que a perna dele tinha se enroscado na minha, mas meu ataque corporal violento fez que ele desacelerasse até ficar paralisado. Ele não conseguia me bater com socos fortes, e no terceiro assalto, estava praticamente tentando se agarrar à vida. Consegui entrar num contra-ataque com um gancho de esquerda violento quando faltavam dez segundos para terminar o assalto, e ele caiu.

Eu estava vencendo todos os assaltos. No sexto, ele pareceu acordar de repente e me bateu com uma série de socos fortes. Sacudi a cabeça para ele. Ele me bateu com um de direita no maxilar, e eu dei um tapinha no meu maxilar e o desafiei a bater de novo. O fato de ele ter me dado aqueles socos impunemente deve tê-lo desmoralizado, porque eu saí no sétimo e o surpreendi com um gancho de esquerda no maxilar. Mais quatro socos e ele estava tropeçando para trás, nas cordas. Mas Richard Steele pulou para

dentro do ringue e parou a luta sem que Ruddock ao menos tivesse caído. Achei que a parada era prematura, ainda que, com mais um soco, ele teria caído.

Antes que me desse conta, eu estava no meio de um tumulto. Murad Muhammad, o empresário de Razor, jogou meu treinador Richie no chão e ficou chutando a cabeça dele. Jay Bright me empurrou para um canto e ficamos assistimos à baderna. Naquela altura, Anthony Pitts tinha ido ao ringue e viu Kevin Ali precipitando-se ao cruzar o ringue e Ant bateu nele com uma de direita. Aí o irmão de Razor Delroy tentou bater em Anthony, mas Anthony o agarrou e já estava quase atirando o cara por cima das cordas, para fora do ringue, quando o segurança agarrou seu braço. Mesmo assim, Delroy voou, empurrado contra a corda, com o braço pendurado para baixo, tentando se segurar. Enquanto a arruaça estava acontecendo, meu amigo Greg tomou o Rolex de Kevin Ali e depois enfiou a mão no bolso de Kevin para ver se havia mais alguma coisa que ele pudesse afanar. Foi uma cena maluca.

Houve muita polêmica a respeito daquele final prematuro, de modo que decidimos dar uma revanche a Ruddock. Estávamos no escritório de Don na rua 69, na parte leste de Manhattan, definindo os detalhes da segunda luta. Don, Rory e John estavam no primeiro andar, mas eu estava relaxando no térreo com Anthony porque estava conversando com a recepcionista bonitinha de Don, com quem eu estava dormindo. De repente, Kevin Ali, um típico muçulmano, entrou, olhou para mim e disse: “Oh, o mais maravilhoso campeão. Grande luta. Você tem todo o meu respeito. Você é um verdadeiro guerreiro”. Depois ele apontou para Anthony e disse: “Mas eu vou matá-lo”.

“Ei, cara, eu estou bem aqui, ó. Seu filho da puta”, Anthony disse. “Não precisa me mandar recado através de ninguém. Se você tem alguma coisa a dizer, diz agora.”

“A gente vai ter que fazer uma coisa, e o que a gente vai fazer é: viver ou morrer. A gente podia fazer essa merda agora mesmo”, Kevin disse.

“Aquilo foi apenas trabalho, acabou, deixa aquela merda para trás”, tentei desarmar os ânimos.

“Não, campeão, não posso deixar para trás, preciso fazer isso”, Ali disse.

Então ele apoiou a pasta e o casaco e, *bum!*, Anthony o acertou com um soco. Eles estavam lutando perto da escada, e Don tinha uma divisória que bloqueava a escada, por isso realmente não vi Kevin cair, mas foi como um desenho animado, você ouvia o homem ir *bum!, bum!, bum!*, descendo cada degrau. Então ele voou de volta, como se fosse um super-herói, e recomeçaram. Meu amigo Greg entrou bebendo uma garrafa de refrigerante e viu Anthony e Kevin brigando, então ele bateu na cabeça de Kevin com a garrafa. Kevin caiu e Greg começou a revistar seus bolsos.

“Não, Greg, não podemos fazer essa merda aqui”, eu disse. “Você precisa de algum dinheiro, neguinho? Não podemos roubar filhos da puta.”

Todo esse tumulto fez Don, John e Rory descerem a escada para ver o que estava acontecendo. Ali tinha se levantado e dizia que Anthony o tinha socado de surpresa.

“Isso é balela”, falei. “Ant só estava relaxando aqui, e esse filho da puta entrou ameaçando ele. Ant só se defendeu.”

Don chutou Kevin Ali para fora do escritório, e ele começou a andar para cima e para baixo na frente do sobrado. Quando saímos, Ali ainda estava lá. Nosso motorista na época era o Capitão Joe, um antepassado na nação do Islã. Ele conhecia os gêmeos Ali. Kevin queria recomeçar a briga, mas eu disse a ele que era Ramadã e era tempo de paz.

“Mike, isso é coisa de homem”, disse Capitão Joe. “Ele não pode estar em paz com o Ramadã enquanto não ficar em paz consigo mesmo. Ele tem de acertar isso.”

“Você quer fazer isso?”, Ali perguntou a Anthony.

“Pode crer! Você disse viver ou morrer”, Anthony respondeu.

Os dois começaram a lutar lá fora na calçada, como num jogo de videogame. Anthony finalmente socou e derrubou Ali. Ele caiu no chão e Anthony o chutou duas vezes na cabeça. Ele ia fazer isso uma terceira vez, quando Rory o agarrou.

“Você vai matar o homem, cara”, disse Rory.

“É exatamente isso que eu quero, caralho”, disse Ant. “Ele falou: ‘viver ou morrer’.”

Era hora de ir ao cinema. Anthony passou por cima de Kevin, entramos no carro e nos afastamos. Então, Al Braverman, um treinador lendário que trabalhava para Don, caminhou até a entrada do escritório. Ele viu Ali deitado inconsciente na calçada, correu para o escritório e trouxe algumas toalhas de papel e água, limpou os ferimentos de Ali e o reanimou. Eles chamaram uma ambulância e foi esse o fim daquela história.

A revanche foi marcada para 28 de junho. Eu tinha algum tempo livre, então dirigi minha Lamborghini Diablo preta de Nova York até Ohio, e fiz um pouco de turismo. Depois, voltei a Las Vegas para treinar. Richie tinha me colocado numa rotina brava, que incluía um toque de recolher às 7 da noite, de modo que eu estivesse descansado para minha corrida de quase dez quilômetros às 5 da manhã. Eu estava tão entediado. A maior parte do tempo, quando eu não estava treinando, assistia a desenhos animados. Aí Don entrava no recinto como uma tempestade.

“Droga, Mike, você tem que assistir alguma outra coisa além dessa porcaria”, ele disse, e colocou documentários sobre a Alemanha nazista. Don era obsessivo em relação aos nazistas. Era Hitler isso e Hitler aquilo. Ele pensava que os judeus eram os negões da Alemanha e que o fascismo poderia acontecer aqui, por isso deveríamos aprender com a história.

Tínhamos um novo *chef* no campo de treinos. Early, que já tinha trabalhado com a gente durante muito tempo, foi despedido pelo Don por supostamente sair de fininho pela porta dos fundos levando carne. Aquilo me pareceu uma puta mentira. Um dos meus guarda-costas, Rudy Gonzalez, encontrou o sobrinho do *chef* Early alguns anos depois, e ele contou que Don demitiu seu tio porque não queria colocar aquele “pó mágico” na minha comida. Ele disse ter certeza de que John Horne tinha dado ao *chef* Early um pó que supostamente continha “vitaminas para resistência” que eu já tinha recusado tomar. O *chef* Early olhou para o pó e encontrou um pedaço minúsculo de cápsula cor de laranja com um “5” ou um “S” sobre ela. Rudy pesquisou num bulário de medicamentos e parecia

que era um pedaço de comprimido de Amplictil. Acho que Don tinha tanto medo de mim que estava tentando me medicar sem que eu soubesse.

O regime duro de Richie estava me deixando maluco. Um dia, acordei Rudy às 8 da noite, saímos de fininho na minha Ferrari e fomos para Los Angeles; eu queria fazer sexo casual. Rudy acelerou até mais de 300 km/h e chegamos a Los Angeles em duas horas e meia. Assim, comecei a fazer isso regularmente, o que acabou refletindo nos treinos. Eu estava funcionando com apenas duas horas de sono por dia. Giachetti não tinha ideia de por que eu parecia tão abatido, mas ele finalmente me apanhou quando olhou para os escapamentos da Ferrari e viu que pareciam *marshmallows* queimados.

Então, eles fizeram Rudy instalar alarmes em todas as portas para impedir as minhas escapadas noturnas.

Uma noite, Rudy acordou com uma batida forte. Ele levantou, acendeu a luz, foi até lá fora e me encontrou enroscado num arbusto cheio de espinhos. Eu tinha caído de uma janela do primeiro andar tentando dar uma fugida de casa. Meu plano era empurrar silenciosamente a Ferrari para fora e depois zarpar para Los Angeles.

Eu estava tão desesperado para sair e me divertir um pouco. Eu devia ter dito "Fodam-se vocês todos, eu vou sair", mas em vez disso saía escondido. Eu ia para meu restaurante favorito em Las Vegas, o Nicky Blair's, e ficava lá, atraindo as atenções, cercado de garotas, e então Don entrava como uma tempestade.

"Que porra você está fazendo aqui, Mike?", ele berrava. "O dia da luta está chegando."

"Desculpe, Don", eu dizia. "Eu realmente apreciaria se você fosse embora. Ah, a propósito, meninas, este é Don King."

Quando minhas velozes corridas noturnas para Los Angeles terminaram, pedi a Rudy que enviasse o carro para a minha casa de Ohio. Lá, eles fizeram um buraco na parede externa da minha sala de jogos, e o carro foi colocado numa plataforma no meio da sala, de modo que eu e meus amigos pudéssemos nos instalar nele.

Fui atrás de Ruddock antes que a luta começasse. Fazíamos uma gravação para a Showtime, e eu usava óculos escuros e estava visivelmente mal-humorado.

"Vou fazer você virar minha namoradinha", eu disse a Ruddock.

"Não vou descer ao seu nível", ele respondeu.

"Trata de me beijar gostoso com seus grandes lábios", continuei.

Fui bastante grosseiro, mas sabia que ele era um cara macho, cheio de testosterona. Eu também sabia que aquilo chegaria à sua psique. Aquela era uma tática de Cus para o controle da mente. Confundir o inimigo.

Um outro motivo pelo qual eu continuava indo para Los Angeles era porque meu amigo Kevin Sawyer, proprietário da loja de *pagers*, me enviava mensagens para me dizer que tinha uma fila de garotas esperando por nós. Ele arranjava meia dúzia de garotas, a gente alugava um quarto e fazia uma orgia.

Eu adorava andar com Swayer. Na época, eu era mesquinho e grosseiro com as garotas. Então, antes que eu chegasse, ele dizia para as garotas: "Mike é um cara muito legal. Só que ele nunca teve uma educação decente. Ele foi abandonado quando menino e hoje tem problemas em confiar nos outros". Aquela bobagem funcionava como um amuleto. Eu as chamava de vacas e putas, e elas diziam: "Eu entendo sua situação. Meus pais também me abandonaram". Kevin me dizia: "Apenas concorde com essa merda, beleza?". Don, John e Rory ficavam loucos da vida quando eu era chamado. Acabaram tomando meu *pager* e o colocaram no freezer. Depois, ameaçaram matar Kevin.

Minha segunda luta com Ruddock foi épica. Ele entrou naquela luta pesando quase cinco quilos a mais. Eu, na verdade, estava pesando meio quilo a menos, mas estava fraco porque tinha perdido mais de 15 quilos em menos de um mês. Eu estava fora de controle antes da luta, bebendo, me empanturrando de comida e trepando adoidado. Eu levantava e saía escondido para o Roscoe's, em Los Angeles, para comer frango frito. Tomava pílulas para queimar gordura e não comia nada depois que escurecia. E malhava de manhã, de tarde e de noite.

No segundo e no quarto assaltos da luta, bati em Ruddock e o deixei encrencado algumas vezes, mas simplesmente não pude acabar com ele, eu estava fraco demais. Ele estava me batendo forte, como uma mula, e eu estava focado. Descontaram pontos de nós dois por batermos depois do gongo; de mim tiraram mais dois pontos por golpes baixos. Foi uma guerra. Mas mesmo assim venci uma fácil decisão unânime.

EU ESTAVA EM WASHINGTON em julho quando recebi um telefonema de meu amigo Ouie, de Nova York. Um velho amigo nosso tinha sido baleado em Washington, e Ouie estava preocupado que, se as pessoas erradas me vissem, podiam me perseguir também. Eu queria sair das ruas e esperar até que a situação esfriasse, então fui assistir ao *show* de Whitney Houston naquela noite e fiquei no camarim com ela depois do concerto.

No caminho de volta para Nova York, eu passava pela Filadélfia e vi que a Budweiser Superfest estava sendo realizada no Spectrum. Craig Boogie trabalhava no *show* e eu estava nos bastidores com ele, quando B Angie B, uma das cantoras do coro dos Hammer's, que estava se apresentando lá, chegou e me agarrou. Ficamos juntos e dormimos juntos naquela noite. Angie então me disse que ela estava indo para Indianápolis para se apresentar na Black Expo. Naquele mesmo dia, mais cedo, eu tinha recebido um telefonema do Reverendo Charles Williams, que dirigia a Black Expo, me convidando a comparecer; então decidi ir e me encontrar com ela em Indiana.

Eu estava tentando me livrar dos meus guarda-costas. Anthony estava fora, em Los Angeles, se preparando para casar naquela semana. Eu disse a Rudy para não vir comigo. Rudy telefonou para Ant e depois Anthony telefonou para John Horne e eles decidiram que Dale Edwards deveria me encontrar em Indianápolis. Dale era sobrinho de Don, ou consanguíneo, ou por afinidade. Ele era policial em Cleveland.

Dale e eu nos registramos no hotel. Depois, pedi para o motorista da limu-sine me levar até a casa da tia de B Angie B. Naquela noite,

nós fomos para uma boate e bebemos três garrafas de Dom Pérignon. Deixamos a conta, e então o fotógrafo da casa me pediu para tirar uma foto. Chegamos ao meu hotel por volta das duas e meia da manhã. Angie e eu fizemos sexo naquela noite e mais algumas vezes na manhã seguinte. Depois Angie foi embora, pois precisava se preparar para a apresentação.

Um pouco mais tarde, o reverendo Williams passou no hotel para nos levar até a Expo. Ele me perguntou se eu queria cumprimentar algumas moças do desfile da Miss América Negra. Quando entramos no salão de baile do hotel Omni, as garotas ficaram doidinhas.

"Olha, é o Mike Tyson!", todas gritavam.

Andei na direção delas e elas me cercaram, me abraçaram e me beijaram. Eles estavam filmando um pequeno vídeo promocional, então, enquanto as concorrentes giravam e dançavam, fui andando ao longo da fila, checando as moças, dançando meio desajeitado e cantando de improviso: "Estou num sonho, todos os dias, mulheres lindas de todo tipo", devo ter parecido um grande babaca.

Enquanto as garotas me cercavam, eu dizia bobagens a elas como: "Ei, quero ver você hoje à noite. Pode ser? Ah, vai ser divertido se vocês decidirem vir até o meu quarto". Eu estava sendo um porco, mas elas estavam embarcando nessa. Abracei Desiree Washington, uma das concorrentes, no meio da primeira filmagem daquele vídeo, e disse a ela que queria ficar com ela mais tarde. Ela jogou um charme para mim, foi simpática, e queria sair comigo. Expliquei a ela que eu tinha de fazer algumas coisas e depois ir ao concerto com meus amigos, mas que a veria mais tarde aquela noite. Eu até cheguei a dizer para ela trazer sua companheira de quarto; assim, a gente podia fazer um *ménage a trois* no meu quarto. Quando saí, para mim ficou claro que ela entendeu que íamos fazer sexo mais tarde aquela noite. Eu até cheguei a vê-la depois, naquela tarde, na abertura da Black Expo. Ela estava com a colega de quarto, Pasha, aquela que eu estava querendo que fosse junto.

"Lá estão as duas gêmeas idênticas", eu disse quando as vi.

Desiree tirou da bolsa algumas fotos delas tiradas durante a competição de maiô. Ela parecia ansiosa para que eu visse as fotos. E ela confirmou nosso encontro para mais tarde, naquela noite.

Eu estava sendo conduzido pela cidade por uma senhora negra de meia-idade, dona da empresa de limusines. Dale e eu estávamos sendo uns completos idiotas com ela. Ficamos chamando a mulher de vaca feia e burra. Eu fiz ela parar a limusine, saí e mijei direto na rua. Estava me comportando como um cretino arrogante, nem podia imaginar que tudo isso voltaria para me morder o calcanhar, quando mais tarde ela testemunhou contra mim.

Após o concerto, Dale e eu voltamos ao carro e telefonamos para Desiree, que estava em seu quarto de hotel. Eu disse a ela para vestir algumas roupas largas e fiquei surpreso quando ela entrou no automóvel vestindo um top folgado e calça curta de pijama. Ela parecia pronta para a ação. Começamos a nos agarrar ali mesmo, no banco traseiro. Era só um quarteirão do hotel dela ao meu. Saímos da limusine e nós dois fomos para a minha suíte. Dale foi para o quarto dele.

Mais tarde, quando a merda toda já estava feita, Anthony ficou furioso com Dale. Ele o culpou por tudo que aconteceu comigo em Indianápolis. Era prática bastante comum entre meus guarda-costas ficar na antessala da minha suíte quando eu estava com uma garota na cama, especialmente uma garota que não conhecíamos. Muitas vezes, eu abria a porta do quarto depois de fazer sexo, e Anthony estava lá sentado, de butuca. Ele queria ficar exatamente ali, atento para o que rolava no quarto. Caso houvesse algum problema, ele estaria ali. Às vezes, eu até chegava a convidar os guarda-costas para vir até o quarto e fodermos a mesma garota.

Desiree veio comigo, e fomos diretamente para meu quarto. Ela ficou sentada numa posição parecida com a do Buda, e conversamos um pouco. Ela parecia saber tudo sobre o meu passatempo com pombos. Ela falou um pouco sobre Rhode Island. Chegamos até mesmo a discutir como a gente poderia se ver de novo quando eu voltasse para Nova York.

Hoje em dia, geralmente não gosto de ser muito detalhista nas descrições de relações sexuais. Mas acho que, nesse caso, devo ser, por causa dos desdobramentos. Depois de conversarmos um pouco, comecei a beijá-la. Ela se levantou e foi até o banheiro; mais tarde fiquei sabendo que a ida dela ao banheiro tinha sido para tirar seu

absorvente. Então ela voltou para a cama, e comecei a fazer cunilíngua nela. Eu normalmente faço isso, porque quero me certificar de que a mulher está satisfeita quando fazemos sexo. Eu não tinha ideia de que estava gargarejando sangue, porque ela não me disse que estava menstruada.

Devemos ter feito sexo oral por uns 20 minutos, e então começamos a meter. Ela realmente parecia estar com tudo. A certa altura, ela pareceu ficar desconfortável e reclamou que eu era grande demais, aí eu perguntei para ela se queria ficar por cima, e ela ficou. Eu não estava usando camisinha; então, antes de gozar, tirei e ejaculei fora dela.

Agora era realmente tarde, e eu ia ter de me levantar dali a uma hora para pegar o primeiro voo para Nova York. Disse a Desiree que ela poderia ficar no meu quarto, já que tinha me contado que seu quarto no Omni era pequeno e que ela tinha de dividi-lo com outras garotas. Mas ela me pediu para levá-la de volta ao seu hotel.

Aqui é que as coisas ficam malucas. Eu disse a ela que estava cansado demais, mas que a deixaria no hotel quando fosse para o aeroporto.

“Não, me leva até lá.” Ela disse, toda fresca.

“Então vai se foder”, falei. “Cai fora.” Eu estava sendo apenas um cara de 25 anos mimado e rude.

Ela se levantou, se vestiu e saiu do quarto. Dale, meu guarda-costas, que supostamente deveria estar no outro cômodo da suíte, estava na porta de fora do seu quarto pegando um hambúrguer entregue pelo serviço de quarto. Ela passou por ele quando estava saindo. Então, entrou na minha limusine e disse para a motorista levá-la de volta ao hotel dela.

No caminho para o hotel, a única coisa que ela disse para a motorista da limusine foi: “Eu não acredito nele. Eu não acredito. Quem ele pensa que é?”.

Mais ou menos uma semana depois, eu estava no carro com meu amigo Ouie, que estava dirigindo. Ele atendeu um telefonema e ficou de queixo na mão.

“Porra, Mike! Nosso verão fodeu. Uma mulher disse que você a violentou”, Ouie revelou, enojado, atirando o telefone no chão.

“O quê? Quem foi que eu violentei?”, perguntei. Achei que talvez eu tivesse ofendido uma das minhas amiguinhas de rua e elas estavam brincando comigo.

“Onde foi que isso aconteceu?”, perguntei a Ouie.

“Indiana”, respondeu. “Que porra aconteceu em Indiana?”

Eu contei a ele como essa garota Desiree tinha ido comigo para o meu quarto às 2 da manhã e como eu tinha falado com ela grosseiramente depois. Contei que ela tinha telefonado para minha casa em Ohio no dia seguinte em que a gente tinha ficado juntos, mas eu nunca respondi.

No dia seguinte, estava na primeira página de todos os jornais. A essa altura, todos esses comediantes medíocres estavam escrevendo piadas de “Mike Tyson, o estuprador”. Quando encontrei com Don, vi que ele estava preocupado.

“Agora você precisa da minha ajuda, negão. Seu pau te encrencou. Porra, Mike, agora você precisa de mim.”

Quando ele se acalmou, expliquei o que tinha acontecido. Ele sabia que eu não tinha feito aquilo. Como é que você estupra alguém quando ela vem para o seu quarto às 2 da matina? Nada está aberto a essa hora, só pernas.

A primeira estratégia de Don foi suborná-la.

“Nós podíamos pagar a vaca”, ele disse.

Na verdade, ele tentou isso mais tarde, pedindo a um amigo dele, o reverendo T. J. Jemison, que falasse com a família dela e oferecesse dinheiro a eles para desistir da acusação. Mas foi o santo homem que acabou sendo acusado. Eu não sabia que Don tinha feito isso, mas não era a primeira vez que ele tinha pagado um membro do clero em troca de um favor.

Sabíamos que a encrenca era séria, então Don saiu à procura de um advogado para mim. Eu realmente não tinha nenhuma informação sobre como escolher o advogado ou sobre minha defesa em geral. Eu estava acostumado a ter outras pessoas decidindo meu destino, fosse o sistema do tribunal juvenil, Cus, Jimmy ou Don. Don acabou contratando Vince Fuller. Ele tinha sido advogado tributarista de Don e o tinha livrado de uma acusação de evasão de impostos. Fuller também representava John Hinckley, e usou a

alegação de insanidade para conseguir a absolvição depois que ele tentou assassinar o presidente Reagan. Mais tarde, descobri que, naquela época, Fuller também estava cuidando do processo que Don tinha movido contra Cayton. Eu não duvidaria que Don estivesse devendo dinheiro a Fuller e que estava deixando Fuller superfaturar em cima de mim, de modo que eu pagaria pelos dois casos, o meu e o de Don. Tudo o que sei é que Fuller faturou mais de 1 milhão de dólares para me defender.

Desde o início, Fuller e eu não fomos com a cara um do outro. Don disse a Fuller que eu era um negão ignorante. Quanto a Fuller, ele era um *wasp*[1] bastante arrogante. Com certeza não era meu tipo, qualquer um podia ver que ele era boa gente. Ele nunca tinha cuidado de um caso criminal numa corte de condado, e não havia a mínima chance de ele se relacionar com um júri em Indianápolis. De fato, ninguém na equipe dele jamais tinha tratado de um caso criminal que não estivesse num tribunal federal. Ainda não entendi por que cargas d'água não deixaram o nosso vizinho Jim Voyles trabalhar mais naquele processo. Eu realmente acho que teria sido absolvido se Jim tivesse assumido aquele caso.

Algumas pessoas pensam que só porque alguém é condenado por um crime, especialmente um crime hediondo como estupro, isso automaticamente significa que a pessoa condenada o cometeu de verdade. Tudo o que posso dizer é: se você não aceitar minha palavra de que eu não era culpado desse crime, então sugiro que leia dois livros que foram publicados enquanto eu estava na prisão. Um deles é de autoria de Mark Shaw, que é escritor e ex-advogado criminal e que foi meu analista jurídico no meu processo contra a CNN, *USA Today* e ESPN. O outro livro era uma tentativa autocomplacente de conseguir algumas manchetes, um livro escrito pelo promotor do meu caso, Gregory Garrison. Não prestei muita atenção ao meu julgamento, do modo como aconteceu. Eu era um jovem arrogante que não queria ser incomodado com esses tipos de procedimentos e nem os compreendia. Era por isso que dava dinheiro àqueles engravatados. Mas quem ler esses livros vai compreender que a última coisa que existiu em Indianápolis em 1992 foi justiça.

Havia muitos *insights* interessantes no caso da promotoria, no livro de Garrison. De fato, até que eles chegassem ao veredito, membros importantes da equipe de acusação nem mesmo pensavam que tinham um caso contra mim. Jeff Modisett, o promotor eleito do Condado de Marion, recebeu o cargo com 285 votos de um total de 180 mil. O único distrito em que ele obteve mais votos foi o distrito negro. Ele não era nada bobo. Não queria se indispor com sua base, então decidiu não me acusar de um crime; em vez disso, ele enviaria meu caso a um grande júri para que o "povo" decidisse se um crime havia sido cometido. Se eu não fosse acusado, ele poderia ficar mais tranquilo. Ele até chegou a dizer a alguns de seus colegas que gostaria de "ver o caso sumir".

Tommy Kuzmik, o investigador de crimes sexuais da polícia, disse a Modisett que eles teriam um problema com as provas materiais, porque não havia nenhuma. Mas disse que Desiree daria um grande depoimento porque ela era "inteligente, articulada, atraente – fácil de se olhar, fácil de ser entendida, fácil de acreditar". Mas, o mais importante, ela não era uma vítima que "falava a linguagem de rua". Imagine você qual era o código lá.

Garrison também disse que pelo fato de as pessoas que poderiam ajudar no caso estarem espalhadas por todo o país "o FBI localizou e entrevistou testemunhas potenciais". Hmm. É esse o procedimento operacional padrão para todas as alegações de estupro no país? De algum modo, não penso assim.

Então, um grande júri especial foi nomeado no dia 13 de agosto de 1991. Modisett designou seu promotor substituto, David Dreyer, para a apresentação de provas ao grande júri. Dreyer era um indivíduo interessante. Segundo Garrison, Dreyer sempre ficava um pouco perplexo pelo ato de Desiree. Quando ela testemunhou diante do grande júri no dia 16 de agosto, Dreyer pensou que o maior problema que ela tinha era a "falta de emoção. Parecia muito uma rainha da beleza, distante, talvez até um pouco fria". Dreyer pensou que a probabilidade de conseguir uma acusação do grande júri era de, no máximo, 50%. De fato, ele tinha tantas reservas quanto a Desiree, que Garrison repetiu o que ele disse: "Na verdade, quando o júri começou a deliberar, na minha cabeça não estava claro se tinha

havido estupro ou não!". Esse era o promotor substituto falando. O que soa para mim como a verdadeira noção de benefício da dúvida.

Eu tinha de depor diante do grande júri no dia 30. Bem, não precisei. De fato, Jim Voyles estava implorando a Vince Fuller que NÃO me fizesse depor. Não havia nenhuma vantagem no meu depoimento. A única coisa que poderia fazer era dar à promotoria munição para vir me atacar durante o julgamento. Mas, de alguma forma, Fuller e Don se convenceram de que eu deveria comparecer perante o grande júri.

"Esse homem é inocente. Mike Tyson diz que é inocente. Ele está testemunhando porque eu acho que é isso que se supõe que ele deva fazer", Don gritou nos degraus do tribunal diante de toda a mídia aquele dia. "Vou deixar o devido processo seguir seu curso. Não sou advogado. Sou apenas o promotor do maior lutador do mundo, e ele vai vencer o campeonato no outono."

Eu estava encarando um longo período na prisão e ele estava promovendo a porra da minha luta com Holyfield, que estava marcada para novembro. Só nos Estados Unidos, mesmo.

Eles fizeram eu me vestir de modo muito conservador, com um terno azul-escuro transpassado. Fomos levados para um pequeno cômodo com um barulhento ar-condicionado de janela, e ali estavam seis jurados. Cinco deles eram brancos. Eles me fizeram perguntas, eu respondi muito pausadamente, e a estenógrafa do tribunal cometeu mais de cem erros na transcrição.

A certa altura, me perguntaram se Dale Edwards tinha estado na sala da minha suíte. Eu disse que sim. Dale tinha testemunhado que tinha estado. Era lá que supostamente ele devia estar. Eu não podia saber ao certo, porque a porta do quarto estava fechada.

Entramos em recesso a certa altura, e fiquei olhando para uma grande tigela com balas que estava no centro da mesa, da qual os jurados estavam se servindo.

"Posso chupar uma bala, por favor?", perguntei.

"Claro", responderam. E então a única senhora negra me passou a bala.

No dia 9 de setembro, o grande júri começou a deliberar. Os votos tinham de ser 5 a 1 para me acusarem de estupro. Faça as

contas. Fui indiciado por estupro, duas acusações de conduta criminosa transviada (usando os dedos e a língua) e uma acusação de cárcere privado. Eu encarava 60 anos na prisão. Meu julgamento foi marcado para começar no dia 9 de janeiro.

Realizamos uma coletiva de imprensa depois que o júri voltou com seu voto. Don matraqueava sobre famosas celebridades que se meteram em encrenca – Elvis, James Dean, Marilyn, Judy Garland. Em seguida, fiz minha declaração.

"Eu sei o que aconteceu. Sei que sou inocente. Não machuquei ninguém. Não fiz nada. Amo as mulheres – quero dizer, minha mãe é uma mulher. E eu as respeito também."

De setembro até o início do julgamento, comi muito. Estava nervoso. Eu estava treinando para lutar com Holyfield, mas meu coração não estava na luta. Com algumas semanas de treinamento, machuquei a cartilagem das costelas. Os médicos recomendaram que eu adiasse a luta. Na verdade, eu poderia ter lutado, mas estava feliz por adiá-la. Havia coisas demais passando pela minha cabeça.

Enquanto eu me estressava e comia, a promotoria reuniu sua equipe. A tática de Modisett tinha falhado. Como o grande júri não dispensou meu caso, ele fez a melhor coisa a seguir: contratou um promotor republicano especial independente para julgar meu caso. Greg Garrison era um ex-promotor substituto que até então havia ganhado dinheiro processando traficantes de drogas com base na RICO,[2] obtendo uma porcentagem de tudo que era confiscado dos traficantes. Garrison estava ganhando tanto dinheiro naqueles casos, que Modisett, assim que foi eleito, decidiu que aqueles casos de droga seriam resolvidos internamente. Que escroto!

Modisett só pagou a Garrison 20 mil dólares para assumir o caso; mas a questão não era dinheiro – Garrison aceitou pela glória e para ver seu nome correr mundo afora. Se você lesse o livro dele, pensaria que ele aceitou esse caso para ajudar a defender Indiana de Átila, o Flagelo de Deus. "Eu sou fruto da Indiana rural, uma terra de republicanos conservadores e pessoas que trabalham duro, decentes, que cuidam de seus próprios campos, respeitam a lei e ajudam seus amigos quando precisam… Uma coisa é certa, Tyson

escolheu o lugar errado para cometer seu crime. Indiana é diferente de Palm Beach, Washington ou Los Angeles."

Garrison começou a investigar o caso. O primeiro lugar para onde ele olhou foi a calcinha de Desiree. Ele estava preocupado com a falta de qualquer ferimento físico na mulher, então ele foi ao compartimento do grande júri e examinou as roupas que ela tinha usado naquela noite. "Olhando assim rapidamente, parecia um traje ousado que estava sobre a mesa", escreveu. Direto ao ponto. Ela estava usando bermuda, um top que "teria parado o trânsito, se usado pela mulher certa", e calcinha. Ele não achava que a calcinha era "consistente com a imagem de uma jovem saindo para cavar ouro na cueca e na carteira do ex-campeão mundial dos pesos-pesados". Acho que ele não compreendia o conceito de sexo casual.

"Abri a calcinha e olhei para ela como se eu fosse vesti-la." Agora, isso já é uma perversão de merda. Ele partiu da disposição das manchas de sangue na calcinha para concluir que Desiree tinha tirado a calcinha depois que fizemos sexo e, portanto, a calcinha ficou manchada com o sangramento das lesões que eu tinha lhe causado. Então, tudo se encaixou na cabeça dele. Ela estava dizendo a verdade, eu tinha estuprado Desiree. A arma fumegante era a calcinha dela.

Ele pensou: *Diabos, eu tenho 44 anos e fiz sexo algumas vezes na vida. E não se machuca uma mulher dessa maneira. Não se machuca e o mantém ereto. Se doer, ela vai lhe dizer para parar*.

Garrison também não acreditava que tínhamos feito sexo oral por cerca de 20 minutos.

"De novo, a descrição dele do evento se voltava violentamente contra tudo que eu sabia sobre sexo." Talvez ele devesse ter lido um pouco o dr. Kinsey em vez de todos aqueles livros de direito. Ele estava convencido de que Desiree não teria tido as duas pequenas esfoladuras na vagina se tivéssemos feito sexo consensual e ela estivesse lubrificada. Mas não era uma questão de lubrificação, era uma questão de tamanho e intensidade. Isso poderia acontecer a qualquer um durante o sexo.

Claro que essa dúvida surgiu durante o julgamento. Voyles queria abordar a questão do meu tamanho e conseguir um médico

que testemunhasse que isso poderia ter causado esfoladuras na vagina dela, mas Fuller não queria nem ouvir falar disso. Ele era melindroso sobre qualquer um dos aspectos sexuais do caso.

Mesmo depois de sua investigação criminal da calcinha, Garrison ainda não tinha ideia sobre qual seria minha motivação para estuprar alguém. “Admiti que não tinha ideia da razão pela qual Tyson teria escolhido estuprar Desiree quando poderia ter tido qualquer uma de uma série de mulheres.” Ele ainda estava fazendo essa pergunta para si mesmo depois que eu já tinha sido condenado.

Então Garrison e sua assistente, Barbara Trathen, fizeram uma pequena viagem de carro. Em novembro, eles foram até Rhode Island para conhecer Desiree e a família dela. Ficaram surpresos ao verificar como a família dela era “polida e gentil”. Claro, as aparências poderiam enganar. Quando a promotoria chegou a Rhode Island, confirmou que Desiree e a mãe dela tinham acusado o pai dela de abuso, e ele tinha se mudado.

Edward Gerstein foi encontrar Desiree e sua família no aeroporto. Agora, o senhor Gerstein é um personagem muito interessante e importante neste caso. Logo depois da investigação de estupro, um advogado de Rhode Island chamado Walter Stone se aproximou da família Washington. Como Stone era consultor da Federação Internacional de Boxe, ele disse a elas que haveria um conflito de interesses se ele representasse Desiree, mas que seu colega Edward Gerstein poderia fazê-lo. Assim, Gerstein se tornou o advogado civil de Desiree. Foi ele que ambas contrataram para me processar por danos morais e negociar grandes quantias para cinema e direitos autorais de livros. O envolvimento de Gerstein com a família Washington era algo que perturbava Garrison.

“Essa informação era com um fio desencapado. Se houvesse até mesmo uma sugestão de litígio pendente na família Washington, o caso seria prejudicado. Seria impossível refutar a acusação de aproveitadora.”

Então o que fez a promotoria? Não passou essa informação à equipe de defesa. Depois que o processo terminou, Star Jones, que na época fazia cobertura jurídica para a NBC, criticou a promotoria por não revelar o fato de que Desiree tinha pago um adiantamento a

um advogado civil. “Isso é sórdido. O promotor tem o dever de passar todas as evidências adiante”, ela disse.

Garrison e sua substituta começaram questionando Desiree. Aparentemente, toda aquela questão de Desiree ir ao banheiro do meu quarto e retirar seu absorvente higiênico o incomodava um pouco. Segundo Desiree, de repente eu tinha me tornado agressivo e lascivo, e ela estava assustada. Então, ela foi ao banheiro, tirou o absorvente higiênico e voltou para a cama. Quando Garrison perguntou a Desiree por que razão ela tinha ido ao banheiro, ela respondeu: “Foi a primeira coisa que pude pensar em fazer quando vi que ele ficou agressivo”.

Bem, se isso fosse verdade, a segunda coisa que ela poderia ter pensado em fazer era continuar a andar e sair pela porta afora. Se ela estava percebendo perigo, como afirmava estar, teria sido fácil para ela simplesmente sair do quarto. Voyles até chegou a criar, a título de reconstituição, um modelo do quarto do hotel que custou 6 mil dólares para demonstrar esse fato. Mas, claro, Fuller o engavetou e nunca o usou durante o processo.

Garrison não cercou inteiramente o dilema do absorvente higiênico que a promotoria enfrentava. Ele estava louco para acreditar em Desiree quando ela disse que descartou o absorvente higiênico sujo “por hábito” e que, ao perceber que tinha deixado a bolsa no quarto, ela pensou que poderia pegar outro absorvente higiênico “numa das festas a que queria ir”. Que merda é essa agora? Ninguém nunca falou em ir a festas naquela noite. Onde ela ia arranjar outro absorvente?

Garrison também ouviu a respeito do meu depoimento no caso Cayton, quando fiz uma proposta a Joanna Crispi, a assistente de Thomas Puccio. Ele ficou chocado com o fato de eu ter simulado relações sexuais usando os dedos e depois dito a ela “Quero foder você”, mas sei lá por que motivo ele não conseguia acreditar que eu tinha dito exatamente a mesma coisa a Desiree Washington. Isso era prova do meu modo brutal de agir com as mulheres na época.

Garrison voou para Washington e se encontrou com a Procuradoria dos Estados Unidos a fim de obter alguma sujeira sobre Fuller. O funcionário federal disse a Garrison que todo mundo

nos círculos jurídicos de Washington estava perplexo por não entender por que Fuller tinha aceitado o caso, que não se encaixava no perfil de sua empresa de sangue azul. “Eles simplesmente não pegam crimes de rua. Nunca. Nem mesmo na área de Washington.”

Enquanto estava em Washington, Garrison passou nos estúdios BET para falar com Charlie Neal, que era o locutor do desfile Miss América Negra. Charlie disse a Garrison que ele não tinha visto nenhuma mudança em Desiree depois do alegado estupro. Mais ainda, eu poderia ter escolhido qualquer uma das mulheres lá. Por que eu precisaria estuprar uma delas? Acho que Garrison não gostou muito do que ouviu de Charlie.

“Tudo que ele [Charlie] dizia se resumia a: *Eu não vi nada, não ouvi nada, não sei nada*. Estava claro para mim que ele devia estar pensando que esses branquelos não iam arrancar uma única informação dele contra um irmão de cor”, escreveu Garrison. Que racista canalha e escroto!

Mas fiquei realmente chateado quando li que meu velho amigo José Torres tinha se encontrado com Garrison. Ele enveredou por aquela sua merda habitual de que o boxe é mentir para ganhar a vida e que os melhores pugilistas foram os melhores mentirosos. Disse a Garrison que nenhum outro pugilista mentia como eu. Depois, Torres repetiu suas histórias de merda sobre meu envolvimento com mulheres e sexo que ele tinha colocado em seu livro. Torres disse a Garrison que eu tinha me gabado para ele de bater em Robin com tanta força que ela “bateu contra todas as paredes da sala”. Segundo ele, eu disse que esse tinha sido o maior soco da minha vida.

Torres tinha explicado a Garrison que estava em disputa comigo, de modo que Garrison deveria ter interpretado a maior parte disso com alguma desconfiança. A pior traição foi quando Garrison perguntou a Torres se eu era capaz de estuprar.

“Ah, é. Claro que é”, ele disse, e depois entrou naquela merda pseudofreudiana sobre como eu não conseguia controlar minha libido porque meu *id* era forte demais. “Ele toma o que ele quer. Ele sempre fez isso”, Torres disse. Eu não conseguia acreditar no que estava lendo. Que desgraça de ser humano. Garrison terminou a

entrevista perguntando a Torres o que ele poderia esperar se eu fosse levado a depor.

"Ele vai tentar te passar a perna e dar aos jurados o que eles querem. Não esqueça que pugilistas são mentirosos. E Tyson é o melhor deles."

Antes de o julgamento começar, Desiree foi a Indianápolis para depor. Fuller decidiu não ir, de modo que Kathleen Beggs, a outra advogada do caso, acabou indo. Garrison ficou chocado com a estratégia de Beggs. Ela transformou Desiree em uma puta canalha. Beggs foi "acusatória, arrogante, maldosa e cruel", segundo Garrison. Em vez de ser amável e sutilmente arrancar dela alguma informação útil para minha defesa, reduziu Desiree a lágrimas. Foi a maior gafe. Mas não a última que minha equipe de defesa de 1 milhão de dólares cometeria.

O julgamento começou no dia 27 de janeiro de 1992. Minha juíza era uma senhora chamada Patricia Gifford. Ela tinha supervisionado o grande júri, portanto foi automaticamente designada para o caso. Ela era a ex-promotora substituta naquela seção do condado e tinha se especializado em casos de estupro. Tinha ajudado a introduzir a legislação para defesa contra o estupro que impedia que fossem apresentadas quaisquer evidências da história sexual das vítimas de estupro. Mais tarde, isso desempenharia um grande papel no meu caso. Ela era republicana de carteirinha, aquela que, se pudesse recuar até os seus ancestrais mais longínquos, seria um membro das Filhas da Revolução Americana. O pai dela era coronel do Exército. Exatamente meu tipo de garota. A juíza Gifford poderia facilmente ter recusado o meu caso. De fato, depois de minha condenação, a Suprema Corte de Indiana redigiu uma nova Regra Tyson. Eles ordenaram a rotatividade, de modo que o mesmo juiz que presidisse o grande júri não poderia julgar o caso no tribunal.

Era hora de selecionar um júri com gente parecida comigo. O único problema era que, naquela época, Indiana usava listas de registro de eleitores para convocar seu júri, o que significava que, como muitos negros não votavam, eles não poderiam ser incluídos como jurados em potencial. Essa foi outra Regra Tyson que foi

modificada depois do meu caso. Assim, de 179 pessoas chamadas como potenciais jurados, 160 eram brancas. Fuller e sua equipe tiveram problemas para escolher o júri. Eles não tinham experiência nisso; no tribunal federal, o juiz escolhe o júri. Mas, em compensação, Garrison era mestre nisso. Ele poderia entrevistar os potenciais jurados e falar abobrinhas com eles, perguntar se viviam perto daquele enorme Walmart ao lado da rodovia interestadual. Fuller não conseguia nem travar um contato com os jurados do Meio-Oeste.

Fuller era teimoso demais para contratar um especialista em seleção de jurados. O resultado foi que ele permitiu que um ex-fuzileiro naval chamado Tim fizesse parte do júri. Mais tarde, um outro jurado disse que Tim era "muito mais conservador do que o resto de nós, mais direto, um autêntico reacionário". Esse sujeito se tornaria o primeiro jurado de meu júri e teria um papel predominante na minha condenação mais do que qualquer outra pessoa.

Se, como alguns pensam, 90% dos casos são decididos nas declarações de abertura, então não estávamos nos saindo bem também naquele tribunal. A abertura de Garrison durou 45 minutos. Se você tivesse ouvido a declaração dele, teria pensado que ele estava lendo um trecho daquele livro *Cinquenta tons de cinza*.

"Ele está sorrindo para ela. A voz dele está baixa, diferente do que estava antes. E ele abre as pernas dela e coloca o dedo dele dentro dela. Ela grita de dor. O milagre médico, anatômico e fisiológico da sexualidade humana que faz a fêmea da espécie ficar lubrificada quando ela está sexualmente excitada não está funcionando, e ela está aterrorizada. Então, quando esses grandes dedos entram nela, dói muito, e ela grita: 'Não!'

"Ela pula para fora da cama, veste-se depressa, secando as lágrimas, colocando o resto das roupas, tentando encontrar a dignidade junto com as roupas, e pergunta: 'A limusine ainda está lá embaixo?' Ele diz: 'Ah, você pode ficar se quiser'. Ela pergunta: 'Por quê? Para você poder fazer isso de novo?'"

Comparado a Garrison, Fuller era um perfeito idiota. Ele tentava pintar um retrato de Desiree como sofisticada demais para a sua

idade, e não a garota meiga e inocente que a promotoria apresentava, só que Garrison continuava a objetar durante a apresentação da defesa. Fuller sublinhou algumas inconsistências importantes entre o que Desiree tinha dito às outras garotas. Para algumas, ela disse que tinha gritado; para outras, que não tinha gritado. Para uma pessoa, ela disse que eu a tinha atacado na cama e, para outra, que tínhamos feito sexo no chão. Parecia que ela estava montando a história dela à medida que o tempo passava. Mas Fuller cometeu um erro fundamental durante sua declaração inicial. Ele prometeu que o júri ouviria o meu depoimento. Não se faz isso num caso importante como esse. Havia pessoas que achavam o caso da promotoria tão fraco que nós nem precisávamos chamar qualquer testemunha, apenas descansar e, ainda assim, eu teria sido absolvido. Mas ele prometeu o meu depoimento a eles, de modo que eu teria de testemunhar. E o que é pior, durante toda essa abertura, Fuller não chegou perto de mim nem uma vez. Nenhum tapinha no ombro, nenhum olhar na minha direção, nenhuma demonstração de união entre o advogado de defesa e seu cliente.

Os jurados não estavam vendo uma equipe de defesa trabalhando, só um causídico de outro estado funcionando como sirene, cuja primeira impressão era a de ser um mau sujeito. E não fui eu quem disse isso, foi Mark Shaw.

Depois de chamar a companheira de quarto dela para testemunhar, Garrison trouxe Desiree. Usando a lei contra estupros, eles a pintaram como sendo uma estudante universitária tímida e ingênua, que era professora de alguma escola dominical e frequentadora da igreja. Ela declarou que, quando lhe pedi para descer para a limusine, ela estava relutante até que eu lhe disse que iríamos sair para “fazer turismo”. Claro, há um monte de coisas para ver em Indianápolis às 2 da manhã. Estive lá recentemente fazendo meu *show* de piadas, e a única coisa que se via na área em volta do hotel Canterbury era o ambulatório de esquizofrênicos, sem-tetos e uma prostituta cansada, se tivesse sorte.

Desiree repetiu a história de que não nos beijamos nem andamos de mãos dadas, e eu não mostrei o menor sinal de afeto até que ela estivesse na cama, quando me tornei estranho e cruel. Repetiu que,

naquele momento, ela foi até o banheiro, tirou o absorvente higiênico e o jogou fora. “Eu tinha um absorvente na bolsa e achei que poderia colocá-lo mais tarde.”

Segundo sua declaração, quando ela voltou do banheiro, eu a agarrei, tirei sua blusa, deslizei seu short para fora das pernas e sua calcinha para baixo e inseri dois dedos em sua vagina. Depois, eu a penetrei. Ela disse que contou tudo para a mãe na noite seguinte e depois elas ligaram para a polícia.

Garrison achou que ela tinha testemunhado de modo espetacular. Outras pessoas não estavam tão certas. Alguns repórteres pensaram que ela era muito “estoica”, e um deles até mesmo escreveu que ela parecia “um pouco fresca” e “quase perfeita demais”. Antes do processo, Garrison tinha trazido outro advogado, Robert Hammerle, para fazer uma simulação de interrogatório com ela, de modo que eles pudessem ver como ela respondia sob pressão.

Hammerle começou perguntando a ela sobre as inconsistências que ele via no caso.

“Veja, você encontrou Mike Tyson, você o viu avançando na direção das garotas… e aí você deu a ele uma fotografia sua de maiô, e ainda assim você não acha que ele tinha sexo em mente?” ele perguntou a Desiree.

“Não”, ela respondeu.

“Ele ligou para você no meio da noite, você desceu para a limusine dele e, quando entrou, ele a beijou e, ainda assim, será que em nenhum momento passou pela sua cabeça que ele estava a fim de sexo?”

“Não”, ela respondeu.

“Então, você foi para o hotel, seguiu para o quarto dele e sentou na cama dele, e em nenhum momento você pensou que ele queria fazer sexo com você?”

“Não.”

“E aí ele disse: ‘Você está me excitando’, e você não pensou que ele queria sexo?”

“Não.”

Ele continuou insistindo e insistindo, perguntando a ela a respeito do absorvente higiênico.

“Não fazia sentido”, Hammerle disse a Garrison, “mas essa era a história dela e ela se agarrou a sua história. Minha impressão geral era de que ela tinha travado uma batalha comigo. Eu tinha ouvido falar que se tratava de uma moça ingênua de 18 anos, mas saí do interrogatório com a sensação de que, embora aquilo pudesse ter acontecido, eu estava lidando com alguém muito mais forte, que não me permitiria ultrapassar os limites. Eu não só conseguia compreender como tudo aquilo se encaixava com todos os erros ingênuos que ela supostamente deveria ter cometido.”

Hammerle contou à esposa o incidente do absorvente higiênico. Ela disse que toda mulher que vai ao banheiro para retirar o absorvente higiênico está esperando ter sexo. E ele concordava com a esposa. Quando Hammerle se encontrou com Garrison no dia seguinte, na prefeitura, ele lhe disse: “Você, meu amigo, está num mundo de merda!”.

Eu gostaria que Hammerle tivesse sido meu advogado. Quando chegou a hora de Fuller interrogar Desiree, ele nem mesmo parecia querer fazer aquilo. Mark Shaw concordou comigo.

“O interrogatório de Fuller, polido e fraco, era difícil de compreender, especialmente quando o interrogatório direto de Garrison lhe deu tantas oportunidades para investigar Washington sobre o que tinha exatamente acontecido entre ela e Tyson no quarto de hotel”, ele escreveu.

Ele não conseguia compreender por que Fuller não tirava proveito da defensiva dela. Ela teria dado a ele muito mais informação do que foi solicitado. Ele nunca acompanhou os detalhes do acordo que a família dela fez com o advogado civil dela. De fato, ela mentiu sobre o propósito de ter um. Ela sabia muito bem que ia me processar e receber uma montanha de dinheiro quando esse processo criminal tivesse terminado. E foi o que aconteceu.

Em nenhum momento Fuller bombardeou Desiree com perguntas rápidas, como Hammerle tinha feito em seu interrogatório simulado. Ele nunca a colocou na defensiva; se tivesse feito, o júri poderia ter visto que ela não era tão ingênua como tinha projetado ser. Quando Fuller afirmou que Desiree tinha sido repreendida por se comportar como uma tiete quando ela estava, naquela noite, nos bastidores do

concerto de Johnny Gill, ela apenas disse ao júri que não sabia o que a palavra “tiete” significava!

Ele nem ao menos perguntou a ela qualquer coisa sobre remover seu absorvente higiênico! Ele não perguntou a si mesmo como eu poderia ter feito sexo oral e, ao mesmo tempo, mantê-la espremida contra a cama. Onde estavam as contusões se eu a tivesse agarrado à força? Se ela tinha gritado, por que ninguém no hotel a ouviu? Vamos lá, nós estávamos num quarto de hotel às 2 da madrugada, tudo em perfeito silêncio, e ela gritou? Se alguém tivesse me atacado, eu teria fugido para a corredor e batido na porta das pessoas: “Me ajude, venha, o cara está aqui”. Não é preciso ser um advogado de primeira linha para decifrar essa bobajada toda.

Outra testemunha que me prejudicou foi o médico da emergência, Stephen Richardson. Ele testemunhou que tinha examinado Desiree na noite seguinte ao ataque alegado. Ele não encontrou nenhuma contusão ou esfoladura nem nos braços nem nas pernas de Desiree, nenhum sinal de que ela tivesse apanhado ou sido apertada. Não havia nenhum trauma nem nos grandes nem nos pequenos lábios. Mas ele encontrou duas pequenas escoriações de 3,2 milímetros de largura por 9,5 milímetros de comprimento na entrada da vagina. Ele disse que entre 10% e 20% das vítimas de estupro tinham escoriações nesse local. E também disse que, em 20 anos de profissão, tinha visto esse tipo de lesão apenas duas vezes em caso de sexo consensual.

Pelo que ele disse, essas eram escoriações minúsculas, mas Garrison tinha feito uma ampliação enorme de uma foto das partes íntimas de Desiree, e as exibiu no tribunal. Ao olhar para aquela imagem, podia-se achar que alguém tinha pegado um martelo e batido em sua vagina.

Fuller não tinha nada para rebater o depoimento do dr. Richardson, mas poderia ter tido. Voyles tinha um urologista de reserva para examinar meu membro e testemunhar como aquelas pequenas esfoladuras poderiam ter sido causadas pela penetração. Mas Fuller não quis ir por esse caminho. Ele deveria. Em vez do urologista, Fuller arranjou uma médica incompetente, que estava

tão confusa que começou a marcar pontos para a promotoria! Essa era minha equipe de defesa de 1 milhão de dólares!

Antes de a promotoria terminar de apresentar seu caso, meus advogados tentaram acrescentar mais três testemunhas de defesa. Minha equipe de defesa estava recebendo numerosos telefonemas durante o julgamento, de modo que ficaram um pouco céticos quando receberam uma chamada de uma moça que disse que ela e duas amigas tinham visto Desiree e eu nos abraçando e beijando no banco traseiro da limusine e de mãos dadas no caminho para o hotel! Isso teria sido importante e teria mostrado que Desiree não passava de uma sofisticada mentirosa. Assim, Voyles conseguiu permissão para tirar a limusine das provas materiais. Ele a colocou na frente do hotel à noite, e era possível ver através daqueles vidros fumês como se fosse dia.

Eles averiguaram as moças e concluíram que todas eram críveis, então tentaram conseguir que elas fossem admitidas como testemunhas, mas a juíza Gifford quase teve um ataque. Ela queria saber por que a promotoria não tinha ouvido falar dessas testemunhas imediatamente. Porque elas tinham sido averiguadas, demonstrando não ser malucas. Mas ela nem se preocupou com isso. Era como se ela levasse a coisa para o lado pessoal.

"Sou da opinião de que não excluir as testemunhas resultaria em prejuízo substancial para o estado de Indiana, e acredito que o estado de Indiana tem direito a um julgamento justo, do mesmo modo que o réu, em qualquer caso", disse, excluindo dos depoimentos aquelas que provavelmente eram minhas testemunhas mais importantes.

Em seguida, a promotoria terminou seu caso. Chamaram a senhora Washington para depor, e ela o fez.

"Aquela Desiree que eu conhecia foi embora, e ela não vai mais voltar. Só quero minha filha de volta."

Até mesmo alguns jurados começaram a chorar.

Depois, puseram uma versão editada da fita da chamada para a polícia. Foi como chamar Desiree para o banco das testemunhas sem permitir que nós a interrogássemos.

“Eu saí com esse homem numa limusine naquela noite, e ele me disse que tinha que ir buscar seus guarda-costas e me perguntou se eu queria entrar por alguns instantes e eu disse: ‘Ah, ok, está bem’. Você sabe, pensando que era um homem legal. E entramos, e esse homem começou a me atacar. Eu saí do banheiro, e ele estava com a roupa de baixo e basicamente fez o que ele queria fazer, e dizia e repetia: ‘Não lute comigo, não lute comigo’. E eu dizia: ‘Não, não, me solte, me solte, por favor, me solte’. E ele dizia: ‘Não lute comigo, não lute comigo’. E o homem é muito mais forte do que eu era, e ele simplesmente fez o que queria fazer e eu dizendo: ‘Pare, por favor, pare, por favor’. E ele não parou.”

Mais adiante naquela fita, a atendente continuava a dizer a Desiree que ela era a vítima, ela era a vítima, e então Desiree deixou escapar uma coisa muito interessante.

“Não estou tentando lhe dizer o que fazer, mas não fique assustada”, a atendente disse a ela. Ela estava pressionando Desiree a denunciar o estupro.

“Mas alguém conhecido nacionalmente contra alguém como eu, uma pessoa comum, quero dizer, as pessoas quase que naturalmente pensam que eu estou atrás de dinheiro ou coisa assim”, Desiree disse, sem qualquer motivo.

Permitir que aquela fita fosse apresentada como prova foi muito prejudicial para meu caso.

Muitos estudiosos de direito acharam que não deveria ter sido admitida, mas isso não impediu a ação daquela pequena juíza.

Era hora de nós apresentarmos nosso caso. Àquela altura, Voyles e eu estávamos totalmente desanimados. Na verdade, nunca tive nenhuma fé no sistema. O jovem Kennedy tinha sido considerado inocente de estupro em Palm Beach apenas um mês antes de meu julgamento ter começado, mas eu sabia que ia ser condenado, é assim que o sistema funciona. Sou descendente de escravos. Que as pessoas possam me respeitar como ser humano é, até hoje, algo de que eu duvido. Eu era o negão, e aquele caubói promotor ia colocar suas botas com esporas na minha cara. Nenhuma daquelas pessoas ia me ajudar. Eu estava fodido desde o dia em que fui acusado. Eles iam me pegar de uma forma ou de outra.

Fuller e Beggs não ajudaram. Kathleen Beggs era cordial como uma porta. Ela conversou algumas vezes com a juíza Gifford, e dava para ver que a juíza simplesmente a odiava. Quando Voyles tentou dizer a Fuller que Beggs devia se preparar um pouco mais, Fuller lhe disse: "Não precisamos desse tipo de conselho vindo de você".

Toda a minha defesa pelo gênio Fuller era que Desiree devia ter sabido onde ela estava se metendo, porque eu era um animal sexual rude, vulgar e irrecuperável. Essa foi a caracterização que meu próprio advogado fez de mim. Mesmo Garrison não conseguia acreditar na estratégia de Fuller. Ele sabia que me pintar como uma máquina de fazer sexo iria arrasar minha reputação e fazer que o júri ficasse contra mim. Eu seria "tão insensível e grosseiro que nenhuma pessoa sensata poderia ter qualquer simpatia por ele". O que é pior, Garrison chamou de racista a estratégia de defesa de Fuller. "A defesa tirou a individualidade de Tyson, tornando-o uma figura de papelão saída de um desenho animado racista e obsceno", Garrison escreveu em seu livro.

Eu tive de rir quando uma garota que chamamos como testemunha da defesa disse ao tribunal que ela tinha me ouvido dizer a uma outra concorrente: "Eu quero foder você, e traga sua companheira de quarto também, porque eu sou uma celebridade e, você sabe, nós fazemos esse tipo de coisa".

Eu mesmo não colaborei para meu caso. Quando fui chamado a testemunhar, fui muito arrogante e uma testemunha hostil para meu próprio caso. Àquela altura, o futuro estava determinado. Tinha ocorrido um incêndio onde os jurados estavam hospedados, e um dos jurados negros disse à juíza que ele estava muito abalado para continuar. Ele era o cara que sempre reclamava da comida e do alojamento. Quando a juíza permitiu que ele saísse, Garrison vibrou. Ele estava convencido de que aquele cara teria evitado aquele veredito do júri. Agora só havia dois negros no júri.

Apresentamos um monte de testemunhas que contradiziam a imagem de Desiree. Uma das concorrentes testemunhou que Washington lhe tinha dito que "ela queria dinheiro, queria ser como Robin Givens". Ela também disse que Desiree era desbocada e fazia insinuações sexuais. Segundo ela, eu falei: "Você quer vir ao meu

quarto? Eu sei que não vou conseguir nada, mas só estou perguntando, de qualquer maneira". Aquilo soava como sendo eu.

Uma outra garota testemunhou que, quando me viu, ela disse a Desiree: "Aí vem seu marido. Ele não fala muito bem".

"Mike não precisa falar. Ele cuida de fazer dinheiro e eu vou tratar de falar", Desiree respondeu. As duas garotas declararam não ter visto nenhum tipo de mudança em Desiree depois do suposto estupro.

Uma outra moça disse que tinha visto a gente se agarrando. Uma outra disse que Desiree me lançou um "olhar fulminante" quando dei umas palmadinhas no traseiro de outra garota. Caroline Jones testemunhou que Desiree lhe disse: "Eis 20 milhões de dólares", quando me viu no ensaio.

No dia 7 de fevereiro, fui para o banco das testemunhas. Contei basicamente a mesma história que você já leu. Exceto quando contei a eles que eu disse a Desiree que simplesmente queria uma foda com ela, foi como se o júri tivesse sido atingido por um relâmpago, como se eles nunca tivessem ouvido a palavra "foda" antes. Fuller, além de não ter me preparado, me conduziu muito mal durante meu testemunho, e, quando ele acabou, a juíza Gifford determinou um recesso até o dia seguinte, o que deu à promotoria a noite inteira para rever meu depoimento e preparar suas ciladas.

Quando recomeçamos no dia seguinte, Garrison fez o maior barulho com o fato de que uma jovem de 18 anos jamais responderia "Tudo bem, então me ligue" a uma proposta como aquela que eu fiz a Desiree: "Quero foder você". Acho que ele estava vivendo na idade das trevas, mas mais uma vez era o mesmo homem que, depois de ouvir minha declaração de eu que tinha feito sexo oral com Desiree por cerca de 20 minutos, escreveu: "A descrição dele do evento se voltava violentamente contra tudo que eu sabia sobre sexo".

Ele também passou muito tempo para conseguir que eu confessasse que meu sucesso no ringue era resultado de minha astúcia, da minha capacidade de fintar, e aquilo, claro, significava que eu era um mentiroso.

Depois que terminei de testemunhar, eles trouxeram Johnny Gill para dizer que, quando eu disse a Desiree que queria foder com ela, ela nem mesmo pestanejou. Fuller chamou mais algumas concorrentes para dizer que Desiree tinha declarado que eu realmente "tinha músculos" e "tinha uma bunda boa para agarrar". A defesa inteira estava tão dispersa que até eu podia ver que não havia coesão no caso que ele estava construindo. A maior falha era que Fuller e Beggs eram muito pudicos para entrar nos detalhes do encontro sexual. Eles não deram aos jurados os fatos reais para que pudessem basear seus julgamentos.

Fuller foi tão chato durante o argumento final que um jurado realmente o interrompeu e pediu para ir ao banheiro. Isso não era um bom sinal. Quando ele chegaria ao ponto crucial em que eu supostamente disse a Desiree que ela estava me excitando, e ela respondeu não fugindo do quarto de hotel, mas indo ao banheiro, tirando o absorvente higiênico e depois voltando para a cama? Eu estava esperando, mas Fuller nunca o fez.

Em seguida, Garrison deu seu argumento final. Foi a mesma cantilena, mas ele alimentou aqueles jurados com bobagens rasteiras, de uma maneira que Fuller jamais teria conseguido. "Os olhos do mundo estão voltados para nós. As pessoas por toda parte querem saber se os cidadãos do condado de Marion têm coragem de fazer uma coisa difícil. Eu não quero este homem condenado porque o mundo assiste. Eu o quero condenado se vocês acreditam que a evidência prova, além de uma dúvida razoável, que esta garota bonita, honesta, veio à cidade, foi ludibriada por um enganador profissional, que mentiu para ela, que a fez de idiota e a namorou, a isolou e a sujeitou, a estuprou e a tornou objeto de comportamento transviado. Se é nisso que você acredita, e a evidência é assim, então esse deve ser o seu julgamento. Isso é tudo."

O último prego no meu caixão veio pouco antes de o júri sair para deliberar. Fuller fez uma moção de que a juíza deveria incluir uma instrução ou consentimento implícito quando instruísse o júri antes que eles saíssem para discutir o caso. Isso significava que eu não podia ser culpado de estupro se "a conduta da queixosa sob todas as circunstâncias deveria ser vista razoavelmente como

indicando consentimento aos atos em questão". Mas o ex-promotor de estupros deu um chega para lá em Fuller, de modo que o júri nunca soube sobre esse precedente legal estabelecido.

Dia 10 de fevereiro, às 13 horas e 15 minutos, o júri de oito homens e quatro mulheres começou a deliberar o meu caso. Não surpreendeu que Tim, o ex-fuzileiro naval, agora vendedor da IBM, fosse eleito primeiro jurado. Depois de 15 minutos de deliberação, sem discutir as provas, eles votaram. O resultado foi seis a seis. Menos de nove horas mais tarde, eles tinham chegado a um veredito unânime.

Nós todos voltamos ao tribunal. Quando o júri entrou, eles não conseguiam nem olhar para a mesa da defesa. Era isso. Quando ouvi "culpado" na primeira contagem, eu me senti como se tivesse levado um soco. "Ah, toma mais essa, cara", sussurrei. Mas não estava nada surpreso.

Tínhamos de encarar a imprensa lá fora. E me foi permitido ficar solto sob fiança até a sentença.

"Não tive uma chance justa", eu disse. "Eu sabia que era inocente, mas sabia que o veredito ia ser rápido por causa da mentalidade do tribunal e da promotoria. O promotor era racista, fraco, contente de receber publicidade, um homenzinho inferior. Eu estava nervoso porque sabia que isso ia me afastar das pessoas que eu amava, mas eu estava preparado para isso."

A minha nêmesis, Tim, o ex-fuzileiro naval, disse para a imprensa que "quando juntamos tudo, a questão do consentimento claramente não foi dada".

Mark Shaw estava certo quando escreveu em seu livro: "Para sua decepção [o sistema de justiça criminal] derrotou Tyson com um juiz pró-acusação, promotores que podem ter retido provas críticas, um advogado de defesa incompetente, cuja defesa desastrada pode ter sido mais responsável pelo veredito de culpado do que todo o resto combinado e um júri que estava mais atento para a imagem pública de *bad-boy* de Tyson do que os fatos do caso estarem incompletos. A melhor realização de Garrison no processo foi sua estratégia de sucesso ao apresentar Desiree Washington como uma estudante universitária tímida, inexperiente, ingênua e pudica que

eles, de fato, sabiam que não era. Utilizando a total proteção da lei do estupro e completamente conscientes de que Washington tinha de fato assinado um acordo para processar Tyson e vender seus direitos de filmes e livros, a promotoria, que também tinha conhecimento do questionável passado sexual de Washington e de sua necessidade de terapia, se certificou de que o júri nunca visse qualquer indicação de que Washington fosse outra coisa que não uma beata frequentadora de igrejas".

Algum carma voltou para Garrison durante o julgamento. Ele ficou sem a esposa. Ela tinha acabado de ter um bebê e fugiu com o policial que tinha sido designado para protegê-la durante o julgamento.

9

PASSEI UM TEMPO EM meu apartamento de Nova York entre a condenação e a indicação da sentença. Um dia, eu estava voltando da casa de uma garota e já ia entrando no meu prédio, quando vi um homem parado do lado de fora. Passei por ele sem me preocupar, mas ouvi sua voz.

"Ei, filho, como está?"

Virei o rosto e imediatamente reconheci meu pai. Fazia dez anos que não o via, desde o enterro de minha mãe.

"Olá, como está o senhor?", respondi. De início, ele me deixou assustado, mas logo depois me acalmei. Eu não tinha raiva dele, pois minha vida tinha sido muito boa. Ele parecia bem tímido e um pouco amedrontado. Tenho certeza de que ele andava ouvindo coisas muito ruins sobre minha índole arruaceira. Mas, quando sorri e o abracei, a tensão diminuiu.

"Vamos subir", falei e fiz sinal para que entrasse.

"Olá, senhor Tyson", o porteiro e o ascensorista disseram.

"Uau, você cresceu bastante, hein?", disse meu pai.

"Não, nada disso, é só uma ilusão", respondi.

Alguns anos atrás, meu pai já tinha dito que queria me ver. Em outubro de 1988, um repórter do *New York Post* foi até o Brooklyn, onde meu pai morava, e o entrevistou.

"Não vou visitar o Mike com as mãos abanando", disse ao repórter. "Não quero o dinheiro dele. Não que eu não aceitasse, ou que não pudesse usá-lo, mas só aceitaria se Mike quisesse me dar dinheiro."

Na época, eu estava focado demais no boxe para procurá-lo. Mas, com os anos, eu tinha escutado muitas histórias sobre meu pai de conhecidos do Brooklyn. Era um autêntico cara das ruas – malandro, jogador e pastor/ cafetão. Meu pai era tão maluco por Jesus, que

podia matar alguém em seu nome. Ele nasceu em Charlotte, Carolina do Norte, bem no meio do Cinturão da Bíblia. Quando ele era mais jovem, cantava num grupo gospel. Durante toda sua vida, teve Jesus a seu lado, mas também fazia coisas sujas. Ele era o cara. Costumava andar muito bem-vestido e controlava todas as mulheres que iam até a igreja em busca de conselhos. Na minha juventude no Brooklyn, havia mulheres que me paravam na rua para dizer: "O seu pai e o irmão dele eram cafetões e a gente trabalhava para eles". Ele tinha fama de ser o pior malandro e cafetão do Brooklyn.

Meu pai era muito mais durão do que eu. Sempre gostei de pensar que eu era tão valente quanto ele, mas estava bem longe disso. Eu ouvi dizer que meu pai tinha sido meio que obrigado a sair da Carolina do Norte depois de brigar com um cara. Seu tio, um cara que fazia o gênero Pai Tomás, apartou a briga e salvou a vida do meu pai, mas disse que ele tinha de sair da cidade. Aí ele foi para Nova York. Quando chegou lá, ele entrou num bar e começou a conversar com uma mulher muito bonita. De repente, apareceu um homem com um belo chapéu, daqueles negros bem aprumados, deu um chega para lá no meu pai, derrubando-o do balcão, e começou a conversar com a garota.

"Esse cuzão aí é um neguinho caipira", o homem falou para a garota. "Não perde seu tempo com ele."

Meu pai tomou um ônibus e voltou para Charlotte. Pegou seu rifle, voltou para Nova York, encontrou o cara e deu um tiro nele. Quando tinha algum problema com a polícia no Brooklyn, ele e seu irmão resolviam as coisas atirando nos tiras. Meu pai era muito respeitado na comunidade.

Ele conheceu minha mãe em Charlotte. Ela estudava em Winston-Salem e ficou amiga da irmã de meu pai, que basicamente servia de aliciadora dele. Ela pegava drogas ou encontrava mulheres bonitas para ele. Foi assim que ela levou minha mãe para conhecê-lo. Na minha infância, meu pai não esteve muito presente, mas de vez em quando ele aparecia. A gente não lhe dava muita atenção, porque minha mãe era bem amargurada com ele. Mas acredito que, dadas suas habilidades paternais, ele fez o máximo que pôde. Naquela época, não era fácil ser negro e pai de família.

Subimos, e ele gostou do apartamento. Pedimos comida e começamos a conversar. Ele parecia surpreso por eu ter reagido tão bem a sua presença. Percebi que ele precisava de dinheiro, e lhe dei algum. Eu queria muito saber mais sobre ele, por isso o convidei para ir até minha casa em Ohio. Ofereci um carro para ele ir até lá, e lhe sugeri uma Mercedes-Benz.

"Oh, pelo amor de Deus, filho, não, por favor, não faça isso", disse. "Só consigo dirigir Cadillac, não sei dirigir Mercedes." Ele tinha aquela ideia fixa que pastores/cafetões têm com Cadillacs.

Algumas semanas depois, meu pai foi até Ohio com os dois filhos de minha irmã. Naquele estágio da vida, ele era um homem muito interessante. Ficava na igreja o dia inteiro, das 9 da manhã até 5 da tarde, voltava para casa, comia alguma coisa e retornava para a igreja, onde ficava até as 11 da noite.

Ele parecia gostar de meu estilo de vida. Alguns dias depois, ele começou a se sentir mais à vontade lá, e convidou um colega pastor – outro cara que se vestia impecavelmente. Ficavam lá sentados, jogando conversa fora. E eu ficava olhando para ele, estudando suas características. Percebi que adorava doces. Era um homem de 68 anos de idade, e adorava doces. Pensei: *Olha só! Veio daí minha paixão por doce*.

De certo modo, eu invejava a maneira como ele se relacionava com tantas mulheres. Eu sempre tinha me dado mal em relacionamentos, e ele comia todas. Meu pai era um cafetão de sucesso, e eu não conseguia fazer dois cachorros cruzarem. Ele teve 17 filhos, e todos viraram adultos incríveis. Mais tarde, conheci alguns deles, e nenhum era louco como eu.

Um dia, sentei com meu pai e falei: "Me ensina alguma coisa. O que o senhor sabe sobre a vida? O que pode me ensinar? Seja meu pai."

"Não posso te ensinar nada, filho", respondeu. "Só sei falar sobre a Bíblia e conquistar mulheres. E isso não é para você. Sabe, te vi com suas mulheres."

Eu vinha tentando impressioná-lo com minhas mulheres glamorosas.

“Você é um tolo, filho. Não vejo problema algum nisso, certas pessoas são assim quando se relacionam com mulheres”, disse. “Alguns homens nunca atingem um nível na vida em que conseguem lidar com elas. Você é assim. Não sabe conversar com uma mulher. Simplesmente não é bom. Você as beija com sua boca. Caralho, sabe o que elas fazem quando não estão com você? Estão chupando a porra do meu caralho, ou outro cara está mijando na boca delas. E você as beija, coloca a língua na boca delas, filho.”

Quando meu pai apareceu no meu apartamento, ele estava bem humilde. Mas, assim que percebeu que eu estava aberto para recebê-lo e lhe dar dinheiro, começou a ficar arrogante.

“Para ser honesto, não tenho certeza de que você seja meu filho. Quando uma das suas mulheres sai daqui, a outra está chegando, e elas quase se encontram”, falou, pouco antes de ir embora. “Você precisa dizer para elas virem juntas. Coloquei cinco ou seis garotas em casa junto com a sua mãe…”

Porra. Era informação demais para mim, e o cara estava ficando bem malandrão. Eu não tinha cabeça para aguentar aquilo.

“Ei, relaxa, cara”, falei. “Amo minha mãe. Você é meu pai, e eu te amo. Não vamos mais falar sobre vocês dois. Vamos ficar na nossa relação de pai e filho.”

EU PRECISAVA ACERTAR UMAS coisas antes de voltar para ouvir minha sentença. Eu estava convencido de que iria para a prisão, e por isso liguei para Natalie, a mãe de meu filho D’Amato.

“Escuta, vou te enviar 100 mil dólares agora. E, depois que for preso, vou mandar que te enviem uma quantia todo mês.”

Assim que Natalie recebeu aquela grana, ela saiu para contratar um advogado e entrar com um processo milionário contra mim. Mas isso foi muito bom, porque, anos depois, conforme o processo seguiu seu curso, meu advogado conseguiu que fosse feito um teste de paternidade, e acabamos descobrindo que o filho não era meu. Eu merecia aquilo. É isso que acontece quando a gente come putas. Foi mais uma dura traição. Fiquei arrasado quando saiu o resultado do primeiro teste. Eu achava mesmo que D’Amato era meu filho. Tinha

passado muito tempo com o menino. Até posei com ele para a capa da revista *Jet*. Aquela mulher me atormentou e me perseguiu durante anos depois do teste de paternidade. Acho que a vida dela nunca terá nada de bom. Não ficaria surpreso se alguém envolvido com ela fosse encontrado morto em casa ou algo assim.

Depois de ser condenado e sentenciado, me mandaram para o Centro da Juventude em Indiana. Era uma prisão de segurança média, projetada nos anos 1960 para criminosos ricos, brancos, jovens e não violentos. Em 1992, o sistema carcerário de Indiana estava tão abarrotado, que começaram a enviar criminosos adultos para lá, a maioria condenada por crimes sexuais ou de tráfico de drogas que não conseguiria sobreviver em prisões realmente duras. Mas, com o tempo, passaram a mandar assassinos e outros criminosos violentos para lá. Quando cheguei, havia cerca de 1.500 prisioneiros, mais de 95% brancos.

Fui colocado no pavilhão M, uma das unidades mais novas. Fiquei em uma cela dupla, com portas reforçadas e pequenas janelas, em vez de barras. Quando você entrava no quarto, podia ver dois leitos à esquerda e um banheiro e um armarinho para guardar objetos pessoais à direita. Havia também uma mesa para estudos. O quarto tinha 2,4 por 2,7 metros.

Na época, não me dei conta de que estar na cadeia, mesmo que por um crime que não tinha cometido, era uma bênção disfarçada. Se eu não estivesse lá, sabe Deus o que teria acontecido comigo. Preso, foi a primeira vez na vida que consegui de fato recuperar o fôlego e ficar parado, mas não pense que lá adquiri sabedoria rapidinho ou que ficava cantando “Kumbaya” o dia todo. Estava com uma puta raiva quando fui para lá. Eu sabia que ficaria em cana por pelo menos três anos. Se tivesse sido uma garota branca, ficaria preso por uns 300 anos.

Nas primeiras semanas que passei na cadeia, fiquei apenas aguardando que alguém me considerasse fraco, que me testasse. Mal podia esperar para provar para aqueles psicopatas que eu era tão homicida quanto eles, se não mais. Eu precisava deixar claro para todos aqueles animais que não deviam se aproximar da minha cela

nem tocar nas minhas tralhas. Eu estava agressivo e pronto para briga.

Pouco depois de chegar lá, eu estava caminhando, e um cara gritou para mim: “Ei, Tyson, seu pulador de árvores do caralho”. Eu não tinha a mínima ideia do que ele estava falando. Achei que fosse um tipo de saudação, que se referisse ao fato de eu ser um atleta que conseguia realizar proezas físicas, até pular sobre árvores. Mas aí perguntei a outra pessoa.

“Pulador de árvores é um estuprador, Mike”, ele me contou. “Sabe, um cara que se esconde atrás da árvore aguardando que uma garotinha passe, para então pular e agarrá-la.”

“Ai, Jesus”, comentei.

Mas, alguns dias depois, eu estava na recreação, e um presidiário gente boa, especial, se sentou ao meu lado. Era um daqueles irmãos cristãos supereducados, com um sorriso bonito no rosto o tempo todo, o cara mais querido e respeitado da cadeia.

“Mike, você não é um estuprador”, ele disse, me olhando diretamente nos olhos. “Tenho te acompanhado. Você não passa de um garoto bobão que gosta de se divertir, mas você não estuprou ninguém. Sei porque *eu* sou um estuprador. Foi isso que fiz. Estuprei e abusei brutalmente de uma mulher. Já viu aquela mulher branca que vem me visitar? Não é minha namorada, é minha vítima.”

“Como assim?”

“Estou nas mãos do Senhor agora, Mike. Escrevi para ela, e temos nos comunicado. Ela vem me visitar. Eu conheço estupradores, Mike, porque sou um deles.”

Enquanto me acostumava com a prisão, surgiram algumas controvérsias do lado de fora. A maioria das pesquisas de opinião indicava que muitas pessoas questionavam meu veredito, mesmo aquelas que entrevistavam mais mulheres. Uma grande parte dos negros acreditava que meu julgamento não tinha sido justo. Um dos jurados até chegou a contar a um repórter que nenhum dos jurados negros queria saber do meu caso, pois estavam com medo. Toda vez que eu falava com Don pelo telefone, ele me garantia que estava batalhando para me tirar de lá o mais rápido possível. Assim, pode-se imaginar como me senti quando, em 31 de março, seis dias

depois de ter ido em cana, um juiz negou minha moção de recurso. Parei, na hora, de comer coisas sólidas e fiquei só com líquidos. Aí comecei a tomar advertências. Fui repreendido por dar autógrafo a alguns detentos. Fiquei agressivo e cometi infrações por ameaçar guardas e outros presidiários.

Entrei numa briga com um jovem mulato, grandalhão, chamado Bob. A gente estava tirando um com a cara do outro, mas aí a coisa ficou séria, ele quis brigar, e acabei dando uma porrada bem na testa dele. Outro detento, chamado Wayno, veio me dizer para ficar mais calmo.

"Você não tem nada para provar a esses caras", falou. "Eles vão ficar muito tempo aqui, mas você quer ir para casa, irmão."

Ele estava certo. Felizmente para mim, quando o guarda apareceu, Bob não me entregou: ele disse que tinha tropeçado. Aquela porrada poderia ter me custado mais alguns meses na cadeia.

Não foi nada fácil manter minha humanidade num lugar como aquele. Eu vi coisas que nunca imaginei que um ser humano pudesse fazer com outro. Vi pessoas sendo cortadas em brigas por um único cigarro. Gente jogando gasolina na cela de outro homem, querendo acender um fósforo para queimá-lo vivo. Gente agarrando uma agente penitenciária para jogá-la no banheiro e estuprá-la. Vi guardas fugindo com a metade da cabeça escalpada com uma gilete ou com o rosto cortado por uma pancada com grampeador. As pessoas que faziam aquelas merdas não estavam nem aí. Já estavam condenadas a 40, 50, 100 anos. Já tinham pegado a pena máxima, a sua situação não podia ficar ainda pior. Assim, conviver com aqueles sociopatas era como estar andando sempre numa corda bamba. Aqueles loucos deveriam estar num hospital, e não numa prisão.

Nos primeiros meses lá, eu estava muito paranoico. Achava que alguém, detento ou guarda, ia armar uma para mim, colocando droga no meu quarto ou me provocando para eu bater nele, e, com isso, eu pegaria mais tempo de pena. Eu só queria sobreviver. Por isso, eu ficava na cela o tempo todo, não queria ver ninguém. Às vezes, eu caminhava até o escritório do diretor Trigg.

“Olha, estou pronto para ir para casa. Não acha que já é hora de eu sair?”, eu argumentava.

“Não, acho que é hora de você voltar para sua cela”, ele respondia, já chamando os guardas para me acompanharem de volta. Aí, um dia, fui para minha cela e fechei a porta. Um detento branco gritou para mim: “Vem aqui fora. Você não tem por que ter vergonha. Já cumpri a sua pena pelo menos umas dez vezes. Você precisa ficar em forma e ficar bem. Vai voltar a lutar. Sua pena é de bêbado”.

Uma vez, entrei num bate-boca com um guarda branco racista, e todos os outros detentos vieram em meu socorro. Os supremacistas arianos de outro pavilhão vieram correndo, porque acharam que um dos seus rapazes estava envolvido. Aí, o guarda chamou um esquadrão de valentões, e o caos total se instalou. As pessoas gritavam: “Acaba com eles, Mike! Mata esse porco escroto!”. Foi um tumulto. Precisaram trancar os pavilhões, e me mandaram para a porra do buraco.

O buraco era foda. Eles me jogaram numa cela de 1,8 por 2,7 metros, com apenas um colchão no chão e um vaso sanitário. Durante o dia, retiravam o colchão e me forçavam a dormir no chão de concreto, porque não queriam que eu me sentisse confortável.

Era bem desumano ficar enfurnado num quartinho 12 horas por dia, com a luz sempre acesa. Mas é possível se acostumar. Você se torna sua melhor companhia. De um modo estranho, a gente encontra liberdade no buraco. Ninguém fica controlando todos os seus movimentos, da forma como fazem entre a população em geral. O buraco era a pior situação possível, e isso se tornou meu elemento.

No meu primeiro ano de prisão, causei muitos problemas. Recebi broncas por não andar rápido, por ser rude, por ameaçar guardas, por empurrar pessoas. Eu era tão desordeiro, que quase me mandaram para o pavilhão P, onde são trancados os detentos altamente perigosos, que não querem trabalhar nem acatar ordens. Ficavam afastados do restante dos presos. Eu achava que era um daqueles malucos filhos da puta, e por isso comecei a agir como

eles. Eles ficavam trancados nas celas o dia todo, e os guardas não tiravam os olhos de lá.

"Vão se foder, suas bichinhas de merda", o pessoal do pavilhão P gritava para os guardas.

As janelas deles tinham telas, e, quando passávamos por lá, eles também gritavam para nós.

"Ei, campeão, fica frio. Estou sabendo que você está meio rebelde aí. Não queira vir para cá, não, campeão. Com a gente, você não vai foder, não", gritavam.

"Ei, quando você ficar um pouco mais educado, pode se juntar ao restante das pessoas", eu gritava de volta.

"Vai se foder, seu cuzão metido, comedor de pombos", o cara respondia.

Depois disso, me acalmei. Não queria viver como um animal. A coisa ficou tão feia, que eles acabaram tirando as telas do pavilhão P, e colocaram vidro no lugar, para eles que não ficassem cuspindo nas pessoas que passavam.

Eu me adaptei ao buraco. Por que não? Cresci em lugares que cheiravam a esgoto.

Eu vim de uma fossa.

EM DEZEMBRO, DESCOBRIMOS QUE Desiree tinha discutido com advogados, antes do julgamento por estupro, contratos para publicação de um livro e produção de um filme. Agora, alguns jurados temiam ter tomado a decisão errada.

"Pelo que fiquei sabendo, agora não consigo vê-la como uma testemunha crível", disse Dave Vahle, um dos jurados, à imprensa. "Para nós, um homem tinha estuprado uma mulher. Mas agora, vendo melhor as coisas, parece que foi uma mulher que estuprou um homem."

Ele e Rose Pride, também jurada, enviaram cartas para o Tribunal de Apelação de Indiana, solicitando que eu passasse por um novo julgamento. Desiree tentou reduzir os danos, indo ao *20/20* e dando uma entrevista à revista *People*. Aí, em julho, ela enfim entrou com um processo civil contra mim. Seu pai disse que o

processo foi aberto porque ela estava cansada de ser xingada por Don King e pelo meu advogado Alan Dershowitz. O advogado de Desiree se chamava Deval Patrick. O nome é conhecido. Ele é o governador de Massachusetts atualmente. É também o cara que me processou por danos não especificados a Desiree Washington, por coação emocional e física – ele alegava que eu tinha passado para Desiree não uma, mas duas doenças venéreas.

Pouco tempo depois, Ed Gerstein, aquele advogado de porta de cadeia que foi primeiramente contratado por Desiree e sua família, recebeu um parecer sobre o processo que ele tinha aberto na Suprema Corte de Rhode Island a respeito de seu contrato original com a família Washington. Entre outras coisas, o parecer do tribunal foi de que acreditavam que o estado de Indiana deveria cuidar dessa questão porque Desiree pode ter cometido perjúrio ao lidar com a questão do contrato durante a inquirição em meu julgamento. Dershowitz imediatamente aproveitou essa informação, chamando-a de "evidência incontestável", capaz de mudar o resultado de minha condenação. Também chamou Desiree de "garimpeira gananciosa por dinheiro, que mente o tempo todo".

Em 9 de julho, 500 pessoas participaram de uma passeata em apoio a mim no centro de Indianápolis. Até uma vereadora de Compton veio conversar com a multidão.

"Não permitiremos que Desiree se livre usando-nos como ferramenta para destruir um dos maiores homens que já conhecemos."

Mas, cerca de um mês depois, a juíza Gifford jogou novamente um balde de água fria sobre minhas esperanças. Ela negou um novo julgamento e reforçou uma decisão anterior de que Dershowitz não poderia invalidar Desiree devido a seu contrato original com o advogado civil. Ela tornou pessoais as coisas, dizendo que estava chocada com "a tentativa [de Dershowitz] de perpetrar uma fraude na Corte".

Em outubro de 1992, meu pai faleceu. Eu quis ir ao enterro, mas não me permitiram. Estavam realmente tentando acabar comigo lá. A todo momento, eu estava sendo penalizado por pequenas ofensas que iam se acumulando cada vez mais ao longo do tempo. E ainda

paguei os dois funerais dele, um foi no norte, e depois o mandamos para a Carolina do Norte. Meu sobrinho me contou que a esposa oficial de meu pai ficou muito puta, porque todas as ex-prostitutas dele ficaram sentadas na primeira fila para lhe prestar homenagem.

Depois do Ano-Novo, houve grandes avanços em meu processo. Em 12 de janeiro, a revista *Globe* publicou uma matéria mostrando que Desiree não era tão inocente como a promotoria a retratou. Entrevistaram alguns de seus amigos, que confirmaram que ela era bem sofisticada em questão de sexo. Um amigo chegou a comentar que Desiree só alegou estupro quando seu pai ficou furioso ao descobrir que ela tinha feito sexo comigo.

No fim do mês, o *Hard Copy* produziu um especial de uma hora chamado "Benefício da Dúvida" sobre meu caso. Quando Desiree tinha ido ao *20/20* antes, ela disse a Barbara Walters que teria retirado todas as acusações contra mim se eu tivesse me desculpado. Dershowitz estava atento para isso.

"Você consegue imaginar alguém dizendo que aceitaria desculpas por ter sido estuprada?", perguntou.

Em 15 de fevereiro, o Tribunal de Apelação de Indiana ouviu as arguições da minha apelação. Antes da audiência, os juízes tinham finalmente descartado o contrato de Desiree com o advogado civil. Dershowitz tinha quatro pontos principais que imaginava poder garantir uma reversão – as testemunhas que foram excluídas e que viram Desiree e eu nos beijando, a exclusão da instrução ao júri de consentimento implícito, a admissão da gravação para a polícia e o contrato de Gerstein por uma ação civil contra mim. Muitos especialistas jurídicos, até mesmo Mark Shaw, achavam que Gifford tinha cometido erros em quantidade suficiente para se exigir um novo julgamento.

Após as argumentações daquela apelação, outra bomba surgiu, agora referente a alegações prévias de Desiree de ter sido estuprada. Wayne Walker, colega de ensino médio dela, afirmou que Desiree contou ao pai dela que ele, Wayne, a tinha estuprado, e depois ela veio dizer a Wayne que tinha feito isso "para me proteger… ou eu teria tido um problemão". Walker disse à ESPN Radio que, quando ficou sabendo que Desiree estava me acusando de estupro, "a

primeira coisa que me passou pela cabeça foi ‘ela está fazendo isso de novo’”.

Naquele mesmo mês, o *New York Post* noticiou que, em outubro de 1989, Mary Washington tinha mandado prender Donald, acusado de agressão e espancamento de Desiree. Desiree disse à polícia que o pai “me socou e me empurrou para baixo da pia… ele ficou batendo minha cabeça contra a parede e o chão. Consegui me livrar e peguei uma faca para me proteger”.

Qual teria sido o motivo para o pai agredir Desiree? Bem, quando analisamos o depoimento de sua mãe em meu julgamento, ela afirma que o marido “tinha perdido as estribeiras” quando Desiree lhe contou que tinha perdido a virgindade. A mãe ficou muito preocupada, a ponto de fazer Desiree passar por “psicoterapia devido a depressão profunda e ameaças de suicídio”.

Assim, a mãe de Desiree confirmou que a filha tinha perdido a virgindade em outubro de 1989, exatamente quando seu colega Wayne disse que eles tinham feito sexo e ela falsamente viria a acusá-lo de estupro em seguida. Desiree, logicamente, declarou sob juramento, em resposta ao recurso impetrado de meu advogado, que ela jamais havia feito sexo com aquele garoto.

“Nego categórica e incondicionalmente que Wayne e eu tivemos relação sexual com penetração. Também nego categórica e incondicionalmente que acusei Wayne de estupro.”

Havia apenas um problema. Dershowitz tinha descoberto outro garoto, Marc Colvin, amigo de Desiree, que veio a público afirmar que aquilo que Desiree declarou sob juramento era uma mentira.

“Estou muito relutante em apresentar esta informação porque ainda considero Desiree Washington uma amiga. Mais para o fim de 1989, ela me ligou contando que tinha tido relação sexual com Wayne Walker… E também disse que, depois que isso aconteceu, ela foi para o banheiro chorar.”

Ah, que teia mais confusa nós tecemos! Nem consigo imaginar o que seu pai teria dito e feito se Desiree lhe contasse que tinha feito sexo consensual comigo. Era evidente que não estávamos lidando com uma família muito estável ali.

Eu estava me sentindo bem confiante em relação aos recursos, já que Dershowitz estava à frente das ações. Por isso, fiquei atordoado quando, no dia 7 de agosto, o Tribunal de Apelação de Indiana me negou o recurso. Numa decisão de 2 a 1, dois juízes acharam que Gifford não abusou de seus poderes ao impedir o depoimento das minhas testemunhas mais importantes. Um juiz entendeu meu ponto. O Juiz Patrick Sullivan escreveu: "Minha revisão dos autos me leva à inevitável conclusão de que ele [Tyson] não recebeu a devida equidade, a qual é indispensável ao nosso sistema de justiça criminal". Em outras palavras, foderam com o negão. Perdi, enfim, qualquer confiança que ainda depositava no nosso sistema. Era uma coisa desonesta, como sempre. Portanto, não fiquei nada surpreso quando, seis semanas depois, a Suprema Corte de Indiana recusou até mesmo a apresentação do meu recurso.

Mas vejam por que o fizeram. Para considerar meu caso, precisariam ter uma votação majoritária de 3 a 2. Eu teria conseguido esse voto se o Juiz Randall Shepard, um membro liberal da corte, não tivesse se retirado do caso devido a um conflito de interesses. Parece que o juiz e sua esposa tinham comparecido à 20ª reunião de sua turma da Faculdade de Direito de Yale. Naquele dia, a esposa de Shepard, ao voltar do toalete feminino, deparou com Dershowitz.

"Ela contou que tinha dito a Dershowitz que o viu arrazoar o pedido de fiança diante do Tribunal de Apelação de Indiana e que ele precisava estar em melhor sintonia com a maneira de abordar as coisas em Indiana, como, por exemplo, a tramitação desse recurso. […] Concordo […] que essa conversa foi imprópria. Minha esposa não é advogada, e não entende os motivos por que tais conversas são consideradas impróprias […] Ela está muito arrependida de ter iniciado esse colóquio e sente-se profundamente envergonhada por isso. Minha decisão de não divulgar as razões de minha desqualificação foi motivada por um desejo de proteger minha esposa do constrangimento que sentiria diante da opinião pública e do debate a respeito de sua conduta", escreveu o Juiz Shepard mais tarde.

Parecia que a esposa de Shepard estava dando a Dershowitz algumas dicas de como ganhar meu recurso. Mas o juiz não queria que parecesse que seu voto teria sido conduzido pelas opiniões da esposa. Assim, ao salvar a pele da mulher, ele colocou o meu cuzinho preto na reta. A votação final sem Shepard foi 2 a 2, e isso foi uma pá de cal sobre as minhas expectativas.

Depois disso, não tinha mais esperanças de sair rapidamente da prisão. Levei 13 meses para descobrir a maneira correta de cumprir minha pena. Meu primeiro ano foi um inferno, acrescentando meses e meses à minha sentença. Eu desconfiava de todo mundo ali. Eles me colocaram numa cela com um cara chamado Earl, que era um prisioneiro-modelo. Ele estava condenado a 30 anos por tráfico de drogas, o que significava que teria de cumprir pelo menos 15 anos. A administração considerou que ele seria o melhor tutor para mim ali, mantendo-me longe de encrencas.

Na primeira noite em que ficamos juntos, peguei uma caneta e a segurei de forma ameaçadora.

"Vou te matar se você mexer nas minhas coisas, seu cuzão. É melhor não sumir nada", falei. "E não vou limpar o quarto. E não fala comigo."

Earl só ficou me olhando.

"Que porra é essa, mano? Mike, não sou esse tipo de gente, não, cara", falou. "Estou com você, meu irmão. Estou aqui para te ajudar. Não se deixe levar por essas merdas, não. Você só vai encher o rabo com mais tempo em cana. Conheço caras que vieram para cá para cumprir um ano, três anos, e conseguiram perpétua fazendo o mesmo tipo de merda. Você ainda não sabe como se virar aqui, irmãozinho. Você precisa aprender a se virar comigo, e então vai ser fácil sair daqui."

Aos poucos, Earl foi me ensinando. Demorei um pouco para perceber, mas ele era um cara incrível. Andávamos pelos pavilhões, e Earl indicava as coisas.

"Fique longe daqueles filhos da puta ali, Mike. E jamais fale com esses tiras aqui. Não dê nem um bom-dia para eles. Bico calado o tempo todo, Mike. Olha, se você me pegar chupando o pau de alguém ou comendo um cu, não fique surpreso. Eu nunca faria isso,

mas, se você me pegar fazendo, não é para ficar surpreso. Jamais fique surpreso com nada que vê aqui, entende? E não comente nada, apenas fique de bico calado. Se você der de cara com um monte de neguinho esfaqueando alguém, siga em frente. Não olhe para eles, não deixe que percebam que você os viu. Tudo que você vê aqui, faça de conta que você não vê. Alguém está comendo alguém, não é problema seu. Não faça piadas ou comentários a respeito disso, porque é a esposa do cara, mano. Assim como você apanha se desrespeitar a esposa de alguém na rua, acontece o mesmo se desrespeitar a esposa deles aqui."

Ele estava certo. Não se pode aplicar os mesmos padrões da vida do lado de fora ao que acontecia ali dentro. Quando se pensa em homossexualidade no lado de fora, pode-se pensar numa pessoa mansa, que pode ser facilmente abusada. Mas aqueles caras eram violentos. Matavam num piscar de olhos. A gente via dois homens grandes e fortes andando no pátio de mãos dadas. Era preciso respeitar aquelas pessoas, porque, caso contrário, a gente podia estar comprando uma encrenca das bravas. Na prisão, todos são capazes de matar. Não importa se são grandes ou pequenos.

Depois de um tempo na prisão, passei a ver humanidade em todo mundo, até mesmo nos guardas racistas. Não importa se são membros de gangues de negros, nazistas ou arruaceiros mexicanos, a gente passa a gostar deles quando eles vêm nos contar que algum parente deles faleceu ou que tiveram problemas com a esposa.

Depois que percebi como o sistema funcionava, passei a manipular as coisas em meu benefício. Um detento chamado Buck me ajudou nisso. Nascido em Detroit, ele cumpria perpétua e estava lá havia cerca de 15 anos. Eu costumava receber toneladas de cartas todos os dias, vindas de pessoas do mundo todo. Um dia, ele estava no meu quarto lendo algumas dessas cartas.

"Hummm, Mike. Acho que você não sabe ler suas cartas", Buck disse.

"O que está falando, negão?", eu disse. "Eu sei ler."

"Você sabe ler, mas não sabe ler as mensagens *subliminares*. Existem toques aqui. As pessoas não querem ferir seus sentimentos, porque você é um lutador famoso e elas acham que você tem muito

dinheiro, mas usam palavras que você não conhece porque não frequentou muito a escola, Mike", comentou.

Ele estava falando essa merda para mim, mas sem me ofender.

"Olha só, essa mina falou: 'Mike, se você precisar de qualquer coisa, qualquer coisa que eu possa fazer, por favor me diga'. Não significa 'se eu puder fazer qualquer coisa por você', mas sim 'quero fazer alguma coisa por você, é só me dizer o quê', entende? Vamos ver esta outra carta: 'Adoraria conhecê-lo e cultivar uma relação mais humana com você'. Isso significa que ela quer melhorar sua condição de vida, sua saúde, seu bem-estar. Significa que, se você precisar de qualquer coisa, ela fará por você.

"Estamos numa situação sem igual aqui, Mike. Temos uma oportunidade única de ganhar muito dinheiro. As coisas não estão muito boas para o seu lado. Você gastou toneladas de dinheiro com advogados. E provavelmente vai ter de gastar muito mais com aquela vadia que está te processando. Você precisa de dinheiro para suprimentos. Como vai comer bem? Você não pode comer aquela comida do refeitório."

"Você tem razão, preciso de dinheiro", concordei.

Assim, me juntei a Buck. Ele começou a pegar minhas cartas e responder àquelas pessoas, e passou a entrar dinheiro. Recebíamos dinheiro vivo, joias, havia moedas estrangeiras, estávamos nadando na grana. Mais ou menos naquela época, Voyles recebeu um telefonema de um diretor.

"Temos um problema com o agente penitenciário do Mike", disse o diretor Slaven a Jim.

"Qual é o problema?"

"Ele recebeu 100 mil dólares na conta", respondeu Slaven.

Mas logo comecei a ficar com medo, porque algumas daquelas pessoas que me escreviam queriam vir me visitar. O que é que eu faço? Não tinha ideia do que Buck andava dizendo a elas nas cartas. Eu achava que ele tinha prometido casamento a algumas mulheres. Comecei a achar que se tratava de um golpe.

Percebi que precisava impedir Buck de continuar com aquilo. Eu lhe disse para pedir às pessoas que mandassem dinheiro para minha "irmã" ou "tia", e aí Buck poderia, de alguma forma, pegar o

dinheiro das pessoas para quem a grana era enviada. Buck saiu da cadeia, e dessa forma combinei com um jovem bandido chamado Red para que escrevesse as cartas. De repente, Red apareceu ostentando um belo relógio esportivo novinho em folha, além de anéis e correntes de diamante. Parecia um cafetão.

Um dia, apareceu uma garota da Inglaterra querendo me ver. Era uma garota com quem Red estava trocando cartas. Ele estava no buraco e me disse que eu teria de ir vê-la. Mas ele não me contou que os dois tinham um relacionamento tumultuado e que estavam rompendo. Assim, saí pensando: *Isso vai ser muito bom.*

Eu me sentei com ela na sala de visitação, e a garota começou a discutir comigo. Ela segurava um bebê.

"Onde está minha corrente de diamante? E o relógio que eu te dei? Quero de volta, seu filho da puta", ela gritava.

Espera aí! Eu não ia perder meu tempo ouvindo merda de uma mulher maluca que eu nem conhecia. Chamei o guarda: "Pronto". E saí andando.

Imagino que ela tenha ido reclamar com a administração, porque eles iniciaram uma investigação. O cara que cuidava do caso veio falar comigo: "Você não conhece essa garota, certo? Ela nunca te deu nenhuma joia, certo?". Ele sabia que eu tinha algo a ver com aquilo, mas não queriam que chegasse à Corregedoria.

"Não, senhor, não sei nada sobre isso. Nunca escrevi para aquela garota", respondi. A direção da prisão estava muito preocupada, já que poderiam ser processados porque, afinal de contas, eu estava sob a tutela do Estado. Mas eles continuaram as investigações, pegaram Red e o transferiram para longe.

Neste momento você deve estar pensando: como é que eu, sendo um homem jovem e viril, me virava em relação ao sexo na cadeia? Bem, eu conseguia algo graças a um detento branco baixinho. Eu vi que o cara recebeu a visita de uma garota grávida. Eu achei que o bebê fosse de outra pessoa e que ela tinha aparecido lá para lhe dar a notícia. Mas não era bem assim. Eles se beijavam, de língua e tudo. Os guardas ficaram malucos e o provocaram.

"Você não se importa que sua esposa esteja esperando um bebê de outro homem?", perguntaram.

“Ei, isso é problema meu. Por que querem se intrometer nas minhas coisas?”, foi a resposta.

Então eu perguntei a ele o que estava acontecendo.

“São filhos meus, Mike. Tive dois desde que entrei aqui. É assim que as coisas são feitas. Você pede para sua patroa entrar usando calcinha sem a frente e um desses vestidos leves, soltos, com botões na frente. Mas pede para ela usar ao contrário, de maneira que os botões fiquem nas costas. Aí solicita uma visita ao ar livre e vai para o pátio, onde ficam as mesas de piquenique. Ela senta no seu colo, de costas para você, e é aí que você mete nela. Não existem câmeras lá fora, é só tomar cuidado com o único guarda que fica vigiando os detentos.”

O cara nunca deveria ter me contado aquilo. Como fui preso por um motivo injusto, pensei: *Por que preciso interromper minhas atividades sexuais? Não cometi aquele crime. Por que preciso parar de fazer sexo?* Fiquei com essa ideia na cabeça. Vasculhei as cartas das fãs e escolhi as garotas de quem mais gostava. Escrevi a elas de volta: “Ei, você estaria interessada em me visitar? Eu te mando uma passagem”. Eu passava a elas todas as instruções, do vestido largo à calcinha sem frente. Elas deviam achar que nós faríamos coisas embaraçosas.

Dessa forma, quando veio a primeira garota, eu já estava sentado no pátio exterior. Não consegui me levantar e cumprimentá-la, porque eu estava sentado pensando em coisas indecentes para ficar preparado para ela. Ela veio e me beijou, então eu a girei e *crau*!

Ela podia ter aids ou qualquer outra coisa. Eu não estava nem aí. Apenas enterrei nela sem usar camisinha.

Meu Deus, eu nem conhecia aquela garota, e estávamos transando em plena luz do dia.

Depois de um tempo, aprimorei a técnica. Assim que a garota subia no meu colo, eu segurava sua mão e começava a enfiar, de forma que não conseguissem ver que ela se movia. Porque, quando se faz isso com força, ela pula muito – como se estivesse numa cama elástica –, e a coisa não funciona.

Funcionou muito bem até eu fazer uma idiotice. Um dia, relaxei e preferi ficar deitado enquanto a garota se movimentava. Ao

mesmo tempo, o guarda deixou seu posto para dar uma circulada. Foi então que ele se aproximou de fininho por trás de mim e viu o que estava acontecendo. Alguém deve ter me dedurado, porque os guardas nunca saíam de seu posto, na guarita. Levei uns sopapos.

Mais ou menos na mesma época, uma garota de Atlanta que tinha vindo me visitar escreveu um artigo para a revista *Star*. Ela alegava que eu a tinha engravidado na cadeia, e havia até uma foto dela com o barrigão. Graças a Deus, a barriga era falsa, uma invenção para que ela pudesse vender a matéria para a publicação. Meu alívio foi grande, mas foi o fim das minhas pequenas aventuras sexuais. Cancelaram todas as visitas ao ar livre, para todos os detentos. Todos ficaram muito putos comigo. Essa norma recebeu o nome de Regra Tyson.

A essa altura, Earl se preparava para sair da prisão. Mas antes veio conversar comigo.

"Quando eu sair daqui, quero que você fique com Wayno. Ele é o único cara legal aqui. Vê se toma cuidado com todos os outros caras, Mike. Você é um detento, mas os caras são criminosos. Vão continuar fazendo isso até o dia em que morrerem. Não sai de perto do Wayno, ele não vai deixar você fazer nenhuma merda."

Eu já conhecia Wayno, mas não era muito próximo dele. Ficamos amigos assim que passamos para a mesma cela. Na verdade, ficamos tão próximos, que até hoje ele continua trabalhando comigo. Wayno praticamente comandava a prisão. Ele foi detido por tráfico de cocaína e, como tinha experiência em TI, foi escalado para trabalhar no processamento do Sistema de Rastreamento de Detentos. Era o chefe do nosso pavilhão, o técnico assistente do time principal de basquete e um membro importante da comunidade islâmica da cadeia. Além disso, ele era de Indianápolis e, portanto, tinha sido colega de escola de vários guardas. Que merda, ele deve ter vendido coca para os caras.

Eu deveria trabalhar no departamento de recuperação. Acho que me deram essa função para que eu pudesse ficar na academia e treinar. Mas, na maior parte do tempo, eu ficava pendurado no telefone. Meu negócio era o telefone. Assim que a contagem era feita depois do café da manhã, estando todos verificados, eu pegava

o telefone. Cada pavilhão tinha seu próprio telefone e funcionava no esquema "quem chegar primeiro fala primeiro", com uma fila de espera. Eu fazia alguém colocar seu nome na fila e então comprava o seu horário com maços de cigarros.

Eu sempre dizia que tinha questões jurídicas para resolver com meus advogados, mas, na maioria das vezes, ficava conversando com amigos e garotas.

"Tyson, faz uma hora que você está no telefone", um detento reclamava.

"É um problema jurídico, caralho! Vai falar com o diretor", eu respondia.

Para mim, aquele telefone era como um cordão umbilical que me conectava com o lado de fora. Mas essa foi uma grande lição que aprendi na prisão. Wayno me explicou que, às vezes, quando se tenta manter conexões com o lado de fora, acaba-se tornando o período na cadeia mais difícil de aguentar. Aprendi que é preciso deixar todos os carros, o dinheiro, as luvas de boxe, os cinturões, as mulheres, os anéis, o celular, toda essa merda, na portaria. Todas essas coisas deixam de existir até o dia da sua saída. Mas eu era uma criança mimada, não queria seguir as regras porque achava que podia mudá-las, ainda que estivessem entalhadas na pedra. A coisa não funcionava dessa maneira.

Meus melhores amigos de balada, do país inteiro, conversavam comigo o tempo todo. Um deles tinha uma linha só para mim. Ele ia para a balada levando o telefone, então eu ligava para ele e ficava conversando com umas garotas.

Quando não estava no telefone, eu ficava na cela lendo. O juiz queria muito que eu obtivesse meu diploma de ensino médio, então comecei a estudar para isso com Muhammad Siddeeq, que tinha se tornado meu conselheiro espiritual. Como eu não tinha vontade de estudar matemática ou coisas assim, preferi aprender chinês com um professor que Siddeeq tinha levado para lá. Realmente aprendi chinês, porque, anos mais tarde, quando fui visitar a China, consegui manter uma conversa numa boa.

Mas eu levava a leitura a sério. Não existe nada que te ajude mais a passar o tempo do que ler um livro de cabo a rabo. Wayno e

eu líamos um para o outro todas as noites em nossa cela. Um ficava com o livro, e o outro, com um dicionário ou glossário; assim, quando encontrássemos uma palavra desconhecida, poderíamos verificar seu significado. E, para ver se realmente tínhamos aprendido o significado, inventávamos frases usando as palavras novas.

Gostei muito de *A história da civilização*, de Will Durant. Li o livro do Mao, li Che. Li Maquiavel, Tolstói, Dostoiévski, Marx, Shakespeare, e por aí vai. Li Hemingway, mas ele era um alcoólatra depressivo. Eu me sentia atraído por livros sobre revoltas, revoluções. Meu favorito era *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. Eu me identifiquei muito com o personagem principal, Edmond Dantes. Ele tinha sido enganado por amigos e mandado para a cadeia também. Mas Dantes não ficou parado lá, meditando, ele se preparou para o sucesso e a vingança. Sempre que me sentia perdido na prisão, lia algo de Dumas.

Para início de conversa, eu estava irritado com a sociedade, e comecei a me ver como mártir. Sempre disse que um tirano morre quando seu reinado termina, mas, quando um mártir morre, seu reinado começa. Assim, quando lia Mao e Che, ficava ainda mais revoltado contra as autoridades. Fiquei tão encantado com Mao que tatuei seu rosto no meu corpo. Arthur Ashe também. Gostei muito de sua autobiografia. Não tinha ideia de que era tão sensato e inteligente.

Eu estava totalmente do lado de Mao na porra da grande marcha. Meu objetivo agora era manipular o sistema da maneira que estivesse ao meu alcance. Procurava o guarda mais fraco, mais novo ou apenas um guarda que estivesse impressionado com quem eu era.

Depois que Wayno e eu passamos a dividir a mesma cela, ninguém conseguia nos segurar. Wayno tinha uma verdadeira loja dentro da sua cela. Ele fazia escambo de itens de suprimentos com outros detentos a uma taxa de dois para um. Quem quisesse um pacote de batatas fritas, mas não tivesse dinheiro para tanto, era só falar com Wayno. Ele fornecia um pacote de batatas e marcava o nome da pessoa, que, em troca, teria de devolver dois pacotes para

ele. Assim, antes de começarmos a dividir a cela, eu disse a ele: “Meu irmão, qualquer coisa que você precise daqui, pode levar. Leve umas sopas”.

“Mike, não preciso de nada disso, porque, se você me der algo, simplesmente vou transformá-lo em dinheiro, é assim”, falou. Mas, mesmo assim, eu lhe dei um monte de coisas, e, em nossa cela, o armazém estava tão grande, que precisávamos guardar nossas mercadorias nas celas de outros detentos.

Vendíamos nossos suprimentos comuns – biscoitos, cigarros, batatas fritas –, mas aí decidi usar minha fama em nosso proveito. Maya Angelou tinha acabado de me visitar, e tiramos uma foto juntos. Uma noite, eu estava com fome, e um cara tinha umas rosquinhas que eu queria muito.

“Ei, meu irmão, estou com a ‘Rainha da Inteligência’ de nosso povo aqui, Maya Angelou. Olha essa foto. Vale pelo menos 50 pratas”, falei.

O cara ficou tão emocionado com a foto, que começou a chorar. Ele colocava 10 pratas de cada vez nos meus suprimentos, e, aos poucos, pagou os 50 dólares. Fiz isso inúmeras vezes, sempre que alguém famoso vinha me visitar.

Algumas fãs que me escreviam enviavam fotos sensuais de si mesmas, e eu vendia as fotos e as cartas separadamente. Uns queriam material para punheta, outros queriam um relacionamento. Às vezes, eu dava a foto e a carta juntos. Dependendo da foto da garota, eu tentava imaginar que grupo ficaria atraído pela mulher. Se fosse uma foto de uma típica garota do interior do Meio-Oeste, eu chegava num branquelo e dizia: “Olha isso”. É engraçado, mas alguns caras escreveram para aquelas mulheres e acabaram se casando.

Aí evoluímos de fotos sensuais para sexo por telefone. Quando eram 7 da manhã em Indianápolis, eram 4 da matina em Los Angeles. As boates estavam fechando, e eu telefonava para meu amigo a cobrar. Ele sempre tinha umas garotas a tiracolo prontas para a ação.

“Vai começar a diversão!”, dizia, depois de aceitar a chamada. Cobrávamos dos caras para eles ficarem escutando meu amigo

fazendo sexo com as garotas. Às vezes, eu descobria o nome do cara, e então pedia para a garota dar uma adaptada na conversa com meu amigo.

"Oh, John, você me deixa excitada. Estou ficando tão molhada", dizia ela. John deixou até as calças por aquela merda.

Até conseguia fodas para meus amigos do lado de fora. Eu tinha um amigo em Chicago, dono de uma boate badalada; eu mandava garotas que escreviam para mim até sua boate, de forma que ele pudesse dar uma conferida nelas, para confirmar se eram gostosas. Eu estava investindo no meu futuro. Se fossem boas, eu iria encontrá-las quando saísse da prisão.

Wayno e eu estávamos progredindo e negociando feito loucos. Expandimos nossa loja para algo em torno de sete ou oito celas. Wayno registrava tudo, e, se alguém relutasse em pagar, era eu que fazia a cobrança.

"Seu cuzão, me passa meu dinheiro." Eu fazia uma visitinha a ele. Não é preciso dizer que, mesmo que o cara tivesse de emprestar de outro, nós sempre recebíamos.

Éramos como reis. Wayno se dava muito bem com os arianos que trabalhavam na cozinha e com alguns guardas corruptos que contrabandeavam porcarias para os detentos, de forma que eu nunca era encontrado no refeitório, a não ser que estivessem servindo sorvete.

Na maior parte das noites, ficávamos de boa na nossa cela e os guardas vinham entregar a comida que solicitássemos – pizza, comida chinesa, frango frito, *fast-food*, o que fosse. Às vezes, comíamos até lagosta e churrasco. Acho que Wayno comeu arroz frito com camarão pela primeira vez quando estava na prisão. Ele lia alto algum livro sobre Cleópatra e nós ficávamos discutindo como se estivéssemos numa república universitária enquanto comíamos. Quando queríamos uma autêntica refeição caseira, era só pedir a Siddeeq para solicitar à esposa que fizesse uns deliciosos filés de salmão e salada.

Eu queria uma cela maior. Wayno e eu fomos visitar nosso amigo Derrick, que estava numa cela de canto, que era muito maior do que

as celas normais. Eu precisava de mais espaço. Porra, só as cartas que eu recebia já nos deixavam praticamente sem espaço.

"Wayno, não aguento mais essa merda, precisamos de uma cela maior", falei. "Vê se consegue marcar uma reunião para nós."

Ele conseguiu uma reunião com o sr. Turner, o conselheiro de nosso pavilhão, um cargo abaixo do sr. Dalton, encarregado de todos os pavilhões. Nós nos sentamos, e Wayno começou a apresentar os motivos para ocuparmos uma cela maior. Ele era bom nisso, porque costumava representar outros detentos em audiências com a administração. Na reunião, Wayno falou com Turner de modo diplomático e bem articulado sobre nossas "necessidades legítimas" e perguntou sobre a possibilidade de a administração "levar em consideração nossa respeitosa solicitação". Mas eu estava ficando frustrado com todo aquele nhe-nhe-nhem burocrático.

"Sr. Turner, acha que, quando o senhor e o sr. Dalton estiverem lá fora caçando corças e queimando cruzes durante o final de semana, poderia pensar em transferir eu e meu irmão aqui para uma cela maior?"

Turner ficou mais branco do que já era.

"Sim, sr. Tyson, nós vamos analisar isso já."

Nem é preciso dizer que não conseguimos uma cela maior.

O técnico de basquete estava em nossa folha de pagamento. Ele era um guarda, mas estava contrabandeando comida e meu gel de cabelo favorito. Eu sabia que a ganância se infiltrava no âmago dos seres humanos. Sabia que sempre era possível conseguir pessoas que fizessem qualquer merda para você em troca de dinheiro. O preço que elas cobram não é alto. Mas isso de pagar barato era algo que eu não entendia, pois eu vivia pagando a mais.

Um dia, perguntei: "E aí, descola umas minas para mim?". Ele nem piscou. Ficou lá me olhando, tipo: "Quantas você quer?"

"Olha, nem precisa ser tanto assim, certo? Posso comer aquela porra de guardinha ali? Acha que ela ia topar? Eu pago 1.000 pratas para ela."

Ele ficou pensando na comissão.

"Mike, tá falando sério? Porque posso falar com aquela vadia agora mesmo. Conheço essa mina das boates, Mike. Ela vai te

foder.”

Isso era um guarda falando. Pensei que ele fosse dizer algo do tipo “Não se preocupe. Vou tentar falar com ela mais tarde”, mas não, ele foi todo solícito, e por isso fiquei um pouco nervoso com a possibilidade de estar arrumando encrenca.

“Meu irmão, meu irmão, você está agindo como um bárbaro”, Wayno me disse. “Entra na cela e lava essa cara, irmão. Aja como um homem de negócios.”

Então deixei a ideia de lado.

Ficavam tentando tirar nossas forças naquele lugar. Se viam que você tinha um amigo que te ajudava a cumprir sua pena, eles tiravam seu amigo de lá e o mandavam para longe. Fizeram isso com Wayno no meio da noite. Foi transferido para Wabash, um presídio de segurança máxima, de nível 4, que tinham acabado de inaugurar. Wayno me anotou rapidamente os telefones de sua irmã e de amigos, para que eu pudesse ligar e dizer para onde tinham levado Wayno.

Isso me deixou com ódio do diretor Trigg. Eu precisava descobrir um jeito de me vingar. As pessoas tinham aversão a ele. Sempre que ele andava pelo pátio, os detentos gritavam: “Vai, seu negão, seu George Jefferson[1] do caralho. É igualzinho o Pai Tomás”. Lembro que ele gostava muito de uma amiga que vinha me visitar. Era uma bela mulata, e a entrada dela era permitida mesmo que não estivesse na lista de pré-aprovados. Trigg tinha uma casa nos fundos, e então eu disse a ela: “Vai até a casa dele e fica um tempo lá. Vê se cria um clima, deixa ele com tesão, assim, depois a gente pode dizer que ele te molestou”. Eu estava muito sinistro e amargo, mas meu humor mudou, e esse plano nunca foi colocado em ação.

Nessa época, eu estava me dando muito bem com meus colegas detentos. Eu me sentia um cara muito poderoso na prisão, talvez até mais do que no mundo lá fora. Meu ego estava insano. Mas todo mundo sabia que eu tinha um bom coração, pelo menos para os padrões da prisão. Fosse você branco ou negro, não importa, se precisasse de alguma coisa que o Mike tivesse, com certeza teria aquilo em mãos. E não se tratava de um toma lá dá cá.

Quando Wayno saiu, eu era um prisioneiro certinho, classe A. O tempo todo em que fiquei detido, nunca bebi nem fumei maconha. Aliás, ninguém teria me vendido, mesmo que eu quisesse. Todos queriam que eu entrasse em forma, para que pudesse sair forte e voltasse a lutar.

Mas eu não podia ficar sem sexo, e então passei a arranjar um jeito lá dentro mesmo. Começou quando me fizeram participar do programa de aconselhamento contra drogas, porque, caso eu passasse no exame, a pena diminuiria, e então todos – o superintendente, Don, os detentos – me incentivaram a frequentar as aulas. Até o conselheiro veio me dizer: "Posso te ajudar a diminuir seis meses da sua pena". Eu não queria entrar no programa porque não estava usando drogas na época, mas aceitei porque aquilo poderia diminuir meu tempo ali dentro. Foi assim que passei a frequentar as aulas, dadas por uma bela senhorita. Ela era um pouco grandona, mas mendigos não podem escolher muito. Eu estava nas aulas fazia alguns dias, quando ela veio verificar meu trabalho. Não sei o que deu em mim, mas comecei a sussurrar em seu ouvido.

"Como você está?"

Eu queria desesperadamente pegá-la. Mas ela se virou e me respondeu que nem maloqueira.

"Escuta aqui, moleque, qualquer um que vem me dizer isso, costumo mandar direto para Pendleton. Você vem aqui e fica me assediando sexualmente? Nem mesmo assassinos chegam perto de mim para me dizer uma merda dessa."

"Bem, não sou uma dessas pessoas", falei. "Sou apenas um homem vendo alguém que precisa de ajuda, assim como eu preciso. Nós dois estamos numa situação em que precisamos de ajuda. Sinto muito, não quis dizer aquilo, mas é que vi você chegando com seu filho outro dia. Sei que vocês não estão numa situação muito boa, então, se eu puder ajudar, é só dizer. Sinto muito."

"Seu filho da puta, eu devia te arrebentar a cara."

"Para com isso, eu estou falando sério."

Aí, ela me falou alguma coisa sobre o teto desabando durante a última chuva, e fiquei pensando: *Beleza!*

“Então o teto do quarto de seu bebê está desabando? Cães selvagens podem entrar lá e mordê-lo. Você está sujeita a tudo. Não tem como se defender, é mãe solteira.”

“Sim, e você vai mandar alguém ir lá para consertar?”, perguntou. “Como vai fazer isso?”

“Só me dê seu endereço, e haverá um pacote lá amanhã”, prometi. Corri até o telefone, liguei para um amigo em Chicago e disse para ele enviar 10 mil dólares a ela até o dia seguinte de manhã.

No dia seguinte, ela veio com um belo vestido, uma maquiagem bem-feita e um sorriso largo. Pensei: *Agora, sim!!!*

“Como está hoje, senhor Tyson?”

Pelo jeito, ela tinha recebido o pacote. Fiquei muito nervoso. Não sabia o que iríamos fazer. Estávamos sozinhos na sala.

“Vai para sua mesa de sempre, no canto. Ninguém consegue ver pela janela. Vou me curvar para corrigir seu trabalho, e você fica de pé atrás de mim, combinado?”

“Tá legal, tá legal”, respondi.

Eu estava tão nervoso, que meu pau não endureceu. Fiquei preocupado com a possibilidade de ser uma armadilha. Enquanto a gente tentava fazer, eu ficava olhando para descobrir se não havia alguma câmera escondida. Fiquei assustado o tempo todo, achando que iam entrar com tudo pela porta dizendo que aquilo era um estupro.

Tentei tirar essa ideia da cabeça, mas não consegui uma ereção. Pensava em coisas obscenas, eu a acariciava, lambia seu corpo, mas não adiantava. Até tentei enfiar, mas não deu certo.

“Não vai dar certo. Vamos tentar numa outra hora.”

Voltei para o pavilhão, ela me chamou mais tarde e, dessa vez, funcionou. Depois que começamos, não conseguíamos mais parar. Ela ficava toda hora me chamando para ir até a sala.

“Tyson, dirija-se à escola”, a voz dela soava no alto-falante.

Ela chegava a me chamar três vezes por dia. Até quando eu estava fazendo *cooper*. Eu tinha de dizer a ela: “Não, não pode me chamar quando estou correndo, amor. É o único momento que tenho para correr”. Quando alguém perguntava por que eu ficava

tanto tempo em sala de aula, ela simplesmente respondia: “Ele precisa terminar seus estudos para o teste”.

Era uma garota com muitos quilos a mais. Eu precisava levantá-la e colocá-la contra a parede. Graças a Deus, eu levantava pesos. Depois de um tempo, fizemos sobre a mesa, fizemos no chão. Estava fazendo tanto sexo, que ficava cansado demais até para ir à academia levantar peso. Eu ficava o dia inteiro só na cela.

Nessa época, Wayno tinha sido transferido de volta, e ficamos juntos na mesma cela novamente.

“Por que não está malhando, meu irmão? Você costumava correr 15 quilômetros por dia”, ele me questionou.

“Estou pegando a conselheira de narcóticos. Arrumei uma namorada aqui”, respondi.

“Você precisa parar com essa merda, Mike”, falou. “Vai arrumar encrenca. Você precisa treinar.”

A verdade é que Wayno conhecia aquela mulher lá de fora. De início, ela ficou um pouco chateada por eu ter contado a Wayno sobre nosso namoro, mas logo ele passou a ficar de plantão na porta da sala.

E aí, um dia, descobri que ela estava grávida. Liguei para meu amigo de Chicago, ele foi até lá e a levou para uma clínica de aborto. O cara ficou puto da vida.

“Eu sei que na cadeia boceta é boceta, mas não fui eu que tive de aguentar todo mundo me encarando quando entrei na clínica com aquela mina gorda”, reclamou.

Depois de uns dois anos, acabei me acostumando com a prisão. Se eu ficasse de mau humor por ver algo que não gostasse na tevê, ou por receber um telefonema ruim e não sentir vontade de falar com ninguém, eu pedia a Wayno que solicitasse à administração que me colocasse no buraco por alguns dias. Wayno arrumava minhas coisas – óculos, alguns livros –, e eu saía para relaxar na solitária. Até consegui que um guarda me contrabandeasse um *walkman*. Não permitiam que detentos possuíssem *walkmans*, porque uns prisioneiros malucos podiam transformá-los em *walkie-talkies* para espionar toda aquela porra de administração da prisão. Mas, dentro do buraco, não verificavam sua cela, e assim consegui meu *walkman*

para escutar Tevin Campbell. Era a única fita que eu tinha. Eu ficava correndo no mesmo lugar e fazendo agachamentos totalmente pelado. Corria tanto sem sair do lugar, que, quando saí da prisão, minhas pegadas ficaram no concreto. Quebrei aquele piso.

Até consegui um telefone celular lá. Ligava para os amigos às 2 da manhã, e eles ficavam putos quando a ligação era a cobrar. O sinal na cadeia era excelente.

VOCÊ SÓ DESCOBRE QUEM são seus amigos quando enfrenta adversidades. Assim, depois da condenação por estupro, muita gente fugiu de mim como se eu fosse uma das sete pragas. Por outro lado, era uma bênção eu ter muita gente boa na minha vida, que me deu apoio o tempo todo. Meu ânimo melhorava muito com tudo que recebia e com as visitas de pessoas que significavam algo para mim.

Minha mãe Camille veio me visitar três vezes. Nunca quis que ela me visse lá, mas não conseguia evitar. Era uma viagem complicada para ela, que já tinha mais de 80 anos, mas mesmo assim ela ia. Jay a acompanhava, e ficávamos falando sobre heróis de quadrinhos. Fiquei maravilhado de ler um quadrinho que Stan Lee, criador da Marvel Comics, tinha me enviado. Ele também tinha feito um desenho de mim ao lado de alguns super-heróis de sua criação, como se eu fosse um deles. Um dia, Jay e eu entramos numa discussão sobre qual personagem era o mais forte. Ele escolheu Galactus, e eu, Apocalypse. Ficamos horas assim, que até Jay perguntou: “Mike, Galactus come planetas. Como ser mais forte do que isso?”.

Minha filhinha Mikey, minha primogênita, veio me visitar algumas vezes com sua mãe. Na época, ela tinha apenas 3 anos, mas até hoje se lembra daquelas viagens de avião entre Nova York e Indiana e de posar para fotos comigo diante de muros de tijolos.

Don King apareceu algumas vezes lá. Sempre que vinha, trazia um contrato para eu assinar, o que era totalmente ilegal, mas ele não estava nem aí. Eu ficava feliz quando Don vinha, porque sabia que isso significava dinheiro entrando. Rory e John Horne vinham

junto com ele, mas também vieram outras vezes sem Don. Eles dispunham de tempo.

Também fiquei muito feliz de ter recebido a visita de Betty Shabazz, a viúva de Malcolm X. Isso me deixou alucinado. Fiquei tão surpreso e inibido por ela ter ido me ver, que me comportei de maneira exemplar. Não queria dizer nada rude. Era uma senhora incrível.

James Brown, o "Padrinho do Soul", passou lá para me ver. O Irmão Siddeeq o trouxe. Ele trajava um terno roxo, sapatos roxos e uma gravata vermelha; o cabelo, todo produzido. James me disse que ia arrebentar Jackie Wilson porque o cara tinha tentado passar a mão em seu cabelo.

"Não sou boxeador, vim da Georgia", falou. "As pessoas tinham medo de Jackie. Eu, não. Sente isso."

Ele me mostrou seus bíceps.

"Duros como pedra."

Perguntei a James sobre Otis Redding, um grande amigo seu. James disse que seu avião era melhor que o de Otis, que tinha caído por excesso de peso, matando o cara. Era incrível ouvir James ostentando dessa maneira. Ele tinha um ego de lutador.

Ele continuou falando sobre seus vários empreendimentos, como as estações de rádio que possuía. Ele tentou me convencer a ser meu empresário, e eu lhe disse que mantivesse contato com Siddeeq. Pouco depois, ele enviou uma carta a Siddeeq, propondo ser meu empresário com a seguinte divisão: 70% para ele e 30% para mim. E eu achando que Don King era ruim.

Nunca vou me esquecer da vez em que Tupac veio me visitar na prisão. De todos os meus amigos famosos, é de Tupac que as pessoas mais me perguntam. Em qualquer parte do mundo, quando as pessoas me veem, antes mesmo de me perguntarem sobre boxe, sempre indagam: "Como era o Tupac?".

Tupac era tudo. Era a porra do Huey Newton, era Mao Tsé-tung, era Karl Marx, era simplesmente tudo. Cito Marx e Hegel, mas Tupac era muito mais produtivo no que diz respeito à teoria da revolução. Quando a gente conversava com ele, conhecendo-o

melhor, percebia que era muito mais um cara didático do que um marginal. Sua mente era fascinante.

Conheci Tupac em 1990, numa festa de empresários em uma boate na Sunset Boulevard, em Los Angeles. O promotor da festa era meu amigo, e estávamos do lado de fora, curtindo, todos nós com traje a rigor para o evento, quando vi um garoto negro de rua perto da porta.

"E aí, baixinho? Como está?", perguntei ao menino. Ele parecia comigo quando eu tinha sua idade, andando pelas ruas e parando em frente a boates em que não conseguia entrar.

"Nada demais. E aí?", respondeu.

Percebi que ele queria entrar na festa, então pedi a meu amigo que deixasse o menino entrar. Mas o garotinho disse "Espera aí", saiu correndo e voltou com 50 caras, e um deles era o Tupac.

"Opa", meu amigo disse. Levamos aqueles garotos para a porta dos fundos e deixamos que entrassem por lá. Fiquei lá fora por um tempo, e, quando voltei para dentro, vi Tupac no palco com um microfone, agitando a festa. Nem consegui acreditar. Ele desceu do palco, nos abraçamos e ficamos rindo. Seu sorriso era bonito, ele conseguiu animar toda aquela merda de boate. Era óbvio que era um garoto especial.

Vamos voltar para a época da prisão. Recebi uma carta da mãe de Tupac. Eu sabia quem ele era, um *rapper* que tinha estourado da noite para o dia. Mas o que eu não sabia é que ele era aquele garoto que tinha agitado a boate em 1990. Sua mãe disse, na carta, que Tupac estaria em Indianápolis para um *show* e queria vir me ver. Assim que ele entrou na sala de visitação, foi um deus nos acuda. Acho que ele pesava uns 58 quilos, as roupas que usava pareciam maiores do que ele. Negros, brancos, latinos, marcianos, todo mundo ficou maluco. Até os guardas curtiram. Eu não tinha ideia de que ele era tão famoso. Quando o vi, percebi que ele era um daqueles garotos que deixei entrar na festa em Los Angeles, alguns anos antes.

Fomos para as mesas de piquenique, no pátio.

"Precisamos fazer um *show* para você bem aqui", ele disse, subindo numa mesa. "Meu negão, eu te amo", gritou para mim.

Eu, sentado na mesa, implorava: “Desça, por favor. Por favor, desça. Eles vão prender você junto comigo. Pare, por favor”.

Ele queria improvisar um *show*, mas eu comecei a ficar nervoso. Tudo estava calmo, e, de repente, Tupac sobe numa mesa, e as pessoas começam a se animar. *Ah, caralho, esse filho da puta vai me arranjar encrenca*, pensei.

“Mike, não deixa eles te pegarem, meu irmão, não deixa eles te pegarem.”

Finalmente, eu o convenci a descer da mesa. Comecei a cortar suas asinhas. Havia me tornado muçulmano recentemente, e estava bancando o “sr. Certinho”.

“Ouça, cara, você precisa parar de comer carne de porco”, falei.

“Como sabe que como porco?”, perguntou.

Eu estava apenas provocando, mas ele levou a sério.

Ele se acalmou, e passamos a conversar. Disse que nunca se esqueceu de nosso primeiro encontro.

“Ninguém tinha feito aquilo antes – deixar um bando de neguinhos maloqueiros entrar numa boate da hora como aquela. Você foi foda”, falou.

“Não, não, isso é loucura, negão”, eu disse. “Todos nós temos o direito de curtir esse mundo. Aquilo não foi nada não, cara, nós somos todos iguais.”

Tupac tinha uma personalidade muito forte. Ele tinha visto tantas dores e sofrimentos. Às vezes, as adversidades que enfrentamos nos deixam traumatizados e nos dão uma bagagem, que levamos para qualquer lugar aonde vamos. Eu levo minha bagagem para minha religião, às vezes para os relacionamentos, e também para as porras de lutas que faço. Não importa o sucesso de nossas empreitadas, a bagagem sempre nos acompanha. Para Tupac, ter nascido na prisão, ver os amigos de sua mãe sendo mortos ou cumprindo prisão perpétua, tudo isso o colocou num estado de revolta em que sentia que ninguém lhe dava ouvidos ou se importava com ele. Assim, ele colocou no piloto automático e fez o melhor que podia. Tupac era um autêntico guerreiro da liberdade.

Conversei com Tupac sobre os Panteras Negras. Fiquei sabendo do envolvimento de sua mãe com eles. Era uma mulher forte. Nessa

época, eu já tinha me tornado bem radical de tanto ler livros militantes.

Depois disso, ficamos próximos, e ele veio me visitar algumas vezes. Eu ouvia uns boatos de que ele saiu no noticiário algumas vezes por ter atirado em policiais, se envolvido em brigas.

"Ei, escuta aqui, se você não maneirar, quando eu estiver saindo daqui vou te ver entrando."

Até que ele levou um tiro e foi preso. Um amigo do lado de fora conseguiu fazer um telefonema a três com Tupac. Ele me contou que um amigo meu tinha atirado nele, mas eu não tinha certeza disso.

Assim que me acostumei à prisão, comecei a pensar seriamente em retornar aos ringues. Era deprimente ouvir notícias sobre quem era o campeão mundial dos pesos-pesados. O cinturão passava de um para outro como uma bola de vôlei. Meu objetivo era sair e reconquistá-lo, mostrando a todo mundo que eu não era o perdedor que eles imaginavam. Não, eu seria um deus reconquistando meu trono. Na minha mente doentia, eu me via como um personagem nobre antigo e, se minha batalha para recuperar o cinturão não desse certo, seria o fim da civilização. Coloquei a minha pequena meta narcisista como uma necessidade do mundo.

Mas eu precisava daquela imagem. Precisava daquela motivação para não apodrecer na cadeia, e por isso tracei meu plano. Sabia o que tinha de fazer, sabia como disciplinar minha mente com as coisas corretas. A última coisa que eu queria era ser manso. A administração tinha permitido que eu frequentasse a academia porque queriam que me mantivesse em forma, mas, logo, me afastaram porque achavam que eu estava envolvido com o tráfico de drogas ali dentro. Mas não estava. Apenas contrabandeava meu gel de cabelo. Eu até queria ficar chapado na prisão, mas não fiquei, porque minha missão era reconquistar o cinturão.

Assim, para me manter em forma, eu basicamente corria e fazia alguns exercícios. Corria no pátio pela manhã, depois fazia um monte de exercícios de cárdio: pular corda, flexões de braço e abdominais. Recebi cartas de dois ex-boxeadores que ficaram presos: Rubin "Furacão" Carter e James Scott, este, na verdade, fez a maioria das suas lutas enquanto estava na Penitenciária Estadual

Rahway. Scott escreveu que eu não seria porra nenhuma se não fizesse “cem flexões de uma só vez”. Isso mais parecia papo de bandido, um pente de pistola com cem balas. De início, não consegui fazer, mas treinei muito e, por fim, escrevi de volta para ele: “Estou com cem balas no pente”.

De noite, eu pedia para Wayno segurar minhas pernas e eu fazia cem abdominais direto. Fazia abdominais até minha bunda sangrar. Na cela, a gente tinha um rádio de parede que também funcionava com fones de ouvido, dessa forma, a gente podia escutar música sem incomodar o colega de cela. Assim, eu levantava às 2 da madrugada, colocava o short e o fone de ouvido e ficava correndo dentro do quarto por várias horas. Quando Wayno acordava, as paredes estavam quentes e suando por causa dos meus exercícios. Às vezes eu ficava trotando na cela durante o dia, e os guardas e detentos vinham me ver através da janelinha, ficavam horas ali.

Era pior quando eu treinava com a sombra. Ficava rodeado por detentos, guardas, o pessoal da administração, e todo mundo vinha bancar o treinador para cima de mim.

“Se mexe, negão. Esquiva, esquiva”, diziam. Todos davam pitacos.

“Eu sou o profissional aqui, porra”, eu dizia. “Vocês só assistem.”

Quando fui para a cadeia, pesava 123 quilos, mas em seis meses meu peso tinha caído para 98. Passei de um pequeno gorila a um Adônis sarado.

Comecei a estudar o Islã na prisão. Eu já tinha sido apresentado ao Islã muito antes de ir em cana. O cozinheiro de Don, o Capitão Yusuf Shah, era um irmão muçulmano que tinha sido professor de Malcolm X e braço direito de Elijah Muhammad. Capitão Joe, como o chamávamos, era extremamente respeitado. Ele acabou se tornando meu motorista, quando, na verdade, deveria ter sido meu guarda-costas, pois não havia problema que ele não conseguisse resolver.

Don demitiu o Capitão Joe porque ele tinha pisado na costela de porco de Don. King costumava humilhá-lo, obrigando-o a cozinhar carne de porco. Ele sempre usava luvas de aço para preparar esse

tipo de carne. Certo dia, vi Joe chorando e dando socos na costela de porco.

Eu estava em Los Angeles quando fiquei sabendo que Don tinha demitido o Capitão Joe, mas, quando voltei para Nova York, ele estava lá para me pegar no aeroporto.

"Soube que você foi demitido", falei.

"Não, não, meu irmão campeão, não aconteceu nada", disse Joe. "Foi só um mal-entendido. Chateei o senhor King. Foi culpa minha, não devia ter feito aquilo; afinal, a comida era dele. Sou um tolo. Mas Alá me abençoou com o privilégio de voltar a trabalhar para o senhor King."

"Capitão Joe, se não me contar exatamente o que aconteceu, *eu* é que vou te demitir", falei. "Fiquei sabendo que algumas pessoas vieram falar com Don. O que aconteceu? Quantas pessoas eram?"

"Eram 75, todas armadas", respondeu Joe, com humildade, mas com uma força sinistra, que demonstrava que ainda era poderoso.

Parece que, quando ele voltou para o Harlem e contou a seus irmãos da Nação do Islã que Don o tinha mandado para o olho da rua, 75 caras armados foram até o escritório de Don, deram umas porradas em algumas pessoas e fizeram Don contratar Capitão Joe de volta – foi o que fiquei sabendo.

"Não são vocês que demitem o Capitão Joe. É o Capitão Joe quem demite vocês", disseram para o pessoal de Don.

Assim, ele voltou e insistiu com Don para deixá-lo trabalhar como meu motorista. Ele ainda era muito poderoso. Era um homem velho, de aparência inofensiva, mas com um só telefonema conseguia o que fosse preciso. Era uma honra tê-lo trabalhando para mim. Capitão Joe foi um mentor incrível – gentil, atencioso, generoso, um homem de valor. Ele falava o tempo todo sobre espiritualidade. Achava que qualquer espiritualidade era boa. Ficou muito feliz quando fui batizado, achava maravilhoso eu levar aquilo a sério. Eu nunca tive coragem de contar a ele que levei a garota do coral para meu quarto de hotel depois da cerimônia.

Assim, quando fui em cana, já estava receptivo ao Islã. Havia um condenado de Detroit chamado Chuck que tinha tido uma formação muçulmana. Eu o conheci na mesquita. Não me entendam mal: a

gente não vai à mesquita apenas para orar. Todo mundo fazia negócios ali dentro. Era um espaço de encontro com outros detentos, de diferentes pavilhões. Eu ia lá não só para estudar minhas orações, mas também para receber mensagens. Rezava para Deus, mas também conseguia uma.45. Era bem assim. Eu adorava Alá, mas também sou Mike Tyson, e Ele me fez assim – manipulador e garanhão.

Aí, Chuck começou a me ensinar as orações. Era um professor horrível. Hiperativo, grosseiro e não muito simpático. Mas falava árabe. Estudávamos as orações, e ele gritava: "Já decorou?".

"Você só falou uma vez. Está maluco?", eu respondia.

Ele recitava a oração como se estivesse com pressa. Ele precisava era de um calmante.

Aí ele desacelerava e repetia a oração, mas de repente gritavam "Rango" – era hora do almoço, e ele saía.

Assim, acabei aprendendo aquela oração de abertura e passei a frequentar aulas junto com Wayno. Seu nome islâmico era Farid. De início, eu era um cara grosseirão e detestável. Eu sentava com o Irmão Siddeeq e conversávamos sobre o Islã, mas eu era tão impaciente, que não tinha vontade de escutar nada. Mas, conforme a gente foi se conhecendo, Siddeeq me convidava para me juntar aos outros na oração, e eu ficava mais calmo. Adquiri o hábito de orar e passei a ler o Corão junto com Farid. Não tive nenhum instante de revelação. Era mais como "esse é quem eu sou agora".

Não conseguia captar o lado espiritual do Islã. Isso demorou para acontecer. Na época, eu não estava pronto para a religião. Usava o Islã para diminuir meu tempo na cadeia, e isso me ajudou muito. Eu tinha algo em que acreditar, mas estava fazendo as coisas certas pelos motivos errados. Definitivamente, fazia parte de meu crescimento aprender a amar e perdoar, e a religião me possibilitou meu primeiro encontro com o amor e o perdão verdadeiros.

Um ano antes do fim da minha pena, surgiram uns boatos de que iriam antecipar minha soltura. Muita gente da imprensa norte-americana, como Greta Van Susteren, questionava minha condenação. Meus advogados estavam dialogando com os tribunais e com a família Washington. Parece que tinham chegado a um

acordo. Eu pagaria 1,5 milhão de dólares aos Washington, pediria desculpas a Desiree e sairia imediatamente da cadeia. Nem precisava admitir o estupro, bastava só pedir desculpas. Alguns amigos, como Jeff Wald, me pressionavam para pedir desculpas.

"Mike, eu admitiria ter estuprado a Madre Teresa de Calcutá para sair da cadeia, porra", disse.

"Se eu pedisse desculpas, a prisão em minha cabeça seria pior do que a prisão em que estou agora", respondi.

Assim, em junho de 1994, me levaram ao tribunal da juíza Gifford para uma audiência de redução da pena. Eu usava calça jeans, uma camisa azul-clara e botinas. O novo promotor me perguntou se eu tinha algo a dizer.

"Não cometi crime algum. Vou manter minha palavra até o túmulo. Nunca violei a castidade de ninguém."

Essa declaração estava bem longe daquilo que todos queriam escutar, e então imediatamente me mandaram de volta para a cadeia. Quando retornei, recebi muitos abraços e beijos.

"Fodam-se aqueles cuzões", diziam.

"Fiquem calmos", falei. "Estou legal. É só mais um ano. Vou encarar essa merda."

Sabia que não era o fim de Mike Tyson. Eu tinha só 28 anos na época, e tinha certeza de que haveria uma bela recompensa depois de cumprir minha pena. Apareceu mais gente da imprensa para me entrevistar. Como eu estava lendo muito, minha mente estava bem afiada e politicamente focada.

Larry King foi até lá, na cadeia, fazer uma entrevista comigo em duas partes. Ele queria entender direito qual era a sensação de ir do topo do mundo para atrás das grades.

"Romances, você sente falta do amor romântico?", perguntou.

Não podia falar nada a respeito da professora.

"Talvez, mas o que é o amor? Amor é como um jogo, amor é competição. Para a maioria das pessoas bonitas, homem ou mulher, o amor é que vem até elas o tempo todo porque elas atraem o amor. Mas nunca correm atrás do amor. O que fariam por amor? O amor é aquela situação na qual você deve estar de prontidão para fazer algo, porque, quando se tem alguma coisa adorável, alguém irá

querer tomar isso de você; e, se você não for muito competitivo, vai desistir na primeira batalha."

"Está claro que você adquiriu um controle total sobre o ambiente aqui. E quanto à comida? Sente falta de alguns pratos, não?"

Eu não podia falar nada sobre as lagostas, a comida chinesa e todos os banquetes que a gente fazia na cela.

"Sou uma pessoa simples", respondi.

"Só estou tentando mostrar para o público como é não ter as coisas com as quais estamos acostumados no dia a dia", Larry disse.

"Vou te contar uma coisa: existem pessoas que ficaram presas, talvez em situações bem piores do que a minha. Mas você acaba ficando muito apegado a si mesmo. Acho que tem uma peça do Tennessee Williams que diz: 'Devemos desconfiar uns dos outros, porque essa é a única forma de nos protegermos de uma traição'. Acredito muito nisso, acredito mesmo. Acredito que todos que fazem parte de minha vida, mais dia menos dia, irão me trair. Acredito piamente nisso. E muita gente diz que não, de jeito nenhum. Mas é nisso que acredito."

"Se você acredita nisso, deve ser uma pessoa infeliz", Larry disse.

"Não, não sou infeliz, tenho apenas consciência das circunstâncias."

"Vou falar de uma coisa humana da qual você deve sentir falta: o carinho dos fãs", Larry comentou. "Você deve sentir falta do assédio deles."

"Posso te contar uma coisa? Louvado seja Alá, em minha mente eu me aplaudo milhões de vezes por dia. Para mim, sou o meu maior fã, não existe nada no mundo melhor do que eu mesmo. Assim, não penso sobre isso, esse pessoal não sabe por que está torcendo. Eu me conheço totalmente e sei por que deveriam estar aplaudindo, mas eles, não, eles torcem pelo nocaute. Só torcem por isso: o nocaute e o desempenho. Torço porque sei quem sou."

Na prisão, tudo estava tranquilo, até que alguém me dedurou a respeito da conselheira antidrogas. Eu seria libertado dentro de uma semana se passasse no último teste, mas de repente veio um cara da Corregedoria falar comigo. Alguém tinha contado a ele que eu ficava horas e horas na sala com a professora, e por isso tinha

enviado um investigador de fora da prisão para me interrogar. Eu suava como um cafetão de uma puta só.

"Você está para sair da cadeia dentro de algumas semanas, mas isso pode não acontecer se descobrirmos que é culpado", ele disse, tranquilamente.

Puta merda. Fiquei sem fôlego por um instante.

"Mas não fiz nada, senhor. Pode perguntar para qualquer um, que vão lhe dizer que eu sou um bom aluno", falei. Estava com tanto medo daquele branquelinho, que comecei a dar uma de Pai Tomás. "Sim, senhor. Não, senhor."

"Alguns detentos dizem que você costuma passar tempo demais na sala com a conselheira", falou.

"Não sei nada sobre isso. Estou apenas fazendo meu trabalho. Preciso de aconselhamento. Já me excedi com drogas e álcool, e tenho de lidar com muitas tentações no dia a dia…" Eu estava inventando.

"Sabe, acho que você foi sacaneado nesse processo, Mike, mas essa é uma questão bem diferente e muito séria", comentou.

Estava morrendo de medo quando me despedi daquele cara. Fui para a sala de visitação, porque precisava receber uma garota que vinha me ver. Eu estava alucinado. E aí vi o branquelo que tinha acabado de me interrogar indo conversar com minha conselheira.

"Você está me procurando, cuzão?", ela começou a gritar com o cara.

Minha nossa! Naquela hora, eu estava com o cu na mão. Não conseguia acreditar que ela estava gritando com aquele cara branco. Eu pensava: *Ah, meu Deus, agora estamos fodidos*.

"Que diabos você quer saber sobre mim? Há 17 anos estou aqui fazendo meu trabalho."

Ela partiu para o ataque e mostrou seu cartão de visitas do gueto, deixando o cara totalmente intimidado. Depois, ela foi até a mesa onde eu estava na sala de visitação. Começou a falar comigo, tocou no meu pau por cima da calça – que foi ficando duro – e aí escreveu seu nome bem na parte da calça onde ficava meu pau.

"Caralho, por que fez isso?", perguntei.

Ela apenas sorriu.

Nunca mais ouvi falar dessa investigação. No final do curso sobre drogas, passei no teste, mesmo sem merecer. Numa das provas, pediram para citar "três necessidades básicas". Respondi: sexo, comida e água – nessa ordem. Nada de ar, apenas sexo, comida e água.

Faltavam poucos dias para eu ser libertado. Iria sair dali com milhões e milhões de dólares garantidos por contratos com a Showtime e o MGM Grand, assinados por Don King. Muita gente me cortejou, mas Don me pareceu o melhor negócio. Ele oferecia mais dinheiro que todos. E, além do mais, quando eu saísse dali, uma nova namorada estaria esperando por mim.

Eu tinha conhecido Monica Turner alguns anos antes. Era amiga de Beth, uma amiga que a gente tinha em comum. Beth queria que eu conhecesse Monica, porque achava que a gente tinha tudo a ver. Então, Monica escreveu uma carta para mim quando eu estava na casa de Camille e mandou uma foto dela. Só fui responder duas semanas antes do meu julgamento. Eu estava em Washington, e fui até a sua casa com duas limusines. Eu sabia seu número de cabeça porque tenho memória fotográfica, e pensei em ir até lá para vê-la, pois ainda não nos conhecíamos pessoalmente.

"Onde você está?", ela perguntou.

"Na frente de sua casa."

Encontrei-a na porta e tentei entrar, dizendo que seria legal a gente subir, mas ela não estava a fim. Craig Boogie estava comigo.

"Posso usar o banheiro?", ele perguntou. E ela deixou Craig entrar.

"Por que deixou ele entrar? Você nem o conhece", falei.

"Porque quer entrar para fazer outra coisa: apenas quer usar o banheiro."

Então, só beijei seu rosto, fui embora e nunca mais nos falamos. Até que um dia, quando eu ainda estava preso, recebi uma carta de Monica.

"Ah, meu Deus, por favor, ligue para mim", escreveu. Parecia muito preocupada e carinhosa. Liguei a cobrar.

"Ei, quer ser minha namorada?", perguntei de cara. É assim que eu levava a vida, indo direto ao ponto.

“Quero sim!”, ela respondeu.

Fiquei feliz. Era uma garota legal, inteligente. Teve de enfrentar muitas coisas; sofreu abuso, passou por muitas dificuldades. Ela saía com um jogador do New York Knicks, mas ele lhe deu um pé na bunda.

Mandei uma passagem de avião para Monica, e ela veio mais que depressa para Indiana. Não tinha muito dinheiro na época; estava estudando medicina.

Assim que me viu na sala de visitação, começou a chorar.

“Não acredito que você esteja aqui”, falou.

Nós ficamos juntos, e ela continuou a me visitar em toda a oportunidade que surgia, chegando a me ver até duas vezes na semana. Enquanto eu estava preso, nunca fizemos sexo. Podemos ter dado uns amassos, mas eu não queria correr o risco de ela perder o direito de me visitar. Durante meus dias de cadeia, a coisa que eu mais ansiava eram meus encontros com Monica.

Quando ela começou a me visitar, estava um pouco acima do peso. Na época, eu era bem tosco, e disse a ela que precisava perder alguns quilinhos. Criei umas séries de exercícios para ela e passei a orientá-la pelo telefone. Monica estava bem motivada e acabou perdendo peso.

Fiquei lá durante três anos, e finalmente chegou o dia de sair. Acordei bem cedo e juntei todas as minhas coisas. Farid tinha sido libertado antes, por isso eu não tinha nenhum amigo próximo lá dentro, mas mesmo assim me despedi dos detentos. As coisas estavam se ajeitando, e eu aguardava sair para cumprimentar as centenas de repórteres e câmeras que me esperavam do lado de fora desde o meio da madrugada. Pouco antes de receber a autorização para sair, uma policial branca e baixinha veio conversar comigo.

“Cara, estou orgulhosa de você”, ela me disse. “Achei que você não ia conseguir lidar com isso aqui, mas você conseguiu. Não deixou que te pegassem. Parabéns.”

Refleti por um instante sobre o que ela disse. Minha megalomania apareceu, e então pensei: *Não achou que eu conseguiria lidar com isso? Será que ela sabe de onde vim? Nasci no sistema prisional. Que caralho ela acha que eu sou?*

Mas não era sobre isso que ela estava falando. Era sobre enfrentar a longa queda na desgraça e a adaptação a um meio social em que eu não me via como maior do que todo mundo. Éramos todos iguais ali. O que aquela policial me disse penetrou em minha mente – uma mente que, apesar de todo meu esforço contrário, a cada passo que dava em direção ao mundo exterior, ficava cada vez mais cheia de si.

10

NÃO CONSEGUI DORMIR NA noite anterior à saída da prisão. Às 4 da manhã, comecei a ouvir helicópteros zumbindo no céu lá fora. Eram das emissoras de notícias, já deixando tudo pronto para a transmissão ao vivo. Do lado de fora do presídio, o estacionamento estava lotado de antenas parabólicas e repórteres de jornais impressos. Ainda estava escuro, e do outro lado, uma grande multidão se aglomerava numa plantação de milho, esperando para ter um vislumbre da minha saída. Às 6, Don, Rory e John Horne chegaram numa limusine preta e entraram no prédio.

Eu estava esperando por eles, mas não queria realmente sair da prisão. Eu tinha me acostumado a viver ali. Gostava de poder ficar no sossego e receber visitas de celebridades e jornalistas de tevê. Era um descanso merecido, mas, de repente, eu tinha de voltar para o mundo lá fora.

Respirei fundo e saímos. Era uma caminhada curta até a limusine, mas pareceu uma eternidade. Os *flashes* das câmeras piscavam para mim, os quatro helicópteros zumbiam e as pessoas na plantação de milho gritavam. Foi uma sobrecarga sensorial. Eu estava vestindo um casaco preto simples com uma camisa branca de linho e um *kufi* branco tricotado na cabeça. Estava tentando ser um irmão humilde, mas era difícil.

Antes de voarmos para Ohio, quis parar numa mesquita local e rezar como um gesto sincero de estima e gratidão, mas até mesmo isso foi aumentado a ponto de virar um *show* de circo. Graças a Siddeeq, tinha conseguido que Muhammad Ali viesse rezar comigo, e ele já estava a postos na mesquita quando chegamos lá. Havia um monte de gente, e todos disputavam um lugar para sair comigo na foto. Eu sempre fui um meio para alguém conseguir aparecer na televisão ou ser mencionado nos jornais.

Depois de rezarmos, voamos para minha casa em Ohio. Era irônico que o mesmo grupo que me levou para a prisão agora me trouxesse de volta. Don já estava enchendo meu saco, e olhe que só fazia algumas horas que eu tinha saído da prisão. Ele tinha um estoque de champanhe Dom Pérignon na limusine. No caminho para minha casa, havia faixas amarelas amarradas nas árvores e grandes cartazes com os dizeres: MIKE, BEM-VINDO DE VOLTA À FAMÍLIA e SENTIMOS SUA FALTA, CAMPEÃO.

Quando chegamos em casa, vi que Don tinha preparado uma grande festa de boas-vindas. Ele não só convidou um monte de gente que não tinha nada a ver comigo, como também serviu lagosta, camarão, carne de porco e champanhe – coisas realmente apetitosas para um muçulmano. Chutei todo mundo para fora de casa, inclusive o Don, e então Monica e eu consumamos nosso relacionamento.

Quando Don apareceu no dia seguinte, eu o demiti. Nós teríamos de ir a uma grande coletiva de imprensa para anunciar nossos acordos com o MGM Grand e a Showtime, mas eu não estava nem aí. Tirei o nome dele do comunicado de imprensa.

"Mike, por favor, não faça isso, por favor", Don começou a implorar. "Não faça o mesmo que esses demônios brancos estão fazendo comigo."

Eu estava pouco me fodendo para os apelos dele. Até que ele conseguiu chamar minha atenção ao abrir uma maleta com 1 milhão de dólares em dinheiro vivo. Nenhum outro promotor poderia aparecer com tanto dinheiro assim; então, mudei de ideia de novo. Pus o nome dele de volta no comunicado e, alguns dias depois, nós fizemos a coletiva para anunciar nossos acordos.

Eu não tinha tempo de me adaptar ao mundo. Havia um monte de gente no meu pé por eu ter 200 milhões de dólares em lutas agendadas. Foi pior do que quando comecei no boxe. Todos ficavam a minha volta dizendo: "Mike é o cara. Ele é o cara". Mas, na minha cabeça, a coisa era diferente agora. Eu tinha medo de todo mundo. A prisão não reabilita ninguém, ela debilita. Não importa quanto dinheiro se ganha depois de sair de lá, a pessoa continua sendo menor do que quando entrou. Eu estava paranoico. Achava que todo

mundo queria me prejudicar. Entrava em pânico toda vez que ouvia a sirene de uma ambulância. Uma vez, Monica e eu estávamos na cama; acordei, olhei para ela e a agarrei. Por algum motivo, achei que alguém tinha subido na cama e estava tentando me esfaquear. Fiquei muito assustado.

Eu não era mais a mesma pessoa – eu tinha me tornado um cara travado. A prisão praticamente me tirou toda a garra de viver. Nunca mais confiei em ninguém, nem mesmo em mim quando na companhia de certas pessoas. Eu não queria mais ficar, de jeito nenhum, perto de mulheres. Esse medo foi fermentando na minha cabeça por tantos anos, que já não conseguia mais me libertar dele – ainda me incomoda até hoje. Todos os meus amigos me diziam "Deixa disso, deixa para lá", mas não eram eles que tinham de lidar com isso. Era difícil dormir com isso.

Assinei os dois contratos que nos renderiam uma nota preta só de adiantamento; então ninguém queria saber se eu precisava de um tempo para pôr minha cabeça e minha vida nos eixos. Todo mundo esperava muito de mim. Eu estava em conflito. Se, por um lado, eu estava assustado, por outro, eu começava a ficar arrogante de novo. Eu queria tudo. Achava que todos estavam em dívida comigo pelo tempo que passei na prisão. Queria comer as melhores garotas, comprar os melhores carros e ter as melhores casas. Eu era o Conde de Monte Cristo. Eu era um gladiador. Nem mesmo Deus conseguiria produzir um lutador melhor. Por outro lado, lá estava eu, com medo de uma sirene de ambulância.

Queria que meu desempenho fosse impecável, mas não tinha certeza se conseguiria. Eu estava com 29 anos, mas me sentia um bocado mais lento. Não tinha o mesmo apetite de antes de ir para a prisão. E, mais do que tudo, eu sentia vergonha por ter estado na prisão. Toda vez que ia visitar uma nova cidade, eu tinha de me registrar como agressor sexual. Se eu me esquecesse, a polícia me parava no aeroporto.

"Com licença, posso falar com você?", o policial me perguntava. "Vi que você não se registrou quando chegou, então seria muita gentileza de sua parte se você se registrasse na sua cidade de

destino. Eu poderia prendê-lo agora mesmo, por isso seria prudente que você se registrasse chegando lá."

Ah, meu Deus. Essa merda ainda acontece hoje em dia, toda vez que viajo.

Mesmo com todo mundo esperando que eu fosse dizimar a categoria inteira dos pesos-pesados, não ia ser fácil. Ninguém na história do boxe que tivesse perdido três anos da sua vida voltaria como se nada tivesse acontecido. Muhammad Ali tinha perdido seu título, mas não tinha amargado três anos na prisão, sem poder treinar. Tudo isso só aumentava ainda mais a pressão que eu sofria.

Eu realmente tentei ser um bom irmão depois que saí, mas fui levado pelo mundo material. Havia muita gente querendo se aproveitar de mim, e minha consciência ainda não estava plenamente desenvolvida. Eu ainda rezava, mas todas aquelas distrações passavam pela minha cabeça e me arrastavam de volta para o Mike de antes da prisão.

É fácil culpar o Don por me arrastar de volta para aquele mundo doentio de consumo extravagante, bebida e mulheres. Talvez ele estivesse sinceramente preocupado que eu começasse a seguir alguma merda muçulmana e me desprendesse do rabo dele, mas não posso culpar ninguém além de mim mesmo. Queria provar para todo mundo que eu ainda era o cara, mesmo tendo passado três anos atrás das grades. Por baixo do corpo sarado, eu ainda era um glutão. Se dependesse da minha vontade, eu ficaria o dia inteiro comendo bolo e tomando sorvete. Então, precisava suprimir esse meu lado.

Mas não era tão fácil reprimir meu desejo sexual. Monica queria me cercar de um ambiente familiar, me dar um lar estável, mas não era isso que eu queria naquela época. Era demais para mim tentar ser um pai de família; eu ainda era muito imaturo. Meu discurso de pai de família seria: "Toma esse dinheiro e vê se não me enche". Eu era um porco egoísta.

Pouco depois de ter saído da prisão, fui para Nova York com Craig Boogie. Nós estávamos andando por uma rua, quando vi uma garota negra linda e comecei a segui-la. Tentei fazê-la parar e conversar comigo, mas ela entrou numa loja da Banana Republic. Segui a garota e a vi entrar num dos provadores para experimentar

alguma peça. Ficamos esperando por ela na porta quando ela saiu da loja.

Só que ela continuou fugindo. Não queria falar comigo.

Uma semana depois, eu estava fazendo uma sessão de fotos na minha casa em Ohio para uma revista, quando ela apareceu. Era a estilista da sessão.

"Ei, eu conheço você!", eu disse. "Acho que nosso encontro foi obra do destino. Você foi entregue na minha casa."

Ela era tão gostosa que até o fotógrafo ficou dando em cima dela o tempo inteiro. Então joguei um papo de cafetão moderno, pseudointelectual de presídio, e ela caiu direitinho. Ela me disse que seu nome era Tuesday, e, a partir daquele dia, nós ficaríamos juntos por muitas terças-feiras.[1]

Agora que o dinheiro estava jorrando, era hora de comprar umas propriedades luxuosas de verdade. Eu precisava de uma casa em Las Vegas, já que ia lutar lá; então comprei um belo imóvel de 2,5 hectares, ao lado da mansão de Wayne Newton. Eu me diverti muito decorando aquela casa. Tudo era da Versace, desde as papeleiras até os cobertores e travesseiros. Assim que você entrava na casa pelas enormes portas de madeira com maçanetas de cristal, dava de cara com uma cascata gigante com uma estátua de leão de cada lado. Os tetos eram abobadados, de modo que o barulho da água jorrando se espalhava pela casa, criando uma sensação de tranquilidade.

Eu gostava de ver filmes de caratê, então instalei vários *home theaters* lá. Equipei meu quarto com o som mais *high-tech* da época. Eu adorava tanto meus sons, que às vezes mandava instalar sistemas de som nos meus carros que eram mais caros do que os próprios carros. Para a sala de estar do andar de cima, encomendei um mural de 185 metros quadrados retratando todos os grandes lutadores da história. Isso me custou 100 mil dólares.

Ao entrar no jardim dos fundos, você iria pensar que estava na Itália. Ou, ao menos, no hotel Bellagio. Coloquei um fosso e uma enorme piscina lá. A piscina era cercada de estátuas de 2 metros de guerreiros valentes, como Alexandre, o Grande, Aníbal, Gêngis Khan e Jean-Jacques Dessalines, o revolucionário haitiano. Como não basta sair por aí e comprar uma estátua gigante do Aníbal, chamei o

cara que fez os leões do MGM Grand, e ele trabalhou a partir de fotos que forneci. Quando ficaram prontas, arranjei um guindaste para pôr as estátuas no lugar. Em volta de todo o jardim, plantei árvores exóticas que me custaram mais de 30 mil dólares cada uma. Só a manutenção dessas árvores custava quase 200 mil dólares por ano.

Claro que eu também precisava de uma mansão na Costa Leste, sendo assim, comprei a maior casa do estado de Connecticut. Ela tinha mais de 1.300 metros quadrados, 13 cozinhas e 19 quartos. Meu objetivo era pôr uma garota em cada quarto ao mesmo tempo. Era uma casa e tanto. Estava rodeada por 12 hectares de mata, havia uma piscina coberta e uma externa, um farol e uma quadra de *squash*, além de uma boate de verdade, que chamei de Club TKO.

Eu me sentia o próprio Scarface naquela casa. A suíte principal tinha 465 metros quadrados. O *closet* era tão grande e tão cheio de roupas elaboradas, sapatos e perfumes, que mais parecia uma loja da Versace. Quando Monica estava lá, ela também tinha seu próprio *closet*, com mais de 90 metros quadrados. O quarto tinha uma enorme varanda que dava para o piso principal. Eu podia chegar até lá por escadas duplas de mármore, ou pegando o elevador panorâmico. Era uma casa magnífica, mas, nos seis anos que ela foi minha, posso contar nos dedos as vezes que fui para lá.

Eu tinha ainda a mansão de Ohio, e então comprei a quarta casa, para Monica, um lugar agradável no campo de golfe do Congressional Country Club, em Maryland, o mesmo campo em que Tiger Woods costumava jogar. Mas eu não estava gastando meu dinheiro apenas em casas. A minha obsessão por carros voltou com tudo. Enquanto estava na prisão, eu tinha apenas seis carros, mas depois comecei a formar a minha coleção com Vipers, Spyders, Ferraris e Lamborghinis. A gente fazia rachas na rua da minha casa de Las Vegas.

Eu fornecia bons carros a todos os meus homens. Uma vez, Rory, John Horne e eu estávamos passando por uma concessionária da Rolls-Royce em Las Vegas e paramos para olhar a vitrine. O vendedor lá dentro fez pouco caso dos três caras negros de tênis e calças jeans olhando para aqueles carros carésimos, e quando

entramos, eles não me reconheceram, de maneira que mandaram um vendedor júnior qualquer nos atender.

"Aqueles Rolls ali, quantos você tem no lote?", perguntei.

"Você quer fazer um *test-drive*?", o jovem vendedor perguntou.

"Não, só quero levar tudo que você tem no estoque", respondi.

O moleque foi promovido a gerente-geral depois que fui embora.

DEPOIS DE CADA UMA de minhas lutas, Boogie e eu íamos para Los Angeles e passávamos o dia todo fazendo compras na Rodeo Drive. Depois, íamos jantar num lugar da hora, arranjávamos algumas garotas e íamos para a balada. Também ia à loja da Versace de vez em quando, e gastava uns 100 mil dólares de uma só vez. Sempre que íamos embora, parecia uma cena de *Um príncipe em Nova York*, com um monte de pessoas carregando sacolas cheias de compras. A parte irônica é que a maioria daquelas roupas ficava mofando nos meus *closets*. Eu geralmente usava só tênis, jeans ou moletom. Quando eu estava na prisão, Johnny Versace me mandava convites para todas as suas festas. Ele sabia que eu não podia ir, mas era sua forma de me dizer que ele estava pensando em mim. É um cara incrível.

Eu tinha tanto dinheiro que não conseguia ter controle sobre ele. Uma vez, Latondia, a assistente de Rory, estava em Nova Jersey, na casa dele. Ela não teve tempo de fazer uma mala e, quando entrou num dos quartos de hóspedes, achou uma mala Louis Vuitton. Latondia achou que fosse minha ou do Rory e, na esperança de encontrar uma camiseta limpa, ela abriu a mala e ficou pasma. Havia 1 milhão de dólares em dinheiro lá dentro. Ela imediatamente chamou Rory e mostrou a sua descoberta.

"Cara, o Mike esqueceu onde tinha posto essa mala", Rory disse. "Vou ligar para ele agora mesmo e ver se ele me empresta uns 200 mil."

Aquela mala ficou lá durante duas semanas. Eu tinha tido uma noite difícil em Manhattan e esqueci onde tinha deixado a mala. Toda vez que Latondia levava minhas roupas para a lavanderia de Las Vegas, ela voltava com envelopes de plástico selados contendo

pulseiras caríssimas ou 20 mil dólares em dinheiro que eu tinha esquecido nos meus bolsos. Quando o assunto era dinheiro, eu não era muito detalhista.

No entanto, meu gasto mais extravagante foi quando decidi comprar filhotes de tigre e de leão. Eu ainda estava na prisão quando conversei com meu revendedor de carros, Tony. Estava ansioso para saber quais os carros que estavam sendo lançados quando ele me disse que estava pensando em arranjar um tigre ou um leão para passear com ele na sua Ferrari.

"Ei, eu quero um tigre!", falei.

Tony espalhou a informação, Anthony Pitts ficou sabendo e, de repente, assim que voltei para Ohio, havia quatro filhotes no meu jardim. Fiquei fascinado. Brinquei muito com eles e logo percebi que não tinham a mesma personalidade de nossos gatos domésticos comuns. Os tigres ficam mimados e irritados se você brinca muito com eles. Era necessário aprender as suas características comportamentais, porque, em poucos anos, eles teriam uns dois metros e pesariam uns 180 quilos, poderiam se equilibrar nas patas traseiras e esmagar meu crânio com uma simples patada.

Fiquei mais apegado ao filhote de tigre branco, uma fêmea que chamei de Kenya. Ela ia para todos os lugares comigo e até dormia na minha cama. O pessoal especializado em animais selvagens mal podia acreditar na relação que nós tínhamos. Eles me disseram que em 30 anos nunca tinham visto um tigre branco seguir alguém como ela me seguia. Ela andava pela casa, choramingando como um bebê, procurando por mim. Quando eu levava uma garota para casa, trancava Kenya em seu santuário e ela choramingava. Nas noites quentes de verão, quando estava com calor, ela choramingava até que eu fosse lá fora e fizesse carinho na sua barriga.

Kenya praticamente mandava na casa. Quando ela estava do lado de fora, ela se sentava na beirada da piscina e ficava olhando para o outro lado da cerca, para os cavalos de Wayne Newton. Ela poderia ter pulado facilmente aquela cerca, mas nunca fez isso. Um cara chamado Keith era o seu treinador, e eu pagava 2.500 dólares por semana para ele treiná-la. Meu assistente Darryl e o pessoal que limpava a casa ajudavam a tratar dela, mas não gostavam de se

aproximar. Ela dava umas mordidas neles às vezes, por isso não confiavam muito nela.

Quando você tem filhotes, é melhor ficar perto deles o tempo todo, porque, se você deixá-los e depois voltar, eles não vão mais se lembrar de você, e isso é um problema. Por isso, obtive licenças para meus animais e dois caminhões de 18 rodas para transportá-los através do país. Nessa época, eu já tinha me livrado dos leões e só tinha dois filhotes de tigre. Os leões ficavam sobre as duas patas traseiras e eram muito ameaçadores. Um deles, na verdade, me mordeu no braço e tive de ir ao hospital para levar seis pontos e fechar a lesão. Na emergência me perguntaram: "O que aconteceu com você?". Eu respondi que tinha sido mordido por um cachorro. Quis matar aquele leão filho da puta, mas percebi que a culpa era minha, então tomei a dose de antitetânica por segurança e doei o leão.

Depois de uns meses de readaptação à sociedade, comecei a treinar para minha luta de retorno. Alguns membros novos entraram no meu time. Conheci Steve "Crocodilo" Fitch, o Croc, alguns anos antes no banheiro do Madison Square Garden, na noite em que meu adversário não apareceu. Ele me perguntou se eu ia lutar naquela noite, e respondi: "Claro, se meu adversário aparecer". Um dia, quando eu ainda estava em cana, Rory e eu estávamos conversando pelo telefone, e ele pôs o Crocodilo na linha. Na época, Croc andava trabalhando com um boxeador chamado Oba Carr, de quem Rory era empresário e Don, promotor. Croc e eu conversamos sobre alguns amigos meus que ele tinha conhecido quando eu estava na prisão, e percebemos nossas conexões em comum. Quando saí, eu disse a ele para passar um tempo com a gente. Croc era dos meus – um cara da rua.

Depois que eu saí da prisão, Don não aparecia muito na minha casa. Acho que ele ainda estava com medo de que eu batesse nele, então, ele usava John Horne para tratar de negócios comigo, e Rory era quem eu indicava para qualquer assunto pessoal. Eles dividiam os 20% de comissão, mas mesmo assim estavam ganhando mais dinheiro do que jamais haviam sonhado. Além de Rory e John, meu time de segurança era o mesmo, liderado por Anthony Pitts.

Também mantive por perto Farid, meu ex-colega de cela, até que as autoridades nos informaram que não podíamos nos associar porque éramos ambos criminosos.

Nessa época, a equipe Tyson tinha ficado *high-tech*. Em vez de usarmos telefones, todos passamos a ter *walkie-talkies* para podermos nos comunicar e ficar a par do estava acontecendo. Cada um tinha seu próprio apelido. Rory era L1 e John era L2. Ant era T1. Meu amigo Gordie era chamado de Groove. Don foi apelidado de Frederick Douglass, por causa do seu cabelo. Eu tinha vários apelidos. Às vezes, eles me chamavam de Mad Max. Às vezes, era Arnold Rothstein. Mas, na maioria das vezes, era Deebo. Eu era chamado assim por causa daquele valentão do filme *Sexta-feira em apuros*, porque eu estava sempre dizendo "Me dá isso, me dá aquilo", pegando as coisas dos outros, comendo sua comida, mudando o canal de tevê quando alguém estava assistindo a um programa.

Eu não gostava muito dessa coisa de *walkie-talkie* porque significava que eu podia ser rastreado mais facilmente. Eu tentava ser mais disciplinado no treinamento, mas às vezes o cheiro de batata frita me fazia sair dos trilhos e eu fugia para comer. Sempre tentava despistar meus seguranças para encontrar alguma mulher. Conforme a luta com Peter McNeeley, no dia 19 de agosto, ia se aproximando, eu ia ficando cada vez mais irritado. No começo, minha autoconfiança era bem maior, porque eu tinha acabado de sair da prisão e estava em ótima forma; mas, quando comecei as minhas sessões de treino, em Ohio, fui atingido por alguns socos de um moleque amador e doeu para caramba. Não estava acostumado a ser atingido. Era para eu ter treinado durante cinco assaltos, mas depois do segundo joguei a toalha.

"Por hoje chega, só volto amanhã", eu disse.

Caralho, eu não podia acreditar que aquele moleque amador tivesse me machucado tanto. Definitivamente, levar socos era muito diferente de estar em forma. *Como posso vencer McNeeley se um amador quase me parou?*, eu pensava.

Finalmente, quando chegou agosto, eu tinha voltado a meu ritmo e estava pronto para lutar. Já estava com aquele meu jeito intratável

habitual, quando chegamos à coletiva de imprensa antes da luta. Apareci usando um terno preto e um chapéu-panamá branco. Ninguém no boxe estava levando McNeeley a sério como adversário. Ele era, no máximo, um lutador amador.

Dei o nome de "Rei Richard – O retorno do rei" para a luta contra McNeeley. Eu costumava nomear minhas lutas em homenagem a guerreiros. Mesmo Cus estando morto há muito tempo, eu conversava com ele.

"Não se preocupe, Cus, o Rei está voltando. O Rei Richard vai voltar triunfante."

Se eu tinha qualquer dúvida disso, elas se dissiparam quando entrei no ringue e encarei McNeeley. Nós nos aproximamos para ouvir as instruções, e ele nem ao menos olhou para mim. Um ano depois da luta, ele disse a um repórter o que se passou na cabeça dele naquele momento.

"Tyson veio para o ringue ao som de uma música de bandido, e eu não estava preparado para sentir medo. Eu já tinha dado uma olhada nele nas coletivas com a imprensa, mas ele não parecia tão grande em roupas comuns. Fiquei no meu corner, virado de costas para ele, e isso não é um indicativo de que você quer vencer encarando seu oponente. Eu ia olhar para o umbigo dele quando ele veio para o meio do ringue. Bem, aberta a caixa de Pandora, eu preciso dar uma olhada. Ele era todo sarado e incrivelmente grande! Os músculos dorsais eram gigantescos. O pescoço, o crânio. Ele parecia feroz. Eu pisquei e mandei um beijo para ele, mas estava com medo."

E eu só pensava que esse cara era maluco! Queria dizer a ele: "Você é um babaca filho da puta". Mas não podia arruinar minha imagem de durão. Quando o gongo soou, ele avançou e me prendeu no meu corner. Eu me defendi com um curto de direita e ele caiu, e então, de repente, ele saltou como um daqueles palhacinhos de caixinhas de surpresa. Antes mesmo de Mills Lane começar a fazer a contagem obrigatória até oito, McNeeley deu a volta no ringue e me atacou de volta. Eu não podia acreditar naquela merda. Depois da contagem, ele avançou para cima de mim mais uma vez e o acertei com um gancho de esquerda e uma de direita, e ele caiu de novo.

Ele se levantou e poderia ter continuado, mas seu treinador pulou no ringue e parou o assalto enquanto Mills Lane me levava para um corner neutro. Foi um desastre. A plateia começou a vaiar. Os locutores do ringue não paravam de dizer: "Que decepção". Estávamos lutando diante de fãs de 90 países, a maior audiência da história, e a equipe do cara não queria deixá-lo lutar.

Na coletiva depois da luta, tentei ser humilde e louvar a Alá.

"Ainda tenho muito a aprender. Preciso continuar a melhorar minha técnica", eu disse aos repórteres.

Quando me perguntaram sobre a equipe dele parando a luta, respondi: "Você me conhece. Gosto de ver sangue. Fico feliz que tenham parado. Veja bem, a luta, para mim, é o que a teoria era para Einstein e o que as palavras eram para Hemingway. Lutar é agredir. Agredir é minha natureza. Não quero falar sobre boxe".

Posteriormente, McNeeley disse: "Olhem os filmes! Eu vim para lutar. Falei o que tinha que falar e fiz o que tinha que fazer".

"Ele também desmaiou o que tinha de desmaiar", escreveu o *New York Post*.

A Comissão Atlética de Nevada decidiu suspender a cota do empresário sobre o prêmio. Mas o empresário se mostrou um gênio. Ele conseguiu dois comerciais nacionais para McNeeley – 40 mil dólares da AOL para reencenar a luta e 110 mil da Pizza Hut, no qual ele foi nocauteado pela borda da pizza.

Acho que Don ficou com vergonha dessa luta, afinal foi ele quem a arranjou para mim, e decidiu que meus fãs podiam economizar 50 dólares e assistir à minha próxima luta pela tevê aberta. Eu lutaria contra Buster Mathis Jr. na Fox, no dia 4 de novembro. Tenho certeza de que Don escolheu esse dia porque era a mesma noite do *pay-per-view* da terceira luta entre Riddick Bowe e Evander Holyfield, mas não deu certo, pois tivemos de adiar a luta porque fraturei o polegar. Imediatamente, a imprensa veio para cima de mim. O *New York Post* saiu com uma manchete na qual se lia: "Lute, Mike".

Eles tinham razão. No passado, eu já tinha adiado diversas lutas como uma tática para confundir a cabeça dos meus adversários. Quando eles estavam todos animados, prontos para lutar, eu vinha e

adiava a luta, e depois eles nunca voltavam com a mesma disposição. Eles achavam que eu estava treinando pesado, porque ficava o dia todo na academia, mas na verdade eu não estava fazendo nada. Então, eu aparecia com a cara arrebentada antes da nova data, e eles já tinham perdido o pique. Foi um truque que Cus me ensinou.

Parte do problema era que a pressão para que eu reconquistasse o título estava aumentando muito.

"O público não vai aguentar me ver lutando contra 10 ou 15 zés-ninguém até uma luta de verdade valendo o título", eu disse para um repórter. "Estão me pressionando muito para eu fazer as coisas do jeito certo dessa vez. As pessoas querem ver o Mike Tyson em grandes lutas. Mas tenho contratos exclusivos que preciso honrar, contratos que me pagam muito dinheiro para eu voltar devagar e sem tropeços. É um negócio, um grande negócio. E tudo o que essas pessoas querem é que eu esteja no ringue dando lucro para elas."

Reagendamos a luta para o dia 16 de dezembro, na Filadélfia. Acho que os corretores de apostas viram alguma coisa na minha luta com McNeeley. Ele era um azarão 15-1, mas Mathis era 25-1. Mathis era um lutador muito melhor do que McNeeley, mas ele estava um pouco acima do peso. Na pesagem, tirei meu moletom PROPRIEDADE DE ALÁ para exibir o abdômen sarado.

"Talhado em pedra! Adônis!", Don King gritava.

Mas, quando chegou a vez de Buster, ele ficou de camiseta e pesava 101 quilos.

Quando a luta começou, Buster tentou fazer o que McNeeley tinha feito: me atacou. Lutamos bem próximos durante dois assaltos, e então, no terceiro, ele tentou me acuar contra as cordas, mas me desloquei para a esquerda e consegui vantagem, dando dois uppercuts que o fizeram cair. Quando me perguntaram na coletiva por que eu tinha errado tantos socos, respondi que estava "ninando" Mathis e que esses socos foram todos "um esquema, uma armadilha; assim como essa sociedade". A verdade pura e simples é que Mathis era muito difícil de acertar. Se você olhar para a carreira dele, vai ver que ninguém tinha feito com ele o que eu fiz.

Mathis foi um pouco mais breve.

“Mike Tyson me derrubou e, quando olhei para a contagem, já estava em 5. Aí eu disse para mim mesmo: ‘Mas que merda aconteceu do 1 ao 4?’.”

Frank Bruno, um dos campeões reinantes dos pesos-pesados estava ao lado do ringue, e Crocodilo e eu fomos provocá-lo. Quando saímos do ringue, Croc gritou para Bruno.

“Ali está ele, Mike. Vamos pegar você, garoto!”, ele disse.

Apontei para o meu peitoral.

“Eu sou o número um”, falei para Bruno.

A luta com Buster teve 29 pontos de audiência, a maior pontuação da Fox TV, mas eu não estava satisfeito com o meu desempenho pós-prisão.

Levei Kenya para essa luta. Nessa época, Monica teve uma menina a quem demos o nome de Rayna, e eu também tinha uma enteada, Gena, e minha filha, Mikey, que tive com uma novaiorquina. Nem Monica nem as crianças podiam chegar perto de mim quando Kenya estava por perto. Se elas demonstrassem algum carinho, Kenya ficava pronta para atacar. Deixei-a no quarto do hotel durante a luta e, quando voltei, a suíte estava completamente destruída. As cortinas estavam arrancadas, tinha bosta pelo chão e o sofá grande da sala de estar estava em pedaços.

Ela fez a mesma coisa na casa de Don King em Manhattan, quando fiquei lá depois da luta. Eu a deixei lá e fui a uma boate, e ela ficou doida. Kenya realmente acabou com a casa, tanto que tiveram de fechá-la e fumigá-la. Você acha que aprendemos a lição? Uma vez, estávamos em Ohio, e Rory prendeu Kenya na garagem. Quando ele foi lá buscá-la mais tarde, ela tinha literalmente arrancado o teto de uma das minhas Maseratis.

FAZIA UM ANO QUE eu tinha saído da prisão, e Don já queria que eu disputasse o título contra Frank Bruno, mas eu não estava preparado nem física nem emocionalmente para aquele tipo de pressão mais uma vez. Numa entrevista que dei à revista *The Ring*, dava para perceber minha angústia.

“Estou mais nervoso agora do que no começo da minha carreira, ou quando era campeão. Talvez seja um pouco de insegurança. Mesmo treinando, acabo me pegando dando aquele último suspiro. Não sei se é bom ou ruim. Sei o que fazer, mas tenho algumas dúvidas. Acho que isso que é irritante – duvidar de mim mesmo, apesar de ter sido bem-sucedido por tantos anos.”

Quando o entrevistador me perguntou sobre minha derrota para Douglas, comecei o falatório:

“As pessoas dizem ‘Olha quanto dinheiro você tem!’, mas já passei por várias avaliações disfuncionais. Não consigo imaginar ninguém sentindo inveja da minha vida. Se tivessem que passar pelo que eu já passei, provavelmente teriam se matado. Eu quase morri. Meu cabelo começou a ficar grisalho e cair porque eu ficava pensando nessas coisas. Eu podia ter surtado ali, mas em vez disso eu ficava correndo na minha cela. Eu entrava no chuveiro e, *bum!*, lembrava de tudo de novo. Só espero pelo pior agora. Se coisas boas me acontecem, eu as aproveito. Mas espero pelo pior. Espero ser chutado a minha vida toda. Só preciso recuperar minha autoconfiança. Depois que eu lutar contra Bruno e tiver colocado o cinturão em volta da minha cintura, não haverá ninguém que possa me vencer. Minha autoconfiança subirá aos céus, às estrelas.”

Mas, para cada entrevistador compreensivo com quem eu podia dividir minha dor, havia outros tantos que queriam me destruir. Eu estava numa coletiva nacional de imprensa para a luta, quando um cara me perguntou: “Mike, o boato de que você tem uma lesão no olho é verdadeiro? E, se sim, ele seria resultado de ficar todos esses anos utilizando spray de pimenta durante o sexo?”

Às vezes, eu simplesmente não sabia como manter minha grande boca fechada. Numa das coletivas para promover a luta, foi revelado que eu doei 50 mil dólares para o Centro da Juventude Martin Luther King de Las Vegas.

“Isso não me torna um cara legal. Tudo é um fardo agora. Não sei nem se deveria usar o termo ‘fardo’, mas eu não sou um cara do tipo feliz. Eu sempre tento dar o melhor de mim, mas sempre acabo fazendo alguma coisa errada”, eu disse.

Depois, o repórter me perguntou sobre minha filhinha caçula, e acabei destruindo a Monica.

“A mãe dela é linda, mas Rayna é tão linda e maravilhosa que faz a mãe dela parecer uma vira-lata.”

No que eu estava pensando?

Minha preparação para a luta com Bruno foi muito maluca. Crocodilo teve várias brigas com meus sparrings. E aí ele dizia que eu iria arrebentar suas cabeças se continuassem a desrespeitá-lo. Ele colocava o primeiro cara no ringue e depois vinha falar comigo.

“Sabe, Mike, todos esses caras ficam dizendo que vão acabar com você, que eles é que deveriam estar lutando pelo título, e não você”, ele dizia.

Ele tinha me colocado no meio da encrenca. Os caras agora estavam tentando me matar. Eu estava numa merda de situação de vida ou morte com meus parceiros de treino. Que porra era aquela?

Num dia próximo da luta, eu estava pulando corda quando Crocodilo apareceu.

“Você voltou, campeão. Quando Ali estava no exílio, ele voltou e lutou pelo título mundial”, ele disse.

“É, Ali não conseguiu o dele, mas eu não vou lutar contra Joe Frazier. Eu vou lutar contra Frank Bruno. Ali teve que lutar contra animais quando voltou. Mas eu vou conseguir o meu”, respondi. “Vou pegar esse cara.”

Levei essa autoconfiança para o ringue. Fui levado por Crocodilo, que vestia um casaco preto com uma frase em branco nas costas: AMADO POR POUCOS, ODIADO POR MUITOS, RESPEITADO POR TODOS. Fui vaiado pela primeira vez em minha carreira enquanto entrava no ringue, porque milhares de fãs fanáticos ingleses de Bruno tinham voado até Las Vegas para a luta, mas não dei a mínima.

“Tyson é um estuprador, lá-lá-lá, lá-lá-lá”, cantavam. Também não liguei a mínima.

Quando Bruno entrou no ringue, senti o cheiro do medo nele. Tanto que seu próprio promotor disse, mais tarde, que assim que a porta do vestiário de Bruno se abriu para ele caminhar até o ringue, “foi como se alguém o tivesse espetado com um alfinete e todo o ar tivesse escapado”. Ele deve ter feito o sinal da cruz umas dez vezes

enquanto o hino do Reino Unido tocava. O fato de ele estar com medo aumentou minha autoconfiança. Tivemos uma boa luta na primeira vez que nos enfrentamos. Ele tinha detonado meu parceiro de treino, Oliver Mc-Call, na disputa pelo título, e também nocauteado Lennox Lewis.

Eu sabia que Bruno não queria realmente estar ali, então tudo o que eu tinha de fazer era ser forte e acertá-lo com alguns golpes, e seria o fim. No final do primeiro assalto, eu o surpreendi com um soco de direita que abriu um corte feio em seu olho esquerdo. Ele me segurou tanto no segundo assalto, que Mills Lane teve de tirar pontos dele. Não tinha importância. Cerca de meio minuto depois do início do terceiro assalto, Bruno virou para a esquerda por um segundo, e eu o acertei com dois ganchos de esquerda. Ele tentou me segurar, mas eu emendei dois uppercuts traiçoeiros, e o segundo quase o derrubou. Ele caiu nas cordas e eu terminei. Tinha conseguido dar 12 socos sem contestação. Mills Lane parou a luta, e eu era o novo campeão dos pesos-pesados do Conselho Mundial de Boxe.

Eu me virei para a plateia e levantei os braços em triunfo, absorvendo toda aquela bajulação, mas, num rasgo de respeito e autodignidade, fiquei de joelhos, toquei a minha testa na lona e prestei homenagem a Alá, fazendo uma breve oração.

No fundo, eu sabia que, se Bruno tivesse lutado nessa luta com o mesmo espírito que teve na primeira, eu não teria conseguido vencê-lo. Por isso, me levantei e fui para seu corner. Bruno estava sentado num banco, sendo consolado por sua esposa, e então acariciei a sua cabeça e lhe dei um beijo na bochecha.

Fiz uma festa na minha suíte naquela noite. Meu amigo Zip e vários amigos seus de Los Angeles vieram. Zip adorava champanhe, então encomendei cem garrafas de Dom Pérignon e bebemos a noite toda.

Minha humildade evaporou seis dias depois da luta. Eu deveria disputar o título com Bruce Seldon.

“Mereço muito mais do que 30 milhetas, e não acho que esteja conseguindo o que é meu de direito”, disse para a imprensa. “Tenho filhos para criar. Ninguém se importa se minhas filhas estão

passando fome ou se estão bem. Ninguém vai me dar uns trocados e dizer: 'Você é um ótimo campeão, devemos isso a você'."

O campeão voltou, e isso significava que eu seria ainda mais alvo de trambiqueiros, traficantes, piranhas e golpistas de plantão. Não dava nem para contar a dinheirama que minha equipe de gerenciamento pagava aos aproveitadores e advogados de porta de cadeia para se manterem afastados. Rory e John Horne costumavam sair da academia de Johnny Tocco antes mim para abordar as garotas que estavam me esperando, porque sabiam que, se eu as visse, diria "Vam'bora", e meu programa de treinamento iria pelo ralo.

"O que você quer com o Mike?", Rory perguntava para as garotas. "Se você realmente se importasse com ele, não estaria aqui."

E então Rory dava uma grana para elas irem embora, evitando que eu interrompesse os treinos.

Minha assistente, Latondia, era encarregada de lidar com os psicóticos e os golpistas que andavam atrás do meu dinheiro. Ela pagava todo mundo que aparecia no escritório em cadeiras de rodas com tipoias e contas de médicos dizendo que eu era, de alguma forma, o responsável. Os empregados da minha casa "caíam" misteriosamente das escadas e me processavam. Mulheres vestindo casacos de pele apareciam no meu escritório em limusines e ficavam ali de plantão durante horas, na esperança de que eu fosse aparecer.

Às vezes, eu tinha mesmo problemas quando não estava no treinamento e saía para encher a cara. Por isso, uma parte do dinheiro ia para o "Fundo das Consequências Imprevistas da Bebedeira".

Um exemplo clássico de tudo isso aconteceu algumas semanas depois da luta contra Bruno. Eu estava em Chicago, na boate de meu amigo Leonard. Estava descansando no escritório dele com Anthony e uns amigos, quando uma doida de minissaia e com uns peitões apareceu na boate querendo me conhecer. Ela foi levada para o escritório, e a gente começou a entrar numas.

"Você sabe que eu te quero", eu disse para ela.

Essa era uma das minhas cantadas. Eu era um Rodolfo Valentino negro, também conhecido como El Imbecil.

A coisa começou a esquentar, e então Anthony e os outros caras saíram do escritório e foram para a área VIP. Dei uns chupões no pescoço dela, mas, quando descobri que ela era de Indiana, eu a empurrei para longe. Literalmente. Acho que chutei a bunda dela. Eu a acompanhei para fora do escritório e ela foi embora. Anthony percebeu que ela não estava nervosa nem nada, porque esse é o trabalho dele.

No dia seguinte, Leonard recebeu uma ligação do namorado dela.

"Minha namorada disse que Mike Tyson a assediou na boate ontem à noite. Ela acabou de preencher o boletim de ocorrência."

Nada bom. Eu ainda estava em fase de provação em Indiana. E bastava eu agarrar a bunda de uma garota que a juíza Gifford podia me jogar de volta na prisão por mais nove anos.

Então, Leonard e um amigo dele, um grande empresário que lidava com substâncias alucinógenas ilícitas, foram de carro até Indiana para conversar com a garota.

Ela disse que eu tinha mordido seu pescoço e tentado tocar em suas partes íntimas.

Leonard logo viu que não precisávamos de mais outra situação do tipo "ele disse, ela disse". E ele também sabia que a garota só estava fazendo aquilo para me tirar uma boa quantia de dinheiro.

"Diga o que precisa, nós não queremos mais problemas", ele disse.

"Tome 10 mil dólares", o amigo dele, o empresário, ofereceu.

"Só 10 mil?! Eu quero 10 milhões!", ela respondeu.

"10 milhões?!", Leonard estrilou. "O que ele te fez? Arrancou sua boceta fora e ela sumiu? Vamos conversar mais sobre isso."

Quando Leonard pegou a estrada de volta para Chicago, a história já tinha se espalhado pela mídia. Ela chamou a imprensa assim que eles saíram.

Então, eles deram meia-volta e retornaram para a casa dela. Agora ela tinha um advogadozinho medíocre com ela, um cara com

um terno barato e mangas enroladas até o antebraço. Ele estava inflexível quanto aos 10 milhões.

Leonard e seu amigo voltaram para Chicago. Ele estava tentando bolar uma estratégia quando uma amiga dessa garota, que Leonard conhecia, ligou para ele.

"Deixa eu te dizer, não aconteceu nada com ela", a amiga disse. "Nós fomos de carro o caminho todo de volta para casa, naquela noite, e ela não estava chateada com nada que Mike tivesse feito."

Então Leonard fez o que era melhor para todo mundo. A amiga era uma garota gorda, enorme, então ele contratou uma limusine para ir buscá-la e levá-la até Chicago para contar sua história numa coletiva de imprensa que ele próprio convocou. Leonard encontrou a garota na metade do caminho, levou um papo com ela e os dois treparam no banco de trás.

No dia seguinte, dois policiais vieram investigar as acusações. Leonard disse a eles que ele e outras duas mulheres, sua sobrinha e uma garota que ele estava pegando, ficaram na sala com a gente o tempo todo. Ele teve de ir de carro para minha casa em Ohio, onde eu tinha sido obrigado a ficar até que as acusações contra mim fossem comprovadas, para saber da minha história direito. Como minha casa já estava cercada por carros da mídia, Leonard retirou as placas de seu carro e passou direto pelos portões. Ele disse a Rory e John o que eu deveria contar aos policiais quando eles viessem me entrevistar no dia seguinte.

Antes de eu ficar preso em minha própria casa, eu tinha ido à boate de Leonard numa noite de domingo, a noite da bandidagem. Uns 2 mil chefes de quadrilha e seus subordinados lotavam o lugar todo domingo. Eu estava sentado na mesa de Leonard na área VIP, quando uns moleques se aproximaram. Eu estava realmente preocupado com o caso, pensando que aquela mentirosa podia me mandar de volta para a prisão.

"E aí, Mike, e aquela piranha?", um deles perguntou. "Onde ela mora, cara?"

Fiquei de bico calado. Pensei que eles podiam ser policiais disfarçados tentando armar alguma para cima de mim.

Aquela mulher não era a pessoa mais indicada para os investigadores acreditarem. Ela era uma esteticista de 25 anos e dona de uma loja de bebidas em Gary, Indiana. Seu marido tinha sido assassinado algumas semanas antes do incidente comigo, e estava sendo acusado de vender cocaína em pedra. Além disso, alguns dias antes do incidente, ela tinha conseguido um acordo num processo de danos pessoais relativo a um acidente de carro ocorrido em 1994, em cujo boletim de ocorrência constava que ninguém havia se machucado.

Quando os investigadores se recusaram a formalizar a queixa, ela processou a boate de Leonard no tribunal federal, dizendo que ele tinha permitido que ela fosse assediada. Ela conseguiu o dinheiro porque a companhia de seguros de Leonard resolveu tudo fora dos tribunais.

Até meu conselheiro de liberdade condicional tentou se meter no caso. O tribunal de Indiana indicou um psicólogo de Cleveland, chamado Keith J. Smedi, para supervisionar meu período de condicional. Tudo o que eu fazia tinha de passar por esse cara. Eu não podia nem fazer sexo com Monica sem a permissão dele. Ele era idiota, corrupto e tinha o QI de uma ostra. Deve ter sido seu tio que lhe arranjou o doutorado.

Quando Smedi trabalhava para o estado de Indiana me supervisionando, ele dizia a todos os meus amigos para me convencerem a me associar aos negócios do pai dele. Eu sabia que podia manobrar um cara desses porque, se alguma coisa acontecesse, ele jamais iria me delatar, só não me deixaria em paz. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele revelaria sua natureza suja, então, fui jogando com ele.

No início, ele era rigoroso, dizendo que eu não podia me relacionar com nenhum dos meus amigos famosos. E depois tentou me extorquir. Ele via esse caso de Chicago como sua passagem para a independência financeira. Fazia semanas que a poeira desse caso tinha baixado e os investigadores já tinham se negado a formalizar as acusações, quando Smedi mandou para meu escritório uma conta referente aos seus serviços.

No dia 7 de abril, estando em Chicago para as celebrações muçulmanas da Páscoa, o sr. Tyson entrou em uma boate e, devido a um julgamento falho e possível comportamento violador da liberdade condicional do sr. Tyson, um grande revés foi suscitado na "confiança" e na "direção positiva" que seu programa vinha tomando, programa esse avaliado e orientado pelo dr. Smedi. A recuperação do senhor Tyson de seu período de encarceramento também sofreu um grave revés! Há cinco opções a serem impostas ao sr. Tyson. O dr. Smedi tinha a obrigação de fazer essa recomendação!

1. O dr. Smedi decide que o sr. Tyson NÃO deverá retornar a Indianápolis, Indiana, como de início requerido, para possivelmente enfrentar o juiz e as acusações de uma jovem que afirma que o senhor Tyson a teria mordido no rosto enquanto estava na boate.
2. O dr. Smedi decide que o sr. Tyson NÃO deverá retornar a Chicago para enfrentar interrogatórios extensivos das autoridades locais.
3. O dr. Smedi decide que o sr. Tyson NÃO deverá ser imediatamente reencarcerado por motivos da investigação de Chicago sobre o episódio do dia 7 de abril.
4. O dr. Smedi decide que o sr. Tyson NÃO deverá ter mais horas acrescentadas ao seu atual termo de liberdade condicional e ao seu programa de terapia para agressores sexuais.
5. O dr. Smedi decide considerar uma volumosa "taxa monetária" a fim de abranger os níveis de pensamento e sentimento do agressor Mike Tyson.

O dr. Smedi, portanto, cobrou 7 (sete) milhões de dólares (taxa de impacto de pensamento sobre alterações comportamentais baseada na capacidade financeira do sr. Tyson) por esse ato de extrema falha de julgamento que foi observado como sendo de risco potencial para comportamentos relapsos e de violação de liberdade

condicional, em vez das opções listadas acima. Essa taxa monetária tem por objetivo impactar (isto é, chocar) o sr. Tyson lá onde [*sic*] ela produza mais "memória", levando-o a repensar suas ações e a aplicar esse "repensamento" na vida real, quando estiver em boates e outras áreas lá onde [*sic*] mulheres jovens estarão em abundância em seu futuro a longo prazo, especialmente depois que o período de sua condicional tiver terminado. **É claro que isso só pode ser imposto uma vez no curso da condicional de um agressor sexual. Qualquer falha futura de julgamento que leve a um comportamento de violação dos termos da condicional resultarão em possíveis extensões da mesma e possíveis recomendações de reencarceramento.** (Isso não é esperado, graças aos bons esforços de Mike até aqui, continuemos assim!). **Essa quantia de 7 (sete) milhões de dólares será reduzida** para 2 (dois) milhões de dólares, devido ao esforço positivo geral do sr. Tyson até o presente momento, com exceção do contratempo do dia 7 de abril. **Lembrando que essa taxa é uma substituição para a extensão do tempo de condicional e para eliminar relatos graves e negativos para a mídia se Tyson tivesse sido forçado a enfrentar as autoridades de Indiana e de Chicago, e para evitar que "se acrescente mais tempo" às restrições da condicional de Tyson. A maioria dessas restrições imediatas depois de Chicago foi removida nesta data.**

Gasto total: despesas de abril a agosto de 1996: US$ 182.862,00.

7 de abril: Julgamento falho do criminoso/ taxa de impacto de pensamento sobre alterações comportamentais: US$ 2.000.000,00.

Quantia total devida ao dr. Smedi: US$ 2.182.862,00.

Prazo de quitação total: 15 de setembro de 1996.

Respeitosamente, dr. K. J. Smedi.

Uau, eu ainda tive um desconto de 5 milhões de dólares por bom comportamento. Nunca pagamos aquele pobre babaca. Assim que

meu período de condicional acabou, demos um chute no traseiro dele.

Agora que eu tinha meu cinturão de volta, minha grandiosidade começou a pisotear minha humildade. Decidi presentear a mim mesmo com uma festa de 30 anos na minha propriedade de Connecticut e gastei uma fortuna trazendo amigos de todos os cantos do país e fazendo reservas para eles num hotel perto da minha casa. Contratei 13 *chefs*, um para cada cozinha. Todo mundo estava lá, desde Oprah Winfrey, Donald Trump e Jay Z até o pessoal da rua e suas gangues. Havia um cara só para enrolar cigarros na mão. Frankie Beverly e Maze se apresentaram. Você entrava na casa por um tapete vermelho de verdade. Assim que passasse pelos 40 caras da guarda paramilitar da Nação Islâmica parados na porta.

Eu era tão egomaníaco que reservei os 19 quartos da casa para garotas com quem eu queria fazer sexo. Eu disse para o Crocodilo: "Tá vendo todas essas garotas? São minhas".

Hope ficou muito irritada comigo. Ela estava hospedada na minha casa, mas eu a fiz sair e a instalei no hotel para que o quarto ficasse disponível para uma das minhas garotas. Ela ficou magoada. Hope era uma mulher extremamente atraente, e as garotas com quem eu transava não chegavam nem a seus pés.

"Mike, essa garota que você está trazendo para cá é tão horrível e imunda que vai acabar sujando minha cama. Você vai ter que queimar o colchão se ela dormir na cama", Hope me disse.

Nem me preocupei em convidar Monica. Eu a via muito pouco nessa época. Ela estava sempre tentando fazer nossa relação dar certo, mas eu era um escroto. Definitivamente, não servia para casar.

O PRÓXIMO PASSO PARA a unificação do título era conseguir o cinturão da Associação Mundial de Boxe. Ele estava na cintura de Bruce Seldon, mas não por muito tempo. Eu não considerava Seldon um grande adversário, ele não era lá um bom competidor. Treinei muito pouco para essa luta. Crocodilo foi comigo para a coletiva de imprensa antes da luta, e nós dois o irritamos tanto que ele começou

a fazer flexões de braço sobre uma cadeira no corredor durante a pesagem. Ele parecia apavorado. O empresário dele tinha se gabado do maravilhoso atleta que Seldon era – ele podia correr 400 metros num quinquagésimo de segundo, dar um salto de 1 metro de altura pulando do chão.

"O que ele vai fazer quando pisar no ringue?", perguntei. "Vai dar um salto de vara para fora dele?"

Recuperei meu cinturão da Associação Mundial de Boxe em menos de dois minutos. Acertei Seldon na cabeça com um soco de direita. Embora não tenha sido um soco pesado, meu cotovelo o acertou em seguida, fazendo-o cair. Assim que levantou, dei um gancho de esquerda que o fez cair de barriga na lona. Ele levantou de novo, mas, como começou a cambalear, Richard Steele parou a luta. Não pensei que qualquer um daqueles socos fosse o suficiente para apagar um cara, porém mais tarde o treinador de Seldon disse que ele tinha tido um ataque nervoso no ringue de tanto medo.

"Dois já foram, agora só falta um", eu disse para Ferdie Pacheco quando ele me entrevistou depois da luta.

Eu tinha lutado oito assaltos desde que saí da prisão e ganhado 80 milhões de dólares. Era nisso que as pessoas focavam. Ninguém me dava o mínimo valor pelo fato de eu ter ficado três anos atrás das grades, ter saído e conquistado dois títulos mundiais. Isso me doía muito, não ter esse reconhecimento.

Depois da luta contra Seldon, Tupac apareceu no meu vestiário. Fiquei muito feliz em vê-lo. Tupac representava o lugar de onde todos nós negros viemos, e tudo que tentávamos esconder. Tenho amigos judeus que conseguem olhar para um cara judeu e dizer: "Ele é judeu demais". Era isso que alguns negros pensavam do Tupac. Ele era essa amargura, essa frustração que está em todos nós e que tentamos esconder e não deixar que ninguém saiba que possuímos. Queremos mostrar que está tudo certo, mas não é bem assim. Se você é negro, é sempre uma luta. Não importa quanto você é rico ou quanto poder você tem, eles ainda vão te perseguir. Tupac falava dos negros que estavam cansados de apanhar e que não tinham nada. Ele jogava nossa herança escrava na nossa cara, e

a maioria dos negros respeitava sua força ao fazer isso. Ele nos fazia saber por que deveríamos ficar com raiva.

Combinei de me encontrar com Tupac mais tarde naquela mesma noite no Clube 662, de Suge Knight. Mas antes eu queria ir para casa e ficar um pouco com minha filha Rayna. Tomei uns drinques em casa e apaguei. Alguém me acordou.

"Mike, acabaram de atirar no Tupac."

Eu não podia acreditar. Tupac estava num carro com Suge no volante quando pararam num cruzamento e alguém no carro ao lado começou a atirar neles. Só podia ser uma armação. Até porque Tupac tinha tido uma briga com um cara de gangue no cassino, depois da minha luta, e havia pisado na cara dele. Ele não matou o sujeito, mas seus sentidos devem ter ficado em alerta máximo depois disso. Quando saio do ringue após uma luta, meus sentidos estão no ápice. Vejo tudo, cheiro tudo, ouço tudo que vem da plateia. É de se imaginar que os sentidos de Tupac também estivessem aguçados depois da briga. Portanto, ele só pode ter sofrido um atentado.

Sendo eu um cara das ruas, essa história simplesmente me pareceu estranha. Normalmente, esses sujeitos têm uns 40 caras para protegê-los enquanto estão em movimento. Não havia outros carros em torno dele para protegê-lo no trânsito? Se Tupac era o general e, ainda mais tendo acabado de sair de uma briga, deveriam ter definido um esquema de proteção. Onde estava esse escudo de proteção? Foi uma noite realmente nojenta. Tupac só tinha 25 anos, mas também muita determinação e vontade. De onde ele tirava isso? Tinha um coração enorme, era um homem muito carinhoso, mas também um guerreiro. Ele era uma pessoa maravilhosa, e eu curti muito as horas que passei com ele.

Agora eu tinha dois cinturões e muito dinheiro – deveria morar no campo e ser feliz. Mas não foi o que eu fiz. Eu estava sempre deprimido e me lamentando. Tomava remédios com prescrição médica desde criança, e provavelmente ainda deveria continuar com os medicamentos depois que saí da prisão. Mas comecei a me automedicar. Eu ficava louco por um baseado na prisão, mas não ousava fumar maconha porque eles faziam testes de urina

aleatoriamente. E agora eu tinha o charlatão, dr. Smedi, e sabia que ele ia fazer questão de manter minha urina limpa.

Comecei a usar cocaína de novo. Foi logo depois da luta contra Seldon, e eu estava com um amigo que tinha um pouco, então pedi que ele me desse o saquinho. Foi assim, do nada. É isso que os viciados fazem. Eu não usava esse tipo de droga havia 15 anos, e de repente, *bum!*, dava vontade de novo.

Eu sabia que bons mulçumanos não fumavam maconha, nem cheiravam cocaína, nem bebiam champanhe, mas eu estava passando por um monte de merda. Eu tinha certeza de que Alá sabia que era merda demais para eu aguentar e que eu não era tão forte assim.

Por causa do processo idiota de Lennox Lewis, tive de abrir mão do meu cinturão do Conselho Mundial de Boxe logo depois da luta contra Seldon. Lewis era meu adversário obrigatório, mas eu queria unificar os títulos. Agora eu só tinha o cinturão da Associação Mundial de Boxe, e meu próximo oponente era Evander Holyfield.

Se tivesse lutado contra Holyfield em 1991, como deveria ter feito originalmente, eu o teria nocauteado. Ele sabia disso, todo mundo na equipe dele sabia disso. A melhor coisa que aconteceu com ele foi minha ida para a prisão. Foi quando perdi o *timing*. Não podia mais ser aquele durão que aguenta oito assaltos que eu era. Eu dizia a todo mundo que não estava pronto para participar das lutas da liga principal, mas Don ficava me pressionando, e eu queria a grana. Estava sendo ganancioso, então aceitei a luta.

Holyfield não parecia muito bem nas lutas que antecederam a nossa. Ele perdeu duas, mas ao menos estava na ativa. Assisti a sua luta contra Bobby Czyz, um peso-pesado leve e pomposo, e Czyz detonou Holyfield até sua derrota no décimo assalto. Por isso, não treinei quase nada para a primeira luta contra ele. Vi algumas de suas lutas anteriores, mas na época eu não costumava desenvolver estratégias específicas para as lutas. Geralmente eu só entrava lá e batia nos meus adversários. As apostas abriram em 25-1 a meu favor.

Mais tarde, descobri que Crocodilo vinha recebendo relatórios de caras engomadinhos que supostamente conheciam o jogo do boxe.

Holyfield treinou como um cachorro nas montanhas durante 17 semanas, mas Croc estava obtendo umas informações absurdas sobre ele não estar nem em forma.

"Mike, você vai matar esse cara", ele dizia sem parar.

Holyfield e eu nos conhecíamos há muito tempo. Estivemos juntos nas Olimpíadas Júnior e sempre fomos amigáveis um com o outro. Ele sempre esteve ao meu lado, torcendo por mim quando eu lutava, e vice-versa. Ele fez várias fraturas feias em amadores. Perdeu algumas lutas que deveria ter ganhado, e então ferraram bonito com ele nas Olimpíadas. Quando éramos mais jovens, nunca pensamos que lutaríamos e ganharíamos o tanto de dinheiro que ganhamos juntos mais para frente.

Na verdade, era por isso que eu lutava. Meu coração já não estava mais no boxe, mas eu precisava do dinheiro. Já não achava mais divertido entrar no ringue. Depois que saí da prisão, a diversão morreu. Era por isso que eu tinha um cara como Crocodilo perto de mim. Ele era um cara legal e sempre me motivava, me deixava empolgado para a luta. Ele também era maníaco por treinamento, e eu precisava de alguém assim me impulsionando.

A primeira luta começou bem. Acertei um belo soco no corpo no primeiro assalto, e ele gritou. Pensei que eu fosse ganhar. Mas, do segundo assalto em diante, apaguei. Não entendi o que estava acontecendo na hora, só na nossa segunda luta eu finalmente percebi que ele estava usando as cabeçadas para me deixar desnorteado. A partir do segundo assalto da primeira luta, lutei puramente por instinto, não me lembrava de nada. No sexto assalto, uma de suas cabeçadas me abriu um corte. No sétimo, quase fui nocauteado por outra cabeçada. No décimo assalto, ele conseguiu acertar 23 socos diretos, e eu não senti nada, só ouvi o som sibilando em volta da minha cabeça. Eu só estava de pé por causa da adrenalina. Quando voltava para o meu corner no intervalo entre os assaltos, eu não ouvia merda nenhuma do que meu treinador dizia. Não me lembro de ir ao ringue nem de me levantar para lutar, só me lembro de ter estado lá. Depois que a luta acabou, eu ainda estava tão fora de mim que perguntei a um dos caras da minha equipe em que assalto nocauteei Holyfield.

No vestiário, depois da luta, Crocodilo estava enfurecido.

“Olha para sua cabeça, Mike!”, ele me disse.

Eu tinha seis galos do tamanho de um punho, decorrentes das cabeçadas de Holyfield. Mais que isso, Croc estava convencido de que Holyfield estava usando esteroides. Um dos caras da sua equipe, Lee Haney, um ex-mister Olympia, era suspeito de ter usado esteroides. Croc disse que Holyfield parecia normal na pesagem, mas quando entrou no ringue ele parecia o gigante Golias.

Eu queria lutar contra Holyfield direito de novo. Estava com muita raiva. Estava todo dolorido e arrebentado, mas mesmo assim comecei a treinar na noite seguinte.

Estava com raiva de ter perdido meu título, mas eu nunca olhava duas vezes para a mesma luta nem ficava me lamentando por isso. Apenas aconteceu, e eu tinha de recomeçar no dia seguinte. Perder pode ser traumatizante para algumas pessoas. Floyd Patterson colocou barbas postiças e óculos escuros para sair em público depois que perdeu seu título. Quando Foreman perdeu para Ali, e depois para Jimmy Young, a mídia perguntou para ele como era perder.

“É como estar num nada profundamente escuro, como à deriva no mar, com nada acima nem abaixo de você, apenas o nada, nada além do nada. Um cheiro horrível vem junto com ela, um cheiro que nunca esqueci, um cheiro de tristeza. Multiplique todos os pensamentos tristes que você já teve na vida e não chegaria perto desse sentimento. E então, olhei ao meu redor e vi que estava morto. Era isso. Pensei em tanta coisa, em tudo que trabalhei para conseguir, que não tinha me despedido da minha mãe nem dos meus filhos, em todo o dinheiro que escondi em cofres… Sabe, é como quando você toca num papel queimado, e ele se desfaz. Essa era a minha vida. Olhei para trás e a vi se desfazer, era como se eu estivesse vivendo numa grande piada.”

Nunca tive uma reação como essa. Sei quem eu sou, sei que sou um homem. Um cara como Holyfield baseia toda sua existência no boxe, por isso continuou a lutar depois de tanto tempo. Fui criado pelo Cus D’Amato. Ele sempre dizia que o boxe não era sua vida, era o que você fazia para viver; é o que você faz para ganhar a vida, mas não é sua vida. Ele dizia: “Ganhando ou perdendo, nunca leve

para o lado pessoal". Toda vez que eu perdia, só enfrentava essa situação, porque isso nunca foi minha vida. Foi assim que me ensinaram.

Nessa época, Monica estava grávida de nosso segundo filho. Eu estava tendo de ouvir um monte de merda do imame da minha mesquita de Las Vegas pelo fato de ainda não sermos casados. A verdade é que eu via muito pouco Monica e as crianças. Eu sempre estava treinando e, quando não estava treinando, estava com uma das minhas muitas namoradas. Na verdade, no dia em que pedi Monica em casamento, Hope estava com a gente, já que ela fazia faculdade em Washington. Eu deixava Hope na faculdade e, em seguida, ia dar em cima de uma garota nova que eu tinha conhecido em Washington.

Hope ficava insistindo para que eu fizesse um acordo pré-nupcial. Ela provavelmente tinha razão, mas eu era um imbecil impulsivo. Monica e eu brigávamos o tempo todo. É claro, a maioria das vezes era por infidelidade da minha parte.

Pedi ao Irmão Siddeeq para voar até Maryland e realizar o casamento. Depois da cerimônia, ele levou os papéis para um imame de Washington, a fim de certificá-los. Estar casado com Monica não mudou nada. Eu continuava saindo com minhas garotas, só que agora eu precisava treinar para a segunda luta com Holyfield.

Quando comecei a me preparar para nossa revanche, disse para a imprensa que eu tinha tido uma noite difícil, mas que lutaria com Holyfield como se o tivesse nocauteado da primeira vez. Essa minha atitude foi inspirada nos lutadores mexicanos. Quando se luta com um norte-americano e o nocauteia, invariavelmente ele estará mais cuidadoso na próxima luta. No entanto, contra um mexicano, mesmo que você o tenha nocauteado da primeira vez, ele irá lutar a próxima luta como se *ele* tivesse nocauteado *você*. Eles não se sentem intimidados. Eles voltam sem peias e partem para a luta.

Porém, fiz algumas mudanças para a segunda luta. Meu ex-colega de quarto, Jay Bright, era meu treinador, mas o substituí por Richie Giachetti. Demitir Jay foi fácil. Ele era da família, e a família é sempre a primeira a ser deixada de lado. Treinei com o dobro de empenho para a segunda luta.

Três dias antes da segunda luta, surgiu uma controvérsia quanto ao árbitro. Mitch Halpern é quem deveria arbitrar de novo, mas ele estava muito bêbado na primeira luta. Assim que terminaram as instruções e ele foi tocar na minha luva, pude sentir o bafo. Seus olhos estavam vermelhos. Eu sou um viciado, consigo reconhecer de cara. Nenhum árbitro em sã consciência deixaria Holyfield fazer o que ele fez comigo, mas Halpern me deixou apanhar até o 11° assalto porque ele estava muito bêbado e fora de si.

Um pessoal do meu time tentou tirar o Halpern da segunda luta. Não sei muito sobre isso, mas nunca fiz nenhuma objeção para ninguém. Minha tarefa era lutar, e não me preocupar com o árbitro ou o cronometrista. Mas John Horne foi à comissão e disse que Halpern tinha sido indulgente demais ao deixar que Holyfield ficasse me segurando e dando cabeçadas.

"Se não fosse por Mike Tyson, você não estaria aqui", ele disse aos membros da comissão.

Isso não foi uma coisa inteligente. A comissão votou 4 a 1 para manter Halpern. Mas, depois que o problema foi levantado, Halpern desistiu de arbitrar a luta. A equipe de Holyfield conseguiu tirar Joe Cortez e Richard Steele da luta, dois árbitros que eles achavam que poderiam me favorecer. Finalmente, a comissão acabou se decidindo por Mills Lane. Lane era ex-promotor público e juiz distrital, e volta e meia era citado dizendo que eu era um "criminoso perverso" que não deveria ter permissão para lutar boxe. Como eu poderia cumprimentá-lo respeitosamente se ele dizia essas coisas de mim? O que eu não sabia na época da segunda luta era que Lane e Holyfield tinham um relacionamento bastante próximo. O próprio treinador de Holyfiel, Tommy Brooks, disse que Mills Lane "derramou lágrimas" na noite em que Holyfield perdeu para Riddick Bowe. Eu não sabia que Mills era apaixonado por Evander.

Originalmente, a segunda luta estava marcada para o dia 3 de maio de 1997, mas levei uma cabeçada num treinamento e a luta foi adiada para o dia 28 de junho. Como eu era o desafiante, deveria entrar no ringue primeiro. Para minha entrada, escolhemos uma música do Tupac. As pessoas achavam que eu usava *rap* de gangues

para reforçar minha imagem, mas não era esse o caso. Eu estava apenas ouvindo uma boa música enquanto fazia minha entrada.

A luta começou, e eu me sentia muito bem. Eu estava confiante, meu corpo estava ótimo; meus movimentos fluíam. Estava me esquivando bem, sem fazer nada demais, apenas boxeando. Até que Holyfield me deu outra cabeçada. Estava bem claro para qualquer espectador que a tática de Holyfield era esperar que eu fosse para cima dele com um soco, e ele então se esquivaria me dando cabeçadas. Suas cabeçadas não eram acidentais, eram uma estratégia.

A coisa ficou pior no segundo assalto. Comecei a tentar dar mais socos nele, e ele continuava lançando a cabeça. Até que, *bum!*, um grande corte se abriu no meu supercílio. Eu me virei imediatamente para Mills Lane.

"Ele me deu uma cabeçada!"

Lane nem se deu ao trabalho de dizer alguma coisa, considerando aquilo um acidente.

Depois disso, Holyfield começou a observar o corte em meu supercílio. Estava me golpeando com a cabeça. Ele era mais alto do que eu, o que sua cabeça estava fazendo debaixo da minha? Eu estava ficando frustrado.

Quando o terceiro assalto começou, eu estava furioso. Minha ansiedade para que a luta recomeçasse era tanta, que saí do meu corner sem o protetor bucal, mas Richie me chamou de volta e o colocou. Começamos o assalto, e acertei dois socos bem fortes em Holyfield. A plateia delirava. Estavam percebendo que a luta tinha mudado. Até que ele me cabeceou de novo. Comecei a me sentir cansado, como se estivesse apagando aos poucos, mas minha raiva e a adrenalina me trouxeram de volta para a luta. Eu queria matá-lo. Qualquer espectador podia ver que aquelas cabeçadas eram intencionais. Eu estava furioso e, como era um soldado indisciplinado, perdi a compostura. Eu mordi sua orelha.

Alguns dizem que eu cuspi fora meu protetor bucal para poder mordê-lo, mas não é verdade. Daí em diante, não me lembro de muita coisa porque estava com muita raiva. Quando dei uma olhada na gravação, notei que devo ter cuspido o pedaço do lóbulo de sua

orelha na lona, porque eu ficava apontando para lá. Era como se eu dissesse: “É isso aí, você mereceu”. Eles de fato acharam o pedaço de orelha depois da luta e tentaram suturá-lo de volta, mas não deu certo.

Holyfield deu um pulo no ar, cheio de dor, e se virou para voltar a seu corner, mas o segui e o puxei por trás. Queria chutá-lo na virilha, mas só o puxei. Eu me tornei um lutador de rua naquele momento. O médico deu uma olhada em Holyfield e permitiu que ele continuasse a lutar, e então Mills Lane me tirou dois pontos, mas nada disso me importava. Eles estavam todos contra mim de qualquer forma. Então, a luta continuou, e ele voltou com suas cabeçadas. E o árbitro, é claro, não fez nada. Entramos no corpo a corpo, e o mordi de novo na outra orelha, mas continuamos lutando até o final do assalto.

Depois disso, a luta virou um inferno. A equipe de Holyfield reclamou que eu tinha mordido ele de novo, e Mills Lane parou a luta. Eu estava enfurecido demais até para ouvir o locutor do ringue anunciar: “O juiz Mills Lane desclassificou Mike Tyson por morder Evander Holyfield nas duas orelhas”. Holyfield estava no seu corner. Ele não queria fazer parte daquela merda, mas eu ainda estava tentando pôr minhas mãos nele. Queria destruir tudo e todos no seu corner. Havia gente me puxando e me impedindo, e Holyfield se encolheu e não saiu do lugar. Todo mundo o estava protegendo, e ele parecia realmente assustado. Eu ainda estava tentando chegar até ele. Umas 15 pessoas estavam me segurando, e eu ainda estava peitando os policiais. Ah, meu Deus! Eles deviam ter me apagado com um choque elétrico. Eu mesmo votaria por ser apagado com um choque naquela noite.

De qualquer forma, eles conseguiram me tirar do ringue. No caminho de volta para o vestiário, alguém jogou uma garrafa cheia de água em mim, e uma outra pessoa me mostrou o dedo do meio. Subi na grade e tentei pegá-los, mas um dos caras da minha equipe me puxou de volta. Mais pessoas começaram a jogar latinhas de refrigerante e de cerveja em mim. O terno de alfaiataria de 2.500 dólares de Anthony Pitt ficou arruinado.

Mills Lane foi entrevistado no ringue e alegou que todas as cabeçadas de Holyfield foram acidentais. Holyfield também foi entrevistado e elogiou Mills Lane.

"Fico agradecido por ter um juiz como Mills Lane para perceber se a situação foi intencional ou não."

Eu ainda estava enlouquecido no vestiário. Ainda estava com as luvas, e socava a parede. John Horne saiu para conversar com Jim Gray, o locutor da Showtime.

"Tudo o que eu sei é que Mike está com um corte de sete centímetros no supercílio, e que Evander levou uma mordidinha de nada na orelha. Ele ficou pulando lá que nem uma putinha. Ele abusou das cabeçadas. Uma cabeçada, vá lá, mas 15? Só pode ser intencional", John disse.

Nem me lembro de ter sido entrevistado depois da luta. Minha cara era uma máscara grotesca, toda cortada e inchada. Eu parecia um monstro. Jim Gray me alcançou quando eu estava saindo do vestiário.

"Aquela cabeçada no segundo assalto, que abriu o corte no seu olho, você pode nos contar sobre ela primeiro?", ele me pediu.

"Ele me deu uma cabeçada no primeiro assalto e depois no segundo, e, quando ele fez isso, eu o observei, ele me segurou e me olhou nos olhos, e pude ver que ele continuou na tentativa de me dar cabeçadas. Ele continuava se abaixando e vindo na minha direção, atacando. E ninguém o advertiu, ninguém tirou pontos dele. O que eu ia fazer? Essa é minha carreira. Não posso ficar levando cabeçada daquele jeito. Tenho filhos para criar, e esse cara ficou me cabeceando, tentando abrir cortes em mim, tentando me nocautear com isso. Eu precisava dar o troco."

"Você imediatamente parou de lutar e se virou para Mills Lane e disse alguma coisa, que não parece não ter adiantado muito, mas o que foi que você disse para o Mills naquela hora?"

"Não me lembro. Eu disse para ele que Holyfield me cabeceou. Sei que reclamei de levar cabeçadas, e também já tínhamos reclamado disso na primeira luta. Olha, Holyfield não é o guerreiro durão que todo mundo diz por aí. Arrancaram um pedacinho da orelha dele, e ele desistiu. Eu tenho um olho, e não fiquei

incapacitado. Ele tem duas orelhas, eu peguei uma, se ele me pegar uma, eu tenho a outra. Estou pronto para lutar. Ele não queria lutar. Estou pronto para lutar com ele de novo agora mesmo."

"Mas foi Mills Lane que parou a luta, e não Holyfield", Jim disse.

"Ah, mas ele não queria lutar…"

"Mills disse que ele parou a luta. Quando você mordeu a orelha de Holyfield, isso foi uma retaliação por ele ter ferido o seu olho?"

"Independentemente do que eu tenha feito, o fato é que ele me cabeceou na primeira luta e continuou a fazer isso na segunda", respondi.

"Mas você precisa reportar isso, Mike."

"Eu reportei! No ringue!"

"Mas por que você fez isso, Mike? Quero dizer, essa foi a reação correta?"

Eu estava ficando irritado.

"Olha para mim, olha para mim, olha para mim!", gritei. "Preciso voltar para casa, e meus filhos vão ficar com medo de mim, olha para mim, cara!"

Fui embora furioso. Fomos de carro direto para casa, onde todas as mulheres esperavam. Por alguma razão, nenhuma das esposas tinha ido à luta, todas só assistiam pela tevê.

Havia manifestantes indignados em frente ao meu portão. Eles assopravam cornetas e gritavam: "A luta foi manipulada!" e "Saia do bairro!", alguém chegou até a jogar cabeças de peixe na minha propriedade. Eles continuaram até um de meus seguranças atirar na direção deles com uma pistola de ar comprimido.

Um médico veio para suturar o corte. Comecei a andar impacientemente de um lado para o outro na sala de jantar.

"Não devia ter feito aquilo", eu disse.

Estava arrependido, mas não muito.

"Meus fãs vão me odiar", eu disse, preocupado.

Monica foi muito compreensiva e acolhedora. Ela me disse que todo mundo comete erros. Depois de um tempo, fumei um baseado, tomei uns drinques e fui dormir.

Enquanto isso, no MGM Grand havia um monte de gente brigando no cassino e sendo mandada direto para o hospital. As

mesas de jogos eram viradas e as pessoas surrupiavam as fichas. Precisaram fechar o cassino e procurar nas câmeras de vigilância as pessoas que roubaram as fichas para prendê-las. Foi uma confusão terrível.

No dia seguinte, fiquei muito mal. Não podia imaginar que o acontecimento da noite anterior tomaria proporções internacionais. Toda a minha vida tinha sido assim. Eu digo ou faço alguma coisa que não acho nada demais, mas o mundo inteiro acha que foi grande. Não achei que as pessoas usariam minha reação para definir minha carreira. Talvez eu devesse ter pensado em como aquilo iria me afetar futuramente, mas não é assim que eu penso.

Estavam dizendo que eu achava que apanharia, por isso comecei a morder. Isso é ridículo. Se fosse o caso, eu teria feito isso na primeira luta. Em todas as lutas que perdi, as pessoas me viram apanhar como um homem, nunca me esquivei. Ninguém tinha o direito de me chamar de cachorro. Eu estava irritado, com raiva, perdi a compostura. Eu mordi a orelha de Evander Holyfield porque estava enfurecido na hora e já não me importava mais em lutar segundo as regras do Marquês de Queensberry.

Mas não havia como escapar da história. A *Sports Illustrated* colocou-a na capa com uma grande manchete: "MALUCO!". O presidente Clinton disse "horrorizado". Estavam fazendo piadas com isso nos programas de Letterman e Leno na tevê. Fui indicado para *Sportman of the Ear*.[2] Disseram que havia sido uma boa luta para o *pay-per-chew*.[3] A imprensa clamava por uma expulsão vitalícia. Fui chamado de "sujo", "nojento", "repugnante", "bestial", "odioso", "vil" e "canibal". Mas eu não estava nem aí para nada disso. Eu já sentia que as coisas conspiravam contra mim, de um jeito ou de outro.

Parte do problema era que as pessoas estavam reagindo a imagens, e não à realidade. Se você assistisse a uma gravação da luta, iria ver que Holyfield estava lutando sujo, mas ele ficou com a imagem de cara bonzinho. Foi ele que entrou no ringue ao som de música gospel. Não chegou às manchetes que mais tarde ele foi condenado por uso de esteroides em Mobile, Alabama.

A parte maluca disso era que muita gente estava defendendo o que eu tinha feito. Recebi muito carinho da imprensa do outro lado do Atlântico. Tony Sewell, um escritor inglês, publicou um artigo chamado “Por que Iron Mike estava certo ao arrancar a orelha”. Ele escreveu: “Enquanto o mundo se ergue em indignação moral e exige que Tyson seja banido do boxe por ter se enfurecido, eu sinto o cheiro nítido do bafo da hipocrisia. Tyson é um gladiador que quebrou as regras. Os verdadeiros selvagens são os espectadores que agora querem jogá-lo aos leões”.

Cheguei àquele lugar mais escuro da mente humana, aquele lugar onde você diz: “Ei, isso é uma merda, não devia fazer isso, mas é assim que eu sou”. Depois de alguns dias, saí de casa, e havia uma multidão me aplaudindo por ter mordido o cara. Todo mundo achava que tinha sido legal.

“É isso aí, campeão, eu morderia aquele filho da puta também!”, gritavam.

Eu me sentia muito melhor quando me condenavam por ter mordido aquela orelha do que quando me elogiavam por isso.

Pouco depois da luta, os processos judiciais começaram. Um cara entrou com uma ação coletiva para conseguir o reembolso dos ingressos. Uma mulher que servia drinques num bar temporário na arena alegou que se machucou quando um segurança a jogou por cima de uma mesa na hora da confusão. Todos esses processos foram indeferidos.

A esposa de Holyfield também estava ameaçando processar Crocodilo. Durante a luta, ele gritava instruções e exortações para mim.

“Morde ele, morde, Mike!”, gritava.

Mas ela não sabia que, quando você diz “morde”, significa apenas lutar com mais garra.

Don ficou preocupado com a possibilidade de eu ser banido para sempre, então ele me convenceu a controlar um pouco os danos. Ele contratou Sig Rogich, meu grande especialista em relações públicas, para escrever uma declaração que eu leria na segunda-feira seguinte numa coletiva de imprensa no MGM Grand.

“Eu surtei. A noite de sábado foi a pior da minha carreira profissional. Estou aqui hoje para me desculpar, para pedir às pessoas que esperavam mais de Mike Tyson para me perdoarem pelo surto no ringue e por fazer algo que nunca tinha feito antes e que não voltarei a fazer.” Em seguida, pedi desculpas a Holyfield e continuei a ler as palavras que foram escritas para mim. “Pensei que pudesse perder por causa da gravidade do corte no supercílio, e acabei surtando. Quero dizer apenas que só tenho 31 anos, estou no ápice da minha carreira, e só consegui chegar tão longe porque não tinha outra escolha. Cresci nas ruas, lutei para sair de lá e não vou voltar. Aprendi do jeito mais difícil com o passado, porque não tive o luxo de frequentar faculdades ou ter pessoas que me ajudassem quando eu mais precisava, e sei que enfrentarei um castigo, mas pagarei o preço como um homem. Procurei a ajuda de profissionais de saúde para me ajudarem a entender porque fiz o que fiz, e com essa ajuda poderei treinar não apenas meu corpo, mas também minha mente.”

Eu estava recitando essas palavras, mas não acreditava nelas. Eu me sentia um merda e estava envergonhado por dizer tudo aquilo porque não estava no meu coração na época. Eu sabia que iriam usar aquilo tudo contra mim de qualquer forma e, francamente, não me importava em ser suspenso. Eu estava em Nova York comprando uma Ferrari no dia em que a Comissão Atlética do Estado de Nevada se reuniu para decidir meu destino. Fui representado por Oscar Goodman, que continuaria sua carreira até ser o prefeito mais famoso da história de Las Vegas. Os jornalistas clamavam por uma expulsão vitalícia. Oscar fez uma boa defesa, mas, no fim, os membros da comissão queriam ver sangue. No dia 9 de julho, eles me consideraram um “demérito para o boxe”, me multaram em 10% da minha renda, o que totalizava 3 milhões de dólares, e me suspenderam por pelo menos um ano. Me senti realmente traído depois de todo o dinheiro que eu tinha feito aquela cidade ganhar. Ninguém nem mesmo chegava perto da receita que eu trouxera para Las Vegas.

Era outra Regra Tyson. Uma taxa e uma suspensão como essas eram uma medida inédita nos esportes profissionais. Em 1977,

Kermit Washington, do Lakers, fraturou a mandíbula e o crânio de Rudy Tomjanovich, do Houston Rockets, durante um jogo. Ele quase matou Rudy e acabou com sua carreira com aquele soco, mas cobraram dele uma multa 10 mil dólares e o suspenderam por 60 dias. Um jogador de hóquei no gelo chamado Dale Hunter bloqueou Pierre Turgeon violentamente com o taco por trás, depois de este ter roubado o disco dele e marcado um gol que definiu o jogo. A pancada acabou efetivamente com Turgeon naquele ano. Hunter só recebeu uma suspensão de 21 jogos e perdeu 150 mil dólares do salário. Melhor ainda, em 1972, na famosa Summit Series de hóquei no gelo entre a Rússia e o Canadá, Bobby Clarke pegou seu taco e bateu violentamente no tornozelo de Valeri Kharlamov, o melhor jogador da Rússia. O tornozelo de Kharlamov quebrou, e os canadenses continuaram até a vitória. Clarke não foi multado nem sofreu suspensão, e se tornou um herói no Canadá.

"Não sei no que estava pensando. Foi uma coisa horrível de se fazer", ele diria mais tarde. "Mas me senti muito bem."

Eu sabia que Evander também conhecia aquele sentimento. Quando ele tinha 18 anos, estava competindo nas semifinais da Golden Gloves da Geórgia, lutando contra um cara chamado Jakey Winters. Winters o derrubou com um gancho de esquerda no corpo e um de direita na cabeça. Holyfield se levantou, atordoado e correndo o risco de ser nocauteado. Então, ele entrou num corpo a corpo com Winters, cuspiu seu protetor bucal e mordeu o ombro do adversário, tirando sangue. Winters se afastou e gritou de dor. Então, o gongo soou: Winters ganhou por decisão unânime. A única consequência que Holyfield enfrentou foi um ego ferido e uma decisão unânime contra ele.

11

TENTEI FICAR LONGE DA mídia durante o meu período de suspensão do boxe. No começo, eu dificilmente era visto em público. Um dos motivos era que eu passava boa parte do tempo em boates de *striptease*. Sempre que eu conhecia uma garota nova, logo no primeiro encontro a levava para uma dessas boates. A coisa chegou a tal ponto, que Latondia tinha de levar os cheques até a boate para eu assinar, e eu os autografava enquanto uma garota estava rebolando em volta do cano a poucos metros de mim. Eu realmente estava vivendo uma vida de fantasias.

Em outubro de 1997, aquele processo do Mitch Green finalmente foi a julgamento. Mitch estava me processando em 3 milhões de dólares por reparação de danos e 20 milhões em indenização por danos morais. Eu estava com medo que a minha imagem já estivesse tão deteriorada que o júri iria me ferrar bonito, então quase ofereci 250 mil dólares ao Mitch para liquidar o processo. Graças a Deus, eu não fiz isso. O júri decidiu que fui provocado a brigar. Eles deram 100 mil a ele, mas acharam que Mitch era 55% responsável pelos danos, então só tive de pagar 45 mil dólares.

Mas eu estava ficando realmente quebrado. Embora tivesse ganhado cerca de 114 milhões de dólares entre 1995 e 1997, eu tinha gastado quase a metade disso, além de 10 milhões de impostos devidos. Eu tinha uns 6 milhões sobrando, e Don me ofereceu um adiantamento de 4 milhões para quitar meus impostos. Mas eu queria passar aquele dinheiro aos meus filhos. Então não paguei os impostos e dei todo o dinheiro a eles. Hoje, olhando para trás, essa foi uma decisão idiota, mas eu era arrogante na época. Tão arrogante que achava que podia me drogar, beber a noite inteira e depois voltar de moto para casa, de Nova York a Connecticut, a 210 km/h.

A parte irônica dessa história é que eu estava a apenas 16 km/h quando bati minha moto. Poucos minutos antes do acidente, uns amigos e eu estávamos indo de moto pela estrada, quando a polícia nos parou por excesso de velocidade. Eu nem tinha carta nem nada, mas só levamos uma advertência e eles nos deixaram seguir em frente. Continuamos indo em direção à minha casa, mas eu estava zonzo e fui desacelerando até virar uma lesma. Apaguei por um segundo e, quando acordei, vi meu amigo bem na minha frente. Eu não queria bater e foder com ele, então pisei no freio e saí voando por cima do guidão.

Latondia, que durante minha suspensão não estava trabalhando na casa de Connecticut, recebeu um telefonema da polícia rodoviária informando que eu tinha me envolvido num acidente de moto e recusado ajuda médica. Eu estava tão fodido que uma senhora parou e queria me levar para o hospital, mas fiz ela me levar para casa. Quando cheguei em casa, só queria ir dormir, eu estava confuso. Latondia tinha ligado para Monica, que pegou o primeiro voo de Maryland, mas enquanto isso, ela pediu para Latondia que não me deixasse cair no sono em hipótese nenhuma. As minhas costelas estavam me matando e eu não conseguia falar sem sentir falta de ar. Eu ainda não sabia que tinha perfurado um dos pulmões.

Fiquei tentando cochilar, mas tudo o que ouvi era: “Você não pode dormir, Mike”. Farid e Latondia me botaram numa banheira de água quente porque eu estava com muita dor, mas isso não ajudou. Finalmente, nós fomos para a emergência do hospital. Eu tinha uma costela e uma escápula quebradas e um pulmão perfurado. As enfermeiras ficaram surpresas por eu não ter quebrado as pernas, porque a queda tinha destruído minha calça. Eu estava acima do peso na época. Acho que o excesso de peso realmente amorteceu um pouco a queda. Eles me encheram de morfina, e eu não parava de tocar a campainha para injetarem mais. Vomitei, e toda uma merda branca pastosa saiu dos meus pulmões. Mas gostei da morfina.

Comecei a me sentir melhor alguns dias depois, e expulsei todo mundo de casa. Monica, a mãe dela, minha filha Rayna, Rory e meus seguranças, eu só disse a eles para saírem. Farid e Latondia

estavam se preparando para ir, mas os chamei de volta e disse para ficarem. Alguns dias depois, Latondia estava em seu escritório e entrei.

"Latondia, fala com a Shawnee. Quero que vocês duas se deem bem, e quero ver todo mundo trabalhando junto. As coisas vão mudar. Você está comigo?"

"Claro. Você sabe que estou", ela disse.

Não acho que ela me levou muito a sério, mas eu vinha falando muito com Shawnee Simms. Craig Boogie foi quem a encontrou e me apresentou a ela. Boogie estava sempre por aí, tentando encontrar pessoas que trariam bons negócios para mim. Shawnee morava em Atlanta, tinha muita lábia e sabia vender seu peixe. Ela disse que poderia trazer todas essas fontes de receita para mim, e também queria criar uma fundação para limpar a minha imagem e chamar os Shrivers e os Kennedys para o nosso lado. Eu me dispunha a qualquer coisa que pudesse me trazer dinheiro, porque estava quebrado e via que Don não se esforçava nem um pouco para me arranjar algum negócio.

Eu estava negociando um acordo com a WWF para fazer uma aparição no *WrestleMania* em março de 1998, e então convidei Shawnee para vir até Connecticut e participar da reunião. Nós vínhamos falando com ela por telefone todos os dias durante várias semanas, mas essa foi a primeira vez que a vi.

Durante a reunião, Shawnee colocou a mão no meu ombro. Quando saímos do prédio, eu a levei para um canto.

"Nunca mais encoste em mim em público de novo. Não me toque quando estou falando com os empresários", disse.

Dei uma de Arnold Rothstein[1] para cima dela.

Mas Shawnee aguentou o tranco. Alguns dos meus amigos tinham me avisado sobre ela desde o início. Eles achavam que Shawnee tinha escarafunchado suas mentes para obter informações sobre mim. Para eles, Shawnee ficava o dia todo no computador pesquisando sobre mim e o mundo do boxe, apenas para saber o nome de todos os lutadores. Eles estavam convencidos de que Shawnee não era uma grande empresária, ela só tinha muito jogo de cintura. Mas eu estava disposto a lhe dar uma chance. Ela vivia

martelando no meu ouvido. “Mike, você deveria ter patrocinadores. Você deveria estar ganhando 60 milhões por luta. Blá-blá-blá.”

Numa de suas viagens de Atlanta para minha casa, acabei transando com Shawnee. Não porque me sentia atraído por ela, eu só estava chapado. Não acho que ela estava tentando me seduzir. Nós nunca mais dormimos juntos novamente. Fui um porco somente aquela vez.

Meu contrato com a WWF foi assinado no final de dezembro. Meu cachê de 3,5 milhões de dólares seria pago à Don King Productions para eu ser um árbitro convidado no evento principal da *WrestleMania XIV*. Eu também ganharia 25% da receita de todas as compras de *pay-per-view* se ultrapassassem 600 mil dólares. Isso parecia bom, mas depois descobri que Don tinha assinado um outro contrato em que ele iria receber 300 mil dólares para fornecer minha imagem para a WWF usar em sua campanha promocional. Além disso, iria receber 10% da receita das compras de *pay-per-view* se ultrapassassem 600 mil. Caralho, como foi que Don começou a ganhar tanto dinheiro com a minha imagem?

Fui atrás de Jeff Wald, um amigo da indústria do entretenimento, que eu tinha conhecido por meio do Don, quando estava me afastando de Cayton. Ele me ajudou no divórcio com Robin, e geralmente era um cara legal. Eu respeitava Jeff porque, como Don e eu, ele tinha vindo do nada. Ele me disse que seu pai tinha morrido quando ele era criança e sua mãe o espancava o tempo todo.

Eu estava em Los Angeles no final de janeiro, com um monte de perguntas sobre como estavam lidando com os meus negócios. Então fiz Shawnee ligar para Jeff. Eram 06h30, e ela disse a Jeff que eu estava do lado de fora de sua casa/escritório. Jeff estava puto porque era seu aniversário, mas ele me deixou entrar.

“Quem que é o dono da minha imagem?”, perguntei assim que nos sentamos.

Contei ao Jeff sobre as 300 mil pilas que Don estava ganhando com o uso da minha imagem. Ele achou isso ultrajante, então ligou para Don.

“Você não pode ganhar esse dinheiro à custa da imagem do Mike”, ele disse a Don.

“Mike está aí do seu lado?”, Don perguntou.

“Sim”, Jeff disse.

“Tá legal, vou dar os direitos de imagem para ele, mas você não deveria se encontrar com Mike sem mim, seu filho da puta”, Don chiou.

Ele desligou o telefone e, em seguida, entreguei a Jeff oito páginas datilografadas contendo os detalhes de meu relatório financeiro mais recente. Jeff começou a correr os olhos pelas páginas e surtou.

“Por que estão te cobrando 8 mil dólares por semana pela casa onde você fica durante os treinos? E estão te cobrando milhares de dólares por simples toalhas. Quem é a porra do seu contador?”

Eu disse a ele que era Muhammad Khan.

“Esse é o contador do Don”, ele disse. “Quem são os seus advogados?”

Contei a ele sobre meus gerentes de negócios de Sidley Austin.

“Esses são os advogados do Don. Lidei com eles muitas vezes”, disse.

Eu estava ficando com raiva. Jeff me disse para voltar no dia seguinte, quando ele teria a chance de ler os documentos com mais calma. Voltei para meu quarto no hotel Bel-Air.

Depois que saí da casa de Jeff, King ligou para ele e o ameaçou, dizendo que estava indo para Los Angeles para enfiar uma espingarda no rabo dele. Bem, Don realmente veio para Los Angeles. Ele veio para o hotel Bel-Air me implorar para eu voltar a ter juízo. Eu estava entrando na minha limusine em frente ao hotel, quando Don veio tentar me pressionar.

“Mike, nós temos que conversar”, disse ele. “Por que você está fazendo comigo o mesmo que esses branquelos filhos da puta fazem quando me botam no tribunal de novo?” O governo estava processando Don pela segunda vez por fraude de seguros.

Dei um chute em sua cabeça, e ele voou para fora do carro. Então saí e pisei em cima dele um pouco mais. Acho que choquei todas as pessoas que estavam ali esperando por seus carros.

“Se você quer conversar, me encontre no escritório de Jeff Wald”, falei e entrei no carro.

Eu estava sentado na sala de reuniões com Jeff e seu sócio, Irving, quando Don apareceu. Jeff começou dando uma bronca no Don.

“Olha para toda essa merda que você fez com o Mike, cara”, ele disse, segurando o relatório de finanças. “Isso não está certo.”

“Você cuide do seu próprio negócio, Judas”, Don disse. “Você comeu da minha comida, você bebeu do meu copo…”

Eles ficaram gritando um com outro por um tempo, até que Don veio com uma proposta conciliadora.

“Olha, vou demitir o Rory e o John, e você e o Irving podem ficar com os 20% deles”, Don disse.

“Espera um minuto”, Jeff disse. “O Mike está sentado bem aqui. Os 20% são dele. Cabe a ele escolher quem vai ou não gerenciá-lo. Além disso, você está nos dando 20% de quê? O cara não tem licença para lutar, e você não tem feito porra nenhuma para recuperá-la. Vai se foder!”

Eles começaram a gritar um com o outro novamente. Eu estava ficando cansado de tanto blá-blá-blá, queria partir para as vias de fato. Então peguei um garfo e fui para cima do Don. Jeff jogou o seu 1,67 de altura entre nós.

“Seus filhos da puta! Não se atrevam a fazer isso na minha casa”, Jeff gritou. No corredor, a secretária do Jeff surtou e saiu correndo para fora da casa. Enquanto isso, Don saiu da sala de reuniões, ligou para a Monica e tentou fazê-la me acalmar.

As coisas esfriaram e Don voltou para a sala.

“Don, olha para toda essa porra de dinheiro que você tomou do Mike”, Jeff disse.

“Mas veja quanto dinheiro eu fazia ele ganhar”, Don respondeu.

“Isso não te dá o direito de roubar, porra”, Jeff disse. “Não me importo com o que você fez ele ganhar. Você não o protegeu. Você deveria ser o cara que o protegia dos demônios brancos. Primeiro de tudo, não tem nenhuma pessoa negra trabalhando para você. O único diabo branco desta sala é você.”

Rachei o bico.

Don saiu do escritório.

"Rapazes, a partir de agora vocês assumem o controle dessas coisas", eu disse a Jeff e Irving. Jeff foi direto ao trabalho. Ele trouxe um contador que exigiu todos os arquivos do meu antigo contador. Depois, ele trouxe John Branca e seu escritório de advocacia para analisar todos os meus contratos. Era um dos melhores advogados do país.

Enquanto isso, Don não perdia uma chance de detonar Jeff. Durante uma entrevista para o canal Showtime, durante uma das lutas, ele disse ao Jim Gray: "Aquele Jeff Wald é um Judas, um racista". Jeff estava assistindo ao programa com sua esposa, e ela não ficou nem um pouco feliz. Na outra vez que Jeff foi para Nova York, contratou um guarda-costas grandalhão que era tenente de polícia licenciado do serviço.

No dia 2 de fevereiro, demiti John Horne e Rory como meus empresários. John Branca enviou a eles uma carta de rescisão de seus serviços. Eu gostava muito do Rory, mas não tinha escolha a não ser demiti-lo, assim como John. À medida que cavávamos mais fundo, ficava cada vez mais evidente que Don estava usando esses caras para me fazer assinar contratos que me ferravam totalmente. Enquanto isso, eles estavam ganhando milhões e milhões de dólares. Até então, eu estava quase anestesiado de toda aquela traição e de todas as drogas que eu estava usando. Talvez tenha sido melhor ficar entorpecido. Se não estivesse, eu poderia ter pegado uma arma e estourado os miolos deles. Isso é o que eu poderia ter feito quando era mais jovem. Mas estava feliz por não ter coragem de fazer isso naquele momento.

No dia 4 de fevereiro, o escritório de Jeff Wald divulgou uma declaração formal em meu nome.

> No momento, tenho me encarregado dos meus próprios assuntos, tanto pessoais quanto de negócios. Contratei novos advogados e contadores que se reportam diretamente a mim. Fundei a Mike Tyson Enterprises e estou seguindo em frente com a minha vida. Aprecio o apoio que sempre obtive do

público americano e aguardo com grande expectativa um novo futuro brilhante.
No momento, não estou respondendo a todas as perguntas, mas fiquem atentos.

No dia seguinte, eu estava em Nova York, numa coletiva de imprensa no All Star Cafe para promover a *WrestleMania*. Todos os repórteres queriam me perguntar sobre a minha relação com Don, John e Rory. Confirmei que eu tinha demitido John e Rory e que eu estava tentando me desvencilhar de Don. E então acenei a bandeira branca para o Rory.

"Espero que Rory não leve a demissão para o lado pessoal. Rory ainda faz parte da minha vida. Cabe a ele o papel que quer ter nela."

Eu obtive a resposta quando Don, John e Rory emitiram as suas próprias declarações.

"Amo o Mike e ele sabe disso, mas muitas vezes existem forças externas e indivíduos que vão tentar capitalizar a frustração do Mike por conta de seu afastamento resultante da suspensão", Don disse.

A declaração de John e Rory parecia defender a posição de Don. "Acho que, às vezes, frustrações e mal-entendidos podem ocorrer nas melhores amizades e relacionamentos de negócios, e é assim que nós classificamos isso", disseram num comunicado conjunto.

Aí estava minha resposta. Rory tinha lançado sua sorte na companhia de dois vermes. Eu estava decepcionado e me sentia traído por aquele a quem teria dado meu sangue. Mas eu já tinha sido traído antes, e era hora de seguir em frente. Nunca mais voltei a falar com Rory e John.

Começamos a desfazer as redes que Don tinha criado. Uma delas foi com a Showtime. Encontramos enormes quantias que foram pagas a Don "em nome de Mike Tyson", das quais nunca vi um centavo. Para a Showtime, eu lhes devia toda aquela dinheirama. Jeff ligou para os caras da emissora, gritou com eles e os fez participar de uma reunião na Califórnia, com nossa equipe jurídica.

"Vocês são bandidos piores que Don King", Jeff disse a eles. "Vocês são uns executivos de merda."

Tudo o que interessava a eles era obter seus dividendos no fim do ano. Mas não havia nada que pudéssemos fazer, já que nosso contrato com a Showtime era válido.

Fui um pouco menos educado com os executivos da Showtime. Eu não tinha a menor reverência para com eles. Não pensava neles como grandes executivos. Ficava no telefone com eles e simplesmente ameaçava chutar o traseiro do Jay Larkin. Eles me diziam: "Você pode aguardar uma carta do nosso advogado".

"Foda-se o seu advogado de merda, seu filho da puta", eu gritava.

Nós estávamos encontrando tanta merda que Don e os outros tinham feito, que Jeff recorreu a Dale Kinsella, sócio de Howard Weitzman. Dale foi um grande advogado litigante. Me encontrei com ele algumas vezes. Dale relembrou aquela reunião em que ele foi entrevistado para um documentário sobre mim.

"O futuro de Mike foi bem planejado por Don King antes de ele sair da prisão. Mike depositou confiança nele em muitas áreas, e Don tratou de garantir que Mike não tivesse advogados, consultores financeiros nem contadores. Eu estava examinando com ele alguns documentos legais, entre os quais havia um que tratou de transferir 43,5 milhões de dólares do bolso de Mike e colocá -los no bolso de Don."

Essa era apenas a ponta do *iceberg*.

Foi uma coisa boa eu estar frequentando um psiquiatra desde dezembro. Monica tinha marcado sessões para mim com o dr. Richard Goldberg, o chefe do departamento de psiquiatria da Georgetown Medical School. A princípio, eu estava um pouco relutante em me abrir com um judeu de meia-idade, mas Goldberg era realmente um cara fantástico e me beneficiei muito com as sessões que tive com ele. Goldberg me diagnosticou como portador de "desordem distímica", que era basicamente uma depressão crônica. Ele acertou nisso. Prescreveu Zoloft, e eu estava indo bem, considerando as circunstâncias. Claro, eu também estava complementando seu receituário com algumas das minhas próprias drogas extracurriculares.

Tenho certeza de que o Zoloft teve alguma influência sobre o fato de eu não ter tido nenhum acesso de raiva quando entrei num confronto estranho num restaurante que funcionava a noite inteira em Maryland. Eu estava saindo e me drogando na boate DC Live, em Washington. Quando a boate fechou, fui comer com Adoria, que era a diretora de relações VIP da boate, seu colega de trabalho e Jeffrey Robinson, um amigo que Adoria e eu tínhamos em comum. Chegamos ao restaurante por volta das 5 da manhã e nos sentamos a uma mesa. Então Michael Colyar, um comediante que havíamos conhecido na boate, entrou com seu "guarda-costas" e duas mulheres negras na faixa dos 30. Eles queriam se sentar com a gente, então o gerente mudou todos nós para uma mesa maior, no salão principal. Aquelas mulheres tinham uma atitude ruim desde o começo, por isso tentei ignorá-las. Mas, quando uma linda jovem europeia veio para nossa mesa e me pediu para tirar uma foto com ela, a garota negra de vestido vermelho começou a pegar no meu pé.

"Espero que esteja curtindo essa porcaria de ser a 'celebridade' Mike Tyson", falou.

Enquanto isso, a garota europeia gostosa estava colocando os braços em volta de mim e posando para a foto.

"Minhas próprias irmãs não me dedicam um carinho como esse", eu disse ao colega de trabalho de Adoria.

Então, a mulher de vestido vermelho ficou louca.

"Você não vai ficar elogiando mulheres brancas e desrespeitando mulheres negras, com duas rainhas negras aqui", ela disse.

"Sim, é um desrespeito a todas as mulheres negras você ficar abraçando essa vaca branquela", disse a amiga de vestido preto.

Tentei ignorá-las, mas a mulher de vermelho não queria parar.

"Você não é nada. Você é apenas um negro do gueto que ganhou uma grana", ela disse. "Sou agente penitenciária e, se você tivesse ficado na minha prisão, ficaria na minha mira."

"Vai se foder, sua vagaba." Eu não podia aguentar aquela merda por mais tempo. Ela estava me tirando do meu barato.

Adoria se levantou e disse ao comediante para tirar aquelas vagabundas do restaurante. Ele começou a escoltar a de vermelho,

mas ela ainda tinha de fazer alguma merda.

"Você não é de nada, negão", ela disse.

"É? Eu trocaria dez cadelas pretas como vocês por uma puta branca morta", falei.

Então ela teve um acesso de raiva; pegou uma xícara de café de uma mesa vizinha e jogou em mim, manchando minha camisa listrada. Levantei com tudo e, acidentalmente, virei parte da mesa para o lado, e alguns copos e pratos foram para o chão. Eu estava tão furioso que meu amigo Jeffrey teve de me segurar.

Joguei um pouco de dinheiro em cima da mesa e fomos embora. Mais tarde, fiquei sabendo que o comediante e as duas mulheres ficaram lá sentados comendo durante mais de uma hora, rindo e tirando onda comigo. Quando um cara da mesa ao lado perguntou a ela o que tinha acontecido, ela respondeu: "Chamei o Tyson de filho da puta ignorante. Não vou tolerar o seu desrespeito com mulheres negras. Não gosto do Tyson conversando e rindo com essas branquelas quando tem irmãs à mesa".

Eu sabia de tudo isso porque, quando cheguei em casa naquela noite, liguei para Jeff Wald e ele imediatamente telefonou para o proprietário do restaurante, rastreou os clientes e os funcionários e obteve depoimentos de todos deles. Aquelas duas prostitutas queriam me atormentar e me provocar visando a uma ação judicial. Não funcionou, mas isso não as impediu de tentar. Primeiro, o advogado delas entrou em contato com meu advogado e pediu 20 milhões de dólares. Nove dias mais tarde, as duas víboras entraram com uma ação de 7,5 milhões dólares contra mim, alegando que eu tinha abusado delas verbalmente e fisicamente, depois que minhas investidas sexuais em relação a uma delas foram rejeitadas. Elas estavam me acusando de agressão, lesão corporal, difamação e estresse emocional. Elas estavam tão traumatizadas que não podiam sequer falar com os jornalistas na coletiva de imprensa. Mas seu advogado corrupto podia.

"Essas mulheres passaram por uma provação terrível, foram xingadas, verbalmente abusadas dentro de um restaurante totalmente lotado."

Ele mudou um pouco o tom quando recebeu todos os depoimentos que tínhamos coletado. Até o final do ano, elas propuseram se contentar com 2 milhões de dólares e, em seguida, abaixaram para 850 mil. Finalmente, nós pagamos 75 mil dólares para a mulher de vermelho e 50 mil para a outra. Tivemos de concordar. Afinal, o meu nome estava na lama. Eu era o cara arrogante que ninguém suportava, especialmente as pessoas de classe média-alta. Foi um momento ruim para mim. Tenho certeza de que, se alguém tivesse me matado, teria se livrado da acusação.

Até o final de fevereiro, eu tinha estabelecido uma nova equipe de gestão. Contratei Jeff Wald, Irving Azoff e Shelly Finkel, um velho amigo meu que era empresário de Evander Holyfield, para serem meus conselheiros. Eles dividiriam por três a comissão-padrão de empresário, de 20%. Eu levaria para casa muito mais dinheiro, porque uma das coisas que nós descobrimos quando fomos atrás dos contratos de Don era que, além de seus honorários como promotor das minhas lutas, ele também estava levando 30% do dinheiro dos meus prêmios, o que era ilegal. Portanto, quando lutei com Holyfield e meu prêmio foi de 30 milhões de dólares, acabei ficando com apenas 15 milhões porque Don estava embolsando 9 milhões e John e Rory estavam dividindo 6 milhões. Don também estava levando 30% do dinheiro do bônus da Showtime e do MGM Grand.

Mas a coisa era pior. King estava recebendo toda a receita proveniente das taxas do local e de transmissões para o exterior. Quando ele fez o meu contrato com o MGM Grand, recebeu um empréstimo de 15 milhões de dólares do MGM Grand para a compra de ações dela. A MGM garantiu que essas ações valeriam pelo menos o dobro do valor no final do prazo do contrato. Nunca vi um centavo desses 15 milhões. Don também fazia esses acordos por baixo dos panos com a Showtime, que se baseavam no uso de minha imagem e do meu nome. Eles pagavam ao Don para promover eventos que levavam o nome Mike Tyson, mas que não tinham a minha presença. O acordo com a Showtime também permitia que tanto a Showtime quanto Don examinassem os livros contábeis, mas me impedia de fazê-lo!

Como se não bastasse me ferrar e me arrancar toda aquela dinheirama, Don também estava me usurpando. Ele estava pagando prêmios exorbitantes para os outros boxeadores nos dias em que lutava, de modo que esse dinheiro acabou saindo do meu bolso. Ele pagou honorários de consultor no valor de 100 mil dólares por noite à sua mulher e de 50 mil a seus dois filhos. A filha de Don estava sacando 52 mil dólares por ano por ser a presidente do Mike Tyson Fan Club, um clube que nunca foi para a frente. Sua filha nem sequer se preocupou em abrir as pilhas de cartas enviadas ao clube.

Eu tinha de pagar umas contas absurdas referentes aos serviços que supostamente eram feitos na minha mansão em Ohio. Também me cobraram pelos serviços de limpeza, honorários advocatícios e pela manutenção da piscina da mansão de Don King em Las Vegas. Paguei 100 mil dólares de "taxa de sanção de título" do Conselho Mundial de Boxe pela minha luta em 1991 com Razor Ruddock. Mas essa não foi nem mesmo uma luta pelo título. Ele também me cobrou uma taxa de 2 milhões de dólares pela obtenção dos direitos promocionais de Ruddock no futuro. Todas a minhas viagens eram organizadas e cobradas por uma agência de viagens de propriedade da esposa de Don. Eu estava pagando taxas ridiculamente altas. Ah, e tem mais: eu estava gastando uma fortuna para adquirir minhas toalhas.

No dia 5 de março, nós processamos Don no Tribunal Distrital dos Estados Unidos em Nova York em pelo menos 100 milhões de dólares. No mesmo dia, o meu advogado John Branca me enviou um memorando. "Isso vai lhe dar uma oportunidade para estabelecer seu LUGAR na HISTÓRIA – ser um líder na tentativa de corrigir as más ações e injustiças perpetradas por Don King não só contra você, mas contra muitos outros lutadores durante as duas últimas décadas. Assim, você irá garantir seu lugar não só no boxe, mas também na história social e cultural, como um Arthur Ashe ou Curt Flood. O sucesso do que estamos fazendo depende inteiramente de sua FORÇA e convicção. Don King procurará explorar qualquer fraqueza em você. Isso vai exigir DEDICAÇÃO e PACIÊNCIA, e pode levar três anos de tribunal com Don King, mas, se mantiver seu compromisso, você será vitorioso." John Branca e Jeff Wald também traçaram uma

estratégia para aumentar a minha renda com o lançamento de uma linha de roupas, uma gravadora, contratos de merchandising para cartazes e uma autobiografia.

Quatro dias depois, processamos John Horne e Rory Holloway em outros 100 milhões de dólares. Por me induzirem a assinar o acordo com Don enquanto eu estava na prisão, o que era ilegal, eles ganharam 22 milhões de dólares cada um em minhas lutas depois que fui solto. Se tivessem sido empresários de verdade, nunca teriam permitido que eu assinasse qualquer um dos acordos que Don me apresentou, especialmente o acordo revisto, que lhe deu 30% dos meus prêmios e bônus. Em vez de ficar preso a Don por quatro anos, eu teria sido um agente livre e poderia ter negociado uma luta de cada vez com o promotor que me oferecesse mais dinheiro. Mas a culpa foi minha por ter contratado um comediante de *stand-up* fracassado e meu amigo para orientar minha carreira. Cus uma vez me disse: "Ei, existem animais disfarçados de seres humanos por aí e você não é sofisticado o bastante para distinguir os dois".

Eu não esperava ouvir nada de Rory, mas me diverti ao ler o que John Horne tinha a dizer depois que sentamos o processo na sua bunda.

"Mike Tyson nunca poderia apreciar o que estávamos tentando fazer. Mike Tyson é um estuprador condenado, um criminoso, e fizemos dele o maior nome do boxe. Se ele viver por um longo tempo, talvez vá entender que conquista foi essa. Mike, não sou sua puta. Eu estava junto com você somente por amor e lealdade."

E ele também disse o seguinte: "Don King é um grande homem. Quando você ouve pessoas falando mal dele, é porque nunca almoçaram com ele. Don King respeita as minhas capacidades e eu o respeito".

Embora eu tivesse meus conselheiros trabalhando em minha carreira, três mulheres – Shawnee, Jackie Rowe e Monica – estavam fazendo um monte de trabalho do dia a dia. Eu não queria que Monica se envolvesse no mundo do boxe. Ela não teria de ser infectada por esse vírus. Eu atraía canalhas. Eles podem ter sido sofisticados e bons no que fizeram, mas ainda eram canalhas,

porque havia muito dinheiro envolvido. Monica só queria me proteger. Vejo isso agora, mas na época eu não entendia.

Shawnee e Jackie eram incríveis. Ambas eram mulheres grandes e ousadas. Jackie era totalmente da rua. Ela e eu éramos farinha do mesmo saco. Em vez de ser diplomática ao falar com os executivos, tipo "Mike é a maior atração lá, e a MGM deveria estar mais do que feliz em…", ela dizia coisas como: "Seus filhos da puta, vocês deveriam estar lambendo o cu desse homem". Shawnee não era tão rude como Jackie, mas ela podia ser cruel. Lidar com Shawnee e Jackie era mais do que Latondia poderia aguentar. Ela ficou de saco cheio de ser maltratada e se demitiu. Eu ainda me envolvia pouco com minhas próprias merdas. Eu estava por aí, ficando chapado e jogando minha vida no lixo.

Como eu estava precisando de dinheiro, vendi 62 veículos da minha coleção, incluindo alguns carros esportivos, 6 Ducatis e 4 caminhões Honda, recebendo 3,3 milhões de dólares pela venda. Minha nova equipe tinha se envolvido com a WWF e renegociamos o contrato, agora que Don estava fora. Em vez de uma taxa de 3,5 milhões de dólares, acabei com 6 milhões e 35% das compras de *pay-per-view* se ultrapassassem 1 milhão. Eu estava realmente ansioso para trabalhar para a WWF. Quando criança, costumava ver lutas livres o tempo todo na WNJU, Canal 47, a estação UHF em espanhol.

Recebi um monte de críticas por aparecer na *WrestleMania,* mas isso foi realmente um dos pontos altos da minha vida. As pessoas estavam dizendo que a luta era de mentira, mas o cheque de 6 milhões de dólares não era. Eu deveria ter sido o árbitro para a WWF numa luta de Hulk Hogan em 1990, mas eles usaram Buster Douglas depois que ele me nocauteou.

Eu me diverti muito promovendo esse evento.

A WWF queria que eu fizesse a *MAD TV* e os escritores até redigiram alguns esboços de esquetes. Um me colocou como apresentador de um programa de mulherzinha no novo canal Lifetime, que se ramificou em esportes.

"Acho que arranjos florais simples dão um pequeno toque de primavera no meio do inverno", eles me faziam dizer. "Veja, aqui

peguei estas encantadoras íris e acrescentei um toque de amores-perfeitos."

Um dos lutadores me corrigia, dizendo que não se pode misturar íris e amores-perfeitos, e então nós entrávamos numa briga.

Outra proposta de esquete foi um comercial falso, em que um cara numa festa tenta contar uma história interessante, mas ele simplesmente não consegue. Todo o mundo o deixa sentado sozinho e, em seguida, surge a voz do narrador.

"Isso já aconteceu com você? Bem, agora não mais. Porque Mike Tyson vai chegar na sua casa e te dar um soco na cara!"

Então eu socava a cara do sujeito. Eles cortavam para a festa novamente, e lá está o cara está todo ferrado, de cara inchada, com ataduras por todo o corpo, com o olho roxo, e ele mal consegue falar. Mas, quando ele se esforça para falar, vira o centro das atenções.

"Então, se a sua vida está muito chata, basta ligar para nós e Mike Tyson vai te dar um soco na cara!"

Jeff, Irving e Shelly colocaram empecilhos para fazer esse programa, e eu certamente nunca teria conseguido minha licença de volta se eu o tivesse feito.

Fomos a algumas cidades diferentes a fim de fazer eventos ao vivo para promover o *show* no dia 27 de março. Em Boston, realizamos um enorme evento ao ar livre no City Hall Plaza. Foi incrível. A multidão foi à loucura, gritando e xingando o trio formado por mim, Shawn Michaels e Steve Austin. Eles levantavam placas, como TYSON MORDE e ORELHAS TEMEM TYSON. Austin me chamou e me empurrou para uma primeira aparição, então pulei para dentro do ringue enquanto Michaels e dois companheiros seus da D-Generation X seguravam Austin contra as cordas. Eu o chutei nas canelas algumas vezes e, em seguida, dei um beijo molhado na testa dele.

Na noite do evento, entrei no Fleet Center usando uma camiseta da D-Generation X. Durante a luta, eu estava do lado de fora do ringue torcendo abertamente pelo Michaels. Quando Austin foi jogado para fora do ringue, o joguei de volta para dentro. Então, o árbitro foi nocauteado no ringue. Entrei no ringue e o arrastei para

fora. Foi de um lado para outro entre Michaels e Austin, mas finalmente Austin atacou Michaels até derrubá-lo na lona. O juiz ainda estava inconsciente. Então eu pulei para dentro do ringue e, em vez de atacar Austin, fiz a contagem para Michaels, fazendo Austin o novo campeão. Comemoramos juntos, e ele me deu uma camiseta Austin 3:16. Michaels recuperou a consciência e veio tirar satisfação pela minha traição. Eu o derrubei com um soco e depois joguei a camiseta do Austin sobre seu corpo, e Steve e eu saímos abraçados.

Na coletiva de imprensa após a luta, me perguntaram sobre as trapaças que Don, John e Rory aprontaram comigo, envolvendo milhões de dólares.

"Fiz algumas merdas também", falei. "Acho que o que vai volta."

Alguém me perguntou sobre a maneira como puxei o árbitro desmaiado para fora do ringue.

"Estou em liberdade condicional. Para todos o efeitos, não bati no árbitro. Eu educadamente o levei para fora do ringue e o coloquei sobre o tapete."

Austin e eu dissemos à imprensa que tínhamos trabalhado o tempo todo juntos e em segredo, mas meio que acabei com a credibilidade disso, porque eu ficava toda hora trocando o apelido dele de Stone Cold por Cold Stone.[2] É que eu estava tão chapado que fiquei numa noia brava.

Em maio, anunciamos a criação da minha própria gravadora, a Iron Mike Records. Com a ajuda de Irving Azoff e John Branca, iríamos encontrar uma grande gravadora para distribuir o trabalho de nossos artistas. Enquanto isso, encarreguei Jackie Rowe de lidar com a área de negócios. Nós também incluímos meus ex-advogados e ex-gerentes financeiros da Sidley Austin na nossa ação judicial. Eu estava ansioso para obter algo rapidinho desses processos, porque estava gastando muito dinheiro para me defender de todas as ações judiciais que rolavam contra mim. Além das duas mulheres do restaurante, eu estava sendo processado pelo ex-treinador dos meus tigres, a empresa proprietária de uma casa em Los Angeles que desisti de comprar, meu joalheiro de Las Vegas, o empreiteiro da

minha casa de Las Vegas, o charlatão do dr. Smedi e até mesmo Kevin Rooney, o meu ex-treinador.

O processo mais louco foi interposto por Ladywautausa A. Je, uma negona maluca que mandava seu assistente fotografá-la com celebridades desavisadas em Hollywood Boulevard. Eu tinha saído de uma reunião com um cineasta, quando ela levantou a perna para cima de encontro a mim, enquanto seu assistente tirava uma foto da gente. Depois fiquei sabendo que ela estava entrando com uma ação por abuso sexual, alegando que eu tinha pressionado meu corpo contra o dela, "levantando a roupa dela e dizendo: 'Tire uma foto disso'". Assim que encontramos algumas testemunhas, ela desistiu da ação. Mas ganhou publicidade.

Me saí muito bem com o processo do Smedi. Ele me processou pelos 7 milhões de dólares que alegou que eu lhe devia, então nós respondemos, e ele que acabou me pagando 50 mil dólares. Mas não tive a mesma sorte com Kevin Rooney. Apesar de Kevin alegar que tinha um acordo verbal no qual era para ele ser meu "treinador vitalício" e apesar do testemunho de muitos amigos do Cus que disseram que o próprio Cus ficou desencantado com Rooney e queria substituí-lo, o Tribunal de Apelação de Segunda Instância dos Estados Unidos restabeleceu um prêmio de 4,4 milhões de dólares que um júri havia lhe dado anos atrás.

Então era hora de voltar ao ringue. Eu estava parado há um ano até então. Jeff tinha falado com o dr. Elias Ghanem, que era o chefe da Comissão de Boxe de Nevada. Adorei o dr. Ghanem. Ele era um israelita nascido no Líbano que chegou aos Estados Unidos com uma mão na frente e outra atrás e instituiu uma prática médica incrível, porque ele representava uma exceção na categoria, um médico que realmente se preocupava com os seus pacientes. Elvis, Michael Jackson, Wayne Newton, Ann-Margret – todas as estrelas de Las Vegas passaram por suas mãos. Ghanem tinha paixão pelo boxe. Ele garantiu a Jeff que eu seria capaz de conseguir minha licença de volta porque a punição que me deram foi "um pouco exagerada". Depois do caso com Holyfield, ele me chamou de lado.

"Você fodeu tudo, mas vai dar tudo certo", ele me disse.

Shelly tinha decidido que deveríamos obter uma licença em Nova Jersey. Eu e Shelly, a qual não tinha conhecimento das manobras de Jeff, tínhamos um bom relacionamento com Larry Hazzard, que era um ex-árbitro e atual dirigente de boxe em Nova Jersey. Jeff era contra ir para Nova Jersey, mas ele não estava em condições de interferir. Então, no dia 29 de julho, compareci perante o Conselho de Controle Atlético de Nova Jersey para uma audiência. Se você estivesse lá, teria pensado que era o Saddam Hussein que estava testemunhando. Entrei no prédio de mãos dadas com Monica e fomos aplaudidos pela maioria dos espectadores, mas vaiados por seis manifestantes da Organização Nacional de Mulheres que protestaram contra mim praticamente em todos os lugares aonde eu ia.

Dentro da sala de audiência, havia policiais alinhados suficientes para deter um motim em grande escala. Eles deviam ter muito medo de mim. A audiência correu bem no início. Monica declarou que "o boxe é a paixão do Mike e ele realmente sente muita falta de lutar. Ele precisa de boxe, e acho que o boxe precisa dele". Em seguida, foi a vez do ex-peso-pesado Chuck Wepner. Ele fez toda a sala rir quando relembrou as instruções do árbitro Tony Perez antes de Wepner lutar com Muhammad Ali em 1975.

"Ele não queria que eu esganasse nem desse um soco ilegal. Esses foram os meus dois melhores golpes."

Bobby Czyz declarou que, mesmo que eu tenha perdido a razão no ringue, deveria ser autorizado a continuar lutando.

"Um pedaço da rua foi embora com ele", disse. "Se eu acertar um cara e seu olho saltar fora, eu iria comê-lo antes mesmo de devolvê-lo. Esse é o tipo de mentalidade que você tem que ter como boxeador. Mike não é tão ruim quanto toda aquela gente diz. Ele cometeu um erro. Também sei que ele mudou bastante. Mike Tyson se esforçou para eliminar as forças más da vida dele."

Eles ainda mostraram um vídeo de Camille, na época com 93 anos, gravado em Catskill. Ela disse que continuei a ajudá-la e a chamá-la de minha "mãe branca".

Meu próprio testemunho começou com o pé direito. Eu disse a eles que estava confuso por causa das repetidas cabeçadas de

Holyfield.

"Eu surtei. Nada mais importava naquele ponto em particular." Fiquei engasgado e tive que me recompor. "Sinto muito pelo que fiz. Eu gostaria que nunca tivesse acontecido. É uma coisa que vai me perseguir pelo resto da vida."

Mas, então, no final de meu depoimento, o procurador-geral adjunto, Michael Haas, ficou pegando no meu pé, me perguntando por que eu tinha mordido Holyfield. Ele continuou me perguntando vezes e mais vezes se eu poderia fazer algo assim novamente.

"Essa provação arruinou minha vida internamente", eu disse, tentando conter minha raiva. "Você acha que quero fazer isso de novo?" Era para eu ler uma declaração de encerramento, mas aquele desgraçado me deixou puto.

"Não quero ler isso agora, porque estou com raiva", eu disse a meu advogado, Anthony Fusco Jr. "Você sabe o que quero dizer, cara? Foda-se. Por que tenho que passar por essa merda o tempo todo?"

"Relaxa, relaxa". Fusco tentou me acalmar.

Que se fodam todos eles. Eu estava me sentindo um babaca. Eu estava cansado de reprimir meu lado rebelde. Pensei em Bobby Seale e nos Chicago Seven,[3] que nunca aceitavam desaforo de nenhum juiz.

Apesar do meu desabafo, tínhamos certeza de que Nova Jersey me concederia a licença para lutar, embora o procurador-geral do Estado de Nova York, Dennis Vacco, tentasse se intrometer. Vacco fazia parte de um grupo, juntamente com o senador John McCain, que estava tentando fazer uma limpeza no mundo do boxe. Tinham realizado audiências em Washington, e eu mesmo tinha apresentado uma declaração detonando Don.

"Minha carreira financeira foi colocada nas mãos de um promotor e de um empresário que tinham carta branca para fazer o que lhes desse na telha. A oportunidade para cometer abusos é gigantesca. Lutadores podem acabar como escravos."

McCain tinha entrado com um projeto de lei para criar as regulamentações nacionais do boxe. Por isso, Vacco estava

reclamando que Nova Jersey não deveria me conceder a licença até Las Vegas fazê-lo.

"Eu ficaria muito ofendido se eles realmente o licenciassem ou o autorizassem a boxear em Nova Jersey", Vacco disse à imprensa. Então, declarou aos repórteres que ele iria pessoalmente entregar a mensagem para o procuradorgeral de Nova Jersey.

Toda essa controvérsia estava preocupando Jeff e os outros conselheiros, por isso, no dia 13 de agosto, na véspera de o Conselho de Controle de Nova Jersey decidir meu destino, meus conselheiros retiraram minha solicitação.

Eu estava puto com o mundo e não perdia uma chance de ficar chapado. No final de agosto, Monica e eu estávamos de carro perto da casa dela, quando alguém bateu na traseira de sua Mercedes, e esse alguém também foi atingido na traseira. Aí, o cara saiu do carro, deu a volta pelo lado do motorista e começou a falar besteiras para Monica; então, ele passou a gritar com o cara que tinha batido nele. Saí do carro e comecei a espancar todos os envolvidos. Chutei o saco do primeiro cara e depois fui esmurrar o cara que bateu no carro dele. Monica gritava, e eu tive de ser contido pelo meu guarda-costas, que estava no carro da frente. Hoje, me sinto muito mal quando me lembro desse episódio, mas eu estava passando por uma fase muito depressiva. Consegue imaginar isso? Eu tinha uma esposa e filhos, mas me sentia angustiado.

Voltamos para o carro, e Monica deu a partida. Alguém tinha chamado a polícia, e eles nos pararam a poucos quilômetros do local da batida. Eu estava chapado para caralho e comecei a reclamar de dores no peito, e então disse aos policiais que eu era vítima de discriminação racial. Eles se ofereceram para me levar a um hospital, mas, como eu lhes disse que Monica era médica, nos deixaram ir. Na verdade, fui fazer uns exames num hospital local, mas eu estava bem. Uma vez que os policiais não estavam no local do acidente, a única coisa de que eles poderiam me acusar caso aqueles dois caras decidissem prestar queixa, era agressão leve.

Eles prestaram. No dia 2 de setembro, Richard Hardick, o cara que bateu em nós, entrou com uma acusação de agressão contra mim por chutá-lo na virilha. No dia seguinte, o outro cara, Abmielec

Saucedo, entrou com um processo por um soco que eu tinha lhe dado na cara.

Todos os que trabalhavam comigo estavam preocupados com esse caso. Estávamos nos preparando para tentar obter de volta minha licença em Las Vegas, mas como os membros da comissão iriam reagir à minha explosão de raiva na estrada? O que é pior, eu ainda estava em liberdade condicional em Indiana. Se a juíza Gifford quisesse, ela poderia arrastar minha bunda de volta para o Centro de Juventude de Indiana para cumprir mais quatro anos.

Compareci perante a comissão de Las Vegas no dia 19 de setembro. Fui até a audiência com uma das minhas motos, vestindo calça jeans e camiseta preta. Todos os meus advogados, em seus ternos, estavam me esperando do lado de fora e, quando cheguei de moto, atirei o capacete no chão. Os advogados fugiram, morrendo de medo de mim. Jeff Wald e eu rachamos o bico.

Foi uma audiência muito controversa. Meu advogado Dale Kinsella ficava martelando na enorme multa que tinham me cobrado e no quanto minha situação financeira estava fodida. Praticamente deixei meus advogados e testemunhas falarem por mim. Quando eu respondia a algumas perguntas, olhava para o dr. Ghanem. Se eu estava a ponto de dizer a resposta errada, ele sutilmente balançava a cabeça, como se dissesse: “Não, não diga isso, não diga isso”. A audiência durou seis horas e, depois de encerrada, o dr. Ghanem reuniu a imprensa.

“Seis horas se passaram, e Tyson não explodiu”, ele disse. Como se isso fosse um grande feito para mim.

A comissão não se pronunciou sobre o meu pedido naquele dia. Na verdade, eles aprovaram uma moção segundo a qual eu teria de me submeter a uma avaliação psiquiátrica detalhada, sem o que eles nem sequer iriam votar a reintegração. Eles me deram a opção de ir para a Clínica Mayo, a Clínica Menninger ou o Hospital Geral de Massachusetts. A decisão era óbvia. Um dos irmãos da fraternidade de Irving Azoff era o chefe da psiquiatria do Mass General.

Então liguei para duas amigas minhas de Los Angeles e pedi que pegassem um voo e me encontrassem em Boston. Eu estava hospedado num hotel e tinha programado ir para a clínica no Mass

General todos os dias para ser avaliado. Na noite anterior ao início da minha avaliação, peguei as garotas no aeroporto com minha limusine e mandei meu motorista conseguir um pouco de cocaína. Nós ficamos loucos todas as noites em que estive lá.

Eu estava de mau humor quando fui para o hospital naquela primeira manhã. Me encaminharam para o que parecia ser uma sala de espera luxuosa, ou até mesmo a sala de estar de alguém, para esperar meus médicos. Percebi que eu estava recebendo tratamento VIP.

"Cara, isso é besteira", eu disse para mim mesmo. "Não mereço estar aqui com todos esses filhos da puta." Todo mundo na sala parecia um pouco desconfiado de mim.

Só então uma mulher branca, de uns 30 anos, se aproximou de mim. Ela me lembrava a Velma do *Scooby-Doo*, com um suéter de gola alta, aquele corte de cabelo tigelinha e grandes óculos de aro de tartaruga. Ela sentou do meu lado e parecia preocupada. Achei que ela era uma das professoras da ala psiquiátrica.

"O que é que você tem? Você parece triste", perguntou.

"Eles acham que sou louco porque mordi a orelha de um cara, mas não sabem de nada. A única razão por que fiz isso é que ele ficava me dando uma cabeçada atrás da outra, e o árbitro não estava fazendo nada; aí me senti desesperado e não tive escolha."

Ela pensou um minuto.

"Você estava numa luta", ela disse, calmamente.

Eu estava chapado para caralho, mas aquelas palavras penetraram no meu âmago como uma antiga sabedoria zen.

Caralho, eu *estava* numa luta. Me senti curado imediatamente. Ela disse aquilo com tanta autoridade. Fiquei espantado que ela me entendesse totalmente, depois de apenas alguns segundos comigo. *É por isso que eles devem pagar tanta grana para esses psiquiatras*, pensei.

E eis que minha euforia foi interrompida por uma enfermeira.

"É hora dos seus remédios, Nancy", a enfermeira disse para a mulher com quem eu estava falando.

"Enfia no rabo", rosnou, derrubando a medicação da mão da enfermeira. Aí a enfermeira fez um gesto, e vieram dois atendentes

grandalhões para colocar a mulher numa camisa de força. Ela ficou lutando com os dois, até que finalmente foi dominada.

Então olhei ao meu redor. Havia um cara babando num canto da sala, falando sozinho. Percebi que não estava numa sala de espera luxuosa, estava na unidade psiquiátrica, e todo mundo lá dentro, incluindo a sósia da Velma, era maluco.

Os membros da comissão de Las Vegas estavam para se pronunciar sobre a minha reintegração no dia 19 de outubro, por isso os meus advogados estavam trabalhando dobrado para chegar a um acordo com os dois caras do incidente na estrada. Acabei pagando a cada um 250 mil dólares na assinatura do acordo de pagamento, e eles também receberiam um adicional de 150 mil da Showtime na minha primeira luta após a suspensão. Eles também assinaram uma declaração afirmando que, embora acreditassem que eu era a pessoa que os tinha ferido, por causa de sua "desorientação e confusão que envolveram os eventos ocorridos naquele dia", eles não podiam "ter absoluta certeza de que foi o senhor Tyson quem me atacou".

Antes da minha audiência no dia 19 de outubro, um dos membros da comissão insistiu para que meus laudos psiquiátricos se tornassem públicos. Isso era merda da grossa, e meus advogados lutaram com unhas e dentes para impedir, mas existia uma lei obscura nesse sentido, e não tinha como eu voltar ao boxe a menos que divulgássemos os resultados. Agora todo mundo podia ver quanto minha autoestima estava baixa. Mesmo eu sendo cronicamente depressivo, os médicos disseram: "O senhor Tyson é mentalmente apto para retornar ao boxe, para cumprir as regras e regulamentos, e para fazê-lo sem repetição dos acontecimentos de 28 de junho de 1997. Embora tenhamos tomado nota da impulsividade e dos problemas emocionais e cognitivos descritos acima, é nossa opinião de que nenhum deles, isoladamente ou em combinação, faça de Tyson uma pessoa mentalmente inapta a esse respeito".

Em outras palavras, eu era um filho da puta doente, mas ainda podia entrar no ringue e tentar espancar alguém.

Magic Johnson esteve presente na audiência seguinte. Ele estava interessado em entrar na promoção de boxe, e certamente era um negro muito inofensivo comparado com aqueles membros da comissão. Mas, quando começou a falar de como iria lidar comigo, fiquei irritado.

"Mike conhece dinheiro, mas não entende o que representa, e espero ensiná-lo a entender. Ele precisa se tornar um homem de negócios. Mike é o único cara que conheço que pode ganhar 100 ou 200 milhões de dólares, mas preferiria não tê-lo. Ele preferiria doar tudo. Ele precisa de um gerente para o seu dinheiro, e é isso que eu traria para a equipe de Mike Tyson."

Mas eu mantive a calma. E, naquele mesmo dia, a comissão votou 4 a 1 para restaurar minha licença.

Agora eu podia voltar ao ringue e ganhar algum dinheiro. A essa altura, eu estava afundado numa dívida de 13 milhões com a receita federal. Isso pode assustar um monte de gente, mas eu estava acostumado a fazer pagamentos de milhões de dólares, então sabia que podia me recuperar. É engraçado que foi mais ou menos nessa época que meus novos contadores descobriram uma poupança em meu nome, que ao longo dos anos tinha rendido mais de 250 mil dólares.

Os contabilistas começaram a investigar e descobriram que foi Cus quem tinha aberto essa conta para mim lá em Catskill. Quando me disseram que Cus tinha feito isso, chorei como um bebê. Pela primeira vez na minha vida, entendi o significado de "o que vale é a intenção". Cus devia saber que eu ia detonar meu dinheiro. Eu que nunca pensei que ninguém amasse esse neguinho. Naquele momento, Cus restaurou um pouco a minha fé na humanidade.

No dia 1° de dezembro, não contestamos as acusações de delito de fúria na estrada de Maryland. Como negociamos com os dois rapazes, meus advogados estavam convencidos de que eu iria receber um puxão de orelha como sentença, o que ocorreria em algum dia de fevereiro de 1999.

Minha primeira luta de retorno estava marcada para 16 de janeiro, contra o lutador sul-africano Frans Botha. Apelidado de "Búfalo Branco", Botha não era nenhum frangote. Ele tinha ganhado

o título da Federação Internacional de Boxe em 1995, porém mais tarde seu exame deu positivo para esteroides e revogaram o título. Em seguida, lutou na eliminatória da minha primeira luta com Holyfield e fez uma grande disputa pelo cinturão da FIB com Michael Moorer, até ser derrotado no último assalto. Portanto, era um cara para ser levado a sério.

Quatro dias antes da luta, fui para Las Vegas dar uma série de entrevistas para tevês por satélite e para o rádio. Minha primeira entrevista foi com Russ Salzberg, do Canal 9, em Nova York.

"Mike, Botha é um azarão de 6 para 1. Alguma preocupação de sua parte?", perguntou.

"Não entendo nada de números. Só sei o que consigo fazer. Vou matar aquele filho da puta."

"Ok", ele disse, um pouco assustado. "Você leva muita raiva para o ringue. Para você, isso funciona ou te prejudica às vezes?"

"E quem se importa com isso? Vamos lutar de qualquer maneira. Que diferença faz?"

"Bem, por exemplo, a raiva contra Evander Holyfield te prejudicou."

"Foda-se! Isso foi uma luta! Então, o que passou, passou."

"Mike, você tem que falar assim?"

"Falo com você do jeito que quero falar. Se você tem algum problema quanto a isso, peça demissão."

"Quer saber? Acho que vamos acabar com essa discussão agora mesmo", Russ disse.

"Ótimo! Vai se foder!"

"É isso aí. Tenha uma boa luta, Mike."

"Vai se foder! Imbecil!"

"Você é um sujeito de classe, amigo."

"Assim como a sua mãe."

Em parte, eu estava assim tão beligerante porque tinham suspendido minha dose diária de Zoloft uma semana antes da luta.

Eu estava muito enferrujado para essa luta. Foi uma noite horrível para mim. Botha estava me segurando continuamente. Ele me agarrou no corner, no final do primeiro assalto, e eu alavanquei seu braço esquerdo com o meu braço direito e tentei me

desvencilhar. Sou um lutador decididamente sujo. Não deveria dizer isso, mas é verdade. Acho que realmente queria que as pessoas falassem sobre como eu era sujo e cruel. Quando me perguntaram, depois da luta, se eu estava tentando quebrar o braço dele intencionalmente, apenas respondi: “Exato”.

Ganhei apenas um assalto dos primeiros quatro, e naquele assalto Richard Steele me descontou um ponto. Os caras da Showtime – Kenny Albert, Ferdie Pacheco e Bobby Czyz – pensavam que Botha estava me atingindo por ficar me segurando e transformando a luta numa briga de rua. Mas, depois do quarto assalto, falei a Crocodilo e meu novo treinador, Tommy Brooks, que Botha estava ficando cansado e que eu poderia acertá-lo. Aparentemente, Ferdie Pacheco não acreditou nisso.

“Tyson parece que está em câmera lenta. Ele não consegue lançar dois socos. Isso é sinal de um lutador baleado, ele não consegue dar socos.”

Eu não precisava de dois socos. Enquanto Ferdie estava dizendo aquilo, acertei Botha com um soco de direita direto no queixo. Ele foi direto para a lona. Tentou se levantar, mas não conseguiu superar a contagem. Então foi cambaleando até as cordas e caiu de novo na lona. Foi uma luta feia, mas a redimi com um sonoro nocaute de um único soco. Botha caiu como se tivesse levado um tiro de rifle. O Búfalo Branco foi caçado.

Agora também havia intriga dentro da minha própria equipe. Shelly e Shawnee tinham se mancomunado e se virado contra Jeff e Irving. Jeff, que ainda estava se recuperando de uma cirurgia, teve de voltar a Los Angeles para coproduzir o novo *show* de Roseanne Barr, portanto, ele praticamente saiu de cena. Minha carreira ficou nas mãos de Shelly, Shawnee e Jackie Rowe.

E também do sistema judicial de Maryland. Eu me apresentei diante de um pequeno tribunal em Rockville no dia 5 de fevereiro de 1999. Estava usando um terno cinza-carvão e um colete preto. Monica estava lá comigo, junto com pelo menos uma dezena de advogados e assessores. Eu não tinha contestado as acusações, e meus advogados tinham feito um acordo com a promotoria que evitaria a pena de prisão. Eu tinha acabado de pagar uma multa, ser

colocado em liberdade condicional e condenado a prestar serviço comunitário. Só que aí me fodi de novo.

O novo promotor, Doug Gansler, e sua assistente do Ministério Público, Carol Crawford, apresentaram no tribunal um documento de 11 páginas, com um conteúdo que me igualava a um criminoso de guerra nazista. Crawford, particularmente, parecia me detestar. Ela tinha uma aparência muito masculina, com um corte de cabelo curto e sério. Parecia querer descontar em mim toda a raiva que tinha dos homens. Para ela, eu era o caso perfeito.

Em vez de manterem sua parte do acordo, esses dois mentirosos vomitaram todo o tipo de coisa depreciativa a meu respeito, incluindo as declarações de Teddy Atlas de que Cus tinha feito de mim um garoto mimado. Citaram minhas entrevistas, incluindo a da *Playboy* de 1998, na qual eu disse a Mark Kram que eu era "um filho da puta cheio de ódio" que iria "explodir qualquer dia". Em seguida, citaram o próprio Kram, que escreveu que eu era "a figura mais obscura" que ele já havia encontrado "no mundo do esporte".

"Vale ressaltar que esse comentário é a respeito de um homem que já se encontrou com a infame lenda do boxe, Sonny Liston, um ex-presidiário que morreu de overdose de drogas em circunstâncias nebulosas, e, coincidentemente, um boxeador ao qual o réu expressou uma certa afinidade", Gansler e Crawford escreveram em suas anotações para auxiliar na sentença.

Eles ainda foram escarafunchar meu laudo psiquiátrico da Mass General, que, tirando a depressão, atestou que minha saúde estava ok.

"Talvez não possamos encontrar algo de 'errado' com o réu além do que se pode encontrar de 'errado' com todo valentão de bairro. Para este nosso valentão, no entanto, o mundo é seu *playground*. Uma análise do psicólogo clínico e Ph.D. Robert Butterworth poderá proporcionar o melhor direcionamento para o tribunal. Depois de analisar os comentários da entrevista com Kram e o réu, o sr. Butterworth comentou: 'Se ele está nos dizendo abertamente que vai fazer isso, nós seremos idiotas se não esperarmos isso'. Apesar de não punirmos prospectivamente nesta jurisdição, o Tribunal deve sempre considerar a segurança do réu, assim como a do público, ao

sentenciar de forma adequada. O réu não é nada menos do que a bomba-relógio enterrada em nosso próprio quintal."

Acreditam nessa merda? O que era isso, a Rússia stalinista? Esses dois mentirosos queriam usar uma entrevista em que fiz um desabafo e o diagnóstico desse tal dr. Butterworth, que nunca me examinou, para me colocar atrás das grades antes de essa "bomba-relógio" explodir. Qualquer um podia ver que essas pessoas estavam lá apenas para abusar de mim, mas ninguém se importava, porque eles provavelmente pensavam que eu merecia isso.

"Apesar de não punirmos prospectivamente neste estado" – mas isso era exatamente o que eles estavam defendendo – "o encarceramento executado, como ponto de partida, irá contemplar o duplo objetivo de punição e dissuasão. A reabilitação, por meio dos bons programas desta jurisdição, pode ser iniciada na prisão e seguida durante todo o período de liberdade condicional. Dada a recusa de responsabilidade por parte do réu, seu comportamento desafiador, seus comentários sobre seu próprio caráter, bem como suas previsões de conduta futura, os objetivos de dissuasão e reabilitação podem nunca ser alcançados. No entanto, pelo menos durante o período de encarceramento, o público em geral estará protegido de sua inclinação para a violência."

O juiz Johnson concordou. Ele me condenou a dois anos de prisão, com um ano suspenso do boxe, me multou em 5 mil dólares e determinou que eu cumprisse dois anos de liberdade condicional e mais 2 mil horas de serviço comunitário. Também negou fiança se eu recorresse da decisão.

A sala do tribunal, que só acomodava pessoas de pé, foi preenchida de ecos de surpresa. Eu estava atordoado. Monica começou a chorar, inconsolável. Eles me algemaram e me levaram direto para a cadeia.

Gansler estava tendo seus 15 minutos de fama. As pessoas ficaram realmente indignadas com o fato de eu poder passar um ano atrás das grades depois de termos feito um acordo judicial por nenhuma pena de prisão com o outro procurador do estado.

"Qualquer promotor faria o que fiz", disse Gansler a um jornalista da Associated Press. "As pessoas que falem o que

quiserem.”

Eles me jogaram numa cela de menos de 4 metros quadrados no Bloco 2, que era a versão deles de prisão preventiva. Isso significava que eu estava separado da população carcerária, que eram em sua maioria moleques brancos privilegiados do condado de Montgomery. Minha unidade era isolada e tinha apenas algumas pessoas que eram fracas demais para a população, ou muito agressivas. Implorei a eles para me colocarem com o restante da população. Eu precisava estar lá fora para manipular o sistema e obter meus privilégios. Fui criado assim. Em vez disso, eu estava em prisão preventiva, e os guardas ficavam indo até lá para tirar fotos minhas e vendê-las aos jornais.

Já fazia duas semanas que eu estava na preventiva quando fui mandado para a versão deles do buraco. Tudo começou quando eles enviaram um psiquiatra da prisão para me ver. Eu estava sendo acompanhado pelo dr. Goldberg, um dos melhores psiquiatras do país, por isso recusei até mesmo falar com esse idiota. Então, ele cortou a minha dose normal de Zoloft pela metade. Quando vieram com uma pílula diferente, me recusei a tomá-la. Dois dias depois, eu estava no telefone, quando um guarda particularmente sádico veio e desligou o telefone no meio da minha conversa. Eu era uma pessoa diferente na cadeia, ficava mais exigente do que quando estava em casa. Uma coisinha de nada dava errado, e lá estava eu, pronto para destruir tudo.

Fiquei tão furioso que arranquei a tevê do suporte de metal, joguei no chão e, em seguida, peguei e atirei contra as grades da cela. O diretor da prisão e dois guardas estavam observando tudo. Um pequeno pedaço de plástico se partiu e passou entre as barras de ferro, atingindo um dos guardas. Eles imediatamente me mandaram para o “isolamento administrativo”. Fiquei preso por 23 horas e não fui autorizado a comprar lanches na cantina ou receber visitas ou telefonemas, com exceção dos meus advogados ou médicos. O dr. Goldberg me visitou na noite seguinte e me fez voltar à minha dose normal de Zoloft.

Após o incidente da tevê, a administração da prisão me acusou de conduta desordeira, destruição de propriedade e agressão a

carcereiro, porque o pequeno pedaço de plástico bateu nele. Eles me jogaram no buraco, e eu não estava nada feliz. Me via como um daqueles prisioneiros políticos alemães do Baader-Meinhof que ficavam loucos quando colocados na cadeia. Eles matavam guardas, e se matavam. Eu até comecei a usar uma pequena bandana espanhola na cabeça e ficava completamente nu, atirando coisas nos carcereiros.

Eles me condenaram a 25 dias de isolamento, mas meu advogado recorreu, e saí depois de cinco dias. Eu não gostei nem um pouco dessa prisão. Queria ser mandado de volta para Indiana. Eu não tinha ninguém com quem operar nessa prisão, ninguém para me trazer coisas, ninguém para me arranjar garotas. Como ainda estava em condicional, eles poderiam facilmente ter me arrastado de volta para lá. O problema era que eles poderiam me fazer cumprir os últimos quatro anos da minha condenação anterior. Jim Voyles, meu advogado de Indiana, fez umas 20 viagens entre Indiana e Maryland e, finalmente, chegou a um acordo no qual eu cumpriria 60 dias a mais na prisão de Maryland, e Indiana lavaria as mãos de uma vez por todas em relação ao meu caso. A juíza Gifford ficaria mais do que satisfeita em assinar isso. Ninguém me queria de volta em Indiana.

Eu estava chateado. Queria meter um processo no rabo do juiz para voltar para lá. Mas, quando consegui me acomodar na prisão de Maryland, a coisa acabou não sendo tão ruim assim. Monica começou a cozinhar para mim, e eu tinha autorização para receber comida de fora. Depois de alguns meses, comecei a ganhar tanto peso que perguntei a eles se poderia mandar trazer minha esteira e uma bicicleta ergométrica. Permitiram. Eu era sempre o escroto privilegiado na prisão.

Também fomos capa da revista *Esquire* enquanto eu estava lá. Monica trouxe Amir, nosso novo bebê, à prisão, e nós posamos para fotos para acompanhar um artigo sobre mim.

Comecei a me misturar com os outros caras da prisão preventiva. Havia um bom número de meninos e jovens que estavam lá por homicídio. Dois deles chegaram até a se enforcar enquanto eu estava lá – um deles era um garoto israelense rico, e o outro, um

garoto negro. Paguei o enterro do menino negro, porque seus pais não tinham muito dinheiro. Dava dó ver aqueles garotos lindos de famílias privilegiadas, que, por estarem dependentes de drogas, faziam coisas como matar alguém para conseguir 100 dólares. Quando saí da prisão, deveria ter uns 12 mil dólares na minha conta da cadeia, então pedi para a prisão dividir esse dinheiro entre os cinco caras que estavam em isolamento comigo. Eles não eram caras durões. Eram meninos que não tinham dinheiro, que nunca iriam para casa.

Eu meio que me tornei o Don Corleone da prisão preventiva naquele lugar. Os outros caras enviavam mensagens para mim através dos guardas e me pediam para falar com eles sobre seus problemas. Alguns guardas vinham me falar sobre um menino que poderia estar tendo um problema e eu lhe mandava uma mensagem dizendo para ele relaxar.

Não recebia muitas visitas na prisão de Maryland. Monica vinha, Craig Boogie vinha, além de um ou outro amigo. Lisa, minha amiga jamaicana, também foi uma vez. Ela escreveu seu nome no livro de visitas, e Monica, que chegou algumas horas mais tarde, viu o nome dela. Fez um escândalo. Graças a Deus, existia uma pequena janela de vidro nos separando.

Mas o visitante que recebi com a maior atenção foi John F. Kennedy Jr. Ele veio me visitar uma noite. Quando a notícia se espalhou, dez equipes de repórteres apareceram e ficaram de plantão do lado de fora durante horas. Do lado de dentro, foi um pandemônio. Pedi para o John dizer "Olá" a todos os outros presos que estavam em isolamento comigo. "Sim, mande um abraço pra mãe dele. Dê um beijo no seu filho." Eu era o grande Don Corleone.

John e eu éramos amigos de Nova York. Eu o conheci na rua um dia, e ele me convidou para ir visitá-lo em seu escritório da revista *George*. Ele era a elegância em pessoa e tinha os pés no chão, andava de bicicleta por Manhattan, ou, às vezes, usava transporte público. A primeira coisa que John me disse quando veio me ver foi: "Toda a minha família me disse para eu não vir te ver. Então, quando você for encontrá-los e todos te disserem 'Oi', você já vai estar sabendo da história."

Logo antes de John chegar, um de seus primos tinha tido problemas por transar com sua babá ou algo parecido.

“Meu primo é o garoto-propaganda do mau comportamento”, John disse.

“Faça o que quiser, mas nunca desrespeite sua família em público. Não faça isso porque é o que a sociedade quer. As pessoas querem te quebrar e fazer de você um nada”, eu disse a ele. “Chama ele de idiota em particular. Mas fazer isso na frente do público, nunca.”

Nós conversamos muito sobre a família Kennedy, especialmente o avô, mas John não parecia saber muito sobre ele, a não ser que ele nunca ensinou nada de negócios a nenhum de seus filhos. “Ninguém na minha família sabe como realizar um negócio, é por isso que todos eles entraram para a política. Ele queria que nós fôssemos caras mimados.”

Acho que é por isso que ele estava fazendo uma revista, para aprender como os negócios funcionam. Percebeu que não tinha nenhuma realização na vida e que isso era uma coisa que poderia almejar.

Nós conversamos um pouco sobre o meu caso.

“Olha, sei que a única razão de você estar aqui é porque você é negro”, disse. Ele estava me avisando que sabia como as coisas eram.

A certa altura da conversa, eu lhe disse: “Você sabe que deveria concorrer a um cargo político?”.

“O quê?” Ele pareceu um pouco surpreso. “Você acha?”

“Se você não fizer isso, estará deixando minha mãe na mão, a geração da minha mãe na mão. Eles te viram debaixo daquela mesa. [4] Você não pode deixar na mão uma geração perdida que acreditava tanto na sua família. Não eu, eu que me foda, vou fazer o que sei fazer, mas você não pode deixar as pessoas na mão. Seu pai e seu tio eram a esperança, e você é a continuidade dessa esperança”, falei.

Ele não disse nada. Talvez pensasse que eu estava louco.

“Não, mano, você tem que fazer essa merda. Você está louco? Qual é o propósito de sua vida? Você nasceu para fazer isso. Os

sonhos das pessoas estão sobre suas costas, cara. Isso é um fardo pesado, mas você teve um pai e uma mãe maravilhosos…"

John teria sido um grande político. Ele realmente se importava com os outros, não era um merda de um falso. Era um cara que se comprometia para valer com as pessoas, atraía a atenção de gente que nem conhecia. Ele não tinha medo de ser visto em público, estava sempre procurando se envolver. *Uau*, pensei, *esse é um cara interessante*.

Ele parecia cansado. Disse que tinha de tomar um pouco de café porque ainda iria retornar para Nova York naquela mesma noite. Tinha voado com o seu instrutor de voo.

"Não, cara. Vai para a minha casa. Fica lá com a Monica e as crianças", eu disse a ele. "De qualquer maneira, você está muito pilhado para pilotar o avião."

"Você não sabe como me sinto lá em cima, cara. Eu me sinto tão livre", ele me disse.

"Você deve se sentir estúpido lá em cima sem saber realmente o que está fazendo. Se você tem que voar, voe sozinho. Por favor, não leve ninguém que ama lá para cima."

John não me disse nada, mas foi ver Monica naquela noite, e ela me contou que ele falou: "Bem, Mike disse que eu era estúpido para pilotar meu avião. Mas ele é o cara do acidente de moto."

Também falamos sobre sairmos para nos divertir depois que eu me livrasse da cadeia. Ele estava falando sobre outras mulheres, e tive a impressão de que ele estava passando por uma fase de merda com sua esposa.

"Quando você sair, me dê um tempo para acertar umas coisas com minha esposa. Aí, sim, você e eu vamos nos divertir. Você precisa vir comigo para Aspen."

"Aspen?", perguntei. "Não tem negros em Aspen. Não vou ser bem tratado lá."

"Hã-hã. Tem o Lynn Swann",[5] John disse.

"Lynn Swann não é um dos meus", falei.

"É, você está certo", admitiu.

É claro que mexi os pauzinhos para sair da cadeia imediatamente. Já fazia quase quatro meses que eu estava preso.

Para mim, já era tempo suficiente. Uma das primas de John, Kathleen Kennedy Townsend, a filha mais velha de Robert F. Kennedy, era a vice-governadora de Maryland na época.

"Me tira daqui", implorei. "Pergunta para a porra da sua prima."

"Mike, eu realmente não a conheço", ele disse.

Talvez ele fosse sofisticado o suficiente para não dizer o contrário numa sala de visitação.

"Você não a conhece? Que diabos quer dizer? Vocês todos jogam futebol juntos lá em Hyannis Port."

Ele sorriu e, em seguida, foi embora. A mídia o cercou quando saiu.

"Estou aqui para dar uma força ao meu amigo", disse John. "Mike é um homem muito diferente daquele que sua imagem pública sugere. É um homem que realmente estava tentando colocar sua vida de volta nos eixos, e tem a oportunidade de fazê-lo no futuro. Espero que, talvez, pelo fato de eu vir aqui e dizer isso para as pessoas, elas comecem a acreditar, até porque a vida dele não foi fácil."

Em seguida, ele entrou em sua limusine e foi para minha casa tomar um café.

Pouco depois de John-John estar lá, *bum!*, saí da prisão.

12

ASSIM QUE SAÍ DA cadeia, fui para casa, arrumei as malas e viajei para Nova York no mesmo dia. Não saí para me divertir nem passei um tempo com a minha família, como eu deveria ter feito. *Bum!*, eu entrei no carro e segui para Nova York para ver uma das minhas namoradas. Eu simplesmente não tinha as habilidades ou as ferramentas para ser uma pessoa responsável. Nem vontade. Você não pode ter um pé no casamento e o outro na sarjeta. Para mim, ter todas essas namoradas estando casado era como um vício. E, se eu precisasse de um pouco mais, era só eu andar na rua que as mulheres se jogariam para cima de mim. Eu era um escravo viciado no caos da celebridade. Eu queria poder parar, mas não conseguia.

Nada na minha vida estava legal na época. Os novos caras que cuidavam dos meus negócios tinham acertado novos contratos com a Showtime e o MGM Grand, porque Don tinha saído de cena, mas eu ainda estava devendo todos aqueles milhões que a Showtime tinha me dado adiantados e que foram parar no bolso de Don. E, além do mais, a receita federal estava no meu pé.

Eu tinha me mudado para Phoenix a fim de começar a treinar para a minha próxima luta, e no início de junho eu comecei a prestar serviço comunitário na detestável prisão do xerife Joe Arpaio. Ele ficou emocionado com minha presença lá. Eu andava pela cadeia e conversava com os prisioneiros, dizendo para ficarem longe de encrencas. Enquanto isso, meus agentes da condicional estavam me tratando como se eu fosse John Gotti.[1] Eles não perdiam uma oportunidade de tentar me pegar. Se eles ouviam um boato de que eu estava numa boate, eles ligavam para o meu advogado e nós teríamos de arranjar testemunhas para refutá-los. Em seguida, o advogado escrevia a eles: “Como lhes indiquei, e

conforme Monica confirmou, Mike não visitou a boate Amazon na terça-feira, dia 29 de junho. Mike estava em seu quarto dormindo".

Meu advogado também começou a falar aos meus guarda-costas para ficarem de butuca.

"Como vocês sabem, o Departamento de Liberdade Condicional de Adultos do Condado de Maricopa está intensificando a vigilância sobre Mike. Assim como Anthony já começou a fazer, eu gostaria de estabelecer os seguintes procedimentos. Se Mike sair do hotel depois das 10 da noite, vocês deverão bipar tanto Paul quanto Chad, seu agente de vigilância. Anthony tem esses números. Além disso, por favor, telefonem para o meu correio de voz e me deixem uma mensagem idêntica a respeito de onde Mike está indo. Se Mike for para outra boate, ou mesmo para um restaurante, é importante que vocês liguem para ambos os agentes da condicional e para mim, informando todas as partes do itinerário. Como já foi discutido com Anthony, é importante que Mike mantenha a calma, não importa o que os agentes façam. No caso ou na iminência de ocorrer um confronto com alguém do departamento da condicional, por favor, me liguem imediatamente."

Eu sou Al Capone! Eu sou um negão malvado, o homem mais assustador da face da Terra. Você sabe que meu ego megalomaníaco estava adorando essa merda. Eles estavam me tratando como se eu fosse o Poderoso Chefão.

E eu ainda era um grande alvo de golpes baratos. Um dia, em agosto, eu estava fazendo meu serviço nas celas do xerife Arpaio, e ele me chamou em seu escritório.

"Mike, uma das minhas xerifes está entrando com uma queixa contra você. Ela disse que você a acertou e derrubou-a no chão. Eu não sei por que ela levou uma semana para apresentar essas acusações", ele disse.

"Você estava comigo o tempo todo. Você sabe que isso é mentira", falei.

"Eu não vejo como você poderia ter feito isso", ele concordou.

Claro que era tudo mentira. Mas era por esse tipo de merda que eu tinha de passar. Ser acusado dessas coisas enquanto eu estava fazendo serviço comunitário? Eles descobriram vídeos e fotos tiradas

bem no momento em que o incidente supostamente tinha ocorrido, e a xerife estava lá comigo, toda sorridente. Então, eles retiraram a queixa, mas eu corri o risco de ter sido mandado de volta para a prisão em Maryland. Eu acho que, na verdade, eles estavam tentando pegar o Arpaio. Seus xerifes não gostavam muito dele.

Voltei ao ringue em Las Vegas, no dia 23 de outubro de 1999. Meu adversário era Orlin Norris. Quando eu era campeão, eu não sabia quem era esse cara, mas ele costumava aparecer nas minhas coletivas de imprensa e só ficava me encarando, como um louco. Ele lutou em algumas das minhas eliminatórias, mas não o reconheci. Eu estava pensando: *Esse maluco pode ter uma arma. Quem é esse cara? Será que falei alguma merda para ele ou ganhei todo o dinheiro dele num jogo de dados?* Eu estava com medo. Ninguém nunca tinha tido a coragem de ficar me encarando daquele jeito. Ele só olhava para mim, não dizia nada. Eu pensei que ele provavelmente era alguém que eu tinha sacaneado nas ruas.

Norris tinha sido campeão dos pesos-cruzadores da Associação Mundial de Boxe, portanto ele sabia lutar. Nós ficamos sacando um ao outro durante o primeiro assalto e, logo que o gongo soou, eu bati nele com um uppercut de esquerda que o mandou direto para a lona. Richard Steele me descontou dois pontos por bater nele após o gongo, mas isso não importava. Norris voltou para o seu corner, sentou no banquinho e não se levantou. Ele alegou que tinha machucado o joelho direito quando caiu e que não podia mais continuar. A multidão começou a vaiar e a jogar coisas no ringue e, quando nos demos conta, havia uns 50 policiais uniformizados no ringue. Lá vamos nós outra vez. Eu estava realmente em boa forma e teria entrado no embalo e derrotado Norris no assalto seguinte, mas ele não saía de seu banco. É engraçado quando você assiste ao vídeo dessa luta; ele se levantou e caminhou de volta para o seu corner, sem qualquer dificuldade, e ouviu o seu treinador lhe dizer o que ele estava fazendo de errado. Mas ele desistiu, e isso foi outra mancha negra em meu nome em Las Vegas. Eles decidiram que não houve competição. Eu não sabia disso na época, mas aquela seria a última vez que eu estaria num ringue em Las Vegas.

Shelly Finkel pensou que poderia ser melhor eu lutar fora dos Estados Unidos por um tempo e deixar Las Vegas se acalmar depois do fiasco com Norris. Então ele me arranjou uma luta em Manchester, Inglaterra, para o dia 29 de janeiro de 2000. Eu ia enfrentar Julius Francis, o campeão britânico dos pesos-pesados. A Inglaterra era uma viagem. Eu estava cercado de gente em todos os lugares aonde ia. Quando visitei o gueto em Brixton, havia tantos fãs adoradores me assediando, que tive de buscar refúgio numa delegacia de polícia. Acho que essa deve ter sido a primeira vez na vida que entrei numa delegacia de polícia voluntariamente.

Uma semana antes da luta, dei uma entrevista para a Sky TV.

"Você acha que está recebendo um tratamento justo aqui?", perguntou o entrevistador.

"O pessoal daqui me trata com luvas de pelica em comparação com o que fazem nos Estados Unidos. Às vezes, fazem você nem querer sair de casa, mas eu sou forte e não há nada que possa me parar. Me recuso a ser derrotado de novo ou voltar a ser pisoteado emocionalmente. Venha o que vier, vou enfrentar de cabeça erguida."

"Em dois dias, 21 mil pessoas compraram todos os ingressos para vê-lo. O que você acha que é seu magnetismo para os fãs do boxe?", ele perguntou.

"Não sei, eu sei que existem outros 60 mil que não conseguiram ingresso e acho que eles simplesmente deveriam arrombar o portão e entrar, é isso o que eu acho."

"Não dá a ideia para eles, Mike." Ele parecia aterrorizado.

"É disso que eles precisam, de ideias. Eles deveriam me ver lutar. Eu era fã de Duran, e aí juntei um monte de caras da rua. 'Vamos, cara, vamos lá! Ninguém pode parar a gente!' E nós passamos direto pelos portões."

"Mais algumas perguntas sobre Julius Francis. O que você prevê que vai acontecer?"

"Não sei. Acho que vou matar Julius Francis", eu disse, meio indiferente.

"Você não quer dizer matá-lo realmente, não é? Só perguntei isso porque as pessoas vão cair em cima de você, dizendo: 'Oh, Mike

Tyson quer matar Julius Francis'."

"Tudo bem. Olha, posso te dizer uma coisa? Não me incomoda o que dizem a meu respeito. Michael e Tyson são duas pessoas diferentes. Para meus filhos e minha esposa, eu sou o papai e o Mike. Mas estou aqui como Tyson. Tyson é apenas uma aberração, alguém que gera uma tonelada de dinheiro. Ninguém me conhece, ninguém tem nenhuma consideração pelos meus sentimentos, pela minha dor, por qualquer coisa que eu já tenha passado na vida. Não têm a mínima noção de quem eu sou ou do que eu sou. Nem mesmo sabem por que torcem por mim. Por quê? É porque sou um bom lutador? É porque me defendo? Tyson não é quem eu sou. Eu me transformo nessa pessoa, mas eu sou o Mike, sou o papai, e isso é mais importante para mim."

"E a única hora em que você é essa outra pessoa é quando você está no ringue, certo?"

"Agora! Agora eu sou Tyson."

"O cara?"

"Sim, eu sou o cara que vai fazer todo aquele circo de horrores acontecer no dia 29. Todo mundo vai vir e vai me ver matar alguém, ou espancar alguém, ou derrubar alguém. Tyson é o bilhete de entrada, Tyson é a máquina de fazer dinheiro. Pouca gente se preocupa com a pessoa do Michael, porque Michael é apenas um negão de Brownsville, no Brooklyn, um negão que conseguiu subir na vida um dia, ou que teve sorte. De onde eu venho, eu sou o pedaço de chiclete na sola do seu sapato. Deus me abençoou, sei lá, ele me colocou nesta situação, sei lá, suponho que vocês sejam pessoas decentes, né?"

Eu não podia andar pelas ruas de Londres sem causar tumulto, por isso fomos fazer compras de carro. Uma hora, paramos num sinal e, quando as pessoas viram que eu estava no carro, começaram a balançá-lo. Outras estavam se jogando em cima do carro. Foi como uma cena de país de terceiro mundo, em que o ditador estava tentando fugir e a multidão fazendo de tudo para bloquear o carro e até mesmo arrancar o teto fora. Só que, nesse caso, essas pessoas estavam demonstrando carinho, admiração.

"Nós te adoramos, Mike! Nós te amamos!", ficavam gritando.

Era como a beatlemania. Uma amiga estava comigo no carro, e parecia que ela ia ter um ataque cardíaco.

“Caramba”, disse ela, virando e me encarando. “Que porra de pessoa é você?”

Voltamos para o nosso hotel, mas a multidão se amontoou embaixo da janela e começou a gritar. Não iriam embora até que eu fosse para a sacada e desse um “joinha” para eles. Eu estava me achando o próprio Carlos Magno.

Mas eu também tive alguns detratores verbais. Não tive o apoio dos grupos de senhoras. Elas boicotavam minhas aparições. Fui convidado para visitar o Parlamento da Grã-Bretanha, mas todas as deputadas protestaram. Talvez fosse porque, quando visitei o museu de cera da Madame Tussauds, chamei a estátua de Winston Churchill de “mais um inglês maldito”.

Mas eu gostava de enfrentar os grupos de protesto. Eu adorava ser um desgraçado internacional. Eu me sentia o próprio Dillinger. [2] Tinha uma fama tão nojenta, que os bandidos de qualquer país que eu visitava abriam as portas de suas boates para mim.

“Fodam-se aqueles filhos da puta, Mike”, me diziam. “Nós estamos do seu lado.”

Eu tinha conhecido uma garota russa incrível no hotel que notou minhas joias e me convidou para ir visitá-la na Graff Diamonds, a joalheria mais fina do mundo. Ela trabalhava lá como tradutora e intérprete dos magnatas russos e suas esposas quando visitavam a loja. Eu fui lá com meu promotor de luta, Frank Warren, que era o Don King da Europa. Ela estava me esperando e começou a me paquerar. Perguntou como eu era quando garoto, e eu lhe disse: “Eu costumava roubar e assaltar”.

“Deixa de brincadeira!”, ela disse.

“Não, é sério. Eu invadia casas e assaltava pessoas a mão armada.”

Ela me mostrou dois relógios maravilhosos, incrustados de pedras preciosas, que custavam uns 800 mil dólares cada. Warren tentou parecer alguém importante.

“Vou levar estes para ele”, Warren disse para a garota. Ele tinha um relacionamento com os donos da loja. Então peguei os dois

relógios, juntamente com um par de relógios de bolso e uma pulseira de diamantes. A conta total ficou na casa dos 865 mil dólares.

Também peguei a garota e dormi com ela algumas vezes antes de ir para Manchester lutar. Na verdade, eu não estava preocupado com a luta. Dava para ver que Francis não estava levando o treinamento a sério, ele estava com 110 quilos. Ele tinha ido para uma academia do Exército para entrar em forma e acabou engordando mais. Não acho que a imprensa inglesa considerava reais as suas chances. O jornal londrino *Daily Mirror* pagou 50 mil dólares a Francis para ele colocar um anúncio do jornal na parte de baixo das suas sapatilhas de boxe. Os 50 mil valeram a pena. Derrubei Francis cinco vezes nos primeiros quatro minutos de luta, antes de o árbitro parar.

Quando voltei para Londres, liguei para a russa. Enquanto eu estava conversando com ela, pude ouvir um cara no fundo dizendo: "Quem é, o Tyson?". Ela desligou e veio direto me ver no hotel. Comecei a ficar nervoso. Quando a conheci, ela tinha me falado que estava saindo com um traficante de armas chinês chamado Michael.

Que merda, pensei. *Estou morto*.

Eu estava convencido de que esse cara ia segui-la até o meu hotel. Quando ela chegou lá, comecei a bombardeá-la com perguntas.

"Será que o Michael vai ficar puto? Michael é do tipo ciumento?"

"Ele que se dane", ela disse. "Não estou mais nem aí. Michael é um pé no saco. Mas ele tem um monte de dinheiro, e cuida bem de mim."

Jackie Rowe, que estava no quarto, começou a vomitar sua sabedoria de rua para cima daquela garota ingênua. A menina russa era tão esmagadoramente linda que nunca tinha aprendido a pensar. Mas dessa vez ela teria de aprender. Ela ia perder seu tiozinho se fizesse algo precipitado. Eu estava voltando para os Estados Unidos no dia seguinte. Gostaria que ela viesse comigo, mas isso era impossível.

"Nã-nã-ni-nã-não", Jackie disse a ela. "Você tem que voltar para ele e dizer que está tudo bem. Não pode tirar a cabeça da boca do

leão assim, de repente. Você tem que ir tirando devagarinho. Olha, você precisa da grana dele. Mike está indo para casa. Não perca aquele cara."

Ela tratou de seguir os conselhos da Jackie. Eu sabia que o cara ia aceitá-la de volta. Era realmente uma mulher incrível.

Voltei para os Estados Unidos, mas não demorou muito para que eu me metesse em mais uma encrenca. No dia 18 de maio, eu estava com o meu amigo barbeiro Mack, me divertindo no Cheetahs, uma boate de *striptease* de Las Vegas. Naquela época, quando eu queria arejar a cabeça, ia para uma boate de *striptease*. Isso era o que as pessoas faziam no início dos anos 2000.

Então, eu estava sentado num sofá na parte de trás da boate, ao lado da cabine do DJ, conversando com meu amigo Lonnie, que era um dos gerentes. Uma *stripper*, cujo nome verdadeiro era Victoria, mas que atendia pelo nome de Flor, veio me perguntar se eu queria uma *lap dance*.[3] Eu não queria nada, mas ela era teimosa. A garota continuou insistindo que queria fazer uma *lap dance* para mim. Ela se aproximou de mim várias vezes, e aí tentou sentar no meu colo. Eu coloquei a mão na frente para impedi-la e ela perdeu o equilíbrio do alto dos seus sapatos de salto, caindo de bunda no chão. Acho que também a chamei de "vagabunda" e de "puta suja". Ela voltou para o seu camarim, envergonhada.

Do camarim, ela ligou para o marido e lhe contou o que tinha acontecido. Ele chamou a polícia e disse que eu e meu pessoal estávamos no Cheetahs naquele momento empurrando as *strippers* e jogando-as no chão da boate. A polícia de Las Vegas mandou oito viaturas para o local. Eu conversei com um dos policiais, e ele me disse que quando trabalhava na divisão de delitos de conduta, as *strippers* não aceitavam um não como resposta. Eram apenas prostitutas tentando ordenhar os homens até secarem. Os policiais levaram Flor para um canto e deram uma prensa nela, e então ela admitiu que em nenhum momento eu encostei a mão nela e que ela estava bem, só estava envergonhada. Flor confessou aos policiais que seu orgulho tinha sido ferido, e ela me disse que, se eu tivesse jogado uns 500 dólares para ela, aquilo nunca teria acontecido. "Depois de todo aquele vexame, eu tenho o direito de receber

alguma coisa", ela disse a eles. Os policiais foram embora e, como não havia nenhum registro de ocorrência, não me acusaram de nada. Flor terminou seu turno de trabalho, fazendo *lap* e *pole dance*.

Acho que, em casa, seu marido vigarista a pegou de jeito, porque no dia seguinte ela mudou sua história e registrou um boletim de ocorrência, que afirmava que "Tyson estendeu a mão e deu-lhe um soco/empurrou-a na região do peito, fazendo que ela voasse, literalmente, até o outro lado da sala e caísse no chão. Ela afirmou que estava atordoada, e Tyson começou a chamá-la de 'prostituta vadia' e de 'puta'. Ela disse que sofreu contusões do incidente". A polícia então reabriu as investigações e, novamente, não encontrou nenhum mérito na sua queixa, chamando suas alegações de "completamente infundadas".

Mas isso não a impediu. Ela me processou alguns meses mais tarde. O processo dizia: "O golpe violento e doloroso de Tyson arremessou Victoria por vários metros pelo chão e fez com que ela caísse batendo o cóccix no chão, com o salto do sapato atingindo fortemente sua perna durante a queda". Ela alegou problemas emocionais, lesão corporal e estresse na relação conjugal, que reduziram suas atividades conjugais.

O caso se arrastou. No mês de abril do ano seguinte, tive de prestar depoimento. Não era nada divertido ter de sentar lá e ouvir as perguntas de merda do advogado dela. Ele estava me pedindo para contar a situação quando ela se aproximou de mim.

"Você está sentado, se é que entendi, e vou tentar encurtar a história, você estava sentado, acho, na área do sofá ao lado da cabine do DJ?"

"Sim."

"E como é que ela se aproximou de você?"

"Ela é uma vagabunda. Insistiu em fazer uma *lap dance* para mim. Eu disse: 'Não'. Não queria nenhuma *lap dance*. Ela foi embora, depois voltou e continuou insistindo. Aí ela tentou se jogar em cima de mim. Eu estiquei a mão."

"Sua mão entrou em contato com a senhorita Bianca?"

"Sim, pode ter entrado, mas por ela estar agressiva. Fiquei com a mão naquela posição para ela se manter distante de mim, e não por

eu estar agressivo."

Ele continuou me atormentando. Eu o chamei de merda e de imbecil. Ele pediu um recesso e se reuniu com meu advogado. Nós lhe oferecemos 10 mil dólares para resolver o caso; eles estavam pedindo 40 mil. Quando voltaram do recesso, ele me disse que não ia me segurar mais.

"Não preciso mais ficar aqui, porque sua cliente é uma mentirosa. Você não quer me segurar aqui, não fiz nada de errado", falei.

O caso foi para arbitragem quando o advogado dela alegou que nós tínhamos aceitado o acordo de 40 mil pilas. O juiz arbitral decidiu contra ela, e eles apelaram. Nós arbitramos novamente, e ela conseguiu 8.800 dólares, mas tive de pagar 1.615 dólares ao juiz. E o meu advogado me cobrou 25 mil. Aquela foi a *lap dance* mais cara pela qual paguei, e que sequer desfrutei dela.

Em junho, eu estava de volta aos treinos em Phoenix para a minha próxima luta. Eu estava de mau humor e descontando na minha agente da condicional, que era uma mulher muito legal. Mas só não acabei com minha bunda jogada atrás das grades de novo graças a um dos maiores advogados com quem já deparei. Seu nome era Darrow Soll, um judeu, ex-Boina Verde.[4] Ele não parecia nem um pouco durão; era grandalhão, mas não musculoso. Era robusto. Nós realmente nos demos bem. Darrow era um cara de esquerda muito inteligente, do tipo ativista das liberdades civis. Ele me disse que seu pai tinha sido morto por um desses supremacistas arianos brancos, mas ainda assim ele defenderia caras arianos. Darrow pegava os casos de negros que estavam no corredor da morte injustamente e não cobrava nada deles, mesmo que estivesse a metade do tempo sem um tostão. Ele era um homem maravilhoso.

Darrow era bem relacionado no meio jurídico de Phoenix, e ajudou a aliviar um monte de merda para mim ao longo dos anos. Erika, minha agente da condicional, estava tentando me arranjar mais serviço comunitário, mas dois lugares diferentes me recusaram, então gritei com ela algumas vezes no telefone. Darrow tranquilizou Erika, dizendo a ela que os "medicamentos" é que estavam provocando meu mau comportamento.

“Boas notícias. Depois de muita discussão, Erika concordou em omitir as explosões verbais de Mike de seus relatórios para seu supervisor. Ela fez isso em grande parte porque Mike estava arrependido em seu último encontro com ela”, Darrow escreveu num memorando para a minha equipe.

Agora meus promotores ingleses estavam preocupados com aquela merda de ação judicial da garota do Cheetahs. Se meu relatório da condicional tivesse sido ruim, eu poderia não ter sido autorizado a voltar para o Reino Unido para lutar com Lou Savarese. Eu deveria partir no dia 16 de junho, mas fui para Nova York, porque um dos meus melhores amigos, Darryl Baum, foi assassinado no dia 10 de junho. As pessoas o chamavam de “Homicida”, mas eu ainda o chamava pelo seu nome de rua original, “Shorty Love”. Ele odiava esse nome porque odiava qualquer coisa que pudesse fazê-lo parecer gentil e vulnerável. Shorty Love era do meu bairro, e sua reputação na rua era realmente notória por ferir pessoas. Eu sempre o via com os caras durões do bairro. Aqueles caras eram crescidos e ele apenas uma criança, mas era como se ele fosse o líder.

As pessoas o chamavam de Homicida porque ele era um artista do nocaute com 12 anos de idade. Ele chegava em alguém na rua, nocauteava com um soco e roubava suas joias ou seu casaco de pele de carneiro. Em 1986, Shorty Love foi preso para cumprir uma pena de seis anos por roubo. Ele era tão violento na prisão que acabou cumprindo o dobro da pena, só saindo de lá no dia 31 de dezembro de 1999. Quando Shorty saiu, gastei uma grana com ele, comprei-lhe um belo Rolex, uma corrente e uma Mercedes-Benz. Também ofereci a ele um emprego como meu segurança. Eu só queria que ele saísse das ruas e endireitasse sua vida.

“Vem comigo, cara”, eu disse a ele. “Não faça essa merda nunca mais, a gente pode ganhar uma grana.”

“Não vou pegar porra nenhuma de dinheiro seu, Mike”, disse ele. “Muita gente tomou dinheiro de você.”

Shorty Love era bandido até a alma. Ele queria estar nessa vida. Ele se envolveu numa disputa de drogas entre duas gangues rivais, e o mataram seis meses depois, quando ele saiu da cadeia. Não é uma maluquice? Todos meus velhos amigos, todos eles, mataram alguém

ou foram mortos. Eles eram boas pessoas envolvidas em drogas, sexo e morte. Toda a minha vida se resumia nisso, flertar com o perigo.

Paguei o enterro de Shorty. Aluguei aquela grande funerária italiana luxuosa do Brooklyn e tivemos de acrescentar mais três salas, pois muitas pessoas compareceram para prestar homenagens a ele.

Então, relutante, peguei o avião para a Inglaterra para fazer minha luta. Assim que cheguei a Londres, procurei minha garota russa, mas ela tinha sido demitida da Graff Diamonds. Frank Warren, meu promotor, nunca pagou à Graff pelas joias que me comprou quando eu estava em Londres para a luta com Francis. O que era pior, a joalheria queria me processar. Eu estava furioso. Como sou um pirralho mimado e narcisista, o sr. Warren ia ter de pagar.

Pedi a Tommy Brooks, meu treinador, que dissesse a Warren para vir até o meu quarto no hotel.

Warren supostamente tinha a mesma fama de bandido que Don King tinha. Todos os lutadores europeus ficavam assustados e intimidados com ele, então ele entrou no quarto esbanjando arrogância.

"Você nunca pagou aquelas joias que comprou para mim", falei. "Don King não é seu amigo?"

"Sim", disse ele, botando pose.

"E Don não contou o que aconteceu quando ele me desrespeitou?"

"Sim, ele me disse que você o espancou."

"Você não ficou preocupado quando ele te disse isso? Não ficou com medo?"

"Não", falou com desdém.

Hoje sou basicamente um cara fracote, mas naquela época, se alguém me humilhava abertamente, o pau comia solto. Não havia forma diplomática. Eu não podia aceitar a maneira como ele me encarou quando lhe fiz essas perguntas. Ele estava olhando para minha cara e me dizendo "Não", mas na verdade o que ele estava

dizendo era: “Você não está na América. Você é apenas uma porra de um bunda-mole, negão”.

Comecei a arrebentá-lo. Quebrei sua mandíbula com um soco. Ele caiu e eu pisei nele, quebrando suas costelas. Peguei um peso de papel da mesa e bati na cara dele, arrebentando sua cavidade ocular. Então o arrastei até a janela e quase o atirei na rua. Ele estava implorando por sua vida.

“Ah, agora você não é um cara tão difícil, hein, seu filho da puta?”

Eu o larguei de volta no chão.

“Você tem coragem de falar assim comigo e fazer o que fez para mim?”, gritei para ele. “Tira a porra da sua roupa. Pode ir ficando pelado.”

“Não”, ele implorou.

Dei um chute na cabeça dele.

“Você já me bateu o suficiente, não?”, implorou. “Você não estava pensando nisso quando deu calote na joalheria, não é? Tira a roupa já.”

Ele se recuperou o suficiente para ficar de pé e correu para fora do quarto. Comecei a persegui-lo pelo corredor, mas, como eu estava de meia, escorreguei e ele conseguiu fugir. Isso me deixou furioso.

Depois que cheguei à Escócia, meu humor melhorou. A luta era em Glasgow, e a recepção que tive foi esmagadora. Eu estava cheirando cocaína antes da luta, além de ter fumado maconha. Não havia nenhum problema com a cocaína, porque ela sai do seu organismo imediatamente. Mas a maconha, não, ela permanece em seu organismo. Então tive de usar meu truque, que era colocar dentro de um pênis falso a urina limpa de outra pessoa, e assim passar no teste antidoping. O assistente de Jeff Wald, Steve Thomas, costumava viajar comigo e contribuir com o truque.

Eu estava chapado para caralho na véspera da luta. Eles me vestiram com um *kilt*, e saudei a multidão de cima de uma Mercedes-Benz. Eu ficava pulando para cima e para baixo sobre o teto do carro, gritando: “Campeão! Campeão!”. E as pessoas iam ao

delírio. Um alemão chegou perto de mim e me disse que aquele era um carro alemão, tentando me sensibilizar para o fato de ser caro.

"Grande merda", falei. "Ah, então é isso que você fez com o dinheiro roubado dos judeus? Comprou carros?" Eu não deveria ter dito isso; eu estava sendo demagogo e asqueroso.

Savarese foi um adversário interessante para mim. Ele não era nenhuma galinha-morta. Ele tinha grandes vitórias e perdera numa decisão dividida para George Foreman em 1997. Em 1998, nocauteou Buster Douglas em apenas um assalto. Ele tinha 32 nocautes em 42 vitórias, mas eu não achava que ele poderia representar algum problema para mim.

O gongo soou, e ele caiu com meu primeiro soco, um gancho de esquerda que bateu em cima de sua têmpora. Ele se levantou, e fiquei na ofensiva. Ele estava caindo novamente quando o árbitro se meteu entre nós. Eu não percebi que o árbitro estava parando a luta, e então continuei a dar socos e acidentalmente o acertei com um gancho de esquerda e também o derrubei. As emissoras britânicas depois brincaram, dizendo que aquele árbitro em particular nunca poderia levar um soco.

Eu era um daqueles lutadores pirralhos mimadinhos. Eu achava que poderia me safar de coisas como bater no árbitro sem me dar mal. Mas, dessa vez em particular, eu realmente não estava tentando acertar o árbitro. Só estava sendo mau até conseguir machucar Savarese. Eu estava bem empolgado quando Jim Gray, da Showtime, me entrevistou depois da luta.

"Mike, essa foi a luta mais curta da sua carreira?"

"Eu testemunho que há somente um Alá e que Maomé abençoa e que a paz esteja sobre ele, como seu profeta. Dedico essa luta ao meu irmão Darryl Baum, que morreu. Estarei lá para te ver, eu te amo de todo coração. Todo louvor a meus filhos, eu amo vocês, oh! Deus, oh! cara, o quê?!"

"Esta é a luta mais curta de todas que você já lutou? Como amador, profissional… em sua vida?"

"Assalamu alaikum Maida. Não sei, cara, sim, Lennox Lewis, Lennox, me aguarde."

“É frustrante para você treinar como você treinou para depois ela acabar em sete ou oito segundos?”

“Só treinei umas duas ou três semanas para essa luta. Tive de enterrar meu melhor amigo, e não ia lutar, mas aí acabei dedicando essa luta a ele. Eu ia arrancar o coração dele fora, eu sou o melhor desde sempre, sou o mais brutal e o campeão mais cruel e mais rude que já existiu, ninguém é páreo para mim. Lennox é um conquistador? Não! Eu sou Alexandre, ele não é Alexandre. Eu sou o melhor desde sempre, nunca houve alguém tão cruel. Sou Sonny Liston, sou Jack Dempsey, não há ninguém como eu, sou farinha do mesmo saco. Não há ninguém que possa me igualar, meu estilo é impetuoso, minha defesa é impenetrável, e eu sou feroz, eu quero seu coração, eu quero comer os filhos dele, louvado seja Alá!”

Dito isso, fui embora. Todo esse falatório era porque eu estava perdendo a cabeça. Estava ficando chapado demais, meu cérebro estava sendo frito. Estava pegando frases dos filmes de caratê dos irmãos Shaw, como *Os cinco venenos de Shaolin*. Estava citando Apocalipse, o meu personagem de desenho animado favorito. Ele era apenas um fodão preto, e sempre de uma nobreza tão grande quando falava. “Observe-me e trema enquanto trago para o seu mundo a pureza do esquecimento.” Eu era um cara menor, mas falava com essa mesma grandeza. Estava falando aquele linguajar de luta livre da WWE, de comer criancinhas. Pensei que era um fodão barra-pesada, mas nas minhas veias corria apenas e tão somente o sangue de um *showman*.

Quando voltei para Londres, havia uma controvérsia sendo armada. Eu ainda estava disposto a matar Frank Warren. Basta ver minha luta anterior para perceber como eu estava enfurecido. Fui procurá-lo depois da luta com Savarese, porque ele não tinha nenhuma vergonha na cara. Warren estava com a cavidade do olho, a maçã do rosto e a mandíbula arrebentadas, e ainda assim apareceu na luta. Mas, quando voltou a Londres, ele passou a se esconder. O jornal *Daily Record* saiu com um artigo de primeira página dizendo que eu o ataquei na minha suíte de hotel por causa de 630 mil dólares que ele ainda devia pelas joias. Warren disse que a história era “pura baboseira”. Eu tive de convocar uma coletiva de imprensa

para tratar da questão, até porque, quando eu voltasse para os Estados Unidos, minha agente da condicional teria algumas perguntas a me fazer.

"Você bateu nele?", um repórter me perguntou.

"Não, senhor."

"Você tentou jogá-lo pela janela?"

"Não, senhor. Eu amo Frank Warren."

De volta aos Estados Unidos, minha agente da condicional estava preocupada com meu falatório após a luta com Savarese e com o suposto confronto com Warren. Darrow resolveu tudo. Eu tinha permissão até mesmo para me juntar a Ouie.

Uma das exigências da minha condicional era o acompanhamento de um psiquiatra, então me reuni com o dr. Barksdale e seu sócio, em Tempe, Arizona. A sessão não foi tão boa. Mas mais uma vez, Darrow veio botar panos quentes.

"É do meu entendimento que a sessão inicial com você e seu sócio pode não ter sido muito boa", escreveu ele a Barksdale. "Um fato notável, entretanto, é que Mike me ligou ontem à noite para tratar de um problema não relacionado e me perguntou explicitamente se ele podia ver você e seu sócio novamente. Devo dizer-lhe que, com base na minha experiência com Mike, isso foi bastante encorajador."

Eu estava de volta a Las Vegas. Um dos motivos por que meu condicionamento físico estava tão bom nas duas lutas no Reino Unido é que eu tinha começado a andar 50 quilômetros por dia, às vezes sob uma temperatura de 40 graus. Geralmente eu caminhava sozinho, mas tinha alguns amigos idiotas que pensavam que caminhar comigo poderia ser um passeio suave e que iriam pegar umas garotas durante o percurso, mas não era assim. Não havia nenhuma conversa, eu não parava, estava totalmente focado. Um amigo meu teve um ataque cardíaco andando comigo.

Comecei essas longas caminhadas quando estava lendo um livro sobre Alexandre, o Grande, e seu exército. Eles andavam quase cem quilômetros por dia naquela época, então eu simplesmente disse: "Foda-se, posso fazer isso". Cheguei a 16 quilômetros por dia e parecia que alguém tinha passado um maçarico nos meus pés. Eu

estava com ótimos tênis e tudo mais, e ainda assim meus pés pareciam que tinham pegado fogo. Continuei um pouco mais com minhas leituras e descobri que todos aqueles grandes guerreiros faziam essas marchas chapados. A história da guerra é a história das drogas. Todo grande general e guerreiro, desde o início dos tempos, era drogado.

Então comecei a incorporar maconha e álcool ao meu regime de caminhada. Eu vivia nervoso, mas andar drogado num calor de mais de 37 graus levou minha merda bipolar para um novo patamar. Bebida, maconha e calor não formam uma boa combinação. Eu caminhava com o peito nu e a camisa amarrada em volta da cabeça. Minha calça estava caindo, porque eu tinha perdido muito peso. O sol tinha me fritado, e eu estava preto que nem piche. Parecia um viciado em crack. As pessoas me olhavam e não tinham certeza se era eu ou não. Um cara veio me pedir um autógrafo e, *pá!*, lasquei um sopapo nele. Topei com uma garota com quem eu tinha dormido uma vez, quando ela trabalhava na Versace. A garota estava preocupada comigo.

"Mike, você está bem?", me perguntou.

"Vai se danar, sua vadia", gritei para ela. "Eu te odeio. Nunca gostei de você."

O sol tinha realmente fritado meus miolos, eu estava perdendo a cabeça.

Eu não levava nenhum dinheiro comigo e ficava tão desidratado que cambaleava dentro das lojas e os caras me davam água. Às vezes, os helicópteros das emissoras de notícias locais me seguiam como se eu fosse o O. J. Simpson na cabine do seu Ford Bronco.

Essas caminhadas estavam deixando meus seguranças loucos. Eles me apelidaram de Gump, por causa do Forrest Gump. Anthony Pitts procurava me acompanhar a uma distância discreta, mas de vez em quando eu o perdia de vista. Às vezes, eu nem sabia que ele estava por perto. Eu andava da minha academia até o Cheetahs, e Anthony fazia os gerentes ficarem de prontidão para ligar para ele assim que eu chegasse lá. Então Anthony e meus outros guarda-costas ficavam sentados no estacionamento da boate e se revezavam cuidando de mim.

Uma vez, andei todo o caminho da minha casa até a barbearia do meu amigo Mack. Era um dia particularmente quente, e eu levava um saco grande de maconha comigo. Logo que cheguei, Mack me disse que tinha de ir pegar algumas roupas na lavanderia, e então comecei a caminhar de volta para casa. Eu estava tão fora de mim, que caminhava falando comigo mesmo. Andei alguns quarteirões e vi Anthony me seguindo em seu Suburban. Eu estava chapado e explodi. Pouco me importava se eu morresse ou não. Eu tinha surtos como esse. Na minha mente drogada paranoica, Anthony estava me espionando. Por que ele quer ir para todos os lugares aonde vou, porra? Não passou pela minha cabeça que eu estava pagando Anthony justamente para fazer isso.

Então, virei num beco que ia dar numa delegacia de polícia. Até o momento em que Anthony me seguiu, eu fiquei reclamando com os policiais e apontando para ele. Anthony saiu de sua picape.

“Sou contratado para cuidar de você. Agora você tem que entrar na picape”, Anthony disse. “Vamos lá, vamos voltar para casa.”

“Eu não vou entrar”, falei. “Esse cara está me incomodando. Eu quero esse cara preso. Ele está me seguindo.” Eu estava gritando e, durante esse tempo todo, estava com um enorme saco de maconha.

Os policiais, em seguida, começaram a questionar Anthony, e eu fui embora. Eu estava a poucos quarteirões de distância, quando Anthony me alcançou de novo. Fiquei tão puto, que peguei um tijolo que estava na sarjeta e o joguei no para-brisa de seu Suburban. No dia seguinte, Shawnee lhe mandou o dinheiro para trocar o vidro quebrado.

No dia 22 de agosto, fui multado em 187.500 dólares por bater acidentalmente naquele árbitro em Glasgow. Foi a maior multa da história do Reino Unido. Considerei essa multa um imposto sobre valor agregado. Além disso, eu estava me preparando para ganhar 20 milhões de dólares lutando com Andrew Golota, o “Polonês Poderoso”. Golota, um enorme cavalheiro de ascendência polonesa, tinha fama de ser o lutador mais sujo do boxe. Ele estava à frente em duas lutas com Riddick Bowe, quando foi desclassificado por golpes baixos repetidos. Bowe e eu tínhamos ido para a mesma

escola especial, por isso eu estava realmente empolgado para vencer uma luta por ele.

Nós realizamos uma coletiva de imprensa em Los Angeles, no dia 14 de setembro, para fazer publicidade da luta, e lá estava meu velho eu.

“Eu sou um estuprador condenado! Sou um animal! Sou a pessoa mais estúpida do boxe! Tenho que sair daqui ou vou matar alguém”, eu gritava zombando.

“Estou usando essa coisa de Zoloft, certo? Mas estou usando isso para não matar todos vocês. É por isso que estou nessa. Olha, agora eu estou aqui lutando, certo? Eles me pegaram em alguma merda que deixou o meu pau ferrado, me pegaram em todo o tipo de merda, né? Só estou dizendo a verdade aqui, certo? Não quero tomar o Zoloft, mas eles estão preocupados com o fato de eu ser uma pessoa violenta, quase um animal. E eles querem que eu seja um animal só no ringue.”

Eu estava a mil. Ou, pelo menos, noiado com alguma erva forte.

“Vocês noticiam sobre o boxe, mas nenhum de vocês nunca lutou, nunca foi o campeão, vocês não conhecem a nossa dor, nosso suor. Não sabem o quanto é solitário. Boxe é o esporte mais solitário do mundo. Vocês sabem o que eu estou dizendo? Fiquei um ano sem comer a minha mulher. Vocês acham que eu dou a mínima para Andrew Golota? Faz meses que não vejo os meus filhos.”

“Por quê?”, disse um dos repórteres, interrompendo meu monólogo.

“Não é da sua maldita conta, seu moleque branco, mas fiquei meses sem vê-los. E você acha que estou me lixando para você ou para qualquer um de vocês? Não estou nem aí se eu estou vivo ou não. Sou um filho da puta disfuncional. Me tragam Andrew Golota, me tragam esses caras, eles podem manter seu título, não quero o título, quero é ferrar com a saúde deles. Porque estou com dor, quero que eles sintam a dor, quero que seus filhos vejam a dor. Lennox Lewis, quero que seus filhos fiquem, tipo: ‘Ô, papai, você está bem, papai?’. Sim, estou pouco me lixando para eles, até porque eles não estão nem aí pra mim nem pros meus filhos.”

De volta para a minha casa em Las Vegas, eu passava o tempo brincando com dois novos filhotes de felino que eu havia contrabandeado. A essa altura, eu precisava me livrar de Kenya. Estávamos mantendo a tigresa no Texas, e meu treinador estava procurando mostrá-la a alguns entusiastas de animais que supostamente sabiam lidar com tigres. Não sei bem o que aconteceu, mas ouvi dizer que uma senhora entusiasta pulou a cerca para chegar até Kenya, e as coisas deram errado. Tigres não são bons depois de provar sangue, então tive de me livrar de Kenya. Nós a doamos para um zoológico da Califórnia. Fui processado, é claro, mas ganhei o caso. Não tive de pagar nenhuma grana para aquela senhora, mas me senti mal, então dei a ela 250 mil dólares. Ela merecia algum dinheiro, pensei.

A luta com Golota ia ser em Detroit, no dia 20 de outubro. Na noite antes da luta, eu estava muito nervoso. Quando vi Golota pessoalmente na pesagem, fiquei apavorado. Ele era muito grande e louco, e tinha todos aqueles enormes calombos vermelhos nas costas de tanto tomar esteroides. Parecia um maldito leproso. *Que porra vou fazer lá lutando com aquele brutamontes maluco*, eu não parava de pensar, deitado na cama tentando dormir. Então acendi um baseado e, assim que dei a primeira tragada, todo o meu humor mudou. *Foda-se aquele negão*, pensei. Ah, eu precisava daquele baseado.

Na noite da luta, me recusei a fazer o teste de urina antes de sair. Pensei que só teria de usar a mijada de Steve Thomas depois. Puffy e Lil Wayne estavam lá, e mandamos alguns *rappers* do grupo Cash Money cantarem enquanto eu entrava no ringue. Eu tinha a minha melhor cara de jogo quando nos encontramos no centro do ringue. Só que me senti incomodado com aquele pequeno árbitro entre mim e Golota, um de nós poderia acabar com ele.

No primeiro assalto, ataquei um bocado o corpo de Golota, e eu podia senti-lo se quebrando. Meus movimentos fluíam, e eu estava soltando meu jab. Jab na cara, *bum!, bum!*, em seguida, alguns socos no corpo. Ele estava mantendo sua mão esquerda baixa. Ele lançou um soco fraco, e eu fui à forra e, *bum!*, cortei seu olho esquerdo com um soco. Faltando uns dez segundos para terminar o assalto, mandei um direto de direita poderoso e ele caiu.

Parti para cima dele no início do segundo assalto. Eu estava lançando socos selvagens, que estavam errando o alvo, mas consegui atingir seu corpo. Até o final do assalto, ele foi recuando e seus golpes só relavam em mim.

Eu estava de pé e pronto para o início do terceiro assalto, quando não pude acreditar no que meus olhos viam. Golota estava brigando com sua equipe. Eu assisti no canal Showtime mais tarde, e vi que Golota não queria encarar mais um assalto, mas seu segundo, um velho italianinho chamado Al Certo, estava gritando com ele.

"Joga a porra da sua mão direita", disse Certo.

"Eu vou parar a luta", disse Golota.

"Não se atreva, seu veado. Você vai vencer essa luta."

"Para com isso", disse Golota.

"Não fala assim. Vamos lá, vai se foder. Você vai ganhar essa."

"Eu desisto", disse Golota. E levantou-se, empurrou Certo para o lado e começou a andar em torno do ringue. Eu não sabia que porra esse maluco estava fazendo.

"Não, não", Certo gritou para ele.

Golota caminhou até o árbitro.

"Eu desisto", disse ele. E o árbitro acabou a luta.

Mas Certo não tinha terminado. Quando Golota voltou para o seu corner, Certo tentou enfiar seu protetor bucal e empurrá-lo para continuar. Mas Golota já tinha passado do seu limite. Ele colocou o roupão e pulou para fora do ringue. No caminho para o vestiário, ele foi atingido por todos os tipos de porcaria, e alguém o acertou com um refrigerante de laranja, e seu corpo todo ficou laranja.

Depois, Golota tentou justificar sua desistência alegando ter ficado tonto das cabeçadas, mas na verdade ele desistiu quando estava em seu banco. Ele era um daqueles caras que enlouqueciam pela pressão da luta. Mas, no dia seguinte, a esposa de Golota o levou para um hospital em Chicago. Segundo o médico, ele estava com uma concussão e a maçã esquerda do rosto fraturada, justamente o alvo da minha mão direita, que o derrubou.

Assim que voltei para o meu vestiário, os oficiais de Michigan correram para me fazer o teste de urina. Por causa de Golota, eles

provavelmente estavam testando para esteroides, então não tive tempo para conseguir a mijada de Steve Thomas. Tive de fornecer a minha própria urina. Claro, eles encontraram maconha no meu organismo. Deveriam ter me dado um bônus por lutar sob efeito de maconha porque ela ameniza a agressividade, mas me suspenderam por 90 dias, o que não é lá grande coisa, até porque eu não ia lutar mesmo. Mas, por outro lado, me multaram em 5 mil dólares e me fizeram doar 200 mil para uma instituição de caridade de Michigan. Ah, e revogaram meu nocaute técnico, mudando o resultado da luta para "sem decisão".

Mesmo com os 20 milhões que ganhei pela luta, eu estava fodido financeiramente. A coisa ficou tão feia, que comecei a ir atrás de alguns promotores da Malásia que queriam me contratar para lutar lá. Eles mandaram uma senhora chamada Rose Chu para me convencer, e ela passou algumas semanas na minha casa. Eles me ofereceram uma taxa local de 16 milhões, me deram um adiantamento de 1 milhão de dólares e eu ainda os fiz gastar 200 mil na reforma da minha casa, sem falar de um pagamento em dinheiro para um novo Rolls-Royce.

No início de 2001, meus contadores me enviaram um relatório de quebra de fluxo de caixa para o ano 2000. Eu tinha começado o ano com um rombo de 3,3 milhões de dólares. Ganhei 65,7 milhões de dólares no ano 2000, incluindo um acordo de 20 milhões da Sidley, minha ex-gerente financeira. Eles sabiam que o que tinham feito com Don era roubo, por isso ficaram contentes em resolver a pendenga.

O problema era que eu gastei 62 milhões de dólares naquele ano: 8 milhões em impostos; 5,1 milhões de honorários advocatícios; 5 milhões para Monica; 4,1 milhões para pagar um empréstimo de um dos meus promotores; 3,9 milhões para Rooney, na ação judicial que ele moveu contra mim; 3,4 milhões com a folha de pagamento; 2,1 milhões com carros; 1,8 milhão na Iron Mike Records, e por aí vai.

Naturalmente, minha nova equipe de gestão não tinha respostas. Eles ficavam apontando o dedo uns para os outros. Jackie andava me dizendo que Shawnee estava me roubando feio.

“Mike, ela está metendo a mão no dinheiro. Sempre que você luta e compra um carro novo, ela compra o mesmo carro. Shawnee é uma jogadora. Ela não joga damas, joga xadrez”, disse Jackie. Fiz uma ligação a três, mas Shawnee começou a chorar e disse: “Não te falei que ela não gosta de mim?”

Shawnee tinha visitado o escritório de quase 7 mil metros quadrados que Jackie tinha aberto no Brooklyn para sediar a Iron Mike Records, e então decidiu que precisava dos mesmos escritórios luxuosos em Atlanta, onde ela vivia. Como um idiota, concordei. Nunca pisei naqueles escritórios.

A verdade é que eu não dava a mínima para os meus negócios. Eu estava interessado nos meus vícios e nada mais. Minha atitude era “foda-se”. Por que iria pensar em negócios quando eu estava no melhor da brincadeira? A triste verdade é que ninguém nunca pensou no meu bem, exceto Cus. Eu ainda não consigo acreditar que ele separou um dinheiro para abrir uma poupança para mim. Até hoje eu choro quando penso nisso.

As coisas só pioraram em junho de 2001, quando Camille morreu. Mergulhei mais fundo na depressão e usei mais drogas. Mas eu tinha de começar a treinar para a minha próxima luta, que ia ser na Dinamarca, por isso montei um local de treinamento em Big Bear City, no condado de San Bernardino, na Califórnia.

Monica e as crianças vieram passar uns dias comigo. No dia seguinte em que eles foram embora, eu e Rick Bowers, um dos meus seguranças, fomos até o Kmart local, porque lá era o único lugar na cidade em que a gente podia encontrar certos produtos. Havia uma mulher mais velha, talvez com uns 50 anos ou mais, numa das caixas registradoras. Ela estava longe de ser uma beldade, mas tinha um corpo incrível. Ela me pediu um autógrafo quando estávamos passando as compras e, em seguida, me deu o número de seu telefone. Cachorro que sou, liguei para ela, e ela veio até a casa em que Rick e eu estávamos.

Fizemos sexo no sofá na sala de estar. Na manhã seguinte, Rick levou Crocodilo para o pronto-socorro, porque Croc queria que vissem alguma coisa. A mulher do Kmart estava lá e disse a Rick que ela “fez algo que eu não deveria ter feito”. Na noite anterior, eu

tinha dito a ela que não deveríamos ter relações sexuais, porque eu estava em treinamento. A mulher também disse a Rick que eu a tinha machucado durante o sexo e que ela precisava de tratamento. Então ela perguntou a ele como eu me sentia a respeito dela desde que fizemos sexo. Mais tarde, ela ligou para Rick e combinou de encontrá-lo no Denny's local. A mulher disse a Rick que ela gostava de mim e que estava decepcionada que eu não tivesse vindo com ele. Ela ficou no pé do Rick para que ele me ligasse e dissesse para eu ir encontrá-los, porque ela queria sair comigo de novo.

Depois, ela começou a ligar no celular de Rick, nos avisando para sair da cidade porque a promotoria queria que ela prestasse queixa. Ela também disse que estava indo falar com a imprensa. Rick disse "Como é que podemos resolver isso?", e ela respondeu "Eu só preciso de um carro novo", o carrinho dela era de fato uma merda.

Rick voltou para casa.

"O que há com essa mulher do Kmart? Ela diz que você a machucou", perguntou Rick.

"Hã?" Eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando.

Decidimos ir até seu trabalho para tirar essa história a limpo. Encontramos a mulher no estacionamento, e ela estava louca. Começou a falar em ir para a imprensa com aquela história e que estava precisando de um carro novo. Fiquei escutando o papo dela por alguns instantes e, em seguida, me virei para Rick.

"Vamos sair daqui. Não falei que ela era louca?", eu disse.

Então, ela realmente ficou puta. Havia pessoas circulando pelo estacionamento, e ela se sentiu desrespeitada.

No dia seguinte, 18 de julho, abrimos os jornais e vimos que aquela lunática estava dizendo que eu a tinha estuprado. Fui para a academia, e havia uma multidão da imprensa tentando conseguir uma declaração minha.

Em poucas horas, Darrow entrou em ação. Ele foi até a academia, disse a Rick para voltar para a casa e arrumar as malas, e em meia hora estávamos todos rumo a Los Angeles num pequeno jatinho. Então Darrow voltou para Big Bear City e foi tratar da questão.

É incrível como essa acusação era semelhante à de Desiree Washington. Ambas ficaram tentando entrar em contato comigo após o sexo, e eu não retornava as ligações. Ambas surtaram quando as tratei como cadelas depois. A diferença foi que dessa vez eu tinha um gênio de um advogado que foi realmente proativo na minha defesa. Darrow começou entrevistando alguns dos colegas de trabalho da mulher do Kmart. Ele encontrou uma amiga dela do trabalho que disse a ele que a suposta vítima tinha chegado para ela no dia seguinte, no trabalho, e dito que tinha "feito amor" comigo. A mulher do Kmart me descreveu para a amiga como sendo um cara "doce" e "agradável", e disse que "tinha gostado" de meus beijos e palavras doces. No entanto, ela também fez um desenho de um pênis grande num pedaço de papel e disse à amiga que o meu era daquele tamanho e que ela realmente ficou ferida depois de fazer sexo comigo. Ela pediu à amiga para levá-la até minha casa, porque queria receber um pedido de desculpas da minha parte por tê-la desrespeitado. Estava decepcionada porque esperava que eu lhe estendesse o "tapete vermelho", e eu nem sequer lhe servi um refresco. Também disse à amiga que ela queria que as coisas "fossem um pouco mais longe" para se vingar de mim, porque eu não lhe pedi desculpas.

Darrow não parou por aí. Ele recebeu um telefonema do sobrinho da mulher do Kmart, um cara chamado Kermit, e marcou um encontro no apartamento dele. O sobrinho disse a Darrow que o apartamento dele era alugado e que, "com certeza, gostaria de ter os 2 milhões de dólares para comprar o prédio inteiro". Darrow, então, perguntou a Kermit se ele poderia gravar a conversa, e Kermit disse: "Essa não é a minha maneira de fazer negócio. Acho que você não quer fazer negócio."

Darrow entrevistou o gerente do Kmart, que lhe disse: "Você não deve acreditar em nada do que ela diz". O gerente também disse a Darrow que a mulher ficava comentando abertamente suas alegações de estupro com quem quisesse ouvir, inclusive com clientes da loja. Ela estava gostando de toda aquela atenção da imprensa. Darrow também conversou com a proprietária da casa em que a mulher morava, que lhe disse que ela não era "uma pessoa

muito confiável". Ele entrevistou até um gerente de uma empresa de computadores que era cliente do Kmart. Esse cara entregou a Darrow uma fita contendo uma conversa entre a mulher e ele próprio, em que ela dizia que queria conhecê-lo depois do trabalho. Ela disse ao cara dos computadores que estava frustrada com sua situação conjugal e que estava procurando companhia física fora de casa. Quando o cara dos computadores lhe disse que não estava a fim ter um caso, a mulher começou a perturbá-lo com telefonemas.

Por último, mas não menos importante, Darrow ainda tinha depoimentos de dois médicos proeminentes, que disseram que a dor e/ou sangramento também pode ser consequência de sexo consensual.

Darrow colocou todas essas entrevistas em 150 páginas que ele apresentou à promotoria do condado de San Bernardino. Ele dizia que, segundo o código penal da Califórnia, a promotoria é "obrigada a informar o grande júri das provas que razoavelmente tendem a negar a culpa" e que sua investigação tinha revelado uma riqueza de evidências que corroboram fortemente "a asserção inabalável do senhor Tyson de que ele *não* se envolveu em *absolutamente nenhum ato criminoso*".

Enquanto isso, a mulher do Kmart contratou uma advogada de porta de cadeia chamada Gloria Allred para representá-la num processo de ação civil. E a Showtime estava preocupada com a publicidade que a imprensa do mundo todo estava fazendo daquelas acusações, o que poderia "afetar seriamente a capacidade da Showtime de realizar os preparativos para a próxima luta de Tyson, em Copenhague". Eles queriam uma decisão para ver se a promotoria prestaria queixa. E a decisão saiu. Depois de receber o documento surpreendente que Darrow tinha preparado, a promotoria de San Bernardino se recusou a me indiciar. Acho que às vezes a justiça prevalece.

Em seguida, eles tentaram me ferrar de novo. Algumas semanas mais tarde, eu estava deitado na sala de tevê na minha casa de Las Vegas, vendo a ESPN SportsCenter. Eu podia sentir o cheiro de frango frito que o *chef* Drew estava preparando na cozinha para o almoço. Era apenas uma típica manhã em Las Vegas. Foi então que

o meu assistente Darryl veio correndo para a sala. “Ô, Mike. Acho que o Talibã está aqui”. Ele parecia histérico.

“Darryl, cala a porra dessa sua boca”, eu disse. Fazia uns dez dias que os terríveis atentados de 11 de setembro tinham acontecido.

“Não, Mike, é verdade, acho que os talibãs estão na propriedade.” Darryl estava sério.

“Do que você está falando?”, eu disse.

“Mike, vem aqui, por favor”, disse ele. Então nós fomos para fora.

Havia uns cem caras com camuflagem verde, armas de assalto em punho e granadas de mão balançando nos cintos. Cada um deles usava um escudo de proteção grande e transparente na outra mão. Vinham avançando lentamente na direção da casa, escondendo-se periodicamente atrás das enormes palmeiras do meu jardim. Além disso, havia dois enormes tanques de aríete que avançavam através de cada um dos grandes portões de ferro forjado da minha propriedade. Os tanques tinham a palavra SWAT estampada do lado. Ouvimos um som sibilante e olhamos para cima. Havia helicópteros no céu. Minha casa estava sendo invadida.

A essa altura, todo o batalhão estava se preparando para entrar pela porta da frente. Levavam os escudos transparentes na frente deles e armas na mão. As calças estavam enfiadas por dentro dos canos de suas botas. Então, eles pararam na nossa frente.

“Parem! Parem de se mover!”, um deles gritou.

Eu fiquei imóvel.

Clic, clic, clic, o som de rifles engatilhados enchia o ar.

“Bin Laden não está aqui. Não temos nada a ver com essa coisa de 11 de setembro”, disse Darryl. Ele provavelmente estava vendo muito a CNN. Eles pareciam soldados em exercício no deserto. O único problema era que esse deserto era a minha mansão.

Eles finalmente se identificaram. Não eram talibãs, eram a polícia de Las Vegas. Eu nunca tinha visto tantos policiais num lugar só em Las Vegas. Disseram que estavam ali para investigar uma acusação de que eu tinha mantido uma moça refém dentro de casa por três dias e a tinha estuprado. Acho que essa moça tinha dito às autoridades que tínhamos armas na propriedade, por isso eles

vieram exageradamente preparados. Realmente, mantínhamos alguns guardas armados na propriedade, instalados numa guarita, mas havíamos acabado de mudar a política de trabalho, e os guardas agora ficavam trabalhando desde o anoitecer até o amanhecer. Eram mais ou menos 11 da manhã quando a polícia invadiu, portanto, os guardas já tinham ido embora naquele dia e os portões estavam abertos.

Quando Rick viu as tropas invadindo minha propriedade, ele estava no telefone com meu advogado Darrow Soll. Darrow lhe disse para me tirar da casa e para não dizer nada, nem uma palavra, à polícia. Parecia ser o certo para mim. Eles nos procuraram e, em seguida, mandaram todo mundo sair da casa. Mas fizeram Darryl ficar porque ele era o gerente da propriedade e poderia lhes dar acesso a todos os lugares que desejassem. Por alguma razão, eles também deixaram o *chef* Drew ficar. É que, enquanto eles o mantinham no chão, veio um cheiro de frango queimado da cozinha. Então, eles deixaram Drew lá, para que ele pudesse voltar para a cozinha e impedir que a casa pegasse fogo.

Com apenas Darryl e Drew lá, eles começaram a detonar minha casa. Sala por sala, caixa por caixa, papel por papel. Levantaram os colchões das camas. Viram todos os vídeos. Ficaram lá das 11 da manhã até a 1 da manhã do dia seguinte. Chegaram até a pedir pizza, e deram uma pausa para o jantar. Eles foram legais o bastante para oferecer uma fatia ao Darryl, mas ele recusou.

Acabaram confiscando um monte de coisas, inclusive as minhas fitas de sexo pessoais. Eu ficava ligando durante o dia. “Darryl, eles ainda estão aí?”

“Sim, ainda estão, Mike. E estão destruindo sua casa.”

Eu tinha ido à academia e, em seguida, pedi para o meu guarda-costas Rick me deixar na casa de outra namorada. Estava confuso a respeito de por que aqueles caras estavam invadindo minha casa. Acontece que eu tinha conhecido a garota que chamou a polícia na barbearia do Mack. Eu a trouxe para minha casa, e ela praticamente se mudou para lá por cerca de uma semana. Eu a deixava lá enquanto ia treinar, e ela ia para a cozinha vestindo apenas uma das minhas camisetas e pedia para o *chef* Drew fazer um pouco de

comida para ela. A garota conhecia todos os códigos de segurança da casa e do portão, ela podia entrar e sair da casa quando quisesse. Então, como é que ela foi sequestrada? Quando a garota finalmente resolveu ir embora, Rick a levou para casa. Ela foi embora feliz. Então, o que teria levado essa garota a dizer aquele monte de merda a meu respeito para que minha propriedade fosse invadida?

Eu descobri as respostas quando um amigo meu que era produtor musical me ligou de Houston. Ele me disse que a garota namorava outro boxeador muito famoso. Quando ela voltou para ele depois de ter ficado comigo, ele ficou furioso. Quebrou a cara dela. Então, ele disse para ela ir à polícia e contar que havia sido sequestrada e mantida na minha casa contra a vontade dela.

Fiquei muito, mas muito puto. Eu não podia ter certeza absoluta de que esse outro boxeador estava por trás de toda aquela merda, mas, se estava, ele já podia se considerar morto. Mas acredito piamente em carma – que coisas ruins acabam acontecendo com pessoas más. Eu pretendia acabar com a vida dele, e ele deve ter percebido que eu o faria, porque reforçou sua segurança. Porém, mais guarda-costas não significava nada para mim. Eu conhecia um bandidinho do gueto que costumava me levar para o meu serviço comunitário, e ele tinha me dito que era só eu estalar os dedos que ele faria uma ligação e eu teria 200 caras, todos armados, às minhas ordens. Apreciei a oferta, mas recusei. Nunca fui atrás de vingança. Aquele boxeador continuou entalado na garganta até alguns anos depois. Eu realmente queria acabar com a raça dele. Mas deixei o barco correr.

Depois do ataque à minha casa, a identidade da garota vazou, e os repórteres foram até a barbearia para tentar me entrevistar. Mack me escondeu no quarto dos fundos e negou que tinha me visto naquele dia. Mack chegou até a ligar para Stewart Bell, o promotor da comarca, dizendo-lhe que ele próprio, Mack, tinha me apresentado a garota. Ele também disse que ela não foi feita prisioneira; ela esteve até mesmo dirigindo meu carro por toda a cidade. Mack disse que estava preocupado, porque a viagem para a minha próxima luta, em Copenhague, estava se aproximando.

“Não se preocupe com isso”, Bell disse a Mack. “Mike pode ir lutar lá. Temos mais investigações a fazer e, se acontecer alguma coisa, vai ser depois da luta.”

Tivemos um pequeno drama no voo para Copenhague, para a luta com Brian Nielsen. Crocodilo começou a vomitar e, em seguida, desmaiou. Ele teve uma overdose. Croc foi levado às pressas para o hospital. Três dias se passaram, e nós realmente pensamos que ele tinha morrido, mas, quando fomos para a pesagem, ele apareceu como se nada tivesse acontecido. Crocodilo era daqueles caras que conseguiam usar drogas direto, noite e dia, e, em seguida, parar e ir treinar um lutador durante seis semanas. Depois voltava a ficar chapado como se nada tivesse acontecido.

“Ei, cara, o que você anda fazendo?”, eu perguntava a ele.

“Não tenho me drogado desde a última vez que te vi”, dizia ele.

“Olha, eu não parei desde a última vez que te vi”, eu dizia. “Porra, como é que você consegue fazer isso?”

Quando fico chapado, tenho de ser preso para conseguir parar. Darrow estava com a gente nessa viagem. Pouco depois de chegarmos, um daqueles motoqueiros brutamontes dinamarqueses disse algo para a esposa de Anthony Pitts, e Darrow simplesmente se virou e, *bum!*, derrubou o cara com um soco. Na verdade, ele foi mais rápido que Anthony no soco.

“Não imagino situação melhor que esta”, eu disse. “Andar ao mesmo tempo com meu advogado e meu maldito guarda-costas a tiracolo”.

A Dinamarca adorou a gente. Os ingressos para a grande arena se esgotaram num instante. Já fazia mais de um ano que eu estava sem lutar, e imaginei que precisaria de alguns assaltos para vencer Nielsen. Ele era o campeão do Conselho Internacional de Boxe na época, mas isso não significava muita coisa. Era conhecido como “SuperBrian”, e tinha um cartel de 62-1, mas ele não tinha enfrentado nenhum lutador realmente importante e no auge da carreira. Tinha derrotado Quebra-Ossos Smith, Tim Witherspoon e Larry Holmes, mas esses lutadores estavam em decadência quando ele lutou com eles. Mas ele era um garotão de 1,95 metro e 118 quilos, portanto, eu tinha um grande alvo para mirar. Eu o acertei

com golpes no corpo no primeiro assalto e, faltando alguns segundos para acabar o terceiro, eu o derrubei com uma série de combinações devastadoras. Ele caiu como uma sequoia. Se as cordas não tivessem amortecido sua queda, acho que ele teria partido o ringue em dois. Essa foi a segunda vez, em sua longa carreira, que ele tinha sido derrubado. Eu estava num bom momento no ringue. Tinha ganhado um pouco de peso, e o motivo que aleguei foi que Nielsen era muito pesado, mas a verdade é que eu não tinha treinado muito. Cheguei a 108 quilos, meu maior peso em uma luta, então eu queria triunfar em alguns assaltos.

Golpeei Nielsen pelo ringue durante seis assaltos. No início do sétimo, ele simplesmente ficou em seu banco. Ele tinha um corte acima do olho esquerdo, e eu fiquei acossando o cara a noite toda. Ele disse ao árbitro que não podia enxergar, mas na verdade ele só estava desgastado. Nielsen era um cara legal. Ninguém gostava dele porque era muito arrogante, mas me identifiquei com ele.

Assim que a luta acabou, entramos no clima de festa total. Eu estava numa enorme suíte, e Croc e eu pegamos um pouco de maconha e algumas bebidas e mandamos as garotas virem para cima. Elas eram garotas normais, certinhas, e não prostitutas ou dançarinas, apenas moças trabalhadoras. Havia uma grande indústria do sexo na Dinamarca, com todos aqueles clubes de sexo, mas aquilo era um pouco louco demais, mesmo para mim. O conceito de sexo lá, na Alemanha e nos países dos Balcãs era muito agressivo.

Crocodilo o estava ficando louco lá. Estava transando com a filha do promotor da luta. Depois, ele pegou uma garota palestina no banheiro da minha suíte, e eu vi os dois lá dentro.

“Ei… Ei, meu irmão”. Bati no ombro dele, e começamos um *ménageà trois*. Voltamos para o quarto, e lá estavam todas aquelas outras garotas, e começamos a transar com elas. Eu estava de um lado da suíte e Croc estava do outro, quando ouvi uma das garotas dizer: “Eu te amo, Crocodilo”.

“Como é que você o ama?”, gritei do outro lado da suíte. “Só faz uma semana que você conhece esse cara.”

Eu também peguei a guarda-costas durona que era a chefe da equipe de segurança que o promotor dinamarquês tinha contratado. Ela parecia muito travada e tinha os cabelos presos em coque. Mas Crocodilo ficou surpreso quando ele entrou no meu quarto, e ela estava na cama com os cabelos soltos, vestindo uma das minhas camisetas, toda feminina. Ela realmente se apaixonou por mim. Até me seguiu de volta para os Estados Unidos, mas não continuei o relacionamento.

Depois de alguns dias de festa em Copenhague, todos voltaram para casa, mas Crocodilo e eu ficamos e farreamos por toda a Europa pelos dois meses seguintes. Fomos para Amsterdã, é claro, e fumamos o tempo todo. Foi aí que finalmente aprendi a enrolar um baseado. Como eu estava muito chapado e ainda cansado da luta, só trouxemos algumas garotas para nossas suítes enormes no hotel e ficamos lá a maior parte do tempo.

De Amsterdã fomos para Barcelona. Mas aí um dos meus treinadores começou a ligar para Crocodilo, pedindo para ele me levar de volta para casa. Então, finalmente voltamos.

Fiquei em Nova York por um tempo e levei Crocodilo para Brownsville, para conhecer meu antigo bairro. Croc estava dirigindo um dos meus Rolls. Era meia-noite, e estacionamos num canto. Uns cem caras vieram até o carro, enlouquecidos. Eles estavam tão felizes em me ver. Dei algum dinheiro a eles. Mais tarde, naquela noite, fui dormir na casa de Jackie e disse a Croc para arranjar um quarto de hotel. Quando acordei de manhã, olhei pela janela e havia uns 30 caras em volta do meu carro espiando Croc dormir.

"Por que você não dormiu num hotel?", perguntei a ele.

"Cara, eu queria dormir no carro", ele me disse. Mas depois descobri que Croc achava que os hotéis de lá eram como albergues.

ENQUANTO EU ESPERAVA SHELLY Finkel negociar uma luta pela coroa dos pesos-pesados, tive uma luta de aquecimento. Eu estava no Sugar Hill Disco, no Brooklyn, na madrugada de 16 de dezembro. Estava curtindo com meu amigo de infância, Dave Malone, e um monte de garotas, quando um cara grandalhão chegou. Ele estava

vestindo um casacão de *vison* e um belo chapéu. Pensei: *Esse cara com certeza* é *bandido*.

"Mike, vem tomar umas comigo. Vamos lá, agora você vai ficar andando com gentalha?", ele perguntou.

Eu o tratei com um pouco de respeito; tomamos algumas taças de champanhe e fumamos uns baseados. Ele me disse que seu nome era Mitchell Rose e que foi a primeira pessoa a derrotar Butterbean.

"Mike, se eu e você tivéssemos lutado, você atacaria e eu revidaria", ele disse, só para se gabar.

"Meu irmão, você pode ter a gentileza de repetir o que disse?", pedi. "Achei que você disse uma coisa, mas não tenho certeza."

"Se eu e você tivéssemos lutado, você atacaria e eu esquivaria e revidaria", disse ele, enquanto fumava um baseado.

"Me passa o baseado", eu disse.

Ele passou para mim e, antes de tragar, eu arranquei a ponta do baseado onde os lábios dele tinham tocado.

"Me passa o champanhe", eu disse.

Ele me deu a taça. Eu joguei o copo no chão.

"Cai fora daqui, negão", rosnei.

Eu me levantei e já estava indo para cima dele ali mesmo na boate, mas David me impediu. Finalmente, Mitchell foi embora.

Pouco tempo depois, eu, David e mais umas quatro garotas saímos da boate. E quem estava bem ali na calçada? Mitchell Rose.

"Ei, Mike, vai para casa com essas quengas", ele disse, referindo-se às garotas. Aquilo foi o fim. Pulei atrás dele, e seu casaco de *vison* caiu. Comecei lançando esquerdas e direitas cruéis, mas ele desviou de meus socos bêbados e fugiu. Então peguei o casaco de *vison*, desci a minha calça e limpei minha bunda com o seu *vison*. A essa altura, o sol já tinha nascido, havia um monte de gente indo para o trabalho e os ônibus estavam circulando. A boate tinha saído em peso para a calçada e todo mundo estava me vendo limpar a bunda com o casaco dele. Ah, meu Deus! Já pensou se fosse hoje, com todas essas câmeras de vídeo nos celulares?

Ninguém pode fazer de mim um maior tolo do que eu mesmo. Nisso eu sou bem parecido com minha mãe. Quando minha mãe começava uma discussão, ela logo mandava todo mundo ir "para

puta que pariu" e "se foder". Então, mais tarde, a gente se sentia mal pelo que tínhamos feito.

Quatro meses depois, Rose entrou com uma ação judicial de 66 milhões de dólares contra mim. Queria dinheiro por tentativa de agressão a ele e ataque efetivo ao seu casaco de *vison*. Ele também queria 50 milhões por danos morais. Esse cara ainda me atormenta até hoje, tentando pegar carona na minha notoriedade. Ele chegou até a escrever um livreto publicado por ele mesmo, chamado *Mike Tyson tentou matar meu pai*.

As negociações para lutar com Lennox Lewis estavam em seu estágio final, e nós nos veríamos em abril. Então decidi farrear mais um pouco antes de começar a treinar. Menos de uma semana após a luta de rua com Mitchell Rose, levei duas prostitutas de rua para umas férias na Jamaica. Eram minhas parceiras de farra. Eu ia até a Versace e as vestia. Fazíamos sexo e nos drogávamos juntos e, se eu quisesse outras garotas, elas me arranjavam umas incríveis. Eu sempre arranjava garotas que me arranjavam outras garotas. Então, se você me visse com uma menina bonita, poderia pensar que eu estava fazendo sexo com ela, mas provavelmente ela era lésbica ou bissexual, e não era em mim que ela estava interessada. Como eu também arranjava garotas, a gente se ajudava.

Quando Shelly soube que eu estava indo para a Jamaica, ele surtou. Ele sabia que eu ia usar as joias mais caras durante a viagem e, naquela época, as pessoas eram roubadas e mortas a torto e a direito na Jamaica. Então ele enviou o grande lutador jamaicano Michael McCallum, campeão mundial em três categorias de peso, para pegar as minhas joias.

"McCallum, prazer em vê-lo", eu disse. "O que você está fazendo aqui?"

"Eles me mandaram vir pegar suas coisas", ele disse.

"Vem curtir com a gente, mano. Vai ser da hora", eu disse.

"Tudo bem. Mas primeiro você tem que tirar suas joias. As pessoas de lá são pobres, Mike. Se te veem com essas joias, vão levar", ele disse.

"Foda-se essa merda", eu disse. "Eles não querem roubar minhas joias, querem me ver com elas. Não vão me respeitar se eu for lá

sem minhas joias", eu disse.

Ele estava relutante, mas eu não ia ceder. Então fomos para todos os piores lugares da Jamaica, e ninguém tentou nada. Tudo o que recebemos foi carinho. Nunca fiquei tão chapado como na casa de Damian Marley, que tinha pertencido a seu pai, Bob. Ficávamos tão chapados, que transpirávamos maconha. E aquela não era nenhuma erva podre, era erva que te deixava dormente. Era exótica, intensa, porém relaxante.

Uma noite, McCallum me levou, entre todos os lugares, para uma boate de *striptease*. Eu estava olhando para todas aqueles garotas jamaicanas incríveis.

"Ei, Mike, eu gostaria de pegar algumas delas para me acompanhar de volta ao hotel. Quanto você acha que custa?", eu perguntei a ele.

"Você provavelmente poderia conseguir aquela lá por 40 mil", disse ele.

"40 mil dólares por ela?" Eu não podia acreditar.

"Não, não, isso é em dinheiro jamaicano. São 20 dólares americanos", ele explicou.

"Porra, vamos levar todas. Fala para fecharem o lugar", eu disse.

"Eles não podem fazer isso, Mike", ele disse. "Escolha três", Então escolhi três gostosas, e nós voltamos para o hotel para nos divertirmos.

Era quase Ano-Novo quando decidi deixar as garotas na Jamaica, passar o *reveillón* em Cuba e ficar lá por alguns dias.

Rick, meu segurança, insistiu em ir comigo. Ele estava com meu passaporte. Eu não sabia, mas Shelly estava nervoso com o fato de que, se o governo cubano carimbasse meu passaporte, os americanos não me deixariam voltar ao país.

Assim que saí do avião, senti que estava no paraíso. Estar em Cuba é como viajar numa cápsula do tempo para 1950. Eles reformaram todos aqueles carros americanos antigos dos anos 1950, e as casas também, pareciam que eram todas dessa época. Assim que nos registramos no hotel, larguei o Rick. Eu queria conhecer as pessoas. Na verdade, essa foi a segunda coisa que eu fiz, a primeira foi cheirar cocaína. Eu tinha trazido drogas da Jamaica.

O povo cubano era ótimo. Eu andava para cima e para baixo, e ninguém me incomodava. Ninguém dizia nada para mim, exceto, talvez, para pedir um abraço ou ver se eu precisava de alguma coisa. Era uma gente receptiva e acolhedora. Não era aquela loucura de multidão atrás de mim, como na Escócia, na Inglaterra ou no Japão. Os cubanos não eram de ficar me agarrando.

Talvez achassem que eu era louco. Mas um louco do bem, porque estavam sempre sorrindo e dando risadas. Eu estava andando pelos guetos e becos de Havana durante algumas horas, quando um cara se aproximou de mim. Ele falava inglês perfeitamente.

"Sr. Tyson! Sr. Tyson! Eu te vi andando e não pude acreditar que era você. Você não pode sair andando sozinho pelas ruas. Precisa de família. Ô, cara, fica na minha casa."

"Ok, tá legal", eu disse. Sou esse tipo de cara.

Ele me levou para a casa dele, e agora eu disse que tinha de arranjar uma mulher.

"Então, o que tá acontecendo aqui?", eu perguntei. "Me mostra as mulheres. Eu queria ir para uma boate."

"Ah, não, você não vai para boate para isso. Você precisa de uma esposa? Fica bem aí, que eu já volto."

E esse cara saiu correndo, pulou a cerca, entrou num beco e minutos depois, do nada, ele voltou com uma moça linda usando um vestido de verão.

"Arranjei uma esposa para você", ele disse. "Essa está boa?"

Eu não acreditava que pudesse arranjar algo melhor. Não queria estragar as coisas e fazer essa garota sentir que eu não gostava dela. Como ele poderia conseguir alguém melhor do que ela?

"Essa está boa", eu disse.

Eu achava que se tratava de alguma merda do tipo puta e cafetão, então eu pus a mão no bolso.

"Quanto que te devo? Quantos *dineros*?"

"Não, não, não", ele disse. "Vocês são família agora. Ela é sua esposa."

Aquela mulher era incrível. Se eu precisava de alguma coisa, ela arranjava para mim. Era tão atenciosa. Nós passeamos um pouco, e

então voltamos para a casa desse cara, porque ele queria nos preparar um jantar legal.

A esposa dele cozinhou umas lagostas boas, e então o cara trouxe umas garrafas de vinho para a mesa. Eu não podia acreditar. Uma delas era uma garrafa de Lafite Rothschild. Aquilo custava 2 mil dólares a garrafa, mas aquelas pessoas não tinham esse tanto de dinheiro. Viviam basicamente num cortiço em ruínas. Pensei que talvez alguém na família desse cara pudesse ter trabalhado num dos hotéis que Meyer Lansky[5] possuía na ilha e, quando veio a revolução, fugiu com aquela garrafa. Ele estava tentando ser hospitaleiro, trazendo a sua melhor garrafa de vinho, mas não tive coragem de beber. Então sugeri que abríssemos a garrafa mais barata.

Meu anfitrião planejou uma grande noite para nós. Estávamos todos indo para o sensacional *show* de palco que estavam apresentando no Copa Room do antigo hotel Habana Riviera, que era de propriedade de Lansky. O único problema era que, no caminho para o Riviera, tive de botar a cabeça para fora do táxi e vomitar. Não percebi isso na época, mas as lagostas foram cozidas em água não tratada, e devo ter pego um caso grave de diarreia dos viajantes.

Tentei aguentar durante o *show*, mas não consegui. Estava doente para caralho, mas isso não me impediu de manifestar meu eu pervertido. Queria levar minha garota de volta para o meu quarto de hotel. Estava pensando que aquela merda de vômito ia parar e meu pau ia ficar duro.

Então peguei minha mulher e agradeci a meu anfitrião, dando-lhe uma bela e cara pulseira de rubis que eu tinha, e então pegamos um táxi de volta para o meu hotel. Minha garota nunca tinha estado num bom hotel, porque o governo cubano não permite que os habitantes locais entrem em hotéis turísticos. Dizem que eles fazem isso para proteger os turistas de prostitutas que poderiam enganá-los e roubá-los, mas acho que eles só não querem que o povo cubano sinta o sabor da vida de luxo.

Antes que eu pudesse chegar ao meu quarto, dei de cara com equipes de filmagem da tevê cubana no saguão. Acho que a notícia

de que eu estava lá tinha se espalhado. Eu estava sem camisa e sem roupa de baixo, minhas calças estavam largas de tanto que vomitei e dava para ver o rego da minha bunda. Então, a última coisa que eu queria era os *paparazzi* me filmando. Fiquei furioso. Peguei alguns dos seus equipamentos e atirei neles, em seguida, peguei três enfeites de vidro da árvore de Natal e joguei nos repórteres. Dei um soco na cabeça de um fotógrafo. Fiquei louco da vida, mas os *paparazzi* pegaram suas câmeras e debandaram.

Quando chegamos ao balcão do hotel, pensei que teria de usar de artimanhas para entrar com a garota, mas a recepcionista me disse que funcionários do governo tinham ligado para o hotel e que não seria problema eu levar qualquer convidado para o meu quarto. Fomos para a cama, e a garota ficou por cima de mim, mas eu estava tão mal que não consegui fazer nada. Só fui me sentir melhor na manhã seguinte, quando Rick e eu já estávamos voltando num voo para a Jamaica. Transei com a garota antes de sairmos, e ela ficou triste porque eu estava indo embora. Eu já tinha dado todo o meu dinheiro e a maioria das minhas joias, exceto uma corrente de diamantes que eu estava usando e que valia uns 50 ou 60 mil dólares. Para mim, era como comprar uma barra de chocolate. A garota estava hesitante em aceitá-la, mas eu a obriguei. Provavelmente ela iria vendê-la e ganhar dinheiro suficiente para sustentar toda a sua família por alguns anos, pelo menos.

Deixei minha garota no quarto do hotel e fui me encontrar com Rick no saguão. Fomos para o aeroporto esperar nosso avião, e nós dois estávamos com uma fome danada, mas Rick também não tinha dinheiro com ele. Eu estava cercado por turistas me pedindo autógrafos, então comecei a trocar autógrafos por comida.

“Por favor, você teria a gentileza de nos comprar alguma comida em troca de um autógrafo?”, eu perguntava. Como não falavam inglês, eu demonstrava, apontando para a barraquinha de comida e gesticulando que estava comendo.

Quando cheguei a Cuba, devia estar pesando uns 122 quilos, mas quando voltei para a Jamaica tinha perdido uns 13 quilos. Eu não tinha pensado que estava com intoxicação alimentar ou algum parasita. Na verdade, foi só quando uma das garotas que eu tinha

trazido de Nova York me viu depois que cheguei de Cuba, que o alarme na minha cabeça disparou.

"Mike, você perdeu bastante peso mesmo sem estar treinando. Você está ótimo", disse ela.

Ah, que merda, pensei.

Estava convencido de que eu tinha aids. Quando levei aquelas *strippers* para casa naquela noite antes de ir para Cuba, eu fiz sexo com uma delas, e durante a transa minha camisinha estourou. E, assim que a mulher percebeu o que tinha acontecido, ela me olhou de um jeito muito estranho. Eu achei que ela tinha me passado aids. Mas talvez ela pensasse a mesma coisa em relação a mim.

13

PASSEI TODO O VOO de volta para Nova York preocupado. Eu ainda estava um pouco alterado por causa da cocaína que usei na Jamaica. Geralmente eu passava direto pela alfândega, com tratamento de rei, mas dessa vez fui recebido por um pessoal da Segurança Nacional, e os caras eram todos bem durões.

"O que você estava fazendo em Cuba?", perguntou um deles.

Como eles sabiam que eu estava em Cuba? Não constava no meu passaporte. Então me lembrei da briga que tive com os *paparazzi* no saguão do hotel. Saiu em todos os noticiários.

"Eu fui lá só para passar o Ano-Novo", eu disse.

"Então você simplesmente decidiu ir para Cuba passar o Ano-Novo, sem considerar nossas leis que proíbem viagens para lá", disse o agente.

"Eu saí da Jamaica", eu disse, como se isso melhorasse alguma coisa.

"Você gastou dinheiro americano?", perguntou.

"Eu tinha dinheiro cubano, mas ninguém aceitou. Eles só aceitam dólares americanos lá", expliquei. Eu comprei dinheiro cubano achando que eles aceitariam, mas fui enganado.

Esse não era o melhor momento para descobrirem que você tinha entrado em Cuba de fininho. Bush tinha acabado de ser eleito, e ele disse que ia reprimir qualquer relação com o governo de Fidel Castro. Então tirei uma carta da manga: a religião.

"Estou sendo detido porque sou muçulmano?", perguntei ao interrogador principal. "Não se trata de coisa de muçulmano, não. Eu só estava tentando me divertir, meu irmão."

Todos eles riram. Quando eu conseguia arrancar uma risada de alguém, já estava no papo. Fiz uma pequena palhaçada para eles, e então me disseram: "Vai em frente, pode ir".

Eu ainda estava doente e perdendo peso quando voltei para os Estados Unidos. A primeira coisa que fiz foi marcar uma consulta com um médico. Eu tinha certeza de que estava com aids. Comecei a ligar para todos os meus amigos para me despedir. Eu até liguei para Monica, dizendo que estava com aids e que iria morrer. Não foi a melhor das ideias.

Fui ver um médico espanhol, e ele fez o teste de aids. Deu negativo.

"Não, doutor. Eu estou com aids. Você é que não está fazendo essa merda direito. Quero outro médico", eu disse. Ele começou a rir.

"Mike, você é HIV negativo", ele disse.

"Alguém te pagou para dizer isso?", perguntei. Ele finalmente me convenceu de que eu estava livre de aids.

Eu também estava livre de preocupações. Tinha uma luta importante com Lennox Lewis dentro de alguns meses pelo título dos pesos-pesados, mas estava me divertindo na Jamaica e em Cuba, sem nem ao menos treinar, vivendo uma vida louca e regada a drogas. Eu devia estar maluco.

Então, comecei a sofrer as consequências da viagem a Cuba. Darrow estava seriamente preocupado com a possibilidade de o governo Bush me fazer servir de exemplo.

Darrow mandou um memorando para meus advogados e treinadores.

"Como vocês certamente sabem, Mike foi acusado de ter viajado para Cuba e de ter agredido um jornalista cubano enquanto estava lá. Estou menos preocupado com a agressão (é improvável que o governo cubano consiga extraditar o Mike, levando em conta as atuais relações diplomáticas entre Cuba e os Estados Unidos) do que com o fato de a Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA) ter feito um requerimento ao Departamento de Justiça e ao Departamento do Tesouro para investigar Mike por crime de violação das Regras de Controle de Bens Cubanos e do Ato de Negociação com o Inimigo. É difícil determinar até que ponto o governo Bush iria levar em frente essa situação. Infelizmente, a administração Bush, a fim de reparar o dano causado pelo

tratamento dado ao caso Elian González pelo governo Clinton, prometeu a organizações como a FNCA reforçar tenazmente as restrições de comércio e viagens.

"Obviamente, eu não estava ciente da visita de Mike a Cuba. Se ele foi para lá por motivos legalmente inocentes, se suas despesas em Cuba foram pagas por alguém não sujeito à jurisdição norte-americana, e se Mike não prestou serviços a Cuba ou a um cubano, devemos tentar confirmar esses fatos o mais rápido possível.

"Por último, aconselho fortemente que Mike deixe de fazer qualquer comentário adicional a respeito de sua viagem a Cuba. Sendo mais específico, fui contatado por Tom Farrey, da ESPN, que alegou ter inúmeras fotos e declarações relacionadas às viagens de Mike. Aparentemente, Mike foi acusado de ter afirmado estar lá como turista para apoiar os 'cidadãos' de Cuba. Nós nos recusamos a confirmar que Mike esteve em Cuba. O mais importante é que Mike não deve viajar a um país estrangeiro sem antes consultar sua assessoria jurídica. Isso é particularmente verdade se levarmos em conta sua condição de criminoso e de agressor sexual fichado."

Darrow sempre me apoiou. Nada de ruim resultou daquela viagem a Cuba.

Mas, logo após eu ter voltado, Monica entrou com um pedido de divórcio. Acho que ela estava farta das minhas putarias, algo que eu definitivamente fazia muito. Acho que ligar para dizer que eu estava com aids também não ajudou muito. E o fato de eu ter acabado de ter um filho com uma *stripper* em Phoenix acabou sendo a cereja do bolo. Eu não podia culpar Monica. Que tipo de casamento era aquele em que eu podia foder cinco garotas diferentes em apenas uma noite e, depois, para compensar, simplesmente mandar dinheiro para ela? Não sei se algum dia estivemos realmente apaixonados.

Conheci Shelley, a mãe do meu garotinho, num clube de *striptease* em Phoenix. Gostei muito de Shelley. Ela mantinha o corpo perfeito e fazia muitas coisas comigo. Era maluca por *fitness*; quando eu ia malhar e correr, ela vinha comigo. Eu corria 8 quilômetros, ela corria 16. Sempre me superava. Uma vez, meu assistente Darryl e eu estávamos treinando com uma bola medicinal

de 7 quilos, e Shelley entrou na brincadeira. Ela e eu jogamos a bola umas 250 vezes até eu ficar dolorido… mas ela continuou a jogar com Darryl. Aquela princesa mexicana de 40 quilos deve ter feito uns 500 lançamentos. Ela acabou com a gente.

Shelley tentou fazer nosso relacionamento dar certo. Ela conversou com Hope e recebeu dicas de como me deixar feliz. Quando engravidou do Miguel, eu não fazia ideia de como poderia cuidar de outra criança. Na época, eu estava quebrado e com dívidas. Ela ficava repetindo que faria um aborto, mas não fez.

A luta com Lewis estava marcada para abril, então eu não tinha muito tempo para parar de usar cocaína, de fumar maconha e de começar a treinar seriamente. Ainda estava drogado quando voei para Nova York para uma grande coletiva de imprensa com Lennox, no dia 22 de janeiro. Eles nos colocaram encarando um ao outro, em plataformas levemente elevadas, num palco enorme do Hudson Theatre. Jimmy Lennon Jr., locutor da Showtime, apresentou cada um de nós como se fosse haver uma luta de verdade. Assim que Lewis foi anunciado, perdi a cabeça. Olhei para ele e senti vontade de bater naquele filho da puta. Então, pulei da minha plataforma e fui até Lennox ficar cara a cara com ele. Acho que Lewis estava esperando pela confusão, pois ele tinha uns dez filhos da puta, que mais pareciam árvores gigantes, escondidos nas coxias do palco; assim, no instante em que fiz aquilo, todos eles vieram correndo para cima de mim. Eu estava lá com apenas alguns dos meus guarda-costas, Anthony, Rick e meus treinadores, além de Shelly Finkel. A equipe de Lewis deve ter pensado que quando a gente visse aqueles caras enormes simplesmente daríamos no pé.

Subi para ficar bem de cara com Lewis, mas um de seus guarda-costas me empurrou de volta, então meti um gancho de esquerda nele. Lewis me deu um de direita, Anthony deu outro de volta em Lennox, e o pau comeu solto. Eu me peguei no chão com Lennox, mas ele era tão alto que, quando caímos, não caí perto de sua cabeça; eu estava lá embaixo, perto de sua perna. Então, dei uma mordida em sua coxa. Ele disse que ficou com as marcas de meus dentes por um bom tempo.

Eles nos separaram, e eu não conseguia mais me aproximar de Lewis, mas vi o guarda-costas que me empurrou e cuspi bem na cara dele. Anthony me disse que eu estava tão louco de raiva que peguei um extintor de incêndio e ameacei bater nele com aquilo.

"Mike, você não vai me bater com isso aí", Anthony me disse. "Eu não tô nem um pouco preocupado, porque gosto de você e você gosta de mim. Abaixa essa porra e vamos cair fora daqui."

Mas antes eu tinha de me vangloriar na frente do palco, onde todos os repórteres estavam reunidos. Ergui meus braços no ar para exibir meus bíceps e depois segurei meu saco.

"Coloca ele numa camisa de força", alguém berrou.

"Coloca a tua mãe numa camisa de força, seu branquelo cuzão. Vem aqui me falar isso. Eu te fodo bem no meio do seu rabo, seu branquelo inútil", gritei. E continuei: "Sua bicha. Você não pode me tocar, você não é homem o bastante. Eu vou comer o teu rabo, seu veado. Ninguém nesse lugar pode se meter comigo. Isso aqui é o homem supremo. Vai se foder, seu vagabundo".

Shelly Finkel tentava me conter, mas me livrei dele.

"Vem falar isso na minha cara. Vou comer o teu rabo na frente de todo mundo. Vem, seu veadinho, seu bundão. Você não é homem o bastante para mexer comigo. Você não dura dois minutos no meu mundo, seu veado. Olha como você tá apavorado agora, seu vagabundo. Apavorado como uma menininha branquela. Com medo de um homem de verdade. Eu vou te foder até você me amar, sua bichona!"

Essa foi a audácia que Cus colocou em mim. Mas também aquele era eu falando como minha mãe, ela xingava exatamente daquele jeito. Me sinto mal por ter dito tudo aquilo para aquele jornalista. Eu estava fora de mim, saindo do meu estado chapado.

Após a coletiva de imprensa, eu saí para ver meus pombos no Brooklyn com um amigo chamado Zip. Ele estava muito preocupado.

"Que merda você tá fazendo, Mike? Você vai torrar toda essa porra de dinheiro", ele me disse. "Você estava lá em cima agindo como um negão imbecil. Eles podiam te prender."

"O que foi que eu fiz? Eles me agrediram primeiro", falei.

“Não o Lewis. Eu ouvi você ameaçar a vida de alguém. Se aquele repórter ficar com medo, ele pode prestar queixa contra você, cara. Você tá maluco, porra? Isso é quase uma ameaça terrorista. Você é um filho da puta assustador, Mike. Não para nós, mas para eles você é assustador.”

Então fizemos que alguns pássaros voassem e fumamos maconha, também usei um pouco de cocaína.

“Você tá fodendo tudo, Mike”, ele me disse novamente. “Por que você tá fazendo essa merda? Por que você tá aqui fodendo com esses pombos? Volta e vai treinar, cara. Nós devíamos estar longe, num iate perto de uma praia. E você só treinando e lutando, Mike.”

No dia 22 de janeiro, o mesmo dia em que estive em Nova York para a coletiva de imprensa com Lewis, o Departamento de Polícia de Las Vegas disse que a busca na minha casa encontrou provas que sustentavam a alegação da mulher de ter sido estuprada e feita de refém. Agora eles só tinham de esperar para ver se a promotoria pública iria me acusar formalmente.

Enquanto isso, Darrow Soll entrou em ação. Coletou depoimentos juramentados de todas as pessoas que viram aquela mulher na casa. Ele convocou todas as empregadas, os jardineiros, os que regavam as plantas, todo mundo que tinha visto essa moça. Todos eles testemunharam que ela estava mais do que satisfeita de estar lá, andando pelos cantos por livre e espontânea vontade, usando nada além de uma camiseta.

A essa altura, a garota já tinha se retratado e procurado meu amigo Mack para dizer que ela tinha sido pressionada a prestar queixa tanto pela polícia e como pelo namorado dela. Seu padrasto também disse para Mack que ela tinha mentido.

Eu estava na barbearia um dia quando uma moça negra que trabalhava para o FBI entrou para fazer a sobrancelha.

Quando ela me viu, foi logo dizendo: “Eu assisti ao seu desempenho nas fitas, e você está muito bem”.

Levei um instante para perceber que ela estava se referindo às minhas fitas pessoais de sexo que os policiais tinham apreendido em minha casa.

“Hmm, você vai longe, garoto”, ela disse.

Graças a Darrow, a coisa toda foi encerrada. O escritório da promotoria foi convencido pelos policiais, e depois que os promotores viram as tão faladas evidências apresentadas pela polícia decidiram não fazer acusações contra mim. Nesse meio-tempo, meu nome já tinha sido arrastado para a lama novamente, sem motivo algum.

Por causa do tumulto na coletiva de imprensa com Lewis, os oficiais de Nevada votaram 4 contra 1 para me negar a licença para lutar lá. Por que era tudo culpa minha? Na última coletiva de imprensa de Lewis, durante uma parte da entrevista para a ESPN, ele e Hasim Rahman causaram uma pancadaria inesperada muito pior que nossa pequena confusão em Nova York. Mas agora eles precisavam encontrar um novo local, e a luta foi adiada para junho, o que me deu mais tempo para me drogar.

Em fevereiro, um senador do Texas disse que eu deveria ser preso se eu voltasse para lá, pois eu não tinha me registrado como agressor sexual quando treinei em San Antonio, em 2001.

Balela! Eu tinha me registrado, mas por que deixar os fatos atrapalharem? Quando anunciamos que a luta seria em Memphis, tanto os oficiais do Tennessee como os do Mississippi disseram que eu deveria me registrar como agressor sexual antes da luta. Por que eu era um pária em meu próprio país? No exterior, as pessoas sabiam das coisas. Sempre que viajava, especialmente para os países que tinham sido comunistas, eu era tratado como herói.

Acabei indo treinar no Havaí. Isso deve te dar uma ideia do quanto eu estava motivado para essa luta. O epicentro de uma das maconhas mais concentradas do mundo estava lá. Fumei até meus miolos explodirem. Até mesmo a perspectiva de reconquistar o cinturão não significava muito para mim na época. Eu realmente não estava nem um pouco focado.

Eu estava claramente fodido, muito fodido. Era por isso que eu estava usando maconha. E os resíduos da cocaína não saem tão rápido do sistema, especialmente do psicológico. Toda aquela Maui Wowie[1] me rendeu algumas coletivas de imprensa bem interessantes. Num dos lugares mais tranquilos do mundo, me

encontrei com os jornalistas e comecei um discurso agressivo sobre a hipocrisia na sociedade.

"Sou exatamente como você. Eu também aprecio os frutos proibidos da vida. Não acho que é americano não sair com uma mulher, não estar com uma bela mulher, não chuparem o meu pau… É exatamente como eu disse antes, todo mundo nesse país é uma porra de gente fingida. A mídia diz às pessoas… que essa pessoa fez isso e essa pessoa fez aquilo, e então nós descobrimos que somos apenas humanos, e descobrimos que Michael Jordan trai a esposa exatamente como todo mundo faz. Nós todos traímos nossa porra de esposa de um jeito ou de outro, emocionalmente, fisicamente ou sexualmente. Não existe ninguém perfeito. Nós sempre vamos fazer isso. Jimmy Swaggart é libidinoso, Tyson é libidinoso, mas nós não somos criminalmente, pelo menos eu não sou, criminalmente libidinosos. Talvez eu goste de meter mais do que as outras pessoas, mas isso é só a minha maneira de ser. Eu sacrifiquei tanta coisa na minha vida, será que eu posso ao menos trepar? Quero dizer, roubaram boa parte do meu dinheiro, posso pelo menos ganhar uma chupeta sem que as pessoas fiquem querendo me perseguir e me jogar na cadeia?

"Eu sou um negão grande e forte que nocauteia pessoas, estupra, tira vantagem das pessoas. Não sei nada sobre ser o campeão dos pesos-pesados, a única coisa que sei é como lutar. Eu sou um negão, certo? Não, sério, eu não estou dizendo que sou um cara negro, eu sou um cara de rua. Eu nem mesmo quero ser um cara de rua, nem gosto daqueles típicos caras de rua. Mas isso é o que eu virei, foi o que aconteceu com a minha vida, e as tragédias da vida me fizeram assim. Os cafetões, as putas, os jogadores, as pessoas que foram deixadas de lado, as pessoas para quem mentiram, as pessoas que foram falsamente acusadas, as pessoas que estavam no corredor da morte e morreram por crimes que nunca cometeram. Essa é minha gente. Eu sei que parece repugnante. Essas foram as únicas pessoas que demonstraram amor por mim.

"Mas eu sou o Mike, não sou malvado nem nada do tipo, sou apenas eu. E só quero viver minha vida e sei que vocês espalham umas desgraças sobre mim por aí, mas vocês sabem que tenho

certeza de que vão falar sobre mim, e seus netos e os filhos dos seus netos vão saber quem eu sou. Tenho certeza disso. Nunca vão me esquecer. Seus bisnetos vão dizer: 'Uau, ele não era um cara bizarro?'

"Às vezes sinto como se eu não fosse feito para essa sociedade porque todo mundo aqui é um hipócrita de merda. Todo mundo diz que acredita em Deus, mas ninguém faz o trabalho de Deus. Todo mundo vai contra o que Deus realmente é. Se Jesus estivesse aqui, vocês acham que ele demonstraria algum amor por mim? Eu sou muçulmano, mas vocês acham que Jesus me amaria? Acho que Jesus iria tomar um drinque comigo e perguntaria: 'por que você tá agindo desse jeito?'. Olha, ele seria legal. Conversaria comigo. Nenhum cristão nunca fez isso. Os cristãos me jogariam na cadeia e escreveriam artigos ruins sobre mim, e então iriam à igreja no domingo e diriam que Jesus é um homem maravilhoso e que ele está voltando para nos salvar. Mas eles não entendem que quando ele voltar, esses capitalistas gananciosos e insanos vão matá-lo de novo."

Quem eu pensava que era? Lenny Bruce? Aqueles repórteres estavam lá sentados, engolindo tudo o que eu dizia, analisando cada palavra para tentar chegar à verdadeira essência de meu discurso, mas aquilo era obviamente a erva de Maui falando. Estava louco de tão chapado. Fim da história.

Dei uma tonelada de entrevistas malucas que culminaram em minha aparição em *The O'Reilly Factor*, na Fox. Rita Cosby me entrevistou. Ela estava empolgada, fazendo as mais ultrajantes perguntas só para conseguir que eu falasse algo maluco, assim, O'Reilly poderia ficar puto e usar minhas palavras totalmente fora de contexto para acabar comigo.

"Você é um animal?", Cosby me perguntou durante a entrevista.

"Sempre que necessário. Depende da situação em que eu estou para ser um animal… Se estou brigando porque sou constantemente criticado pelos seus seguidores ou por pessoas na rua porque acham que têm o direito de me criticar pelas coisas escritas nos jornais ou pelos tribunais, então você está correta, está certa." Eu disse a ela que eu falaria para meus filhos que eles eram negões e que "essa

sociedade vai tratar vocês como cidadãos de segunda classe para o resto de suas vidas, então tem certas coisas que vocês não devem deixar que te chateiem. Mas vocês devem lutar".

"Você é mau?", ela perguntou.

"Acho que sou capaz de fazer o mal, como todo mundo."

Ela também parece que gostou de perguntar sobre minha situação financeira.

"Eu de fato preciso do dinheiro. Todos nós precisamos dele. É nosso deus. É o que adoramos e cultuamos, e se alguém me diz algo diferente é um mentiroso. Para de trabalhar então, vai viver na rua e me mostra quanto Deus vai cuidar de você."

"De onde vem essa raiva toda?", finalmente me perguntou.

"Você é tão branca. De onde vem *essa* raiva toda?", respondi.

Lennox e eu lutamos em Memphis no dia 8 de junho. De onde quer que aquela raiva tenha vindo, até lá já tinha ido embora, mesmo com Monica aparecendo com mais papéis de divórcio no dia da luta. Além disso, eu estava sendo processado por um monte de gente. Meu nenenzinho estava comigo porque deu a louca na mãe, e ela me deixou tomando conta dele. Minha vida estava um caos. Mas, mesmo assim, meu vestiário estava em clima de festa antes da luta. Cheio de gente. Eu nunca tinha beijado bebês, dado risada ou posado para fotos antes de uma luta quando Cus estava por perto, mas era o que estava acontecendo aquela noite.

Shelly tinha se livrado de Crocodilo e de Tommy Brooks, e eles trouxeram um novo treinador, Ronnie Shields. Crocodilo veio para a luta e passou pelo vestiário para me ver antes de começar. Eu o apertei bem forte e o abracei.

"Croc, estou tão cansado", eu disse. "Estou tão cansado."

Quando começaram a nos anunciar no ringue, ele foi dividido ao meio por 20 seguranças vestidos de amarelo, que formavam uma barreira entre mim e Lennox. A luta teve início, e eu estava bem agressivo no primeiro assalto, perseguindo Lewis e fazendo que ele me agarrasse tanto que o juiz teve de adverti-lo. Mas, após aquele assalto, algo estranho aconteceu. Simplesmente parei de lutar. Era como se minha mente tivesse desligado. Ronnie Shields e meu outro

treinador, Stacy MacKinley, berravam instruções ao mesmo tempo, mas eu não ouvia uma palavra sequer do que os dois diziam.

A arena estava muito quente, e fiquei desidratado. Parecia que eu não conseguia me ligar. Conforme os assaltos se seguiam, eu ficava parado em frente a Lewis e apanhava. Eu sabia que não estava em condições de derrotar ninguém, especialmente um lutador habilidoso do nível de Lennox. Eu só tinha lutado 19 assaltos nos últimos cinco anos. Todos aqueles anos cheirando coca, bebendo, fumando maconha e trepando por aí com uma quantidade enorme de mulheres finalmente me fizeram pagar seu preço.

Muitos amigos próximos e colegas pensaram que eu estava drogado durante a luta, parecia passivo demais. Eu estava com um humor de merda e era difícil conseguir dar socos. Era como se todos aqueles heróis, deuses boxeadores e lutadores dos velhos tempos, tivessem me abandonado. Ou eu os abandonei. Todos os meus heróis eram verdadeiros canalhas miseráveis, e eu os imitei por toda minha carreira, 100%, mas nunca fui um desses caras de verdade. Eu gostaria de ser, mas não era.

Até então eu tinha passado anos fazendo terapia com diferentes psiquiatras, e o único propósito disso era conter todos os meus apetites, incluindo meu apetite por destruição, aquele que tinha feito de mim o Iron Mike. O Iron Mike me trouxe muita dor, muitos processos, muito ódio do público e o estigma de que eu era um estuprador e o inimigo público número um. Cada soco que eu tomava de Lewis nos últimos assaltos cortava pela raiz toda aquela pose, aquela personagem. E eu era participante voluntário daquela destruição.

Depois de oito assaltos, ele me acertou em cheio com um soco de direita, e acabei no chão. Eu estava sangrando por causa de meu nariz e de cortes nos olhos. O juiz terminou a contagem. Jim Gray nos entrevistou ao mesmo tempo após a luta. Durante a entrevista, Emanuel Steward, o treinador de Lennox, interrompeu Gray.

“Ainda sou um dos maiores fãs do Mike”, ele disse. “Ele me trouxe tantas emoções. Você nos entusiasmou muito, todos nós. Ele é o peso-pesado mais empolgante dos últimos 50 anos.”

“Vocês lamentam muito que essa luta não tenha acontecido muitos anos atrás quando você, Mike, estava na sua melhor forma, e você, Lennox, também era mais jovem?”, perguntou Gray.

Lennox ia começar a responder quando limpei um pouco do sangue do seu rosto.

Ele disse: “Pesos-pesados amadurecem em momentos diferentes. Mike Tyson já era um grande lutador aos 19. Não existia nada em seu caminho, e ele comandava o mundo naquela época. Mas eu sou como um vinho de qualidade. Amadureci mais tarde, sem pressa, e agora sou eu quem está no comando”.

“Mike, você lamenta que essa luta não tenha acontecido anos atrás?”

“Não era para ser. Conheço o Lennox desde quando ele tinha 16 anos. Tenho um extremo respeito por ele. Tudo o que eu disse foi para promover a luta. Ele sabe que amo ele e sua mãe. E, se ele pensa que não o amo e o respeito, ele é louco.”

“Então você está dizendo que muito de seu comportamento foi só para vender ingressos e aquilo não representa seus sentimentos reais?”, Gray pareceu chocado.

“Ele sabe quem sou eu e que não sou desrespeitoso. Eu respeito esse homem como um irmão. Ele é um lutador magnífico, promissor.”

O pequeno gesto de limpar o sangue do rosto de Lennox foi claramente entendido por todos os jornalistas de boxe. Eles acharam que eu tive uma postura heroica ao perder. E, pela primeira vez, muitos deles pareceram enxergar o ser humano por trás da minha fachada. Ou quase.

“Tyson é um cara desprezível. Um estuprador, um bandido que você não iria querer no mesmo bairro que sua filha. Mas vai ser um pouquinho mais difícil desprezá-lo agora”, escreveu um carrasco da *Sports Illustrated*.

Assim que a luta acabou, voltei correndo para os meus vícios. Eu tinha conhecido uma garota dominicana muito atraente chamada Luz. Ela veio com mais uns caras para a luta com o Lewis, e nós começamos a sair. Luz vivia no Harlem espanhol, em Nova York, e fui morar com ela naquele outono. E eu estava de volta ao meu

ambiente natural. Prédios abandonados, traficantes na rua, pessoas com overdose, uma senhora gorda empurrando um recém-nascido doente beco abaixo, negões tomando cerveja e atirando uns nos outros. Essa é a minha praia, desculpa.

Para mim, era ruim estar na minha praia, mas já que estava lá, meus sentidos se aguçaram. Eu estava paranoico, em constante movimento, ligado no modo de sobrevivência. Quando me mudei para o Harlem espanhol, voltei a ser o Mike de Brownsville. Eu estava vivendo à custa dos outros. Minhas drogas eram de graça, e comecei a frequentar as bocas de fumo para passar o tempo.

Como é que fui dar uns cinco tapas num filho da puta e deixar que ele tirasse uma foto comigo bem no meio da biqueira, onde mulheres peladas faziam papelotes de cocaína? Como é que cheguei lá? Cheirando coca e o cara dizia, “Não, essa merda é para os crackeiros babacas. Essa aqui é a pura. Você tem que experimentar a pura, tio”. Só uma cheirada daquela merda fez meu cérebro fritar.

Eu costumava ir ao restaurante da esquina e me davam comida de graça. Comia todo o arroz e feijão e me enchiam de álcool, isso logo cedo, de manhã. Alguns amigos mafiosos vinham me visitar em seus Rolls-Royces e outros carros chiques.

“Que porra você tá fazendo aqui com essas vagabundas?”, um deles me perguntou. “Vem morar na minha casa.”

“Não, estou bem aqui, negão”, eu disse. “Essa é minha garota, eu estou legal.”

“Mike, você tem que tomar cuidado com esses negões daqui”, ele disse.

“Que nada, cara. Essa galera é gente boa”, respondi.

Eu estava saindo com aquelas pessoas e no fundo sabia que pertencia àquele lugar naquele momento, porque era isso que eu pensava de mim mesmo. Porque nas quebradas era diferente – as pessoas podiam me dar comida de graça, me dar drogas e cuidar de mim, mas se alguma coisa fosse por água abaixo, eu estava lá com eles. Eu tinha vícios, e as pessoas da vizinhança compreendiam minhas necessidades.

Na época, saí com pelo menos 20 garotas ao mesmo tempo. Às vezes, suas vidas batiam de frente e era eu quem aguentava o

impacto. Uma garota com quem eu estava saindo ouvia que eu estava saindo com outra. Sabe, você deve achar que as garotas subiam nas nuvens por conseguir colocar as mãos em Mike Tyson. Mas, quando ficavam putas, elas não davam a mínima para isso. Elas me batiam e arranhavam minha cara. E aí, quando eu achava que tudo tinha acabado e que elas estavam mais calmas, voava uma pedra em minha cabeça quando eu menos esperava e uma garota estava puta pra caralho, de novo.

NO DIA 13 DE janeiro de 2003, meu divórcio foi finalizado. Monica ficou com a casa de Connecticut, a casa onde ela morava, e 6,5 milhões de dólares de meus ganhos futuros. Finalmente, também conseguiu a penhora da minha casa em Las Vegas. Ela estava bem hostil comigo naquela altura, mas eu não me importava em dar o dinheiro para ela. Sou um cara de rua, eu ia ficar por aí, nas ruas, fazendo as coisas do meu jeito.

O meu coração já não pertencia mais ao boxe, mas eu ainda precisava conseguir dinheiro. Fiz com que Shelly me arranjasse uma luta contra Clifford Etienne, para o dia 22 de fevereiro. Uma semana antes da luta, fui fazer a tatuagem que se tornou a mais notória das minhas tatuagens. Eu disse para o artista, S. Victor Whitmill, o "Paradoxo", que gostaria de uma tatuagem no meu rosto. Eu odiava meu rosto e queria literalmente deformá-lo. Sugeri pequenos corações espalhados por ele. Aquela não era uma manobra para me tornar mais atraente para as mulheres, eu só queria cobrir minha cara. Mas Victor se recusou a fazer aquilo, ele disse que eu tinha um bom rosto. Ele criou um *design* maori em estilo tribal, e eu disse que ia pensar a respeito. Quanto mais pensava, mais gostava da ideia de colocar no rosto uma tatuagem usada por guerreiros para assustar seus adversários nas batalhas. Então concordei.

Treinei muito mais para essa luta do que para a luta com Lewis. Eu estava com menos de 102 quilos, quatro quilos mais magro que na época de Lewis. Etienne tinha um bom histórico e estava entre os dez melhores de ambos os conselhos, mas tinha um queixo frágil. Ele foi nocauteado dez vezes em 26 lutas.

Na época, uma equipe de filmagem estava seguindo cada passo meu para um documentário. Eles me filmaram enquanto eu engolia minha refeição antes da luta.

"Odeio Mike Tyson. Acima de tudo, desejo o pior para Mike Tyson. É por isso que não gosto de meus amigos ou de mim mesmo. Eu vou para os extremos. Talvez na próxima vida eu tenha uma vida melhor. É por isso que não vejo a hora de partir para o outro mundo – odeio como eu vivo hoje. Odeio minha vida como ela é agora."

Eu não sabia por que eu estava mais focado para essa luta do que para a luta com Lewis. Não sabia se ia para lá ou para cá. Tocou o gongo e fui para cima do Etienne, nós nos agarramos nas cordas e eu o puxei para baixo de mim. Acho que machuquei Clifford com um dos meus primeiros socos. Nós nos levantamos, me esquivei de um de seus socos, lancei um contra-ataque que acertou em cheio sua mandíbula, e ele foi direto para o chão. Pensei que ele poderia se levantar. Não achei que aquele tinha sido um soco tão potente, capaz de levar a um nocaute direto, mas não tinha certeza, porque foi um soco realmente certeiro. Depois de finalizarem a contagem, ajudei Etienne a se levantar e nos abraçamos. Clifford sussurrou algo em meu ouvido.

Jim Gray entrou no ringue para fazer a entrevista.

"Ele te disse algo no ouvido que ninguém pôde ouvir; o que foi que ele te disse, exatamente?"

"Para ser sincero, Clifford disse: 'Você precisa parar de fazer besteira e levar as coisas mais a sério, você não tá sério, tá aqui de brincadeira'. Ele disse a verdade."

"E ele está certo, não está?", Jim perguntou.

"É, ele está. Eu só estou feliz de estar de volta a Memphis e fazer um espetáculo decente, e estou feliz que meu irmão Clifford me deu uma boa luta. As pessoas não entendem a situação quando você mostra respeito e amor, quando lutamos um contra o outro, porque é assim que elevamos nosso estilo de vida."

"Mike, você esteve mesmo doente essa semana? Qual foi o problema?"

"Eu quebrei minhas costas."

"O que quer dizer com quebrar as costas?"

“Minhas costas estão quebradas.”

“Uma vértebra ou uma parte…?”

“Da coluna.”

“Você fez isso treinando?”

“Não, foi num acidente de moto. O médico descobriu só depois. Eu estava fazendo meus 2.500 abdominais diários com meu peso de nove quilos, e um dia não consegui mais me mexer. Perguntei para o médico: ‘O que há de errado?’, e ele me disse: ‘Acredite ou não, suas costas estão ligeiramente fraturadas’.”

“Você está sentindo dor neste exato momento? Tomou algum tipo de injeção? Como conseguiu lutar hoje?”

“Não posso tomar injeções; você sabe que eles fazem testes. Mas, Alá seja louvado, eu não sei. Só estou feliz de estar lutando e de estar socando bem e de forma precisa”.

“Você estava preparado para essa luta, Mike, digo, seu treinador Freddie Roach te aconselhou, quatro dias antes da luta, a não lutar. Você estava preparado?”

“Não, mas era minha obrigação, eu preciso ser homem e lutar. Cancelei lutas demais em minha carreira, e eu não quero que ninguém pense que foi por medo. E eu precisava do dinheiro, eu tô sempre precisando de dinheiro, e fiquei contente por nós dois termos feito isso. Tenho tanto respeito por ele como homem, ele é um amigo para mim.”

Gray começou a perguntar se eu iria lutar com Lewis novamente. Essa era a especulação: outra grandiosa luta com Lewis para ganhar muito dinheiro.

“Eu não tô preparado para lutar com ele agora. Não tô interessado em ser espancado de novo. Não sei se quero continuar se tiver que lutar com Lewis na próxima luta. Eu quero ajeitar toda essa merda. Eu tô tão confuso; só quero colocar minha vida de volta nos eixos.”

Continuei com aquela atitude melancólica até minha suíte no hotel, seguido pela equipe do documentário. Fiz uma videoconferência com meus filhos para ver se eles tinham assistido à vitória do papai. Então, chutei os câmeras para fora do quarto e comecei a festejar com meu amigo cafetão/mafioso. Ele tinha

trazido umas de suas garotas, e junto também veio uma outra garota que era amiga de um amigo. Dei umas cheiradas, fumei um pouco de maconha e meu humor melhorou. Abrimos algumas garrafas de Dom Pérignon. Meu amigo estava contando uma de suas histórias de guerra e nós todos estávamos rindo, quando a garota que era amiga de um amigo disse, brincando: "Ah, negão, você só fala merda".

Bum! Meu amigo pegou uma daquelas garrafas de Dom e arrebentou na cabeça dela. Tentei impedi-lo, mas ele foi muito rápido. O sangue jorrava da cabeça dela como um gêiser de petróleo.

Pensei que minha vida estava arruinada. Nós estávamos no Sul. A garota gritava feito louca, e ela era casada com uma celebridade muito conhecida. Meu amigo teria de matar aquela gente e eu seria associado com tudo aquilo. Então, de repente, meu amigo e a garota estavam de conversinha um com o outro, todos alegrinhos. É assim que essas merdas de cafetão e puta funcionam.

EU CONSEGUI MAIS 5 milhões de dólares pela luta com Etienne, mas ainda estava devendo um monte. Meu processo contra Don King ainda estava tramitando no sistema judiciário, e Don estava ficando nervoso porque eu tinha uma audiência marcada no tribunal, então ele começou a entrar em contato comigo. Eu não tinha nenhum contrato de longa duração com Shelly, eu era uma espécie de agente livre na época. Don pensou que poderia me engambelar, que bastava me acenar com um pouco de dinheiro e eu voltaria para ele e retiraria o processo.

Eu só pensava em conseguir dinheiro. Eu não podia esperar anos para que o processo fosse concluído; precisava de dinheiro na hora. Uma gorjeta no farol não seria rápido o suficiente para mim. Então, entrei em contato com Jackie Rowe para me ajudar a lidar com Don. Jackie era como um pit bull. Se eu dissesse "Querida, me traga isso", ela sairia e faria o serviço. E aí eu ia poder ficar chapado.

Em abril daquele ano, fiz Jackie convencer Don comprar três Mercedes -Benz para mim. Eu fiz Don colocar uma delas no nome de Jackie, uma no de Luz e a outra no nome de meu amigo Zip. Nós

estávamos jogando com Don, dizendo a ele que se ele aparecesse com dinheiro e carros, talvez eu desistisse do processo. Assim, Don marcou uma reunião pensando que poderia me engambelar e me fazer assinar um novo acordo que resolvia o caso a preço de banana, e eu acabaria roubando ou espancando-o toda vez.

Uma vez, levei dois amigos de infância ao quarto de hotel onde Don estava. Quando chegamos lá, Don começou a ameaçar os meus chapas e a falar merda. “Eu tenho três defuntos na minha lista, dois registrados”, Don se vangloriou. Ele olhou para o meu amigo, mas meu amigo não disse nada. Era para ele assustar Don, mas foi Don que o deixou assustado. Eu encarava meus amigos com cara de, tipo: *Mas que porra! Era para vocês serem caras durões!* Então, de repente, levantei e bati pra caralho no Don.

“Cala a merda da tua boca, seu filho da puta”, eu disse.

Meus chapas, os amigos que eu tinha trazido para cuidar de Don, começaram a pular na minha direção para me conter.

Eu continuava a me encontrar com Don sempre que ele entrava em contato comigo. Fico feliz que àquela altura da minha vida eu já não tinha a audácia de quando era mais jovem, ou eu teria realmente espancado e acabado com ele. Don me ligou uma vez dizendo que iria passar em meu escritório em Las Vegas e deixar 100 mil dólares para mim. Meu amigo Zip estava na cidade, então nós ficamos lá esperando Don aparecer.

Don apareceu com um saco cheia de grana.

“Eu preciso pagar umas pessoas”, ele disse, e começou a contar os 100 mil. Zip foi até ele, pegou o saco inteiro calmamente e o trouxe para mim.

“Muito obrigado. Por favor, acompanhe Don até a saída”, eu disse.

Zip agarrou o braço de Don e o levou para fora.

“Eu e o campeão vamos malhar agora”, ele disse.

“Ei, cara, preciso desse dinheiro. Preciso pagar umas pessoas. Eu te falei isso”, disse Don.

“Até mais, Don, foi um prazer te encontrar. Sempre fui um grande fã seu”, Zip disse, fechando a porta na cara dele. Nós

começamos a contar o dinheiro. De fato, tinha muita grana naquele saco.

Meu advogado Dale Kinsella ficou sabendo desses encontros e escreveu uma carta para o advogado de Don no fim de maio.

> *Estou estarrecido diante do que está acontecendo com a participação de seu escritório nos últimos 30 dias*.
> 1. Jerry Bernstein e eu somos os representantes legais de Mike. Trabalhar de forma tão arriscada para nos excluir do que está acontecendo deve levar qualquer um, quanto mais o juiz Daniels, a ter sérias ressalvas em relação a qualquer proposta de acordo.
> 2. Don parece não ter aprendido absolutamente nada com esse litígio. É a persistência de Don em encontrar-se a sós com Mike, seja num escritório ou num quarto de hotel, e fazê-lo assinar documentos, *sem contar com nenhum aconselhamento legal ou financeiro independente, que é o problema central desse litígio*. Eu realmente não compreendo o que as pessoas do seu lado da história estão pensando.
> 3. A tendência de Mike para assinar acordos, ainda mais acordos de liquidação, sob influência de pessoas que ele respeita, em quem ele confia e/ou acredita que pode confiar (mesmo que momentaneamente) é bem documentada. Sua recente decisão de acertar o divórcio com Monica sem aconselhamento ou assessoria financeira (que teve de ser desfeito por motivos de influências indevidas) é um excelente exemplo do que estou falando.
> 4. Se e quando Mike for intimado, e se e quando Jerry, você e eu formos convocados ao tribunal, essas questões, bem como outras, serão sem dúvida levantadas. Concordo com o tribunal que o caso de Mike é dele, e não de seu advogado; mas, pelo bem de todos, qualquer acordo consumado entre ele e Don deve ser (e provavelmente será) avaliado por alguém que está representando Mike independentemente.
> *Nesse contexto, gostaria que Don e/ou seu escritório julgassem sensato comunicar a Jerry e a mim o que quer que esteja*

acontecendo.

O que Dale não sabia era que, algumas semanas antes de ele enviar a carta, eu tinha feito Jackie negociar com Don pelas suas costas. Meu assistente Darryl ligou para Jackie, dizendo que nós estávamos nos nossos últimos 5 mil dólares. Não tínhamos dinheiro para pagar as contas da casa nem os caras da manutenção, nem nada do tipo. Jackie veio para Las Vegas e viu como minha situação financeira estava horrível.

"Quero arrancar a porra do meu dinheiro do Don", eu disse a ela.

Don ficou empolgado com o contato de Jackie. Ele estava desesperado para acertar o caso porque nós finalmente tínhamos conseguido uma audiência no tribunal em setembro. Assim que ficamos sabendo disso, Jeff Wald me disse que Don ia usar seus truques e nós veríamos por que ele era Don King, o Rei. Jeff não sabia que Jackie estava conversando diretamente com ele, tentando conseguir algum dinheiro dele. Don estava me oferecendo um acordo de 20 milhões em troca de voltar a promover minhas lutas. Eu disse a Jackie que antes de conversarmos sobre trabalhar juntos e entrar em acordo, queria três coisas minhas que ainda estavam com ele – um Rolls-Royce verde, uma pintura que ganhei do primeiro ministro italiano Silvio Berlusconi e que devia valer uma nota, e a coisa que mais me preocupava: um desenho meu no meio de um monte de X-Men que Stan Lee tinha feito.

Don ligou para Jackie dizendo que nos levaria até a Flórida e nos deixaria hospedados no hotel Delano para podermos elaborar um acordo. Jackie, o filho dela, minha namorada Luz e eu subimos no jato particular de Don e voamos para lá. Coloquei na mala um bloco bem grande de cocaína e levei na mochila uns 200 gramas de baseado. Eu estava cheirando e fumando minha paranga, ouvindo meu *discman*, e já estava mais alto que o avião, quando me dei conta:

"Isso aqui é a porra do meu avião. Eu que paguei por esse avião, e esse filho da puta está agindo como se estivesse fazendo um favor me deixando viajar no meu próprio avião. Aquele negão tá me tirando."

As drogas estavam brincando com minha mente, e eu estava surtando, ficando enciumado.

Don veio nos pegar no aeroporto particular em seu Rolls-Royce, e ele estava com Isadore Colton, o motorista que costumava ser meu antes de ele roubá-lo de mim e que estava dirigindo o outro carro com alguns sócios de Don. Nós estávamos descendo para Miami vindos de Fort Lauderdale na I-95, a rodovia principal; Jackie estava no banco da frente e eu estava no de trás, com Luz e o filho de Jackie. Don disse algo inofensivo, mas todo aquele ciúme e raiva jorraram para fora de mim, e eu o chutei bem na porra da sua cabeça. *Bum!* Você não deve dar as costas para um drogadão ciumento.

Don desviou o carro até o acostamento, e eu, que estava no banco de trás, comecei a sufocá-lo, aplicando-lhe uma gravata.

"Não, não, solta ele, Mike", Jackie berrou.

"Jackie, segura esse negão aí, tô passando para frente", falei.

Ela respondeu: "Tá bem, eu seguro ele".

Eu saí do carro para passar para o banco da frente e dar mais umas porradas nele, mas Jackie não conseguiu segurá-lo, ela estava em estado de choque; então Don acelerou e foi embora pelo acostamento.

Agora eu estava na beira da porra da rodovia sozinho. Don dirigiu um pouco adiante e parou para que Jackie, seu filho e Luz descessem do carro. Eles vieram se encontrar comigo, carregando minha bolsa com os 200 gramas de baseado. A cocaína eu tinha guardado comigo.

"Por que você soltou ele, Jackie?", eu gritei. "Agora a gente tá aqui no meio dessa merda de rodovia."

Os carros e caminhões passavam voando por nós. De repente, Isadore parou. Ele estava lá para nos pegar porque tinha perdido de vista nosso carro e, quando ligou para se informar, Don mandou-o dar meia volta e nos pegar.

Ele estacionou bem ao meu lado, baixou o vidro do carro e disse para eu entrar.

"Vai se foder, seu filho da puta", eu berrei.

Isadore saiu do carro e eu colei nele. Soquei sua cara duas vezes, estilhaçando o osso à esquerda dos olhos. A força dos socos derrubou-o para fora do banco do motorista e eu o alcancei, agarrando sua perna e mordendo-a. Isadore conseguiu me chutar para fora e fechar sua porta, então eu soquei o painel externo da porta e entortei o metal. Eu estava quase quebrando o vidro quando ele conseguiu acelerar e ir embora.

Seus sapatos ficaram na beira da estrada, e ele foi dirigindo descalço.

Depois, vieram os policiais. Eles conversavam com a gente, e eu lá com meu meio tijolo de cocaína; Luz carregava a mochila com os 200 gramas de maconha. Aqueles policiais estavam tão animados em me ver que os filhos da puta nem perguntaram o que nós quatro estávamos fazendo na beira de uma rodovia. Se fosse outro qualquer, eles teriam jogado de bunda na grama e prendido a pessoa pelo resto da vida por carregar aquela quantidade de coca. Sou um cara de excessos. Por que eu não podia comprar só 3 gramas? Não, eu tinha de levar logo meio tijolo. Os caras que me venderam disseram: “Mike, isso é peso de tráfico. A polícia não vai nem querer saber se você disser que tá usando esse meio tijolo de pó só para ficar doidão”. E aquilo realmente era para o meu estoque pessoal.

Os policiais ofereceram uma carona até nosso destino, então entramos numa das viaturas e eles nos levaram até South Beach. Don tinha reservado metade de um andar só para nós, então começamos a aproveitar. Jackie convenceu Don a nos dar um pouco de dinheiro, e ele mandou um cara para lá com uns 200 mil contos.

Nós caímos na farra todas as noites durante um mês inteiro. Um amigo meu passou por lá com seu ônibus de excursão; escolhemos algumas garotas e percorremos toda a Costa Leste.

Em junho, fui acusado de mais uma merda de paternidade. Wonda Graves, uma putinha mentirosa, alegou que eu a havia estuprado em 1990 e que disso resultou um garotinho. Aquele merdinha que representava Robin Givens, o advogado Raoul Felder, pegou o caso e se gabou, dizendo que ia “derrotar Mike Tyson no ringue novamente”. Os dois voltaram rastejando para a sarjeta

quando o teste de DNA chegou, mostrando 0% de chance de eu ser o pai.

Mas eu também não era nenhuma flor que se cheire na época. Mais tarde, no mesmo mês, eu estava visitando meu amigo de infância, Dave Malone, e estávamos brincando com nossos pombos em Brownsville. Aquela noite, Dave me levou de volta para o hotel Marriott, onde eu estava hospedado. Fora do hotel, dois caras que voltavam bem bêbados para seus quartos vieram na minha direção e pediram um autógrafo. Eu estava chapado de cocaína. Deixa eu te contar uma coisa a meu respeito: quando eu me drogava e era de noite ou bem de manhã, eu não era lá uma pessoa muito boa para se encontrar. Eu ficava bem desagradável, procurando confusão. Eu podia ter uma daquelas homéricas mudanças fodásticas de humor, quase como aquelas merdas de médico e monstro.

Então, aqueles dois caras porto-riquenhos se aproximaram de mim e pediram meu autógrafo. Eu disse para eles caírem fora.

"Você nem é tudo isso mesmo", um deles disse. "Nós temos armas e você só tem os seus punhos."

Se eu não estivesse chapado de cocaína, provavelmente nada teria acontecido. Mas eu estava, então persegui os dois no saguão até a escada rolante. Subimos até o fim da escada e nocauteei um deles com um soco. O outro cara estava se escondendo atrás da recepção, e eu o puxei de lá e bati nele. Ele se safou quando os seguranças do hotel apareceram.

A briga foi culpa minha. Iam me acusar de infração leve e agressão, e eles, de ameaça e assédio. Eu tive de ir ao tribunal no dia seguinte e, quando voltei, mostrei para meus amigos Dave e Zip a grossa ficha criminal que constava nos registros do tribunal.

"Eles são encrenqueiros natos", Dave disse. "Olha a ficha deles."

"Ei, essa ficha criminal é minha", corrigi.

"Cara, a gente sai com você porque você é uma celebridade, e achamos que isso vai dar uma levantada na nossa moral", disse Zip. "Mas seu histórico policial é pior do que o nosso, negão."

NAQUELA ÉPOCA, EU VIVIA um dia de cada vez. Já estava cansado das merdas que me rodeavam. Sentia que não podia confiar mais em ninguém de minha equipe de treinamento e me cansei de todos os abusos de poder maquiavélicos, então me livrei de toda a equipe de agenciamento. Fiquei apenas com Shelly para cuidar do que tinha restado da minha carreira. Havia uma cláusula de revanche no meu contrato com Lennox Lewis, e ele queria lutar comigo novamente para levar outra nota preta. Mas eu não queria que ele me arrebentasse duas vezes. Se eu estivesse motivado e tivesse mantido a minha melhor forma, não tinha dúvida de que poderia ter acabado com ele. Mas eu não estava interessado em boxe, estava interessado em drogas.

Então Shelly e a equipe de Lewis vieram com a ideia de eu lutar na eliminatória da luta seguinte de Lennox. Eu ganharia como segunda atração principal. Eu me neguei a lutar na eliminatória, pois aquilo era um insulto para mim. Recusamos a oferta de Lewis, e então eles mudaram de atitude: meteram um processo contra mim e Don King de 385 milhões de dólares, alegando que King estava tentando me convencer a negligenciar o contrato para que ele pudesse promover minhas lutas seguintes.

O único bem verdadeiro que me restava era a ação contra Don. Àquela altura, Jeff Wald já tinha descoberto que eu estava me encontrando com Don; ele ficou furioso comigo. Ele me disse que Don ia continuar atrasando os processos movidos contra ele até o último minuto antes de o julgamento começar, e então tentaria um acordo. Jeff e Dale Kinsella me diziam que poderíamos acertar o caso por uns 60 milhões, dos 100 milhões do processo, e que eu podia até mesmo recuperar minha videoteca de lutas, o que significaria dinheiro no banco por anos e anos. Tudo o que eu tinha de fazer era me segurar até nossa audiência em setembro.

Mas minha situação financeira estava tão ruim, que as pessoas próximas a mim me diziam para pedir falência. Nessa época, Jackie e eu estávamos vagabundeando por aí com Jimmy Henchman, o empresário de *rap* que agenciava o The Game e que era CEO da Czar Entertainment. Jimmy trouxe Barry Hankerson, um produtor musical que tinha agenciado Toni Braxton e R. Kelly. Todos eles

estavam me pressionando para eu declarar falência. Hankerson disse a Jackie que eu devia pedir falência do tipo Capítulo 11, e Jackie realmente levou a sério e digitou no Google “falência capítulo 11”. Era isso que eu estava enfrentando na época. Jackie era uma boa pessoa, mas ela estava indo muito além de seu conhecimento. Nenhum de nós sabia nada sobre altas finanças ou falências, estávamos apenas nos divertindo e gastando dinheiro.

Então, liguei para Jeff Wald e disse a ele que todas aquelas pessoas estavam sugerindo que eu declarasse falência.

“Não faça isso, porque, a partir do momento em que você pedir, nós vamos perder o controle sobre o processo e ele vai para o juiz de falência. Assim, o caso vai ficar fora da nossa competência”, ele me disse.

“Bom, e se eu perder?”, perguntei.

“Você não vai perder. Não tem como”, ele disse.

Eu não tinha tanta certeza. No meu primeiro depoimento contra Don, eu tinha derramado uma jarra de água em seu colo, e agora ele tinha o lance da Flórida para esfregar na minha cara.

Wald estava convencido de que Don estava manipulando todos os meus amigos, inclusive Jackie, para me convencerem a pedir falência. Ele começou a me ligar algumas vezes por dia, implorando que eu não fizesse isso. Mas eu não acreditava que meus amigos estavam recebendo propina.

Porém, quando eu olhei para as pilhas e mais pilhas de contas que eu não tinha como pagar, decidi pedir. Hankerson me arranjou um advogado especializado, e nós declaramos falência no dia 1° de agosto. Naquele mesmo dia, fui às compras em Rodeo Drive com Hankerson, Henchman e meu guarda-costas Rick. Olha, não é só porque eu tinha pedido falência que eu estava sem dinheiro nenhum. Só não tinha 100 milhões de dólares para pagar minhas dívidas. Eu ainda descolava uma grana com uns negócios. A mídia fez um estardalhaço quando fui fazer compras em Rodeo Drive. Eu estava conversando com uns caras muçulmanos que eram donos de umas dessas lojas de roupas de grife, então usei o Islã como pretexto para ver se eles me dariam algum desconto.

“Que tal eu te dar 1.500 dólares por esse terno de 3 mil, meu irmão? Você conhece a regra de ouro do Islã: deseje ao seu irmão o que você deseja a si mesmo.”

No dia seguinte, todos os jornais traziam cada detalhe de minhas finanças estampado em suas páginas. Eu devia mais ou menos 27 milhões de dólares, sendo que 17 milhões eram de impostos atrasados que eu devia à Receita Federal e aos fiscais ingleses. Os outros 10 milhões eram de despesas pessoais, que incluíam o dinheiro que eu devia a Monica pelo divórcio e o que eu devia aos bancos pelas hipotecas e pelos enormes honorários advocatícios.

Eu estava tão sobrecarregado e irritado com toda a questão de falência que simplesmente desisti de minha casa.

“Foda-se, peguem a porra da casa”, disse para meus advogados, e eles a leiloaram. Eu estava tão chapado que não conseguia fazer nada direito. Só estava malhando. Não tinha nenhuma luta marcada, mas eu malhava mesmo assim, e ficava chapado.

Eu era um tipo de cara bem flexível. Conseguia viver tanto na sarjeta como em uma mansão. Eu conhecia os truques para arranjar uma grana e estava apostando com a vida. Mesmo quando estava na sarjeta, usava calças e sapatos de 2 mil dólares. Eu não tinha um centavo no bolso, mas ainda falava merda por aí, dando em cima de umas gatinhas.

Eu passei um tempo em Phoenix com Shelley, a mãe do meu filho. Dave Malone foi até lá e saiu comigo por um tempo. Eu estava tão duro que estávamos jantando Sucrilhos e Twizzlers. Como não tínhamos um tostão para fazer nada, costumávamos sentar no quintal e ver meus pombos voando. De vez em quando, eu marcava uma sessão de autógrafos em algum lugar e cobrava 25 contos por autógrafo, só para sair da lona. Eu estava tão pobre que o cara que roubou meu cartão de crédito reclamou na internet que eu estava tão quebrado que ele não conseguiu nem pagar um jantar com o cartão.

Mas havia algumas vantagens. Voltei para o Leste e estava saindo com meu amigo Mario Costa, que mantinha alguns dos meus pombos atrás do Ringside Lounge, seu bar e restaurante em Jersey City. Era um belo dia de verão tropical, e nós estávamos sentados,

onde os pombos ficavam. Peguei no sono e Mario me deixou sozinho. Duas horas depois, acordei e comecei a gritar: “Eu tô rico! Eu tô rico!”. Mario veio correndo de volta.

“Você tá bem, campeão?”, perguntou.

“Estou rico, Mario”, eu disse. “Não tenho relógio, não tenho dinheiro nem celular, mas me sinto tão em paz! Ninguém fica me dizendo ‘vem aqui’, ‘vai lá’, ‘faz isso’, ‘faz aquilo’. Eu costumava ter carros que nunca dirigia e nem mesmo sabia onde as chaves deles ficavam. Eu tinha casas, mas não morava nelas. Todo mundo me roubava. Agora eu não tenho nada. Ninguém me liga, ninguém me enche o saco, ninguém fica no meu pé. É tão tranquilo. Isso é ser rico, cara.”

Alguns amigos seguraram minha barra. Meu amigo Eric Brown e seu irmão me deram um adiantamento de 50 mil dólares da sua companhia, a CMX Productions. Eu teria feito qualquer coisa por eles, mas nunca precisei.

Enquanto isso, ainda em agosto, meu amigo Craig Boogie começou a negociar um acordo para mim com a K-1, empresa de artes marciais mistas, MMA. Eu não tinha onde morar, então o pessoal da K-1 me alojou numa suíte do hotel Beverly Wilshire, em Los Angeles, e pagaram todas as minhas despesas. Eu precisava daquilo. Já tinha sido expulso de todos os grandes hotéis da Strip[2] de Las Vegas. Em troca, eu fazia aparições promocionais para eles.

“Mike, nós precisamos que você esteja na plateia em tal evento no Havaí.”

Bum! Lá fui eu voando para o Havaí. No mês seguinte, fui para algum outro lugar. Ganhava 50 mil por isso, 100 mil por aquilo. Eu estava ganhando todo esse dinheiro sem fazer nada. Em vez de guardar o dinheiro e pagar minhas contas, comprei um modelo Vanquish da Aston Martin e um Rolls-Royce conversível. Eu tinha todos esses carros e nenhum lugar para onde ir. Eu fazia compras em Rodeo Drive todo santo dia. Ficava andando pelas lojas, me olhando no espelho, decidindo como eu iria me apresentar quando saísse aquela noite. Eu usaria calças de 3 mil dólares, uma camiseta de 4 mil e um blazer de 10 mil. Ao mesmo tempo, não tinha nem onde cair morto.

Todo mundo no Beverly Wilshire me conhecia. Eles faziam jantares exclusivos numa das salas de reunião, e eu aparecia lá de bicão. Se a conversa era sobre a questão Israel-Palestina, eu metia o bedelho. Era um charlatão de primeira.

Eu dava festas no meu quarto e pedia filés e lagostas, caviar e champanhe Cristal. Convidava os maiores traficantes e vigaristas, e nós jogávamos dado. Eu dava um pau neles no jogo de dados e depois falava umas merdas.

"Esse é todo o dinheiro que você tem, neguinho? Achei que você fosse um jogador importante em Los Angeles, seu filho da puta. É isso que acontece quando tentam foder com o Homem de Ferro. Você pensa que eu sou só um lutador? Eu sou um puta de um destruidor, neguinho. É até melhor você jogar na loteria; de mim você não tira nada."

Morei naquela suíte por dois anos, ficando chapado de maconha e cocaína e levando garotas para lá. Virei um balão de tanta comilança até tarde da noite.

Logo após eu ter assinado o contrato com a K-1 em agosto, eles comunicaram à imprensa que eu iria lutar com uma de suas estrelas, Bob Sapp, ex-jogador da NFL, a Liga Nacional de Futebol Americano, de 1,95 m e 180 kg. Mas, não, eu nunca lutaria com um cara do *kickboxing*.

"Pode até ser legal", falei ao *New York Times* quando me ligaram. "Mas só sob as regras do Marquês de Queensberry. Não estou muito a fim de levar um chute na cabeça, sabe?"

Então, no dia 15 de agosto apareci nas grandes lutas da K-1 no Bellagio, em Las Vegas. Logo depois de vencer sua partida, Bob Sapp me chamou até o ringue e me desafiou.

"Vou fazer isso agora mesmo", eu disse para a plateia. "Me arranjem um calção e luto com ele esta noite mesmo, sob as regras do Marquês. Assina aí o contrato, grandão."

Isso era conversa fiada de luta livre. Eu adorava fazer essas aparições.

Algumas semanas depois de me mudar para o Beverly Wilshire, fui até Neverland visitar Michael Jackson. Foi legal sair com o

Michael; ele era bem discreto na época. Me perguntou o que eu andava fazendo, e eu respondi que estava de boa, pegando leve.

"Descansar é bom. Descansar é muito bom mesmo, Mike", ele me disse. "Descanse o quanto puder."

Eu não sabia que ele não andava conseguindo dormir de jeito nenhum.

Era estranho, todos diziam que ele molestava crianças na época, mas quando fui vê-lo, havia algumas crianças por lá que pareciam ser delinquentes. Aquelas não eram criancinhas bobinhas não, aqueles caras acabariam com a raça dele caso tentasse alguma merda.

Em abril de 2004, fiz uma aparição conjunta com Ali num grande evento da K-1. Novamente, eles anunciaram que eu tinha feito um contrato com eles para lutar e que faria minha estreia naquele verão. Uma de suas estrelas deu uma coletiva de imprensa e disse que estava ansioso para lutar comigo.

"Eu aceitaria uma luta sob as regras do boxe", disse Jerome Le Banner. "Mas assim que entrasse no ringue, eu faria qualquer merda que quisesse… Boxe moderno ou não, vou meter chute nele… Tyson já mordeu uma orelha, agora vai engolir um pé tamanho 44."

Seria loucura lutar com aqueles monstros. Eu preferia voltar para a minha suíte e relaxar.

Minha falência estava me enrolando também. Em junho, Don finalmente fez o acordo do processo. O juiz de falência deixou que ele pagasse apenas 14 milhões de dólares. Novamente, Don tinha manipulado todo mundo. Não consegui nenhum direito sobre os filmes nem nada. Monica foi a primeira a ser paga depois do acordo. Os advogados da falência acabaram me custando 14 milhões; eles foram pagos antes da Receita. Eu continuei nadando na merda, então pedi a Shelly que me arranjasse uma luta. Ele escolheu um lutador de boxe inglês, Danny Williams, e marcamos uma luta em Louisville para o dia 30 de julho. Williams era o ex-campeão inglês dos pesos-pesados e estava voltando à ativa. Ele tinha nocauteado seus dois últimos adversários, mas tinha perdido para Julius Francis, então eu não estava muito preocupado com nossa luta.

Tive de falar com a imprensa de novo. Umas duas semanas antes da luta, eu me sentia otimista ao encontrar os repórteres, como de costume.

“Acho que o que mais me intriga, Mike, é onde você encontra tranquilidade na sua vida?”, me perguntaram.

“Eu não sei. Ando reparando que não sou a única pessoa que passa por situações complicadas. Você tem que entender que eu perdi tudo, e eu quero dizer tudo mesmo. Pessoas que já foram importantes para mim, pessoas que já amei, simplesmente perdi tudo. Dinheiro, casa, tudo. As pessoas que te amam, você acaba afastando-as para longe, por ser tão agressivo e louco. Você tem que perder tudo. E eu acho que em algum momento da sua vida você deseja poder ter todos de volta, mas acho que isso faz parte da dor do crescimento. Nós perdemos as pessoas com quem mais nos importamos e mais amamos para conseguir recomeçar a vida do zero.”

Eu estava usando drogas direto até o dia da luta. Fui lutar pesando 105 quilos, mas até que estava em boa forma. Coloquei meu guarda-costas Rick em minha equipe de apoio. Eu peguei pesado com Williams no primeiro assalto e quase o apaguei, mas ele era um lutador esperto e se segurou em mim para aguentar até o fim. Nos 30 segundos finais, senti um estalo em meu joelho esquerdo depois de dar um soco. Descobri mais tarde que eu tinha estraçalhado o menisco, então lutei com uma perna só a partir do segundo assalto. Ainda consegui bater pesado nele no segundo assalto, porém eu não conseguia mais me mexer nem me esquivar, e ele começou a me dar umas boas marteladas por todo o corpo. No terceiro assalto, o juiz tirou dois pontos de Williams por golpes baixos e um soco fora da luta.

Já no quarto assalto, eu estava sem forças e era um alvo fácil. Ele mandou uma saraivada de socos e eu não consegui me mexer por causa do meu joelho e da falta de condicionamento. Um último soco de direita me mandou para o chão. Me agarrei às cordas enquanto via o juiz terminar a contagem. Aquela luta realmente acabou com meu ânimo.

Voltei para a casa de Shelley em Phoenix e fiz uma cirurgia no joelho. Fiquei numa cadeira de rodas por um tempo e depois passei a usar muletas. Claro, aquela foi mais uma desculpa para eu me drogar. Passei os meses seguintes em depressão profunda, só conseguia ficar no quintal brincando com meus pombos.

Saí de meu isolamento em outubro, quando fui para Nova York ver a luta de Trinidad e Mayorga, no Madison Square Garden. Eu estava lá com meu amigo Zip e um novo guarda-costas do Bronx. Quando fomos para nossas cadeiras no Garden, as pessoas ficaram malucas. Não me viam há um bom tempo e estavam eufóricas. Fui aplaudido de pé. Eu amo Zip como um irmão, mas ele não entendeu que as pessoas estavam apenas demonstrando apreço por mim. Ele ficou muito animado.

"Estamos de volta, Mike, estamos de volta!", ele disse. "Eles vão te chamar para fazer comerciais logo, logo. Vão te colocar em filmes. Nós vamos conseguir aquele grande negócio de livro. Você é um cara foda para superar isso, meu irmão. Estamos de volta!"

É, tirando o fato de eu ser um drogadão de primeira, nós estávamos de volta.

Depois da luta, fomos para um fim de festa numa boate no centro. Eu estava sentado, bebendo com Zip, quando ele apontou para a pista de dança.

"Dá uma olhada no seu segurança", ele disse.

Olhei e vi meu novo guarda-costas abraçado com uma garota branca, dançando e segurando uma garrafa de champanhe. Ficamos lá por mais um tempo e depois eu, Zip, o guarda-costas e sua garota voltamos para o hotel.

Zip e eu estávamos de boa no quarto, fumando uma erva, quando alguém bateu na porta. Eu abri e havia um cara parado lá.

"Mike, seu segurança está no elevador e ele está com a bunda de fora."

"O quê?!"

Nós corremos até o elevador e, chegando lá, vimos que o segurança estava deitado, com as calças abaixadas até os tornozelos. Pedi para o Zip que levantasse as calças do cara e o levasse de volta para o seu quarto. Depois, voltamos para o nosso quarto.

Alguns minutos depois, a polícia apareceu. Eles me disseram que todo aquele incidente tinha sido gravado pelas câmeras de segurança. A garota que meu guarda-costas tinha trazido para o hotel o acusou de estupro, mas quando os policiais assistiram às gravações, viram a moça aplicando um "boa-noite Cinderela" nele e puxando suas calças para baixo. Ela estava armando para roubá-lo, portanto não haveria nenhuma acusação nem publicidade negativa.

Fechei a porta e fumamos um pouco mais. Então, minutos depois, bateram novamente à porta. Pelo olho-mágico, vi mais quatro policiais.

"Ei, ei! Para! Me deixem em paz, já chega de falar com vocês, cara! Eu não fiz nada, acabei de conversar com uns policiais! Por favor, me deixem em paz."

Mais tarde, pedi uma limusine para levar Zip para casa e fui junto só para dar um rolê. Ele ainda estava bem chateado com o caso do guarda-costas.

"Cara, nós estávamos quase de volta, Mike", disse. "Quase de volta. Nós estaríamos fazendo filmes, comentando lutas. Estávamos quase de volta, e aquele filho da puta de segurança babaca fodeu tudo, Mike."

Um mês depois, eu mesmo me meti numa encrenca. Eu estava num hotel em Phoenix com meu segurança de costume, Rick. Alguns amigos do Arizona me levaram para sair, e Rick ficou no hotel. Fomos para o Pussycat Lounge, em Scottsdale, e ficamos completamente loucos de tanto pó e goró. Estávamos todos fodidos quando saímos de lá; ao atravessarmos a rua, vimos um carro em alta velocidade vindo em nossa direção.

"Vou pular por cima do carro", eu disse a um dos meus amigos. Parei no meio da rua, mas o motorista também parou. Eu pulei no seu capô, fiquei de joelhos e comecei a berrar e a esmurrar aquela merda de carro. O cara saiu do carro para gritar comigo, mas quando ele viu quem eu era voltou rapidinho para dentro. Meus amigos me puxaram de volta e disseram que estava tudo bem. Mas, no dia seguinte, o cara olhou para o seu Toyota e percebeu marcas de pancada por todo o capô, então chamou a polícia. Fui acusado de

dano criminal, um delito leve, porém Darrow interveio, e o cara foi pago para ficar de bico calado.

Eu ainda estava na merda quando chegou o Ano-Novo. Shelley estava grávida de novo, e em março tivemos uma filha que chamamos de Exodus. Liguei para o outro Shelly e disse a ele que precisava de dinheiro rápido. Ele arranjou uma luta com um babacão chamado Kevin McBride em Washington, para o dia 11 de junho. Mas ele era um babacão grandalhão, com 1,98 de altura e 123 quilos.

Um repórter do *USA Today* veio até minha casa em Phoenix depois das minhas sessões de treino, e despejei tudo no rabo dele.

"Nunca serei feliz. Acredito que vou morrer sozinho. Prefiro que seja assim. Fui um solitário a vida toda, com meus segredos e minha dor. Estou realmente perdido, mas estou tentando me encontrar. Sou um caso realmente triste, patético. Minha vida toda foi um desperdício – eu sou um fracasso. Eu só quero fugir. Estou muito envergonhado de mim mesmo e da vida que levo. Quero ser missionário. Acho que eu poderia fazer isso mantendo minha dignidade, sem deixar as pessoas saberem que me colocaram para fora do país. Quero que essa parte da minha vida acabe o mais rápido possível. Quero transformar minha vida num trabalho missionário. Não vou ser maníaco por Jesus, mas é para isso que vou dar a minha vida. Eu amo Jesus e acredito em Jesus também – e eu sou muçulmano. Olha, eu tenho um imame, tenho um rabino, um padre e um pastor – tenho todos eles. Mas eu não quero bancar o santo. Quero ajudar todo mundo e ainda conseguir umas bocetas.

"Nesse país, nada de bom vai sair de mim. Estou tão estigmatizado que não vejo um jeito de me tornar alguém melhor. Entrei em depressão depois da minha última luta. Eu estava saindo com um monte de prostitutas e coisas do tipo. Eu me sentia uma escória, então andava com a escória. Ficava chapado o tempo todo. Mas você acaba percebendo que precisa deixar as drogas de lado e enfrentar a realidade."

Eu não deveria ter entrado naquele ringue. Eu estava perdendo feio, ficava parado, sem fazer nada, não tinha energia nenhuma. No fim do sexto assalto, quando estávamos nas cordas, McBride apenas

se inclinou sobre mim e eu caí de bunda no chão. Fiquei lá, sentado de pernas abertas, esparramadas. O gongo soou, e eu mal conseguia me levantar. A equipe de apoio de McBride estava cuidando de um corte que eu tinha feito nele com uma cabeçada. Sentei com minha equipe e disse para o novo treinador, Jeff Fenech, que já era, tinha acabado. Eu não ia lutar um sétimo assalto.

Jim Gray veio me fazer uma entrevista.

"Mike, vamos começar com você. Você queria continuar?"

"É, eu gostaria de ter continuado, mas vi que estava sendo derrotado. Percebi que perdi o dom, tenho a habilidade de me manter em forma, mas não tenho mais a ousadia de lutar; acho que não mais."

"Quando você percebeu isso? Em que parte da luta?"

"Não sei, acho que logo no começo. Eu sinto muito mesmo por ter decepcionado todo mundo. Só não tenho mais essa vontade em meu coração."

"Você ainda tinha vontade quando veio para essa luta?"

"Hmm… não, só estou lutando para pagar minhas contas, basicamente. Não tenho mais estômago para isso. Eu me preocupo mais com os meus filhos. Não tenho essa ferocidade, não sou mais um animal."

"Isso significa que não vamos mais te ver lutar?"

"Sim, provavelmente não vou mais lutar. Não vou mais ser desrespeitoso com o esporte, perdendo para lutadores desse calibre."

"Por que você agiu de forma tão passiva?"

"Não vou tirar nada do Kevin. Eu não amo mais isso. Já não amo lutar desde 1990, mas, Kevin, parabéns pela sua carreira e boa sorte. Desejo o melhor para você, e que ganhe muito dinheiro."

Eu me encontrei com os repórteres de boxe pela última vez depois de uma luta. Entrei na sala de imprensa, e me aplaudiram de pé.

Pedi que eles se sentassem e repeti as mesmas coisas que tinha dito para Jim Gray. Eu não ia mais lutar porque não queria desonrar o esporte.

E, então, deixei a arena como boxeador pela última vez. E já tinha me esquecido do trabalho missionário ou de contribuir com a

sociedade. Apenas disse para mim mesmo: “Uau, acabou. Agora posso sair e me divertir um bocado”.

14

QUANDO EU ESTAVA COM 10 anos de idade, me meti num roubo com um cara mais velho chamado Boo. Ele me fez entrar pela janela da casa de um cara e fomos direto para a mina de ouro – uma puta tevê, um belo aparelho de som, algumas armas e dinheiro. Boo sabia que eu tinha futuro como vigarista. Ele me usava como isca para atrair caras que gostavam de foder garotinhos; assim que a gente entrava no quarto, ele e os amigos já estavam lá dentro para acabar com a raça do cara e roubar o dinheiro dele.

Após o assalto, Boo me levou para o apê de uma senhora negra. Ela era uma pessoa sem escrúpulos e de aparência maldosa, mas quando a conheci melhor, descobri que era muito gentil e atenciosa. Havia um monte de caras lá, caídos por ali, curtindo a brisa. Boo deu dinheiro à senhora e ela lhe entregou um envelope com um pó branco dentro. Eu não conseguia parar de olhar Boo colocando o pó numa colher e a esquentando com seu isqueiro. Quando aquela merda começou a borbulhar, ele pegou uma seringa e sugou o líquido com a agulha. Depois, amarrou o braço e, quando estava para injetar a merda na veia, olhou para mim e disse:

"Vira de costas, moleque, vira de costas."

Ele não queria que eu o visse injetando heroína.

Mais tarde, quando saímos de lá, ele me deu um tapa na cabeça.

"É bom que eu não saiba nem veja você usando essa merda, seu filho da putinha, ou eu te mato. Você está entendendo?"

Claro que aquilo me fez querer experimentar heroína ainda mais. Quando um viciado veterano me dizia para não mexer com drogas, eu pensava: *Mas por quê? Só para ficar tudo para eles?*

Experimentei heroína uma vez, quando era mais jovem. Fumei, mas passei muito mal; precisei vomitar. Só olhar para os viciados

me fazia querer distância de heroína. Eu olhava para eles e via que não tinham mais alma. Você percebe que é aquilo o que te espera.

Comecei a comprar e cheirar pó quando tinha 11 anos, mas desde neném eu já bebia. Eu venho de uma linhagem extensa de bêbados. Minha mãe costumava me dar vinho Thunderbird ou gim Gordon para dormir. Aos 10 anos, meus amigos e eu comprávamos garrafas de Mad Dog 20/20, Bacardi 151, Brass Monkey… esses tipos de merda barata que acabam com seu fígado. Também começamos a fumar maconha e haxixe, até mesmo ópio e pó de anjo. Eu até tomei LSD uma vez, quando era mais novo; fizemos um troca-troca quando estávamos loucos de ácido, mas não deu muito certo. Ficávamos caçando umas merdas por aí, rindo e correndo.

"A polícia, a polícia, eles vêm vindo!" Nós ríamos e nos escondíamos embaixo de um carro.

A não ser por um período de dois anos e durante o tempo que fiquei na prisão, eu bebia sempre, o que não é nenhuma surpresa, visto que meus exemplos de vida e sobre os quais tinha lido eram todos bêbados violentos. Mickey Walker, Harry Greb – meus heróis eram esses branquelos irlandeses beberrões. Eram os caras que ficavam nos bares bebendo e se divertindo, enquanto seus oponentes estavam correndo e pulando corda.

A bebida trazia à tona o pior de mim. Quando eu ficava bêbado, me tornava um cara totalmente frio, sem emoções, não me preocupava nem um pouco com os sentimentos alheios. Eu brigava com qualquer um, até mesmo policiais. Quem me conhecia diria: "Não deixe o Mike beber. Dê a ele um baseado, mas não deixe ele beber de jeito nenhum!". Quando fumava maconha, eu ficava feliz, com as emoções à flor da pele, e também estava pronto para te dar toda a porra do meu dinheiro. Contanto que não me dissessem para não ficar chapado, porque se me mandassem parar, aí eu ficava puto. Se você ficasse de boa e deixasse eu ficar louco em paz, aí eu mandava: "Tem certeza de que você não tá precisando daquele Porsche bonitão lá fora?"

Acredito que a principal razão que me fez começar a usar tanta cocaína foi toda a dor física que eu sentia por causa da minha carreira no boxe. Conheço alguns jogadores de hóquei que disseram

a mesma coisa. Quando você sente aquele tipo de dor, não dá para ser amigável com os outros. Você é como um leão com a pata machucada. Quando um animal se machuca, ele sabe que outros animais podem atacá-lo; era assim que eu me sentia, com muita dor, vulnerável e assustado. Então, você arranja a cocaína. Mas, uma vez sozinho no quarto com o pó, vem o desejo de ter uma mulher lá, pois você se sente tão mal por usar a droga que precisa ficar com uma mulher para acabar com a culpa.

Nunca tive problemas em conseguir cocaína, mesmo quando estava duro. Conheci muitos dos grandes traficantes quando ainda eram garotinhos que tentavam sair da rua, e eu os tratei com atenção e carinho na época. Agora eles são multimilionários e têm grandes boates; então, quando nos vemos, eles me fornecem uma boa quantia de graça. Mas eu ainda os trato como se fossem garotinhos. Eu simplesmente dizia: "Vou a tal lugar, me arruma alguns daqueles pacotinhos". Ou eu poderia encontrar um completo estranho que conhecia o traficante, e ele já dizia: "Dá dois pinos de 3 gramas para o Mike, é por minha conta".

Quando você começa a usar cocaína, descobre que velhos conhecidos, dos quais nunca tinha suspeitado, também estão usando. Uma vez, eu estava bebendo com uma grande celebridade, quando ele se virou para mim e me perguntou:

"Você tem pó aí?"

"O quê??"

Eu tentava ser discreto. Como é que ele sabia que eu estava cheirando, porra?

"É, eu tenho. Mas como você sabe?", perguntei.

"As pessoas que usam reconhecem as pessoas que também usam, Mike", ele disse. "Nós temos um radar".

Quando você tem cocaína, você poderia estar no Deserto de Mojave na porra do meio da madrugada, cheirando seu pó, e do nada surgiria uma vadia de biquíni. Radar da coca. As mulheres ao meu redor amavam tanto a cocaína que começamos a batizá-la com apelidos femininos. Se queríamos pó, dizíamos: "Cadê aquela branquela vadia? Quero aquela putinha". Nós também a chamávamos de "loirinha" ou "branquinha".

Quando comecei a cheirar pesado, carregava comigo meio tijolo de cocaína. Eu estava carregando peso de tráfico, mas não me importava, só queria poder dividir e animar todos os meus amigos. Ficava passando entre as pessoas e perguntando: “Você quer um pouco?” Pessoas que eu nem imaginava estavam usando aquela merda. O interessante era que aqueles filhos da puta cheiravam meu pó e depois me repreendiam, sendo que eles faziam o mesmo.

Ou então, de repente, um cara com quem você nunca tinha cheirado antes surge na sua frente como um expert. Ele cheira algumas carreiras, limpa o nariz delicadamente e depois fica meio pensativo. E então ele diz: “eu te consigo coisa melhor”. De repente, o cara é entendido do assunto.

Algumas vezes, você arruma uns caras que não veem a hora de te viciar na cocaína deles.

“Mike, você está pronto para essa merda? Tem certeza de que está pronto?”, ele dizia. “Bem-vindo à porra da Brisalândia, meu chapa!”

Ele fez umas carreiras e eu cheirei.

“Puro pó peruano!”, ele disse todo orgulhoso, como se tivesse acabado de abrir uma garrafa cara de Lafite Rothschild.

Mas ele estava certo. Aquela merda era tão boa que fritou meu cérebro na hora.

DEPOIS DA LUTA CONTRA McBride, eu estava saindo com uns amigos em Los Angeles e me sentia bastante deprimido, quando meu telefone tocou. Era Jeff Greene, um novo amigo meu. Logo de cara, era de se imaginar que Jeff e eu nunca seríamos amigos de verdade. Jeff era um empresário judeu que tinha ganhado 1 bilhão de dólares no mercado imobiliário. Eu era um boxeador muçulmano que tinha torrado quase 1 bilhão de dólares com putas, carros e honorários advocatícios. Conheci Jeff através de um amigo em comum, e nos demos bem na hora. Ele passou a assistir às minhas lutas na Europa e eu comecei a viajar pelo mundo com ele em seu iate. Ele me convidava para jantar em sua casa durante o Rosh Hashana, o Ano-

Novo judeu, e ainda por cima tinha de ler o livro durante o sêder da Pessach, o jantar da Páscoa.

"Oi, Mike, por que você não vem no meu barco, aqui em Saint-Tropez? Vou mandar um jato fretado te trazer para a França e meus homens vão te levar até o barco."

Jeff estava preocupado, com medo que eu entrasse em depressão se ficasse pensando na forma como deixei o boxe; então, ele pensou que ficar com algumas das mulheres mais lindas do mundo e me divertir pudessem ser os remédios ideais para mim.

Antes de sair, liguei para Zip para saber se ele queria ir comigo nessa viagem.

"Não, cara, eu não posso ir", ele disse. "Um neguinho atirou em mim e quero descobrir por quê."

"Vamos, Zip. Vamos voar num jatinho particular e passear num iate por todo o Mediterrâneo…"

"Que merda, cara. Levei um tiro; então, outra pessoa tem de levar um tiro agora. Tiro por tiro."

"Vamos para o lugar onde estão as melhores bocetas da história do planeta e você está falando em atirar em alguém? Elas não ligam se você está chapado ou sem grana; se você está lá, está fodendo", eu disse. Mas ele só pensava em se vingar.

Então, fui até lá e foi legal. Não me senti tão deslocado assim. Vi algumas pessoas que conhecia, e elas começaram a me arrastar por todos os lados. Eu tomava café da manhã no barco e depois passeava por aí com um dos jet-skis do Jeff, até que algum mané de Wall Street me via e vinha me convidar para o seu barco.

"Ei, meu barco é maior que o do Jeff", diziam. "Vamos nos divertir com a minha galera lá no meu barco".

Não sei o que esses caras pensavam. Eu não era um negão de aluguel. Jeff era meu amigo. Além disso, nós tínhamos o barco mais animado; ele tinha mais de 45 metros, mas não era grande o bastante, porque a galera perdia a cabeça.

No início, fiquei um pouco nervoso porque não me identificava com outros amigos de Jeff.

"Jeff, esse é o paraíso dos branquelos. Não sei se o sr. Salamaleico aqui vai se enturmar", eu disse. Essa era minha

apresentação para júbilo judaico. De repente, Denise Rich me viu e veio me apresentar uma amiga, tentando me fazer sentir mais à vontade. Ela é uma mulher tão bonita, elegante e sofisticada. Ninguém estava me estranhando, então, percebi que a única pessoa a me estranhar era eu mesmo, dentro de minha cabeça. Eu estava sentado ali, me familiarizando com meus novos amigos judeus, quando de repente um muçulmano árabe-saudita, rico, grosseirão e antipático veio até nós dizendo:

"Meu filho ia pagar 15 milhões de dólares para te tirar da cadeia quando aquela garota disse que foi estuprada por você." Ele nem ao menos me disse: "sr. Tyson, é um prazer conhecê-lo…"

"Ah, obrigado, senhor", falei.

Denise Rich olhou para mim, meio triste. "Sinto muito por isso", disse.

Que tipo de cara faz uma coisa daquelas? Que arrogância! E se meus novos amigos não soubessem que eu estive preso por estupro? E se perguntassem: "Por que você esteve na prisão, Mike? Desviou dinheiro? Divulgou informações sigilosas?" Obrigado, sr. Cavaleiro do Deserto, por explicar aquilo em seus mínimos detalhes para todo o júbilo judaico. Não falei com aquele cara pelo resto da noite.

Tive um outro encontro, mais agradável, enquanto estávamos em Saint-Tropez. Eu estava no iate de outro judeu rico e fiquei vendo o encontro dele com outro judeu que estava com seu barco atracado por perto. Eles se encaravam, exatamente como os negros fazem, sabe como nos encaramos? Então, um cara disse: "Harvard, turma de 1979?"

"Sim! Você não estudava macroeconomia?"

"Isso mesmo. Você não saiu com Cindy, de Hyaniss Port? Eu saí com ela também, por pouquíssimo tempo."

Estava eu naquele barco quando vi um cara negro, grandalhão. Ele era guarda-costas de um traficante internacional de armas bastante conhecido. Eu olhava para ele fixamente, mas não conseguia descobrir de onde o conhecia; foi então que ele veio até mim e perguntou:

"Spofford,[1] 1978?"

"Que merda, negão, nos conhecemos no isolamento", lembrei.

“É, eu me meti naquela briga com o cara do refeitório.”

“Pode crer, era você!”

Depois de Saint-Tropez, fomos com o barco para todo canto. Subimos e descemos pela costa e, cada vez que parávamos em algum país, era um deus nos acuda quando descobriam que eu estava no barco de Jeff. Nunca vi nada parecido. Você podia desembarcar em qualquer lugar do mundo e era como se nunca tivesse saído de casa. Podia conhecer reis, rainhas e príncipes. Carta branca para tudo, as pessoas abrem portas para você: não é necessário encarar uma fila para entrar na boate, sempre existe uma mesa para você nos melhores restaurantes do mundo. Era um mundo maravilhoso de se viver. Parecia tudo uma grande brisa. Mas uma coisa que percebi foi que nada daquilo preenchia o enorme vazio da minha alma. Eu nunca tinha respeitado o campeonato de verdade, foi tudo muito fácil. Com certeza me esforcei muito para alcançar o que alcancei, mas encarava aquilo como algo garantido.

Quando atracamos na Sicília, fomos a uma festa e na volta umas cem pessoas nos seguiram até o barco. Todos queriam me ver e tirar fotos comigo. De repente, o barco começou a se inclinar e a afundar um pouco. Todo mundo queria festejar conosco – e isso, sem dúvida, era ideal para meus demônios.

Nós paramos na Sardenha, e aquilo foi insano. Sou louco por História, então, quando penso na Sardenha, penso nas Guerras Púnicas e em Aníbal; eu vibrava pelo fato de grandes guerras terem acontecido lá. Jeff e eu passamos por um lugar chamado Clube Bilionário, e o lugar fazia jus ao nome: uma garrafa de champanhe custava uns 100 mil.

“Você não precisa se preocupar se eu vou beber esta noite”, brinquei com Jeff. Mas eles nos mandavam uma garrafa atrás da outra. Na Sardenha, saíamos com Roberto Cavalli e Victoria Beckham; ele me convidou para conhecer seu barco, tão luxuoso que mudava de cor. Eu subia num jet-ski de Jeff e ia de um barco para o outro, comendo boa comida e tomando alguns drinques.

Tivemos um incidente desagradável na Sardenha. Um amigo inglês de Jeff trouxe duas garotas francesas para o barco e ficamos todos chapados. Levei uma delas para o meu quarto e fizemos sexo.

Depois, subi para o convés e, quando voltei, vi a garota que estava comigo vasculhando as cabines. Eu estava muito chapado, mas fiquei muito bravo com ela. *Puta merda!*, pensei, *se alguma coisa sumir daqui, vão colocar a culpa em mim! Eu sou o único negão por aqui*. Então, agarrei a garota pelos cabelos e disse: "Que porra você tá fazendo?". Arrastei-a até o convés. Eu estava tão chateado e paranoico por causa da cocaína que estava a ponto de jogar a garota no mar, quando um cara do barco ao lado me viu.

"Não, Mike, pare, pare!", berrou.

As pessoas começaram a olhar para nós, então peguei as duas garotas e disse aos tripulantes do barco para chutá-las para fora. Aquele não era meu barco, e eu me sentia responsável por qualquer coisa que aquelas garotas fizessem. Deixamos a Sardenha e, quando estávamos a uns 160 quilômetros da ilha de Capri, um barco da polícia nos abordou. Eles eram um pouco assustadores, pois o barco estava equipado com metralhadora.

A guarda costeira subiu em nosso barco para me investigar por ter supostamente agredido aquela garota, então eles precisavam interrogar um monte de gente. Quando chegou minha vez de ser interrogado, eu disse a verdade.

"Essa garota estava roubando coisas do quarto, então eu a agarrei…"

"Espere", o policial disse num inglês meio travado. "Não, não foi isso que aconteceu. Fale de novo, fale o que aconteceu de novo."

Saquei o que ele queria dizer.

"Ela estava roubando coisas no quarto e eu não sabia o que fazer, então ela fugiu correndo do barco e eu não consegui agarrá-la", falei.

"Isso, foi isso o que realmente aconteceu", ele disse, anotando aquilo em seu relatório.

Fiquei bem paranoico quando aqueles policiais subiram no barco. Eu tinha uma bolsa enorme cheia de maconha, não queria que eles vasculhassem o barco e a achassem, então, pedi à minha amiga Jenny, que estava tomando sol de bunda de fora, que sentasse sobre a erva. Os policiais não tiravam os olhos dela, mas não pediram que ela se levantasse nem nada do tipo.

Nós fizemos mais algumas paradas, incluindo uma na Turquia, onde conheci e saí com o primeiro-ministro; mas eu estava ansioso para ir até Moscou ver minha terapeuta. Seu nome era Marilyn Murray, e ela era uma psicóloga fodona de 70 anos com quem eu me consultava desde 1999. Conheci Marilyn no verão daquele ano, quando tive de fazer terapia de controle de raiva por determinação do tribunal, por causa da crise de fúria que tive na estrada. Monica foi comigo, e decidimos tentar, ao mesmo tempo, uma terapia de casal. Fomos para uma unidade de tratamento em Phoenix. Fiz uma entrada como se fosse o presidente dos Estados Unidos – duas limusines bem compridas, todos os guarda-costas de ternos pretos, parecendo agentes da CIA. Eu entrei cheio de pose, com meus diamantes e joias caras, roupas da Versace e sapatos de crocodilo de 6 mil dólares. Sentamos com o terapeuta e começamos a sessão. Eu estava certo de que Monica e aquele cara haviam conspirado contra mim de antemão. Os dois me destruíram. Ele não dizia nada sobre Monica, apenas continuava me atacando.

"Vocês dois que se fodam! Vocês armaram para mim há muito tempo", eu disse e saí bufando.

Seis meses depois, voltei sozinho – de táxi, fodido, duro e machucado.

"Podemos tentar de novo, por favor, senhor?", eu disse humildemente.

Dessa vez, ele me encaminhou para Marilyn. Ela tinha um passado muito interessante: era dona de uma galeria de arte em Phoenix, mas começou a ficar doente e fez terapia para lidar com abusos na infância. Com 45 anos, voltou a estudar e conseguiu seu diploma de psicologia, tornando-se uma psicoterapeuta. Durante anos, fez trabalho voluntário na prisão do Arizona, lidando com agressores sexuais, estupradores violentos e molestadores de crianças. Portanto, ela tinha fama de trabalhar com casos bem pesados, pessoas que sofreram traumas demais na vida.

Eles acharam que ela combinaria comigo. Eu tinha feito muita terapia ao longo dos anos, mas os caras com quem eu me consultava eram todos muito filhinhos de papai para o meu gosto. Primeiro pensei que ela era só uma mulherzinha branca bundona, que achava

que tinha a capacidade de me mudar. Eu ia fazer o papel do negro bonzinho, e ela nunca iria ver o Ike/Mike. Mas eu não sabia que Marilyn era um monstro. Ela não engolia minhas merdas, ela conhecia todos os meus joguinhos. Só não imaginava que ela já conhecia minha maior obra de arte: o joguinho que acabei desenvolvendo depois de me consultar com terapeutas desde que era garotinho.

Para conseguir lidar comigo e conseguir minha atenção, você precisava ter um tipo de animal feroz rugindo dentro de você. Mesmo falando de forma diplomática, mesmo sem deixar transparecer, eu preciso saber que o animal está lá dentro. Poderia ser só um olhar sutil. E Marilyn o tinha.

Ficou claro para mim, depois de um tempo, que a missão de vida de Marilyn era ajudar os outros. Algumas pessoas não conseguem nem imaginar isso, alguém que tem o objetivo de gastar a sua energia só se preocupando com outra pessoa. Somos ensinados que pessoas assim têm segundas intenções, mas ela tinha uma missão. Da mesma forma que Cus dizia que "o trabalho do meu garoto é colocar homens grandes, fortes e assustadores em seu devido lugar", o trabalho de Marilyn era pegar esses mesmos homens assustadores, rejeitados pela sociedade, e fazer com que a sociedade os aceitasse novamente, fazendo-os se destacar ao ser aceitos.

Ela me introduziu um conceito chamado "base normal". Para uma pessoa saudável, uma base alta poderia ser a normal, mas a minha estava lá na sarjeta. Minha base normal era sexo, álcool, drogas, violência, mais sexo, mais álcool, mais violência e caos. Eu disse para Marilyn que o dia mais assustador da minha vida foi quando ganhei o cinturão do campeonato e Cus não estava lá. Eu tinha toda aquela dinheirama, mas não tinha a menor ideia de como me comportar, e então apareceram os abutres e sanguessugas.

Eu era um merdinha sem autoestima, mas todo o mundo me dizia que eu era incrível, então me tornei um merdinha narcisista com baixa autoestima e um ego gigante. Marilyn achou que eu ainda era viciado no caos da minha infância, de forma que, toda vez que algo bom acontecia comigo, eu dava um jeito de me sabotar. Era casado com uma médica e tive dois filhos maravilhosos com ela,

mas ficava por aí me metendo com *strippers*, usando drogas e enchendo o rabo de álcool. Marilyn queria acabar com o meu vício pelo caos e erguer minha base normal até um nível saudável.

Ela guiava a conversa de maneira perfeita. Eu sabia que os demônios da minha infância me perseguiam por toda parte, então, ela queria lidar com o garotinho que estava detonando toda a minha carreira de lutador, aquele garotinho que foi tiranizado, brutalizado e abusado. Não soube cuidar dele quando fui campeão do mundo e agora eu teria de aprender como apoiá-lo e dar todo o amor que ele nunca recebeu.

Marilyn se tornou mais que uma terapeuta, se tornou uma mentora. Ela me levava para jantar ou ao cinema; nós passeávamos e ela me ensinava tudo sobre Phoenix. Criamos um forte vínculo. Ela tem tanto amor, carinho e paixão em seu coração. E ela não estava me enganando para me arrancar dinheiro, só queria me ver melhorar. Não sei o que ela viu no bundão dependente que eu era.

Logo depois do 11 de setembro, Marilyn foi convidada a ir para Rússia a trabalho, e a partir de 2002 ela passou a ficar em Moscou quatro meses por ano. Havia tanto trauma e abuso de substâncias na Rússia, que Marilyn era como uma enviada de Deus. Então, em 2002, ela disse que não poderia mais ser minha terapeuta, pois eu precisava de alguém que ficasse o tempo todo ao meu lado. Eu amava Marilyn, não queria perdê-la.

"Por que você tem que ir? Fica aqui e seja minha mãe", implorei a ela. "Fica aqui e cuida de mim, você já não trabalha com mais ninguém, mesmo." Era realmente como se ela fosse minha mãe. Ela batalhava feito louca por mim, usava toda a influência política que tinha; ela estava numa cruzada para me salvar. Era engraçado, na época eu não queria tudo aquilo. Eu não sabia que estava tão estragado. Marilyn teve de me mostrar quanto eu estava fodido.

Assim, eu disse para Jeff Greene que iria até a Rússia, e ele me falou que poderíamos contornar a região dos Bálcãs de barco e parar na Ucrânia. De vez em quando, eu ligava para Marilyn e dizia que estava indo vê-la: "Oi, Marilyn, estou em Saint-Tropez"; "Oi, Marilyn, estou na Sardenha"; "Estou em Istambul, te vejo logo".

Quando chegamos aos países dos Balcãs, tudo virou uma barbárie. Os mafiosos realmente faziam suas operações com total impunidade por lá. Todas as coisas que nós fazemos e que as pessoas rotulam de "bandidagem" não são nada se comparadas a esses caras; eles andam tranquilos pelas ruas e você não sabe quem são, e a lei está do lado deles. Quando percebi, esses caras estavam andando comigo. Eles praticamente me sequestraram e me deram comida, vinho e tudo mais que eu quisesse.

Eu estava na Romênia, em certo ponto da viagem, saindo com os figurões das máfias e das drogas, e eles faziam de tudo para me deixar feliz.

"O que você usa?", perguntaram.

"Vocês tem cocaína?", eu disse.

Aqueles caras não usavam cocaína, mas fizeram uma ligação e um cara apareceu com um belo de um tijolo.

"É disso que você gosta?", perguntaram.

Abri o pacote e disse que todos eles deveriam dar uma cheirada. Dois deles se juntaram a mim, e então começaram a falar, falar, falar, a ponto de não aguentarem mais. Eu sou um monstro. Viciei a máfia romena no pó.

Nosso barco rumou para longe, para a Ucrânia. Jeff, eu e nosso amigo Muhammad estávamos comendo num restaurante quando, de repente, saídas do nada, milhares de pessoas chegaram tropeçando umas nas outras para me ver. A bagunça foi tanta, que a polícia teve de nos escoltar de volta ao hotel. Mais tarde, na mesma noite, Muhammad e eu fomos encontrar uns "empresários" locais. Eles conversavam sobre um contrato de patrocínio para a vodca deles. O cara que mandava na coisa tinha uma mansão que era simplesmente gigantesca; era tudo feito de mármore. Aquilo era merda de czar de verdade e ficava na área imaculada, sem roubos, onde os barões moravam. Nós deveríamos ir a um jantar de negócios, mas o dono veio falar comigo antes.

"Vem comigo. Quero te mostrar uma coisa."

Andamos até a ala sul da casa, passando por uma varanda e um saguão enormes, e chegamos a um outro quarto. Ele abriu a porta e lá estavam duas lindas mulheres, descansando na cama.

“Essa é sua sobremesa depois do jantar”, ele disse.

Então, fui até Muhammad para mostrar aquilo para ele.

“Vamos pular o jantar e ir direto para a sobremesa”, eu disse. E nós ficamos naquele quarto. Os ucranianos não acharam tão legal assim. Quem perderia um importante jantar por causa de umas vagabundas? Eles acharam esquisito.

Nesses países todos, Ucrânia, Rússia, Bulgária, tudo girava em torno do poder e do sexo. Assim que desembarcamos do avião em Moscou vindos da Ucrânia, as pessoas vinham até mim e diziam: “Você está bem? Precisa de mulher? Você está cansado, deve estar querendo uma mulher”.

Dá para imaginar um cão de caça como eu na Rússia? Se você andasse com as pessoas certas, eles literalmente pegariam uma garota da rua e a colocariam ao seu lado no carro, dizendo: “Você fica com ele”. Aquela merda era coisa de maluco.

Os caras da vodca me puseram no hotel Hyatt, numa suíte de pelo menos 3 mil metros quadrados, 5 mil dólares por noite. O lugar era tão grande que, se a campainha tocasse, assim que eu conseguisse chegar até a porta seria tarde demais, a pessoa já teria ido embora.

Os caras cheios da grana por lá eram ricaços de primeira ou talvez de segunda geração. Antes, seus pais ou avós eram basicamente camponeses, então esses caras gastavam seu dinheiro feito loucos. Eu tinha caras desembolsando 300 mil só para me entreter por uma noite. E isso nem era para sair e cair na gandaia, era só grana para ficar de boa. Eles pediam latas enormes de caviar de 60 mil, garrafas grandes de Rémy Martin Louis XIII de milhares de dólares. O que eu desejasse, teria. Dinheiro não era problema para eles.

Cheguei tarde no primeiro dia e liguei para Marilyn, dizendo que gostaria de passear com ela por Moscou antes que o país inteiro ficasse sabendo que eu estava lá. Apenas uns três *paparazzi* apareceram no aeroporto quando cheguei. Meu hotel ficava a uns dois quarteirões da Praça Vermelha. Na época, em 2005, a Rússia era bem parecida com o Velho Oeste: selvagem, com sequestros e atentados terroristas acontecendo quase todo dia. Marilyn e eu

estávamos indo para a Praça Vermelha, tínhamos acabado de passar pela estátua de Karl Marx, perto da Praça da Revolução, quando, de repente, dois carros pretos enormes e duas Mercedes *sedan* compridas estacionaram. Deles, saltaram quatro caras com metralhadoras compactas; nas Mercedes estavam caras grandalhões de jaquetas de couro e revólveres. Marilyn entrou em pânico, mas eles se aproximaram de mim dizendo que eram meus guarda-costas enviados pelos empresários ucranianos.

"Acho que eu nunca tive seguranças com metralhadoras compactas antes", disse a Marilyn.

Agora andávamos parecendo uma procissão – eu, Marilyn, os guarda-costas, que estavam todos de roupas camufladas, e os três *paparazzi* que seguiam meus passos desde o hotel. Quando as pessoas viam aquela comitiva, começavam a sair das lojas ou abandonavam seus carros. Quando chegamos à Praça Vermelha, havia uma multidão atrás de nós.

Apesar de toda aquela gente caminhando conosco, conseguimos ver alguns pontos turísticos. Eu queria muito ver a casa de Tolstói, e o intérprete que nos guiava ficou de boca aberta pelo fato de eu saber os nomes de todos os filhos do escritor e conhecer a relação entre ele e sua esposa. Também fomos visitar o museu Pushkin, mas foi impossível chegar até o Kremlin com todas aquelas pessoas nos seguindo.

Marilyn e eu nos divertimos durante o dia até ela voltar para casa, e então a verdadeira diversão começou. Você consegue tudo o que quiser em Moscou; a cidade é como Nova York, só que sob o efeito de esteroides. Uma noite, visitei um figurão russo que tinha uma mansão enorme. Numa área da sua casa, ele tinha uma sauna gigantesca, com sofás de madeira e toalhas; ao lado da sauna, havia um quarto lotado de mulheres, pelo menos umas 14. Então, você só precisava escolher uma garota e levá-la para a sauna. Também havia um telefone à disposição, caso você quisesse uma garota diferente: era só ligar e eles te mandavam.

Conheci a verdadeira máfia russa por causa do meu interesse por pombos. Depois de alguns dias em Moscou, quis ver alguns pombos russos, então perguntei para a minha guia onde ficavam os maiores

criadores. Ela me levou até um cara da máfia russa que morava no subúrbio, na casa mais luxuosa que eu já tinha visto. Só o seu viveiro de pombos era do tamanho da minha casa inteira em Las Vegas. Ele era dono de uma propriedade tão grande que meus olhos não conseguiam ver onde ela terminava.

Mas a noite mais divertida em Moscou foi com um empresário muçulmano do Cazaquistão que conheci. Eu estava com um amigo sérvio quando conhecemos o cara. Pensei que ele estava na cidade a negócio. Para quem tinha bastante dinheiro, ele agia como um cara normal, era generoso e pagava nossas contas. Fomos a uma mesquita e fizemos nossas orações juntos; fumamos um pouco de maconha, e ele disse: "Tenho uma boate para garotas na cidade. Você quer ir lá?"

Ele nos levou até a boate e fomos para uma área reservada; então, ele puxou uma tela e, *bum*!, lá estavam umas 20 garotas russas, todas lindas. A mais velha devia ter uns 20 anos. Elas começaram a dançar para nós, e ele disse: "Qual delas você quer?"

Eu não queria escolher ninguém, pois eu poderia escolher alguém que não tivesse gostado de mim e, ainda assim, ela teria de ir comigo. Ainda me sentia meio inseguro por causa de todas aquelas mulheres que protestaram contra mim quando ia lutar em seus países.

"Olha, meu irmão, só pergunta qual delas gostaria de ir para casa comigo e aí fica tudo bem. Qualquer uma delas serve." Meu único critério naquele momento era que elas respirassem.

Ele riu.

"Então tá, quem aí quer ir com o Mike?"

Ouvi gritos ecoando por todo o lugar.

"Aqui, eu, eu, eu!"

Todas elas queriam ir para o hotel comigo.

"Agora você vai ter que escolher ou irão todas com você", ele disse.

"Certo, que tal ela? Ela é bem gostosa. A morena de cabelo curto é boa também. E eu gostei daquela loira assim que entrei. Aquela garota ali, no fim da segunda fileira também, o que acha?"

“Mike, você não pode levar quatro garotas. O que você vai fazer com tantas?”, ele perguntou.

“Preciso ter todas elas, meu irmão, ou vou ficar pensando naquelas que não escolhi.”

Então, voltei para o hotel com quatro garotas. Estávamos ficando loucos de cocaína e álcool; estávamos nos divertindo, quando uma das garotas ligou para a mãe.

“Mamãe, estou aqui com o Mike Tyson!”

Ela estava muito animada e disse que a mãe era bem gostosa também – mas quatro já era o suficiente.

As garotas de programa dos Estados Unidos eram completamente diferentes dessas russas. As americanas não queriam saber de nada além de te satisfazer sexualmente, esse era seu único propósito. Mas essas garotas russas, todas falavam umas quatro línguas diferentes. Liguei para um amigo na Bélgica e uma delas pegou o telefone e serviu de intérprete para o operador da ligação; depois, liguei para Portugal e ela falava fluentemente com eles. Nós ligamos também para a Eslováquia, e ela tinha o idioma na ponta da língua.

Como eu consigo levar essas garotas para os Estados Unidos?, eu pensava. Elas poderiam gerenciar uma companhia que com certeza estaria entre as melhores do Global Fortune 500. Todas elas tinham diplomas de faculdade. Sou um cara que fala bem, com as palavras que aprendi no dicionário; mas, intelectualmente falando, fui posto no chinelo como um filho da puta por essas garotas de programa. Aaah, como eu gostaria de ter podido trazê-las para casa comigo. Foda-se aquela merda de falência, eu teria saído do Capítulo 11 em um minuto com essas putinhas.

Só fiquei com elas aquela única noite. Eu era um cachorrão na época, então na noite seguinte já estava atrás de outras conquistas. Aquelas garotas eram ótimas, mas já era hora de passar para o próximo capítulo da minha história em Moscou.

Nos divertimos a noite toda, mas bem cedinho já estava firme e forte para ir visitar um museu com Marilyn. Ela sabia das coisas, eu não precisava dizer nada para ela. Apenas me deu uma olhada e disse: “E, então, quando você vai tentar se regenerar?”

Um dia, enquanto estávamos num shopping da Praça Vermelha tomando café da manhã, o dono do shopping inteiro veio até nós. Era judeu, e disse que ele tinha feito todas as roupas para as equipes olímpicas da Rússia.

"Esta noite teremos um evento apenas para convidados para estrear os novos uniformes russos das Olimpíadas de Inverno de 2006. Todas as autoridades do esporte da Rússia estarão lá. Você gostaria de ser nosso convidado de honra?"

Geralmente eu cobrava uma boa grana por aparições desse tipo, mas conhecer todos aqueles atletas maravilhosos me empolgava muito. Disse para ele que gostaria, sim, de participar do evento, e então, como agradecimento, ele me acompanhou pelo shopping até as mais finas lojas italianas, e me presenteou com roupas incríveis.

Aquela noite, jantei com ele e seu convidado, Viacheslav "Slava" Fetisov, o ex-jogador de hóquei que era então o líder de todos os esportes da Rússia. Eles não anunciaram que eu participaria da festa, por isso, quando o evento começou, e eu entrei após ser anunciado, os atletas quase derrubaram o prédio. Criaram um pódio bem grande que lembrava a Tocha Olímpica, e fizeram que eu e Marilyn sentássemos lá em cima; ela mal conseguia enxergar por causa de todos os *flashes* da imprensa. Quando o evento acabou, todos aqueles atletas correram até nós para pegar meu autógrafo, e pedi para alguns seguranças bem grandalhões que cuidassem de Marilyn. Ela teria sido pisoteada naquela muvuca.

Um dia, Jeff, Marilyn e eu estávamos almoçando no Café New York, um restaurante no centro de Moscou muito frequentado por jogadores, quando vimos um político checheno que frequentava nossas festas em Saint-Tropez; ele era um dos senadores da Chechênia no Parlamento Russo. Em Saint-Tropez e na Sardenha, ele era muito humilde, gentil e respeitoso. Parecia e agia como um verdadeiro diplomata. Eu ia logo mandar um "oi, meu irmão!", mas em Moscou ele parecia não ser o cara bonzinho de Saint-Tropez.

"Mike, aqui ele não é seu amiguinho como era no barco. Que porra é essa?", Jeff disse.

As coisas não estavam nada boas para o meu lado. Quando estávamos no barco, foram os chechenos que praticamente me

sustentaram. Eu dizia: “Sou seu irmão muçulmano. Por favor, me arranja uma grana, estou passando um perrengue aqui”. Eles tinham tanto dinheiro que davam quantidades enormes de gorjeta. Bem, eu precisava de dinheiro naquele momento. O acordo com o pessoal da vodca ucraniana já tinha acabado, e eles iriam parar de pagar minha suíte enorme.

Mas as coisas pareceram melhorar um pouco quando o senador veio até nossa mesa e se sentou.

“Tem uma pessoa comigo que quer muito, muito te conhecer, Mike”, ele disse. “É uma pessoa muito especial.”

Eu disse: “É claro”, então deixamos a comida na mesa e seguimos o senador até uma sala de jantar reservada, num canto do restaurante. Havia uma mesa posta lá, e todos nos sentamos. Alguns segundos depois, a porta se abriu e entrou Ramzan Kadyrov, o líder checheno. Sabe, eu conhecia tudo sobre as guerras chechenas de alguns anos atrás: Akhmad, o pai de Ramzan, foi um dos mais poderosos senhores da guerra na Chechênia e um dos líderes do movimento checheno pela independência e separação da Rússia; foi uma batalha muito sangrenta, e os russos fizeram que Akhmad se tornasse presidente da Chechênia na esperança de conter a rebelião. Ele foi assassinado um ano depois, e fizeram de seu filho o novo líder. Ramzan era um grande fã de boxe e estava louco para me conhecer.

Ele se sentou logo à minha frente na mesa. Devia ter uns 28 anos, mas parecia muito mais jovem. Depois de conversarmos um pouco, ele implorou para que eu visitasse a Chechênia. Mano, a primeira coisa que diziam aos americanos quando eles entravam na Rússia era “Não vá à Chechênia”. Em 2005, a Chechênia ainda era um lugar muito violento e perigoso de se estar.

Enquanto eu pensava sobre o assunto, um cara jovem, alto e robusto entrou na sala. O cara parecia ser feito de ferro, sério. Ele usava uma jaqueta de couro preta e, ao abri-la, deixou à mostra duas pistolas automáticas presas ao redor da cintura em um enorme cinto de munição. Era apenas um dos seguranças de Ramzan.

“Você acha que alguém lá do Arizona acreditaria nisso tudo?”, sussurrei para Marilyn.

Ramzan continuava tentando me convencer a visitar seu país, então marcamos um almoço no Hyatt para o dia seguinte, meu último dia no hotel. Quando contei sobre minha situação, eles se ofereceram para me colocar no Rossiya, um hotel não turístico pertinho da Praça Vermelha; o dono era amigo de Ramzan. Aquele hotel devia ter uns 10 mil quartos. Quando Marilyn foi lá me buscar de manhã, levou meia hora para ir do saguão até meu quarto.

Na minha terceira manhã no Rossiya, Marilyn veio me buscar, mas não me encontrou. Ela esperou no saguão por uma hora, depois voltou para casa e ligou desesperada para Darryl, meu assistente em Las Vegas, dizendo a ele que eu tinha me perdido. Ele não fazia ideia de onde eu estava. À noite, no mesmo dia, um de seus amigos ligou para ela.

"Acabei de ver Mike na tevê. Ele está na Chechênia."

Eu tinha partido com Ramzan e sua comitiva naquela manhã. Não pude negar toda aquela dinheirama. A Chechênia era um lugar incrível. Assim que chegamos, eles me deram uma metralhadora. Fiquei nervoso pra caralho. Não estava exatamente com vontade de atirar com uma bendita de uma arma, mas é como dizem: se estiver em Roma, faça como os romanos. A Chechênia era de maioria muçulmana, então eles me deram um chapéu *kufi* para usar e passaram a me chamar pelo meu nome muçulmano, Malik Abdul Aziz, "Rei e Servo do Todo-Poderoso", em árabe. Eu só gosto de ser chamado de Abdul; se você não me chamar de Abdul, é melhor me chamar de Mike mesmo. Eles me saudavam pelo país inteiro como um herói muçulmano. Herói muçulmano meu cu; eu era um drogadão fodido, isso sim.

Realmente, as coisas na Chechênia eram meio primitivas. Metade do país tinha sido incendiada durante as guerras com a Rússia. Onde eu estava quase não havia lojas; não havia nada além de terras, nenhum prédio. Marilyn me disse depois que estava preocupada com a minha segurança, pois alguns dos rebeldes se opunham ao regime de Ramzan; mas, se alguém me olhasse torto enquanto eu estivesse lá, aqueles guarda-costas estourariam seus miolos.

Fiz uma aparição no grande estádio de futebol do país. Uma das coisas que mais os empolgavam era ver alguém empinar uma moto,

bem no estilo Evel Knievel; essa era sua cultura. Olha, se eles me levassem para ver alguma coisa, eu diria: “Isso é magnífico”. Uma coisa que aprendi naquela viagem foi deixar as pessoas no comando. Não queria causar conflitos.

Minha principal função lá era abrir um torneio nacional de boxe, de quatro dias, que foi organizado em memória do pai de Ramzan.

“Fico feliz por estar na República da Chechênia, sobre a qual tanto li e ouvi falar”, eu disse ao público. “E fico feliz por estar entre muçulmanos. Vimos pela televisão uma guerra injusta sendo travada aqui por muito tempo. Nós da América rezamos para que ela acabasse.”

Voltei para Moscou mais tarde, na mesma noite. Não tive a oportunidade de conhecer nenhuma garota chechena. Aquela visita tinha sido inteiramente sobre minha espiritualidade, sobre Alá e o Islã.

De volta para Moscou, passei mais tempo com Marilyn. Meu objetivo de ter vindo até a Rússia era justamente vê-la e fazer terapia. Além do mais, se de alguma forma eu precisasse da ajuda dos tribunais, poderia dizer que eu tinha passado um tempo com Marilyn na Rússia; também seria uma boa jogada política para mim.

Uma noite, Marilyn arranjou um jantar num restaurante georgiano, onde conheci alguns líderes empresariais muito promissores. No dia seguinte, disse a ela que eu não queria conhecer mais nenhuma pessoa importante; gostaria de sair com alguns de seus amigos pessoais. Então, Marilyn me convidou para almoçar em seu apartamento. Fiquei chocado quando vi o prédio em que ela morava: me lembrava os cortiços em que eu tinha vivido quando criança – tinha até o mesmo cheiro de mijo nos corredores. “Marilyn, o que você está fazendo aqui?”, perguntei. Mas era exatamente onde ela queria estar: com o povo. Depois do almoço, Marilyn convidou uns sete amigos russos, dos mais próximos. Eram psicólogos e pastores, todos profissionais.

Sentamos em círculo na sala de Marilyn, e aquelas pessoas começaram a me contar suas histórias de vida. A maioria delas tinha vindo de uma casa de alcoólatras. Justamente por morar com Cus e Camille, eu sabia que o comunismo tinha algo de um retrocesso

doentio. Então, quando todos começaram a compartilhar suas histórias, não quis que eles se sentissem desconfortáveis com minha presença. Talvez pensassem que eu estava com tudo em cima por ser famoso e conhecido pelo mundo afora; poderiam ter achado que eu não tinha nada em comum com eles, até que comecei a contar minha história. Era isso o que tínhamos em comum: nossas histórias. Eu estava acostumado a me abrir dessa forma, pois tinha passado um bom tempo em instituições e lares coletivos ao longo dos anos. Por isso, coloquei tudo para fora. Contei sobre a violência que sofri na infância, os problemas com minha mãe e sobre estar o tempo todo assustado e intimidado; todos eles pareceram mais relaxados.

Havia uma mulher sentada do meu lado cujo pai foi um oficial do exército russo. Seu lar foi explodido por terroristas quando ela era um bebê, e seu pai morreu tentando salvá-la. Ela sofreu queimaduras graves no atentado e agora suas mãos eram apenas tocos, além de ter cicatrizes por todo o corpo. Hoje ela é chefe do departamento de aconselhamento psicológico da Universidade Estadual de Psicologia e Educação de Moscou.

"Aqui estou eu, uma psicóloga. Mas ninguém nunca conseguiu me ajudar a lidar com minha dor, toda a dor psicológica, a perda de meu pai. Sinto como se tivesse esperado a vida toda para que Marilyn viesse me ajudar e me ensinar a lidar com essa dor", ela disse.

Ela começou a chorar ao falar; eu saí do meu lugar e sentei no chão, aos seus pés, segurando o que restou de suas mãos enquanto ela falava. Quando terminou, permaneci sentado no chão.

Todos nós naquela sala criamos um forte vínculo. O que deveria ter sido uma sessão de duas horas acabou durando seis. Quando estávamos indo embora, uma das pessoas veio até mim.

"Achamos que você deveria ser um político ou um pastor", ela disse. "Você poderia concorrer à presidência da Rússia e ganhar."

Mas eu sabia que a Rússia não era lugar para mim. Lá, eles não conheciam nem a palavra "equilíbrio". Não existe equilíbrio na Rússia, apenas extremos. Por isso eu me encaixei tão bem lá; aquele lugar era perfeito demais para mim e meus demônios. Eu gostava de estar lá. Eu podia fazer qualquer coisa que quisesse e sair impune.

Jeff voltou para os Estados Unidos e eu fui para Portugal. Liguei para meu amigo Mario para ir se encontrar comigo no dia seguinte, mas ele não pôde. Fui para um *resort*, arranjei coca e comecei a cheirar. Eu não dormia há dias, e a combinação disso com o punhado de pó foi o suficiente para me fazer desmaiar. A moça com quem eu estava achou que eu não estava mais respirando, então chamou o médico do hotel. Até o médico chegar, eu já estava bem. Ele insistiu para eu ir ao hospital fazer alguns exames, mas neguei.

Eu não gostava muito de onde estava hospedado em Portugal, era sufocante demais para mim. As pessoas eram sérias demais, todos os homens usavam terno, o país inteiro era *workaholic*; não havia ninguém com quem me divertir. Fiquei entediado no segundo dia e fui para Amsterdã. Os holandeses, sim, entendiam de baderna. Levei uma garota que conheci na Romênia para lá; era uma garota maravilhosa, mas ficou nervosa quando comecei a cheirar um monte de cocaína e convidar prostitutas para subir ao nosso quarto. Ela disse que não curtia drogas e voltou para sua casa, mas eu continuei com minhas orgias e festas. Duas semanas depois, eu já não aguentava mais, então pedi para Darryl vir me buscar. Mesmo depois de ele ter chegado, fiquei na farra por mais duas semanas até ele conseguir me convencer a voltar para casa.

Voei de volta para Las Vegas e fui imediatamente para Los Angeles, onde fiquei por um dia antes de voar sozinho para Nova York. Fiquei no hotel St. Regis; era meu hotel favorito em Nova York, pois eles mantinham um mordomo de plantão para cada quarto. Deixei minhas malas no chão e só quis saber de ficar chapado de pó. Fiquei com vontade de sair e me divertir, então abri uma das malas e vi que minhas roupas estavam amarrotadas. Entrei em pânico. Minha cabeça começou a doer, meu coração ficou acelerado e eu surtei. Estava muito chapado, quando liguei para meu mordomo.

"PRECISO DE ALGUÉM AQUI EM CIMA PARA PASSAR MINHAS CALÇAS, AGORA!!! AGORA, AGORA!!"

As pessoas no telefone riam, porque eu estava em pânico por causa de roupas amassadas. Dei uma saída e fiquei andando enquanto passavam minha roupa. Queria comer alguma coisa, mas a

cocaína tinha acabado com meu apetite, então achei que andar um pouco iria diminuir a brisa. Andei pela Quinta Avenida, depois fui até a Times Square e, finalmente, voltei para o hotel.

Quando cheguei, o mordomo já estava acabando. Ele tinha passado tudo o que tinha nas duas malas, e ainda ria do meu telefonema. Dei ao cara uma gorjeta bem generosa e saí para a farra.

No dia seguinte, voei até a Flórida para ver Roy Jones Jr. lutar com Antonio Tarver. Eu estava chapado e cansado, mas durante todo o tempo em que estive lá, Tarver ficava correndo atrás de mim, dizendo: “Eu e você temos que lutar, cara”. Ele não saía do meu pé.

Por fim, eu disse: “Não, cara. Não estou num momento bom. Eu nem sei se quero ficar nos Estados Unidos no momento. Estou bem para baixo. Não quero lutar com ninguém.”

Eu ainda estava ligadão por causa da coca, estava cheirando sem parar desde a viagem à Europa, quatro meses atrás. Tudo o que eu queria era soltar um barro. Quando você tem aquela quantidade de cocaína em seu sistema, você dá umas cagadas de cocaína, porque suas entranhas estão todas embrulhadas. Mas isso não me impediu de ir até os bairros de Overtown e Liberty City, em Miami, arrumar pó e umas prostitutas cubanas. É claro, sempre que eu estava nos guetos, era parado pela polícia.

“Mike Tyson! Que diabos você está fazendo aqui, cara? Esse lugar é perigoso, Mike!”, o policial disse. “Entra no carro, deixa a gente te levar para um lugar seguro.”

“Não, eu estou bem, senhor. Por favor, pode ir. Você está criando problemas para mim, senhor.”

“Sr. Tyson, por favor. Eles não se importam se você é o campeão, esse não é um lugar bom para ficar”, insistiu.

“Senhor, vou ficar em apuros se você continuar por perto. Eu estou bem.”

Estava tentando garantir umas cheiradas e algumas garotas cubanas, e aqueles caras me deixavam em maus lençóis. Quando eu ia até esses bairros, as pessoas me viam e diziam: “E aí, campeão! O que está procurando?”

Eles simplesmente viam através de mim; sabiam que eu queria ficar chapado.

Passei a ficar louco com drogas e álcool sem parar desde o instante em que saí do ringue com McBride. Depois de minhas viagens pelo mundo, me acomodei em Las Vegas e estabeleci minha rotina de drogas. Tentava acordar às 10 da noite, tomar uma ducha, me vestir e estar pronto para sair às 11. Até eu terminar, já havia alguém a caminho de minha casa, e eu cheirava um pouco antes de sair. Nós íamos até o gueto, no norte de Las Vegas, e lá ficávamos nos bares até a uma da manhã, a não ser que houvesse algo interessante rolando por lá, como um novo traficante baixando na cidade. Depois, eu ia para alguns clubes noturnos na Strip; nesses lugares, a coisa se resumia em conhecer os gerentes, ficar de boa nas suítes e conseguir umas garotas. Ficava por lá até umas 4 ou 5 da manhã, e então íamos para lugares que abriam de madrugada, como o Drai's. Depois de uma hora, íamos para clubes de *striptease*, como o Seamless, que tinha sempre uma multidão de frequentadores. Nessas casas noturnas, você via todo tipo de gente, desde celebridades e lindas modelos até vigaristas barra-pesada.

Todas essas pessoas tão bonitas viviam no império da droga; nunca eram vistas durante o dia, indo ao dentista ou ao shopping. Suas vidas eram exatamente iguais à minha: dormiam o dia todo e gandaiavam a noite inteira. Nós saíamos com elas algumas manhãs depois das festas nas boates e todas tinham casas maravilhosas. Traficantes ou ricos, eram as ovelhas negras da família. Sempre havia uma penca de gente com eles nas boates, e eles sempre pagavam a conta.

Eu estava numa balada e, quando dava por mim, estava num quarto de uma grande mansão com toda aquela gente. Não fazia nem ideia de como tinha ido da boate até minha casa. Naquela altura, eu já tinha perdido minha mulher. E gosto de ser o mediador. Quando as pessoas cheiram, por algum motivo acham que sou uma gracinha. Então, as mulheres de uns caras muito assustadores decidem dar em cima de mim, e eu fico tipo: "Opa, opa, não é isso que está rolando aqui. O momento agora é de união".

Aí, eu fico nervoso. Aquele cara está observando a mulher dele me tocar. Acabo ficando sóbrio, porque o medo e a brisa não

combinam muito; eu me sinto um filho da puta gordo e nojento. Tenho certeza de que o cara é má pessoa. Ele provavelmente já cumpriu pena e não tem medo de matar alguém, e ele tem uma garota maluca que está decidida a dar em cima de mim.

Aprendi como lidar com mulheres em situações do tipo: eu sempre me rebaixo, ajo como se não fosse ninguém importante. Sou realmente bom nisso.

"Ah, princesa, eu sou um viciado. Por favor, garota, não mexe comigo. Já peguei tanta doença… Estou surpreso de você não ter pegado nada só de estar tão perto de mim."

Sei como brochar uma mulher, e isso é bom para a minha saúde. Algumas vezes, a mulher é a vida do seu homem. Uma mulher consegue invadir a mente de um homem; ela pode arrumar um namorado pau-mandado e transformá-lo num psicopata passional e obsessivo. Por isso eu nunca subestimo um cara assim.

Uma das pessoas interessantes que conheci na época foi um cafetão que eu chamava de Chance. Eu estava numa das casas de *striptease* no fim da madrugada quando ele veio conversar comigo.

"Oi, sr. Tyson. Uau, eu sempre quis conhecê-lo, porque você sempre diz que é o cara mais malvado do planeta, e eu digo que sou o cafetão mais malvado. O jeito de você lutar é o jeito de eu fazer minhas cafetinagens."

"Isso é verdade, negão?", eu disse.

"É, cara, eu não tô te enrolando, não. Sei da sua falência, sei que roubaram seu dinheiro. Negão, você tá comigo agora, não tenho nada além de dinheiro. Vê todos esses homens aqui? Eles ficam na seca até eu chegar. Eu forneço tudo."

Comecei a sair com Chance e ele tinha vários carros bonitos: Porsches, Ferraris, Maseratis e Lamborghinis. Pensei que ele curtia um pó, mas aquele cara era um cafetão meio caipira; ele contava várias mentiras para fazer parecer que era um homem do mundo, mas tudo que ele usava eram drogas de veadinho, como o *ecstasy*.

Como estava duro, uma noite eu pedi: "Me arranja uma cocaína, negão".

"Quem tem cocaína?", ele disse. "Deixa eu ligar para o meu cara."

Da próxima vez que o encontrei, ele estava com o pó, tinha ligado para um amigo traficante de maconha que tinha um pouco. Então, eu cheirei e passei para ele.

"Vai em frente, cara, cheira essa merda aqui, negão", eu disse. "É tipo *ecstasy*, só que picadinho."

Ele cheirou umas duas carreiras, mas imediatamente teve uma reação negativa.

"Ai, minha cabeça!", gritou, caindo no chão. "Que merda, Mike! Já era! Tô fora!"

Ah, que merda! Esse cara está para morrer, pensei. Estávamos com seu sobrinho, então fiz ele levar Chance até sua casa. Eu estava no banco da frente e Chance estava deitado e gemendo no banco de trás de sua Maserati quatro portas. Enquanto isso, eu – um belo de um viciadão – estava cheirando aquela cocaína ruim, sem me importar que ela estava matando meu amigo. Deixamos Chance na casa dele, e levei todo o estoque comigo. Ei, pó ruim é melhor que nenhum pó. Chance se recuperou em alguns dias.

Mais ou menos naquela época, comecei a sair com um cara chamado Michael Politz. Na verdade, estivemos juntos na cadeia, em Maryland. Ele costumava entrar e sair de vez em quando, pois disse que sua namorada maluca da época ficava jogando medidas cautelares para cima dele, e ele violava todas elas para ver seu filho. Michael estava completamente ligado ao cenário da vida noturna em Las Vegas. Ele era hétero, não bebia nem usava drogas, então era a companhia sóbria perfeita para mim. Eu me drogava por nós dois. Uma noite, ele ficou sabendo de uma festa que a Scores, uma boate de *striptease*, estava organizando na suíte com pista de boliche do hotel Palms. Estava acontecendo um encontro de vídeos eróticos na cidade, então a festa estava cheia de lindas estrelas pornôs. Eu estava de olho em duas, mas elas estavam com seus namorados. Enquanto isso, Michael dava em cima de uma garçonete bonita. Conversei brevemente com uma das garotas longe do alcance dos ouvidos do namorado, e então voltei até Michael.

"Vem aqui", eu disse, tirando Michael de perto da garçonete. Estávamos sussurrando como duas menininhas.

“Olha atrás de mim”, falei. “Ali é o banheiro. Vou levar aquelas garotas para lá e meter nas duas. Quero que você faça o seguinte. Está vendo aqueles dois caras? São os namorados delas. Você vai mantê-los ocupados.”

“O quê?!”, Michael disse.

“Vai dar tudo certo, meu irmão, não se preocupe”, eu disse.

“E se aqueles caras tentarem foder comigo?”

“Não esquenta, vou conseguir escutar de lá de dentro. Se eu ouvir alguma agitação e eles começarem a chutar seu traseiro, vou sair do banheiro num segundo e te ajudar. Vai ficar tudo bem”, garanti a ele.

Meu rosto estava colado em sua orelha, sussurrando aquele monte de merda. Então, para me encher o saco, Michael exclamou bem alto: “Mike, não estou muito à vontade com a sua boca tão perto da minha orelha!”.

O salão inteiro ouviu. Comecei a rir histericamente. Ele era um cara branco bem maluco.

“Agora você está me devendo de verdade, seu filho da puta”, eu disse.

“Tá bom, vai”, ele me disse.

Entrei no banheiro com uma das garotas enquanto Michael desviava a atenção dos caras; enquanto ele contava várias histórias sobre Mike Tyson, a outra garota escapou e entrou de fininho no banheiro. Quando perceberam que as meninas tinham sumido, Michael disse a eles que provavelmente nós tínhamos ido lá fora um instantinho para fumar uma ponta.

Era assim que eu era naquela época; estava todo fodido e atraía esse tipo de energia. Ganhei peso e estava começando a parecer uma daquelas estrelas de rock bem gordas. Mas, graças ao pó, minha confiança estava lá no céu.

Eu estava cada vez mais descarado com a cocaína quando estava nas boates. Uma noite, estava com meu amigo Mack, o barbeiro, e aparecemos no bar do hotel Wynn. Entre dar autógrafos e posar para fotos com as pessoas, eu ficava dando escapadas para o banheiro. Finalmente, os seguranças foram até Mack.

“Você precisa ir buscar seu amigo”, eles disseram. Fui pego cheirando no banheiro e eles estavam me chutando para fora do hotel. Era assim que as coisas funcionavam na época. Ou eu recebia tratamento de rei nos clubes noturnos ou era expulso porque alguém contava que eu estava usando cocaína no banheiro ou traçando uma puta lá dentro. Como eu era amigável com os porteiros, eles me deixavam entrar de volta; porém, algumas boates me barravam completamente.

Era por isso que eu sempre preferia frequentar boates de *striptease*.

“Por que perdemos tempo nessas baladas quando podemos ir para uma casa de *striptease*?”, eu dizia para os meus amigos. “Essas garotas estão todas vestidas e ainda por cima são meio arrogantes. Nas casas de *strip*, as garotas estão peladas e têm boas maneiras. Vamos direto ao ponto.”

Os donos das casas de *strip* eram de boa comigo, eu tinha até meu próprio banheiro reservado em algumas delas. Ficava lá um tempão e depois saía para conversar com o dono. Eu era tão metidinho que, quando um segurança vinha me abordar, eu gritava com ele.

“Não vem, não! Sai de perto de mim que eu não tô incomodando ninguém.”

Fiquei tão cara de pau que carregava abertamente meu saco de cocaína com um canudo saindo dela, como se fosse um milkshake. Eu dava um pouco para meus amigos, e eles achavam que ia ser só uma cheiradinha, mas soltavam um “eca!” quando viam a quantidade de cocaína dentro do saco. Eles começavam a tossir e cuspir.

Comecei a sair com algumas das *strippers*, e aquela era uma situação instável. Eu ficava chapado e, quando via uma das minhas garotas com um cliente, ia disparado até ela.

“Por que você não retorna minhas ligações?”, gritava com ela. Ela estava dançando para um cara qualquer e eu ficava bem na sua frente, assediando-a.

“Ei, se houver algum problema…”, o cliente dizia para mim, assustado.

“Fica na sua e não se mete, estou falando com ela”, eu rosnava.

Depois, as garotas com quem eu saía ficavam com ciúmes e começavam a brigar umas com as outras no meio da boate. Então, comecei a ser banido de algumas casas.

Sem nem perceber, comecei a dormir nessas boates. Eu pedia uma caixinha de frango frito e ficava comendo, até que de repente eu desmaiava de ficar acordado direto por tantos dias; eu dormia enquanto as *strippers* comiam meu frango e fuçavam os meus bolsos. Então, eu acordava e começava a brigar com as divas do fio-dental – não por terem remexido meus bolsos, mas por estarem comendo meu frango. Eu acordava com uma fome de leão. É o que acontece quando você sai da brisa da cocaína.

Em novembro de 2005, a droga era tanta que eu já estava em outro mundo. Fui a Los Angeles para a estreia do filme da 50 Cent, *Fique rico ou morra tentando*. Eu estava muito chapado de cocaína, e Robin estava lá. Ela deve ter me visto em ação antes de o filme começar, dando em cima de garotas e fazendo bobeiras. Quando o filme acabou, levantei da cadeira e ela estava bem na minha frente; ela me abraçou e eu a beijei. Eu esperava conseguir fodê-la novamente, mas ela soltou um “opa” e saiu andando. Assim que ela saiu, virei para o lado e vi Naomi Campbell, que me puxou e me abraçou. Ela devia ter me visto abraçando Robin e provavelmente estava pensando: *Ele não devia estar abraçando aquela vadia. Depois de toda a merda que ele teve de aguentar com ela, ele a abraça?*

Naomi desfez o abraço e olhou bem nos meus olhos.

“Mike, estão falando por aí que você está cheirando demais. Você precisa parar. Isso está fodendo sua vida.”

Ela estava brava e me passou um longo sermão. Nay Nay sempre se importou profundamente comigo, e vice-versa. Ela era uma amiga de verdade.

Mas não dei ouvidos aos seus conselhos. Eu me mantive firme na cocaína. Sabe, uma brisa não é uma brisa boa se você está chapado de pó e não tem garotas ao redor; também não é bom se você tem as garotas, mas não tem o pó. Você precisa dos dois para a experiência ideal. Eu costumava dizer que precisava de “farinha e uma putinha”. Agora, você deve estar pensando que usar muita cocaína não era

propício para fazer sexo, mas era para isso que existia Viagra e Cialis.

Foi mais ou menos nessa época que voltei a sair com Crocodilo. Mesmo depois de uma sessão de treino, ele sempre estava com pique para festa. Uma vez, estávamos no meu quarto de hotel em Las Vegas com uma famosa atriz pornô e seu namorado. Nós tínhamos combinado de ela vir até o quarto fazer sexo com a gente. Assim que os dois entraram, Crocodilo e eu começamos a tirar a roupa. O namorado dela supostamente tinha concordado com aquilo, ao menos até nos ver pelados.

"Não, por favor, não faz isso, não", ele pediu para a namorada.

"Qual o problema com o amigão aqui?", perguntei para ela. "Pensei que ele estava de boa com isso."

"Não, não! Só faz sexo oral com eles", implorou.

"Não, cara, a gente quer meter nessa boceta", eu disse.

Ele começou a chorar tanto que a atriz se levantou.

"Não consigo fazer isso. Preciso ir com ele", ela disse, e os dois foram embora.

Crocodilo às vezes exagerava. Toda vez que me via com uma garota, automaticamente começava a tirar a roupa.

"Crocodilo, essa é minha mulher", eu dizia. "Dessa vez, não."

"Opa, foi mal, foi mal", ele se desculpava.

Croc e eu estávamos numa festa de Ano-Novo de 2006, em Phoenix. Dennis Rodman e Charles Barkley estavam lá também. No fim da noite, vi uma garota linda, muito linda, uma das mulheres mais perfeitas que eu já tinha visto. Ela era atriz e citava alguns nomes, como o de Charlie Sheen, com intimidade. A garota estava bem pertinho do Croc, mas eu não tinha como saber se ela estava mesmo com ele. Estava olhando para ela, então disse: "Com quem você está?". E, no instante seguinte, fiquei sabendo que estava com Crocodilo. *Isso vai ser interessante*, pensei.

Nós levamos a garota para uma casa que eu tinha comprado em Phoenix e começamos a brincar um pouco com ela; mas Croc e eu estávamos tão chapados que não conseguíamos ter ereção, isso apesar de estarmos beijando e lambendo a garota. Então, fomos a uma loja pornô 24 horas e compramos uns filmes de sacanagem – e

mesmo assim não funcionou. Cara, aquilo foi tão frustrante. Eu estava com a pessoa mais linda que eu já vi na minha vida e não conseguia fazer nada. Croc e eu parecíamos duas criancinhas no Natal que não eram fortes o suficiente para abrir a caixa do brinquedo. Fiquei tão puto por não ter levado meu Cialis aquela noite; eu só tinha saído para ficar chapado, não achei que ia trombar com alguma boceta.

Consegui comprar aquela casa em Phoenix porque, de tempos em tempos, eu ganhava um dinheiro que não precisava ir direto para os credores. Uma empresa do Japão tinha me pagado 800 mil dólares para fazer uma máquina de jogo Pachinko e 100 mil extras por permitir que me estampassem em shorts de cores diferentes de preto.

Então, minha baderna foi transferida para Phoenix. Eu tinha passado bastante tempo com Shelly Finkel em Phoenix, portanto conhecia muitas pessoas ricas de lá. Se precisasse de um lugar para ficar antes de comprar a casa, eles me arrumariam algum. Phoenix tem um ambiente festeiro menor do que o de Las Vegas, mas em alguns aspectos é muito mais intenso. Parece uma cidade calma, mas à noite se tornava um pequeno inferno. As festas lá eram realmente de primeira qualidade, todo mundo dançando em mansões ou em enormes suítes de hotel.

Entrei num circuito de festas que incluía um monte de médicos. Um deles era cirurgião plástico; ele costumava me receber em seu consultório e me colocar numa de suas salas de exame. Eu tinha minha cocaína de um lado, maconha do outro e Viagra na mesa.

“Ei, doutor, a brisa tá passando. Não estou gostando nada de como estou me sentindo”, eu disse para ele um dia.

“Não se preocupe, vou dar um jeito em você”, respondeu, enquanto ia para a outra sala.

Alguns minutos depois, ele trouxe um daqueles carrinhos de soro intravenoso. Ele me enganchou naquilo.

“Isso vai quebrar a ressaca”, ele disse.

“O que é?”, perguntei a ele.

“Uma dose de morfina”, respondeu.

Esse cirurgião plástico conseguia gandaiar feito louco. Uma vez, ele estava dirigindo sozinho, cheirando um monte, e o carro capotou. Ele atravessou a janela, e seu rosto ficou todo raspado pelas árvores e arbustos pelos quais ele passou.

Pouco tempo depois disso, fui até sua casa. Fiquei chocado quando abri a porta.

"É melhor você dar uma olhada no seu rosto, cara", eu disse. "Você tá todo fodido."

A pele do rosto estava toda descascada, e a cara dele parecia uma máscara de sangue. Ele tinha sorte de ser cirurgião plástico.

Eu ficava tão fodido em Phoenix que começava a surtar. Uma vez, eu estava num carro dirigido pelo meu assistente Darryl. Estávamos a caminho da casa de um amigo, quando disse a Darryl: "Olha! Tem um monte de gente fora da casa acenando para nós". Não havia pessoa alguma, eram galhos de árvores balançando com o vento.

Em julho de 2006, recebi outra visita do FBI. Eu tinha ido a uma festa na noite anterior e, quando vi uma equipe SWAT do FBI subindo a escada da frente de minha casa, corri para a porta dos fundos, mas eles já estavam lá também.

"Sr. Tyson? Precisamos falar com você, campeão."

Ah, que merda, pensei. *Meti a mão na bunda de quem na noite passada?*

"Gostaríamos de saber qual a sua relação com este cavalheiro da foto. Seu nome é Dale Hausner", disse um dos agentes.

Olhei para a foto; nela, esse tal de Dale e eu apertávamos as mãos como se fôssemos camaradas.

"Você conhece esse homem? Ele é jornalista de boxe e fotógrafo", ele disse.

"Eu me lembro desse homem, sim. Ele veio me visitar quando eu estava malhando na minha academia. Havia alguns lutadores mexicanos lá, e eles começaram a importuná-lo."

"'Cai fora, sua bichinha escrota, um dos mexicanos disse a ele. 'O campeão não quer trocar nenhuma ideia com você.' Mas, como era o Ramadã, intercedi e expliquei para os outros lutadores que aquele era um período de paz, em que todos tinham seu lugar. Então,

deixei que ele me entrevistasse. Sinto muito se ele de alguma forma se sentiu ofendido, não quis causar nenhum desconforto a ele."

"Não, não, sr. Tyson, ele gostou de você!", disse o agente. "Ele só não gostava muito das oito pessoas que matou e das outras 19 em quem atirou."

Descobri que a polícia estava investigando Hausner e seu amigo por uma série de tiros com veículo em movimento no Arizona, de maio de 2005 até julho de 2006. Foi bom eu ter impedido aqueles mexicanos e mostrado um pouco de respeito por esse cara, senão ele poderia ter me esperado sair da academia para atirar em mim.

No fim de agosto, consegui uma apresentação para fazer exibições de boxe no hotel Aladdin, em Las Vegas. Era um belo de um negócio. Eles me deram uma ótima suíte e me pagaram para malhar numa sala onde montaram um ringue de boxe. Milhares de pessoas que passavam pelo hotel podiam me ver treinando e batendo no saco de pancadas. Conseguia comida de graça e tinha carta branca para tudo o que eu quisesse; logo, liguei para todos os meus amigos.

"Vem me visitar. Fico aqui por um mês. Você pode pedir o que quiser, é tudo por conta da putinha, negão."

Eu chamava o hotel de "a putinha" na época; estava preso naquela mentalidade de cafetão.

Bobby Brown estava na cidade e eu o convidei para vir me ver, assim como Karrine Steffans, a "Supercabeça", a garota com quem ele estava saindo. Eu já tinha dado uns pegas nela também, então estava tudo bem – pelo menos foi o que pensei. Ela era uma dessas garotas que são bem difíceis de se ter com tanta frequência, mas quando você consegue, é sempre muito divertido.

Mas Bobby não queria entrar nessa; eu não tinha percebido que, na verdade, suas intenções com ela eram sérias. Então, ele também trouxe seu pai e alguns amigos. Eles chegaram primeiro, e eu os tratei como realezas. Depois, veio Bobby. Eu estava no saguão quando ele chegou, e subimos o elevador juntos. As pessoas ficavam malucas quando nos viam juntos; a esposa de um casal até disse: "Ah, que merda! Mike Tyson e Bobby Brown. Esses dois negões

juntos… é fogo, meu bem, é fogo". Eles sabiam que nós éramos encrenca.

Eu queria que Bobby ficasse de boa comigo por uns tempos. Era ótimo passar um tempo com ele; quando ele era casado com Whitney, ela nunca deixava Bobby sair comigo – mas não posso culpá-la por isso.

Mais ou menos nessa época, comecei a ter dificuldades para adquirir minha cocaína. Não era que o pó estivesse em falta em Las Vegas; o problema era que os traficantes não queriam providenciar a droga para eu enfiar no rabo de graça. Eles estavam sempre notoriamente atrasados na hora de entregar o bagulho, e eu não tinha paciência. Minha seca tinha começado no gueto: primeiro, eles não me deixavam mais usar o banheiro nos bares de Westside; depois, os traficantes começaram a negar meus pedidos.

"Vai treinar, Mike, precisamos de você treinando", me diziam. Esses caras tinham crescido comigo em Las Vegas, me vendo aparecer nas biqueiras durante anos, e não queriam contribuir para minha ruína. Eu distribuí muitos perus de graça para eles quando eram crianças, por isso tinham um forte vínculo comigo. Depois, sem motivo aparente, comecei a me meter com os brancos na Strip; os recepcionistas dos cassinos, os porteiros das boates, todos eles tinham contatos.

Eu estava no Aladdin fazendo minhas exibições quando liguei para um cara e pedi para ele levar 3 gramas para o meu quarto. Eles mandaram uma porra de um negão caipira com o pó, e ele estava todo animado, achando que iria cheirar comigo e com mais um monte de garotas; ele seria o centro das atenções e iria cativar todo mundo com aquela cocaína. Abri a porta e deixei o negão entrar.

"Você trouxe o bagulho?", perguntei.

"Claro, mas cadê as pessoas?"

"Não tem ninguém, não. Sou só eu, negão", eu disse. "Você vende drogas, certo? Então só me vende a porra das drogas, entendeu?"

Peguei o pacote de suas mãos.

"Foda-se essa merda, você não precisa usar essa coisa, Mike", ele disse. "Você é o campeão. Nós te amamos, Mike."

“De fato, já que você insiste, vou malhar chutando seu traseiro para fora da porta.” Abri a porta e o cuzão agarrou o saco de pó e saiu correndo. “Caralho, Mike, vai treinar”, ele gritou para mim. Corri atrás dele, mas eu estava gordo e louco, e ainda por cima sem roupa. Estava segurando uma toalha em volta da cintura.

“Volta aqui, seu filho da puta! Eu vou te matar!”

Ele estava em forma, então escapou. Eu realmente queria acabar com a raça dele. Quem ele pensava que era? A porra da Florence Nightingale?[2]

Comecei a dar uma de valentão para cima dos poucos traficantes que ainda faziam negócio comigo quando eu estava sem grana. Um dia, um deles veio me pedir ajuda:

“Escuta, Mike, será que você pode me ajudar? Por favor, fala para o Crocodilo pagar o que me deve. Eu dei uma bela quantia de pó para ele.”

Tendo me dito aquilo, ele já era. Eu sabia que aquele cara era um veadinho e sabia também que eu não precisava mais pagá-lo por drogas se ele não conseguisse a grana do Crocodilo.

“É claro, eu falo com ele, mas me dá esse bagulho que você tem aí agora mesmo”, eu disse, arrancando o pó de sua mão.

“Ah, cara, meu chefe vai me matar. Preciso levar algum dinheiro de volta”, ele disse.

“Seu chefe precisa do dinheiro daquele outro negão”, retruquei.

“Não, cara, preciso tirar de você.”

“Olha, então fala para o seu chefe vir conversar comigo sobre o dinheiro. Escuta bem, você me viciou e agora tá querendo me cobrar, seu filho da puta? Eu tô viciado em cocaína, negão.”

Uma vez, quando estava totalmente sem grana para o pó, fui dirigindo até Summerlin, onde moravam os grandes reis da coca. Eu ia visitá-los em suas mansões enormes e passava horas com eles, tirando fotos e cheirando umas carreiras. Então, quando chegava a hora de falar de negócios, eu vinha com a manipulação: eles me diziam o preço e eu me fazia de indignado.

“Ei, mas que porra é essa? Você quer mesmo me vender essa merda, meu irmão? Ficou o dia todo se divertindo comigo e agora quer me fazer pagar essa merda?”

“Aqui, toma”, eles diziam, finalmente.

Cocaína é o demônio, com certeza. Sempre fui bastante conservador em relação a mulheres; mesmo se estava duro, nunca deixava que elas pagassem meu jantar. Porém, quando precisava de dinheiro para o pó e via minha namorada deixar algum dinheiro cair, esperava um pouco e embolsava a grana. Foi uma das piores coisas que já senti na vida. Eu não queria mais brincar com o diabo, mas ele ainda queria – e a coisa não acaba enquanto ele não disser que acabou.

Eu estava tão desamparado que até cheguei a ir para Youngstown, em Ohio, fazer uma exibição de boxe de quatro assaltos com meu antigo parceiro de treino, Corey Sanders, em 20 de outubro. Era um evento promovido por um ex-lutador chamado Sterling McPherson. Não me lembro de ter sido pago pela exibição, mesmo com Sterling tendo vendido 4 dos 6 mil lugares por preços que iam de 25 a 200 dólares, além de ter cobrado 29,95 dólares pelo *pay-per-view* do evento. Mas eu achava que só o fato de estar ocupado me manteria longe das drogas. McPherson falava de viajar pelo mundo todo com aquela exibição, então talvez eu conseguisse uns trocados.

A luta toda foi um grande fiasco. Corey apareceu com 140 quilos, uns 22 a mais que eu. Ele usava um capacete, e o público o vaiou por causa disso. Começamos a disputar socos e eu encontrei uma boa chance, derrubando-o no primeiro assalto. Deixei-o em apuros no terceiro e quarto assaltos, mas não pressionei; naquele momento, não havia no meu coração a mínima vontade de machucar.

Assim que a exibição acabou, voltei para Las Vegas e fiquei cada vez mais chapado. Uma noite, estava fora da cidade quando cruzei com o cara que tinha apontado uma arma para mim no Bentley’s, anos atrás, em Nova York. Ele ainda estava com sua esposa; eles me viram numa boate e eu estava com uma aparência tão ruim que sentiram pena de mim.

“Você está legal, cara?”, ele me perguntou.

Ele deveria ter me arrebentado lá mesmo, eu estava bem vulnerável.

Naquela época, meu nariz já estava tão fodido de tanto cheirar pó, que comecei a fumar. Não crack; eu pegava a cocaína normal, em pó, e misturava com o tabaco dos meus cigarros. Era assim que costumávamos fazer quando éramos crianças no Brooklyn. Todos os cheiradores, as pessoas que cheiravam cocaína, todos odiavam quando eu fumava pó. Cocaína queimada é o pior cheiro do mundo; parece plástico queimado combinado com veneno de rato. Um amigo meu disse uma vez que, quando você quer descobrir algo sobre qualquer coisa, basta colocar fogo nela. Se você quer saber algo sobre um filho da puta, queime o rabo dele. Bem, quando você coloca fogo na cocaína, você vê do que ela é feita – todo aquele veneno, toda aquela merda sai dela, e tem o cheiro do inferno.

Cheguei a fumar aquela merda na minha boate de *striptease* favorita em Las Vegas. O dono me deixava ir ao banheiro fumar; ele estava me ajudando a me matar. Em Phoenix, eles me deixavam fumar a cocaína dentro da boate. Graças a Deus, a polícia nunca apareceu enquanto eu fazia aquilo. Para mim, usar a cocaína era algo ritualístico, então eu recriava meus rituais na casa de *strip*. Eu tinha meu Hennessy, meu Cialis, meus Marlboros à minha volta, e, é claro, a coca, que passava por todos os meus amigos.

Durante todo esse período maluco em que eu usava várias drogas e trazia prostitutas para casa, eu costumava ouvir Cus em minha cabeça todos os dias. Mas eu não dava a mínima, pois ele não estava lá em carne e osso. Viver não era uma das minhas prioridades no momento. Hoje, tudo o que eu quero é continuar vivendo, mas na época, no auge da minha vida, isso não significava nada para mim. Quando me tornei campeão aos 20 anos de idade, muitos de meus amigos já estavam mortos ou dizimados. Alguns foram mandados para a prisão por tanto tempo que, quando saíram, pareciam zumbis, não sabiam nem em que planeta estavam; outros chegaram até mesmo a cometer crimes com a intenção de voltar para trás das grades.

Durante aqueles anos, cheirar uma pipeta, três gramas e meia de cocaína, significava apenas uma noite agradável. Quanto mais eu usava, mais tinha vontade de usar sozinho. Talvez eu só fosse muito idiota, ou talvez não quisesse que as pessoas me vissem daquele

jeito tão desleixado. Àquela altura, já não havia euforia alguma na cocaína, ela apenas me entorpecia. Eu já nem fazia mais sexo com mulheres usando cocaína. De vez em quando, tinha uma garota comigo, mas era mais para relaxar em sua companhia do que para transar.

Eu vivia de um jeito insano. Um dia, eu estava no esgoto tentando convencer uma prostituta de rua a transar sem camisinha, e logo em seguida, estava em Bel-Air com meus amigos ricaços, com um sorriso estampado no rosto, comemorando o Rosh Hashaná. Foi mais ou menos naquela época que atingi o fundo do poço. Estava numa suíte de hotel em Phoenix, com minha dose de morfina, meu Cialis, minha garrafa de Hennessy e sete prostitutas. De repente, a cocaína me deixou paranoico, e eu tinha certeza de que aquelas mulheres estavam tentando armar para mim e me roubar; então, comecei a espancá-las. Foi quando percebi que à minha volta não havia apenas demônios; era o próprio diabo que estava ali – e ele tinha ganhado a parada. Chutei aquelas putas para fora do quarto e cheirei o resto do meu pó.

Algumas amigas minhas, não amantes, apenas amigas, me diziam que era hora de encontrar uma mulher para namorar sério. Elas até falavam essas merdas de “envelhecer junto”.

“Vou continuar com isso até o fim, benzinho. Vou ficar na brincadeira até o dia em que eu não conseguir mais brincar”, eu dizia a elas. Estava falando merda; eu só precisava encontrar a mim mesmo antes de encontrar alguma outra pessoa. Jackie Rowe costumava me passar sermões sobre drogas, mas eu simplesmente dizia: “Se você gosta de mim, vai me deixar fazer isso”.

“Escuta, Mike, eu me recuso a ficar sentada aqui vendo você sair como um perdedor. Nós somos vencedores”, ela dizia. Ela costumava vasculhar todas as minhas calças e jaquetas antes de mandá-las para a lavanderia do hotel, para ter certeza de que não havia drogas nelas.

Eu sabia que todos os meus amigos estavam preocupados com meu vício, mas a maioria deles não caía na besteira de dizer na minha cara para eu parar de fazer o que gostava. Comecei a me isolar só para não ter de ouvir merdas desse tipo. Havia um único

amigo que conseguia sair ileso depois de me dizer aquelas coisas: era Zip. Ele fazia isso de uma forma bem esperta, também. Estávamos de boa juntos, fumando um baseado, e então ele ficava sério.

"Não se preocupa, Mike, vamos fazer um lindo funeral para você. Até já separei o dinheiro. Vamos fumar uma erva, beber aquela delícia de Cristal e pensar em você. Vou arrumar uma daquelas carruagens puxadas por cavalos, vamos levar o seu caixão bem atrás dela e mostrar seu cadáver por todas as vilas da cidade, cara. Vai ser muito lindo, cara."

No fim de outubro, fui almoçar em Phoenix com minha terapeuta Marilyn, que tinha voltado de Moscou. Estávamos sentados no restaurante quando vi uma jovem muito bonita sozinha em outra mesa; chamei o garçom e disse que pagaria a refeição dela. Então, a jovem veio até a nossa mesa e me deu seu número.

Quando ela foi embora, Marilyn ficou em silêncio por um tempo. Depois, disse:

"Aposto que você não dura nem seis semanas na reabilitação."

Aquilo atingiu em cheio minha alma de machão.

"Você está louca? Aguento seis semanas fácil, fácil, de olhos fechados. Sou disciplinado."

A verdade é que eu estava pronto para aquilo. Estava cansado de dar uma mancada atrás da outra. Eu não tinha um bom relacionamento com meus filhos nem com as mães deles, também tinha problemas com muitos amigos meus. Algumas pessoas tinham medo de ficar perto de mim.

Eu estava prestes a partir para uma turnê de autógrafos pela Inglaterra por seis semanas, quando decidi que durante aquela viagem iria parar de usar drogas, até mesmo maconha; assim, quando voltasse para Phoenix, estaria preparado para a reabilitação. Então, parei. Não usei cocaína nem maconha, até parei de beber.

Foi aí que soube que de fato eu tinha um problema. Quase perdi a cabeça nas primeiras duas horas. Eu destruí meu quarto de hotel; estava enlouquecendo, mas mesmo assim não me chapei. Foi uma viagem miserável, mas não fiquei chapado nem uma vez sequer. Portanto, quando voltei para Phoenix, estava limpo e pronto para

entrar na reabilitação. Eu já tinha passado pelas crises de abstinência.

Marilyn me levou para um lugar chamado The Meadows. Entramos, e logo de cara vi que aquilo parecia mais uma prisão do que um centro de reabilitação. A primeira coisa que faziam era te deixar chapado com medicamentos. Todo mundo lá era gordo e lento; se você se metia em alguma briga, demorava umas duas horas até alguém aparecer. Então, eles socaram remédios em mim e me levaram para uma entrevista com os conselheiros. Pensei que a reabilitação era só um lugar onde você relaxava e via um pouco de tevê até seu tempo acabar. Não sabia que teria de falar sobre meu passado profundo, meus traumas ocultos, mas aqueles filhos da puta esquisitos e invasivos ficavam me pressionando com perguntas.

"Há quanto tempo você tem se drogado?"

"Que drogas já usou?"

"Quais circunstâncias externas desencadeiam seu uso de drogas?"

"Como era sua vida familiar quando criança?"

"Há alguma possibilidade de você ser homossexual?"

Puta merda, esses caras não paravam de me encher a cabeça. Um cara que eu nunca tinha visto na vida esperava que eu respondesse todas essas perguntas íntimas. Eu não queria ter de lidar com a realidade e me relacionar com meus demônios.

"Ei, sai da porra da minha cabeça, seu filho da puta. Vão se foder todos vocês!", eu disse. "Como você se atreve a falar comigo assim, seu metido, seu branquelo de merda."

Então, fui embora no dia seguinte.

15

UMA SEMANA DEPOIS, FUI para outra reabilitação em Tucson. Marilyn ia me matar se eu não voltasse ao tratamento. Ela passa a impressão de ser uma senhora branquinha gentil, tipo uma vovó inocente, mas ela não é, não. Ela não me deixava desistir, e me dava um belo de um castigo, bem agressiva. Ela disse: "Não, não, você vai até o fim nessa aposta". Foi quando vi esse seu outro lado – aquele fogo em seus olhos. Não dava para ficar de brincadeira com ela; o negócio era sério. Então, tentei outra clínica em Phoenix. Gostei das pessoas desse lugar. Fiz amizade com uma garotinha rica que ia estudar *design* de moda, mas estava viciada em heroína. Porém, arrumei confusão lá, porque alguém feriu meus sentimentos fazendo fofoca de mim para os funcionários, então fui tirar satisfação com eles. Todos ficaram assustados enquanto eu falava, pois não estavam acostumados com um negão falando com eles daquele jeito. As pessoas que administravam o lugar simplesmente disseram: "Você tem que ir embora, todos estão com medo"; assim, liguei para uma garota com quem eu estava saindo e pedi que viesse me buscar, e fui embora.

Phoenix é uma cidade de burguesinhos caga-regras, brancos e certinhos. Quando você está num programa de reabilitação de drogas num lugar daqueles, você consegue sentir no ar o racismo arrogante daqueles médicos sofisticados e de outras pessoas que deveriam estar lá para te ajudar.

Eu era o símbolo perfeito do negro lá. Os funcionários tinham uma noção preconceituosa e bem estereotipada dos homens negros, em particular dos atletas negros. O chefe da administração teve até a audácia de me dizer: "Nós já tivemos outros atletas por aqui, e todos gostavam de exibir suas joias. Percebi que você não é extravagante como eles".

“É porque eu não tenho grana alguma”, respondi, seco.

Eu saquei as entrelinhas daquele comentário. Ele omitiu a palavra “negro”, mas pensou nela.

Marilyn também viu a mesma coisa lá, de modo que continuou a procurar algum lugar que desse certo para mim. Mas antes, eu tinha outras coisas para fazer. Era o Natal de 2006, e eu estava determinado a ter um Natal bem branquinho em pleno Arizona. O meu assistente Darryl estava dormindo em outro quarto, então saí de casa de fininho e entrei na BMW. Dirigi até o Pussycat Lounge e, quando cheguei lá, procurei a gerente – uma gostosa do Leste Europeu que me atraía muito.

“Cadê aquela vadia branquinha?”, perguntei.

“Vou descolar um pouco para você, num minuto”, ela disse.

Ela voltou com três saquinhos plásticos com um grama de cocaína em cada.

Depois, ela me deixou surpreso.

“Posso usar um pouco?”, perguntou.

Até então, eu nunca tinha percebido nenhum indício de que aquela garota estava interessada em mim. Entramos em seu escritório e cheiramos algumas carreiras.

“Você andou bebendo, Mike”, ela notou. “Quer que eu te leve para algum lugar?”

“Não, estou legal”, respondi.

Não consegui acreditar que eu disse aquilo. Ali estava minha chance de traçar aquela boceta que eu tinha cobiçado durante anos. O diabo definitivamente estava me manipulando na época. O que passava pela minha cabeça era: *Eu não vou deixar ela me levar de carro, não; ela só está querendo minha cocaína. Quero mais é que essa vaca se foda.* Eu queria ficar sozinho com a garota dos meus sonhos, minha verdadeira puta branquinha. Fui egoísta por causa da cocaína. Eu poderia ter arranjado uma carona para casa com a garota com eu quem tentava ficar há tempos, mas não quis dividir nem mais um pouco do meu pó.

Então, entrei no carro. Imediatamente, espalhei a maior parte do pó de um dos saquinhos sobre o console central. Depois, peguei meu maço de Marlboro e tirei a metade do tabaco de um dos cigarros; aí,

peguei o pó e o coloquei dentro do cigarro. Dei umas tragadas e comecei a dirigir para casa.

Olha, eu não sou o melhor dos motoristas nem mesmo quando estou completamente sóbrio. Então, eu estava dirigindo do meu jeito, ziguezagueando entre as pistas, quando passei por uma blitz da polícia. Eu não tinha percebido, mas os policiais viram como eu estava dirigindo e começaram a me seguir. Depois de passar direto por uma placa de "pare" e de quase colidir com o carro do xerife num desvio, eles me pararam. Quando o policial se aproximou, tentei limpar freneticamente o pó do console, mas o couro tinha poros – e, mesmo que você tente cuspir e esfregar, os poros absorvem um pouco da cocaína.

Baixei o vidro da janela e ele pediu minha habilitação e os documentos do carro. Então percebeu quem eu era, e também viu a bagunça no console.

"Eu não acredito nessa merda, Mike", ele disse.

Ele me tirou do carro e fez alguns testes de sobriedade, mas eu estava muito fodido para passar. Fui revistado, e ele encontrou os outros dois saquinhos no bolso da calça; depois, trouxeram o cão farejador e encontraram a cocaína que ainda estava no carro. Aí, fui levado.

Eles me deixaram numa cela antes de me interrogar. Agora eu estava fodido. Eu tinha pó suficiente para justificar um delito grave. Mas, toda vez que era preso, eu sempre encontrava um branquelo por lá que manjava do sistema – e dessa vez não foi diferente.

"E aí, campeão, veio parar aqui por quê?", o garoto branco me perguntou.

"Cara, fui pego com cocaína", respondi.

"Você já foi preso por drogas antes?", continuou.

"Já fui preso por muitas coisas, mas por drogas, não."

Seu rosto se iluminou.

"Não se preocupa, não, mano. Você não vai para a cadeia", ele disse. "Eles não podem te prender, porque essa é a sua primeira posse de drogas; eles têm que tentar te ajudar primeiro."

Agora que eu já sabia como as coisas funcionavam, estava pronto para o meu interrogatório. O policial encarregado da detenção me

levou para uma sala.

“Quais drogas ou medicamentos você tem usado?”, ele perguntou.

“Zoloft”, respondi.

“Mais alguma?”

“Maconha e cocaína. Tomo um comprimido de Zoloft por dia.”

“Quanta maconha você fumou?” “Dois baseados, logo de manhã.”

“Quando foi a última vez que você usou cocaína, antes dessa?”, ele continuou.

“Ontem.”

“Com que frequência você usa?”

“Sempre que consigo um pouco. Eu tinha um pouco essa manhã, por volta das nove.”

“Por que você usa os dois, a maconha e a cocaína?”

“Sou viciado.”

“Você usa as duas ao mesmo tempo?”

“Uso. Eu me sinto bem quando uso as duas juntas.”

“O que o Zoloft faz com você?”, perguntou.

“Ele me estabiliza. Estou todo fodido.”

“Você não parece estar fodido”, ele disse.

“Eu sei, cara, mas eu estou mesmo”, eu disse, e comecei a rir alto como o cara daquele filme antigo, *Reefer Madness*, logo depois de acender um baseado.

Eu disse a ele que fumava a cocaína nos meus Marlboros, e ele ficou intrigado, então expliquei todo o processo.

Outro policial que estava lá me perguntou se eu me sentia bem dirigindo com a droga no meu organismo. Respondi que, no começo, eu estava me sentindo bem naquele dia.

“Quero agradecê-lo por ter cooperado, Mike”, o primeiro policial disse.

“Sou um cara bem legal”, eu disse.

“Na minha cidade, as pessoas iriam gritar comigo se soubessem que te prendi”, ele disse.

Eu não sabia como reagir, então banquei o psicótico. Olhei para o chão e falei mais grosso do que de costume.

“Foda-se você, eu te odeio. Vai se foder, seu peso morto. Vai se foder.”

“As pessoas costumam te encher de merda, Mike?”, perguntou o primeiro policial.

“O tempo todo. Mas eu deixo de lado e tento não me importar”, respondi.

O policial desligou o gravador e me levou até a unidade móvel do gabinete do xerife do condado de Maricopa. Eles formalizaram a queixa e me colocaram sozinho numa cela. Havia até um telefone dentro dela; passei a maior parte da noite fazendo ligações a cobrar.

Quando paguei a fiança e saí na manhã seguinte, Darryl tinha vindo me buscar. Assim que vi Darryl, fui abraçá-lo. Ele tentava me manter na linha há anos, de Las Vegas a Amsterdã; era um trabalho bem duro.

“Ô, Mike, por que você vazou na noite passada sem me falar nada?”, perguntou.

“A vida é dura, meu irmão. A vida é dura”, eu disse.

Darryl me levou até a casa de Shelley, onde tomei um banho, vi meus filhos Miguel e Exodus e fiz uma boa refeição. Depois, tratei de arranjar um advogado. Liguei para meus contatos em Las Vegas, e eles pensaram em David Chesnoff, um advogado muito bem relacionado que era sócio de Oscar Goodman, o cara que tinha me representado na minha tentativa de recuperar a licença de boxe. Apesar de não haver um mandado para isso, a estratégia de Chesnoff era me colocar na reabilitação e na prestação de serviços comunitários o mais rápido possível, para mostrar ao tribunal que eu estava levando a sério a ideia de endireitar minha vida.

Assim, fui para minha terceira reabilitação em Phoenix. Era uma pequena casa em que o administrador morava; esse cara era um verdadeiro cuzão que ficava tentando mandar em mim. Apesar disso, fiz um amigo de verdade lá, um italiano do Brooklyn. Grande sorriso, ótima energia. Eu teria sido chutado de lá muito antes se não fosse ele. Mas as outras pessoas tinham medo de mim, e o dono do pedaço usou o fato de que eu tinha me esquecido de tomar meus remédios como desculpa para me chutar para fora.

Eu poderia simplesmente ter dito “Vão se foder todos vocês, eu vou voltar”, mas Marilyn e eu tínhamos uma forte ligação. Então, Marilyn e meu advogado fizeram algumas pesquisas e entraram em contato com a dra. Sheila Balkan, uma famosa criminologista especializada em desenvolver opções de tratamento como alternativa à prisão. Ela me colocou na minha reabilitação seguinte, uma clínica em Hollywood Hills chamada Wonderland. Sheila e Harold, um de seus sócios, vieram me buscar e me levaram até lá. Havia uma parte de mim que estava puta da vida por ter de voltar para esses lugares, de modo que tratei de ficar bem chapado uma última vez antes de ir para lá. Vários viciados fazem isso, é a saideira. Mas essas pessoas eram realmente legais, não nos julgavam nem um pouco. Chegamos a Wonderland, e eu estava fora de órbita de tão chapado.

Wonderland era um universo à parte daquelas outras clínicas em que estive. Lá já não era o Arizona; havia umas merdas liberais rolando pelo lugar. Não se tratava mais de pessoas que adoravam julgar os outros, eram pessoas realmente interessantes que não tinham medo de sujeitos difíceis como eu. Wonderland era uma dessas clínicas de alta qualidade que atendia os filhos da elite – atores famosos, banqueiros, esse nível. Era uma vida na mansão, exatamente como eu estava acostumado. Eu teria de vender meu rim para conseguir pagar, mas acho que me abriram uma brecha por eu não ter dinheiro algum.

Fiquei apaixonado pelo lugar logo de cara; eu sentia que aquele era o negócio que podia salvar minha vida. Eu tinha meu próprio quarto e estava rodeado de jovens bacanas, que estavam pouco se fodendo. Estávamos a um pulo de distância da antiga casa de Marlon Brando e do lugar onde Jack Nicholson tinha morado durante anos. Me acomodei e comecei a frequentar as reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Eles deixavam você ir sozinho até a cidade, contanto que estivesse em casa antes do toque de recolher.

No entanto, algumas semanas depois, a coisa toda desandou. Por eu ser condenado por um crime de terceiro grau e também pela acusação de estupro que vinha no pacote, a administração estava com medo de me deixar lá com os outros pacientes. Se algo

acontecesse, todos poderiam ser processados – incluindo o estado da Califórnia. Acho que Sheila tinha conseguido me colocar lá como um favor, mas agora era ou vai ou racha: minha permanência era incerta. Porém, eu tinha feito amizade com toda a moçada lá, e eles tomaram a dianteira por mim. Todas as noites, eu trazia *frozen yogurt* para todo mundo; nas reuniões, eu levava bolachas e leite. Rolava mesmo uma relação de família entre a gente. Finalmente, eles fizeram uma reunião e todos estavam, tipo: "O Mike tem que ficar, não deixem o Mike ir embora", e então votaram para que eu ficasse.

Sempre me orgulhei de minha disciplina, mas ficar sem cocaína era uma merda. Todas as dores que eu já tinha sentido por causa do boxe voltavam com tudo durante a abstinência. O pó e a bebida funcionavam como analgésicos para mim. Era só eu parar que minha artrite voltava arrasando; eu ficava quase aleijado, não conseguia andar de tantas dores no pé. Mesmo hoje, ainda tenho de tomar uma injeção de cortisona de vez em quando para aguentar a dor.

Em Wonderland, me mantive na linha, mesmo havendo tentações. Uma jovem atriz famosa estava lá comigo, e ela saía todas as noites com seus amigos. Quatro ou cinco limusines ou Mercedes vinham buscá-los; parecia uma caravana. Ela tinha um cara negro para agitar as coisas para ela, e uma noite ele me convidou para ir junto.

"Não, não posso ir. Se aparecer uma só foto minha com esses caras, vou direto para a cadeia", expliquei a ele.

Eu queria tanto, mas tanto ir; ainda tinha aquilo dentro de mim, mas resisti. Aquela galera furava a torto e direito as regras do lugar. Um garotão rico conseguiu enfiar escondido uma tevê de tela plana de 50 polegadas no quarto, para poder jogar videogame; só que o pegaram no pulo e retiraram a tevê na hora.

Depois de um tempo, peguei o ritmo. Mergulhei de cabeça nas reuniões. Cumpri os 12 passos melhor do que ninguém; era o garoto-modelo por fazer o trabalho direito. Todos eram obrigados a ir a uma reunião por dia, eu ia a três ou quatro. Marilyn veio me visitar uns três meses após eu ter entrado, e a levei a uma das

reuniões na Sunset Strip. Eu passava a cesta de doações para o chá e café; então, após o término da reunião, eu recolhia as cadeiras, varria e esfregava o chão. Queria me sentir bem fazendo aquelas coisas.

Eu ainda tinha sentimentos conflitantes dentro de mim. Muitos de meus heróis eram um fracasso quando tinham de cuidar da própria vida, mas eram campeões em seus campos. As pessoas queriam salvá-los e tirá-los do álcool e das drogas, mas, às vezes, eles acabavam perdendo suas melhores qualidades sem essas coisas. As pessoas próximas ficavam felizes quando eu estava sóbrio, mas eu me sentia miserável. Sentia vontade de morrer.

Mas, quando eu pensava desse jeito, sempre vinha Marilyn me bater de frente.

"O que você está dizendo? Você vai continuar no programa", ela gritava. Ela se transformava de uma bondosa velhinha de cabelos brancos para uma porra de um demônio. Aquela senhora ter entrado em minha vida só podia ser obra do destino. Você fica tão preso a seus vícios que nem percebe quanto está doente. Pensava que doenças eram bolhas na pele ou nariz escorrendo, mas nunca doenças psicológicas.

Por ser uma celebridade, queriam que eu frequentasse as reuniões fechadas. Fui a algumas e fiquei chocado; vi alguns dos maiores nomes do mundo naquelas salas. E eles gostavam de mim, me achavam durão. Eles diziam: "Mike, você precisa de dinheiro?", e mandavam alguém depositar dinheiro em minha conta. Uma coisa que descobri nessas reuniões foi que todo mundo sabia quando você estava se chapando. Uma vez, vi um ator mundialmente famoso, um dos melhores, numa reunião fechada. Ele me cumprimentou e disse: "Ei, a gente estava esperando você aparecer por aqui. Guardei um lugar para você".

Porém, as reuniões a portas fechadas não eram minha praia. Fui só umas quatro vezes e voltei para as reuniões convencionais. Todos os caras do programa fechado eram elitistas e faziam o programa do seu próprio jeito. Eu precisava seguir o programa de Bill W.; precisava estar lá, no meio do povo.

Jamais poderei pagar a dívida que tenho com Marilyn por ela ter me apresentado ao mundo da recuperação. Era um mundo fascinante. Você acha que os policiais têm a maior fraternidade do mundo? Acha que as máfias são grandes? Não são nada comparados com o mundo da recuperação. Eles têm juízes federais, marechais, promotores; é bom tomar cuidado caso você esteja fodendo com um viciado em recuperação, ele faz parte de uma família enorme e poderosa. Nunca subestime o poder da recuperação, porque, se você o fizer, está acabado. Eles têm influência em todo lugar, inclusive na presidência.

Eles também são um grupo bem heterogêneo. Vi ex-Hells Angels, antigos membros de gangues, pessoas estranhas cujo único propósito na vida era fazer que pessoas parassem de beber e se drogar. Você me entende? Alguns daqueles caras passaram a maior parte da vida na cadeia, e agora seu principal objetivo era salvar o máximo de pessoas possível, fazendo-as entrar nos eixos e encarar seus medos sóbrias. São pessoas especiais – assim como Marilyn. São outro tipo de gente. Minhas merdas intimidadoras, nenhuma delas funciona com eles. Assassinos com enormes cicatrizes de faca no rosto, capangas da máfia, o pessoal dos Alcoólicos Anônimos não se assusta, não. É quase impossível assustar um viciado; mesmo que eles digam que estão com medo de você, na verdade não estão.

Se alguém se desse ao trabalho de falar algo desrespeitoso sobre Marilyn, eu teria fodido a vida toda do sujeito. Não importa se você é um bilionário, não existe dinheiro no mundo que pague essas pessoas; você ficaria em dívida para sempre, se tornaria escravo pelo resto da vida. E eles estão em paz consigo mesmos. Não fazem toda essa merda por dinheiro, fazem por realização moral. Muitos desses caras cumpriam sua função mecanicamente, sorrindo, tranquilos – até precisarem entrar em ação. Havia um garoto judeu miudinho que trabalhava em Wonderland, e ele levava a gente de carro para lá e para cá. Um dia, nós fomos em uma turma tomar sorvete. Já estávamos dentro do carro quando um dos pacientes veio correndo, atrasado. Assim que ele entrou no carro, sentimos seu bafo de bebida. Esse funcionário miudinho saiu do carro, abriu a porta com tudo e arrastou o cara bêbado para fora do carro. “Ai,

que merda", falei. Eu era o campeão dos pesos-pesados, por que eu não tinha feito aquilo? Eu respeitava demais aquele garotinho miúdo. Ele não tinha nem um pingo de sangue nos olhos até ligar o modo de operação e fazer aquilo. Lá estava ele, sorridente, dizendo: "Que dia bonito, né?"; até sentir o cheiro do álcool.

Tive muito apoio quando estava em Wonderland. Um grande astro do rock que estava no programa me chamou no mesmo instante em que ouviu falar que eu estava com problemas.

"Mike, se você precisar de algo, qualquer coisa, vem falar comigo."

Ele sabia o que minha cabeça fazia comigo; era um cara incrível. Um dia, um ator britânico famoso veio me visitar em Wonderland e me contou de suas crises com o alcoolismo. Que homem maravilhoso! As pessoas pensam que viciados são vagabundos e uma gente horrível, mas na verdade eles são os gênios de nosso tempo.

Não existem apenas finais felizes quando o assunto é recuperação. Mas, quando os finais são felizes, parecem presentes divinos. Alguns membros de nossa família vão morrer, vão fugir, vão se chapar e ter uma overdose. Nós ainda vamos ficar doentes, ainda sofreremos com o lado ruim da vida, mas agora temos ferramentas excepcionais para nos ajudar a lidar com esses problemas. Entrar no programa de recuperação foi uma das melhores coisas que já aconteceram comigo. Aquelas pessoas são ótimas e nunca recebem o crédito merecido da sociedade.

Ir para Wonderland foi, definitivamente, um ponto decisivo em minha vida. Eu conseguia reagir bem à ideia de me aprimorar, Cus já tinha colocado aquilo em minha cabeça anos atrás, mas era difícil porque todas aquelas drogas tinham eliminado todas as coisas boas que eu tinha. Em todo caso, só o fato de voltar ao ritmo do dia a dia – malhar, frequentar as reuniões e sair para jantar com meus colegas – já foi ótimo. Além disso, quando eu via todas aquelas pessoas antes consideradas viciadas incuráveis se saindo tão bem nas reuniões, minha veia competitiva pulsava. Eu ficava animado só de ver. Se aqueles caras conseguiram, eu sabia que também conseguiria; não ia deixar ninguém me superar. Um desses caras estava sóbrio fazia dez anos. Se você o conhecesse, iria achar que

era um santo, mas seus pais ainda não queriam falar com ele – ele tinha sido um monstro durante a maior parte de sua vida. Mas agora ele tinha um emprego, sustentava sua família, e sua principal meta era fazer que pessoas como ele se recuperassem.

Muita gente tem recaídas enquanto está na reabilitação, mas eu não conseguia nem imaginar que isso pudesse acontecer comigo. Se eu ficasse chapado naquele lugar, iria me sentir o maior perdedor de todos os tempos. Meu objetivo de estar lá era somente o de não me drogar. Quando estou perto dessa energia positiva, consigo absorvê-la como uma esponja. Sou o maior líder de torcida. "Ei, estamos aqui para ficar sóbrios. Vamos conseguir isso juntos. É isso aí, vamos nessa!" Mas, se eu estivesse sozinho, estaria mais para: "Ei, você tem uma seringa?".

Uma das coisas mais assustadoras e também mais gratificantes era ir nas visitas do programa dos 12 passos. Eram caras que podiam estar sóbrios há 20 anos, e então você descobre que estão no hospital, sofreram um deslize e voltaram a beber. Alguns jovens com quem eu estava em Wonderland tinham fugido escondido, e nós tivemos de ir procurá-los. Eu era apenas um paciente, e eles me mandaram procurar aqueles caras. Então, dirigimos até Hollywood e Vine; é só ir direto para as bocas de fumo e é lá onde eles estão. Eles estavam sentados lá, na rua mesmo. Estavam com uma aparência tão ruim que nem dava para reconhecê-los; eram brancos, mas o sol tinha queimado tanto a pele deles que pareciam escuros. Vi muita coisa ruim naquele ano.

Eu me encontrava com todo tipo de conselheiro na época em que estava em Wonderland. Por causa da condenação pelo ataque de raiva na estrada, eles me mandaram ter aulas de controle de raiva. O responsável pelas aulas era um cara pequenininho chamado Ian. Eu não conseguia entender o que ele poderia saber sobre controle de raiva; mas, depois de um tempo, comecei a reparar que Ian parecia pronto para explodir a qualquer momento. Acho que eles são as pessoas certas para o trabalho. Ele me ensinou um provérbio judeu na primeira sessão que tivemos.

"Luz brilhante, sombras escuras. Quanto mais brilhante a luz, mais escura a sombra." Ele me disse que as maiores estrelas eram as

mais obscuras também – e era por isso que eu estava lá com ele.

Marilyn também sugeriu que eu me encontrasse com um conselheiro sexual. Ela já tinha me encaminhado para um no Arizona, mas foi só depois de ter entrado em Wonderland que realmente me empenhei nesse assunto. Toda vez que Marilyn e eu saíamos, ela ficava vendo como eu reagia com as mulheres que se aproximavam de mim. Sempre pensei que eram as garotas que vinham até mim, que tinham algum problema.

"Não, você estica demais a conversa", Marilyn me dava um sermão. "Você não se contenta em dizer só 'obrigado' e dar um autógrafo a elas. Você pergunta de onde elas são, há quanto tempo moram aqui, se são solteiras. Nós estamos aqui faz 30 minutos e você já pegou dez telefones diferentes. Existe alguém que você rejeite?"

Fui encaminhado para Sean McFarland, um terapeuta especializado em dependência sexual. Seu consultório era em Veneza. Sheila Balkan me acompanhou em minha primeira visita. Eu estava meio cético em relação a toda aquela história de vício em sexo.

"Bem, já que você é especialista em dependência sexual, como é que isso funciona e o que significa exatamente?", perguntei.

Sean apontou para uma foto do filho e da mulher na parede de seu consultório.

"Mike, essa é uma ótima pergunta. Eu gosto de meter em prostitutas de rua, e aquele garotinho e a linda mulher da foto são meu filho e minha esposa. Então, quando bebo e cheiro, ajo impulsivamente e mando todos se foderem, pois eles estão fodendo minha vida, me impedindo de fazer o que quero. Isso é vício em sexo para mim."

Eu me inscrevi imediatamente com ele. Passamos muito tempo juntos. Sean coordenava reuniões de Viciados em Sexo Anônimos, e eu comecei a frequentá-las todas as segundas, quartas e sábados. Aquele grupo era o mais divertido para mim. Eu achava que os caras eram legais e era interessante ouvir sobre todas aquelas disfunções. Um dia, um cara apareceu se achando melhor do que todo mundo por causa da sua condição.

“Ei, não acho que eu pertença a esse lugar como vocês”, ele disse. “Nunca persegui nenhuma mulher pela rua dizendo que quero meter nela. Só estou aqui porque minha esposa é frígida.”

“Só por ter dito isso você já mostrou que aqui é o seu lugar”, eu disse a ele. “Não tenta entender tudo num só dia. Só continua vindo, certo?”

Graças a essas reuniões, eu estava adquirindo várias habilidades para viver de maneira diferente. Mudei muito minha visão sobre como eu me relacionava com mulheres. Nunca pensei que era um viciado em sexo; eu achava que transar com todas aquelas mulheres era apenas um dos benefícios de ser o campeão. Era esperado que todos aqueles corpos ao redor estivessem disponíveis para mim. Todas as figuras que eu adorava eram garanhões; eu costumava ler sobre Errol Flynn, Jack Johnson, Jack Dempsey, todos esses caras incríveis, e o que eles todos tinham em comum eram suas conquistas sexuais. Então eu pensava que, para ser um grande ícone, você deveria ter mulheres em sua vida – e, quanto mais mulheres você conquistava, mais grandioso você se tornava. Nunca percebi que fazer sexo com tantas mulheres tira muito de você, muito mais do que acrescenta. Como nunca havia criado de fato a minha própria autoimagem, lia sobre as diversas pessoas que eu acreditava serem grandes homens e pegava suas características emprestadas; mas eu era muito jovem para saber que aqueles eram grandes homens com qualidades ruins. Até mesmo Cus tinha uma mentalidade centrada na ideia de “homem de verdade”. Mas o fato é que aquele tanto de sexo só me trouxe gonorreia, clamídia e todas aquelas outras doenças de nome difícil.

As mulheres sempre estavam disponíveis para mim, e eu me tornei muito permissivo em relação ao sexo. Eu tinha dez mulheres se drogando em meu quarto e também tinha de fazer uma coletiva de imprensa; então, eu levava algumas delas comigo e as deixava numa sala para quando terminasse a entrevista. Sempre que uma garota estava a fim, eu topava. Ou eu dava em cima delas ou elas davam em cima de mim. O problema era que, para eu ficar feliz, eu tentava satisfazer cada uma delas. Isso é doentio; é impossível satisfazer todas elas, até porque algumas eram bem malucas, tão

doentes quanto eu – talvez mais. Eu iria enlouquecer se não parasse de fazer isso.

Eu tinha garotas em cada cidade do planeta. Você deveria ter visto minha máquina rotatória para arquivar contatos – graças a Deus que inventaram os computadores. Eu costumava sair com uma garota em Phoenix, e um dia ela me viu brincando com meus pombos.

"Seus pombos são como suas mulheres. Você precisa ter um monte de pombos; se perder um, ainda vai ter todos os outros. É por isso que você não tem 10 ou 20 pombos, mas 500: porque você é tão apegado emocionalmente que, se você perder um deles, ainda vão sobrar 499. É exatamente assim que você age com as mulheres."

Apesar de ser uma garota tão jovem, ela tinha razão. Eu era muito inseguro, tinha muito medo da perda, de ficar sozinho. Quando eu estava mais para o final da minha carreira, eu ia morar com as mulheres e ficava pulando de galho em galho. Quando eu falava dessas merdas nas reuniões, eu trazia à tona sentimentos dolorosos demais. Era exatamente isso o que minha mãe fazia: ia de um homem para outro. Não importa quanto dinheiro eu tinha, eu continuava com os mesmos traços da minha mãe. Eu ia de uma mulher para outra. Logo depois de uma, num estalo de dedos eu já ia para outra, *bum!*, e outra, *bum!*, e outra.

De vez em quando, eu até dizia brincando: "Eu sou louco", mas o fato é que algo estava errado. A maioria das pessoas que eu atraía eram violentas, esquentadinhas, estavam sempre falando merda. Mesmo as mulheres eram malucas. A maior parte das celebridades vive fugindo do assédio dos fãs, mas eu não, eu fodia as minhas. Elas ficavam na porta, e o porteiro não as deixava entrar.

"Ah, já que sou um deus para você, então sobe aqui!"

Elas podiam ser maluquinhas, mas eram lindas. Eu tinha uma daquelas luzes de LED que giravam, e você podia programá-las com sua própria mensagem. A minha mostrava: BOCETA DELÍCIA, PUTINHA MALUCA, BOCETA DELÍCIA, PUTINHA MALUCA. Coloquei aquilo em meu quarto, e as luzes ficavam ótimas no escuro.

Boceta era como uma droga para mim. Quando eu tentava arrumar alguma, não havia ninguém no mundo mais fissurado do

que eu. Os únicos que poderiam me superar eram os pedófilos e pansexuais. Pansexuais são pessoas capazes de acertar uma corça, matá-la, levá-la para casa e fodê-la. Você só descobre essas coisas estando no programa.

Eu era tão louco por sexo que não consegui me controlar nem quando fui receber um título doutor *honoris causa* da Universidade Estadual Central de Ohio, em 1989.

"Não sei que tipo de doutor eu sou, mas, vendo todas essas belas colegas aqui, fico pensando se eu não deveria ser um ginecologista", falei em meu discurso. Era uma tentativa de elogiar as mulheres, mas elas levaram para o outro lado. Assim que terminei meu discurso, havia uma fila enorme de mulheres esperando à minha porta. Demorou um tempão para eu perceber que aquela foi uma piada de mau gosto. Descobri só recentemente que minha mãe tinha frequentado uma escola na rua de baixo da Universidade Estadual Central; minha mãe e a família dela acreditavam que a educação os fazia ser alguém na vida. Eu poderia ter dito algo incrível, mas a primeira coisa em que pensei foi no meu pau. Aquele dia, envergonhei 20 gerações da minha família.

Aonde as minhas conquistas sexuais me levaram? Quando você está fodendo todas aquelas garotas, você se sente um merda, mas não consegue parar. Você se odeia e sente pena da garota. Nunca as amei; tudo o que eu dizia era uma porra de uma mentira, mesmo que eu não percebesse na hora. Ficar com todas aquelas mulheres era equivalente a me masturbar: eu me divertia muito, mas não dava em nada. Pensei que conseguiria me satisfazer emocionalmente dormindo com elas, mas eu era um cuzão. Estava apaixonado pelo sexo, e não por gente de verdade.

Eu me via num buraco e, quanto mais mulheres fodia, mais fissura eu sentia. É uma sensação horrível quando elas vão embora e você fica sozinho no quarto, ainda sentindo a umidade na cama. Aquilo era um inferno. Eu me sentia um cara sem alma. Então, você simplesmente vai atrás de mais garotas para não ter de pensar naquele sentimento. Agora eu precisava de mais alguém para me abraçar, pois eu me sentia um pedaço de merda. Toda a energia que você captava daquelas pessoas diferentes era uma tortura – era isso

que fazia eu me sentir vazio. Chegou a um ponto em que tudo o que eu fazia, sexualmente falando, eram orgias. Eu e mais três, quatro ou cinco garotas. Não fazia nem ideia de que porra estava rolando lá.

Na época, isso nunca passava pela minha cabeça, mas havia uma enorme pressão sobre mim, para que eu fosse um ótimo amante para todas as garotas que estavam trepando com "Mike Tyson". Elas falariam para sempre desse encontro. Mas percebi que uma pessoa não se encaixa com todas as outras pessoas. Sexo é uma situação muito complexa: todo mundo traz algum tipo de carga para a arena. Ainda não sei o que é importante no sexo: é o lado do prazer ou da intimidade verdadeira? Conheci pessoas que se desviavam das normas, pessoas que gostariam de ser abraçadas e pessoas que queriam ser machucadas ou pisadas. Uma dessas pessoas queria ficar comigo, e disse: "Aaah, eu aguento um belo de um soco também". Eu não conseguia fazer essas merdas.

Depois de me esforçar muito no programa, percebi que o motivo de eu sempre querer satisfazer as mulheres era minha esperança de que elas me satisfizessem não sexualmente, mas com seu amor. Eu usava o sexo para criar intimidade. Para que eu conseguisse aquela intimidade e aquele apego, eu precisava fazer sexo. Você não vai conseguir isso dela sem sexo, mas a coisa realmente não tinha nada a ver com sexo. Então, eu era uma prostituta exatamente como minha mãe. Mas era diferente: essa prostituta aqui tinha grana. Ei, se eu não te fiz feliz nem te dei satisfação sexual, que tal essa Mercedes-Benz? Esse carro é bem orgástico, não?

Pode parecer um clichê, mas eu provavelmente estava procurando alguém que agisse como minha mãe. A minha vida toda busquei o amor de minha mãe. Ela nunca deu amor a um homem, e sim dores de cabeça, queimaduras, facadas. Nunca vi minha mãe beijar um homem. Eu a vi na cama com eles, mas nunca ouvi um "eu te amo" nem vi alguém beijá-la na testa.

Mesmo sendo colocado num pedestal bem jovem, sempre senti atração por garotas de rua. Influência da minha mãe. Pelo menos minha mãe estava pronta para me ajudar, já essas garotas não ajudavam ninguém além de seus bebês, e eu não era um de seus

bebês. Eram mulheres miseráveis, horríveis para relacionamentos – exatamente como minha mãe. Elas eram ótimas quando se tratava de compaixão e amor pelos filhos, mas um homem era só para ser usado. Sempre gostei desse tipo de garota, por isso minha vida tinha sido tão horrível. Se uma empresária executiva queria sair comigo, esquece. Vou foder a vagabunda.

Quando eu estava na reabilitação, vi aquele filme sobre Edith Piaf, *Piaf: um hino ao amor*. Ele me lembrou minha própria vida. As pessoas da rua têm um verdadeiro apego por você, e uma pessoa tida como ruim te ensina sobre as coisas. Alguém mata essa pessoa e ninguém se importa, porque ele é um sujeito mau – mas para você ele era incrível. Você se beneficiava de estar em sua companhia: tinha dinheiro, roupas, e você podia até comprar alguma coisa para sua irmã. Foi assim com o cara que eles colocaram no filme, aquele que batia nela feito um pedaço de merda, e eles a levaram para longe dele. Foi exatamente assim comigo. Para os outros, eles fizeram um favor a ela, mas para ela… aquela era a sua vida, ela queria viver com as prostitutas e os cafetões, eles eram sua família. Foi tão angustiante assistir quando tiraram ela de lá, e ela gritava, chamando pelas prostitutas. Foi nessa altura que perdi o controle e comecei a chorar. Essa é uma coisa engraçada sobre a felicidade: você pode estar no inferno e estar feliz lá. Algumas pessoas prosperam na miséria. Se você os tira da miséria e os leva para a luz, eles morrem emocional e espiritualmente, porque até então dor e sofrimento eram seu único conforto. A ideia de alguém que os ama e os ajuda sem querer nada em troca jamais passaria pelas suas cabeças.

Parar com o vício do sexo é um tanto diferente de parar com o vício do álcool e das drogas, mas você tem de dizer "não" a ele, assim como faz com as drogas. É uma grande autoajuda e, apesar de você ser um homem adulto, de certa forma, você precisa se comportar como uma criança. Você analisa constantemente o que está fazendo, como está conversando com uma mulher e até mesmo quanto tempo pode olhar para elas. Meu limite é três segundos.

Uma maneira de acabar com a dependência em sexo, ao menos para mim, era estar duro. Se eu estava sem um puto no bolso,

aquela merda já não era tão divertida. Sem dinheiro, eu não conseguia nem pensar em foder alguém, pois minha mente fantasiosa tinha necessidade daquela grandeza. Eu precisava estar numa suíte presidencial ou em alguma ilha paradisíaca. Se estava fazendo sexo em qualquer motel de beira de estrada, era o fundo do poço para mim.

É muito difícil controlar o vício em sexo. Qualquer coisinha pode te atiçar. Eu estava andando pela rua, e então ouvia o *toc, toc, toc* do salto alto de uma mulher – era o fim. Ou podia estar passando por uma travessa escura às 3 da madrugada, virar a esquina, dar de cara com uma mulher bonita e automaticamente pensar que ela deveria ser uma prostituta; afinal, qual seria o outro motivo para ela estar fora de casa tão tarde?

Retornei várias vezes a Phoenix para as audiências no tribunal, e sempre viajava com Sean – ele era natural de lá. Ele era o melhor cara para se ter como companhia. Sabia no que eu estava pensando, sabia que eu ficava excitado quando ouvia barulho de saltos; ouvir aqueles saltos altos era como ouvir alguém batendo à minha porta. Sean e eu saíamos para comer, e ele conhecia muito bem os demônios que me tentavam. Quando voltávamos, ele vinha conversar.

"Michael, qual é o problema?"

"Entrei naquele restaurante e percebi que todos olharam para mim, tipo: 'Olha aquele negão grande, gordo e acabado'." Então, nós combinamos alguns sinais. Quando eu ficasse realmente assustado, colocaria a mão em seu braço, educadamente. Aquele era o sinal para que Sean me dissesse: "Está tudo bem, meu irmão, fica tranquilo".

Às vezes, todo aquele trabalho me deixava puto. A primeira vez que voltamos do Arizona, Sean achou que eu apresentava um alto risco, então me disse que iria ficar no mesmo quarto de hotel que eu.

"Não, você não vai, não", eu disse. "Ninguém vai ficar comigo no meu quarto."

"Então vamos voltar para o avião. Eu sei o que você está tramando. Você vai chamar alguém para vir até aqui e aí vai sumir

da minha vista, e isso não é legal. E então, o que vai querer fazer?", ele disse.

Eu quase dei um sopapo na cara dele. Porém, dormimos um do lado do outro naquele quarto de hotel.

Ele sempre conseguia sacar minha raiva na hora.

"No que você está pensando neste exato momento? Quer me dar um soco, não quer?", Sean disse.

"É, eu não gosto quando você me olha desse jeito."

"Eu sei, irmão, eu sei, mas vamos acabar logo com isso."

Tive de rir.

"Você é um louco do caralho, Sean."

"É, você é louco também, Michael, mas vamos conversar para resolver isso."

Eu sabia que minha vida estava por um triz quando estava em Wonderland; estava tentando vencer, de verdade. Nos Alcoólicos Anônimos, quando você fica sóbrio por certo tempo, eles te dão um tipo de amuleto, como símbolo. Eu carregava aqueles amuletos comigo religiosamente. Eu era exibido, precisava estar sempre mostrando minhas conquistas; era meu jeito de ficar ligado. Aqueles amuletos eram como meus cinturões. Em nossa comunidade, os amuletos te davam respeito; você poderia ter todo o dinheiro do mundo, mas se não tivesse amuletos, não teria nosso respeito. Eu adorava isso, e sempre ficava ansioso para ganhar mais.

Apesar de estar bem comprometido com minha recuperação, eu ainda dava um jeito de burlar algumas regras. Estava no programa fazia algumas semanas quando conheci uma gata de cair o queixo numa das reuniões. Seu nome era Paula, e ela era do Marrocos. Um dia, fui a uma reunião e a vi parada na porta, recebendo as pessoas. Ela estava usando uma blusa da Adidas bem colada e tinha uns peitos incríveis que eram dela mesmo, naturais!

Ninguém me conhecia direito naquela sala; eu era o único cara negro e também era uma figura assustadora, um sujeito bem intimidador. Depois de ver Paula algumas vezes nas reuniões, fui conversar com ela.

"Olha, eu li o livro todo. Estou no oitavo passo…"

“Mike, você não se lembra de mim, lembra?”, ela me interrompeu.

Ela me lembrou de um incidente ocorrido alguns anos antes. Eu estava em Los Angeles dirigindo pela Sunset Boulevard, quando vi Paula descendo a rua a pé. Abaixei o vidro do carro e fui dirigindo devagar, quase parando, tentando fazer que ela entrasse em meu carro – como um pervertido.

Ei, tenho o direito de tentar de novo.

“Olha, sei que não é permitido namorar nos Alcoólicos Anônimos durante o primeiro ano, mas estou focado em minhas coisas. Você acha que poderia ser minha mentora? Quero ser seu amigo”, eu disse a ela.

Paula era quatro anos mais velha que eu e estava na recuperação há 18 anos. Ela era um dos principais membros do programa, uma garota do tipo certinha. Se surgisse uma crise, ela procuraria a solução no livro dos Alcoólicos Anônimos; sua vida girava em torno disso. Portanto, ela sabia que, se saíssemos, isso seria o que eles chamavam de “dar o 13° passo”, já que eu estava na recuperação fazia apenas algumas semanas.

Então, primeiro nós saímos como amigos, e depois de um tempo, começamos a namorar. Eu conseguia permissão em Wonderland para passar a noite com Paula. Aprendi muito com aquele relacionamento. Eu tinha uma namorada que estava sóbria há 18 anos e me ajudava a ficar limpo. Nunca tinha realmente ficado com uma garota direita como ela antes. Eu gostava de mulheres assim, mas não parecia me dar bem com elas por um período muito longo de tempo; meu lado disfuncional aparecia, e eu me colocava como um bandido no meio de suas convicções direitas. Porém, com Paula a coisa era diferente, e tudo corria bem.

Também burlei outras regras em Wonderland quando filmei um documentário sobre minha vida. Fui dirigido pelo meu amigo Jim Toback, um grande cineasta com quem tinha trabalhado anos antes num filme independente chamado *Preto e branco*. Eu não achava que era um ator de verdade na época. Fiz o meu papel como um favor para Jim, não recebi por isso nem nada do tipo. Passei a filmagem inteira de *Preto e branco* chapado de maconha; meu diálogo foi todo

improvisado, pois eu não conseguia nem sequer ler o roteiro de tão brisado. Havia uma cena com Robert Downey Jr., e Jim queria que eu o socasse, mas eu mal conseguia vê-lo, então socava Downey nos lugares errados. Downey estava no chão, me chutando. “Para de me bater, caralho! Para de me bater!”

Eu queria fazer esse documentário, pois sabia que acabaria ganhando uns trocados por ele, e eu precisava desesperadamente de dinheiro. Realmente minimizei o projeto todo quando perguntei a Sean se haveria algum problema fazer aquilo. Fiz parecer que era uma pequena entrevista, quando na verdade foram horas e horas de filmagem numa casa alugada em Beverly Hills, na beira do mar em Malibu. É engraçado, vendo aquele documentário hoje, vejo que ainda estava presente o meu “eu” viciado. Eu basicamente estava fazendo um documentário de viciado.

Minha reabilitação ia bem, e no dia 24 de setembro Sean e eu voamos para o Arizona para ir ao tribunal. Me declarei culpado por posse de cocaína e, um mês depois, teria de voltar ao tribunal para ouvir minha sentença. Enquanto estava na reabilitação, passei pela cidade toda falando sobre dependência. Fui à Justiça Terapêutica, a grupos de jovens da vizinhança, dei testemunhos em programas de liberdade condicional e também na prisão. Fiz as rondas e trabalhei horas e mais horas – era o mínimo que eu poderia fazer para retribuir. E parecia bem impressionante quando mostramos à juíza todo o meu serviço comunitário. Recebi cartas maravilhosas de meus médicos e conselheiros da reabilitação e cartas de apoio de amigos, como Sugar Ray Leonard e o grande advogado Robert Shapiro. Ele tinha perdido um filho para as drogas e por isso criou uma fundação para a qual fez uma exibição beneficente de boxe. Nessa apresentação, ele lutou com Danny Bonaduce, e eu o levei ao ringue como seu treinador.

O fato de eu ter me internado voluntariamente na reabilitação e estar indo muito bem impressionou a juíza, uma simpática senhora liberal. Ela poderia ter me metido em cana por anos e anos; em vez disso, ela me sentenciou a 24 horas na cadeia, 360 horas de serviços comunitários e três anos sob supervisão. O mundo me sorria. Monica havia me apoiado muito durante todo esse processo. Eu

estaria na rua sem a ajuda dela. Nós éramos um casal horrível, mas ótimos amigos. Monica organizou um belo almoço para mim, para Sean e para todos os meus advogados, e depois disso eu iria voar de volta para a Califórnia, onde queria comprar uma casa para continuar meu processo de recuperação. Quem sabe eu acabasse me casando com Paula, ou alguma outra garota da reabilitação, e me tornasse um daqueles caras pró-recuperação bitolados, que se irritavam só de estar perto de pessoas bebendo ou fumando maconha.

Estava tudo correndo bem até o promotor decidir me enquadrar uma última vez. Descobriram que Wonderland ficava a uma pequena distância de uma escola e, sendo um agressor/predador, eu precisava ter sido registrado pelo estado para poder estar ali. Então, eles nos disseram que, se eu voltasse para a Califórnia, o estado do Arizona faria com que a polícia de Los Angeles me prendesse no aeroporto. Aquilo era, na verdade, culpa de Wonderland, por não terem me registrado. Quando descobrimos isso, um de meus advogados disse que eu poderia processar Wonderland. Eu não conseguia acreditar naquilo. Aquelas pessoas haviam colocado a mão no fogo para me salvar e agora eu deveria processá-los? De jeito nenhum, eu não podia fazer uma merda dessas.

Mas eu podia voltar a usar drogas. Meus planos de voltar para a minha comunidade acolhedora na Califórnia foram por água abaixo. Eles deveriam ter me mandado logo de volta para a Califórnia, mas me trouxeram para Phoenix e, sem aquele sistema de apoio, fiquei chapado seis semanas depois. Aquele também foi o fim de meu relacionamento com Paula. Nós nos visitamos umas duas vezes, mas simplesmente não ia dar certo. Ela estava no caminho correto, e eu começando a me desviar, voltando ao mundo das drogas.

Mas não voltei a ser aquele cheirador contumaz. Eu estava sob o efeito de tantos medicamentos da reabilitação, que mais parecia um zumbi. Já que eu não ia mais recomeçar a vida na Califórnia, decidi vender a casa que tinha em Phoenix e comprar uma em Las Vegas. Queria estar onde as coisas aconteciam de verdade, então comprei uma casa em Henderson. Em janeiro, convidei uma de minhas

namoradas para ficar comigo, e aquele acabou sendo um telefonema memorável.

Eu conhecia Kiki Spicer desde seus 13 anos. Seu padrasto, Shamsud-din Ali, era um clérigo muçulmano muito respeitado e influente, que cuidava da maior mesquita na Filadélfia e tinha fortes ligações com a maquinaria política local dos Democratas, incluindo o prefeito da Filadélfia e o governador da Pensilvânia. Sua mãe, Rita, era uma jornalista que havia coberto muitas de minhas lutas. Quando lutei com Buster Mathis em 1995, havia um problema com o local em Atlantic City, então o pai de Kiki ajudou a transferir a luta para a Filadélfia. Ele tinha levado Kiki para me conhecer numa coletiva de imprensa antes da luta, e ela e sua família vieram me visitar depois, no meu quarto de hotel. Estava tão acostumado com pessoas me apresentando seus filhos, que pensei que fosse o caso ali. Estava numa agradável conversa sobre religião com seu pai, o imame, e, dentro de minha cabeça doentia, eu achava que eles estavam me oferecendo Kiki ou uma de suas primas. Eu me sentia realmente atraído por Kiki, mas ela parecia muito travada e pouco à vontade sentada lá, na frente dos pais. Ela parecia não querer estar ali.

Foi só um ano mais tarde que pude conhecê-la de verdade. Seu pai teve de fazer uma viagem de negócios para a região de Pittsburgh, e trouxe sua esposa e Kiki junto. Eles me ligaram para dizer que iriam ficar num hotel a apenas 20 minutos de minha casa em Ohio. Quando eu soube que Kiki estava com eles, não pude deixar de aproveitar a oportunidade.

“Não, não, não fiquem em hotel. Fiquem aqui em casa”, ofereci.

Essa era minha chance de conseguir aquela garota. Quando eles chegaram em casa, insisti que o imame e Rita dormissem em minha cama. Eu dormiria em algum dos vários quartos do outro lado da casa – um dos que ficavam perto de onde Kiki estaria. Ela foi para a cama, e eu fiquei vendo tevê. Um tempo depois, Kiki saiu de seu quarto e me mostrou que havia alguns fios de cabelo em seu travesseiro. Procuramos outra fronha e então ela perguntou se poderia ver tevê comigo. Assistimos um pouco e depois começamos

a bater papo, numa conversa que pareceu ter durado horas. Por fim, tomei uma atitude.

"Você é tão linda, tão especial. Posso te beijar?" É claro que ela mordeu a isca; ela tinha 19 anos na época, então era fácil impressioná-la.

Acabamos dormindo na mesma cama naquela noite, mas ela não cedeu. Eu gostava dela, ela me fazia rir. Nós parecíamos duas crianças fazendo bobeiras, procurando chances de escapar de seus pais para dar uns amassos. Quase fizemos sexo durante os quatro dias de visita deles, mas simplesmente não rolou. Na hora de irem embora, ela me pediu para perguntar a seu pai se ela podia ficar. De jeito nenhum que aquilo ia acontecer.

"Acho que seria melhor se Kiki viesse conosco dessa vez." O imame foi bem diplomático.

Antes de ela ir embora, eu lhe dei uma corrente com um pingente de diamante Chopard em forma de elefante. Não era caro, apenas uns 65 mil, por aí, daria uma merdinha daquelas até para um mendigo. Eu tinha vários desses, mas Kiki gostou mesmo daquele, então fiquei feliz em deixá-la feliz. Eu tinha esperança de que ela desse para mim antes de ir, mas não era para acontecer.

Conversamos pelo telefone algumas vezes, e eu não conseguia parar de pensar nela desde aquela visita. Eu não sabia como faria para vê-la novamente; ela estava sempre com os pais, aonde quer que fosse. Acho que meu afeto por Kiki ficou evidente para os outros, porque Don King começou a me alertar.

"Fica longe da filha do imame. Aquilo lá é problema do tipo que a gente não segura. Você tá me entendendo?"

Don sabia que ele não ia poder enrolar o pai de Kiki – ele não queria aquele tipo de influência perto de mim. Mas ele ter dito aquilo só me deu mais vontade de tê-la. Então, convidei Kiki, seu irmão Azheem e sua prima Asia para meu aniversário de 30 anos; só que eu estava com muitas mulheres lá, e não deu pra ficar jogando xaveco para cima dela.

Eu tinha estabelecido um código de vestimenta para a festa: todos deveriam se vestir bem, nada de jeans. É claro, fiz minha entrada mais tarde usando jeans e um par de belos braceletes de

diamante da Cartier. Isso era uma coisa que Cus tinha me ensinado: você deve sempre criar um ambiente em que possa ser o que os outros não podem; você dita as regras. Essa era mais uma de suas estratégias de guerra psicológica. Ele era cheio dessa coisa de confundir o inimigo.

Os pais de Kiki a mandaram para a Itália para cursar o terceiro ano de faculdade como intercambista. Peguei seu número de lá e liguei para ela; pedi seu endereço e disse que iria visitá-la. Mas acabei me envolvendo naquele acidente de moto e fiquei sem vê-la até a luta com Vargas-Trinidad em Las Vegas, no dia 2 de dezembro de 2000. Ela tinha conseguido credenciais para a luta, e dei de cara com ela andando pelos vestiários nos bastidores. Quando a vi, eu a ergui e lhe dei um abraço. No dia seguinte, ela foi para minha casa, e a espera de cinco anos chegou ao fim.

"Agora você é minha", eu disse a ela. Mais tarde, tive de ir para Phoenix para treinar, então pedi que ela fosse junto. Ela ficou comigo por alguns dias e depois voltou para Nova York, onde estava morando. Eu não queria que ela tivesse ido embora, então liguei para ela alguns dias depois e fiz com que voltasse para Phoenix. Fizemos isso por um tempo. Na época, Kiki estava trabalhando como estilista para videoclipes, então ela tinha flexibilidade para largar o trabalho e ir me ver.

Estávamos nos divertindo muito até eu agir como um canalha e estragar tudo. Uma noite, estávamos juntos em Las Vegas; tínhamos jantado no Brown Derby e depois visto o *show* dos *Reis da Comédia*. Era mais ou menos 12h30 quando, no caminho de volta para casa, recebi uma ligação de uma *stripper* com quem eu estava saindo. Então, quando chegamos, eu disse a Kiki que ia sair de novo para encontrar minha amiga. Kiki ficou muito magoada, apesar de não ter demonstrado na hora. Eu simplesmente achava que as pessoas deveriam aceitar aquele comportamento vindo de mim. Toda a minha vida tinha sido assim, todos aceitavam. Quando voltei na manhã seguinte, as malas de Kiki estavam feitas e Darryl estava prestes a levá-la ao aeroporto.

"Onde você está indo?", perguntei. "Vai embora?"

"Vou, sim", ela disse.

“Bem, eu sou um babaca. Você já sabia disso”, eu disse.

Em 2001, liguei para ela diversas vezes, pedindo que fosse me ver, mas ela não queria falar comigo. Mas, no verão de 2002, ficamos juntos novamente. Eu tinha convidado Kiki para a luta com Lennox Lewis. Ela veio uma semana antes da luta e ficou comigo na casa que eu tinha alugado. Após a luta, Kiki ficou uma semana comigo nessa casa, cuidando das minhas feridas da luta. Então, voamos num jatinho particular até Nova York e eu me mudei para seu apartamento, na baixa Manhattan. Nós estávamos morando juntos, mas não juntos de verdade; mais parecíamos colegas que dividiam a casa. Eu saía à noite para me divertir, e às vezes ela ia me encontrar, e depois voltávamos juntos para casa. Mesmo que comesse outra garota, eu voltava para sua casa na mesma noite. E ela nunca reclamava de nada… Ela era tão doce.

Eu estava saindo escondido com Luz ao mesmo tempo. Uma noite, eu disse a Kiki que tinha uma nova namorada. Ela teve uma reação tardia.

“É óbvio que eu não gosto disso, mas não vou a lugar algum”, ela disse.

Porém, aquele sentimento mudou de repente; acho que Kiki não queria ser meu capacho. Então, depois de uma discussão que tivemos no telefone, ela decidiu que não me deixaria mais usar o seu apartamento como depósito. Ela embalou todas as minhas coisas e mandou tudo pelo correio para minha casa em Las Vegas. Em apenas alguns meses, fui morar com Lisa, depois com Kiki e depois com a Luz. Aquele era meu *modus operandi* na época. Mas foi morando com Kiki que percebi pela primeira vez que eu era capaz de fazer isso, de me comprometer seriamente a viver com alguém.

Passado pouco mais de um ano, a raiva de Kiki tinha diminuído, então a gente trepava de vez em quando. Não importava com quem ela estivesse saindo na época, ela simplesmente caía fora para passar uns dias comigo; nós nos divertíamos demais, depois ficávamos sem nos ver por meses ou até por um ano. Tornei a vê-la em 2004, na luta de Trinidad no Madison Square Garden – aquela em que meu novo segurança foi dopado pela garota trambiqueira. Convidei Kiki para ir comigo dar uma esticada numa boate no distrito de

Meatpacking; ela aceitou e ficou em meu camarote. Eu estava conversando com algumas pessoas e, quando Kiki ficou de costas por um segundo, uma garota que estava na festa e que eu nunca tinha visto na vida se aproximou de mim e, sem nem dizer "oi", pulou no meu colo. No instante seguinte, *bum!*, Kiki me deu um soco na cara.

Todos deram um passo para trás – Zip até pensou que eu ia surtar e dar um pau nela, mas eu a amava. Simplesmente comecei a rir. Eu sabia que ela tinha acumulado toda aquela mágoa por eu ter dado mancada com ela, ficando com Luz enquanto era ela quem cuidava de mim após a luta com Lewis.

Depois disso, nós ficamos sem nos falar por um bom tempo. Voltei a ver Kiki na convenção de Magic Show em Las Vegas, no final de 2005; topei com ela quando estava com duas adoráveis acompanhantes que eu tinha acabado de conhecer, naquela mesma noite. Durante sua estada em Las Vegas, nós transamos e nos divertimos como sempre.

Após ter me mudado para a casa nova em Las Vegas, depois de minha sentença por ser flagrado com pó em Phoenix, fiquei deprimido. Os médicos de Wonderland tinham me deixado sob o efeito de tantos remédios que eu estava completamente apático. Darryl estava muito preocupado comigo.

"Você não parece estar muito legal, Mike. Você está bem?", ele perguntou. "Escuta, consegui o telefone de Kiki. Sei que ela te deixa feliz toda vez que vocês se falam. Posso colocar ela na linha para você?"

Então, ligamos para ela e eu pedi que ela viesse me visitar. Kiki tinha acabado de terminar com um cara e também estava deprimida. Ela me disse depois que estava finalmente conseguindo me esquecer, até chegou a perguntar para a mãe se deveria vir me visitar.

"O que você tem a perder? Você sempre se diverte tanto com ele", Rita disse. "Vai só para levantar os ânimos."

Kiki veio me visitar em janeiro de 2008. No instante em que bati os olhos nela, vi que toda a percepção que eu tinha dela havia mudado. *Caramba, ela é gostosa*, pensei. Talvez porque aquela fosse a

primeira vez que eu a via sóbrio. Ela tinha amadurecido e se tornado uma linda mulher. Eu queria ver realmente se estar comprometido com alguém podia dar certo para mim, mas nós dois estávamos bem deprimidos na época. Eu estava tentando me manter sóbrio após a reabilitação, e Kiki estava tendo que lidar com uma crise familiar já há alguns anos.

Pelo que parecia, o governo Bush estava tentando acabar com a estrutura de poder do Partido Democrata na Filadélfia. Eles estavam grampeando os telefones do gabinete do prefeito e do escritório do imame. Foram atrás do imame e de Rita, alegando que a escola muçulmana que os dois dirigiam estava se apropriando indevidamente de verbas federais; eles até mesmo acusaram Kiki e seu irmão de conspiração, fraude nos correios e desvio de verbas federais, além de jogarem na cara de Kiki uma acusação adicional de falso testemunho ao grande júri. Cada um dos irmãos estava encarando mais de cem anos. Para começo de conversa, o caso era pura balela, mas tanto Kiki quanto sua mãe, seu irmão e seu padrasto foram condenados. A questão principal era saber se Kiki tinha dado aula na escola subsidiada pelo governo; em seu depoimento, ela disse que, até onde sabia, sim, ela tinha. Mas sua resposta não deixou o promotor satisfeito.

"Não, essa é uma pergunta de sim ou não. Você lecionou?"

"Até onde sei, sim", Kiki respondeu. Isso continuou por um bom tempo. Ela não iria se deixar intimidar pelo promotor. No fim, ela foi condenada por perjúrio por causa daquilo, mas pegaram leve e a condenaram a seis meses de prisão domiciliar. No entanto, os federais não se deram por satisfeitos, e recorreram da sentença. Eles ganharam e Kiki teve de receber outra sentença pelo mesmo crime, cujo tempo de prisão domiciliar ela já tinha cumprido. Quando aquilo chegou aos jornais, ela foi demitida do emprego. Então era por isso que ela estava bem para baixo também.

Nós dois ficávamos assistindo a *Law & Order* na tevê o dia todo. Eu ficava hibernando no sofá, me entupindo de bolachas e coisas engordativas da Dairy Queen. Meus remédios me deixavam quieto, eu não tinha aquela animação de antes. À noite, saíamos para as

boates, mas eu estava com a cabeça tão longe que mal reconhecia meus amigos de balada.

Não fui o único que teve uma mudança de percepção. Kiki também pensava que tinha me conhecido ao longo dos anos. No entanto, um dia ela entrou no quarto enquanto eu jogava videogame e comia cereais Cap'n Crunch.

"Uau, é interessante quando você pensa que conhece alguém, mas na verdade não sabe de nada. Você acha que eles são de um jeito, mas eles não são nem um pouco assim. Você está se comportando de uma forma totalmente diferente de como realmente é, Mike", ela disse.

Depois de passar alguns dias comigo, Kiki começou a pesquisar sobre todos os remédios que os médicos da reabilitação me faziam tomar. Aqui está a lista:

- Depakote
- Neurontin
- Zyprexa
- Abilify
- Cymbalta
- Wellbutrin XL
- Tricor
- Zocor

Os últimos dois eram para o meu colesterol e triglicérides altos, mas todos os outros eram remédios para a cabeça. Um servia para equilibrar meu humor, dois eram antidepressivos, os outros dois eram reguladores de humor para transtorno bipolar, e um era usado para tratar epilepsia, algo que eu nunca tive. Kiki fez uma lista completa dos efeitos colaterais negativos desses remédios e me mostrou, então concordei que eu deveria me desintoxicar deles. Ela saiu e comprou algumas ervas medicinais chinesas para limpar meu organismo.

Eu complementava as ervas com meu próprio regime de cocaína. Parecia um zumbi com todos aqueles comprimidos para a cabeça, mas conseguia funcionar em meio à minha disfunção com o pó. Eu

teria preferido fumar maconha, mas não podia, porque ainda estava sendo testado uma vez por mês pelo meu agente da condicional. A maconha fica no organismo e é detectável no mijo por mais de seis meses, para mim provavelmente até mais, já que eu estava com obesidade quase mórbida, e o THC da erva gruda exatamente nas células de gordura. A cocaína, não; ela fica no organismo por apenas três dias, e então some – definitivamente, a melhor droga para quem está em condicional.

Kiki voltou para a Filadélfia para ouvir sua nova sentença, então consegui esconder dela o fato de que estava usando cocaína. Era 1° de abril, Dia da Mentira, e Kiki com certeza desejou que fosse mentira quando o juiz determinou que ela deveria receber a mesma sentença de seis meses, mas dessa vez ela deveria ir para a prisão de verdade, em vez da domiciliar. Todos ficaram chocados. Eu não queria que ela ficasse seis meses longe de mim. Ela estava pronta para ir naquele mesmo dia, mas eles deram a ela 30 dias para colocar suas coisas em ordem, de modo que ela ficou livre até 1° de maio.

Quando Kiki se foi, decidi tentar ir a uma reunião dos Alcoólicos Anônimos em Henderson. É uma cidade de aparência nova e vistosa, mas as reuniões aconteciam na parte mais assustadora. Fui a uma reunião e não consegui aguentar; quando saí de lá, fui direto ficar chapado. Eu era o mestre das recaídas. Se você ler qualquer coisa sobre os Alcoólicos Anônimos, descobrirá que a recaída faz parte da recuperação; não há recuperação sem ela. Você ainda tem de lutar com aqueles demônios. O diabo fode comigo o tempo todo. Ele sabe que sou mestre em recaídas, por isso se aproxima de mim; se ele me achasse forte, nem chegaria perto. O diabo sabe que eu sei que Deus não gosta tanto assim de mim, então ele quer que eu me rebele.

Kiki voltou para ficar comigo antes de se entregar no dia 1° de maio. Mais ou menos uma semana antes de Kiki partir, eu estava vendo tevê e ela veio falar comigo.

“Amor, precisamos conversar”, ela disse, toda dramática.

Eu me lembrei daquele filme de Johnny Depp, *Profissão de risco*, em que a garota vai até ele para dizer que está morrendo. Eu estava

chapado e, quando Kiki me olhou daquele jeito, surtei de medo. Eu tinha certeza de que ela estava com câncer.

"Não, meu amor, não", eu disse. "Você está doente?"

"Não, seu idiota, eu estou grávida."

Senti como se me tirassem um peso das costas; parecia que tinham me atirado no inferno e me puxado de volta logo em seguida. Mas eu tinha de fazer meu discurso para ela.

"Isso pode dar merda, você sabe. Sou péssimo com casamentos. Eu te adoro, mas não sou monogâmico. Nunca vou ter dinheiro novamente; no momento, estou falido. Não serei como todos os seus namorados chiques de antes, você não vai sair de limusine. Talvez você não precise ficar na espera de restaurantes, mas não vai poder usar nenhuma roupa de grife, a não ser que seja de uma promoção. Vou ser o namorado mais duro que você já teve em toda a história de sua vida amorosa."

"Bem, olha, você não precisa participar da vida do bebê", ela disse.

Sim, aquela mesma velha lenga-lenga – até o bebê chegar e começarem os tempos difíceis, então serei atingido em cheio pela porra da intimação. É assim que essa merda funciona.

"Escuta", eu disse. "O que você quer que eu faça? Vou te ajudar. Vamos fazer isso juntos. Vou dar o melhor de mim para você."

O que eu sabia que seria desastroso.

"Mas não haverá nenhuma glória nisso. Nada de câmeras nem nada do tipo; as únicas câmeras serão as do meu enterro. Vamos viver a vida seguindo as suas regras. Se você estiver disposta a fazer isso comigo, talvez fique tudo bem."

Não falei muito com Kiki enquanto ela esteve na cadeia. Estava voltando a cheirar pó feito louco, e Kiki se recusava a me ligar; ela não queria ficar sabendo que eu estava numa boate de *striptease* e ter de ouvir todas aquelas vacas rindo no fundo. Eu não podia ter controle sobre o que ela ia ouvir; no que me dizia respeito, eu tinha assumido um compromisso.

"Quando você sair de lá, vai ser minha garota. Seremos só eu e você", eu disse a ela logo antes de ser presa. "Quando você sair, vou estar ao seu lado e do bebê. Não vou engravidar ninguém e vou

dizer para toda a mulherada que minha garota está longe, mas, quando ela voltar para casa, isso tudo vai acabar."

Eu praticamente iria ter uma despedida de solteiro de seis meses. Graças a Deus que não peguei aids ou algo parecido. Kiki ficou chateada porque ela viu algumas fotos minhas com outras mulheres quando estava na cadeia; mas ela aguentou tudo de cabeça erguida. Também tive de aguentar algumas coisas; é isso o que acontece nos relacionamentos, você precisa suportar a carga do parceiro. Eu não tinha vergonha de nada que tinha feito, pois nós estávamos em mundos diferentes. Não sei quem ligou ou visitou Kiki, aquilo não era de minha conta.

No dia 18 de maio, meu documentário estreou em Cannes. Eu estava chapado no voo de ida. Levei uma garota de Washington, e nós nos divertimos o tempo todo em que estivemos lá; ela arranjava umas garotas e nós dois dormíamos com elas. Mas eu também tinha motivos para festejar: o filme recebeu ótimas críticas e elogios em Cannes. Eu fiz minha própria avaliação para a imprensa.

"É como uma tragédia grega. O único problema é que o assunto sou eu."

Quando voltei para Las Vegas, continuei direto na gandaia. Meu amigo Martin e eu tínhamos um amigo chamado Paris, ele era um velho gente boa pra caralho. Ele devia ter no mínimo 80 anos e era um grande traficante de drogas; costumava trabalhar como chefão de um dos cassinos na Strip de Las Vegas, e sempre foi um mauricinho. Ele era amigo de Martin há 40 anos, mas Martin não gostou quando comecei a sair com Paris, pois achava que ele seria uma péssima influência para meu vício em drogas. Martin era um caipirão do Mississippi. Ele me via chapado de cocaína e dizia: "Tá se achando o bacanão, o rei da cocada preta? Negão, você não é merda nenhuma. Você usa essa cocaína e não consegue fazer merda nenhuma. Não consegue nenhum dinheiro, nenhuma putinha, não consegue nada, negão".

Até o próprio Paris começou a me evitar. Eu o chamava para sair e, no começo, ele ficava de boa, mas depois ele viu como eu agia perto da cocaína – afinal, ele tinha cocaína pura.

“Mike, você não precisa de nada disso”, ele disse. Ele era um filho da puta arrogante. “Vai ficar com seus amigões brancos, usa aquele pó sujo que eles têm. Você não é bom o suficiente para essa merda, você precisa daquele pó de gente branca, Mike.”

E então Paris morreu. No enterro, leram seu testamento.

“Martin e Mike Tyson são meus únicos amigos. Quero que eles herdem meus bens materiais”, dizia o testamento. O que havia entre os bens materiais de um traficante? O seu estoque. Depois do enterro, Martin se apossou do estoque de drogas de Paris. Ele me dizia que Paris gostaria que eu ficasse com a cocaína dele; porém, quando eu a pedia, ele dizia: “Mike, você não está bem no momento. Eu não posso, em sã consciência, te dar essa coisa agora”.

“Mas essa merda é minha, Martin. Como você pode não me dar algo que é meu? Você não é meu pai.”

“Cara, eu simplesmente não posso fazer isso.”

Martin é um daqueles cristãos batistas do Sul, crentes até o osso; ele já tinha cometido todos os crimes da Bíblia, mas morreria e mataria por Jesus. Eu estava convencido de que as merdas estavam na casa de Martin, e estava tão fissurado por aquilo que me convidei para dormir lá.

“Kiki está em cana. Vou ficar com você”, eu disse a Martin.

Assim que ele saiu para trabalhar, comecei a revistar a casa inteira. Ele tinha pelo menos uns cem ternos da Stacy Adams nos armários, e eu estava vasculhando freneticamente cada um dos bolsos para achar o estoque.

Opa, vamos com calma, Mike, eu disse a mim mesmo. Eu estava suando feito um porco de tão agitado. *Tudo bem, estratégia de sobrevivência do gueto. Volta para a quebrada. Se você estivesse no gueto, onde esconderia suas drogas?*

Então, procurei nos canos das armas de Martin; procurei dentro de cada um de seus sapatos; procurei embaixo da cama, em cima da cama e embaixo do colchão. A certa altura, eu estava fuçando nas latas do Martin e achei uma pequena pedra de cocaína que alguém tinha dado a ele 20 anos atrás. Tinha literalmente virado uma pedra. Todas as bactérias e sujeiras dos últimos 20 anos tinham se

chamuscado no pó. Já não era nem branca, era de uma cor meio esverdeada, meio acinzentada, desbotada.

Depois de umas duas horas, a faxineira chegou.

"VAI EMBORA! VAI EMBORA!", gritei para ela.

Ela era uma senhora espanhola que não entendia o que estava acontecendo com aquele cara maluco gritando com ela, então ligou para Martin, e ele pediu que ela voltasse no dia seguinte.

No fim do dia, Martin voltou para casa. Ele tinha saído de casa sóbrio, mas ficou bebendo o dia todo no trabalho, portanto, estava chumbado. Ele viu uma bandana que estava em cima da mesa da sala de estar, pegou-a e bateu com ela na mesa.

"Seu filho da puta, você trouxe mulher para cá", disse.

"Não, Martin, não trouxe, não", respondi.

Martin estava com um garoto da vizinhança, porque ele costumava pagar o menino para fazer tarefas domésticas.

"Sim, você levou uma puta lá atrás", ele disse.

Peguei a bandana e me dirigi ao garoto.

"Olha, rapaz, como você está vendo, isso não é uma meia-calça feminina. É uma bandana."

"Eu sei", o garoto disse.

"Bem, então explica isso para ele."

Martin estava tão bêbado, que nem conseguia reconhecer a bandana que ele mesmo usava.

Quando entrou em seu quarto, Martin ficou chocado.

"Que porra aconteceu com meu quarto?", perguntou, com tristeza.

Na verdade, eu tinha desmontado sua cama; depois, pensando que a cocaína poderia estar escondida nas pernas da cama, simplesmente quebrei todas elas. Todas as gavetas das cômodas estavam para fora e reviradas, e o guarda-roupas estava uma bagunça. Eu tinha destruído a casa daquele homem.

"Mas por que caralhos você fez isso, Mike?", Martin perguntou.

"Porque eu estava procurando a coca", eu disse.

"Deixei no cofre do meu escritório. Não está aqui."

"Martin, por que você simplesmente não me disse? Por que não me dá logo essa porra, cara? É minha."

“Nem fodendo! Não vou te dar merda nenhuma depois do que você fez.”

E ele nunca me deu o pó.

Até aquela época, eu tinha engordado tanto, que cheguei a pesar quase 163 quilos. Em sã consciência, não me atreveria nem a olhar para uma garota estando nojento daquele jeito, mas era só arranjar um pouco de cocaína, que a coragem de me aproximar de alguém aparecia. Quando me dei conta, eu estava saindo por aí com um bando de estranhos, e pensando que eu era lindo.

Voltei a fazer orgias em minha casa. Eu tinha umas 20 pessoas peladas em minha sala de estar, todas chapadas de cocaína, e ninguém dizia porra nenhuma. Todas as garotas que passavam por mim, me acariciavam, se esfregavam em mim e me beijavam.

Um dia, estávamos em uma festa na minha casa, e várias pessoas trepavam pela casa toda. Eu estava em meu quarto com duas mulheres. Não dormia há dois dias, e de repente uma outra garota correu até o quarto.

“Mike, seu agente da condicional está lá fora, batendo na porta.”

Meu pau encolheu na hora. Assim que a notícia de que havia um policial na porta se espalhou, um dos caras que também estava na condicional enfiou as roupas no corpo, saiu correndo pela porta dos fundos, pulou a cerca e vazou. Continuei a olhar para o portão principal pela janela, espiando para ver se ele ainda estava lá. Eu estava com o cu na mão, mas depois de alguns minutos ele simplesmente foi embora.

Mas as coisas ficaram realmente bizarras quando comecei a sair com duas garotas de programa em Las Vegas. Quando a gente ficava até de madrugada na Strip, em vez de voltar para Henderson, a gente acabava num quarto de hotel para continuar a se drogar. Uma vez, eu estava no quarto enquanto minha garota tinha ido fazer um programa. Em vez de fumar, cheirei meu pó de qualidade e meu nariz congelou inteiro. Liguei para a minha garota. Ela atendeu, e eu pude ouvir no fundo um cara metendo nela.

“Você tá bem, amor?”, perguntou.

“Ah, meu nariz está congelado. Estou no hotel. Estou morrendo, amor.”

“Dá mais uma cheirada”, ela disse.

Segui seu conselho.

“Ei, estou bem. Era só isso que eu precisava fazer?”

Dei ainda outra cheirada.

“Agora eu estou bem mesmo”, falei.

“Ótimo, se precisar, me ligue”, ela disse, e depois voltou pra foda com o fulano.

Muitas vezes, nós nos divertíamos nas boates de madrugada e depois íamos dar uma esticada na casa de alguém. Uma vez, eu estava com uma de minhas namoradas prostitutas quando fomos para a casa de meu amigo Brian. Fui direto para o quarto dos fundos com minha garota e fiquei chapado com pó e alguns cogumelos. Saí de lá, e havia um grupo de pessoas totalmente diferente daquele que tinha vindo para a festa. Era um grupo de garotões branquelos animadinhos, caras bonzinhos que só queriam cheirar umas carreiras. Voltei para o quarto e relaxei um pouco com minha garota, depois saí de novo, e, no lugar dos branquelos, havia agora um grupo de mexicanos. Todo mundo era de boa e humilde, e fiquei na festa com eles por um tempo antes de voltar para o quarto. Quando eu e minha garota saímos de novo, havia uma turma de negros lá. Eu ainda estava no modo excitado pelo pó branco, então não me incomodei com aquela troca constante de cores que estava rolando bem na minha cara. Tinha certeza de que alguns daqueles caras queriam sair com minha garota, mas não fiquei encanado – afinal, eles teriam de pagar se quisessem isso, era assim que funcionava.

Fui falar com eles.

“Oi, gente, vocês precisam de alguma coisa?” Eu estava dando o melhor de mim, falando merdas inofensivas como se fosse o Pai Tomás, certo? Eles só olharam para mim e balançaram a cabeça com desprezo, sem nem responder. Diante daquilo, meu ego se sentiu mordido.

Opa, esses negões não sabem quem eu sou? Eles têm que saber quem eu sou, pensei. *Eu sou Mike Tyson. Como eles podem não me idolatrar?* Eu estava na brisa dos cogumelos naquela hora, e a cocaína a intensificava.

Esses filhos da puta estão agindo como se eu fosse o mordomo aqui, pensei. *Eles nem ao menos disseram "Não, obrigado" nem nada*.

Fui até o banheiro e, quando voltei, vi que aqueles caras tinham dado um "boa-noite Cinderela" na minha garota. Aí eu fiquei puto. Por que caralhos eles teriam feito aquilo bem na minha cara?

Esses negões devem pensar que eu não existo. Eles acham que sou um gordo de merda, que não sou o cara que costumava ser, pensei.

Vi que um dos caras estava secando minha garota, comendo ela com os olhos. Ele então começou a rir e me deu um tapinha no ombro.

"Você é maluco, Mike", ele disse.

Alguma coisa estalou em minha mente.

Vou ter que matar esses neguinhos.

Entrei no modo de briga. Toda a cocaína, os cogumelos e o Hennessy me diziam que aqueles filhos da puta tinham de se ajoelhar aos meus pés. Então, me levantei da cadeira, peguei um taco de golfe que era do dono da casa e fui na direção dos caras balançando o taco no ar. Eu gritava tanto que minha garota acordou do seu sono. Um dos caras correu direto para a janela e pulou; outro se trancou no banheiro. Peguei um outro que estava encolhido de medo atrás do sofá.

"Escuta aqui, neguinho, sou o carniceiro filho da puta daqui, cara, eu sou o matador. Se você quiser qualquer coisa, tem que me pedir com jeitinho. Você tem que dizer 'Sim, senhor; não, senhor Tyson'."

Enquanto isso, minha garota me implorava, dizendo: "Não, amor, amor, amor, não, não, não, amor. Por favor, vem comigo, amor, vamos embora".

Caralho, essa putinha não sabia que eu era assim, é?, pensei.

Nesse meio-tempo, o cara correu para a porta da frente e se juntou aos seus amigos. Então, esticamos a noite por mais umas três horas; de repente, ouvimos uma voz vindo lá do banheiro.

"Vou ligar para a polícia agora mesmo. Vou ligar para a polícia se vocês não me deixarem sair daqui."

"Mas que porra, aquele neguinho ainda está trancado no banheiro?", perguntei. A gente tinha se esquecido completamente

dele.

Eu tentava me convencer de que não ligava para o fato de que minha garota vendia o corpo; mas eu sou um cara emotivo demais para realmente aceitar essa ideia. Uma noite, eu estava de boa na casa de um cara com quem a gente negociava para descolar drogas e grana. Então, minha garota apareceu toda bonitinha depois de fazer um programa.

"Você está pronta para ir para casa?", perguntei a ela.

"Vai você para casa, amor. Vou ficar aqui com esse cara por um tempo. Te vejo em casa mais tarde."

"Tudo bem, amor", eu disse e dei um beijo nela. Enquanto eu andava até o meu carro, comecei a ter uma sensação esquisita.

Ei, que porra acabou de acontecer?, pensei. *Por acaso aquele branquelo esquisitão acabou de tirar vantagem de mim?*

Fui para casa. Quando minha garota chegou, ela veio direto falar comigo.

"Sei que você não está encanando com aquele merda", ela disse. "Se aquele filho da puta dissesse qualquer coisinha atravessada de você enquanto eu cavalgava nele, eu teria cortado a porra de sua garganta."

Ela era uma gata italiana bem durona.

"Amor, é assim que ganhamos o pão", continuou. "Você não luta mais. Aquele merdinha não significa nada para mim; é para você que eu volto, amor."

Essas garotas me sustentavam, já que eu estava duro, mas não queria que elas ficassem dando a boceta por aí. Eu era o único cara que afastava suas namoradas prostitutas por não querer que elas trabalhassem. Acho que meu pai e Iceberg tinham razão: nunca fui bom com as mulheres. Não fazia o tipo cafetão. As pessoas viam minha imagem violenta e pensavam que eu era um tipo de "Rei da Pegação", mas eu estava mais para caça do que para caçador. Eu era o sr. Presa Fácil.

EU TINHA VOLTADO COM tudo ao inferno da cocaína durante meus seis meses de licença sabática de Kiki. Marilyn tentava ficar na

minha cola; ela me ligava quando eu estava me chapando.

"Onde está seu livro dos Alcoólicos Anônimos, Mike? Vamos lê-lo juntos, agora. Leia a página 52."

Chapado, eu ficava no telefone com ela e procurava a página mencionada para ler em voz alta.

"Ao acordar, pensaremos nas próximas 24 horas. Consideremos nossos planos para o dia. Antes de começar, pedimos a Deus que dirija nossos pensamentos e, especialmente, que eles estejam livres da autopiedade, da desonestidade e do egoísmo."

Eu lia e Marilyn gritava: "LEIA MAIS ALTO!! MAIS ALTO!!"

Nunca desligava ou dizia que estava ocupado, porque na verdade eu queria ser ajudado.

"Trabalhando com os outros: a experiência prática nos ensina que não há nada que assegure tanto a imunidade à bebida quanto o trabalho intensivo com outros alcoólicos."

A leitura me fez lembrar que eu pensava ser apenas um cheirador, quando, na verdade, eu também era um alcoólatra. Eu só usava cocaína depois de beber; e, uma vez tendo bebido, todos corriam perigo, inclusive eu.

Eu queria gandaiar em Nova York, mas meus planos melaram quando fui acusado de oferecer 50 mil dólares pela cabeça dos caras que supostamente mataram meu camarada Darryl "Homicida" Baum em 2000. Essa acusação surgiu no julgamento de um dos caras da Cash Money Brothers, organização que controlava o tráfico de drogas em alguns conjuntos habitacionais do Brooklyn. Supostamente, um dos caras que assassinaram Homicida teria ouvido falar da recompensa; então teria oferecido uma grana em troca da minha cabeça – e isso quase foi concretizado no verão de 2000, quando eu estava no Brooklyn. Tinham me localizado numa de minhas Range Rovers na Atlantic Avenue, mas alguns dos caras da Cash Brothers se recusaram a me matar por eu ser muçulmano.

Tudo isso era balela, é claro, mas o fato de ligarem meu nome com acertos de contas de traficantes ajudou a perpetuar a ideia de que eu era um cara barra-pesada, insano. Como eu estava na condicional na época, então eles me disseram que eu não podia nem ir à minha cidade natal, Nova York.

Foi nesse mundo que eu cresci. Todos os meus amigos matavam pessoas, roubavam suas drogas. Segui uma direção, e eles seguiram a outra, mas ainda mantínhamos contato. Agora, eu estava sendo arrastado de volta para aquele mundo e aquilo era um pesadelo. Sentia que o mundo todo estava desabando sobre minhas costas.

Assim, fiquei quieto no Oeste e continuei me fodendo. Levei uma de minhas namoradas garotas de programa à estreia do novo filme de Will Smith, *Sete vidas*, em dezembro. Kiki, que estava na cadeia, viu uma foto nossa no tapete vermelho e surtou. Eu também estava surtando, mas era porque eu me sentia um merda. Eu queria dar uma esticada depois da festa, então liguei para minha velha amiga Hope e pedi que ela viesse me buscar de carro. Assim que ela chegou, entrei correndo no carro e deixei minha garota e meus guarda-costas para trás, na festa.

Eu precisava fugir de lá. Os meus seguranças ficaram me ligando, assustados, e aí coloquei Hope no telefone.

"Ele vai ficar bem. Ele só quer dar um tempo. Vou levá-lo de volta", disse.

Mas eu não queria voltar, só queria sumir. Hope me levou de volta e foi para a festa com a gente. Eu ficava andando para lá e para cá, completamente fora de mim.

Naquele mesmo mês, fui a uma de minhas boates em Las Vegas. Eu estava me dirigindo para meu lugar de costume na área VIP, quando vi uma multidão aglomerada na entrada. Alguns dos grandes nomes das drogas, que geralmente sentavam na área VIP, estavam sendo barrados pelo segurança da entrada. Porém, quando o segurança me viu, me deixou entrar direto, então tomei meu lugar de sempre na mesa e comecei a beber meu Hennessy. Havia um grupo de pessoas na mesa ao lado, bebendo e se divertindo; olhei para eles, pensando comigo mesmo: *Quem eles pensam que são para sentar aqui? Esse é nosso lugar, caralho*. Foi então que vi uma das gêmeas Olsen, e percebi que aquela multidão era da galera do *showbiz*. Todos aqueles brancos ficavam olhando para mim, o intruso negro no cantinho. Mas aquele era o meu lugar; na minha cabeça, eu era um figurão da hora de Las Vegas. De repente, aquele ator de comédia, Zach Galifianakis, veio falar comigo.

“Ei, nós vamos gravar um filme com você em duas semanas”, ele disse.

“Meu cu que vocês vão. É sério?”

Zach riu. Ele deve ter pensado que eu estava tirando uma com a cara dele, mas aquilo era novidade para mim. Eu não sabia de nada sobre filme nenhum. Estava fazendo minhas sessões de autógrafo de sempre para conseguir dinheiro suficiente para me manter nas drogas. Ei, se havia um filme para mim, ótimo, vamos fazer o filme então. Eu não fazia ideia em que porra estava me metendo.

“Vem sentar com a gente e tomar uns drinques”, Zach disse. Ele é um cara sensacional.

Em duas semanas, eu estava no *set* de *Se beber, não case*. Eu estava gordo, fora de forma e mal-humorado, mas Todd Phillips, o diretor, e os atores foram simplesmente incríveis. Não sei se eles pensaram que eu seria meio psicótico no *set*, mas Todd e os produtores ficaram o tempo todo me paparicando.

“Está tudo em ordem? Você quer fazer uma pausa?”, Todd perguntava. “Consegue fazer mais uma tomada agora? Não precisa ser agora se não quiser.”

Eu me sentia tão feliz de estar trabalhando. Eu pedia a Deus que me desse só mais uma chance, e eu nunca mais ficaria chapado de novo, apesar de não conseguir parar de usar cocaína. Estava chapado de pó o tempo todo em que filmamos *Se beber, não case*. Levei uma de minhas namoradas prostitutas para o *set*, e então Sean apareceu por lá para ver a filmagem; ele deu uma olhada para a bunda da minha garota e balançou a cabeça.

“Vejo que eu e nossos irmãos não temos passado muito pela sua cabeça nos últimos dias, hein, Mike?”, falou.

Mas eu adorava estar no *set*. Eles colocavam mesas de *buffet* cheias com os melhores biscoitos, bolos e comidas. Eu parava no meio das cenas e pedia para me pegarem mais daqueles bicoitos.

Eu não esperava muito do filme, mas Todd ficava me dizendo que seria um sucesso e que eu voltaria ao topo depois da estreia. Aquilo seria legal, mas para mim era mais empolgante ser capaz de entreter as pessoas de novo. Percebi que, mesmo quando era lutador, entreter as pessoas era mais importante do que vencer as

lutas. Cus sempre me manteve cercado de pessoas carismáticas do *showbiz* e da mídia, com suas personalidades cativantes. Percebi que Cus era um cara das artes. Também era arte quando ele falava sobre colocar seus próprios pensamentos na cabeça das outras pessoas – ainda que aquela fosse uma arte sinistra. A arte da guerra, a arte da sobrevivência, sempre olhávamos para tudo como se fosse arte. Não sou um bom artista, mas conheço as artes; exatamente como eu dizia que não era um bom lutador, mas sabia como lutar bem para valer.

Kiki deu à luz nossa filha Milan no dia 24 de dezembro de 2008. Ela tinha acabado de ser liberada da cadeia quando foi para um hospital na Filadélfia, onde Milan nasceu de parto induzido por estar com umas duas semanas de atraso. Kiki ligou para me contar e eu fiquei surpreso: dia 24 era o aniversário de minha mãe. Eu tinha um pequeno apartamento perto de minha casa em Las Vegas e o reformei para Kiki e o bebê. Ela estava para chegar quando o destino interveio. Detectaram drogas em meu exame de urina, e o pessoal de Phoenix queria me colocar de novo em cana. Mas o meu advogado os convenceu de que a reabilitação seria melhor para mim; assim, em janeiro, me internei numa clínica elegante de Malibu chamada Promises.

Promises era incrível. Fiquei instalado numa mansão; era como me reabilitar em casa. Lá, íamos para as reuniões e também víamos nossos terapeutas em sessões particulares; eles trabalhavam de todos os ângulos, por isso eu poderia obter um bom relatório e ficar livre de meu caso com drogas. Tudo corria bem até se passarem quatro semanas: meu tempo tinha acabado. Eu não queria sair de lá, mas eles já tinham reservado meu quarto para outra pessoa. Eu ainda não estava muito bem, mesmo. Liguei para meu amigo Jeff Greene e pedi que ele fosse me buscar.

Jeff me levou para a casa de um amigo, um cara que era dono de uma dessas companhias de bebidas energéticas. Jeff não sabia, mas estava rolando uma puta festa na casa, cheia de garotas jovens e bonitas.

“Senta aqui, Mike. Não se mexa”, Jeff disse. Mas é óbvio que a festa veio até nós, e logo eu estava rodeado de lindas mulheres de

biquini.

Jeff ia me levar para outra clínica no dia seguinte, por isso eu ficaria em sua casa naquela noite. Então, ele colocou algemas em mim: eu não podia me mover nem flertar com as garotas, eu era seu prisioneiro. Enfim fomos para a casa dele e, no dia seguinte, ele me levou a uma filial da Promises que ficava na zona oeste de Los Angeles.

"Ei, Jeff, estou totalmente duro. Você vai ter que pagar essa merda, cara. Quero ficar bom. Tudo bem?", eu disse.

Assim que chegamos, fomos conversar com a moça da administração que iria me internar. Vi que ela usava uma Estrela de Davi; quando ela saiu para pegar uns formulários para preenchermos, cutuquei Jeff.

"Olha, Jeff, ela é uma das suas. Isso vai ser bom, vamos conseguir um bom negócio. Eles conhecem o protocolo. Fala com ela, Jeff."

Ela voltou e se sentou, mas estava se fazendo de difícil – não ia deixar ninguém passá-la para trás. Toda vez que falava sobre um novo aspecto do tratamento, era mais dinheiro: 3 mil por isso, 4 por aquilo, 25 por outra coisinha; se tomar um comprimido extra, mais 5 mil.

Jeff ficou "passado", como ele mesmo diria, ao ouvir a quantidade de dinheiro que teria de gastar.

"Mas que porra, Mike? Pelo amor de Deus, cara, trata de ficar sóbrio", ele disse.

No dia 21 de janeiro, eles me deixaram sair da reabilitação por um dia para comparecer à estreia nos Estados Unidos de meu documentário, em Sundance. Sean foi comigo como acompanhante sóbrio. E aquela foi também a primeira vez que eu veria Milan. Encontramos Kiki no aeroporto. Ela saiu do avião com nossa garotinha e estava muito acabada, parecia uma moradora de rua. Eu olhava para Milan e dizia: "Oi", tentando ver se ela se parecia comigo. Kiki estava chorando no aeroporto, e eu ainda estava todo fodido por causa das drogas em meu organismo, então não senti muita empatia por ela. Mesmo ver Milan foi estranho, foi meio tipo, *Bem, outro filho fora do casamento, de novo. Poderia até fazer outro*.

Não era bem a reação que nós dois esperávamos. Acho que nem beijei Kiki quando a vi. Foi simplesmente constrangedor.

Fomos à estreia do filme e depois voltamos para o hotel. Não pude fazer sexo com Kiki, pois ela ainda estava com os pontos do parto de Milan, e, de qualquer forma, Sean estava lá para me impedir de transar com ela. Eu amava Milan, mas todo aquele choro me irritava. Definitivamente, não começamos com o pé direito.

Na manhã seguinte, voltei para a reabilitação em Los Angeles, e Kiki foi para o apartamento que reformei para elas num condomínio de Las Vegas. Kiki estava completamente sozinha, pois sua mãe ainda estava numa casa de recuperação na Filadélfia, por causa de sua condenação de merda. Falei com Kiki sobre Promises, e nós dois estávamos muito deprimidos. Ela não tinha muita compaixão por mim na época, ela me via apenas como um criação mimado se lamentando por tudo, enquanto ficava internado num clube de campo para drogadinhos. Mas a filial de Promises em que eu estava não era nada se comparada à de Malibu. Era na cidade, numa esquina de uma rua qualquer, onde qualquer um poderia entrar e te sequestrar ou algo do tipo.

Kiki estava realmente estressada por causa de dinheiro na época, porque eu não podia dar nada para ela nem para Milan. Ela mal conseguia comprar fraldas, até ameaçou levar nossa filha para a assistência social e se inscrever para receber ajuda. Mas eu estava duro de verdade. Eu tinha algo em torno de 7 mil dólares em minha conta e devia mais de 8 mil por mês de pensão alimentícia, e era Jeff quem estava pagando minha reabilitação. Sempre que podia, eu agendava alguma apresentação por 10 mil para arrumar algum dinheiro. Então, ameaçar ir à assistência não me intimidou. Eu disse que comigo ela não viveria no luxo. Ela que se meta no meio dessas filas de assistência social. Acho que ela estava realmente na fila da assistência quando Darryl apareceu e deu a ela 250 dólares do meu caixa eletrônico para comprar fraldas e comida.

Em fevereiro, saí da reabilitação e voltei para Las Vegas. Meu plano era morar em minha casa e visitar Kiki e o bebê, que estavam num condomínio próximo. Mas eu estava tão fodido e frágil por causa da reabilitação, que fui direto para o condomínio e

simplesmente fiquei lá com Kiki durante duas semanas. Eu estava literalmente com medo de pisar fora de casa, pois não confiava em mim mesmo para permanecer limpo. Kiki e eu continuamos de onde paramos antes de ela ir para a prisão: ríamos muito, conversávamos, víamos tevê e brincávamos com Milan. Após duas semanas, Crocodilo começou a me visitar para sairmos; íamos até a barbearia do Mack e ficávamos lá de boa por umas duas horas durante a tarde. Mas eu me mantive longe de encrenca.

Quando fui pego no teste, minha condicional voltou de Las Vegas para Phoenix. Mas o agente da condicional de Phoenix era um cara sensacional. Kiki, Milan e eu fomos de carro até lá, e ele viu que eu estava batalhando; ele também sabia do bebê, por isso permitiu que eu ficasse morando em Las Vegas e dando os relatos a ele apenas uma vez por mês em Phoenix. Voltamos para Las Vegas depois de um ou dois dias, e decidi parar na minha casa antes de deixar Kiki e Milan no condomínio. Foi quando o destino interveio novamente. Um cano da minha lava-louças tinha estourado, e a casa estava toda alagada. Não sei se aquilo tinha sido uma intervenção divina para que eu e Kiki nos aproximássemos ainda mais, mas com certeza deu um trabalho filho da puta para mim.

Eu me mudei para o pequeno apartamento delas. Estávamos tão duros que, quando íamos fazer compras, precisávamos contar os itens em nosso carrinho enquanto prosseguíamos, apenas para ter certeza de que não havíamos excedido o orçamento. Enquanto fazíamos as compras, eu ficava tirando algumas coisas do carrinho, mesmo com Kiki me garantido que o dinheiro ia dar. Eu só não queria passar vergonha no caixa. A última vez que aquilo aconteceu, que eu me lembre, foi quando minha mãe estava sob os cuidados da assistência social. A moça do caixa teve de deixar de lado algumas coisas que queríamos comprar, pois não tínhamos dinheiro suficiente. Eu voltava a sentir toda aquela ansiedade quando Kiki e eu íamos fazer compras. Minha ideia de comprar coisas, durante toda minha vida adulta, tinha sido a de ver e comprar. Agora, só de olhar para uma guloseima ordinária eu ficava intimidado. Dá para imaginar uma coisa dessas? Eu era o mais cruel e temido lutador de

toda uma geração, e o preço de uma porra de caixa de cereais me intimidava.

Kiki e eu continuamos a fortalecer nossa ligação. Jogamos vários jogos de perguntas e respostas, durante dias a fio, perguntas e respostas, perguntas e respostas. Eu ainda estava muito doente para sair e encarar o mundo. Provavelmente, Kiki estava secretamente feliz por me ter só para ela. Acho que minha antiga imagem ainda pesava muito sobre ela.

Algumas semanas depois de termos começado a morar juntos, saí de casa com Crocodilo à tarde e fomos à academia ver alguns lutadores treinando. Mas dessa vez, depois de vermos os treinos, eu disse a Crocodilo que queria dar umas cheiradas. Voltamos para o condomínio por volta das 10 da noite, o que era bem tarde para mim. Kiki estava dormindo no andar de cima e eu entrei no quarto todo feliz e falante, bem hiperativo.

Ela saltou da cama igual a Linda Blair em *O exorcista*.

"Você usou cocaína, não usou?!", ela gritou.

"Não, não, amor."

"Então por que caralhos você está falando tão rápido? E foda-se aquele Crocodilo. Era para ele te ajudar, mas ao invés disso fica saindo por aí e usando drogas com você", continuou.

"Não, não diga nada ao Crocodilo. Ele não sabe que usei", menti.

"Você acha mesmo que eu sou tão idiota a ponto de acreditar que ele não sabe?"

Ela me chutou para fora de casa por ter usado pó. Encarei aquilo como um favor, eu estava feliz de ir embora. Naquela hora, eu preferiria estar fora de casa cheirando do que enfurnado naquele apartamento pequeno.

Cheirei pó compulsivamente durante dois dias, e então voltei. Kiki estava preocupada pra caralho, mas jurei que não ia escorregar de novo, e assim, as coisas voltaram ao normal.

Até março, pelo menos, quando Rita, a mãe de Kiki, saiu da casa de recuperação e se mudou para nossa casa. Morar em quatro naquele apartamento minúsculo não era nem um pouco divertido, ainda mais quando um dos moradores é a mãe de sua namorada. Eu

não podia nem fazer amor sem me preocupar com a possibilidade de sua mãe nos ouvir, pois as paredes eram muito finas.

Mais ou menos nessa época, comecei a ter uma série de recaídas. Eu ficava bem durante algumas semanas, e então saía e pintava a fissura. Sumia por alguns dias e depois voltava todo arrependido.

"Sou um pedaço de merda. Preferia estar morto. Sinto muito por fazer isso com você", eu dizia a Kiki.

Eu parecia um monstro nessas bebedeiras. Quando eu estava todo fodido de cocaína, ficava com marcas por todo o corpo, como um leproso; também ficava desidratado e cheio de feridas na cara. Não conseguia beijar ninguém, porque a umidade dos lábios da outra pessoa ardiam em mim. Meu nariz sangrava, e eu não conseguia falar de tão congestionado.

Kiki ficava tão puta que começava a gritar comigo, me chamando de imbecil e de pedaço de merda.

"O que foi? Por que você está tão encanada?", eu perguntava a ela.

Então, ela sumia, e eu estava tão fora de mim que nem percebia que ela tinha ido embora. Era assim que as coisas estavam na época. Quando eu estava chapado, me sentia ótimo, mas as pessoas que eu amava se sentiam péssimas. E, quando elas se sentiam ótimas, eu me sentia péssimo por estar sóbrio.

Depois dessas recaídas, eu ficava em casa durante uma ou duas semanas, e então começava a ficar inquieto novamente.

"Você vai usar, não vai?", Kiki dizia. "Está na hora, né?"

Ela ficava muito triste porque via que eu não conseguia evitar. Ela implorava para que eu ficasse em casa e até cheirasse o pó se quisesse, assim ao menos eu não sairia para algum lugar e arrumaria confusão. Mas não existe recuperação sem recaídas, e eu estava tentando ao máximo ficar sóbrio.

Crocodilo foi embora de Las Vegas nessa época. Ele disse que gostava demais de mim para ficar por perto e contribuir para que eu me envenenasse. Ele foi morar no Arizona e mudou da água para o vinho: de muçulmano radical para cristão renascido. Eu disse a ele que Jesus era legal, mas que ele não deveria perder toda a sua personalidade. Jesus tinha pessoas selvagens com ele. Eu disse que,

se ele quisesse evangelizar, que o fizesse como o cara em *Um por Deus, outro pelo diabo*: tenha a Bíblia em uma mão e uma arma na outra. Croc entrou na linha e nunca mais usou droga alguma desde 2010.

Lidar com meu problema com as drogas era algo novo para Kiki. Uma vez, ela procurou na internet alguma reunião dos Narcóticos Anônimos perto de nossa casa. Pegou o endereço e nós fomos até o lugar. Chegamos alguns minutos atrasados, então sentamos e ouvimos as pessoas compartilhando seus problemas. As histórias eram todas bem interessantes, sobre como eles haviam perdido todo seu dinheiro em apostas. Depois de alguns minutos, sussurrei no ouvido de Kiki: "Estamos na reunião errada". Aquela era uma reunião dos Jogadores Anônimos.

Não quis ofender ninguém indo embora enquanto eles compartilhavam suas histórias com o grupo, mas não queria mesmo estar lá. Então, depois de meia hora, levantei e me dirigi à sala toda:

"Com licença, pessoal, eu sinto muito, mas minha namorada achou que aqui era uma reunião dos Narcóticos Anônimos. Não tenho problemas com jogos, mas Deus abençoe todos vocês."

Durante toda aquela época conturbada, Kiki manteve o pique. Ela era sempre muito otimista. Eu estava tendo overdoses a torto e a direito, enquanto ela falava sobre começar nossa própria empresa de produção e licenciar minha imagem para vários tipos de coisas. Ela sempre tinha sonhos positivos para nós – e eu tinha alguns sonhos também. Ver Kiki e Milan diariamente, além de todas as esperanças que ela tinha para todos nós, penetrou naquela névoa das drogas em que eu estava metido. Um dia, acordei e disse para mim mesmo: *Não vou mais usar essa merda de novo*. Eu queria estar acordado, ser prestativo, queria ser um jogador no jogo da vida, com todos os neurônios funcionando e respondendo com o melhor de minhas capacidades. Era essa a vida que eu queria levar.

Mas então eu recebi aquela ligação que nenhum pai deveria receber em toda a sua vida. Era Shelley, a mãe de dois de meus filhos, ligando de Phoenix.

"Meu bebê está morto! Meu bebê está morto!"

16

FIQUEI EM ESTADO DE choque ao desligar o telefone. Kiki e sua mãe começaram a chorar assim que ouviram a notícia, como se o neném fosse delas. Darryl veio correndo, e fomos para o aeroporto; Kiki, Rita e Milan entraram no carro, e Zip as levou para Phoenix. Quando cheguei lá, fui direto para o hospital.

Até hoje não entendo como nem por que aquilo aconteceu. Tudo que eu sabia era que o cordão de segurança da esteira ergométrica se enroscou de alguma maneira no pescoço de minha filha de 4 anos. Meu filho, encontrando a irmã daquele jeito, foi correndo chamar Shelley, e ela ligou para a emergência. Quando cheguei ao hospital, Exodus estava na UTI, sem chances de se recuperar.

Eu estava furioso, queria que alguém pagasse por aquilo. Foi quando me vi rodeado de pais de outras crianças que também estavam no hospital, morrendo, e eles vinham me consolar. Agora eu era membro de um clube ao qual ninguém quer pertencer – o clube dos pais de luto.

No entanto, ainda tinha muitas perguntas. Para mim, nunca houve uma investigação aprofundada de sua morte. Perder Exodus foi a coisa mais amarga e irremediável que eu já havia sentido em toda minha vida. Depois disso, meu filho Miguel nunca mais seria o mesmo; ele teria sempre na cabeça aquela imagem da irmã enforcada. Como nos curamos de uma tragédia como essa? Como alguém consegue lidar com esse tipo de perda? Não consta no livro dos Alcoólicos Anônimos. Alguém me diga em que livro isso está escrito, porque definitivamente é um livro que quero ler. Perder Exodus é a única coisa em minha vida pela qual não sinto nenhuma gratidão. Alguém tem de pagar e suportar a dor, nem que seja eu. Já se passaram alguns anos, e ainda não sei como vou sobreviver a

isso. Muitas vezes me pergunto se as coisas não teriam sido diferentes se eu estivesse lá.

Kiki e os outros foram para o hotel W. Voltei para lá aquela noite com o coração despedaçado e vazio. Todos tentavam me consolar, mas como é possível consolar alguém que acabou de perder um filho? Eu estava tentando manter a calma, mas não aguentava – desabava em lágrimas e suspirava bem fundo. A última coisa que eu queria fazer naquela hora era ficar chapado, então Kiki me deu umas ervas medicinais chinesas para me acalmar.

Exodus foi retirada da UTI no dia seguinte. Em seu enterro, eu não sabia o que fazer. Você tem de ficar em pé e agradecer a todos por terem vindo e mostrar gratidão por todo o apoio, então me levantei.

"Muito obrigado por terem vindo", consegui balbuciar. Não sabia que diabos tinha de fazer, então sentei de novo. Foi quando meu filho Amir se levantou e começou a falar. Apesar de estar de luto, eu ainda estava raciocinando, e fiquei reparando nele enquanto ele contava histórias sobre sua irmã de forma muito calma, muito profissional. *Que porra está acontecendo aqui?* pensei. Ali estava o irmão mais velho falando em nome de sua irmãzinha – e ele cumpriu maravilhosamente a tarefa. Assim que ele terminou, me senti muito melhor.

Todo mundo me apoiou muito. Marilyn estava lá, bem do meu lado; ela era veterana de guerra, conhecia a morte intimamente. Monica também foi fantástica; Amir e Rayna sempre foram muito ligados a Miguel e Exodus, e, em épocas em que eu andava duro, era Monica quem pagava o aluguel e as contas deles. Minha filha mais velha, Mikey, também estava lá, assim como minha enteada, Gena. Estava tão orgulhoso por todos os meus filhos estarem lá, firmes e fortes, homenageando a irmã. Kiki e eu concordamos que seria melhor que ela e Milan ficassem no hotel, para não chatear Shelley, mesmo que sem querer, pois ela acabara de perder sua menininha. Diante de uma tragédia, éramos todos uma grande e unida família.

Exodus teve um enterro digno de uma celebridade. Era costume ouvir música latina em casa, e o artista favorito dela era Nigga, um astro panamenho do *reggaeton*. Liguei para Luis de Cuba, que me

passou o contato de Roberto Duran; o filho de Duran entrou em contato com Nigga, e ele veio se apresentar no funeral. Foi maravilhoso. Eu não tinha percebido até então, mas de repente entendi a razão profunda de meu afeto por Duran. Jamais conseguirei recompensá-lo um dia por fazer Nigga se apresentar em homenagem a minha filha. Sempre estarei em dívida com ambos, Nigga e ele, pela compaixão que demonstraram; faria qualquer coisa por eles. Eu estava tão grato pelo apoio de todos; a conta do hospital e do enterro somaram 200 mil dólares, que foram pagos somente com doações.

Ficamos em Phoenix por mais alguns dias e depois voltamos para Las Vegas. Levei meu filho Miguel comigo, pois Shelley não estava lidando muito bem com a morte de Exodus, e Mikey também tinha voltado com a gente. Portanto, ficamos eu, Kiki, Rita e todas as crianças naquela minúscula casa geminada.

A ENORME MANIFESTAÇÃO DE apoio vinda de estranhos me deixou realmente espantado. Aquilo me comoveu e fez com que eu me sensibilizasse com a ideia de ser prestativo para a sociedade. Não queria mais ser aquele glutão que só pensa em si mesmo. Queria saber parar de ser promíscuo e ser fiel a uma pessoa; queria saber ser um adulto responsável, um pai responsável. Não sabia como, mas queria fazer isso. Com todo aquele dinheiro, aquela fama e aqueles títulos, o máximo que consegui foram divórcios e um punhado de crianças sem pai. Porém, após a morte trágica de Exodus, meu paradigma mudou por completo: percebi que era mentira tudo que sempre acreditei que era verdade. Então tive de começar toda a minha vida do zero.

Queria criar um tipo de legado para Exodus lá no céu. Queria que ela soubesse que seu pai estava se comportando de forma digna, que estava sabendo lidar com sua raiva e estava elevando sua vida para outro patamar. Perdi Exodus, mas tinha Milan. Queria que Milan tivesse uma irmã com idade próxima, para que pudessem crescer juntas. Em meu coração, eu acreditava de verdade que Milan era uma dádiva enviada para me ajudar a suportar essa tragédia,

apesar de ela jamais poder substituir Exodus. Essa era minha chance de ser um pai responsável, então, a partir do momento em que eu me tornasse aquele cara para ela, poderia me esforçar para reconstruir minha relação com meus outros filhos. Por anos e anos, frequentei mecanicamente as reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Lia os livros e trabalhava no programa sem me envolver. Então, de repente, minha filha morre e todo aquele conhecimento brota em mim sem que eu nem ao menos percebesse. Foi como se tivesse ligado o piloto automático e, de repente, *bum!* Não aconteceu de uma hora para outra, dei umas escorregadas no caminho, mas aquilo estava dentro de mim. Mike, trabalhe sua libido. Mike, melhore seu jeito de se comportar com as mulheres. Mike, deixe esse pó de lado. Mike, perca todo esse peso e fique saudável. Mike, não olhe mais de três segundos para uma mulher. Não quero que isso soe assustador, como se eu estivesse possuído ou algo assim, mas os ensinamentos da reabilitação surgiram em minha cabeça num estalo.

Eu sabia que tinha uma ótima disciplina, adquirida do tempo em que convivi com Cus. Mas, com Cus, tudo que eu fazia vinha de uma postura de superioridade em relação aos outros. Agora, eu usava as mesmas ferramentas, mas de um ponto de vista diferente: o da humildade, e não o da superioridade. Porém, ainda tinha na cabeça aquela teoria megalomaníaca de que eu conseguia fazer qualquer coisa. Mesmo sabendo que a coisa era traiçoeira e difícil, o megalomaníaco dentro de mim dizia: “Isso será feito e você vai sofrer”. Era com isso que estava acostumado a vida toda. Nada importava além do cumprimento do ato.

Mas, até aí, não passava de uma teoria. Uma semana após a morte de Exodus, toda aquela dor me atingiu em cheio. Kiki e Rita tinham saído não sei para onde, então simplesmente mandei minha filha Mikey trancar a porta quando eu saísse, e fui atrás de um pouco de pó. Sou um tormento infernal quando estou sob o domínio do vício. Comecei a ter recaídas. Kiki estava muito frustrada e preocupada por não conseguir mais me ajudar… Ninguém conseguia me impedir de me drogar. Por isso Kiki, mesmo relutante, implorou para que eu ficasse em casa e me drogasse lá mesmo. Então, uma

noite, cheirei em casa e fiquei acordado a noite toda; Kiki também ficou acordada, conversando comigo. Logo de manhãzinha, ela tinha de ir conversar com sua agente da condicional. Tivemos uma conversa bem séria naquela noite e decidimos nos casar em breve. Eu ainda estava emocionado quando ela saiu, não parava de abraçá-la e beijá-la; depois, fui até a sacada e acenei para ela.

"Eu te amo", eu disse, mandando um beijo para ela enquanto entrava no carro.

Kiki se encontrou com a agente e fez seu último teste aleatório de urina. Depois de alguns minutos, a agente da condicional voltou à sala.

"Apareceu cocaína em seu organismo", ela disse a Kiki.

"Isso é impossível. Eu não uso drogas", Kiki protestou.

"É um problema muito sério, Kiki. Você está amamentando sua filha recém-nascida. Um teste positivo para cocaína pode dar início a um processo de suspensão do pátrio poder, e sua filha poderá ser retirada de casa e colocada sob custódia preventiva de pais adotivos."

"O quê?? Eu não usei cocaína!", ela disse. "Espera aí. É possível dar positivo para cocaína por eu ter beijado alguém?"

"Nunca ouvi falar disso. Mas, se você acredita que foi assim que a cocaína entrou em seu organismo, por que não fica aqui e espera mais uma hora? Faremos um novo teste de urina e, se foi algo tão volátil assim, até lá a cocaína já deverá ter saído de seu organismo", disse a agente.

Foi então que meu celular tocou.

"Seu filho da puta do caralho", Kiki berrou. "Eles vão tirar meu bebê de mim por causa de você, seu viciado fodido. Meu teste acabou de dar positivo para cocaína. Agora seus vícios estão fodendo minha família. Posso perder minha filha! Como você pode usar cocaína e depois me dar um beijo de despedida essa manhã?"

Ela tinha me pegado. Eu gostava de lamber pó – e não estou falando de dar uma lambidinha no restinho que ficava naqueles papelotes em que a coca às vezes vinha. Estou falando de um pote de pó. Metia minha língua dentro do pote e encarava a cocaína pura – o suficiente para não sentir mais a língua.

Desliguei o telefone, pedi que Mikey trancasse a porta novamente e saí para caminhar. Andei 32 quilômetros, de minha casa em Henderson até o gueto na zona oeste de Las Vegas. Estava chapado e suando feito um filho da puta, e as pessoas ficavam parando seus carros para me oferecer carona.

"Mike, entra no carro, cara", diziam.

"Não, não mexe comigo, cara. Estou passando por umas merdas."

"Quer que eu ligue para a polícia?"

"Não, não, estou bem", eu dizia.

Napoleão um dia disse: "Do sublime ao ridículo, basta apenas um passo". Eu estava dando 100 mil passos. Kiki tinha esperado uma hora e refeito o teste, que dessa vez deu negativo, mas eu não sabia disso. Continuei andando e, assim que cheguei em casa, peguei um pouco de pó e me dopei durante dois dias.

Então, foi a minha vez de ser reprovado no teste de urina: meu mijo estava zicado. Mas eu não estava tão preocupado, porque o sócio do meu advogado era muito amigo do meu agente da condicional. Só que dessa vez ele simplesmente não deixou passar. Assim, por causa do meu teste, e também pelo incidente do beijo relatado pela agente de Kiki, eu estava encarando a possibilidade de meterem meu rabo de volta na cadeia, ou no mínimo de ter de voltar para o Arizona com uma condicional muito mais rigorosa. Isso significava que Kiki e eu teríamos de nos separar, pois ela estava cumprindo condicional em Las Vegas.

"Mike, se você for para a prisão, eu, como sua namorada, não tenho direito nenhum. Também estou na condicional", Kiki me disse um dia. "Talvez não possa nem visitá-lo, mesmo que tenhamos uma filha juntos. Também é por isso que quero me casar. Estávamos pensando em fazer isso, de qualquer forma."

"Tudo bem, quando você quer casar?", eu disse.

"Sinceramente? Amanhã", ela respondeu.

"Por que não hoje à noite?"

Eram mais ou menos 6 horas da tarde do dia 6 de junho, uns dez dias depois do falecimento de Exodus. Kiki pesquisou "capelas para casamento" no Google, fez algumas ligações e a pessoa que cuidava da capela do Hilton de Las Vegas disse que poderia nos receber na

mesma hora. Kiki estava fazendo parecer que aquilo era algo puramente prático, mas eu amava aquela maluca. Não queria me casar com ela só para que ela pudesse ir me visitar com o bebê na prisão, queria me casar porque não queria viver sem ela. Andamos conversando sobre isso por um tempo, e ela me disse que não iria me dar um ultimato, mas, se eu não a pedisse em casamento, ela não ia ficar anos e anos esperando para se casar. Kiki poderia aproveitar outra oportunidade, se alguma aparecesse, pois ela queria se casar.

Logo depois de ter sugerido que nos casássemos naquela mesma noite, fui acometido por uma dor monstruosa de algum nervo comprimido ou algo do tipo no pescoço. Estávamos indo de carro até o Hilton, e eu me contorcia.

"Você não precisa se casar comigo. Não quero te forçar a fazer isso", Kiki disse, começando a soluçar.

"Eu quero me casar com você, só estou com uma puta dor, meu amor. Por que as coisas sempre têm que ser sobre você? Por que eu preciso estar feliz, cheio de risinhos, que nem você? Estou morrendo com essa puta dor."

Eu estava todo detonado. Tinha feridas de herpes por toda a boca, de tanto usar pó; estava muito acima do peso, e agora ainda tinha esse nervo comprimido. Enquanto isso, Kiki havia feito todas as baboseiras de casamento. Por ser supersticiosa, estava usando calcinha azul porque tinha de vestir "algo azul"; tinha de usar "algo emprestado", então estava com a pulseira de sua mãe; ela tinha várias coisas velhas, mas deixei isso pra lá. Chegamos à capela, e eu não conseguia acreditar que o cara que ia nos casar era igualzinho a Slick, o empresário negro de luta livre que cuidava da carreira de Ray Traylor, o "Big Boss Man". Kiki e eu estávamos com uma aparência tão péssima, que não queríamos saber de fotos, mas acabamos cedendo e tirando algumas. Começamos a ver as fotos, e o cara que nos casou disse: "Essas estão sendo doadas a partir de 75 dólares". Como assim, você está definindo preço para uma doação? Senti que ele estava só esperando para chamar os coxinhas para nos pegar, como se fôssemos fugir com as fotos.

Chegamos em casa, e Milan estava chorando, então Kiki foi correndo para o andar de cima amamentá-la. Rita estava sentada vendo tevê.

"Mãe, acabamos de casar", eu disse a ela.

"Você está zoando! Quem casou vocês?", ela perguntou.

"O Slick, da luta livre", eu disse. Depois contei a verdade, e ela ficou animadíssima.

Porém, nós não trocamos alianças nem saímos lua de mel. Não usaríamos as alianças por mais um ano, e a lua de mel terminou em dois dias. Kiki e eu nunca havíamos brigado; estávamos de boa até dizermos "sim". Depois disso, começamos a brigar feito gato e rato. Quando caí na realidade, pensei: *Mas que porra tá rolando aqui?* Ainda estava no vício e passando demais dos limites. Lutava para elas não saírem de casa. Eu estava fazendo um bom trabalho: em vez de usar cocaína todos os dias, estava usando uma vez por semana; depois passei a usar uma vez a cada duas semanas, depois a cada três e, finalmente, só uma vez por mês.

Sentia vergonha toda vez que tinha uma recaída, pois agora eu voltava para Kiki, sua mãe e nosso bebê, para nossa casa. Voltava suando feito um porco, com a pele queimando, e Rita colocava compressas de água fria sobre o meu corpo, enquanto Kiki ficava batendo boca comigo.

"Não vê sua mãe? Ela não fala porra nenhuma", eu disse a Kiki. "Seja como ela."

"Minha mãe não está casada com você", ela respondeu.

Uma semana depois de meu aniversário, saí com um amigo e fiquei fora cheirando a noite toda. Kiki não conseguia dormir, pois eu ainda não tinha voltado, então ela começou a pesquisar meu nome no Google para ver se eu tinha sido preso. Ela soltou um grito e correu para o quarto de Rita.

"Mike está morto! Acabei de ver na internet." Tinham noticiado que, enquanto comemorava o meu aniversário com uns amigos, tive um infarto fulminante.

Rita foi ao telefone imediatamente e ligou para o serviço de verificação de óbitos.

"Você tem algum Mike Tyson aí?", ela perguntou.

“Por que a pergunta?”, responderam.

“Porque ele está morto”, disse.

“Como você sabe que ele está morto?”

“Essa é a questão. Não sabemos se ele está, por isso estamos ligando”, Rita disse. “Aqui são a sogra e a esposa dele. Estamos tentando descobrir se vocês estão com o corpo dele.”

Colocaram Rita na espera e, em seguida, um outro cara atendeu.

“Não, não temos ninguém aqui com esse nome.”

No dia seguinte, entrei alegremente na casa.

“Oi, gente”, eu disse. Estava muito chapado.

“Você é uma porra de um imbecil”, Kiki disse. “Eu estava te procurando e vi na internet que você morreu de ataque cardíaco.”

Comecei a rir.

“Os relatos sobre a minha morte são um exagero”, eu disse, parafraseando Mark Twain.

Kiki não achou nada engraçado. Ela pegou Milan.

“Vou embora daqui”, disse, descendo as escadas para pegar o carro. Ela estava puta da vida.

“Onde você está indo?”, Rita perguntou.

“Embora”, Kiki respondeu. “Você vai ficar com ele?”

“Sim, alguém precisa ficar”, disse Rita.

“Não se preocupe, mamãe. Vou tomar conta de você”, me ofereci. Como se esse babaca bêbado e drogado tivesse alguma condição de cuidar de alguém. Eu nem conseguia ficar em pé direito.

Kiki descarregou as energias e voltou para casa. Estava preocupada achando que talvez tivesse me forçado a me casar com ela, e que fosse esse o motivo de nossas brigas e de minhas recaídas.

“Você acha que se acomodou comigo?”, ela me perguntou.

“Você sabe que ninguém me obriga a fazer o que eu não quero”, tranquilizei-a.

Eu mesmo estava me cansando das minhas recaídas. Algumas semanas antes, *Se beber, não case* havia estreado e era um sucesso de bilheteria. Eu ainda estava me chapando, mas liguei para Todd Phillips, o diretor do filme.

“Quando é a próxima porra de filme, Todd? Meu, quero participar dele, Todd. Não me passa para trás, cara.”

Em julho, fomos todos a Los Angeles para o Teen Choice Awards, pois o filme tinha sido indicado. Levei Rayna, minha filha com Monica, e ela ficou muito empolgada por conhecer os Jonas Brothers. Eles estavam apresentando a premiação e quiseram fazer um esquete comigo. Fiz um barbeiro sádico que cortava todo o cabelo de um dos irmãos.

Algumas semanas depois, voltamos a Los Angeles para o ESPY Awards. Aquela visita não foi tão boa quanto a anterior. Estávamos tão duros que não pudemos nem pagar uma diária extra do hotel em que a ESPN nos tinha hospedado. Quando a premiação acabou, Kiki e eu brigamos no caminho para o hotel e, quando chegamos lá, ela, Milan, Rita e Darryl foram direto para os quartos; eu, porém, escapei de fininho e fui até nosso carro. Trouxe comigo um pouco de pó sem que eles soubessem, e como já tinha dado umas escapadas periódicas para cheirar e beber, àquela altura já estava bem chapado. Liguei o carro e lembrei que tinha esquecido meu celular na bancada do manobrista, onde estava esperando antes. Então saí para pegar o telefone, mas, ao sair, acabei trancando o carro com as chaves dentro.

Todas as pessoas que participaram da premiação estavam sendo chutadas para fora do evento, e eu vi uma jovem caucasiana com quem tive uma trepada de uma noite alguns anos atrás. Ela também estava no hotel.

“Oi, o que você vai fazer?”, eu disse.

Ela deu só uma olhada para minha cara e ficou assustada. Dava para ver que eu não estava legal.

“Nada, não, só vou voltar para meu quarto”, ela disse e saiu correndo.

Certo, acho que aquela foi apenas uma noite para ela também. Liguei então para a AAA,[1] e eles vieram abrir meu carro, sem cobrar nada por isso. Sentei diante do volante e saí. Um amigo meu estava dando uma festa regada a cocaína na casa dele, em Beverly Hills, e eu é que não ia perder essa. Só que não fazia a menor ideia de como chegar à estrada para Beverly Hills a partir daquele hotel

no centro de Los Angeles. Acho que estava ziguezagueando um pouco e depois fiz uma curva meio esquisita; então, vi luzes no retrovisor e ouvi uma sirene, seguida de uma voz no megafone: "Pare ao lado da via."

Eu não só estacionei como parei em cima da porra da calçada, de tão chapado que estava. *Ai, que merda*, pensei. Ia direto para a cadeia. O policial saiu da viatura e se aproximou de meu carro. Abaixei o vidro.

"Mike Tyson! Puta merda!", ele disse. "Ei, você estava ótimo em *Se beber, não case*. Estávamos seguindo você já faz algum tempo, Mike. Você estava andando em ziguezague o caminho todo."

Devo ter aprendido isso com Cus, e, numa fração de segundo, assim que percebi o comportamento amigável do policial, joguei todo o meu carinho e simpatia para cima dele. Precisava fazer algo, porque minha habilitação estava suspensa e eu não tinha nenhum documento no carro.

"Ei, cara, desculpe se eu estava dirigindo torto, é que estou meio perdido. Estou tentando ir para a casa de um amigo em Beverly Hills, mas não sei como pegar a estrada. Será que você pode me ajudar com esse endereço?"

Dei a ele o endereço do meu amigo. Ele pegou o papel e voltou para a viatura. Estava demorando demais, então fiquei paranoico, achando que ele poderia checar meu registro e ver a suspensão de minha habilitação. Eu estava suando rios quando ele voltou.

"Certo, Mike, deixa com a gente. Por que você não nos segue que nós te levaremos até lá?"

Isso! Tinha usado meu truque de "celebridade escapa da cadeia fácil" naquela noite. Não achei que aquele policial ia ser bonzinho comigo, mas ele foi. Eles não só me levaram até o local como também me escoltaram até a porta!

Meu amigo ficou bastante chocado ao me ver lá com dois agentes da Polícia de Los Angeles.

"Vamos deixar Mike Tyson sob sua custódia, e é bom que você faça ele chegar em segurança até a casa dele de manhã. Se ficarmos sabendo que ele dirigiu, temos seu endereço registrado", um dos policiais disse.

Não há corta-barato maior do que chegar a uma festa de cocaína com dois policiais. Logo, assim que eles foram embora, todo mundo foi embora da festa. Então, voltei para o meu carro, chapado e bêbado pra caralho, e de alguma forma acabei no hotel Beverly Hilton. Deixei meu carro lá e entrei no hotel para tomar um drinque e fazer uma ligação para arranjar mais pó. Quando voltei, o manobrista não queria me devolver as chaves do carro.

"Você não pode dirigir assim, cara. Vou ficar com seu carro aqui", ele disse. Liguei então para Kiki e pedi que ela viesse me buscar. Antes que ela chegasse, mudei de ideia e peguei um táxi, em vez de esperar. Fui até o bar-tabacaria de meu amigo Mark, na Sunset Boulevard. Ele não estava, mas seu sócio, sim. Assim que ele me viu, pareceu tão preocupado que imediatamente pôs todo mundo para fora e fechou o lugar, ligando em seguida para Mark. Mark veio me pegar e me levou até a casa de meu amigo Jeff Greene.

Enquanto isso, Kiki tinha corrido até o hotel e encontrado o carro, mas não a mim. Mas recebeu várias ligações de amigos com indicações de onde Mike tinha sido visto. Quando ela conseguiu chegar ao bar-tabacaria, eu já tinha ido embora de lá fazia tempo. Finalmente nos encontramos no hotel Andaz, na Sunset Boulevard, e passamos a noite lá antes de voltar para Las Vegas.

Tive mais algumas recaídas quando voltamos para Las Vegas, e Kiki decidiu que estava na hora de me mandar para a reabilitação de novo. Dessa vez, não tínhamos nada de grana, e ela com certeza não iria me mandar para uma agradável colônia de férias para celebridades, como Wonderland ou Promises. Kiki achava que eu precisava de um programa de verdade, então ela pesquisou e achou na internet um programa chamado Impact, a mais ou menos uma hora de Los Angeles, em Palm Springs. Ela tinha lido o catálogo *on-line* e achou que toda aquela disciplina da qual eles falavam seria algo bom para mim. Eu precisava de uma abordagem sem frescuras, com algum sentido, e não aquelas besteiras de mimos para celebridades. Como Kiki não sabia nada sobre clínicas de reabilitação, ela não podia imaginar que aquele lugar era considerado uma clínica para a escória e para pessoas sem saída. Ela

ficou martelando a ideia na minha cabeça, até que finalmente concordei em ir.

Peguei umas duas pipetas de cocaína, arrumei as malas e fui com Darryl para a Califórnia. Estava dando o último adeus ao pó quando chegamos ao local. Assim que me internei, um dos conselheiros da reabilitação perguntou se eu tinha drogas para entregar, então dei a ele o que tinha sobrado, quase 3,5 gramas.

"Ótimo", ele disse e desapareceu para o fundo. Quando voltou, ele estava agindo de forma estranha. Aquele filho da puta cheirou meu pó – e ainda era pó dos bons. Eles tinham um viciado na administração da clínica! Fui levado até meu quarto, que na verdade era num *trailer*. O lugar era basicamente um *camping* de *trailers*.

O lugar estava cheio de usuários violentos de metanfetamina e de membros de gangue condenados. Eu realmente achei que ia ter de brigar com eles. Durei uma noite, e então, às 8 da manhã, disse a eles que estava indo embora. Ligaram para Kiki e disseram que eu não estava feliz e queria sair de lá. Às 11 horas, ligaram novamente.

"Olha, ele não está nada contente."

Depois, eu liguei para ela.

"Não acredito que você me colocou nesse lugar. Não posso ficar aqui, vou me mandar."

"Tente só mais um tempo", ela implorou.

Meia hora depois, quebrei uma das cadeiras, que era tipo um móvel de jardim, e eles me levaram até o ponto de ônibus mais próximo. Aquele lugar era muito barra-pesada para mim. Porém, tenho de admitir que, quando estava em Wonderland ou em Promises, demorei de 8 a 14 meses para ajeitar minha vida; nesse lugar, passei metade de um dia e depois voltei para casa, e isso foi suficiente para que eu não beber nem me drogar desde então – com exceção de uma pequena recaída.

O sucesso de *Se beber, não case* teve um papel decisivo em minha desintoxicação. Lembro que o filme tinha acabado de estrear, e um garotinho, junto com seu pai, passou por mim na rua.

"Olha, papai." A criança parou e apontou para mim. "É aquele ator, o Mike Tyson."

"Ei, também já fui o melhor lutador do mundo, garoto", eu disse.

Aquilo começou a acontecer mais e mais vezes. Uma geração inteira de crianças começou a me conhecer como ator, e não como boxeador. Simplesmente aconteceu, num piscar de olhos. Eu era viciado em cocaína, quase um suicida, vivendo a vida de um perdedor, e, *bum!*, aconteceu tão rápido que foi quase incômodo. Mas eu sabia que não podia desperdiçar essa chance de me reinventar. Porém, antes que eu pudesse fazer isso, tinha de fazer uma séria reprogramação.

"Vou mudar, vou vencer, não vou acabar desse jeito", eu dizia a mim mesmo. Voltei para aquelas merdas de Cus. Ninguém pode me impedir. Meu reino é invencível. Tinha andado tão chapado que eu nem sequer sabia que reino seria o meu. Sabia que não era o boxe, mas eu tinha a mesma ideologia, garra, sede e fome para conquistá-lo.

Porém, eram uma sede e uma fome diferentes. Não era como no tempo daquele garoto em ascensão. Naquela época, eu ainda acreditava em alguma coisa. Agora, no entanto, já tinha me deitado com muitos demônios e exterminado meus sonhos e esperanças.

Atores e diretores reconhecidos me ligavam para dizer que eu precisava trabalhar em mais filmes.

"Você precisa fazer mais papeis cômicos", diziam. "Esquece aquela merda de cara durão. Você é um cara legal, Mike. Ninguém vê isso porque foi ofuscado por toda aquela merda sombria que você passou na vida. Mas você tem que se manter na luz, porque, quando está nela, você brilha demais."

Eles tinham razão. Toda aquela obscuridade era uma pose, uma *persona* que Cus impôs a mim. Cus queria que causasse medo; estava me usando para cumprir seu próprio legado. Não me entendam mal: era um legado muito legal de ser cumprido, e, se ele me pedisse para fazer de novo, eu faria – mas seria ainda mais violento e cruel.

Assim, passei de sem esperança para um cara com objetivo novamente. E aí o que acontece? Minha vaidade entra com tudo. Todos me diziam: "Você fica tão bem nos filmes, deveria correr atrás disso". E eu me olhava no espelho.

Esse corpo não é bom para o cinema, pensava. *Quem é que vai querer trepar com esse cara? Quem vai me achar gostoso? Sou aquele*

porra do Albert, o Gordo. Eu me pesei e deu 172 quilos, do jeito que a câmera aumenta, vai parecer que tenho 300. Vou ter de encomendar os meus ternos a um fabricante de barracas.

Agora eu precisava seriamente entrar em forma. Então, durante cinco semanas, não comi nada além de sopa de tomate e manjericão. Minha esposa tinha decidido fazer uma semana de dieta vegana, e eu entrei nessa com ela. Só que eu não parei. O quê? Você vegano? Isso mesmo: sou completamente vegano.

Estava cansado de ser gordo como um porco. Tinha vergonha de fazer sexo com minha mulher de tão gordo que eu estava. De novo, o narcisista com mania de grandeza! Venho de uma linhagem de obesos mórbidos, e é isso que eu sou. Mas sou tão vaidoso que prefiro literalmente me matar na academia e fazer tudo o que eu odeio em vez de ser esse gordão que na verdade eu sou. Minha disciplina apareceu com tudo. Precisava ser tudo planejado. Eu tinha de convocar uma pequena reunião de comitê em minha cabeça e dar as ordens: "É isso o que vamos fazer. Essas são as medidas concretas que vamos tomar para atingir esse objetivo."

Não senti falta de carne. Trapaceei uma vez e comi um pedacinho de bife – e aquilo foi o suficiente para me causar dor e vômitos. Foi como um veneno para o meu corpo. Comer um monte de carne apenas alimentava minha agressividade, e os laticínios me deixavam inchado. Agora eu comia bastante feijão, e Kiki me preparava deliciosas vitaminas de vegetais e frutas. Quando atingi o auge de meu veganismo, todas as minhas doenças desapareceram: minha pressão alta, minha artrite, minha glicose alta, *puf!*, sumiram. Eu, que era um morto-vivo, só comendo merda e fumando aquelas cigarrilhas Al Capone, agora estava comendo de um jeito saudável e fazendo três horas de treino e exercícios cardiovasculares por dia. Sou decididamente um extremista; é ioga ou uma agulha no braço. Ou uma ou a outra.

Em outubro, Oprah me convidou para o seu programa. O DVD de meu documentário havia sido lançado em agosto. Então todos me diziam que era uma oportunidade perfeita para divulgá-lo. Só que eu mal tinha começado minha dieta seriamente e ainda estava do tamanho de uma casa. Mas, como nunca tinha ido ao programa de

Oprah, fui. Falamos de tudo naquela entrevista – a morte de Exodus, meu relacionamento conturbado com Robin – e ela até mencionou Kiki e minha bebê Milan. Quando falamos do incidente com a orelha de Evander, Oprah realmente se animou.

"Quando você se desculpou, sentiu o perdão?", ela perguntou.

"Não, não senti. Não foi sincero… era falso e tal."

"Obrigada por dizer isso porque, quando ouvi, não achei mesmo que fosse", ela disse. "Por que se desculpou? Por achar que era seu dever pedir desculpas?"

"Provavelmente. Todo mundo em minha equipe estava me azucrinando. Eu disse: 'tudo bem, eu peço perdão'. Na verdade, fiquei até mais injuriado na hora por ter me desculpado, por ter sido tão falso. Eu só queria um lugar para sentar, conversar com ele, apertar sua mão e me abrir com ele."

"Conversou com ele depois disso?", ela perguntou.

"Não. Acho que, quando o vejo, de vez em quando, ele fica um pouco ressabiado comigo, sabe como é."

Depois do programa, Oprah foi inundada de cartas e telefonemas. Tinha gente irada por ela ter levado um estuprador condenado ao programa, mas a maioria dos e-mails e ligações foram positivos e solidários. O público sentiu como eu era e entendeu de onde eu vinha. Além disso, Evander ligou para Oprah e pediu para ela marcar um programa em que pudéssemos nos reunir. Oprah mergulhou de cabeça nisso, e uma semana depois eu estava de volta a Chicago.

Rever Evander foi ótimo. Nós dois viemos do esgoto e nos tornamos lutadores reconhecidos e conceituados. Tive a chance de pedir desculpas sincera e publicamente a ele, e ainda conseguimos mostrar aos jovens que, se até nós podíamos nos unir, isso bem que poderia servir de exemplo para que eles parassem de matar uns aos outros em uma violência sem sentido.

Oprah também teve o *feedback* de outra pessoa. Robin estava longe dos holofotes já fazia algum tempo, e então ligou para protestar contra aquela parte da minha primeira entrevista em que falamos dela. Oprah tinha exibido um vídeo que mostrava Robin me

repreendendo enquanto eu permanecia calado, sentado ao lado dela, no programa *20/20*.

"Por que você ficou sentado lá o tempo todo?", Oprah me perguntou.

"Sei lá, só fiquei passado", respondi.

"Foi surpreendido por aquelas coisas que ela ficou falando?"

"É. Na verdade, queria muito ter dado um murro nela naquele exato momento, mas não dei."

Quando eu disse isso, toda a plateia riu.

Robin ficou irada. Ela até conseguiu que Oprah a colocasse no ar para me rebater e dar mais um empurrãozinho em sua carreira. Ajudei todo mundo por lá.

Todos os nossos amigos ligaram para comentar como foram ótimas as minhas participações na Oprah, mas eu não tive ânimo de assistir. Estava muito constrangido com meu peso na época, e aquilo teria me deprimido demais.

Porém, continuei com minha dieta vegana e meus exercícios, e, devagar, mas com muito afinco, meus quilos começaram a evaporar. Então, no fim de janeiro de 2010, fui a um bar no gueto de Las Vegas e reencontrei um amigo meu, uma coisa levou a outra e então cheirei cocaína. Eu até então não havia deslizado nenhuma vez em seis meses. Não sei como baixei minha guarda e deixei o diabo entrar, mas foi o que eu fiz. Não usei muito, mas, ainda assim, era cocaína. Fui para casa bem cedo aquela noite e Kiki estava acordada, e percebeu de cara que eu tinha me chapado. Não deu urros e berros, não me amaldiçoou nem ameaçou sair de casa com o bebê, como havia feito nas últimas vezes em eu que deslizei. Simplesmente foi dormir no quarto de Milan. Eu ia lá sem parar para falar com ela. Eu me sentia muito culpado. Não queria que ela ficasse mal e, principalmente, não queria nunca que Milan me visse fodido daquele jeito.

"Então você usou cocaína essa noite, não é?", Kiki perguntou.

"Sim", respondi.

"Caralho! Porra, Mike, por favor. Você precisa voltar para a clínica de reabilitação. Precisamos pôr um fim nisso."

“Não, por favor, me dá outra chance”, eu disse. Não queria de jeito nenhum voltar para aquele diabo de clínica com cara de *camping*.

“Você tem que ir, e amanhã bem cedo”, ela insistiu.

“Vou ficar bem. Vai dar tudo certo, só me dê mais uma chance.”

Ela deu. E eu nunca mais tomei um drinque nem cheirei uma única carreira.

Ainda tínhamos um problema de grana. Em fevereiro, fomos à Europa, onde dei uma palestra na Inglaterra e fiz uma noite de autógrafos na França. Na Suíça, fui pago para aparecer em uma grande boate e só ficar de boa por ali. Mas antes, fomos à Itália, onde apareci na versão local da *Dança dos Famosos*. Hesitei em participar, mas eles não paravam de aumentar o cachê, e nós precisávamos do dinheiro. Quando Kiki viu minha parceira, não ficou muito feliz. Era uma atraente garota italiana, cheia de chamegos comigo. Uma vez, eu estava tentando pegar meus cigarros no bolso, e ela disse: “Não, eu pego para você.” Fiquei nervoso quando ela me tocou. Kiki podia assistir aos ensaios por trás de um espelho de duas faces, e eu podia até sentir o seu olhar atrás do vidro. Comecei a suar, a garota tentou limpar o meu suor com a mão, e eu fiquei lá de um jeito meio “Ai, que merda!”. Não estava interessado na moça, mas sabia que as ideias deviam estar borbulhando na cabeça de Kiki, graças a meu comportamento no passado. Mas tudo acabou bem – fizemos nosso número e encerramos nossa participação sem passar vergonha.

Quando voltei aos Estados Unidos, fiz uma participação especial na série *Entourage*. Tinha visto Jeremy Piven conversando com Jamie Foxx em uma boate em Las Vegas algum tempo atrás, mas estava chapado demais para ir até lá e apertar a mão dele. Tempos depois, recebi uma ligação dizendo que eles queriam que eu aparecesse no seriado como um dos clientes de Ari Gold, reclamando que ele não me dava trabalho o bastante. Foi uma participação divertida, e dois de meus filhos conseguiram aparecer em cena, o que foi ótimo para eles.

Toda a equipe e o elenco eram incríveis, e criamos um laço com Doug Ellin, o criador. Kiki e seu irmão tinham criado um projeto de

série de tevê mais ou menos baseado em um boxeador como eu. Ela acenou com a ideia a Doug e ele adorou. *Entourage* estava perdendo o ritmo e ele estava atrás de um novo projeto. Então contratou mais um roteirista com um histórico de sucesso e foram todos trabalhar em um piloto para a HBO; Spike Lee entrou na parada e dirigiu o episódio. Chamava-se *Da Brick* e atraiu muita atenção, mas no fim a HBO dispensou.

Em julho, fui contratado para aparecer em um festival de cinema no Cazaquistão. Planejamos então uma peregrinação a Meca, depois do festival. Pouco antes de partir, Kiki descobriu que estava grávida de novo. Já estávamos conversando sobre um segundo filho, e eu achei que seria legal poder acompanhar Kiki em todas as etapas da gravidez – já que não tinha sido possível fazer isso da primeira vez, porque ela estava na cadeia.

Mas as coisas não correram muito bem no festival. Estávamos lá para a estreia do filme dos irmãos Weinstein, que convidaram algumas celebridades para o evento. Kiki e eu tivemos uma briga feia pouco antes de passar pelo tapete vermelho, e depois outra no coquetel de recepção antes da exibição do filme, de modo que, quando a apresentação acabou, Kiki foi direto para o hotel e se enfiou no quarto da mãe.

Entrei no quarto alguns minutos depois.

"Olha, eu não quero mais continuar casado com você, tudo bem?", eu disse a ela.

"Ótimo, eu concordo", ela respondeu.

Kiki foi procurar um voo de volta para os Estados Unidos, e havia um partindo em poucas horas. Não tínhamos passado nem um dia inteiro lá, e ela, a mãe dela e Milan voltaram para casa. Eu realmente não achava que esse casamento tinha jeito.

Mas eu ainda tinha uma peregrinação religiosa a fazer. Meu antigo companheiro de cela, Farid, tinha voltado a trabalhar comigo, e ele era muçulmano também. Então, no dia seguinte, partimos rumo a Meca. Eu estava realmente ansioso para fazer a famosa peregrinação islâmica *hajj*, embora eu não fosse um muçulmano nato. Nasci católico, pois minha mãe era católica. Embora não muito presente, meu pai era um batista do Sul, e fez

questão que eu, minha irmã e meu irmão fôssemos batizados. Eu tinha dez anos quando me levaram para o batismo. Era um daqueles rituais em que eles punham a mão na sua cabeça, louvavam a Deus e aí você precisava desmaiar – só que eu não queria desmaiar.

"Se você não desmaiar, significa que o diabo está em você", minha tia disse.

"Eu não vou desmaiar, caralho", insisti.

"Olha, se você não desmaiar, significa que o diabo está em você e eles vão amarrar você em uma estaca pegando fogo", acrescentou minha irmã.

"O quê?", eu disse.

Assim que o reverendo me tocou, caí como um fuzilado.

Meu irmão e minha irmã estudaram em uma escolinha católica meia-boca. Eu também, mas não tenho muita lembrança disso – além das freiras dando um pau em mim. Não éramos supercatólicos, mas eu basicamente fazia tudo que minha mãe mandava. Faça a coisa errada, e você vai queimar no inferno por toda a eternidade; coma o corpo de Cristo, e você pode beber suco de pozinho. Eu era apenas um pobre de um negão ordinário esperando o suco chegar. Só sabia que a igreja era um lugar onde você podia ir pedir a Deus que as outras crianças não chutassem o seu rabo.

Não demorou muito para que eu percebesse que tudo aquilo era uma embromação. Os padres que eu conhecia eram sempre aqueles caras que andavam bem vestidos nos bairros mais pobres, de carro maneiro, e que comiam a mulher, as irmãs e as filhas de todo mundo. E todo mundo adorava os padres. O padre era o cara mais respeitado do pedaço. A gente falava mal dele, ria dele, mas quando ele mandava a gente marchar para algum lugar e fazer alguma coisa, todo mundo obedecia. Esse era o poder que ele tinha. A gente sabia que era um filho da puta nojento, mas, quando ele dizia "Marche!", todo mundo marchava – porque, no fundo, a gente sabia que faria a mesma coisa se tivesse o poder que ele tinha. As pessoas me perguntam se minha fé em Deus ficou abalada por ter visto tantos amigos serem mortos, mas não era bem assim. Na maioria dos casos, quando matavam um amigo meu, era porque ele também estava a fim de matar ou prejudicar alguém de alguma forma.

É engraçado como eu acabei no Islã. Quando era mais jovem, meus amigos e eu costumávamos espancar e roubar muçulmanos na rua. Nós odiávamos muçulmanos.

"Vai se foder, fica falando essas merdas de negão estrangeiro", dizíamos.

Então, foi isso que Deus fez comigo. Sempre nos tornamos aquilo que zoamos. Um dia, vai chegar a minha vez; alguém vai me dar um pau só porque sou muçulmano.

Fiquei fascinado pelo Islã vendo os caras muçulmanos na cadeia. Queria amadurecer na cadeia, e sempre gostei de ouvir as pessoas, de me educar. Gostei de aprender sobre a essência do Islã e sobre a forma como eles se comprometem com ela, amando o mundo e todas as criaturas de Deus. É por isso que não eu mato mais gaviões e falcões; eu costumava atirar neles no ar ou montar armadilhas quando vinham pegar meus pombos. Mas percebi que eles são criaturas de Deus, e é dessa forma que Deus quer que eles sejam. Se você ama Alá, precisa amar tudo que Ele criou. Acho que a maioria dos muçulmanos acredita que Satã criou o porco, mas eu acho que até o porco é uma criação de Alá – e você deve amá-lo também. (O que não significa que deve comê-lo.)

Assim, aos poucos, fui abraçando o Islã. Mas não sou aquele cara que recebeu uma revelação; só fui descobrindo que ser muçulmano era simplesmente minha essência. Trato todo mundo do jeito que quero ser tratado; o que desejo para mim desejo para cada um que quero bem. Num primeiro momento, quando eu me envolvi com o Islã na cadeia, eu era muito agressivo e me tornei um muçulmano muito radical. Eu era violento demais e projetava essa violência em minha religião. O Islã não tem nada a ver com guerras, é uma religião de humanidade. Não pensava assim no começo, porque eu era agressivo; quem não acreditasse no que eu acreditava era um inimigo. Só estava muito amargo em relação ao mundo; tive de pesquisar e estudar muito até descobrir que não era bem assim que funcionava. Foi por isso que me tornei mais humilde e subserviente, porque é isso que o Islã realmente é: amor, paz e resignação. Resignar-se em paz não significa que você é fraco, mas que você é humilde perante Deus.

Uma coisa que eu aprendi com o Islã é que nós todos temos nosso próprio relacionamento individual com Deus. Ele não vai mandar outra pessoa para o inferno por causa de um erro meu; logo, somos eu e Deus que temos de tratar da minha própria salvação. Quando você vai fundo, todas as religiões dizem a mesma coisa: que deveríamos amar os nossos semelhantes. Meus garotos gostam do Natal. Digo a eles que isso é mal? Que é um feriado pagão? Que nós não celebramos feriados cristãos? Não, eu não digo isso, não, pelo contrário: "Ei, vamos comprar alguns brinquedos, assim podemos comemorar o Natal todos os dias". Eles sabem que o Papai Noel sou eu, e se eles gostam de canções de Natal, tudo bem. Além de minha mãe e de minha família, todo mundo que eu conheço é cristão ou judeu. Se eu for a dez casas aqui na cidade, acho que nenhuma delas será um lar muçulmano.

Dizem que só os muçulmanos terão lugar no paraíso; se eu for para o paraíso e lá só existirem muçulmanos mesmo, se eu não puder estar com os amigos que conheço e amo, não vou querer ficar lá. Quero ir para um lugar onde eu possa rir e batalhar com todos os meus amigos e entes queridos, não importa de qual religião eles sejam. Não quero ir para o paraíso com um bando de caras que acreditam no mesmo Deus que eu, mas que eu não conheço – quero estar com gente em quem possa confiar, mesmo que nossos deuses sejam diferentes. O mundo é muito maior que nossa religião. Como posso fazer o bem se eu tiver que ficar ajoelhado no paraíso rezando o tempo todo? Meus joelhos são zoados, minha cabeça é zoada, não verei nenhum dos meus amigos e ainda terei de comer cordeiro e figo o tempo todo? Resumindo: não quero ir para o céu se isso significar que eu vou ficar sozinho. Sério, me mande para o inferno onde estão todos meus amigos, onde estarão as pessoas que eu conhecia e respeitava quando estava vivo.

Algumas pessoas dizem que conhecem intimamente Deus. Eu, com certeza, não conheço. Para mim, Deus é inconcebível. Fomos criados à sua semelhança? Não dá nem para pensar que estamos à sua altura. Deus é um porcão, um mentiroso, um pervertido? Porque é isso que nós somos. Somos viciados em sexo e drogas, maníacos

controladores, manipuladores e narcisistas. Se Deus for isso, estamos fodidos.

Às vezes acho que essa vida é apenas uma ilusão. Imagine só: eu perdi uma filha, e quando penso nisso parece que ela nunca existiu. Eu penso: *e o meu bebê? E Cus?* Ambos são uma grande parte de minha vida, e penso o tempo todo neles. Quanto mais eu reflito nessas questões espirituais, mais sei que nada sei.

O conceito de Deus é complicado para mim. Quando penso em espiritualidade é sob a perspectiva muçulmana. Não entendo de religião, nem de Deus. Gostaria de entender, mas não consigo. Não vou entrar nessa de "Sim, sim, deixe sua mente acreditar e ouça as palavras do seu coração", pois quem segue cegamente, cegamente será seguido. Simplesmente não vou atrás dessas baboseiras, não caio nelas. Você até pode fazer parecer que é diferente, mas no fundo encontra sempre o mesmo fato: está seguindo alguém que nem sabe se existe. Mesmo que você diga: "Não acredito em religiões, tenho a minha espiritualidade", de onde vem o conceito de espiritualidade que você escuta? Sua espiritualidade é autodidata? Se esse é o caso, você tem um bobo como aprendiz e também como professor. Olha, as pessoas nos dizem o que é Deus e nós acreditamos no que elas dizem.

Não consigo imaginar o que as pessoas me dizem sobre Deus. Não regula com a minha alma inquieta. Mas deve haver algum tipo de projeto para este universo… O caos é avassalador, então deve haver algum equilíbrio em que possamos nos focar nesse ambiente maníaco. Porém, a maior parte das pessoas religiosas que vão à igreja são exploradas para fins comerciais. É nisso que eu acredito. Então, preciso ter minha própria salvação em Deus. Amo a ideia de amar Alá; não sei se é a realidade, mas é uma ideia pela qual me apaixonei e acho que é boa.

Ir a Meca e Medina foi uma experiência incrível. Fiquei mais próximo de minha fé. Mas as atitudes de alguns irmãos muçulmanos me deram uma certa brochada. Quando cheguei lá, eles, imediatamente, começaram a divulgar minha visita para alardear que o Islã era melhor que o Cristianismo ou que todas as outras religiões. A questão não era eu estar ali para me tornar uma pessoa

melhor, estava mais para: “Temos o poderoso Mike Tyson aqui fazendo o *hajj*”. Eles não se importavam comigo como pessoa, estavam mais preocupados com sua agenda de publicidade. Eu era apenas um negão idiota servindo de material de uso – como sempre fui durante a vida toda.

“Vamos fazer a América toda saber que você é um bom muçulmano” – eles realmente me disseram isso.

E em minha cabeça, eu dizia: *Merda, não fui nem um bom cristão, como é que eu vou ser um bom muçulmano?*

A religião deve estar no homem, não o homem na religião. Francamente, era ridículo ver todas aquelas figuras religiosas do Islã se sentindo superiores, achando que seu profeta era o melhor.

Mas, apesar dos interesses políticos, eu me senti bem lá. Como qualquer um se sentiria. Centenas de milhares de pessoas, todas vestidas igual, todas lá para adorar e praticar a humildade. Eu estava me sentindo em harmonia comigo mesmo.

ESTAR LÁ ME AJUDOU a pôr a cabeça no lugar e me colocar em um estado de espírito islâmico. Isso me ajudou a focar no que eu precisava fazer ao voltar para casa, em como eu devia levar a minha vida. Não necessariamente adotando uma vida islâmica, mas uma vida mais pura, sem drogas e sem drama. Realmente aquilo recarregou minhas baterias espirituais. Eu precisava ir lá.

No *hajj*, percebi que nunca conseguiria ser um bom muçulmano, no sentido estrito da devoção. Trouxe uma bagagem religiosa muito importante comigo, mas eu podia ouvir os ensinamentos do Profeta e ao mesmo tempo tentar viver a vida do meu jeito. Julgue as pessoas pela bondade de seus corações. Para mim, é difícil viver religiosamente. Se você quiser seguir o Islã em sua forma mais pura, vai ter de se tornar um capacho. E eu não quero viver assim. Vai muito além de ser um devoto, é preciso ser humilde – e ninguém consegue ser completamente humilde. Só por usar a palavra “humilde”, você já mostra que não é tão humilde assim. O homem não foi feito para ser humilde, foi feito para ser humilhado.

Eu não consegui ser humilde quando eles me empurraram para a frente da fila para beijar a Pedra Negra. A Pedra é a própria base oriental da Kaaba, o antigo edifício de pedra em Meca em direção ao qual todos os muçulmanos do mundo se voltam quando rezam. Durante o *hajj*, você deve dar sete voltas em torno da pedra e, se conseguir, beijá-la. No entanto, são tantos os peregrinos que algumas pessoas vão a Meca a vida inteira sem nunca conseguir beijar a pedra. Eu beijei quatro vezes em 30 minutos. Eu andava por lá e eles abriam a multidão ao meio, como Moisés abriu o Mar Vermelho, para eu passar na frente de todo mundo e beijar a pedra. Eles empurravam todos aqueles peregrinos para o lado só para que eu poder encostar minha boca doentia de lambedor de pó na Pedra. Aquilo me deixou péssimo. Querem fazer com que você se sinta acima de todo mundo e abrace a religião. Mas quando fazem coisas desse tipo comigo, eu digo: "Você me deixou passar na frente de todas essas belas pessoas? Não quero fazer parte disso." Como disse Groucho Marx: "Eu me recuso a entrar para um clube que me aceite como sócio".

Fiquei mal por Kiki não ter vindo e ter feito seu *hajj*. Não nos falamos por umas duas semanas depois de ela deixar a Europa; ambos sentíamos que poderia ser o fim de nosso casamento. Liguei para ela de Meca todo arrependido, e nós nos comprometemos a nos manter firmes e resolver os problemas juntos.

Kiki, no fundo de seu coração, era cristã; tinha sido criada dessa forma. Suas qualidades são qualidades cristãs. Sua mãe se casou com um imame e foi uma mudança drástica para elas passar a usar o véu *hijab*. Kiki é pela liberdade no amor; quer apaixonar-se pelo mundo inteiro, mas também tem sua consciência islâmica. Porém, sendo uma mulher negra americana, não suportaria a ideia de que seu marido tivesse quatro esposas, como o Corão permite ter.

EM DEZEMBRO, FUI PARA a Ásia com Farid; eu seria nomeado embaixador de boxe da China. Estava no melhor do meu comportamento lá. Um cara veio me dizer que abastecia todas as estrelas que iam à China com maconha.

“Você não pode ser meu amigo”, eu disse a ele. “Deve estar tentando armar para mim. Você sabe que eles te matam se te pegarem fumando um baseado aqui.”

Depois da China, fui a Bangkok para filmar *Se beber, não case parte II*. A polêmica começou antes de filmarmos as primeiras cenas. Mel Gibson estava escalado para fazer uma participação especial como um tatuador de Bangkok, mas Zach e outros membros do elenco foram até Todd e conseguiram chutá-lo do filme. Eu não teria ido tão longe assim. Conheci Mel Gibson tempos atrás, e ele tinha sido muito gentil comigo. É claro que seus resmungos antissemíticos de beberrão foram deploráveis, mas eu não estava em posição de julgar ninguém. Quando me perguntaram o que eu achava de sua demissão, tudo que pude dizer foi: “Todos temos esse cara – um Mel Gibson – dentro de nós”.

A gravidez de Kiki já estava muito avançada e ela não pôde ir comigo às filmagens, o que foi uma pena, pois ela teria amado a Tailândia. Era tudo muito lindo. Filmamos minha cena em uma ilha, e eu tinha um quarto ótimo no Four Seasons com uma vista espetacular para o mar. No caminho do aeroporto até lá, um elefante surgiu do nada na estrada. Eu havia perdido 45 quilos até então, e estava animado para filmar minha cena apoteótica, quando eu cantava a música *One Night in Bangkok*. A primeira e a segunda filmagem com Todd e o elenco foram completamente diferentes. Eu estava totalmente sóbrio dessa vez, e aproveitava cada minuto no *set*. Antes, quando estava chapado, mandava as pessoas ficarem correndo de um lado para o outro para me buscar as coisas. Agora, eu só saía do quarto quando precisavam de mim. Todd e os outros provavelmente pensaram que eu não passava de um filho da puta tentando puxar o saco, mas estava muito grato por tudo que eles fizeram por mim. Meu Deus, devo demais a esses caras.

Voltei para Las Vegas e passei a maior parte de janeiro com Kiki, esperando o nascimento de nosso filho. Havíamos superado nossos maus bocados e agora estávamos realmente bem. Kiki teve contrações com 27 semanas, e foi posta em repouso com algumas medicações. Também tinha de ir ao hospital uma vez por semana monitorar o coração do bebê. Ia a todas as consultas com ela e

acariciava sua barriga o tempo todo. Eu gostava de verdade de estar com Kiki, e queria ser um bom pai. Não sabia se isso existia em mim, mas era realmente o meu desejo. O parto teve de ser induzido, então fomos ao hospital na noite do dia 24 de janeiro, e nosso filho Morocco nasceu por volta do meio-dia do dia seguinte. Na noite em que chegamos, deixei o hospital e voltei para casa, por volta das 4 da manhã, para fazer exercícios e me trocar. Vesti uma roupa bacana e voltei ao hospital.

"Você está bonito", Rita disse.

"É uma ocasião importante. Meu filho vai nascer hoje", disse a ela.

Eu estava no quarto quando ele veio. Sentei-me ao lado de Kiki, pois nem ela nem eu queríamos que eu visse de frente a saída do bebê. Sentei de ladinho e, toda vez que Kiki olhava para mim, eu fazia caras engraçadas. Era inacreditável como eu estava nervoso. Mas o bebê finalmente saiu, com seus 4 quilos e 300 gramas – ele já nasceu bonito.

Tirei outra sorte grande naquele ano. Entrei para o Hall da Fama do Boxe Internacional em junho. Nunca pensei que me colocariam lá. Ninguém no mundo do boxe gostava de mim na época. Eu tinha uma péssima reputação. Tinha gente no Hall que começou a lutar boxe depois de mim, mas eu simplesmente nunca imaginei que teria essa honra. Eu sabia como os velhos lutadores se sentiam: na pior, duros, só esperando dia após dia por uma ligação que poderia nunca acontecer.

Mas meu telefone tocou em fevereiro, e o cara na linha disse: "Você acabou de ser eleito para entrar no Hall da Fama". No fim da ligação, desliguei o telefone e comecei a chorar. Fui obcecado por boxe a vida toda, até costumava dormir agarrado às minhas luvas. Um lutador era tudo o que eu queria ser. Parece estúpido agora pensar que eu queria ser um grande lutador, um lutador que o mundo nunca tinha visto – o novo Aquiles. Minha arrogância e meu ego ficaram tão ouriçados que eu precisei cortá-los. Eles tinham me levado a alcançar muita coisa, mas dei um basta neles para manter minha família.

Mas, para ser sincero – e não digo isso egocentricamente, mas pelo conhecimento que eu tenho da história do esporte – vai ser difícil achar outro cara capaz de gerar a grana e os lucros que eu gerei no meu tempo. Os lutadores de hoje não entendem o esporte, não sabem divertir as pessoas, não têm cérebro o bastante para pesquisar o passado, e não só para conhecer os antigos lutadores, mas com quem eles andavam. Gene Tunney e Benny Leonard andavam com George Bernard Shaw; Mickey Walker e Harry Greb, com Hemingway.

Podem falar o que quiserem– "Mike Tyson é horrível, é um patife" – mas eu sempre honrei os lutadores do passado. Nunca deixei as pessoas esquecerem o que eles foram. Se eu acertava um cara com um soco que aprendi com Benny Leonard ou Harry Greb, sempre dava o crédito. Caras como Joe Gans, Leonard e John L. Sullivan foram os primeiros, e os primeiros sempre devem ser reconhecidos. Eles transformaram o boxe em uma arte.

Fiquei feliz por ter sido eleito, mas fiquei em dúvida sobre ir à cerimônia. Estava meio amargo, talvez por ter sido desprezado antes. Mas, no dia do evento, meu amigo Dave Malone veio me visitar e me passou um sermão:

"Escuta, cara, a porra dessa honra é sua. Mas você não vai lá só por você, vai lá por Brownsville, por todo mundo das quebradas. É uma grande conquista. Você veio das quebradas e conseguiu alcançar a porra do Hall da Fama. Cai fora daqui agora e acaba logo com isso."

Ele estava certo. Quando fui apresentado no palco, pensei em Cus. Quando eu tinha 14 anos, costumava perguntar a ele: "Você acha que eu chego ao Hall da Fama?" Cus ficava encantado com minha dedicação a tudo que dizia respeito ao boxe. Ele dizia a todo mundo: "Nunca vi ninguém tão entusiasmado pelo boxe como esse cara". Eu sabia a história do esporte de cor e salteado. Sabia que muitos dos lutadores que eu tinha visto acabaram duros, desamparados e trabalhando em algum emprego braçal e insignificante. E sabia que isso aconteceria comigo, mas só queria fazer parte da confraria daqueles caras. Mesmo com eles hoje estando mortos ou senis, as pessoas ainda falam deles na barbearia.

Não existe no mundo um esporte mais apaixonante que lutar, quando é realizado corretamente. Você quer lutar com seu irmão, com seu pai, porque está tentando encontrar a si mesmo. E esse cara é o termômetro de como você se sente e do que você pensa. As artes marciais são mais populares do que o boxe hoje em dia porque se vê muita paixão nos tatames. Os pugilistas não têm mais essa paixão. Não existe mais um cara que diga de coração: "Os deuses não só me atiçam e me enfurecem, como um dia eu vou reinar ao lado deles". Os caras de hoje não falam essas merdas, não têm colhões, eles vêm de um ambiente muito frouxo para entender minha realidade. E se recusam a dizer coisas assim porque têm medo de falhar e depois todo mundo rir deles. É por isso que os lutadores de hoje não conseguem um respeito total. Eles têm medo de agarrar a verdadeira grandeza. Eles veem o boxe como um cheque, não como algo nobre. Só querem dinheiro e idolatria. Eu queria idolatria e imortalidade.

A essência de um lutador que empolga é a habilidade e a disposição que ele tem de querer machucar outro homem. Isso gera ótimas lutas e grandes estrelas. Quando eu estava no ringue, agia como um animal, como um cachorro raivoso. Eu estava lá para divertir o público. Quanto mais rápido eu machucava alguém, mais idolatrado pela multidão eu era – e me alimentava daquilo. Hoje eles nem sonham em machucar os adversários. É como uma "frescurização" do boxe. Sugar Ray Robinson, Rocky Marciano, esses caras morreriam pelo cinturão. Você precisaria matá-los para arrancar o cinturão deles.

Muitas pessoas já anunciaram a morte do boxe, mas eu acho que isso é um pouco prematuro. O boxe vai voltar, confiem em mim. Só de forma legal, ele já está por aqui há quase 200 anos. Não vai morrer tão fácil. Esperem até aparecer um novo peso-pesado realmente grande; será uma visão que vamos querer ter muitas e muitas vezes.

No fim de junho, Kiki e eu decidimos renovar nossos votos. A ideia foi minha, pois antes não tivemos um verdadeiro casamento. Meu aniversário era no fim de junho, e o de Kiki, no meio. Então, tive a ideia de convidar as pessoas para uma festa de aniversário conjunta. Nela, surpreenderíamos as pessoas com um casamento.

Em princípio, chamaríamos apenas umas 25 pessoas, mas o número cresceu feito praga e acabou passando das 250. Alugamos um salão de festas no M Resort, em Las Vegas, a apenas alguns minutos de nossa casa. Kiki contratou um ótimo cerimonialista. Fizemos um coquetel de recepção do qual nós dois participamos por uns dez minutos e depois saímos de fininho para vestir nossos trajes de casamento. Rita fez o anúncio ao público:

"Sei que vocês acham que vieram aqui para uma festa de aniversário, mas, na verdade, Mike e Kiki vão renovar seus votos de casamento hoje".

Então, a cortina se abriu, e todos puderam ver o belo altar da cerimônia. A multidão foi à loucura. E, momentos antes de caminharmos para o altar, tivemos uma briga ridícula.

Estávamos nos fundos nos preparando para sair, e Kiki me dizendo: "Cala essa porra dessa boca". E eu respondendo: "Vai se foder, cala você a porra da sua boca."

"Não quero me casar com você", ela disse.

"Também não quero me casar com você", retruquei.

Só estávamos nervosos. Você não imagina o nervoso que dá ter de ler seus votos na frente daquele monte de gente. Eu já tinha me casado duas vezes antes, mas esse era o primeiro casamento oficial de nós dois.

Porém, fomos em frente com a cerimônia e tivemos uma festa agradável. No dia seguinte, Kiki e eu tivemos outra briga. Então, em nossa segunda noite de casados, eu acabei dormindo no sofá da suíte do hotel e Kiki, na cama. Sempre nos metíamos nessas discussõezinhas idiotas, éramos dois cabeças-quentes. Mas pela manhã já estava tudo bem, e voltamos para casa.

Foi bom que fizemos as pazes, pois Kiki e eu estávamos trabalhando em um projeto novo para mim. Depois que o piloto da HBO foi recusado, decidimos tentar algo diferente. Em outubro de 2009, Kiki e eu havíamos ido ao Venetian para ver Chazz Palminteri apresentar seu *one-man show Desafio no Bronx*. Ficamos fascinados com a forma como ele conseguia cativar a plateia durante uma hora e meia completamente sozinho.

Voltando para casa, tive uma inspiração.

“Uau, isso é quase igual ao que faço quando vou para a Europa ou para a Ásia”, eu disse a Kiki. “Quando as pessoas me fazem perguntas, eu falo tanto para responder que as outras pessoas ficam bravas por não conseguirem perguntar mais nada. É engraçado, eu odeio me ver, mas adoro falar de mim. Acho que conseguiria fazer isso. Só tem uma coisa, querida, acho que minha performance seria um pouco sacal.”

Kiki ficou tão empolgada que chegou em casa e imediatamente começou a escrever algumas páginas, uma introdução para a peça. No dia seguinte, eu li e achei incrível. Ela tinha escrito exatamente o que eu gostaria de dizer. Mas essa história acabou se tornando um longo e penoso processo, porque Kiki queria se sentar comigo e escrever, e eu tentava fugir dela porque era muito doloroso falar dos altos e baixos da minha vida pessoal.

Costumávamos fazer massagens para casais no M Resort, e um dia o massagista nos passou um cartão de um cara de Nova York chamado Adam Steck, que estava em LasVegas. Ele tinha pedido ao massagista para nos dizer que queria produzir um *one-man show* comigo. Ligamos para ele, e ele foi a nossa casa e nos contou sua ideia. Foi pura coincidência, pois nós já tínhamos começado a montar nossa peça. Adam já tinha produzido espetáculos, como *Thunder from Down Under* e um *show* de *drag queens* chamado *Divas Las Vegas*, e trouxe com ele um diretor chamado Randy Johnson. Kiki já tinha escrito todo o roteiro, mas deu o crédito de co-roteirista a Randy por ele já ter um nome conhecido. No começo de 2012, tínhamos um *show* saído do forno.

Tivemos uma semana de apresentações, de 13 a 18 de abril, no MGM Grand. Eu me diverti muito no palco. O fardo não estava só sobre mim; tínhamos um cantor de jazz e uma banda de rock ao vivo. Eles tocavam o número de abertura e então eu era apresentado – e o público ia à loucura. Eu entrava com o meu monólogo, mas o pianista ficava lá, e eu podia brincar com ele. A banda tocava *Midnight at the Oasis*, mas fizemos uma paródia da letra, e todos dançavam na plateia. Eu era o dono da festa no palco, uma espécie de Wayne Newton negro. Contava episódios sinistros de minha vida,

mas com sarcasmo e ironia. Eu estava em Las Vegas, tinha minha própria banda e estava bombando.

O *show* recebeu ótimas críticas. Sonhávamos com turnês pelo país e talvez, apenas talvez, levar nossa apresentação à Broadway. No dia seguinte ao encerramento da temporada, Kiki e eu voamos para o Reino Unido para uma de minhas sessões de autógrafos. Depois fomos à Polônia, pois eu tinha um contrato de patrocínio com uma companhia de bebidas energéticas. Enquanto estávamos lá, recebi uma ligação de Spike Lee. Alguém da equipe dela tinha visto e gostado de minha performance. Então, Spike ligou para o produtor Jimmy Nederlander, e ele queria levar o *show* à Broadway com Spike na direção. Em junho já estávamos ensaiando, e em agosto tivemos dez dias de apresentação na Broadway.

A versão de Spike era bem mais sombria que a de Las Vegas. Ele queria que fosse ácido e realista, um verdadeiro *show* de um homem só, apenas com *slides* em um telão atrás de mim e algumas sequências musicais gravadas. Eu, particularmente, preferia a versão de Las Vegas, mas as pessoas pareceram gostar da versão de Spike. Levamos o *show* para a estrada em uma turnê por todo o país em 2013.

Subir no palco para expor minha alma, nua e crua, é bem parecido com entrar no ringue para lutar. Não vejo a hora de subir no palco, mas também fico morrendo de medo. Sou como um cavalo de corrida, pronto para sair com tudo na largada a qualquer momento. Subo no palco e assumo o controle da situação, mas às vezes também perco o controle. Preciso me policiar para não falar rápido demais. Não nasci para fazer isso, mas aprendi a amar o que faço. Como em quase tudo em minha vida, Cus também teve uma grande influência nesse meu *one-man show*. Herdei dele a habilidade de contar histórias. Não chego nem perto de ser tão bom quanto ele, mas tenho essa habilidade graças ao prazer de ouvir Cus contar histórias clássicas do boxe, que tinham um aspecto épico de contos lendários cheios de aventura e traição.

Sempre tive a mais profunda admiração pelas grandes conquistas. Dinheiro nunca significou nada para mim, mas as histórias de grandes conquistas sempre me inspiraram a me elevar

na vida. Para mim, no início, entreter as pessoas não foi tão fácil como o boxe. Detesto as coisas que a atuação me obriga a fazer, mas adoro como eu me sinto atuando. Eu seria capaz de quase tudo para alcançar a grande conquista de entreter alguém.

Encarei meu *one-man show* da mesma forma que Cus me ensinou a encarar o boxe. Não me envolvo emocionalmente com aquela pessoa no palco. Mas, apesar de conter a emoção, você precisa trabalhar com toda a paixão que existe dentro de você. Todos os meus problemas na vida apareceram quando eu era o Mike Tyson e achava que tinha direito a um monte de merda – uma linda mulher, carros maneiros, uma mansão. E aí começaram os meus problemas. Eu me impressionava demais com minhas emoções, e logo elas se transformaram em desilusões. Então passei toda a minha vida, desde que conheci Cus, tentando transcender a mim mesmo.

Mas era impossível segurar as pontas no *show* quando chegava a hora de falar de Exodus. Eu havia passado mais tempo sozinho com ela do que com qualquer outro dos meus filhos, e a conhecia realmente bem. Ela era um verdadeiro espírito livre. Não passo um dia sem derramar lágrimas pela minha anjinha. Durante as apresentações, eu usava uma escuta no ouvido, e Kiki, nos bastidores, me ajudava com minhas falas quando necessário. Quando chegava o momento de falar de Exodus, uma linda foto dela aparecia no telão. Kiki sempre dizia: “Olhe para trás, veja a foto”. Mas eu não conseguiria fazer isso e continuar atuando normalmente.

No começo de 2013, fiz duas participações especiais em duas séries de tevê muito conceituadas. Em 6 de fevereiro, foi ao ar minha participação em *Law & Order*. Fiz o papel de Reggie Rhodes, um assassino no corredor da morte que teve sua pena prorrogada ao confessar, relutantemente, que tinha sido abusado sexualmente, quando criança, pelo homem que matou. Eu estava muito empolgado com esse papel. Pela primeira vez, não iria representar a mim mesmo. Eles precisaram de uma hora para cobrir minha tatuagem no rosto com maquiagem. Era um enorme privilégio poder trabalhar com atores tão bons naquele *set*. Porém, antes do episódio ir ao ar, pintou outra polêmica.

Uma mulher entrou com um abaixo-assinado *on-line* para obrigar a NBC a cancelar a exibição ou me chutar do episódio, pois eu era um estuprador condenado. Ela ganhou muita atenção da mídia com isso, e sua petição foi assinada por mais de 6 mil manifestantes, incluindo Pauley Perrette, a estrela de *NCIS*. Meu assessor sugeriu que eu respondesse.

"Sinto muito que ela tenha uma opinião diferente, mas é um direito dela. É uma pena que ela esteja descontente, mas eu não estuprei ninguém nem nunca fiz algo desse tipo – e essa senhorita não estava lá para saber o que fiz ou deixei de fazer. Não estou aqui por diversão, nem tentando ficar rico e famoso. Só quero sustentar minha família. E por que alguém haveria de se incomodar comigo? Se já faz cinco anos que estou limpo e sóbrio, e não desrespeitei nenhuma lei nem cometi crime algum. Só estou tentando viver a minha vida."

Essa foi minha resposta de Pai Tomás. O que me preocupava é que fazia dez anos que eu estava duro. Eu tinha uma família para sustentar e manter. Não vou ficar rico fazendo participações especiais em seriados de tevê. O que essas pessoas queriam? Que eu morresse? Como vou ganhar a vida? Se não posso trabalhar no ramo tradicional, vão querer que eu faça pornôs?

Por sorte, o criador do seriado não cedeu à pressão. Dick Wolf emitiu uma declaração:

"Convido vocês a assistirem a Ed Asner, Andre Braugher e Mike Tyson como atores convidados no episódio 'O legado do monstro' de *Law & Order*, na quarta-feira, dia 6 de fevereiro, às 9 da noite na NBC. Em minha opinião, é um dos episódios mais fortes de nossos últimos cinco anos, por focar no que pode acontecer quando uma forte carga emocional gera um julgamento apressado."

Eu me senti muito grato também a minhas amigas, as senhoritas do *The View*, que defenderam meu direito de trabalhar.

Minha outra participação não teve nenhuma polêmica. Atuei como eu mesmo em um episódio de *How I Met Your Mother*. Foi uma experiência incrível. O seriado era realizado por mulheres fantásticas que criaram um projeto com uma cara completamente familiar. Todos os escritores, produtores e até mesmo as equipes de

limpeza e segurança trabalhavam juntos há anos. As mulheres conseguem dar um toque às coisas que nenhum homem consegue. Trabalhar lá era como um grande quebra-cabeça: cada um tinha uma peça e, no fim, a montagem ficava impecável. Eu me diverti muito. Olha, não sei se sou um bom ator, mas sei que amo atuar – e sei que sai alguma coisa boa do fato de esse amor existir.

A turnê nacional de *Mike Tyson – Undisputed Truth*, meu *one-man show*, começou em 13 de fevereiro de 2013. Por alguma coincidência de mau-gosto, a noite de estreia foi em Indianápolis. Fiquei com muito medo de voltar ao lugar onde fui encarcerado por três anos. Eu me senti em um lugar cheio de rancor. Ao dirigir do aeroporto ao hotel e fazer meu *check-in*, sentia um peso em minha cabeça, um claro sentimento de desconforto. No dia anterior à minha apresentação, fui até a prisão. Era algo que eu precisava fazer. Parte de meu compromisso com o A.A. é fazer as pazes com pessoas que sofreram com meu péssimo comportamento no passado, e, quando eu estive naquela prisão, eu era um animal, um boçal.

Fiquei surpreso ao descobrir que o diretor Slaven ainda trabalhava lá. Quando eu estava preso, ele era um mero assistente, mas agora tinha chegado ao topo. Estava lá havia 44 anos. Slaven sempre foi um cara maravilhoso. Ele entrava na solitária e passava horas conversando comigo. Quando o vi de novo, criamos um vínculo. Ele me explicou que não podia manter contato comigo por ainda trabalhar lá, mas que iria se aposentar logo e pretendia me procurar. Ele estava diferente de antes. Agora tinha cabelo branco e parecia um pouco mais magro – mas sua energia ainda era absurda. Era um verdadeiro cristão; quando ele entrava na sala, dava para sentir sua espiritualidade quase materializada.

Quando deixei a prisão, de repente, comecei a chorar. Não achava que isso aconteceria, mas foi como se um peso me saísse das costas. Percebi que não tinha problema algum com a cidade, só com a prisão. Era como se eu tivesse sido purificado pelo encontro com Slaven. Foi incrível, não pensei que àquela altura de minha vida sentiria algo assim.

Algo que aprendi após completar minha turnê foi que a coisa que eu mais sei fazer é entreter as pessoas. Não importa se são 10 mil

pessoas ou apenas cinco, amo representar. Não é fácil, pois sou essencialmente tímido. Mesmo quando eu era criança, já tinha esse impulso de representar; mas, quando tentava falar, vinha algum cara grandão e me chutava para o canto, dizendo: "Cala a porra dessa boca, neguinho." Porém, Cus me inculcou a ideia de que eu estava lá para entreter. "Se você prestar atenção no que eu digo, as pessoas não vão conseguir tirar os olhos de você em qualquer lugar que você entrar. Você vai sugar todo o ar da sala", ele me dizia. E eu me sentia como um pavão, todo exibido.

Sei que nunca mais vou poder ligar no canal Action News e ouvir: "Mike Tyson acaba de assinar um contrato multimilionário…". Aqueles dias estão acabados. Mas eu posso continuar a entreter as pessoas; não vou ganhar muito dinheiro, mas posso fazer o que amo. E coisas boas acontecem só se você fizer o que ama, se fizer por amor.

QUANDO OLHO PARA MINHA vida, para meu passado, é difícil acreditar no tamanho da entidade que me tornei no auge da fama. Eu era diferente do resto das grandes estrelas, porque eu era um exibido também. E era apenas uma criança imatura, que se achava demais. Eu me senti como uma personagem de um espetáculo sobrenatural durante a maior parte de minha carreira como boxeador. Depois, só me achava uma aberração. Eu me sinto grato de verdade por não ter mais de viver daquela forma. Como dizem por aí, estou me reinventando. Agora, em vez de lotar estádios com 70 mil lugares, atuo em espaços mais íntimos. Talvez Deus esteja me dando algo com que eu consiga lidar agora.

Tudo o que eu queria naquele tempo era ser glamoroso e glorioso. Foi por isso que enfiei todo meu dinheiro no cu. Só queria glória, glória, glória. Meu único e grande objetivo era conquistar honra, mas conforme o tempo foi passando, percebi que a honra não pode ser conquistada, só pode ser perdida. Foi então que me veio aquela epifania de que tudo o que eu sabia era mentira, e eu precisava começar tudo de novo. Precisava respeitar minha esposa. Não podia mais me referir às mulheres como vadias e aos homens

como negões. Não podia ter 45 namoradas e ao mesmo tempo ser casado. Como diabos eu fiz tudo isso? Talvez você até possa fazer tudo isso quando é um cara na sua, discreto, mas eu fui fazer quando era o campeão mundial. Faz ideia do que é isso? Eu tinha de lidar o tempo todo com gravidez, abortos e doenças. Uma me passou gonorreia; outra, mononucleose. Eu estava vivendo em um grande pântano de vírus.

Quando você nunca teve nada, tende a querer acumular mais do que pode. Porém, conforme vai ficando mais velho, você percebe que a vida não foi feita para acumular, mas para perder. Perdemos nosso cabelo, nossos dentes, perdemos as pessoas que amamos. Com sorte, aprendemos a ser fortes com essas perdas e então podemos transmitir nossa sabedoria às pessoas com quem nos importamos.

Fiz muitas coisas ruins acontecerem com as pessoas. Eu era tão egoísta quando era jovem… Era o primeiro a dizer: "Atira no filho da puta, esse negão tem que morrer". E então eu via os caras sangrando no chão e dava risada. Quando estou com meus antigos amigos do Brooklyn, eu digo: "Lembra quando fodemos com aquele cara que tentou nos matar aquele dia?"

Meus amigos respondem: "Foda-se aquela merda, Mike, estamos aqui agora".

Talvez achem que eu estou me lastimando. Eles não gostam de falar das coisas que fizemos. Meu amigo Dave Malone sempre dizia: "Mike, só estamos aqui pela graça de Deus".

Estou muito feliz por não ser mais aquele cara. Agora sou completamente compassivo. E isso não é ladainha religiosa. Não acredito em confessar os meus pecados e ir para o céu. Não acredito em vida após a morte. O mundo é o que vivemos. E faz sentido fazer coisas boas nesse mundo em nome de nossa própria existência moral. Fazer o bem é uma sensação melhor do que fazer o mal. Acredite em mim, eu entendo disso. Consegui me safar de muitas coisas ruins que eu fiz, e não nunca fiquei satisfeito com isso, só quando fiz coisas boas.

Realmente atingi um estágio de perdão. Não estou puto com ninguém da forma como costumava ficar. Na época, eu não entendia que isso é perda de tempo. Não odeio Bill Cayton nem Jimmy

Jacobs pelo que fizeram comigo. Tivemos muitos bons momentos. Eles me deram meu início, e devo ser grato a eles. Sou mais amargo comigo mesmo do que com qualquer outra pessoa.

Tive uma vida extraordinária – o bom, o mau, o feio, o não tão feio, o muito feio. Não guardo ódio de Don King também. Ouvi dizer que ele não está muito bem de saúde. E eu estou escrevendo um livro. Aqueles caras achavam que a esta altura eu já estaria morto ou completamente pinel. Nunca, nem em um milhão de anos, eles imaginariam que eu pudesse estar contando a verdade sobre eles agora. Pensavam que suas mentiras iriam com eles para o caixão.

Ainda tenho muito trabalho pela frente. Preciso tentar amar a mim mesmo de verdade. Não em um nível superficial do tipo "eu sou incrível", mas examinando realmente quem eu sou. Isso vai exigir um bocado de esforço, um bocado de reflexão e também de terapia. Não posso subestimar o enorme papel que a terapia teve para que eu mudasse de vida. Quando penso em Marilyn e em todos os meus médicos e conselheiros nas várias reabilitações que fiz, sinto uma eterna gratidão por eles. Marilyn me levou a um ponto onde jamais eu seria capaz de chegar. Posso até não estar plenamente nesse lugar, mas ela me levou a um estágio em que eu posso viver, e sobreviver, em meio à minha confusão. Ainda tenho alguns problemas mentais e emocionais, mas estou aprendendo a viver nesse mundo, a ser feliz nesse mundo – onde eu não tinha conseguido achar felicidade antes, nem com 100 milhões de dólares. Eu gastava dinheiro a rodo, mas não fazia merda nenhuma direito. Hoje, não tenho nem 1% disso e consigo fazer alguma coisa direito. Marilyn projetou em mim um homem respeitável, com família, vivendo dentro de casa; antes, ninguém conseguia me segurar em casa.

Quando você é um jovem cheio de dinheiro e garotas, Deus realmente não é o fator preponderante em sua vida. Com a idade, você percebe que, de um ponto de vista espiritual, sua vida foi um desperdício. Você nunca tinha feito nada para auxiliar socialmente as pessoas. Quero prestar serviço de fato em vez ficar por aí fazendo sessões de autógrafos e coletando doações. Eu me sinto um lixo quando, depois de um evento, as pessoas vêm até mim e dizem:

“Você estava ótimo. Você é meu herói!”. Não, não sou. Sou um nojento e um desgraçado. Mas preciso compensar isso agora, quero retribuir de alguma forma. Não quero ofender quem tem veneração por mim, mas eu sou raso e banal e só desejo fazer algo de bom para ajudar as pessoas.

Kiki e eu começamos uma instituição de caridade chamada Mike Tyson Cares. Estamos provendo recursos para crianças de lares desfeitos, mas no momento quero me concentrar nas condições psicológicas dessas crianças. Não dá para dar a chance de uma criança lutar sem preparar sua mente para a luta. Sei o que é ser mal diagnosticado na infância e ser obrigado a tomar medicamentos que podem matar você. E isso não acontece apenas com as crianças. Tem ideia de quantas pessoas que estão na cadeia precisariam estar em um hospital psiquiátrico, e não atrás das grades? Precisamos mudar isso.

As pessoas me perguntam frequentemente quais são meus arrependimentos na vida. Eu me arrependo de ter dormido com tantas mulheres. Costumava me gabar disso, mas hoje me sinto envergonhado por minhas conquistas. Estou muito feliz de estar com uma única mulher. Ainda gosto de olhar para as garotas, mas nem penso em sair da linha ou dizer algo fora do limite. Você não vai me ver na revista de fofocas em uma mesa de boate cercado de mulheres interesseiras.

Finalmente percebi que precisava procurar por um tipo de mulher diferente de minha mãe. Nenhum relacionamento dela era saudável. Quanto mais minha mãe brigava com aqueles caras, mais eles se apaixonavam por ela; quanto mais ela passava a faca ou jogava água fervendo neles, mais eles compravam presentes para ela. Essa era a estrutura de poder em minha família: mulheres que brigavam com homens. Mas Kiki não é desse tipo; estou muito feliz por ter quebrado esse ciclo.

Kiki me arrancou do esgoto e me limpou. Devo a ela grande parte de minha transformação em um ser humano saudável. Nunca imaginei que seria famoso depois do boxe, vivendo minha vida e construindo uma carreira a partir dela. Achava que estaria morto ou, no máximo, seria proprietário de um bar. Conseguia me

imaginar longe da cocaína, mas nunca imaginei que deixaria o álcool. Também achava que continuaria acima do peso pelo resto da vida. E aqui estou eu, sendo responsável, trabalhando, levando meus filhos para a escola. Devo tudo isso a Kiki.

Sou de câncer e sempre tentei resgatar as mulheres. Mas não vejo Kiki como uma donzela em perigo, de quem preciso tomar conta. Eu a vejo como semelhante. Ela é capaz de fazer tudo o que eu faço. Se a minha cabeça está ocupada, fico ótimo; é apenas quando não tenho nada para fazer que minha mente tenta foder tudo. Não fui preso desde que estou com Kiki porque tenho o que fazer. Fazemos essa coisa dar certo. Mesmo que não pareça muito bom aos olhos de outras pessoas, está caminhando bem para nós.

Nunca imaginei que diria algo assim, mas estou muito feliz por estar casado com minha esposa. Ela é a melhor coisa que já me aconteceu. Estou seguro aqui. Um entrevistador me perguntou uma vez onde eu me sentia mais confortável – em Cannes ou nas ruas do Brooklyn. Disse a ele que me sinto confortável quando estou na presença de todos os membros de minha família e em segurança com eles. Acordo de manhã, e estão todos lá. E eu posso vê-los.

Às vezes penso que troquei meu vício em drogas e álcool pelo vício do envolvimento com minha família. Sei o tanto de problemas e humilhações que posso causar a eles com uma única cheirada de pó ou um copo de Hennessy. Não quero desapontá-los de forma nenhuma. Como fiz com o boxe, quero concentrar todas as minhas energias em viver bem com minha família. Sei que há um buraco dentro de mim, e passei anos demais tentando preenchê-lo com drogas, bebida e sexo. Acho que tudo tem a ver com a nossa mortalidade; sabemos que isso tudo é temporário. Vou envelhecer e morrer amanhã, ou daqui a dez anos – ou até daqui a 40, se tiver sorte. Mas quando você está com sua família, você se sente como se fosse viver para sempre.

Quando chega a essa idade, você simplesmente agradece a Deus por deixar que você viva mais um dia. Ele não é obrigado a dar aquele dia para a gente. Logo, você deve viver cada dia como se fosse o último, e também assumir suas próprias responsabilidades. Você não pode colocar toda a culpa em cima da sociedade. Se você

quiser ser uma pessoa melhor, precisa olhar para dentro de si mesmo e se superar: você é seu pior inimigo. Sei que eu sou meu pior inimigo – o único cara que quer me matar sou eu mesmo. Se qualquer outra pessoa me tratasse da forma como eu mesmo me trato, eu já teria estourado a porra dos miolos dela.

NÃO TENHO NENHUMA INTENÇÃO de passar sermão. Sou a última pessoa capaz de dizer aos outros como viver sua vida. Não tenho controle nem da minha própria vida. Apenas sigo um mapa. Você me entende? Sigo o som da porra de uma flauta. Vivo de acordo com as regras da própria vida. Odeio essa frase, que, no entanto, uso muito para me testar. De vez em quando, ainda penso que estou no comando, mesmo depois de todo aquele tempo de reabilitação e de ter torrado centenas de milhões de dólares. É meu maior engano. Penso que sou um fodão do caralho, mas sou apenas um bobalhão.

Sempre procurei consolo em meus pombos. Não importa onde eu viva, eles vão comigo. Crio uma raça especial de pombos domésticos chamados de pombos volteadores. Anthony Hopkins, que fez o papel de Hannibal Lecter em *Silêncio dos Inocentes*, fala desses pombos neste grande filme:

> Você sabe o que é um pombo volteador, Barney? Eles sobem alto e rápido, e então descem rodopiando com a mesma rapidez em direção à terra. Existem volteadores rasos e volteadores profundos. Você não pode criar um casal de volteadores profundos junto, ou sua cria vai rodopiar até o fim da queda, acertar o chão e morrer.

NÃO É SURPRESA ALGUMA que eu tenha certa afinidade com os volteadores. É realmente incrível vê-los voar mais alto que os outros pássaros para o céu e as nuvens, e depois descer rodando, rodando e rodando, e, se tiverem sorte, parar a tempo de não cair de bico no chão. Volteadores que são cria de dois profundos não conseguem

fazer isso; eles rodam tão rápido que criam uma sucção que os impede de abrir as asas, e acabam explodindo com o impacto. Parece horrível para nós, mas se nos colocarmos no coração desses pássaros, não há nada como aquele sentimento de despencar rodopiando a uma grande velocidade. É um banquete de endorfinas, dopamina e adrenalina. É semelhante a cheirar pó e tomar um Hennessy atarraxado a um tubo pingando soro de morfina.

Ambos os meus pais eram volteadores profundos. Nasci para alcançar o topo do céu e desabar em seguida. Sinto-me verdadeiramente grato por ter encontrado minhas asas antes de atingir o chão.

EPÍLOGO

ÀS VEZES EU ACORDO *e simplesmente sei que será um dia ruim. Acho que ninguém me ama e que não vou ter a vida que planejei quando comecei minha carreira, depois penso que posso machucar alguém. Então, acabo desejando estar embaixo de uma pedra em um lugar qualquer. Não sei como viver dia após dia, mas eu tento. Faço tudo que posso para frustrar qualquer forma de violência. Deixaria que alguém me desse um pau só para me impedir de revidar. Achava que as pessoas ficavam mais tranquilas com a idade, mas eu estou ficando mais irritável e amargo.*

Mesmo tendo uma esposa amorosa e filhos, sinto como se tivesse jogado minha vida no lixo. Não me entenda mal, amo minha família; sou capaz de matar ou morrer por eles. Essa é parte do problema – quero que meus filhos tenham uma vida boa quando eu morrer, mas não sei se isso vai acontecer. Não sei se eles terão uma vida muito melhor do que aquela que tive em Brownsville. Eles podem ser crianças da classe-média. Hoje dirijo um Cadillac Escalade; algumas pessoas podem pensar que isso é ótimo, mas, em minha cabeça, um Escalade não serve nem para dar de presente a uma prostituta. Ainda devo imposto de renda, e provavelmente morrerei antes de conseguir quitar. Não estou ganhando muito dinheiro agora. Estou com boa aparência, mas não estou ganhando nada. Sou um vagabundo. Nem acredito que minha esposa ainda esteja casada comigo. Eu me sinto um vira-lata.

Apenas não tenho uma boa opinião psicológica sobre mim mesmo. Às vezes, chego a me odiar, sinto como se não merecesse nada. Às vezes, até fantasio estourar os miolos de alguém para poder passar o resto da vida na prisão. Trabalhar neste livro me faz pensar que minha vida toda foi uma piada. Sou um filho da puta sombrio e insensível. Odeio viver de

modo simples hoje. Não sei até quando vou sobreviver; posso simplesmente dizer "foda-se" e pular fora.

Às vezes não consigo dormir. Acho que o motivo de ficar tão emotivo foram as drogas com que me meti durante tantos anos. As emoções saem de sintonia. Tenho muitas mágoas e não sei como deixá-las de lado. Eu costumava ser o cara mais durão do planeta, e agora choro com a menor das provocações. Não sei qual é meu problema. Às vezes, sinto que estou caindo aos pedaços.

Sou um lixo. As únicas coisas que fiz foram lutar, foder e colocar crianças no mundo. Boxe, putas e bebês. Minha base normal é me autodestruir, e quando não faço isso acho que mereço um prêmio. Sou viciado por natureza, um pedaço de merda que acha que o mundo gira em torno de seu umbigo. Tenho a mais baixa autoestima do mundo e o maior ego que Deus foi capaz de criar em toda sua existência. Sou tão viciado em glória que terei de morrer diante de uma plateia; não poderia morrer no isolamento. Diria besteiras como: "Quantas pessoas existem no planeta? 5 bilhões? Eu conseguiria derrotar cada uma delas em uma luta justa". Quem mais diria coisas malucas assim? Muitas pessoas têm dinheiro, muitas têm fama – mas ninguém teve tanta ousadia quanto eu tive. A maioria dos famosos deixa que sua fama seja maior que eles, e é ela que os governa. Eu, no entanto, queria ser maior que minha fama.

Fui traído tantas vezes na vida que hoje não confio nas pessoas. Quando as pessoas fazem você sentir como se fosse incapaz de ser amado, você guarda esses sentimentos, e eles nunca vão embora. E quando você se sente incapaz de ser amado, sente vontade de fazer coisas ruins e machucar pessoas. Qual é o propósito de fazer coisas boas em tal situação?

Penso no lugar de onde minha mãe e meu pai vieram. Somos gente de rua. Fiz coisas que eles jamais imaginaram que eu poderia fazer. Sei que isso não significa nada para os outros, mas para quem vem do esgoto isso significa demais. Nem meus filhos sabem quem eu sou. Sei que eles têm seus problemas de infância para lidar, mas nunca viveram com ratos e cachorros no esgoto; não sabem o que é ter de se esconder no lodo infestado de merda para não ser morto. E sinto orgulho por ter vindo desse mundo. Não é nada digno de se orgulhar, mas me orgulho demais. Meus filhos conseguem ler e escrever melhor do que eu, mas jamais

conseguiriam me superar nos duros golpes da vida – e espero que eles nunca precisem tentar.

Ainda passo tempo no gueto; não deixei de ser um rato das quebradas. Às vezes olho para Farid e digo: "Por que estamos aqui, Farid, quando poderíamos estar em um iate em Saint-Tropez? Por que estamos aqui com esses negões quebrados?". É porque esses negões quebrados são nosso povo. Eles batalham dia e noite. Amo esses filhos da puta podres e imundos, apesar de não conseguir confiar neles nem que me pagassem por isso.

Consigo aguentar qualquer coisa. Penso muito sobre Nietzsche. Sei o que é o Além -homem. Sei que consigo suportar situações sem precisar matar alguém, ainda que esteja sempre bem perto disso. Algumas pessoas não têm decência nem respeito. Quando saímos e vejo um cara desses, penso: Queria que ele falasse alguma coisa para minha mulher, para eu estourar os miolos dele. *Essas pessoas estão por todo lugar, mas preciso parar de pensar dessa forma. Estou tentando conter isso, tentando ser um novo homem. Mas quanto de meus colhões devo arrancar para ser esse novo homem?*

Por que não estou preocupado em foder as outras pessoas já que a vida não tem volta? Só pensei nisso a minha vida toda. Mas agora não penso em foder mais ninguém. Será que me tornei um adulto? O que estou fazendo casado e com duas crianças? Sou um vira-latas, não um cãozinho doméstico. Se eu ainda me visse como um filho da puta de pica grande que coleciona vadias, não conseguiria viver dessa forma. Ou estaria satisfazendo meu ego ou simplesmente entregando minha alma. Gosto de pensar que estou com minha esposa e não tocando o puteiro por aí porque estou pronto para me acalmar e amá-la – ou seria porque estou despedaçado e não tenho mais colhões?

Toda aquela raiva e energia que me impeliam a foder tudo quanto é mulher, para onde foram? Por que perdi todo aquele apetite sexual? Seriam características de envelhecer e perder hormônios? Vejo uma garota e até suspiro: "Uau", mas não tenho o desejo de dizer "E aí, gata?". E não venha me falar de Viagra ou Cialis, essas merdas não são iguais ao desejo natural. Não fazem a mente funcionar, não te dão a fantasia tão necessária para a mente.

Durante toda a minha vida, tudo o que consegui fazer foi dar dinheiro para pessoas. Eu só recebia amor sob essa condição. Quem eu teria sido se jamais tivesse me tornado Mike Tyson? Como criaria relações? Não sei como é sair de casa e puxar conversa com alguém, nunca tive de fazer isso. Às vezes olho para mim mesmo e digo: "Mike, você é um bostinha. Que porra está fazendo? Você vai morrer logo. Vai desistir de todas essas bocetas e continuar com essa mulher com quem dorme desde que ela tinha 24 anos pelo resto de sua vida?". Tenho certeza de que minha esposa às vezes sente como se eu tentasse dominá-la, pois fico demais com ela. Ajo dessa forma porque quero que ela saiba que a razão pela qual não saio muito é para mostrar a ela que estou ao seu lado. Nós já tivemos esses problemas de confiança antes. Mas então eu me torno um fardo para ela, ficando muito tempo em casa.

Não consigo encontrar um equilíbrio entre os dois – não sou uma pessoa equilibrada. Não é como se eu pudesse dizer: "Bem, então vou simplesmente achar outra mulher a quem me dedicar". Se eu não tiver uma vida monogâmica com Kiki, vamos ter problemas. Eu vou usar drogas, vou comer um monte de strippers *e prostitutas, talvez pegue uma doença e talvez deixe um cara com ciúmes, que pode acabar estourando meus miolos.*

Não sou um cara para relacionamentos. Não me imponho em relacionamentos, e não gosto disso em mim. Se não sou um covarde no relacionamento, viro o dominador: ou sou um negão pau mandado da mulher ou começo a agredi-la fisicamente. Ou um ou outro, não existe meio-termo. E não quero agredi-las, então acabo sendo o fracote da casa.

Fico inseguro quando o assunto é relacionamentos. E como não? Em minha juventude, só vi homens agredindo suas mulheres, mulheres escaldando seus amantes, homens matando outros por causa de alguma mulher e vice-versa. Essa era a minha cultura. Agora estou em um relacionamento onde suprimo minha base normal para ter um relacionamento normal. E aquele viciado egoísta dentro de mim diz: "Cadê minha recompensa? Acho que mereço mais por me comportar dessa forma". Quero um prêmio por me tornar uma pessoa melhor. Nem em um milhão de anos minha esposa entenderia minha base normal, isso a deixaria morrendo de medo. Minha base normal seria ter um monte de

garotas aqui, não importa se fossem suas mães ou irmãs, e comer todas. Nenhuma espécime fêmea seria permitida em casa sem ser comida – é algo bruto mesmo. Eu joguei tudo isso fora. Poupei minha esposa e meus bebês de todas as minhas doenças e minha imundície – e quero algo em troca.

Não consigo nem acreditar que estou em um relacionamento. Não acho que sou um bom partido. Sou ignorante, tenho a língua presa e às vezes pronuncio as palavras de um jeito errado, mas ainda assim mulheres querem me dar suas bocetas e estar em minha presença por eu ser Mike Tyson. Mas sou o pior dos partidos. Sou um moleque egocêntrico. Não consigo viver comigo mesmo; por que diabos alguém iria querer viver comigo? Sempre que estive em relacionamentos, pensava: Mentira, não acredito que seja de verdade. Essa mulher não me ama. Como posso ser mais especial que outras pessoas?

Às vezes acho que um dos motivos para eu ter me casado foi querer impedir que mais mulheres armassem para mim. É melhor estar casado com uma mulher e ficar feliz com ela do que ser um alvo, um otário para uma constelação de mulheres filhas da puta.

Para mim, a vida é uma constante luta por sobrevivência. Digo isso à minha mulher, que responde: "Não. O mundo é belo e positivo". Minha esposa é uma facilitadora. Ela cuida de pessoas; quer que todos estejam felizes e satisfeitos, e não bravos. Isso é uma utopia. Kiki quer ser amiga de todo mundo, mas, quando se é amigo de todo mundo, acaba-se sendo um inimigo para si mesmo.

"Ei, tente abraçar o mundo", digo a ela.

Ela apenas me chama de vegano miserável. Mas é simplesmente impossível deixar todo mundo feliz. Se você não tem consciência, as pessoas vão te foder, te machucar e tirar vantagem de você. Ela não enxerga o mal nas pessoas como eu; eu vejo o mundo pelos olhos do inferno.

Estou começando a surtar agora que meu nome está o tempo todo nos jornais e não saio mais da televisão. Estou preocupado de não conseguir lidar com a fama e voltar a ficar violento. Minha esposa fica dizendo: "Você consegue suportar dessa vez". Mas apenas não gosto de ser um alvo. Agora que minha esposa virou roteirista, talvez ela consiga emplacar mais programas e entrar de uma vez nesse mundo. Sou

superprotetor em relação a ela, pois ela é tudo o que tenho; já não tenho mais 45 vadias. Concentro toda minha energia na família, e essa energia pode ser autoritária às vezes. Fico assustado, e, quando isso acontece, aquele imbecil do Iron Mike vem à tona.

Agora sou um artista e estou entrando em um mundo completamente diferente – o mundo do entretenimento. Fico sonhando que um dia atingiremos um filão e as coisas voltarão a ser ótimas, poderei cuidar de minhas crianças e morrer com dignidade – mas isso não vai acontecer. Todo mundo sabe como é o ramo do entretenimento. E se alguém me ferrar, vou relembrar todas as vezes que fui usado por Don, e então precisarei entrar naquele modo em que alguém vai se machucar. O mundo do entretenimento é assim? Então conheça meu mundo de violência. E assim estarei de volta às quebradas, e minha esposa estará casada com outra pessoa, a qual provavelmente também comerá minhas filhas. É assim que as coisas funcionam.

Não há dúvidas de que tenho um problema sério de ódio a mim mesmo. Fiz coisas bem ruins a outras pessoas. Posso ler qualquer um dos grandes livros sobre moral – a Torá, o Corão, o Novo Testamento, o Bhagavad-Gita, qualquer coisa – e mesmo assim tenho certeza de que vou para o inferno; eu já nasci lá. E cada degrau que subi na vida foi um passo para fora do inferno. Acho que parte da razão para distribuir tanto dinheiro por aí (e não estou falando de comprar carros para prostitutas) era por eu ser um garotinho ignorante, e acredito que aquela foi uma maneira de me purificar de meus pecados e comprar meu caminho de volta ao céu. Eu era gentil e generoso com as pessoas porque minha alma estava escura devido a atos passados.

O que estou fazendo com minha vida? Amo entreter as pessoas, mas só fico feliz durante aquele curto período em que estou em cima do palco. Eu ficava feliz por um instante enquanto boxeava, mas muito disso foi embora quando Cus morreu. Nunca quis ser o Iron Mike, eu odiava aquele cara. Mas tive de ser essa pessoa para conseguir sobreviver, e fui estúpido por ter aceitado isso.

Às vezes, não tenho nem certeza de ter sido feito para a vida. Acho que sou uma porra de aberração da natureza. Constantemente, tenho de lidar com pessoas me atacando e jogando pedras em mim – e ninguém

liga quando grito de dor. Odeio minha vida, odeio a mim mesmo. Se tivesse colhões, me mataria. É isso, é assim que eu me sinto…

Então, minha pequena Milan entra na sala e a nuvem negra sobre mim desaparece.

Essa é minha recompensa por agir de forma responsável agora. Quando ela está na escola, fico sempre aborrecido, mas é só ela chegar que minha vida toda muda. É onde meu ego para, exatamente aqui. Penso em algumas coisas malucas que fiz, como aquele incidente de raiva na estrada, em Maryland. Fico bravo comigo mesmo; naquele tempo, eu não tinha esperanças. Mesmo que aqueles sentimentos voltem, não posso nem sequer imaginar uma explosão agora. Não quero mais desapontar ninguém como fiz com meus outros filhos; não posso mais ficar fora de controle a ponto de prejudicar Milan ou Rocco. Prefiro morrer. Aprendi a controlar a língua por causa de meus filhos – muitas vezes, quando quero falar coisas desagradáveis, apenas mordo-a. É hora de encarar essas responsabilidades. Essas coisas não são tão estressantes quanto lutar; posso acabar estragando tudo, mas não chega nem perto daquele estresse.

Eu não posso acreditar no que meus filhos com Monica se tornaram. Quando eu era mais novo, teria desdenhado crianças como elas. Eles tiveram de tudo: casa boa, carro bom, viagens para a Europa desde pequenos, empregadas a vida toda. Cantos de paredes me lembram das surras que levava de minha mãe; meu filho não tem esse medo. Sempre pensei que crianças precisavam se sacrificar para conseguir coisas. Foi assim que Cus me criou: se você vencer essa luta, doulhe isso. Se meu filho fizer algo bom ou não, ainda assim vai ganhar o que quer.

Durante minha formação, eu simplesmente não tinha nada de amor ou segurança. Olho para meus filhos e tiro sarro deles, falando que são criancinhas patetas. Mas isso é o que teria acontecido comigo se eu tivesse recebido amor: teria sido tão patetinha quanto eles. É assim que agora recebo o amor tardio em minha vida. Algumas coisas que fiz, como morder a orelha de Evander, levaram meus filhos a serem provocados. Isso é algo com que eles têm de lidar. Eles com certeza não foram mais zoados e provocados do que

eu. Não foram arrancados da rua e surrados. Todos vão a escolas particulares e, pelo menos em teoria, têm amigos legais – os meus amigos eram cafetões, assassinos, ladrões e assaltantes.

Não tenho nenhuma habilidade como pai, nem mesmo hoje. Sei que minha mulher deve pensar que sou um homem de Neandertal, mas estou fazendo meu melhor. Meus filhos mais velhos devem agradecer por não terem o pai que eu tive. Ficava sentado esperando o dinheiro chegar até ele todo mês e simplesmente dizia às meninas: "Vocês não precisam de nada de mim. Estão sentando em seu ganha-pão". Nunca mandei ninguém vender a boceta. Eles veriam como teria sido ruim se fosse meu pai o homem que engravidou suas mães.

Falando em crianças, cuido daquele garotinho de 15 anos que ainda vive em mim, pois tenho os meios para fazer isso agora. Ele não foi a lugar algum; ainda está traumatizado, mas leva uma vida produtiva agora. É maravilhoso. Eu nunca conseguiria ter feito isso com 300 milhões de dólares na conta. Estou aqui criando meus filhos e sendo um marido respeitável sem ter de me preocupar com o risco de transmitir uma doença venérea para a minha esposa. Nunca havia atingido esse estágio da vida antes, e isso é incrível. Nunca pensei ser o tipo de cara que se estabelece; achava que merecia o mundo, mas me sinto seguro aqui. É aqui que quero estar. Posso criar e cuidar de meus filhos e aprofundar minha relação com minha esposa, isso faz bem à minha alma. É por isso que estou aqui.

Não conseguiria voltar para as baladas. Isso não vai acontecer mesmo. Não posso ser eu mesmo de novo, pois muitas pessoas ficariam infelizes. Acredito que mantenho a paz passando muito tempo em casa, e assim as pessoas não pensam que estou em algum lugar fazendo algo que não deveria. Às vezes, acho que minha esposa preferiria que eu saísse um pouco. Quando você passa muito tempo junto, pode-se tornar um controlador. Não me importa com quem seja, meu eu verdadeiro só quer fazer mais amigos e jogar dados, se divertir. Não faço mais isso. Agora, minha diversão é ficar com minha garotinha, conhecer cada vez mais Rocco e ela e – espero – ter um relacionamento melhor com meus outros filhos. Minha filha mais velha, Mikey, está morando comigo agora, em Las

Vegas, e isso tem sido ótimo. Porém não tenho nenhum esconderijo secreto para eu e meus amigos fumarmos charutos e vermos futebol.

Outra razão para ficar em casa é evitar me envolver com as pessoas do lado de fora. Antes de sair para a turnê pelos Estados Unidos do *Undisputed Truth*, fiquei dentro de casa para não entrar em contato com pessoas estranhas que transmitissem vibrações ruins. Saía por um minuto ou dois, e depois voltava direto para dentro. Na época em que saía bastante, eu me sentia bem, mas a verdade é que estava tirando dinheiro do meu próprio bolso para resolver processos, pedindo desculpas a um monte de gente pela televisão e talvez até cumprindo pena. Por isso, evito este caminho agora. Fico em casa porque não quero arrumar nenhum desentendimento. Dá para acreditar nessa merda? Mas isso é o necessário. Cus havia programado minha mente para que funcionasse como um interruptor. Eu podia estar em profunda depressão e, num piscar de olhos, *bum!*, eu mudava. Às vezes, me sinto desconfortável saindo de casa porque não sei quando essa merda de sentimento vai voltar. Não sei mesmo. Quando estou fora, nas ruas, tenho muito medo de mim mesmo – de como posso ver uma situação de modo errado. Tenho muito mais controle sobre isso do que quando era mais novo; quando jovem, estava programado para atacar o tempo todo. É por isso que me envolvia em tantas brigas de rua mesmo sendo campeão mundial de boxe. Meu ego era atingido. Cus era um cara egocêntrico também.

"Esse cara disse o que para você? E o que você fez sobre isso?"

Eu era uma criancinha, e ele ficava com essas de "O que você fez sobre isso?". Essa é uma parte de mim que sempre desejei que sumisse. Eu nunca entendi o que acionava aquela merda; mesmo um inocente "Ei, cara" já era o suficiente para eu ficar feroz.

Tenho uma rotina bem maluca agora. Vou dormir às 6 ou 7, a não ser quando minha esposa me faz assistir a algum programa de tevê com ela e acabo deitando às 9. Acordo à meia-noite ou às 2 da manhã, faço bicicleta por uma hora, um pouco de esteira e depois agachamentos. Hoje fiz duas horas de musculação para pernas.

Quando termino, Kiki acorda. Vejo ela pegando meus dois bebês e saindo de casa, e fico com a impressão de que nunca vão voltar.

Esse é o meu maior medo no momento. Fico aterrorizado quando ela não está. É triste quando minha família não está em casa e eu fico sozinho. Eu amava ficar sozinho, mas isso era antes de ter essa situação familiar. Nem passa pela minha cabeça fazer algo errado; jamais iria querer ser preso novamente. Hoje, todo meu trabalho na vida se resume a cuidar de minha família e tentar ajudar os menos afortunados que nós. Nem acredito que estou assim.

Por causa das coisas horríveis que vi, sou extremamente cauteloso. Sempre digo à minha mulher que tranque as portas, que fique alerta e atenta com os trabalhadores. Conto a ela minhas experiências, como aquela em que eu estava numa casa conversando com amigos, fui embora e, algumas horas depois, fiquei sabendo que todos que estavam lá foram mortos. Essas histórias horríveis ficam martelando minha cabeça. Minha esposa acha que estou completamente insano; nunca teve contato com gente como eu. Se algum estranho entra em casa, penso: *Quem é esse cara? Quem o trouxe para cá?* Depois, quando ele vai embora, às vezes peço para ela bancar a guru e limpar as energias da casa. Minha base normal era entrar na casa de alguém e examinar bem o espaço, para então, depois de ter ido embora, bandidos entrarem com armas e gritarem: "Todo mundo no chão".

Quando Kiki e as crianças estão fora, tenho bastante tempo para pensar. Penso na infância esquisita que tive, dependendo quase o tempo todo de minha mãe. Como saí daquele ambiente modesto e patético? Como um cara como eu sai de Brownsville e se torna campeão dos pesos-pesados? Quando você olha para trás, vê que a única coisa que eu tinha em comum com a maioria dos campeões era a pobreza. Jack Dempsey era um mendigo de merda. Tentei focar nisso para dar sentido à minha história, mas não funcionou. Como conheci aquele tal de Bobby Stewart que me apresentou a Cus? Como Cus me fez pensar de forma tão dedicada? Como minha mente em um estalo aceitou a ideia e disse: "Vamos fazer isso"? De onde veio esse pensamento? Seria apenas pela minha mania de seguir pessoas quando jovem? E então assumi essa mentalidade de boxe.

Cus dizia a todo mundo que a sorte batera duas vezes em sua porta, e ele teria outro campeão dos pesos-pesados. Mas eu tinha apenas 13 anos; nunca na minha vida havia entrado em uma luta, nem amadora, quando ele me conheceu.

Então como ele sabia que eu seria campeão? Ele nunca me vira sendo realmente mau com alguém; não viu minha confiança e arrogância crescendo no ringue. Gostaria de saber o que ele teria achado de quem me tornei. Cus era um cara difícil, costumava dizer sobre outros lutadores coisas do tipo: "Esse cara é medroso. Morre de medo". Cus acreditava que no ringue não se deve desistir, é preciso morrer tentando. Porém, hoje, percebo que nada é mais importante que a vida; não existe troféu, cinturão ou glória que seja mais importante que a vida e as pessoas que você ama. Eu costumava ser o primeiro a querer morrer pela honra no ringue. Não sou mais assim. Isso é coisa de otário – e eu provavelmente fui o maior otário que já entrou nesse jogo.

Eu sabia que era o campeão do mundo antes mesmo de pôr as mãos naquele cinturão. Era isso que eu era. Ainda havia uma outra entidade Mike Tyson que eu não entendia muito bem; não sabia que porra era aquele cara. Eu fazia o tipo supercampeão, e nunca descobri quem eu era lá dentro. Algumas pessoas pensavam que eu era um dos mais procurados do país; agentes da condicional queriam relatos detalhados de onde eu estive toda vez que saía. As pessoas realmente tinham medo de mim. Eu era um moleque bobão, mas minha imagem era de fodão. Aquilo era inebriante. Sempre quis mostrar às pessoas que não sentia medo, então exagerava. Pensava que precisava ser durão e malvado porque Cus criara aquela mentalidade. "Superior", essa era sua palavra favorita: eu era um lutador superior.

Se Cus estivesse por aqui agora, diria: "Mike, você deveria estar lutando. Está louco?". Mas não me arrependo nem um minuto daquilo. Grandes lutadores – como Ray Robinson, Peter Jackson, Joe Gans e Tony Canzoneri – acabaram na sarjeta ou varrendo o chão de um maldito saguão de hotel; eles eram tão apaixonados pela luta que nunca pensaram em um plano B. Mas, não importa o fim de suas vidas, valeu a pena ser campeão. Eu aceitaria ser um mendigo

engolindo mijo de rato no esgoto apenas para passar um ano sendo Mike Tyson, tendo a vida de um campeão.

Não quero que pareça que sou um ermitão: eu saio de casa e faço algumas coisas, sim. Quando estávamos escrevendo este livro, Ratso, meu colaborador, e eu fomos assistir ao quarto embate entre Pacquiao e Marquez. Ver uma luta ao meu lado foi um dos artigos leiloados no primeiro evento de arrecadação de fundos para a Mike Tyson Cares; dois jovens mexicanos, muito legais, venceram e sentaram-se comigo e com Ratso. Aquela era também a primeira aparição pública de Mitt Romney desde as eleições. Ratso e eu não acreditamos quando o vimos, acompanhado da esposa, ocupando assentos ao lado do ringue.

"Ei, Mitt, fazemos parte dos 47%!", gritei para ele. Viver com uma mulher liberal que assiste ao canal MSNBC 24 horas por dia deve ter tido algum efeito sobre mim.

"Mitt, você está um pouco atrasado para tentar conquistar os votos dos mexicanos", berrei. O público era formado predominantemente por fãs mexicanos de Marquez. A luta em si foi impressionante. Foi uma daquelas noites que lembravam as pessoas o quão incrível o boxe pode ser.

Um mês antes, Kiki, Ratso e eu fomos ver Barbra Streisand no MGM Grand. Sempre amei Barbra. Quando jovem, li que seu ego talvez tenha ofuscado o de Al Jolson. Sempre senti atração por pessoas egocêntricas, pois Cus costumava dizer que o motivo para as pessoas serem melhores era o fato de sempre olharem para si mesmas de modo grandioso. Eu conhecera Barbra quando ela veio ao meu camarim depois da luta com Larry Holmes. Ela era o que eu chamo de superestrela. Tinha uma alma nobre, e não digo isso do ponto de vista étnico ou de um negro; a voz dela faz você se sentir bem consigo mesmo. As pessoas sentem inveja e tentam colocar gente como ela para baixo, porque não conseguem transmitir aquele tipo de energia e amor, não conseguem conquistar os corações das pessoas da maneira como Barbra consegue. Fiquei extasiado durante todo o *show*. Mais tarde, fomos a seu camarim e tiramos uma foto com ela e Marie Osmond. No dia seguinte, ainda me sentia emocionalmente exausto – foi empolgante estar perto dela e vê-la

cantando. Ela significava muito para minha mãe e outras pessoas em minha vida. Eu fiquei feliz por estar vivo e poder assistir a uma apresentação dela.

Mas mesmo o ato de ir àquele *show* foi uma certa provação. Enquanto atravessávamos o cassino para chegar até o teatro, vi alguns velhos amigos cafetões e traficantes. Quando me veem com minha esposa, são espertos o suficiente para não vir falar comigo; sabem que estou constantemente lutando contra meus demônios. Quando estou andando em um lugar como aquele, evito olhar para os lados. Nós três fomos a outro *show* enquanto trabalhávamos no livro. Mike Epps estava fazendo um *show* de *stand-up* no Palms. Minha esposa estava atrás de nós e não percebeu que, quando cheguei à mesa, uma moça levantou e tentou me abraçar.

"Não, não posso te abraçar", falei. Felizmente, um cara qualquer entrou e nos afastou.

"Viu só como acabei de te salvar?", o cara disse, piscando para mim.

Kiki teria um ataque do coração. É por isso que não gosto de sair; divirto-me mais ficando de boa em casa. É legal sair se eu estiver em um ambiente controlado, mas na maior parte do tempo as pessoas estão bêbadas e podem me provocar. Me tornei mais, gostaria de dizer protetor, mas a verdade é que me tornei possessivo em relação à minha esposa, mais do que quando namorávamos. Acho que sempre preciso protegê-la, mas ela é bem capaz de lidar com homens flertando. Eu me esqueço de como ela lidou comigo dando em cima dela por todos aqueles anos antes de finalmente nos acertarmos. Kiki é uma mulher muito esperta e sofisticada, sabe se virar. Em alguns momentos, chego a pensar nela como uma filha, mas a verdade é que estou mais para seu filho do que seu pai.

Sempre que vou ver um *show*, fico emocionado de fazer parte da mesma fraternidade que eles. Se eu pudesse viver dessa forma pelo resto da vida e ainda conseguir pagar minhas contas, ficaria feliz. Pagar minhas contas, não ser pego nem preso, não me envolver em nenhum drama. Não me importo se não tiver nada para deixar para meus filhos, só viver em um lugar em que ninguém esteja sofrendo é suficiente. Nunca pensei que estaria aflito, desesperado para

sobreviver. Sou um negão materialista, e alguns maus costumes demoram para sumir. Não quero ser assim, não quero me importar mais com roupas do que com minha saúde. Quando morrer, quero o funeral mais barato de todos os tempos. Me coloquem direto na terra, nada de caixão ou coisa do tipo, só me joguem lá; também não venham me visitar nem nada dessas besteiras. Mas tenho certeza de que jovens boxeadores, no futuro, irão procurar meu túmulo, como fiz com os ídolos de antigamente. Ficaria feliz se as pessoas me tratassem da forma como tratei meus heróis. Talvez eu tenha até uma lápide "Agora estou em paz".

Quando penso em Kiki e eu, ainda fico maravilhado. Nosso amor floresceu em uma época de muitas adversidades. Sou uma pessoa difícil de conviver. Cancerianos atraem merda. Pode parecer legal viver com alguém tão em sintonia com sua sensibilidade, mas na verdade não tem nada de legal nisso: a pessoa é tão sintonizada consigo mesma que pode se tornar delirante. Elogio minha esposa por ter enfrentado com paciência todo aquele período, esperando que eu mudasse. Para ela, encarar meu processo de abandono de ideias erradas sobre mulheres foi quase como enfrentar a Inquisição Espanhola.

Sinto muita admiração pela minha esposa. Ela faz eu amar a mim mesmo quando sinto vontade de estourar meus próprios miolos. Eu a respeito demais pelo quanto ela quer que essa coisa entre nós dê certo. Se naquele tempo ela tivesse dito "foda-se" e ido embora com o bebê para algum lugar, eu teria ficado feliz. Realmente não entendo por que me mantive fiel a essa garota. Não sei nem o que me deu forças para tentar mudar meus ideais dos últimos 40 anos. Nunca me preocupei com compromisso; havia me apaixonado loucamente por garotas antes, mas ainda assim sempre as traía e era infiel física e emocionalmente. Kiki me fez ser forte para tentar encarar aquela jornada rumo a ser um homem leal. Isso é em si uma grandeza, ainda que não se obtenha sucesso, ainda que você falhe – é uma situação complexa. Tente imaginar se você conseguiria fazer isso. É aí que você se torna um campeão das conquistas morais.

Gosto muito de Kiki. Mesmo que minha mulher fosse uma prostituta com aids em estágio avançado, eu ainda não seria merecedor dela. Estou sendo sincero: não mereço minha mulher. Eu a conquistei provavelmente pela pessoa que sou e pelas minhas conquistas, e principalmente por ser uma pessoa decente, mas de forma alguma minha vida justifica a presença dela ao meu lado. Sou um lixo se comparado a ela.

O que sabemos de verdade sobre o amor? É o amor que manda em nós, nós não mandamos nele. E, quando ele dá uma ordem, você deve responder ao chamado. Ninguém ignora seu chamado, mesmo que a natureza desse amor seja cruel. Não sei o que é o amor, mas apresento seus sintomas: insanidade e total escravidão em níveis inimagináveis. Mas ele também pode mandá-lo aproveitar ao máximo seu potencial. Para algumas pessoas, o amor pode ser apenas um orgasmo; para outras, pode ser um pensamento, uma fantasia que lutamos para alcançar e aproveitar. Digo à minha esposa que a amo o tempo todo, mas o que é o meu amor? Meu amor é insensível, às vezes tóxico, meu amor é romântico, lascivo e celibatário – meu amor é muitas coisas. O amor sacrifica o controle; é desastroso abrir mão do controle e ainda não saber por que o está sacrificando, mas existe disposição de fazer isso porque o amor é gostoso de se sentir. Mas ninguém sabe se vai ser melhor abrir mão do controle, então as pessoas ficam com um pé no céu e outro no inferno. Às vezes, gostamos de considerar a luxúria como amor, pois aquilo é tão gostoso que só pode ser amor. Amor é sacrifício, é valer a pena matar e morrer por ele – a história prova isso. Porém é preciso ter algum tipo de bússola moral na jornada da vida. Só curtir não é nada bom.

Há um livro que tento ler todos os dias: *As melhores cartas do mundo: da Grécia Antiga ao século XX*. Amo me conectar ao passado dessa forma, você aprende tanto sobre as pessoas lendo suas cartas. Algumas são tão egocêntricas que acham que ninguém é capaz de amar da mesma forma que elas. Muitos homens são maníacos controladores e ficam frustrados porque seus amores não são correspondidos rapidamente. O que essas pessoas escrevem é muito

poético, a maneira como se expressam é de tirar o fôlego. E algumas vezes a pessoa a quem escrevem não lhes dá a mínima.

Leio essas cartas e choro. Consegue pensar em Napoleão, um grande líder, escrevendo uma carta em que implora para que sua amada Josefina vá até ele, e ela não vai?

> 4 de abril de 1796
>
> Por quais artimanhas tu te tornaras capaz de cativar todas as minhas faculdades, de concentrar em ti toda minha existência moral? É como mágica, meu doce amor, que somente comigo acabará. Viver por Josefina, essa é a história de minha vida. Estou tentando chegar a ti, morrendo só para estar perto de ti. Foi-se o tempo em que me vangloriava de minha coragem mesmo considerando os males que os homens podem fazer contra mim, um destino que já espero. Fixei meus olhos o mais firme possível nos mais desconhecidos infortúnios sem sequer franzir o cenho, sem me surpreender. Porém, hoje, a ideia de que minha Josefina possa estar indisposta, a ideia de que ela possa estar doente e, acima de tudo, o cruel e fatal pensamento de que ela possa me amar menos – isso murcha minha alma, para meu sangue, deixa-me com os ânimos para baixo e tira-me até a coragem da fúria e do desespero. Eu costumava dizer que o homem não tinha poder algum sobre aqueles que morrem sem arrependimentos. Mas, hoje, morrer sem ser amado por ti, morrer sem tal certeza, é um tormento infernal, é a personificação, a imagem certeira da mais absoluta aniquilação. Sinto-me sufocado, minha única companheira, tu cujo destino decretara que farias comigo a dolorosa jornada da vida, o dia em que eu não mais possuir teu coração será aquele em que natureza morta me tornarei, sem calor e sem vegetação. Amo-te e a teus olhos, mas isso não é suficiente, a ti mesma, mais do que ti, teus pensamentos, tua mente, teu suspiro, teu tudo. Doce amada, perdoa-me, estou esgotado. A natureza é fraca para aquele que sente intensamente, para aquele a quem amas.

> Tua doença, é isso que ocupa minha mente dia e noite. Sem apetite, sem sono, sem cuidar de minhas amizades, pela glória, pela pátria, você, e o resto do mundo existe tanto para mim quanto se estivesse aniquilado. Valorizo a honra uma vez que tu a valorizas, valorizo a vitória uma vez que ela a ti deu prazer, sem os quais eu deixaria tudo para jogar-me a teus pés. Em tua carta, minha querida, tenha o cuidado de garantir-me que estás convencida de que amo-te além do que imaginas. Que estás persuadida de que cada momento de minha vida é consagrado a ti; que nem uma hora sequer passa sem que eu pense em ti, que jamais a ideia de pensar em outra mulher passou por minha cabeça.

Eu amo as coisas desse cara! Napoleão era um baba-ovo. Ele levou uma no rabo! Josefina não dava a mínima para ele. Foi um negócio tipo Robin Givens. Às vezes levo o livro para o quarto e leio essas cartas para Kiki. A minha favorita é uma escrita por um grande poeta e dramaturgo alemão, Heinrich von Kleist. No outono de 1811, ele se apaixonou por uma dona de casa chamada Henriette Vogel. Ele tinha 34, e ela, 31; em comum, havia a paixão pela música. Porém Henriette estava morrendo de câncer de útero. Heinrich fazia o tipo depressivo, era pobre e procurava a imortalidade. Vogel não foi a primeira dama a quem pedira que com ele firmasse um pacto de suicídio duplo – mas foi a primeira a aceitar. Eles passaram a noite em um pequeno hotel, bebendo vinho e café com rum; na manhã seguinte, os dois pareciam em êxtase ao descer até o lago. Primeiro ele atirou em Henriette, depois atirou em si mesmo. Essa é uma das últimas cartas para ela:

> Minha senhora, meu pequeno coração, meu objeto de afeto, minha devoção, meu amor, minha querida, meu doce, minha vida, minha luz, meu maior bem, minha sombra, meu castelo, meu acre, meu gramado, meus vinhedos. Oh, minha vida, sol, lua, as estrelas, os céus, meu passado, meu futuro, minha noiva, minha garota, minha amada amiga, meu ser íntimo, sangue de meu coração, a estrela interior de meus olhos. Oh,

> minha caríssima, como deveria chamá-la? Minha criança de ouro, minha pérola, minha pedra preciosa, minha coroa, minha rainha, minha imperadora. Você, amada querida de minha vida, minha mais superior, minha mais preciosa, meu batismo, minhas crianças. Você é minhas tragédias, é minha reputação póstuma, meu segundo eu, um lado melhor, você é minha virtude, você é meu mérito, é minha esperança, meu paraíso, minha criança de Deus, você é minha intercessora, você é minha guardiã, meu anjo, minha concubina. Como eu te amo.

Leio isso em voz alta, e então Kiki e eu choramos juntos.
Isso não é demais?

PÓS-ESCRITO AO EPÍLOGO

ERA DESSA FORMA QUE pretendia terminar o livro: Kiki e eu na cama, de olhos marejados, lendo cartas de amor de grandes pessoas – minha escuridão iluminada, meu espírito se elevando com as palavras inspiradoras dos gigantes de nossa história. Mas é preciso viver de acordo com as regras da vida, como eu mesmo já disse no livro. E eu não conseguiria nem me olhar no espelho se mentisse e acobertasse o que aconteceu nos últimos meses.

Talvez parte disso tenha sido minha procura pela minha alma, cavando fundo até os cantos mais escuros de minha psique para responder honestamente às perguntas de Ratso sobre minha vida. Pode também ter sido por causa da pressão de voltar ao mundo do boxe e entrar no ringue mais uma vez, dessa vez como promotor e educador de jovens talentos do boxe. E, é claro, minha velha e crônica autoimagem negativa não precisa de muita munição para

explodir e sabotar qualquer alegria e felicidade que surja em minha vida.

Porém aconteceu, e tenho de contar a vocês. Cerca de um mês após terminar meu trabalho no livro, em abril de 2013, cometi um deslize, o primeiro desde janeiro de 2010. Saí à noite e tomei um drinque. E depois outro, e mais outro… Eu disse a vocês que sou um bêbado horrível, então fumei uma erva para me deixar tranquilo novamente. Eu me senti péssimo quando voltei para Kiki e as crianças naquela noite – mas não péssimo o suficiente para me impedir de repetir meu deslize mais algumas vezes, em junho e julho do mesmo ano. E então, em agosto, uma semana antes da primeira luta promovida pela Iron Mike Productions, que foi transmitida pela ESPN, saí dos trilhos novamente.

Olha, sou um viciado feroz e, se tiver uma recaída, vou acabar morrendo. Então voltei a frequentar as reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Um dos passos mais importantes é fazer as pazes. Assim, logo antes da primeira luta em que atuei como promotor, fui até Teddy Atlas, meu antigo treinador, que comentaria a luta para a ESPN, e estendi a mão e pedi desculpas pela minha parte da culpa no que aconteceu em Catskill nos anos 1980. Não falava com Teddy havia quase vinte anos, e me senti bem ao fazer as pazes. Acho que aquele gesto significou muito para as pessoas, porque foi a primeira coisa sobre a qual quiseram falar durante as lutas e na entrevista do intervalo.

Eu já estava lidando com muitos sentimentos de culpa e vergonha pelas recaídas recentes, então, ver Teddy e fazer as pazes com ele pareceu me colocar para cima. Percebi que não podia simplesmente continuar a mentir e fingir que ainda estava limpo, que não havia bebido nem fumado maconha. Por isso, quando alguém na coletiva de imprensa após a luta me perguntou como foi reencontrar Teddy, precisei desabafar.

“Sabia que existia a possibilidade de estar aqui com Teddy, e não tive um bom pressentimento sobre isso no início, pois sou negativo e sombrio. E gosto de fazer coisas ruins. Quero ficar sozinho nessa vizinhança aqui [apontei para minha cabeça], e isso é perigoso? Ela quer matar tudo. Quer me matar também. Então, fui à reunião dos

Alcoólicos Anônimos e expliquei a meus colegas alcoólatras e viciados que teria de lidar com essa situação aqui. Falei da sensação que isso me causava. Algo como um Hatfields e McCoys, disse algo assim. Tomei a decisão certa. Deixei Cus orgulhoso de mim; fiquei orgulhoso de mim mesmo.

"Eu me odeio. Estou tentando me matar. Eu me odeio demais, mas fiquei orgulhoso de mim mesmo, e isso não ocorre com frequência. Fiquei feliz de ter feito isso. Talvez tenha sido demais para Teddy, e ele ainda não tenha entendido direito. Mas ele precisa saber que é algo sincero. Não quero mais brigar com você. Eu estava errado, me desculpa. Só quero fazer as pazes. Se ele aceitasse ou não, pelo menos eu poderia morrer e ir para o túmulo sabendo que fiz as pazes com todos a quem machuquei. O foco aqui é o amor e o perdão, e para que esses caras me perdoem, todos na verdade, gostaria que as pessoas perdoassem as coisas que fiz.

"Sou um filho da puta. Fiz um monte de coisas ruins, e quero ser perdoado. Então, para que eu possa me perdoar, espero que eles possam me perdoar. Quero mudar minha vida; quero viver de forma diferente. Quero ter uma vida sóbria. Não quero morrer. Estou à beira da morte, pois sou um tremendo viciado. Deus, isso aqui está interessante."

Engasguei de emoção. E então, confessei:

"Eu não bebo nem uso drogas há seis dias, e para mim isso é um milagre. Tenho mentido para todo mundo que pensava que eu estava sóbrio. Não estou. Esse é meu sexto dia, e nunca mais vou usar nada."

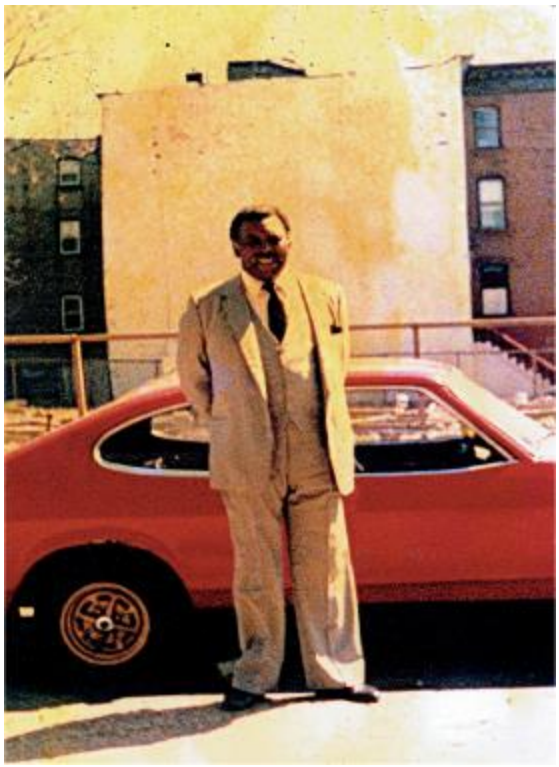
A imprensa me aplaudiu de pé, mas aquilo não significou nada para mim. Ninguém aplaude em pé quem compartilha histórias nas salas dos Alcoólicos Anônimos.

Aquilo foi em 23 de agosto. Desde então, adicionei mais alguns dias ao meu total. Espero que consiga me manter limpo e aumentar esse tempo, ganhar mais e mais amuletos. Acho que fui arrogante ao pensar que conseguiria vencer isso sem minha equipe de apoio e sem a família dos Alcoólicos Anônimos, o único clube que aceita gente como eu. Eu não quero morrer. Quero continuar minha

carreira no boxe como promotor. Quero fazer meu *one-man show* novamente. Quero fazer mais filmes.

Após minha recaída recente, eu não era uma companhia muito divertida. Kiki e eu estávamos passando por momentos bem difíceis. Parte de mim estava até tentando colocar a culpa de minha recaída na pressão de estar casado. Então, chegou uma prova quase final do livro. Ao folheá-lo com Kiki, tive um renascimento espiritual. Quando chegamos na parte sobre Exodus, foi muito difícil de avançar; nós dois choramos sem parar. Percebi naquele momento o porquê de estar casado com Kiki. De repente, eu sabia a resposta para a pergunta "Por que um cara como eu estaria casado?". Percebi que nosso casamento era mais do que minha união com Kiki; eu precisava estar casado com ela para completar o legado de Exodus. Meu casamento me tornará capaz de fazer isso e também vai fortalecer minha habilidade como pai. Sou uma pessoa melhor agora porque Exodus fez parte de minha vida, e prometo continuar uma boa pessoa agora que ela se foi. Quero de verdade aprofundar minha união com Kiki e ver meus filhos crescerem saudáveis e felizes. Mas não posso fazer nada disso se não assumir o controle sobre mim mesmo. Não posso ajudar ninguém se eu mesmo não estiver bem, e quero desesperadamente ficar bem. Carrego muitas dores e quero apenas me curar – e vou dar o melhor de mim para fazer exatamente isso. Um dia de cada vez.

CADERNO DE FOTOS



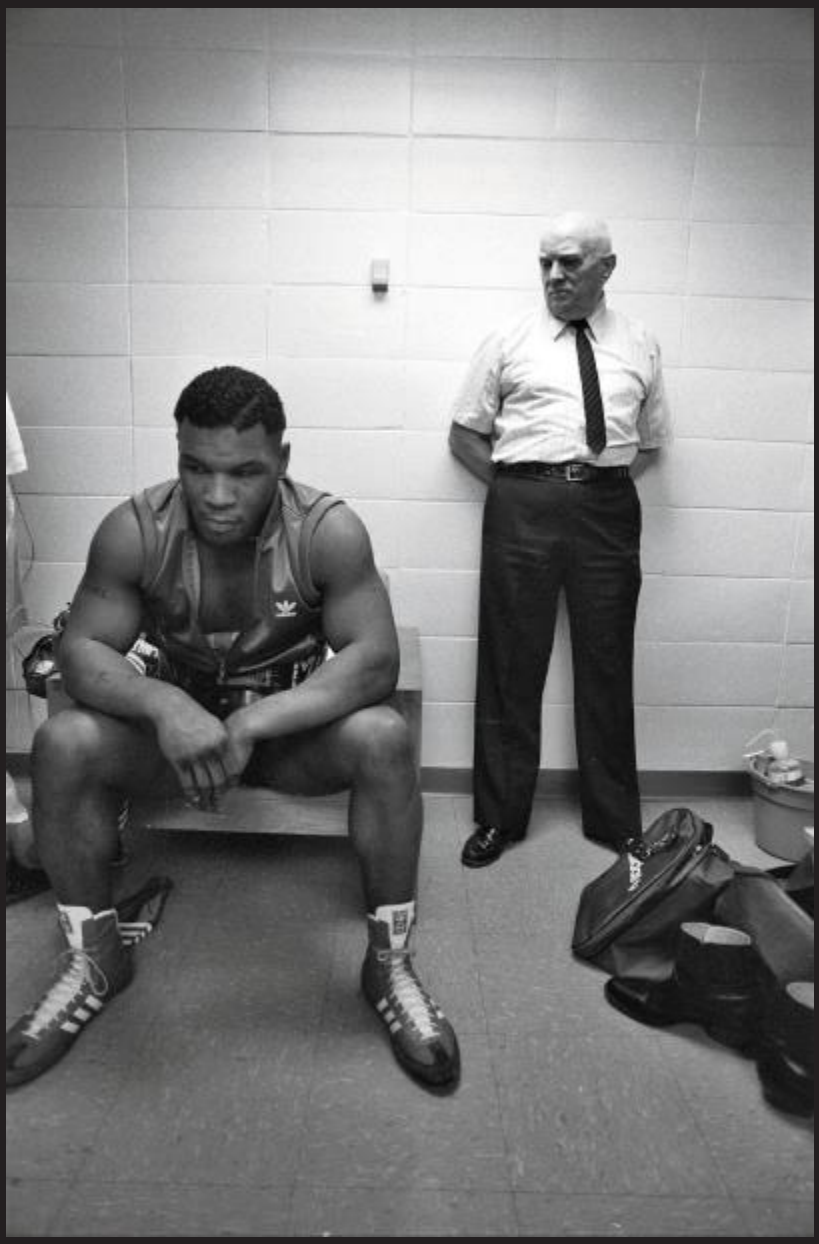
Meu pai biológico, Jimmy “Curlee” Kirkpatrick Jr., numa das poucas visitas que me fez quando eu era criança.

Minha mãe biológica, Lorna Mae.

Aos 9 anos de idade.

Meu mentor, Cus D’Amato, que me descobriu como pugilista.

Aos 13 anos de idade, já me dedicando ao boxe.



Ouvindo sermões de Cus durante uma pausa nos treinos.

Com Cus em Catskill.

Jantando com Cus e Camille. Eu já fazia parte da família.

Gravando um comercial da Pepsi.

Funeral de Cus, 7 de novembro de 1985. Da esquerda para a direita: Jimmy Jacobs, Kevin Rooney, Tom Patti, eu, Jay Bright, José Torres, um parente de Cus e Floyd Patterson.

Comemorando meu aniversário de 19 anos no apartamento de Steve Lott. Da esquerda para a direita: Steve Lott, Sussan O'Brien, Jimmy Jacobs, Bill Cayton, minha primeira namorada, Angie, eu, Loraine Jacobs e Dóris Cayton.

Com meus pombos em Catskill.

Lutando com Mitch Green no Madison Square Garden em 1986. Venci por decisão unânime, subindo o meu cartel para 21-0.

Lutando contra Marvis Frazier, em 1986.

Trevor Berbick cai e eu me torno o campeão peso-pesado mais novo do mundo, também em 1986.

Don King e eu celebrando minha vitória sobre James “Quebra-Ossos” Smith enquanto recebo o cinturão da WBA em minha segunda luta pelo título de pesos-pesados, em 1987.

Acertando um soco destruidor no maxilar de Tyrell Biggs no décimo sétimo assalto, em defesa do meu título de peso-pesado, em 1987.

A luta pelo título de peso-pesado contra Michael Spinks, em 1988. Eu o nocauteei no primeiro assalto, defendendo meus três cinturões.

Vestindo meus três cinturões após a luta contra Spinks.

Visitando Brownsville, rodeado por uma multidão.

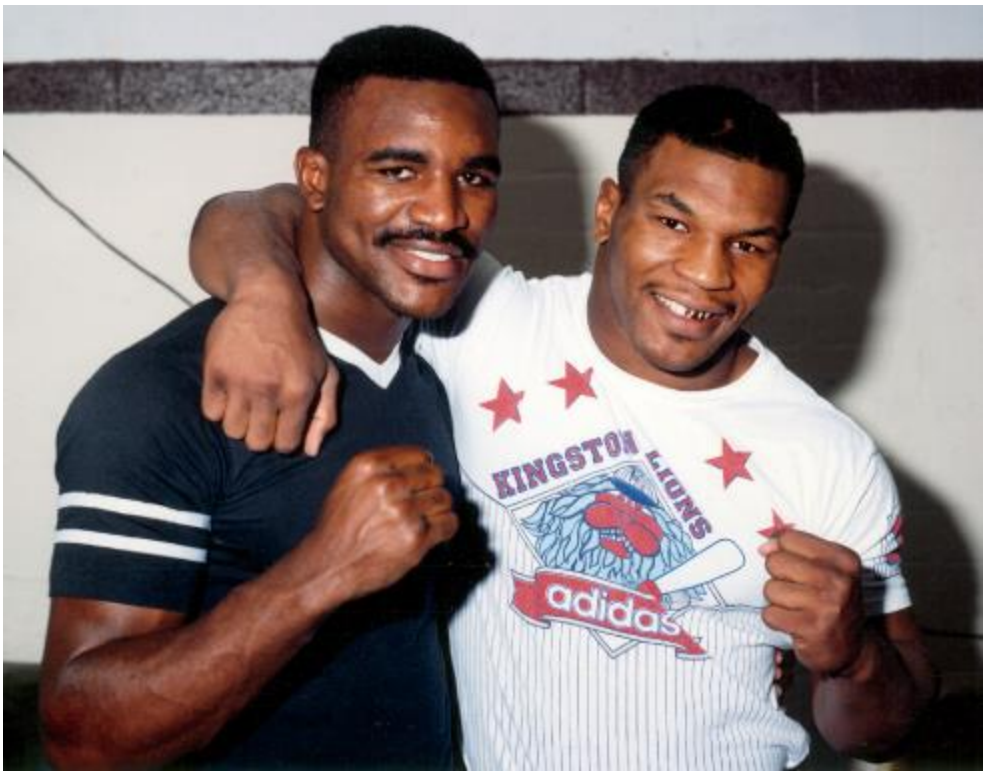
Falando com meu advogado, Steven Hayes, durante o julgamento para romper o meu contrato com Bill Cayton. Sentada na outra extremidade da mesa está a viúva de Jimmy Jacob, Loraine. Atrás de nós, da esquerda para a direita, estão Donald Trump, Robin Givens e Ruth Givens.

Soltando um gancho de esquerda em Larry Holmes durante a nossa luta em janeiro de 1988.

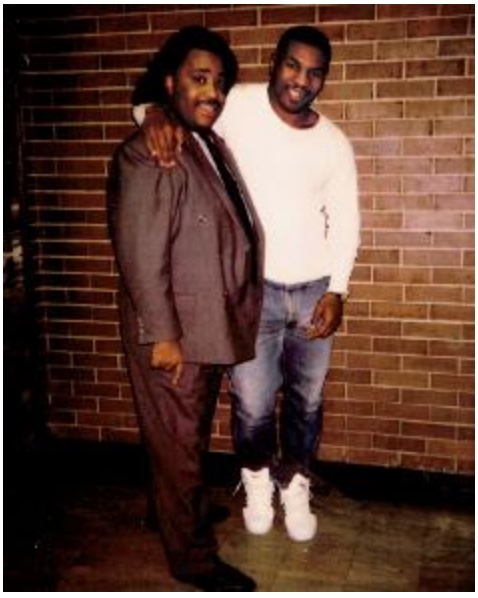
Holmes cai no quarto assalto.

Com lutadores de sumô durante a minha viagem para Tóquio em 1988.

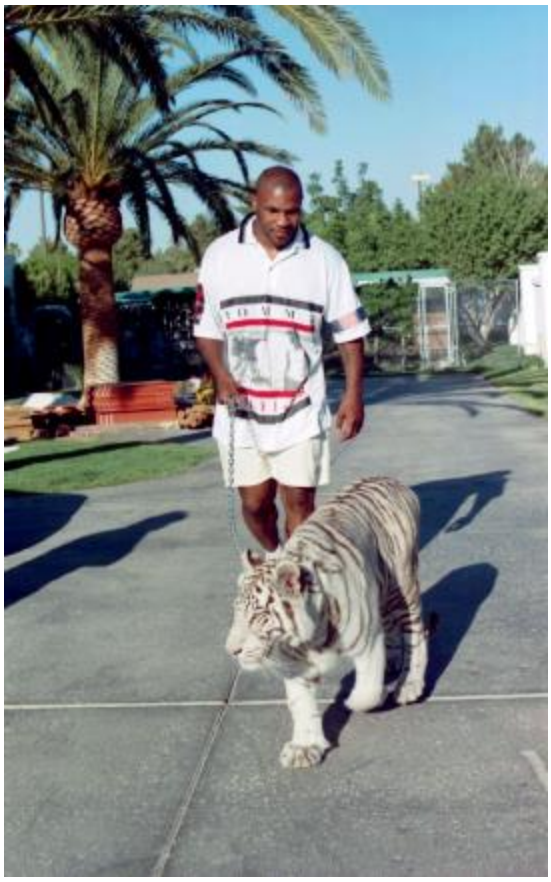
Com meus empresários, Bill Cayton e Jimmy Jacobs.



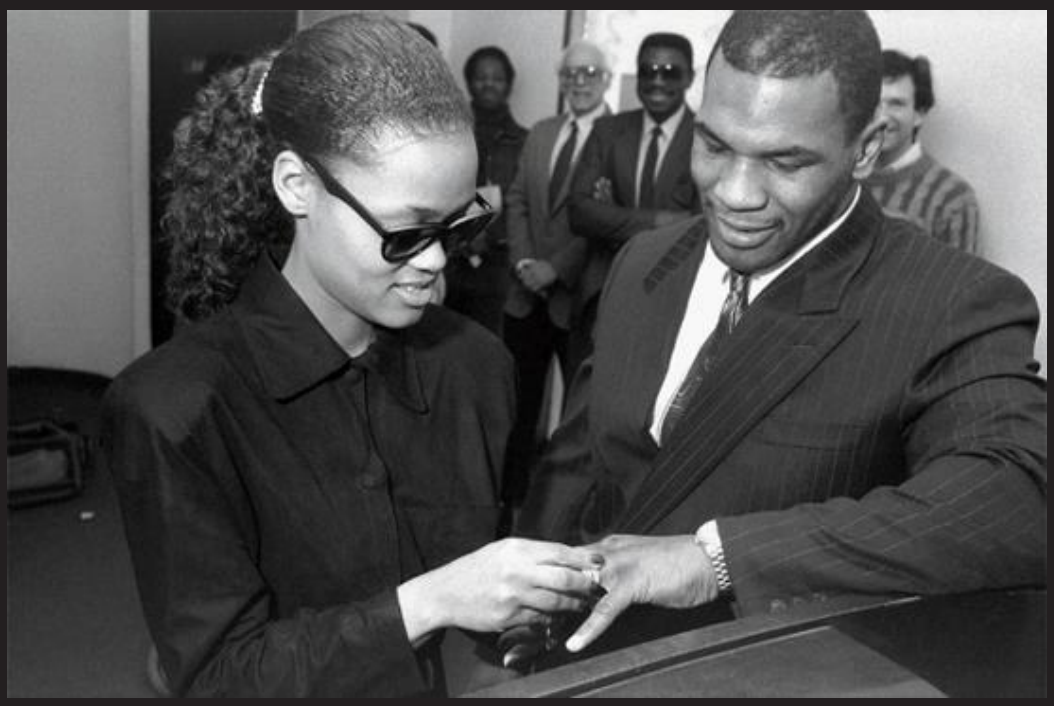
Com Evander Holyfield.



Com o reverendo Al Sharpton.



Levando Kenya, minha tigresa de estimação, para passear.



Meu casamento com Robin Givens em 1988.

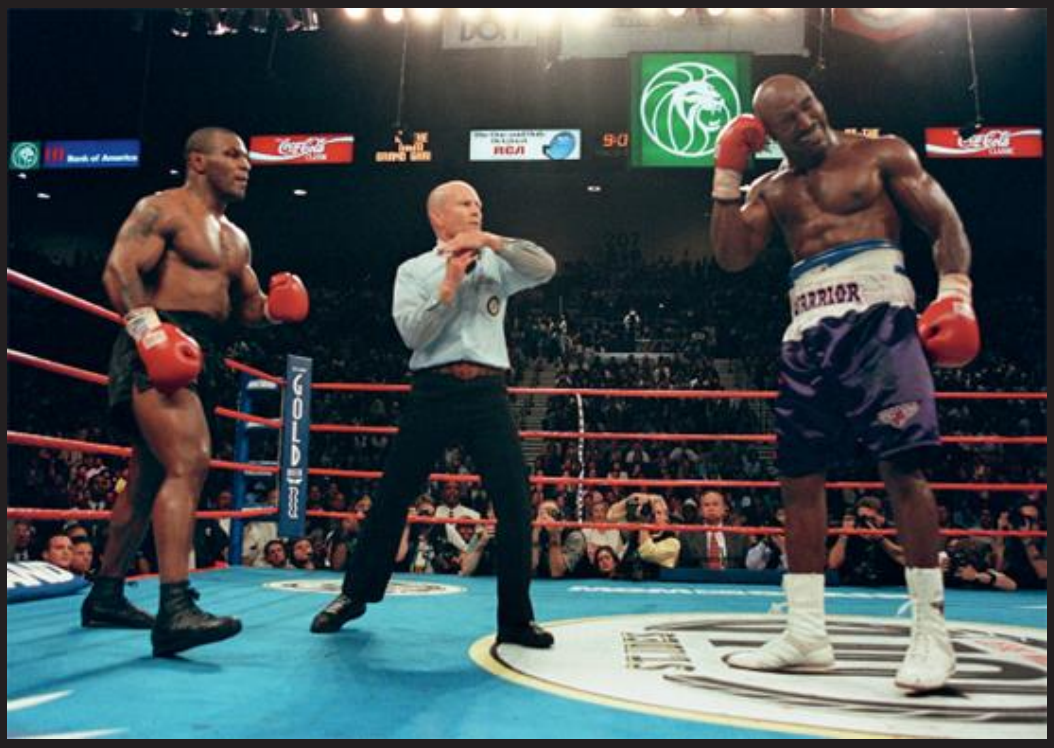
Minha ex-esposa Robin e sua mãe, Ruth, tentando me arrastar.

A escritora e ativista Maya Angelou me visitando na prisão.

Deixando o Tribunal do condado de Marion, em Indianápolis, com meu advogado, Jim Voyles, depois da minha audiência para redução de pena, na qual me recusei a pedir desculpas.

Don King e minha equipe me empurram para dentro da limusine, para fugir dos jornalistas, em frente ao Centro da Juventude de Indiana.

Eu e minha ex-esposa, Monica Turner.

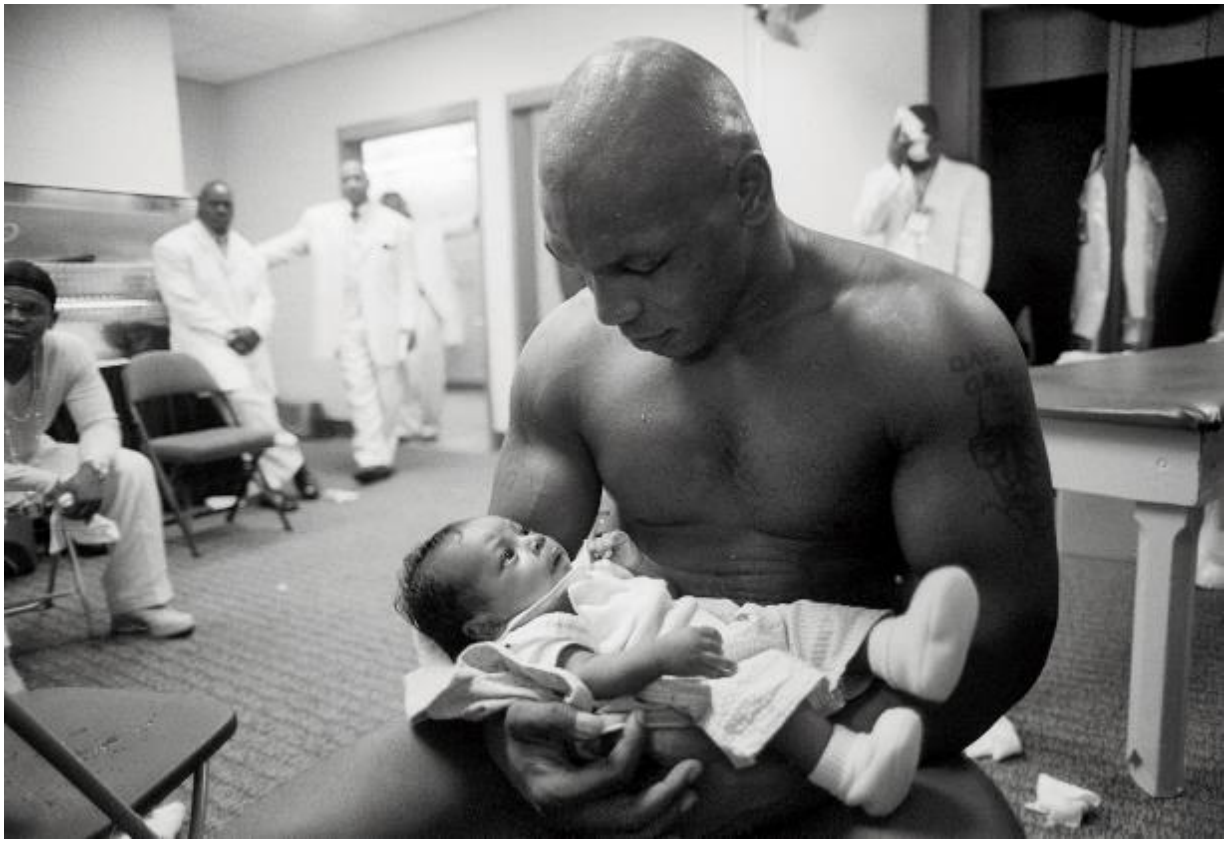


O juiz Mills Lane prestes a me desqualificar no terceiro assalto da minha vergonhosa luta contra Evander Holyfield.

Muhammad Ali me parabeniza depois que a Comissão Atlética do Estado de Nevada decidiu devolver minha licença de pugilista.

Virando um de esquerda em Lennox Lewis durante o primeiro assalto da nossa luta pelo título de peso-pesado em 2002.

O juiz Eddie Cotton faz a contagem no oitavo assalto de minha luta com Lewis.



Sentado no vestiário com meu filho Miguel, antes da luta com Lewis. Ele tinha dois meses.

Reencontrando a equipe WrestleMania em 2010 com meu filho Amir. Junto a nós estão Triple H e Hornswoggle.

Com meu irmão, Rodney, e meu sobrinho, Lorenzo.

De cima para baixo: Milan, eu, Kiki e Morocco.

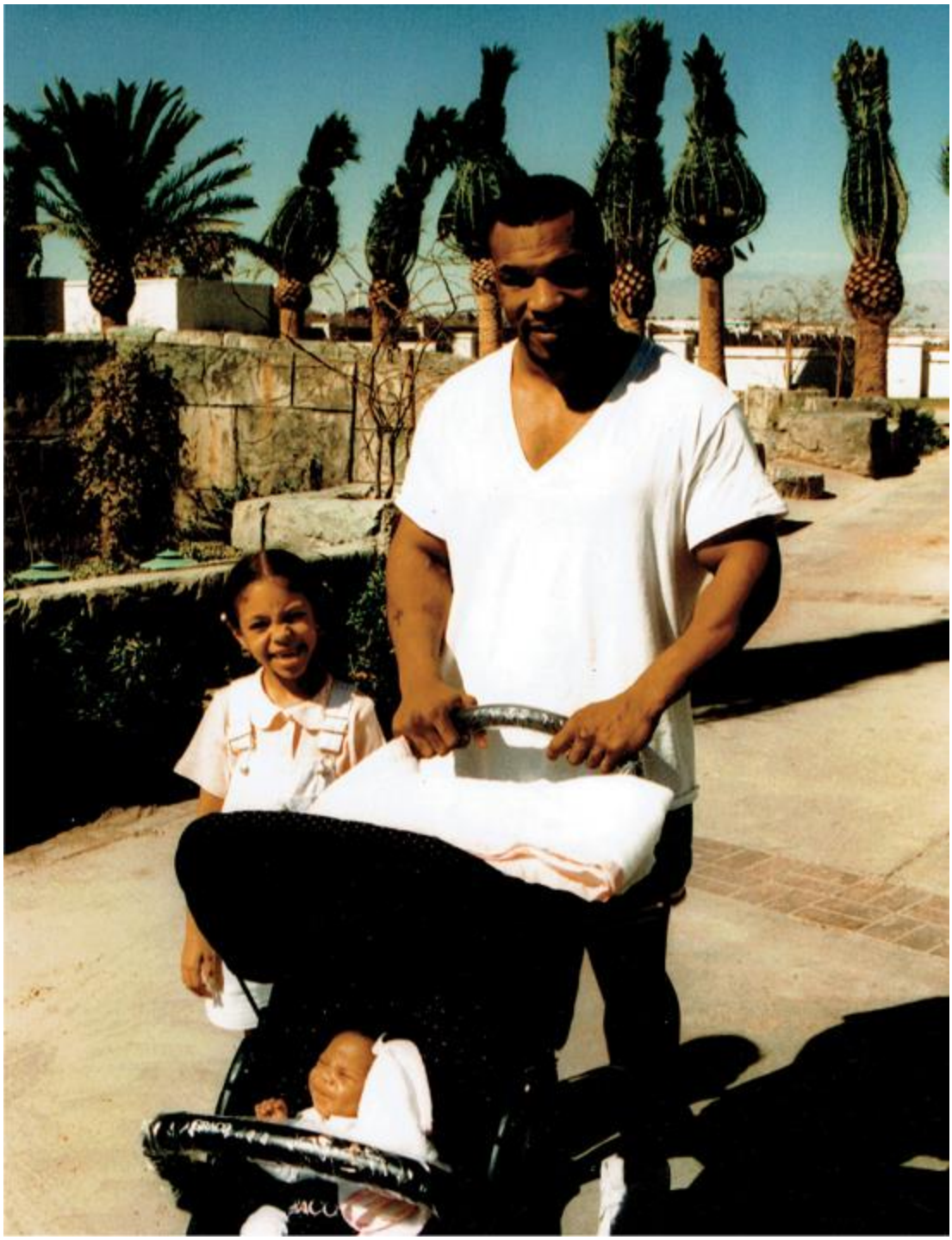
Com o elenco de *Se beber, não case* depois de ganharmos o Globo de Ouro, em 2010. Da esquerda para a direita: Ed Helms, Justin Bartha, Heather Graham, eu e Bradley Cooper.

Em minha peregrinação por Meca, visitei estes oficiais sauditas durante uma parada em Medina.

Com a terapeuta Marilyn Murray, que me apresentou o programa de recuperação em 12 passos.

Meus filhos Miguel e Mikey.

Exodus posando com Miguel.



Gena, eu e Rayna.

Com minha filha Milan.

Com meus filhos. Da esquerda para a direita, no sofá: Milan, Amir e Mikey; no chão: Rayna, eu, Miguel e Gena.

Com minha linda esposa, Kiki.

Dando uma entrevista em 2012, agora como ator e comediante.

SOBRE O LÉXICO

HÁ DUAS PALAVRAS QUE uso com frequência neste livro que merecem uma explicação. Uma delas é "negão" [*nigga,* no inglês]. Essa palavra foi bastante difundida na comunidade jovem negra por artistas do início do *hip hop* e do *rap*, como Grandmaster Flash, N.W.A., Tupac e Ol' Dirty Bastard, bem como por comediantes como Paul Mooney e Chris Rock. Se estou usando essa palavra de forma pejorativa ou carinhosa, depende do contexto. Posso dizer tanto "Foda-se aquele negão, odeio ele" como "Amo aquele negão, morreria por ele". E não uso esse termo exclusivamente para denotar pessoas negras. Em Browsville, sempre dizíamos: "Cara, olha aqueles negões italianos, velhos, brancos e idiotas, eles estão tentando aprontar comigo". Um tempo depois em minha vida, após reuniões com executivos da HBO ou da Showtime para discutir minhas lutas, eu dizia: "Fodam-se, negões". "Que porra você está falando? Aqueles lá são judeus", um amigo dizia. "Não, são negões. Um negão é um estado de espírito."

Apesar de "negão" poder ser usado de ambas as formas, positiva e negativa, quando se usa "negão" com "sacanagem", a combinação só pode ser vista como uma condenação. Por exemplo, um amigo pode ter diversas garotas com quem vai se divertir e te convida para participar da festa, mas você acaba obrigado a vigiar a porta, algo que efetivamente te exclui do convívio social. Isso é conhecido como "sacanagem de negão" – comportamento característico de um filho da puta egoísta.

A outra palavra que precisa de explicação é o termo "merdinha" [*smuck*, no inglês]. Meu colaborador, Larry "Ratso" Sloman, é da convicção judaica. Depois de me ouvir dizer "*smuck*" algumas vezes, Ratso rapidamente ressaltou que eu pronunciara errado a palavra de

origem ídiche “*schmuck*”. “*Schmuck*” originalmente significa pênis, mas seu sentido foi ampliado para designar uma pessoa tola ou, em casos extremos, desprezível ou detestável. Em alguns lares judeus, a palavra era considerada tão vulgar que se tornou um tabu. Depois de ser corrigido algumas vezes, informei Ratso de que havia utilizado o termo de forma bem apropriada. Em meu uso, um “*smuck*” é meio “*schmuck*”. Ao colocar o “shhh” antes de “smuck”, você está, na verdade, dando muito ibope a uma pessoa desprezível. Um *schmuck*é um s*chmuck*, mas um *smuck* é tão “merdinha” que não é nem digno do *status* de “*schmuck*”.

AGRADECIMENTOS

MIKE GOSTARIA DE AGRADECER A:

Cus D'Amato, meu mentor, amigo e general. Graças a você, minha vida chegou a um estágio que eu nunca poderia imaginar. Sem você, não sei onde estaria hoje. Minha gratidão a você é imensurável. Enquanto eu respirar, seu legado viverá. Nossos nomes serão eternos sinônimos: não se pode mencionar meu nome sem uma referência a seu legado, assim como as pessoas não podem mencionar seu nome sem referência a meu legado.

Gostaria de dizer um "obrigado" muito especial a meu colaborador, Larry "Ratso" Sloman, por ser tão legal. Todo esse processo não foi fácil para mim. Em alguns momentos, foi muito difícil recriar alguns episódios sombrios de minha vida. Larry, você foi a mosca na minha sopa que às vezes senti vontade de esmagar, mas você soube como cair fora e voltar a voar ao meu redor quando eu estava mais preparado. Sou grato pela sua paciência e empenho. Você realmente sabe como se esquivar de socos. Não acho que exista outro escritor por aí que pudesse ter feito um trabalho melhor. Quando o assunto é escrever, você é "o cara mais mau do planeta". Você é mais do que um escritor para mim, é minha família. Não vejo a hora de trabalhar com você em muitos outros projetos no futuro.

Obrigado a David Vigliano, da Vigliano Associates, por coordenar tudo. David, você é uma ótima pessoa. É mais do que um agente de livros; considero-o um amigo.

Obrigado a David Rosenthal, editor da Blue Rider, pela paciência e entusiasmo com esse projeto. Sinto-me muito grato por você ter acreditado na ideia e a apoiado 100%.

Também gostaria de agradecer os advogados de Grubman Indursky Shire & Meiselas, P.C., em particular Kenny Meiselas por

ter juntado uma equipe tão incrível como a minha. Obrigado a Jonathan Ehrlich por ter revisado os contratos com um pente fino.

Obrigado a Damon Bingham e Harlan Werner por terem me apresentado à Vigliano Associates.

Meu mais profundo amor e gratidão a meus amigos, familiares e apoiadores por terem usado seu precioso tempo para contar histórias a Ratso.

Um agradecimento mais que especial a meus filhos: Mikey, Gena, Rayna, Amir, Miguel, Milan e Morocco. Tudo o que faço é por vocês. E eu te amo, Exodus Sierra Tyson; você é meu eterno anjo. Não passo um dia sequer sem pensar em você. Os quatro anos que passei com você neste planeta foram os melhores de minha vida. Você jamais será esquecida.

Finalmente, à minha querida esposa, Kiki – obrigado por seu amor incondicional e apoio, e também por me aturar. Sei que nem sempre é fácil, mas sou muito grato por tudo que você faz. Eu te amo.

LARRY GOSTARIA DE AGRADECER A:

Michael Gerard Tyson. Dizer que esse projeto foi um trabalho de amor é pouco. Queria trabalhar com Mike desde 1994, logo depois de publicarem *Private parts*, minha colaboração com Howard Stern. Para mim, Mike foi uma das mais interessantes figuras culturais, e sentia que sua história seria esclarecedora e comovente. Enquanto Mike estava encarcerado em Indiana, mandei a ele uma cópia da biografia de Nietzsche, *Ecce Homo*, e propus que trabalhássemos juntos em uma coletânea de memórias.

Em 2008, graças à recomendação de seu agente na época, Harlan Werner, e da dr. Monica Tuner, sua ex-esposa, Mike me escolhera como colaborador. Como o leitor deve ter percebido, aquele não era o melhor momento para Mike trabalhar em um livro, e o projeto foi adiado. Quatro anos depois, Mike estava em uma situação muito melhor, e aí começamos.

Trabalhar com Mike foi a experiência mais inusitada e gratificante que tive em minha carreira como cronista de

celebridades. Como todos sabem, ele é dolorosamente sincero e incrivelmente sensível. Quando certos tópicos entravam em nossas conversas – sua infância ou o papel de Cus D'Amato, seu mentor, em sua vida são dois ótimos exemplos –, Mike se enchia de lágrimas e algumas vezes até soluçava descontroladamente. Por outro lado, enquanto me contava suas histórias favoritas, ele saltava do lugar, fazia uma dancinha pela sala e então voltava para me dar cinco tapinhas na cara. E provavelmente fui mais estapeado por Tyson do que qualquer um no planeta, e estou vivo para contar. O cara não tem ideia de sua própria força.

Mike não é o tipo de cara que senta e calmamente relata histórias. Gravei conversas com ele na garagem, com seus pombos arrulhando ao fundo; nos fundos da barbearia em que ele matava tempo no norte de Las Vegas; no banco do passageiro em seu Escalade, indo buscar sua filha na escola; e também na loja Salvatore Ferragamo no Caesars, em Las Vegas, enquanto ele experimentava camisetas. Eu levava meu gravador Casio para todo canto, 24 horas por dia, porque nunca sabia quando ele poderia ter um incrível *insight* sobre Cus ou lembraria de uma história fascinante de infância.

Passei meses na casa de Mike em Las Vegas, gravando conversas, vasculhando suas extensas fichas criminais e entrevistando alguns amigos mais íntimos. Não é fácil e nem sempre agradável estar longe de casa por tanto tempo, mas fui adotado por duas famílias em Las Vegas, e ambas tornaram minha vida consideravelmente mais agradável.

Primeiramente, tenho de agradecer à maravilhosa família de Mike. Sua esposa, Kiki, é uma companheira espetacular para ele, e este livro não existiria se não fosse por ela. Rita, a sogra de Mike, Azheem, seu cunhado, e sua esposa Jahira e a filha mais velha de Mike, Mikey, estiveram sempre lá, dispostos a cuidar de mim, alimentar-me e me consolar quando Tyson estava mais interessado em fazer compras do que falar. David Barnes, vulgo Wayno ou Farid, sempre foi útil e se dispôs a levar as coisas além. E os dois bebês de Mike, Milan e Rocco, foram sempre uma fonte de muita alegria e contentamento.

Tive uma segunda família em Las Vegas. Enquanto trabalhava com Mike, fiquei no Slammer, o incrível lar de meu amigo Penn Jillette. Ele, sua esposa Emily Zolten e seus dois filhos, Moxie e Zolten, foram muito gentis. À noite, quando ficava entediado, ia assistir ao *show* de Penn e Teller; quando queria assistir a um filminho ruim, as noites de cinema de Penn e Emily em seu cinema caseiro eram sempre bem-vindas, além de garantirem diversão desenfreada.

Estou em dívida com todos os maravilhosos amigos e colegas de Mike que arrumaram tempo em suas ocupadas agendas para dar entrevistas. Obrigado a Brian Hamill, Craig Boogie, Calvin Hollins, Eric "EB" Brown, David Chesnoff, Steve "Crocodilo" Fitch, David Malone, Frankie Mincieli, Jeff Greene, Hope Hundley, Jackie Rowe, Jay Bright, Lance Sherman, Latondia Lawson, Steve Lott, Mack Smith, Marilyn Murray, Mario Costa, Mark D'Attilio, Darryl Francis, Anthony Pitts, Michael Politz, Rick Bowers, Rodney Tyson, Sean Mac-Farland, Muhammad Siddeeq, Tom Patti, Tony Anderson, Damon Bingham, Jim Voyles e Jeff Wald. Estamos em dívida também com um homem a quem nunca vimos, mas ouvimos falar. No começo do projeto, Mike me colocava para escutar a horas e horas de fitas de Cus e alguns amigos e colegas conversando com um jovem jornalista em Catskill chamado Paul Zuckerman. Essas entrevistas foram uma grande fonte para que conseguíssemos entrar na cabeça de Cus no momento em que Mike havia acabado de surgir. Tentamos rastrear Paul Zuckerman, mas sem sucesso. Porém, se tivermos sorte, sua visão de Cus e suas hábeis entrevistas algum dia verão a luz do dia.

Estou em enorme dívida com David Rosenthal, editor extraordinário, por sua infinita paciência, sabedoria e sensatez. Obrigado também a todos da Blue Press, especialmente à editora Vanessa Kehren. Um obrigado especial a Aileen Boyle, Sarah Hochman, Gregg Kuclick, Phoebe Pickering, Brian Ulicky, Joe Benincase, Meredith Dros, Linda Rosenberg, Rob Sternitzky e Eliza Rosen-berry, todos da Blue Rider.

Sou sempre grato a meu maravilhoso agente, David Vigliano, por sua persistência e conselhos, e a seu sócio Matthew Carilini, por

cuidar de todas as edições estrangeiras desta obra.

Não seria um livro de Mike Tyson sem agradecimentos a alguns advogados. Minha advogada de longa data, a falecida Laurie Rockett, esculpiu o acordo inicial em 2008. Eric Rayman embarcou em 2012 e fez sua mágica quando o projeto foi revivido. Linda Cowen também fez um ótimo trabalho revisando o manuscrito para os editores. E muito obrigado, como sempre, a meu advogado Charles DeStefano, que está sempre aqui para me ajudar.

Obrigado sempre à maior transcritora por aí, Jill Matheon, por sacrificar-se de corpo e alma para cumprir o prazo. Também estou em dívida com Zachary Zimmerman por suas pesquisas conscientes; não houve problema impossível que suas navegações na internet não resolvessem.

E, finalmente, estarei sempre em dívida com minha família número um, Christy Smith-Sloman e Lucy. Elas passaram pelo furacão Sandy e comeram apenas manteiga de amendoim e geleia (ou, no caso de Lucy, as delícias de manteiga de amendoim para cachorros de Newman) à luz de velas enquanto eu trabalhava a quilômetros de distância. Christy sempre apoia meu trabalho e meus caprichos, e sou eternamente grato por seu amor. E, enquanto houver guloseimas, Lucy estará ao meu lado também.

[1] Pó de anjo ou PCP (fenciclidina ou peniciclidina), também conhecido como “cristal”, “calmante de elefante”, entre outras expressões. É considerado o mais perigoso dos alucinógenos; é dose-dependente, pode ser ingerido de várias formas e provoca anestesia dissociativa, além de alucinações. [N. T.]

[2] Tyson Foods é uma multinacional que atua na indústria alimentícia. Cicely Tyson é uma atriz norte-americana, a segunda negra a concorrer ao Oscar. [N. T.]

[1] Posição do boxe em que o lutador tem a mão direita e o pé direito à frente, atacando com jabs de direita e seguindo com ganchos e cruzados de esquerda. [N. T.]

[2] Aqui, há uma brincadeira com as abreviações K e KO. K, no beisebol, significa *strike out*; e KO, no boxe, significa *knockout*. [N. E.]

[1] *Wasp* são as iniciais de *white, anglo-saxon, protestant* (branco, anglo-saxão, protestante), que indicam um cidadão norte-americano descendente dos colonizadores ingleses originais e, portanto, não pertencente a nenhuma das minorias tradicionais. [N. T.]

[2] RICO são as iniciais de *Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act*, ou Lei das Organizações Corruptas e Influenciadas pelo Crime Organizado. É uma da principais leis federais norte-americanas de combate aos cartéis e ao crime organizado. [N. T.]

[1] Personagem da série *Tudo em família*, um *sitcom* muito popular nos anos 1970. George Jefferson era um afroamericano vindo do Harlem que havia se tornado um próspero empresário, um típico novo-rico que assumiu valores da classe média branca. Posteriormente, o personagem mereceu uma série própria, *The Jeffersons*. [N. T.]

[1] Aqui, Mike Tyson não resistiu ao trocadilho: *tuesday* é “terça-feira” em inglês. [N. T.]

[2] A expressão *Sportsman of the Ear* contém um trocadilho com a semelhança sonora entre as palavras *ear* (“orelha”) e *year* (“ano”). [N. T.]

[3] *Chew* significa “mastigar”, em inglês. A brincadeira aqui se dá pela semelhança sonora com a expressão *pay-per-view*, serviço de tevê por assinatura em que se paga a mais para assistir a determinado programa. [N. T.]

[1] Rothstein foi um empresário, apostador e vigarista que se tornou chefe da máfia judaica em Nova York. Comandou esquemas de corrupção nos esportes profissionais. [N. T.]

[2] Mike Tyson troca Stone Cold, ou “Frio como Pedra”, apelido do lutador de luta livre Steve Austin, por Cold Stone, uma conhecida marca de sorvetes. [N. T.]

[3] Os Chicago Seven eram um grupo de ativistas políticos dos anos 1960-1970, acusados de conspiração e incitação à desordem durante protestos contra a Guerra do Vietnã em 1968. Bob Seale, também acusado, havia sido o oitavo membro desse mesmo grupo, então chamado Chicago Eight, e posteriormente viria a ser um dos fundadores dos Panteras Negras. [N. T.]

[4] Tyson refere-se à famosa foto em que o pequeno John-John está brincando debaixo da mesa de trabalho de seu pai, o então presidente John F. Kennedy, no gabinete da Presidência, na Casa Branca. [N. T.]

[5] Ex-jogador de futebol americano filiado ao Partido Republicano. [N. T.]

[1] John Gotti (1940-2002) foi o famoso chefão da família Gambino, um dos clãs mafiosos mais influentes de Nova York durante a segunda metade do século XX. [N. T.]

[2] John Dillinger (1903-1934) foi o chefe de uma quadrilha de ladrões de banco nos Estados Unidos da década de 1930. [N. T.]

[3] *Lap dance*, "dança de colo", é uma dança erótica comum em boates de *striptease*, em que a *stripper*, rebolando insinuantemente, se lança no colo do cliente. [N. T.]

[4] Boinas Verdes (*Green Berets*, em inglês) é o codinome das Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos, grupo de elite encarregado de missões especiais, entre as quais a guerra não convencional. [N. T.]

[5] Meyer Lansky foi um *gangster* russo que se tornou um dos grandes expoentes da máfia de Nova York. [N. T.]

[1] Maui Wowie: maconha de extrema qualidade, encontrada apenas em Maui, no Havaí. Costuma ser pegajosa, de uma cor verde brilhante, permeada de estrias de THC laranja-avermelhadas. [N. T.]

[2] Principal avenida de Las Vegas, onde se localiza boa parte de seus cassinos e hotéis. [N. T.]

[1] Centro Juvenil Spofford, reformatório localizado no bairro do Bronx, em Nova York. [N. T.]

[2] Florence Nightingale foi uma enfermeira britânica conhecida por seu pioneirismo no tratamento a feridos, durante a Guerra da Crimeia, atividade que acreditava ser uma missão destinada por Deus. [N. T.]

[1] AAA, sigla de American Automobil Association (em português, Associação Automobilística Americana), federação formada de associações regionais que presta diversos serviços a seus membros afiliados. [N. T.]

This file was downloaded from Z-Library project

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library